Anais

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA

JUVENTUDES
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS



4, 5 e 6 de junho de 2008
Goiânia - Go

Jubra

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA

Juventudes no mundo contemporâneo: desafios e perspectivas

- Anais -

Universidade Católica de Goiás

Grão-Chanceler
Dom Washington Cruz, CP
Reitor
Prof. Wolmir Therezio Amado

Editora da UCG

Coordenador Geral da Editora da UCG
Prof. Gil Barreto Ribeiro

Conselho Editorial

Presidente
Prof. Dr. José Nicolau Heck
Pró-Reitor de Pós Graduação e Pesquisa

Membros

Profa. Dra. Regina Lúcia de Araújo
Profa. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel
Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante
Profa. Dra. Elane Ribeiro Peixoto
Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz
Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli
Ms. Heloísa Helena Campos Borges
Maria Luisa Ribeiro
Ubirajara Galli
Iúri Rincon Godinho

Realização

Patrocínio

Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente
Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República
Conselho Nacional de Juventude
Secretaria Nacional de Juventude
Secretaria-Geral da Presidência da República

Diane Valdez
Elizabeth Cristina Landi de Lima e Souza
Maria Tereza Canezin Guimarães
Sônia Margarida Gomes Sousa
(Organizadoras)

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA

Juventudes no mundo contemporâneo: desafios e perspectivas

- Anais -

Goiânia – Goiás
2008

Copyright © 2008
Editora UCG, UFG

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, sem permissão expressa dos Editores (Lei 9.610 de 20.06.98).
Permitida a citação de trechos, desde que indicada a origem.

Coordenação editorial
Sônia Margarida Gomes Sousa

Arte final
Marcus Lisita Rotoli

Capa
Empírica

COMISSÕES

Comissão organizadora local
Aldimar Jacinto Duarte (IDF/UCG)
Altair José dos Santos (FE/UFG)
Denise Carmem de A. Neves (SER/UCG; NECASA/UFG)
Edna Mendonça Oliveira de Quieroz (FE/UFG)
Elizabeth Cristina Landi de Lima e Souza (IDF/UCG)
Eugênio Jardim (FA)
Lourival Rodrigues Silva (CAJU/Pós-Juventude)
Maria Margarida Machado (FE/UFG)
Maria Tereza Canezin Guimarães (EDU/UCG)
Pedro Humberto Faria Campos (PGPsi/UCG)
Rosane Castilho (UEG)
Sônia Margarida Gomes Sousa (IDF/UCG) – **Presidente**

Comissão científica do JUBRA III
Diane Valdez (CEFPE/SME-Goiânia/CAJU)
Maria Tereza Canezin Guimarães (EDU/UCG) – **Presidente**

Consultores ad hoc
Anita Cristina Azevedo Resende (UFG/UCG)
Benedito Rodrigues dos Santos (UCG)
Custódia Selma Sena do Amaral (UFG)
Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza (UFG)
Daniela Tavares Gontijo (UCG)
Francisco Chagas Evangelista Rabelo(UFG)
Genilda D'Arc (UFG)
Glacy Queirós de Roure (UCG)
Joana Peixoto (UCG)
José Maria Baldino (UCG)
Juliana de Castro Chaves (UCG)
Lúcia Helena Rincón Afonso (UCG)
Maria José Pereira Rocha (UCG)
Maria Margarida Machado (UFG)
Marília Gouvea de Miranda (UFG)
Miriam Fábia Alves (UFG)
Nildo Silva Viana (UEG)
Pedro Humberto F. Campos (UCG)

Comissão nacional
Adelma Pimentel (UFPA-PA)
Ana Cecília Bastos (UFBA-BA)
Angelo Motti (UFMS-MS)
Débora Dalbosco Dell'Aglio (UFRGS-RS)
Dorian Mônica Darpini (UFSanta Maria-RS)
Hilário Henrique Dick (UNISINOS-RS)
Iolete Ribeiro da Silva (UFAM-AM)
Jacqueline Cavalcanti Chaves (UFRJ-RJ)
Jaileila de Araújo Menezes (UFPE-PE)
Janice Tirelli Ponte de Sousa (UFSC-SC)
Jorge Sarriera (PUC-RS)
Lucia Rabello de Castro (UFRJ-RJ) – **Presidente**
Maria de Fátima Vieira Severiano (UFC-CE)
Maria Helena Oliva Augusto (USP-SP)
Maria Ignez Costa Moreira (PUC-MG)
Maria Inês Gasparetto Higuchi (INPA-AM)
Maria Lúcia Pinto Leal (UNB-DF)
Marisa Feffermann (USP-SP)
Maurício Rebouças (UNINORTE-AC)
Priscila Matsunaga (UFG-JATAÍ-GO)
Raul Aragão Martins (UNESP-São José do Rio Preto-SP)
Renata A. de P. Monteiro (UFRJ-RJ)
Renata Maria Coimbra Libório (UNESP-P. Prudente -SP)
Rosângela Franceschini (UFRN-RN)
Sônia Borges Cardoso de Oliveira (NIPIAC/UFRJ-RJ)
Sônia Grubits (UCDB-MS)
Susane Zanotti (UFAL)
Valéria Silva (UFPI-PI)
Veriana Rodrigues Colaço (UFC-CE)

Catalogação na Fonte

S612a Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (3.: 2008: Goiânia, Go)

Anais do III Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, Goiânia, 4-6 junho de 2008. – Organizado por Diane Valdez... [et al]. – Goiânia: Ed. UCG, UFG, 2008.
336 p.

ISBN 978-85-7103-501-0

1. Juventude brasileira – Mudança social – Congresso. I. Valdez, Diane (org.). II. Título.

CDU: 316.42 – 053.6
364.1 – 053.0

Impresso no Brasil 2008 Printed in Brazil

Sumário

Carta ... 7

Apresentação e histórico ... 9

Eixos temáticos ... 13

Conferências ... 15

Mesas-redondas ... 17

Sessão de Comunicações Orais ... 19
- Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens ... 21
- Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens ... 43
- Jovens: sexualidade e gênero ... 61
- Juventude, escola e trabalho ... 79
- Processos de subjetivação de adolescentes e jovens ... 109
- Relações internacionais e família ... 153
- Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos ... 161

Sessão de Pôsteres ... 241
- Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens ... 243
- Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens ... 253
- Jovens: sexualidade e gênero ... 261
- Juventude, escola e trabalho ... 265
- Processos de subjetivação de adolescentes e jovens ... 279
- Relações intergeracionais e família ... 285
- Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos ... 289

Sessão de Projetos Sociais ... 311
- Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens ... 313
- Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens ... 317
- Jovens: sexualidade e gênero ... 321
- Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos ... 323

Índice de autores ... 333

Carta

O III Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira – Juventudes no mundo contemporâneo: desafios e perspectivas (III JUBRA) – congrega pesquisadores brasileiros e estrangeiros para a discussão de pesquisas, programas e projetos sociais referentes a adolescentes e jovens.

Um dos propósitos do evento é potencializar o fluxo de intercâmbios e ampliar a rede de cooperação entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros que estudem a temática a partir de diferentes referenciais e campos do saber. Também a expectativa é que o Simpósio produza, em curto e em longo prazos, impactos na produção do conhecimento, e amplie a troca de experiências acerca das ações públicas e da sociedade civil no sentido de garantia dos direitos dos adolescentes e jovens.

O Simpósio tem um público composto por pesquisadores e estudantes de Psicologia, Educação, Ciências Sociais e saberes afins; profissionais dos campos da Saúde, Assistência Social e Educação; profissionais de ONGs, de fundações, do governo e de associações da sociedade civil; lideranças jovens que estão à frente de grupos e redes, entre outros.

O JUBRA está sendo construído desde 2004 e este terceiro evento pretende contribuir para sua consolidação. A quantidade e a qualidade dos trabalhos recebidos no III JUBRA expressam a visibilidade e a relevância que a temática tem alcançado em diferentes espaços da sociedade.

Desejamos que todos e todas sejam bem vindos ao III JUBRA e que possamos nos encontrar na quarta edição do Simpósio.

Comissão organizadora do III JUBRA

Apresentação e histórico

O **III Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira – JUBRA** tem sua terceira edição na região central do país, em Goiânia, Goiás, no período de 4 a 6 de junho de 2008. Congregando professores, pesquisadores, profissionais de diferentes áreas do conhecimento e de atuação, o Simpósio dá continuidade às propostas dos JUBRA I e II de promover um fértil espaço de interlocução acerca da temática adolescentes e jovens. Compreender os complexos processos que envolvem esses sujeitos no mundo contemporâneo é um desafio enfrentado cotidianamente por aqueles que perseguem os princípios da construção de relações sociais igualitárias e que atuam no sentido de intervir no destino da sociedade. O propósito fundamental desse evento é reconhecer, trazer à discussão e tematizar adolescência e juventude em diferentes campos do conhecimento e, assim, constituir, em especial, um momento privilegiado de reflexão, em torno de sujeitos que historicamente, na sociedade, são preteridos em seus direitos fundamentais.

A sociedade contemporânea é marcada por profundas transformações que afetam e põem em evidência as condições de existência de adolescentes e jovens. A reestruturação dos processos de produção reduz cada vez mais as distâncias, agiliza o tempo e oferece ao homem recursos antes nunca pensados, em um cenário, ainda, de grandes desigualdades sociais. O acelerado avanço do conhecimento tecnológico produz mudanças em todos os campos da vida humana, e a preocupação com a formação das novas gerações tem levado um grande número de estudiosos, educadores, cientistas sociais, pais e governantes, a perquerirem o desvendamento dos processos sociais que causam inquietação ao conjunto da sociedade, frente às contradições postas pela dinâmica social.

Em um espaço de tempo relativamente curto, mudanças são impostas e as tradicionais instituições socializadoras enfrentam novos desafios. Um dos desafios é a apreensão do conjunto de mecanismos e processos que presidem a constituição dos diferentes modos de ser adolescente e jovem na sociedade atual. Refletir sobre as mudanças que marcam as tradicionais instituições socializadoras, como a família e a escola, e sobre a emergência das novas formas ou redes de socialização, em especial as mediadas pela mídia e pela tecnologia, torna-se um imperativo frente às demandas de compreensão da realidade de adolescentes e jovens. A multiplicação das novas formas de família e a recomposição de forças dentro e fora dos diferentes grupos familiares – em conjunto com as transformações no campo da produção que impedem um trânsito ordenado entre família, escola e trabalho – permitem a certos estudos afirmarem a presença na sociedade contemporânea de uma "crise

das instituições". Tradicionalmente responsáveis pela transmissão da cultura, instituições socializadoras clássicas têm perdido prestígio pela redução gradativa da eficiência simbólica que conquistaram como forma ordenadora da sociedade.

Os estudos também têm revelado que adolescentes e jovens constroem redes de sociabilidade como formas de manifestação das culturas vividas, constituindo espaços de significação e novas referências. Os referidos sujeitos orientam-se por elementos materiais e imateriais, códigos, símbolos, sistemas de representações sociais, expressam estilos de vida que se imbricam às diferentes culturas juvenis, evidenciando particularidades e atributos que denunciam resistência à homogeneização e contribuem para (re)significar o espaço urbano.

Vários estudos ainda constatam que as ações de intervenção do poder público e de outras instâncias da sociedade, no que se refere a estes sujeitos, são, ainda, pontuais, fragmentadas e, em geral, expressam concepções equivocadas. A vinculação freqüente entre adolescentes e jovens e problemas sociais orienta ações e conforma práticas sociais ancoradas em padrões conservadores de interação entre poder público e sociedade civil. É preciso formular ações que possam responder às necessidades dos adolescentes e jovens nos dias atuais.

A digressão feita indica a diretriz do III JUBRA. Um primeiro aspecto é considerar adolescentes e jovens em seu tempo de vida, condições, situações e em suas múltiplas dimensões – social, econômica, histórica e cultural. Um segundo aspecto a ser destacado relaciona-se à compreensão dos adolescentes e jovens como sujeitos de direitos.

Nesse cenário, o III JUBRA propõe aprofundar as reflexões sobre adolescentes e jovens, enquanto sujeitos de direitos, que marcam presença na sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, o Simpósio constitui um momento privilegiado de intercâmbio de resultados de pesquisa e experiências sobre as ações desenvolvidas pelas instituições nos diversos municípios e estados do país e de outros países, em especial no que se refere à garantia dos direitos e à inclusão social dos jovens.

O Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira foi realizado pela primeira vez no Campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de criar um momento sinérgico que, reunindo pessoas de todas as partes do Brasil e algumas do exterior, problematizasse questões acerca da juventude contemporânea.

A realização deste Simpósio promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas-NIPIAC, fundado em 1998 e ligado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro tinha por objetivo reunir esforços no sentido de propiciar aos participantes um espaço profícuo de discussão, troca de conhecimentos e experiências entre os diversos setores sociais: acadêmico, governamental, sociedade civil organizada e iniciativa privada, tomando esta experiência como recurso para pensar questões referentes à juventude no panorama internacional.

O primeiro evento ocorreu entre os dias 20 e 22 de outubro de 2004, com o apoio institucional do Comitê de Pesquisa Sociológica da Juventude

da ISA (Internacional Sociological Association), do Observatoire Jeunes et Societé - Universidade de Quebec e do Comitê de Infância e Juventude da IUAES (International Union of Antropological and Etnological Sciences).

O II Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira foi realizado no Campus da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, entre os dias 7 e 10 de novembro de 2006, sob a promoção dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O evento contou com as arcerias do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-RUA), Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Teorias Contemporâneas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A organização do III JUBRA está a cargo das seguintes instituições: Universidade Católica de Goiás (UCG), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Casa da Juventude Padre Burnier e Fundação Aroeira.

A UCG é representada pelos Departamentos de Educação (graduação, Programa de Mestrado e Doutorado em Educação e pelo Grupo de Pesquisa Juventude e Educação), Psicologia (graduação, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia e pelo Grupo de Pesquisa Infância, Família e Sociedade) e Serviço Social (graduação e pós-graduação), e pelo Instituto Dom Fernando (IDF) – especializado nas temáticas da infância, adolescência juventude e família (Escola de Formação da Juventude).

A UFG é representada pela Faculdade de Educação: curso de Pedagogia; curso de Psicologia; Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC); Grupo de Pesquisa Estado e Política Educacional e Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente (NECASA).

A UEG é representada pelo Núcleo de Estudos da Violência, sub-grupo juventude, e a UFRJ está sendo representada por meio do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC).

Casa da Juventude Padre Burnier (CAJU) é um Instituto de Formação, Assessoria e Pesquisa sobre assuntos de juventude, criado em 1984. Oferece serviços especializados sobre adolescentes e jovens, acompanha grupos comunitários e suas organizações juvenis, possibilitando ações socioeducativas na perspectiva do direito. Atualmente a CAJU, por meio da Rede Brasileira de Centros de Juventude e em convênio com a Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia (FAJE) de Belo Horizonte oferece cursos de especialização que tratam da temática adolescentes e jovens.

A Fundação Aroeira foi instituída em 11 de agosto de 1999, pela Arquidiocese de Goiânia por meio da Sociedade Goiana de Cultura (SGC), mantenedora da Universidade Católica de Goiás (UCG). A Fundação Aroeira tem como objetivo principal disponibilizar para a sociedade em geral todos os serviços e produtos criados pela inteligência dos professores, pesquisadores e funcionários da UCG nas suas diversas áreas do conhecimento.

Eixos temáticos

1 – Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens

2 – Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens

3 – Jovens: sexualidade e gênero

4 – Juventude, escola e trabalho

5 – Processos de subjetivação de adolescentes e jovens

6 – Relações intergeracionais e família

7 – Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos

Conferências

Conferência 1:

Adolescência e juventude: aportes teóricos
Conferencista: Prof. Dr. José Miguel Abad Galhardo (Universidade de Buenos Aires)
Coordenação: Profa. Dra. Sônia M. Gomes Sousa (IDF/UCG)
Local: Auditório da Área IV (UCG)

Conferência 2

Juventudes no mundo contemporâneo: desafios e perspectivas
Conferencista: Profa. Dra. Marília Pontes Spósito (USP)
Coordenação: Profa. Dra. Maria Tereza Canezin Guimarães (EDU/UCG)
Local: Auditório da Área IV (UCG)

Mesas-redondas

Mesa-redonda 1:

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ADOLESCENTES E JOVENS NO BRASIL
Debatedores:
Profa. Dra. Carmen Silveira de Oliveira (Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente SEDH-PR)
Dr. Beto Cury (Secretaria Nacional de Juventude - SG-PR)
Psi. Ms. Maria Luiza Moura Oliveira (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente)
Prof. Dr. José Eduardo Andrade (Conselho Nacional da Juventude)

Mesa-redonda 2:

DIREITOS SOCIAIS DE ADOLESCENTES E JOVENS: EDUCAÇÃO E TRABALHO
Debatedores:
Profa. Dra. Regina Célia Reys Novaes (UFRJ)
Profa. Dra. Eliane Ribeiro Andrade (UERJ)
Profa. Dra. Maria Herlinda Suárez Zozoya (Universidade de Guadalajara, México)
Coordenação: Profa. Dra. Maria Margarida Machado (FE/UFG)
Local: Auditório da Faculdade de Educação (UFG)

Mesa-redonda 3:

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE
Debatedores:
Profa. Dra. Glacy Q. Roure (UCG)
Profa. Dra. Lucia Rabello de Castro (UFRJ)
Profa. Dra. Maria Aparecida Tardin Cassab (UFF)
Coordenação: Prof. Ms.Altair José dos Santos (FE/UFG)
Local: Auditório da Área IV (UCG)

Mesa-redonda 4:

SOCIABILIDADES JUVENIS, PROCESSOS CULTURAIS E ESPAÇOS EDUCATIVOS
Debatedores:
Prof. Dr. Juarez Tarcisio Dayrel (UFMG)
Prof. Dra. Glória Diógenes (UFC)
Profa. Dra. Helena Wendel Abramo (Ação Educativa)
Coordenação: Prof. Ms. Aldimar Jacinto Duarte (IDF/UCG)
Local: Auditório da Área II (UCG)

Mesa-redonda 5:

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS
Debatedores:
Profa. Dra. Irene Rizzini (PUC-Rio)
Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira (PUC-Minas)
Profa. Dra. Maria Matilde Luna (Universidade de Buenos Aires)
Coordenação: Profa. Ms. Elizabeth Cristina Landi de Lima e Souza (IDF/UCG)
Local: Auditório da Área IV (UCG)

Mesa-redonda 6:

JUVENTUDES NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA
Debatedores:
Prof. Dr. Paulo César Rodrigues Carrano (UFF)
Prof. Dr. José Antônio Pérez-Islãs (Universidade Autônoma do México/UNAM)
Prof. Dr. Oscar Davila León (Universid de Chile)
Coordenação: Prof. Ms. Lourival Rodrigues Silva
Local: Faculdade de Educação da UFG

Mesa-redonda 7:

JOVENS: SEXUALIDADE E GÊNERO
Debatedores:
Prof. Dra. Janira Sodré Miranda (UCG)
Prof. Dra. Mary Garcia Castro (UFBA)
Prof. Dr. Rubéns de Camargo Ferreira Adorno (USP)
Coordenação: Prof. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Local: Auditório da Área II (UCG)

Sessão de Comunicações Orais

EIXO - Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens

A EXECUÇÃO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO NO ESTADO DO PARANÁ: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Autor(es):
Andrea Pires Rocha - Universidade Estadual de Londrina

Os adolescentes em conflito com a lei são, em maioria absoluta, jovens pertencentes às classes populares, que vivenciam a realidade de exclusão e de privação de direitos e, além disso, são atingidos por valores próprios do modo de produção capitalista, nos quais o "ter" sobrepõe-se ao "ser". O acompanhamento adolescentes em situação infracional é estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) através das medidas socioeducativas, as quais estão subdivididas em meio aberto (advertência; obrigação de reparar o dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida) e privativas de liberdade (inserção em regime de semiliberdade; internação em estabelecimento educacional). A atuação do Serviço Social está presente na execução de tais medidas. Desta forma, estamos desenvolvendo uma pesquisa de campo, e, através do levantamento dos programas de medidas socioeducativas do estado do Paraná, mapearemos o número de assistentes sociais envolvidos no atendimento ao adolescente infrator. A pesquisa possibilitará a reflexão sobre especificidade deste campo de atuação, dificuldades encontradas no processo e construção de alternativas. Por outro lado, observamos, no decorrer da pesquisa, um dado interessante, tendo em vista que dos 121 municípios até então contatados levantamos que apenas 43 possuem programas específicos para o atendimento das medidas, em 23 não há programa e em 27 a execução acontece com intervenção do Conselho Tutelar. Este é um fenômeno que nos preocupa, pois em muitos casos a execução e o acompanhamento das medidas ficam a cargo dos conselheiros. Neste contexto há dois problemas essenciais: primeiro, não é natureza do Conselho Tutelar executar medidas socioeducativas, mas sim, zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente (seja infrator ou não), aplicando as medidas de proteção; segundo, há a desresponsabilização dos municípios diante da execução das medidas socioeducativas, prejudicando o direito do adolescente em conflito com a lei. Diante do exposto, pretendemos estimular a reflexão sobre a importância do poder público assumir a execução das medidas socioeducativas em meio aberto, considerando os adolescentes infratores, como sujeitos históricos e sociais, capazes de reconstruir a própria história e tornarem-se protagonistas na busca de mudanças coletivas.

Palavras-chave: Medidas socioeducativas; Adolescente; Serviço Social

A FORMAÇÃO DE ARTE-COMUNICADORES DOS LABORATÓRIOS DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor(es):
Raquel Noronha Maia - ENCINE

Agência financiadora: ENCINE

O atual impacto da mídia na produção subjetiva da juventude coloca a possibilidade de sua conversão em agenciador dos processos de ensino e aprendizagem. Sabe-se porém, que a mera introdução técnica não é suficiente para garantir a otimização das relações educativas, sendo necessária uma fundamentação conceitual, pré-requisito para a utilização dos meios de comunicação. O presente trabalho aborda a experiência de formação de turmas Arte-Comunicadores Sociais em escolas públicas do ensino fundamental no Ceará, através de uma iniciativa originada da parceria entre um grupo de extensão e dois grupos de pesquisa de uma universidade federal, secretarias de educação de três municípios, uma empresa privada e uma ONG. A iniciativa consistiu em implantar Laboratórios de Comunicação Educativa, equipados com computador, internet, impressora, câmeras fotográfica e de vídeo, mesa de desenho e outros, em três escolas de diferentes municípios, assim como ofertar cursos de formação de docentes e discentes para a melhor utilização desses instrumentos no cotidiano escolar. Seguindo os moldes da educação dialógica e ancorada na Educomunicação, a formação de jovens Arte Comunicadores, que teve duração de dois meses e carga horária de 120 horas, teve como objetivos principais refletir criticamente acerca da incidência da mídia no cotidiano escolar e comunitário e possibilitar a transversalização dos conteúdos escolares e tecnomidiáticos. A metodologia utilizada consistiu em oficinas que mesclaram conteúdos sociais (direitos humanos, ética) com conteúdos técnicos (vídeo, fotografia, fanzine, rádio e software livre). O curso resultou na elaboração de diversos materiais midiáticos (vídeos, fanzines, programas de rádio), na formação de 12 Arte Comunicadores (em média) por escola, além de maior motivação por parte dos jovens para melhorar projetos já existentes nas escolas (rádio e jornal), melhoria na concentração em sala de aula e fortalecimento de vínculos. Os materiais foram apresentados à comunidade escolar com o intuito de divulgar e instigar a utilização do laboratório. Não obstante, o projeto enfrentou várias dificuldades, como o atraso na instalação da internet, a inauguração tardia de dois laboratórios, evasão de jovens e o baixo engajamento por parte de alguns grupos gestores.

Palavras-chave: Arte-Comunicadores; Comunicação Educativa; Formação; Educação.

A PRODUTIVIDADE DOS PROJETOS SOCIAIS (IM)PRODUTIVOS: UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE INSERÇÃO DOS JOVENS ITINERANTES DO PRIMEIRO EMPREGO

Autor(es):
José Humberto da Silva - UNICAMP e UNEB

O desenho que se produziu no Brasil com a configuração dos novos papéis assumidos pelas organizações que atuam no campo social tem proporcio-

nado o surgimento de vários projetos voltados para diferentes segmentos. Especialmente a juventude, que vem adquirindo visibilidade crescente nos últimos anos, sobretudo pelo aumento do desemprego e precarização das ocupações no segmento. Com isso, a sociedade civil, principalmente as ONGs, passa a assumir responsabilidades que até então, de forma precária ou não, vinham sendo assumidas pelo Estado, por meio de projetos pontuais de combate ao desemprego e à exclusão social. Nessa direção, este trabalho pretende investigar uma experiência de qualificação e inserção de jovens no mundo do trabalho, a partir da parceria entre governo e sociedade civil. Buscará, portanto, analisar a contribuição de um projeto de juventude, oriundo do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), do Consórcio Social da Juventude de Salvador (CSJ) e Região Metropolitana para a entrada (inserção) e a permanência dos jovens egressos no mundo do trabalho; descrever os dilemas e desafios enfrentados pelos jovens no seu primeiro emprego; investigar a contribuição do CSJ para os egressos de espaços reivindicatórios por políticas públicas de juventude frente ao Estado. Com efeito, do ponto de vista metodológico, este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso de cunho etnográfico, por entender que ele estará mais preocupado com a compreensão e descrição do processo do que com os resultados. Para tanto, priorizaremos como procedimentos metodológicos: análise de documentos, memoriais de vida, relatos orais/entrevistas e grupo focal.

Palavras-chave: Juventude; Trabalho; ONG's.

ADOLESCÊNCIA COM PRAZO DE VALIDADE

Autor(es):
Neusa Maria Goes Marques Nascimento - CRP/BA/SE

Um estudo do impacto da prática educativa em instituições de abrigo de Salvador. Em face do turbilhão de mudanças que ora se vivencia e aos questionamentos sobre a real possibilidade da sociedade de oferecer uma condição cidadã para crianças e adolescentes em situação de abrigo, o presente trabalho propõe atualizar o debate sobre o impacto da institucionalização na estruturação identificatória e nas trajetórias de vida desse segmento populacional. Por meio da lente da historicidade do abandono, a partir da transformação paradigmática do menor, o adolescente, teoricamente, passa a ser concebido como cidadão, fazendo-se necessário redirecionar a prática educativa, instituída com crianças e adolescentes circunstancialmente institucionalizados, para uma práxis educativa, que possibilite às instituições cumprirem seu papel de garantir a formação necessária ao convívio social igualitário. Este estudo busca desvelar e analisar o impacto dos múltiplos processos educativos que visam à garantia da efetiva assunção da cidadania de jovens, circunstancialmente institucionalizadas, em função da perda, definitiva ou temporária, dos vínculos familiares. Para tanto, utilizou-se o referencial metodológico da descrição etnográfica, o que possibilitou uma análise crítica sobre a adolescência inserida no contexto contemporâneo do abandono infanto-juvenil, no município de Salvador, por meio do relato de adolescentes no momento do anúncio, expresso de forma explícita ou implícita, da desvinculação da instituição de

abrigo onde se encontravam. Foram observados e escutados 18 jovens, situados entre 16 e 18 anos, de ambos os sexos, que habitavam abrigos governamentais e não governamentais do município. No que tange às crianças e aos adolescentes institucionalizados, defende-se que, apenas por meio de uma práxis educativa que promova a inserção em sociedade via formação autônoma e solidária, de modo a suprir a fragilidade social que marca suas trajetórias de vida, seja possível garantir o direito ao desenvolvimento integral, respeitando suas diferenças e singularidades. Na perspectiva de produzir um documento-denúncia, tem-se clareza de não se estar interferindo para que crianças e adolescentes não precisem ser institucionalizadas, mas espera-se com este estudo contribuir para que, caso sejam inevitáveis as medidas de institucionalização, seja realizado seu cumprimento segundo os princípios norteadores do ECA, produzindo sentido a esse período através de procedimentos gradativos e formadores de cidadãos e não de um corte abrupto definido por um marco etário, como se fosse um prazo de validade.

Palavras-chave: Adolescência; Cidadania; Estigmatização.

ADOLESCÊNCIA E INSERÇÃO SOCIAL: DESAFIOS PARA AS INTERVENÇÕES JUNTO A JOVENS

Autor(es):
Luciana Gageiro Coutinho - NIPIAC/UFRJ e UNESA

Agência financiadora: FAPERJ

A questão da inclusão social dos jovens tem sido alvo de bastante preocupação no âmbito das intervenções e políticas públicas para a juventude. Neste trabalho exploramos um dos possíveis pontos de impasse quanto ao sucesso dessas iniciativas, ressaltando os aspectos subjetivos que estão envolvidos na inserção do jovem na sociedade. Esse questionamento é feito a partir de certos pressupostos sobre o trabalho psíquico da adolescência, que devem servir para fundamentar propostas de intervenção junto a jovens passíveis de superar tal impasse. A adolescência implica o afastamento do Outro parental da infância e o reencontro com o Outro da cultura, o que significa o engajamento em novas redes simbólicas e sociais. Este deslocamento comporta, além do deslocamento formal da família ao social, a assunção de um novo posicionamento frente ao social, que pressupõe a construção de novas referências fora do universo familiar, de modo que as novas possibilidades de situação e posicionamento no espaço público consistem em elementos fundamentais para o trabalho subjetivo em curso neste processo. Portanto, a travessia adolescente implica na possibilidade de novas inscrições subjetivas do laço social pelo jovem. Mas este trabalho de subjetivação, por outro lado, depende das experiências possíveis do jovem no espaço público, pois só este permite tanto reunir os sujeitos humanos em sua diversidade, quanto separá-los, fornecendo um lugar fecundo para o exercício da singularidade que nos constitui a cada um. Dito isso, apresentamos uma proposta de trabalho de grupos de reflexão com jovens que parece ser favorável ao enfrentamento dos impasses relativos à inclusão social, levando em conta a dimensão subjetiva implicada neste processo. Nos grupos, privilegia-se o ponto de vista dos próprios jovens

sobre sua situação no espaço público, importando, inclusive, a experiência de exclusão vivenciada por eles, subjetiva e objetivamente. Nesse sentido, o trabalho envolve também um questionamento sobre as repercussões desta experiência de exclusão, que, muitas vezes, é reproduzida por eles próprios na maneira pela qual se apresentam e se posicionam no social. Os grupos de reflexão proporcionam a oportunidade para que os jovens construam novos sentidos para a suas experiências privadas e individuais a partir do diálogo entre eles.

Palavras-chave: Adolescência; Inclusão social; Intervenções.

CENAS DE VIDA E ABRIGAMENTO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO JUNTO A JOVENS E ADOLESCENTES ABRIGADOS

Autor(es):
Daniele Marla Soares Dias
Laíze Pereira de Oliveira

Este trabalho teve como objetivo a realização de uma proposta de intervenção junto a jovens e adolescentes em situação de abrigamento. Como ferramentas teóricas e metodológicas utilizamos referenciais da psicologia institucional e de leituras críticas a respeito da adolescência e juventude em situação de vulnerabilidade e risco. Foi proposta a realização de grupos com os adolescentes com a finalidade de promover um espaço de expressão e de produção de sentidos acerca de si mesmo e da instituição de abrigamento. O número de participantes variou de 2 a 12 por encontro, com idade entre 13 e 18 anos, de ambos os sexos. Foram 26 encontros de aproximadamente duas horas cada um, em que foram utilizados recursos como dinâmicas de grupo, técnicas de relaxamento, desenho, montagem de painéis, músicas, filmes, jogos e teatro a partir dos quais foram disparados temas diversos de acordo com a própria demanda do grupo. Foi possível identificar três categorias que emergem das atividades, que são: indisciplina e violência; gênero e sexualidade; família, trabalho e projeto de vida. Na primeira, os participantes trazem que as relações institucionais são atravessadas pela violência física e simbólica, dada a caracterização dos adolescentes abrigados como população de risco e perigosa. A forma de "educar" é a partir da correção e da submissão às regras institucionais. Na segunda, as relações de gênero são hierarquizadas e a sexualidade é constantemente vigiada pela instituição, sendo proibida qualquer forma de manifestação da sexualidade nos espaços institucionais, refletindo no grupo através da própria recusa de atividades compartilhadas entre os sexos. Na terceira, os adolescentes trazem conflitos originados por não terem sido adotados, tornando o abrigo, muitas vezes, sua única referência familiar, dado seu abrigamento prolongado. Não somente, se deparam com a falta de perspectiva e a necessidade de saída do abrigo para o trabalho como forma de buscar autonomia e segurança. Desta forma observamos a necessidade de manter um espaço no cotidiano de atividades do abrigo que seja de produção de sentidos para o abrigado, de modo a romper com aqueles produzidos que limitam e excluem outras possibilidades do seu desenvolvimento. Assim, a instituição-abrigo deve assumir sua finalidade de espaço

socializador e educativo, atenta às trajetórias de vida singulares, e não apenas assistencial e normativo.

Palavras-chave: Abrigo; Adolescentes; Jovens; Práticas psicológicas.

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autor(es):
Cristina Araripe Ferreira - Fundação Oswaldo Cruz

Agência financiadora: CNPq/FAPERJ/FIOCRUZ

Ao destacar a importância da Iniciação Científica (IC) para jovens do ensino médio, este trabalho pretende possibilitar a ampliação do debate sobre a pertinência de políticas de educação voltadas para o incentivo às carreiras científicas. Para tanto, entendemos que é necessário, do ponto de vista acadêmico, não dicotomizar o problema da formação geral e da formação científica dos alunos que estão em vias de realizar suas escolhas profissionais. Como parte integrante e fundamental do currículo da escola básica, o ensino de ciências tem sido bastante negligenciado no que concerne às questões prementes do sistema educacional brasileiro e às políticas nacionais de igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior. De acordo com Filipecki et al. (2005), tal situação tem redundado na falta de interesse dos jovens pelas profissões ligadas ao mundo da pesquisa em C&T. Para além de um conceito operacional, a iniciação científica refere-se, portanto, aqui, a um conjunto de experiências educacionais em curso no país, orientadas fundamentalmente, de um lado, para a dimensão formativa de alunos entre 14 e 18 anos no campo científico e, de outro, para a possibilidade de estarmos intervindo no processo de escolhas profissionais dos jovens que se interessam precocemente pelas carreiras científicas, mas que não dispõem de informações adequadas a uma escolha qualificada da profissão. Assim, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma iniciativa primordial no campo da educação não-formal, a IC jr. pode também ser compreendida como parte do desafio maior de transformar inovações educacionais em políticas públicas afinadas com a idéia de que o país precisa estimular cada vez mais os jovens a seguir carreiras voltadas para a C&T. Aborda-se ainda nesta pesquisa um dos problemas fundamentais da IC na educação básica, que é o da necessidade de discussão, numa perspectiva crítica, de políticas educacionais voltadas para o mundo do trabalho tal qual ele se apresenta na contemporaneidade. Trata-se, com efeito, de levarmos em consideração em nossas análises sobre educação e trabalho na sociedade do século XXI as diversas profissões que se apresentam aos jovens como promissoras, conceituadas e bem estruturadas do ponto de vista da própria lógica econômica e política que percorre a formação profissional. Recorrendo à análise das novas formas de sociabilidade, este trabalho apresenta e discute os fundamentos teóricos e metodológicos de um novo projeto curricular interdisciplinar para o ensino médio que passe cada vez mais pela consolidação de um modelo de iniciação científica na educação básica, que atenda aos grandes desafios da política de formação profissional na área da C&T no país.

Palavras-chave: Iniciação científica; Políticas educacionais; Profissões.

EDUCAÇÃO E ETNIA: JOVENS NEGRAS EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NA EDUCAÇAO DE JOVENS E ADULTOS

Autor(es):
Rosenilda Trindade da Costa - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: CAPES

Este trabalho contém resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento que investiga os vínculos entre escola, relações sociais de gênero e raça na constituição de jovens negras em processo de escolarização na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Interessa analisar os mecanismos de inserção de jovens negras na educação escolarizada. Indaga-se: quais estratégias são (re) criadas pelas jovens negras no enfrentamento das desigualdades ético-raciais em espaços sociais mais amplos e, no caso, o ensino regular noturno. Os estudos no campo das Ciências Sociais tem revelado que a composição da juventude é diversificada, plural, o que impõe a necessidade metodológica de investigar os diferentes segmentos juvenis nas suas peculiaridades. As jovens negras, mediadas por questões raciais e de gênero, vivem em sua maioria em condições socioeconômicas desfavoráveis quando buscam assegurar através da escolaridade a inserção social. Conforme publicação da Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), os atuais indicadores sociais sobre a educação demonstram a existência de uma estreita relação entre a realidade socio histórica e a exclusão escolar dos(as) alunos(as) negros(as) agravada à medida que aumentam os anos de escolarização. Este é o retrato demonstrado por vários estudos, entre eles o realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O estudo divulga que a população negra possui em média 5,3 anos de estudo, enquanto a branca tem 7,1 anos. Quanto a freqüência escolar a população negra na faixa de 15 a 17anos não registra índice de 78,6%, abaixo da média do país, de 81,5%. No contexto dessa realidade, o presente trabalho procura descrever e analisar a relação entre educação, etnia e gênero, lançando mão de entrevistas realizadas com jovens, mulheres, negras, residentes na região leste da cidade de Goiânia e estudantes de uma escola noturna da EJA. Orienta também para questões pertinentes ao campo da cultura e aos processos educacionais em curso na modalidade de ensino EJA.

Palavras-chave: Jovens; Gênero; Raça; EJA.

FÓRUM DE JUVENTUDES DO RIO DE JANEIRO: UMA SITUAÇÃO EM ESTUDO

Autor(es):
Ana Karina Brenner - Universidade de São Paulo

O trabalho apresentado é resultado de um estudo de caso realizado no âmbito de uma pesquisa internacional que reuniu Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile e Bolívia na análise de situações-tipo relacionadas à juventude desses países. O presente trabalho refere-se a um desses estudos, realizado no município do Rio de Janeiro. O Fórum de Juventudes do Rio de Janeiro, foco deste estudo, é composto por organizações sociais com foco de ação específico ou secundário nos jovens. Agrega também organizações de defesa de direitos. Ele

tem como principal bandeira a discussão de políticas públicas de juventude e a mobilização de jovens, especialmente de camadas populares. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com jovens e com lideranças, entendidas como jovens ou adultos que representam institucionalmente as organizações que fazem parte do fórum. Também foram realizadas observações durante os Encontros de Galeras – encontro temáticos de jovens e reuniões ordinárias com as lideranças do fórum. Foram coletadas, ainda, matérias ou notícias disponibilizadas na internet. As análises mostram que as "bandeiras" do fórum aparecem mais como justificativa retórica que não encontra ação prática correspondente a tal retórica. Os jovens têm dificuldade de compreender o que são políticas públicas de juventude e dificuldade de se colocar na cena pública de debate destas questões quando, de fato, estão voltados para questões mais ligadas à reprodução cotidiana da vida que requer soluções urgentes relativas à falta de formação e emprego, às interdições de circulação pela cidade, às condições de moradia e violência – especialmente policial. Além das dificuldade de articulação e mobilização dos jovens em torno do tema das políticas públicas, outra questão que se coloca é a falta de infraestrutura para o fórum, fato que dificulta a comunicação e o planejamento de suas ações, além de impor barreiras à visibilidade desta mobilização. Outro tema observado e que se conecta tanto aos jovens quanto às lideranças do fórum é o fato de os temas em debate serem muito mais absorvidos pelos sujeitos individuais que pelas organizações que fazem parte do fórum. Isso significa dizer que o tema da juventude é muito mais uma pauta assumida por indivíduos que pressionam suas organizações para também assumi-lo do que uma pauta institucional.

Palavras-chave: Juventude; Fóruns; Mobilizações Juvenis.

JUVENTUDE AGREDIDA: AS JOVENS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FAMILIAR.

Autor(es):
Cíntia de Sousa Carvalho - Universidade Federal de Mato Grosso
Marciane Uliano Gazali - Universidade Federal de Mato Grosso
Sérgio Henrique Fabiano Zanon - Universidade Federal de Mato Grosso

O presente trabalho interessa identificar o número de jovens mulheres que sofre violência doméstica e apurar quais as implicações psicológicas que permeiam o processo de agressão-agressor-agredida desencadeadas pela presença da agressão física e sua repercussão na construção da identidade da mulher contemporânea e, conseqüentemente, seu bem-estar. Sendo assim, observaram-se as implicações na saúde e no bem-estar das jovens mulheres agredidas que procuram os serviços legais para a denúncia do ato violento. Este estudo trabalhou sua metodologia com as discussões de Bleger (2007) acerca das entrevistas psicológicas e alguns pressupostos básicos da teoria psicodinâmica de Freud. As entrevistas abertas permitiram não predeterminar o rumo da entrevista, mas investigá-la segundo a estrutura psicológica do entrevistado, ou seja, pelas variáveis dependentes da personalidade do entrevistado. Foi realizado o atendimento individual com as vítimas que dese-

javam um apoio psicológico, em salas reservadas. Esse espaço era destinado à escuta dos relatos e possíveis discussões críticas acerca das angústias das usuárias. Pôde-se observar que os índices de violência aumentavam consideravelmente nos finais de semana e feriados, pois havia um contingente maior de denúncias no início da semana, e também após datas festivas, como o carnaval. Constatou-se ainda que a maioria das mulheres violentadas por seus companheiros está na faixa de idade entre 16 e 32 anos, depende financeiramente dos mesmos e, quando os denunciam, nem sempre deseja que estes sejam processados e presos. Às vezes, têm a fantasia que a denúncia fará com que a instituição transforme o modo de pensar e de agir do agressor e que este não virá a reincidir no crime, reassumindo a união. A situação dessas mulheres tornava-se ainda mais conflitante: havia a angústia diante da morte e da violência apresentada por seus companheiros e também o sofrimento em ter que decidir, em estado de extrema vulnerabilidade, por optar pela denúncia e, conseqüentemente, pelo possível fim de seu relacionamento, desencadeado pela prisão do agressor. A inserção do profissional da psicologia neste contexto deu-se de forma positiva, pois a escuta acolhedora e a discussão das implicações psíquicas apresentadas como angustiantes neste momento proporcionaram maior abertura para que essas mulheres se reorganizassem, diminuíssem suas inquietações e pudessem repensar suas decisões frente a este estado, promovendo o bem-estar.

Palavras-chave: Juventude agredida; Violência familiar; Bem-estar.

JUVENTUDE(S), ESCOLA PÚBLICA E PROGRAMAS SOCIAIS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA – DILEMAS E PERSPECTIVAS

Autor(es):
Shirley Jacimar Pires

Este trabalho apresenta os resultados iniciais de um estudo de caso sobre os impactos de um programa de transferência de renda para jovens pobres, desenvolvido no município de Belo Horizonte em parceria com o Governo Federal, na trajetória escolar de seus participantes. Trata-se de uma análise de cunho sociológico, que costura elementos da sociologia da experiência, propostos por François Dubet e da sociologia da educação e juventude, propostos por Emílio Tenti-Fanfani. Tendo como base esses referenciais teóricos, abordam-se as seguintes questões: a concepção de juventude e de políticas públicas que caracteriza o programa e a relação juventude e escola. Nesse caso, o trabalho considera as outras dimensões e práticas sociais em que os jovens estão inseridos, para além da sua condição de aluno. Nesse sentido, aponta-se que é necessário, nos estudos acerca da relação juventude e educação, abordar os jovens na sua condição de sujeitos e incorporar outras dimensões que perpassam a sua experiência escolar, como a sua condição juvenil e o seu contexto comunitário e familiar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa que combina diversos instrumentos de coleta de dados: observação participante, análise documental, questionário fechado com 23 jovens do programa e entrevistas semi-estruturadas com nove jovens e sete educadores e professores que trabalham com esses jovens. Pretende-se, neste

estudo, atingir os seguintes resultados: 1) compreender as narrativas e significações atribuídas pelos jovens às suas experiências na escola e no programa; 2) identificar os mecanismos que dificultam ou facilitam a permanência na escola dos jovens atendidos pelo programa; 3) avaliar a interferência do programa nesses mecanismos. Sugere-se que a recente expansão da educação básica não correspondeu a um quadro de melhoria da qualidade da educação pública no Brasil, resultando no agravamento das desigualdades escolares. O que revela um grande paradoxo: um contexto de massificação do ensino concomitante a um contexto de exclusão social. O programa de transferência de renda, nesse contexto, pretende ser uma resposta às dificuldades que os jovens pobres encontram na suas experiências escolares. Parte-se da hipótese de que os impactos do programa de transferência de renda quanto à escolaridade podem ser observados no âmbito das disposições e habilidades individuais para os estudos, sem uma articulação adequada com a instituição escolar e dependendo da relação que cada jovem tece individualmente com o programa.

Palavras-chave: Juventude; Políticas públicas; Juventude e escola

JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS NA CONTEMPORANEIDADE: AS PERCEPÇÕES DOS SEGMENTOS JUVENIS CONTEMPLADAS POR POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE.

Autor(es):
Olga Brigitte Oliva de Araújo - Universidade de Brasília

Agência Financiadora: Conexões de Saberes (MEC)

O presente artigo discute políticas públicas implementadas a favor da juventude. Inicia com uma breve análise sobre conceitos que levam a refletir sobre a questão dos jovens, suas demandas e necessidades. Após a revisão de políticas públicas que foram construídas para os segmentos juvenis assim como pelos próprios jovens, como espaço privilegiado de atuação e autonomia, bem como de reconhecimento e de cidadania, foram selecionados o Projeto Agente Jovem e o Projeto Rondon para a realização de uma pesquisa de campo. Esses projetos estão sendo desenvolvidos em distintas localidades do país e estão voltados sobretudo para o atendimento de jovens de origem popular. Não se trata apenas de elaborações de políticas, mas de uma investigação sobre o que os jovens pensam a respeito delas e o que os jovens pensam a respeito de si mesmos. Este artigo é um porta-voz da juventude.

Palavras-chave: Juventude; Políticas públicas.

JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS: PRODUZINDO SUJEITOS DE DIREITOS

Autor(es):
Richarlls Martins da Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: PIBEX/UFRJ

Esta pesquisa se propôs a analisar a construção histórica da temática políticas públicas para juventude, na sociedade brasileira, articulando com o movi-

mento nacional que culmina na I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude 2008, e refletir sobre os impasses e contribuições da Psicologia brasileira, como referência técnica, para o campo das ações públicas voltadas para este segmento. Em 2006, o Conselho Nacional de Juventude publica a Política Nacional de Juventude, que tem como objetivo central sinalizar para as principais diretrizes e perspectivas que devem nortear a elaboração de políticas públicas para os jovens, no Brasil, estruturando-se em três eixos temáticos: desenvolvimento integral, qualidade de vida e vida segura. A metodologia adotada para se chegar ao primeiro objetivo da pesquisa foi analisar os sete desafios e as 21 propostas de enfrentamento destes desafios, que foram escolhidos pelos jovens do Rio de Janeiro, participantes da I Conferência Estadual de Políticas Públicas de Juventude, 2008, e que comporão a Política Estadual de Juventude do estado. A partir deste material pôde-se colocar em questão quais são as principais demandas da juventude fluminense e como as mesmas estão relacionadas com as propostas e diretrizes da Política Nacional de Juventude. Há aproximadamente duas décadas consolida-se um movimento dentro da Psicologia brasileira, enquanto ciência e profissão, de aproximação da mesma com as temáticas ligadas ao compromisso social. Assim sendo, o fazer psicológico passa a tentar responder aos impasses exigidos pela sociedade brasileira. Nesse processo de articulação ocorre uma aproximação da Psicologia com a campo das políticas públicas. Esta pesquisa também se propôs a analisar como este saber possibilita a compreensão que norteia as revindicações juvenis, de se pensar as juventudes como sujeitos de direitos, nesta produção de sujeitos democráticos. Utilizamos a fundamentação teórica que sustenta a produção de subjetividade como um processo de construção sócio-histórica, que ocorre de forma relacional. Para isso, a metodologia adotada foi analisar os dados do levantamento realizado pelo Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, sobre a inserção do trabalho dos psicológos no campo das políticas públicas, com um recorte de onde estão e como estão trabalhando os psicólogos nas ações públicas direcionadas para as juventudes no estado.

Palavras-chave: Juventude; Políticas públicas; Psicologia.

MAPEAMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE DA CIDADE DE JOINVILLE (SC)

Autor(es):
Cristiana Silveira Mira - Faculdade de Psicologia de Joinville

Agência financiadora: ACE

Este trabalho tem como objetivo apresentar o mapeamento das políticas públicas para juventude na cidade de Joinville. Diante da complexidade de fatores, a partir da década de 90 no Brasil, o tema juventude começou a ganhar projeção no espaço público. Dentre estes fatores, encontram-se o aumento da população jovem entre 15 e 24 anos e também o agravamento da condição juvenil, vista ora como vítima, ora como protagonista de problemas sociais. Ao pensar em Joinville, cidade mais industrializada do estado de Santa Catarina e também a mais populosa, propõe-se mapear as políticas públicas desta

cidade para a categoria juvenil compreendida na faixa etária entre 15 e 24 anos. Apresentam-se discussões teóricas e conceituais relacionadas à adolescência e juventude. Para a discussão no âmbito da Psicologia foram tomadas como referência as contribuições da Psicanálise e da abordagem sócio-histórica, realizando um contraponto destas perspectivas teóricas. Para enriquecer tais reflexões, buscaram-se também, as contribuições da Sociologia sobre o tema da juventude e condição juvenil. Procurou-se, também, fazer um resgate histórico sobre o tratamento dado à questão da juventude no Brasil. Evidenciando as políticas ou ações governamentais voltadas para esse grupo, bem como de que forma atualmente viabilizam-se para os jovens as políticas públicas e a garantia de seus direitos enquanto cidadãos. Por fim, expõe-se a realização da pesquisa, bem como sua análise. Por todo o exposto no trabalho, conclui-se que não existem no município de Joinville políticas públicas para juventude. Existem ações que não abrangem toda a categoria juvenil da cidade. Somente atingem as vulnerabilidades sociais mais urgentes dos jovens. Muitas dessas ações são de âmbito nacional, portanto, há obrigatoriedade do município em efetivá-las e mesmo assim não contemplam todos os jovens.

Palavras-chave: Políticas públicas; Juventude; Joinville

O AFASTAMENTO DA ATIVIDADE CRIMINOSA: ROTAS RECRIADAS POR JOVENS TRABALHADORES DO TRÁFICO

Autor(es):
Andréa Silva Rodriguez - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

O trabalho crescente de jovens no tráfico de drogas é uma realidade no cotidiano urbano do Rio de Janeiro. Vários estudos demonstram que a sua entrada vem ocorrendo cada vez mais cedo e que o risco de morte é bastante presente nesses contextos. Porém, o trabalho de alguns especialistas tem se focado, predominantemente, nas razões e/ou motivações para a entrada no tráfico, bem como na perspectiva de traçar um perfil desses jovens e suas práticas cotidianas a partir desta experiência. Pouco se fala sobre as estratégias construídas por aqueles que desejam sair do tráfico, ou daqueles que conseguiram se afastar e traçar outros caminhos. Ou ainda de que forma outros atores sociais poderiam dar suas contribuições para esse processo de saída a partir de proposições no campo das políticas sociais que possam ser referência para ações mais abrangentes assumidas pelo Estado. Este trabalho apresenta os resultados de uma intervenção direta junto a aproximadamente 150 jovens inscritos na marginalidade em um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro, com idades entre 13 e 29 anos, que foram acompanhados durante o período de dois anos e meio. Tal inserção neste programa teve como desdobramento o início de uma pesquisa de tese para o doutorado em andamento. Busca-se, aqui, justamente agregar outros elementos de análise às visões dominantes sobre esses jovens a partir da experiência concreta de intervenção nesta realidade específica. Constatamos que a falta de informações e as dificuldades na compreensão deste fenômeno podem levar dife-

rentes setores da sociedade, inclusive profissionais que atuam neste campo, ao estabelecimento de posicionamentos frente a esta situação carregados de resistências, preconceitos e distorções. A análise das trajetórias desses jovens durante o processo de criação de alternativas ao tráfico de drogas envolveu vários aspectos: o envolvimento em si com a rede de trabalho ilícita (desde a entrada, a percepção do trabalho, os níveis de envolvimento, a força dos vínculos estabelecidos), o processo de saída/afastamento (os marcos presentes nesta escolha, as redes de apoio acionadas, as estratégias construídas, os impedimentos, a sustentabilidade), sua visão sobre o trabalho, a escola, a família, a questão da restrita circulação e apropriação da cidade (os "muros e barreiras invisíveis"), os resultados dos encaminhamentos sugeridos pela equipe técnica do programa, bem como a revisão da prática profissional no processo de acompanhamento. Considerando o contexto estrutural do fenômeno que envolve jovens trabalhadores do tráfico e ainda rejeitando a idéia do mesmo encarado apenas como objeto de projetos, pesquisas e programas, apontamos para a necessidade de saltos maiores na direção de proposições que levem ao desenho de políticas públicas que realmente atendam as especificidades desses grupos. Um outro tópico refere-se à imprescindível participação dos mesmos nos processos decisórios que levem a tal tarefa.

Palavras-chave: Juventude; Tráfico de drogas; Saída sustentável.

O DIREITO DE SER... TODOS OS DIAS

Autor(es):
Carla Pinheiro França

O presente trabalho mostra experiências que levaram profissionais de diferentes campos do saber a refletir sobre a integração do conhecimento entre as áreas que trabalham com abrigamento de crianças e adolescentes vitimizados. No Brasil, a prática de institucionalização de crianças e adolescentes surge como tentativa de resposta ao problema social que atinge as famílias de baixa renda que têm como resultante o abandono e a situação de risco de seus filhos. Com o objetivo de assegurar o direito de crianças e adolescenes à convivência familiar e comunitária, o Ministério Público do Estado da Bahia lançou em novembro de 2004, o Programa Retorno ao Lar. Este programa pretende efetivar a reintegração da criança e do adolescente ao convívio com a família de origem ou inserção em família substituta, quando o retorno à família natural se torna inviável pelos mais variados fatores. A relevância social deste trabalho está em se propor a romper com a prática do abrigamento permanente e na promoção da reintegração familiar, ressaltando a necessidade de políticas públicas que ofereçam subsídios às famílias em desvantagem socioeconômica, através da execução de medidas nos níveis jurídico e social, visando garantir o sucesso desta reinserção. Para execução do programa foi necessária a intercessão de três áreas do saber: Psicologia, Serviço Social e Direito, que atuam de forma interdisciplinar. Pensar a interdisciplinaridade enquanto processo de integração entre estas áreas torna-se primordial para alcançar uma visão mais ampliada dos diversos saberes. A metodologia foi construída coletivamente e constitui-se nas seguintes etapas: coleta de dados a respeito de

referências familiares das crianças e adolescentes abrigados; visitas domiciliares às residências para realização de estudo psicossocial; atendimento às crianças e adolescentes para identificar o desejo de retornar à família. Com base nestas informações, são realizados relatórios técnicos que se propõem a orientar a decisão das promotorias na condução jurídica de cada caso, realizando os encaminhamentos pertinentes. Todas as fases são construídas sob o olhar da Psicologia, do Serviço Social e do Direito, pondo em constante desafio a atuação interdisciplinar destas áreas. O esforço na construção interdisciplinar iniciou-se na tentativa de interlocução entre as áreas, principalmente no que diz respeito às práticas ainda pouco comuns aos psicólogos, tais como realização de visitas domiciliares e conhecimento jurídico específico na área da infância e juventude. O desafio mais importante do programa vem sendo a elaboração de pareceres psicossociais, em que se busca, além do diálogo permanente entre as especialidades, o reconhecimento das dificuldades entre os sujeitos atendidos a fim de oferecê-los suportes particularizados e adequados às suas demandas. Desta maneira, as famílias envolvidas neste processo são consideradas sujeitos atuantes e participativos do processo de decisão, evitando, portanto, as práticas paternalistas ou a negação da potencialidade destas pessoas. A desconstrução dos discursos de exclusão, a não naturalização da pobreza, a mudança semântica de termos estigmatizantes, principalmente na produção de documentos técnicos, e principalmente a defesa e garantia dos direitos humanos, são práticas buscadas incessantemente pela equipe.

Palavras-chave: Abandono; Reinserção; Interdisciplinaridade.

O DISCURSO DO PROTAGONISMO JUVENIL

Autor(es):
Regina Magalhães de Souza - USP

Esta comunicação pretende sintetizar alguns dos resultados de pesquisa realizada com textos variados (documentos oficiais, livros, matérias de jornais e revistas, fôlderes, conteúdos de sítios na internet etc.) produzidos no período 1985-2005, por Organizações Não-Governamentais (ONGs), órgãos de governo, organismos internacionais e pesquisadores acadêmicos, e que abordaram o tema da participação da juventude. A amostra de textos permitiu a identificação e a delimitação de um certo discurso sobre a juventude em produção desde meados dos anos 80, e que, na segunda metade da década seguinte, já se encontrava consolidado e identificado pelo enunciado protagonismo juvenil. A intenção foi descrever as operações discursivas que garantem a eficácia do discurso, especialmente em relação ao exercício e dissimulação do poder. Tal pesquisa deu origem à tese de doutoramento defendida em fevereiro de 2007 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O protagonismo juvenil é um dos enunciados produzidos pelo discurso que concebe a sociedade como um aglomerado de atores sociais em atuação num cenário. Nos dias de hoje, a expressão ator social nomeia o indivíduo que, perseguindo objetivos particulares, realiza um diagnóstico das possibilidades, dialoga, negocia, estabelece alianças e

defende seus interesses perante outros atores, e faz coisas em benefício de si mesmo e desses outros. Defesa de interesses e prestação de serviços são, portanto, os dois componentes da atual noção de atuação social, e também das noções de "participação", "cidadania" e "voluntariado", definidas tautologicamente em relação uma às outras. O protagonismo juvenil, freqüentemente definido como "método de educação para a cidadania", é, pois, um discurso que prescreve ao jovem indivíduo um modelo de participação política, baseado na defesa de interesses e na prestação de serviços, em que foi elidida a possibilidade de transgressão. Defende-se a tese de que a política é anulada justamente pela prescrição do fazer coisas como forma de participação e pelo próprio discurso que forja o consenso e impede a fala autônoma e transgressora. É um discurso normativo, mas que não exibe a exterioridade da regra, oculta sob a atividade do jovem ator social. Regra, poder e discurso não se exibem como tais, sendo encarnados e colocados em funcionamento pelo próprio indivíduo em atividade, o que lhes garante a eficácia.

Palavras-chave: Protagonismo juvenil; Juventude; Discurso; Educação; ONG.

O MAL-ESTAR DE ADOLESCENTES ATENDIDOS EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Autor(es):
Susane Vasconcelos Zanotti - Universidade Federal de Alagoas

O presente trabalho discute uma pesquisa realizada com adolescentes em um ambulatório pediátrico. Os adolescentes são trazidos ao ambulatório por seus pais que identificam alguma adversidade no desenvolvimento de seus filhos, queixam-se e demandam soluções do saber médico para os problemas no desenvolvimento dos adolescentes. O sujeito que é trazido por seus pais, também se queixa da tal adversidade apontada pelos mesmos em seu desenvolvimento? Nossa investigação buscou escutar os adolescentes e conhecer de que mal-estar se trata em alguns dos sujeitos que receberam atendimento médico e psicológico em um hospital universitário. Utilizamos como método o grupo de reflexão, através do qual se pretende investigar e ao mesmo tempo viabilizar a construção de um espaço de fala para os adolescentes. Foram realizados quatro grupos de reflexão, semanalmente, com quatro encontros cada um, com três horas de duração. Os grupos foram coordenados por uma psicóloga e dois estudantes de curso de Psicologia. Ao final do trabalho de campo, realizamos o estudo dos relatos de todos os grupos. A análise dos dados priorizou, nos temas abordados, o momento em que esses eram acompanhados dos seguintes aspectos: embaraço, inquietação e/ou incômodo. As falas foram organizadas em grupos de sentido para nos auxiliar na discussão teórica, de orientação psicanalítica, dos temas que emergiram nos grupos. Assim, a análise dos relatos e produções dos sujeitos dessa pesquisa indica que, ao contrário do que se pode supor com o saber médico, que prima pela cura física, os adolescentes trouxeram nos grupos temas e questões que não encontram soluções com cirurgias, dietas ou tratamentos medicamentosos. Além disso, apenas em alguns casos o mal-estar ao qual o adolescente se refere apresentou consonância com o motivo que o levou ao ambulatório e que foi apontado por seus pais como uma adversidade no desenvolvimento.

A análise dos dados evidencia que o mal-estar retratado pelos adolescentes nos grupos não se restringe ao apresentado por queixas físicas e aponta suas dificuldades na delicada relação com seu próprio corpo, com o mal-estar do despertar para o desejo, no traumático encontro com o outro e na difícil separação da autoridade dos pais.

Palavras-chave: Mal-estar; Adolescente; Ambulatório pediátrico.

O SIGNIFICADO DO ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE COMPREENSIVA

Autor(es):
Natália de Cássia Horta - Universidade Federal de Minas Gerais

Estudo de natureza qualitativa com abordagem fenomenológica que teve como questionamentos iniciais: Como é para o profissional de saúde atender o adolescente? O que leva o profissional a ter tanta dificuldade para atender o adolescente? As questões referentes à sexualidade dificultariam ao profissional de saúde abordar o adolescente? Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo compreender o significado do atendimento ao adolescente pelos profissionais de saúde na atenção básica. A pesquisa foi realizada em dois centros de saúde da cidade de Belo Horizonte(MG). Fundamentando-se no referencial fenomenológico à luz de Alfred Schutz, os sujeitos deste estudo foram 15 profissionais da Equipe de Saúde da Família, incluindo enfermeiro, médico, auxiliar de enfermagem e agente comunitário de saúde. Os dados foram coletados por meio de entrevista aberta guiada pela questão norteadora: "O que é, para você, atender o adolescente?". Os discursos dos sujeitos foram analisados segundo a análise ideográfica compreensiva e as categorias interpretadas à luz de Alfred Schutz. A análise compreensiva dos depoimentos confluiu para três categorias temáticas que retratam o atendimento ao adolescente na atenção básica de saúde. São elas: Atender o adolescente: as contradições vivenciadas; Atender o adolescente: ser-no-mundo com o outro; Assistência ao adolescente na atenção básica: retratos de uma prática. Na discussão de tais categorias são colocados os desafios em atender o adolescente e as limitações enfrentadas nesse atendimento, a relação do profissional de saúde com o adolescente e a assistência ao adolescente na atenção básica bem como a necessidade de organização do serviço para atender o adolescente. Se construída uma relação afetiva com o adolescente, este permite que o profissional faça parte de seu mundo-vida e pactue com ele suas vivências. Ao refletir sobre o significado desse atendimento para os profissionais foi possível apreender que este é permeado por desafios com relação à sua formação profissional e limitações da própria fase da adolescência, levando a uma relação ora conflituosa, ora pacífica entre profissional e adolescente. A pesquisa aponta caminhos possíveis para o atendimento ao adolescente na atenção básica tendo por foco principal a promoção à saúde e a prevenção de agravos. O trabalho interdisciplinar e multiprofissional com adolescentes, sedimentado em uma proposta acolhedora, humanística, constitui o grande desafio para os profissionais de saúde.

Palavras-chave: Adolescente; Atenção básica; Profissional de saúde.

O TRABALHO NO CRAS PIRAJUSSARA E A CRIAÇÃO DE NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE A JUVENTUDE EM TABOÃO DA SERRA

AUTOR(ES):
Luis Fernando de Oliveira Saraiva - IPUSP

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e refletir maneiras pelas quais a questão da juventude vem atravessando as ações desenvolvidas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Pirajussara, cidade de Taboão da Serra (SP). O CRAS, em suas ações junto a famílias, grupos e indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, vem se mostrando um importante dispositivo com grande potencial de intervenção na atual realidade brasileira, ao priorizar trabalhos de promoção de cidadania. Nosso foco é a produção de autonomia, liberdade de escolha e de participação ativa na vida, considerando limites e possibilidades, criando-se a sensação de direito a ter direito e, assim, subsidiando novas políticas de subjetividade. No embate cotidiano com jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, percebemos que a juventude não está alheia a processos de exclusão política, econômica, social, limitando possibilidades de mobilidade social e minando outras perspectivas de existência. Quando não há espaço para pensar, sonhar, desejar, expressar-se, ser atendido em suas diversas necessidades, quando o lugar no mundo já está dado, cerceado, não se cria espaço para mudanças. Passa a dominar, então, a sensação de que lhes resta: gravidez não planejada na adolescência, evasão escolar, fácil acesso às drogas, criminalidade, conflitos e a repetição daquilo que já foi vivido por sua família e comunidade. O trabalho que realizamos com esses jovens consiste no acolhimento de suas demandas, de suas famílias, encaminhamento para programas de transferência e geração de renda e outros serviços, seu acompanhamento, através de conversas regulares, visitas domiciliares, grupos socioeducativos, de convivência e de desenvolvimento familiar. Temos observado que, a partir de nossas intervenções, os jovens e suas famílias têm podido construir espaços de participação e discussão sobre temáticas pertinentes ao seu cotidiano. Colocando em evidência conflitos e seus potenciais de ruptura com o que se estabeleceu, abre-se passagem para o diálogo com familiares e com pares, transformando essas relações e intensificando questionamentos a respeito de uma realidade desigual e excludente. Um de nossos desafios é acionar outras concepções e condutas sobre a juventude, produzindo sujeitos dotados de autonomia, saberes, potencialidades, protagonismo, diferentemente da forma como eles são projetados. Alterar essas concepções significa, então, alterar a própria realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; CRAS; Assistência social.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR PARA OS JOVENS: ENGODO E UTOPIA

AUTOR(ES):
Maria Cristina das Graças Dutra Mesquita - Universidade Católica de Goiás
Maria Esperança Fernandes Carneiro - Universidade Católica de Goiás
Teresa Cristina B. Siqueira - Universidade Católica de Goiás
Wanderley Azevedo de Brito - Universidade Católica de Goiás

Neste artigo discutem-se as ações concretas das políticas públicas para a educação superior em relação às metas contidas no Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 10.172/2001, sobretudo a meta número 1, que prevê para o final da década a matrícula no Ensino Superior de 30% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos. É nossa intenção contribuir para desvelar algumas contradições das políticas públicas para a educação superior que, num primeiro momento, indicavam a necessidade de ampliar o atendimento para jovens com o acesso, permanência e ascensão a novos patamares educacionais. Abordamos algumas ações constantes nas políticas públicas para a educação, como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), o número e o turno de atendimento em Instituições de Ensino Superior públicas. Nosso intuito em tais abordagens é interpretar o impacto que estas ações têm causado para a melhoria da taxa de escolarização líquida no Ensino Superior e a perspectiva de ocupação no mercado de trabalho em tempos de neoliberalismo, além de conhecermos e interpretarmos as ações do governo federal para a educação dos jovens, uma vez que a demanda mais presente nas agendas dos segmentos juvenis tem sido a educacional. Nesta pesquisa fez-se a opção pelo método dialético na perspectiva marxista do materialismo histórico. A nossa escolha pela dialética materialista mostra a filiação dos pesquisadores à postura crítica no que concerne às relações existentes entre sociedade, educação e universidade. Optamos pelo materialismo histórico dialético uma vez que trabalha na direção da pesquisa quantiqualitativa que possibilita apreender o movimento do real. A pesquisa quantiqualitativa foi utilizada como uma das possibilidades de estudo do nosso objeto e nos possibilitou compreender as relações entre as políticas públicas e as probabilidades concretas de acesso e permanência do jovem no Ensino Superior. O presente estudo indica a necessidade de ações de natureza eminentemente política, que venham contribuir para a transformação da realidade observada, uma vez que as condições concretas e o estado de desenvolvimento material e cultural da sociedade, assim como as ações efetivas nas políticas públicas, é que tornam viável para o jovem alcançar patamares educacionais elevados.

PALAVRAS-CHAVE: Jovem; Ensino superior; Políticas públicas.

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL: PERCEPÇÕES DE JOVENS ADOLESCENTES

Autor(es):
Maria Lucia Mendes de Carvalho - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Agência financiadora: Prefeitura de Suzano

O presente trabalho tem por finalidade identificar o processo de criação de jovens estudantes do Curso Técnico em Nutrição e Dietética. Trata da questão da obesidade na adolescência durante o desenvolvimento de práticas escolares e pedagógicas para a promoção de alimentação saudável. O projeto de pesquisa está sob a supervisão de seis nutricionistas, em três escolas da capital e três escolas do interior do estado de São Paulo. Realizamos o I Encontro de Educação Alimentar e Nutricional com Adolescentes em seis escolas técnicas da instituição, em parceria com a Faculdade de Educação e a Faculdade de Saúde Pública. Neste evento aconteceu o "I Observatório de Educação Alimentar e Nutricional com Adolescentes", promovendo intervenções voltadas para a formação de valores, do prazer, da responsabilidade, do lúdico e da liberdade. A análise preliminar dos relatos dos jovens estudantes, nos diários de campo, e dos trabalhos gerados pelas equipes de nutrição envolvidas nesta pesquisa permitiu identificar o processo de criação das oficinas de educação alimentar e nutricional, elaboradas pelos monitores de nutrição e ministradas a adolescentes como práticas escolares para promoção de alimentação saudável.

Palavras-chave: Educação alimentar; Saúde pública; Nutrição; Juventude.

PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS PARA EDUCADORES DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE/UFG) E CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA (CEFET/GO) – UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Autor(es):
Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira - Universidade Federal de Goiás
Maria do Carmo Canto Martins Meloni - Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás

O objetivo deste trabalho é o relato de uma experiência realizada na forma de curso de extensão, desenvolvida com educadores (professores e técnico-administrativos) do CEPAE/UFG e CEFET/GO. A proposta foi fundamentada nas teorias sistêmica e da complexidade e no trabalho das redes sociais e dos vínculos, pautando-se em um modelo de educação para a saúde. Objetivo: capacitar educadores para abordar, de forma aberta, integrada, cooperativa e eficiente, situações do cotidiano da escola associado ao uso/abuso de drogas, visando a construção de projetos de prevenção adequados à sua realidade. O curso ocorreu no período de março a agosto de 2007, em Goiânia, contando com uma parceria formada pela Universidade Federal de Goiás, CEFET e o Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas (PRODEQUI) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Participaram do curso edu-

cadores, coordenadores pedagógicos, assistentes sociais, psicóloga, médica e sociólogo de ambas as instituições. Metodologia: encontros presenciais e semipresenciais com a utilização de livro-texto contendo quatro módulos (adolescência, drogas, prevenção e estratégias de prevenção na escola) CDs e DVDs. Carga horária: 128 horas distribuídas em encontros semanais, acompanhados de discussões fundamentadas em textos especialmente elaborados para este fim. Resultados mudança do entendimento e postura frente às situações vinculadas ao uso/abuso de drogas no contexto educacional. Projetos de prevenção que adeqüem o conteúdo do curso às suas realidades estão sendo desenvolvidos pelos educadores juntamente com outros profissionais de cada escola que, espontaneamente, se agruparam aos educadores responsáveis pelos projetos.

Palavras-chave: Drogas; Prevenção; Adolescentes; Educadores.

REFLETINDO COM A COMUNIDADE ESCOLAR ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA RESPONSABILIZAÇÃO PELA ESCUTA DA REVELAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA E A EFETIVAÇÃO DA DENÚNCIA ÀS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS

Autor(es):
Dorian Mônica Arpini - Universidade Federal de Santa Catarina

Agência financiadora: FAPERGS E FIPE

A confidência de uma situação de violência, freqüentemente, é feita para alguém em quem a vítima confia, na expectativa de que essa pessoa possa abrir um caminho para a saída desse sofrimento. O ponto inicial para combater a violência contra a infância e a adolescência passa por romper os pactos de silêncio. Em vista disso, foi realizada uma pesquisa em duas escolas e uma Unidade Básica de Saúde, objetivando compreender a denúncia nas situações de violência contra a infância e a adolescência, suas problemáticas e os sentimentos associados à revelação e à notificação. A escolha dessas instituições deve-se ao fato de que, em geral, é nesses locais que as vítimas de violência fazem a primeira revelação. Os dados da pesquisa apontaram que, em muitas situações, não ocorreu a responsabilização dos autores, tampouco a proteção das vítimas, uma vez que muitas denúncias não foram efetivadas, e outras, mesmo feitas, não surtiram o resultado esperado. Tais constatações, associadas ao discurso dos entrevistados em relação ao medo de se verem envolvidos na situação, são fortes indicadores dos casos que podem não estar sendo notificados e, portanto, não estejam entrando num sistema de proteção. Diante desse panorama, tornou-se evidente a necessidade de um trabalho de cunho devolutivo/informativo que visava à reflexão da população no que diz respeito à denúncia. Preparou-se, então, uma cartilha com textos essenciais para a compreensão do processo de denúncia e para a realização da notificação. Essa é composta, principalmente, de uma lista de sinais e sintomas, para facilitar a identificação de possíveis casos; apresenta as instituições da rede de proteção e responsabilização para quem se deve fazer a denúncia de tais casos, bem como seus telefones. Esse material pedagógico foi levado às escolas, principalmente àquelas pesquisadas, quando a equipe de pesquisa fez

uma explanação oral acerca da temática da violência, com o objetivo principal de não só trabalhar acerca na importância da notificação de casos de violência contra a infância e a adolescência, mas também motivar a equipe escolar para que ela não se omita diante da denúncia que, privilegiadamente, escuta.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Denúncias.

TRAJETÓRIAS/TRANSIÇÕES PARA A VIDA ADULTA E MOVIMENTOS SOCIAIS

Autor(es):
Geraldo Magela Pereira Leão - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência financiadora: CNPq

Este trabalho é o resultado de um estudo em andamento sobre os processos de transição para a vida adulta nas sociedades contemporâneas e sua relação com a participação juvenil em movimentos sociais. A partir de grandes pesquisas nacionais e internacionais, os estudos sobre os processos de transição para a vida adulta nas sociedades ocidentais procuraram definir as idades médias da conclusão da escolarização, da inserção no mercado de trabalho e da constituição de uma nova família. Tais pesquisas, originadas no continente europeu e mais recentemente desenvolvidas no Brasil, sobretudo pelos estudos demográficos, concentraram-se em estabelecer a relação entre fatores socioeconômicos e atributos pessoais dos jovens (raça, sexo e classe social). Os processos de transição para a vida adulta, segundo demonstram tais pesquisas, se fazem no contexto do acirramento das desigualdades sociais e assumem características muito heterogêneas. Nesse contexto, para além das condições objetivas que ajudam a compreender as diversas modalidades de transição para a vida adulta na sociedade contemporânea, algumas pesquisas chamam a atenção para a necessidade de compreender as trajetórias singulares através de uma perspectiva que incorpore os projetos de vida, motivações, expectativas e aspirações dos sujeitos jovens. Ao olhar as trajetórias de vida dos jovens em suas singularidades, essas pesquisas querem compreender como os sujeitos desenvolvem uma capacidade de ação sobre os seus processos de transição. Nesse sentido, a adesão a movimentos sociais pode ser um fator diferenciador nas trajetórias juvenis aos situar os jovens em relação a determinados valores que servem de referências para a construção de projetos de vida. Além disso, a inserção em uma rede de amigos e de contatos parece também ser um fator a interferir no modo como os jovens envolvidos em ações coletivas fazem suas escolhas e elaboram estratégias de transição para a vida adulta. Assim, por meio da tematização da relação entre as transições contemporâneas e a inserção em movimentos sociais neste trabalho, esse estudo procura reunir elementos que permitam captar o papel ativo dos jovens nos seus processos de transição frente aos limites e possibilidades dadas pelas circunstâncias sociais em que estão inseridos.

Palavras-chave: Movimentos sociais; Trajetórias de vida.

VIOLÊNCIA, JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES A PARTIR DA PESQUISA AVALIATIVA

Autor(es):
Ivany Pinto Nascimento

No segundo semestre de 2007, foi proposta à equipe de Ciências Sociais a criação de uma Comissão de Trabalho e Apoio às Escolas sobre Violência Escolar. A primeira ação dessa equipe foi o levantamento de dados referentes à incidência de violência escolar, utilizando para tanto dois instrumentos de pesquisa. O primeiro, um questionário contendo 24 questões, sendo 22 objetivas, uma de múltipla escolha e uma aberta. O segundo, um cadastro para mapeamento do quantitativo de adolescentes em liberdade assistida, objetivando a construção de um cadastro educativo/social desse adolescente/aluno. O campo da pesquisa delimitado pelo grupo abrangia todas as escolas municipais de Ensino Fundamental, totalizando 50 escolas. Porém, diante das dificuldades, a pesquisa foi realizada em apenas 47 escolas. O trabalho foi norteado pelas categorias "violência na escola" e "violência da escola", as quais nos fazem refletir sobre o papel da escola hoje. O objetivo era identificar a freqüência com que alguns casos de violência ocorrem no ambiente escolar, na perspectiva do gestor da unidade, para posteriormente ampliar a pesquisa para os outros segmentos (alunos e professores), objetivando avaliar a representação social da violência a partir de múltiplos olhares. Identificamos ainda existir um desconhecimento, por parte dos profissionais da escola, em relação às atribuições do Conselho Tutelar, da Vara da Infância e da Juventude e também da Guarda Civil Municipal. Ressaltamos a importância de refletir sobre a ausência ou ineficiência de políticas públicas integradas que consigam pensar na prevenção ao uso de drogas e no combate à violência. O segundo passo é a identificação das várias dimensões da violência, a qual nos apontará quais ações são de fato necessárias e quais parceiros devemos buscar, pois as violências se cruzam e uma ação eficaz só se dá a partir da efetivação das redes de atendimento. Sabemos que a integração não é algo fácil, mas é preciso investir na possibilidade se pretendemos colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, onde o jovem possa deixar de ser visto como "problema social" e ganhe visibilidade na formulação de políticas públicas que de fato o incluam na vida produtiva, social e cultural. Romper com essa ideologia perversa que reserva aos jovens, sobretudo os das classes populares, o estigma de "problema", de "vulnerabilidade", exige de nós um esforço e um compromisso social que dêem conta de superar as desigualdades históricas até então construídas.

Palavras-chave: Violência da escola; Juventude; Escola.

EIXO - Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens

A CONCORDÂNCIA E O RESPEITO AOS DIREITOS DOS ADOLESCENTES NO BRASIL: UM ESTUDO COM POLICIAIS MILITARES DO DISTRITO FEDERAL

Autor(es):
Divaneide Lira Lima Paixao - Universidade de Brasília

Agência financiadora: CNPq

Uma breve análise de como tem sido feito o registro das diferentes formas de se tratar a criança e o jovem no que concerne a sua existência jurídica e cidadã mostra que o tratamento foi extremamente discriminatório e excludente até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990. Importa considerar que nos últimos anos a sociedade brasileira tem se confrontado com os direitos das crianças e dos adolescentes e assumido uma posição ambivalente diante deles. Esse confronto deve-se, consideravelmente, ao suposto aumento da violência juvenil que tem servido de pano de fundo para a forma como os cidadãos mostram adesão e respeito aos direitos dos adolescentes no Brasil. Neste estudo nos propusemos a identificar as representações dos direitos dos adolescentes, entre policiais militares do Batalhão Escolar do Distrito Federal, no que concerne ao grau de concordância e de respeito aos direitos, apoiando-nos na Teoria das Representações Sociais, particularmente na abordagem societal desenvolvida por Doise e colaboradores. As Representações Sociais (RS) são consideradas, nesta abordagem, como princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos e os Direitos Humanos. Constituem-se em objeto de RS na medida em que se ancoram em relações sociais instituídas pelos procedimentos jurídicos nacionais e internacionais e são engendradas por crenças e opiniões amplamente partilhadas e em relação às quais os indivíduos tomam posições. Participaram deste estudo 288 policiais militares do Batalhão Escolar do Distrito Federal, com idade média de 35 anos, os quais responderam a duas Escalas: Concordância e Respeito – sobre os direitos dos adolescentes, composta cada uma de 23 itens correspondentes aos 23 artigos da Declaração Universal dos Direitos da Infância e da Adolescência. Os resultados mostram que os participantes tendem a concordar mais com os direitos das minorias e direitos de proteção e menos com os direitos de liberdade individual e direitos das famílias. Por outro lado, acreditam que no Brasil os direitos das minorias e direitos de proteção são menos respeitados e que os direitos de liberdade individual e direitos das famílias recebem mais respeito. Os participantes tendem a dar respostas socialmente desejáveis em relação aos direitos dos adolescentes, o

que pode estar em acordo com o discurso mais geral sobre os direitos humanos que vem tomando lugar no mundo globalizado.

Palavras-chave: Direitos humanos; Adolescência; Policiais militares.

A RELAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE E O TRABALHO: DIALÉTICA INCLUSÃO–EXCLUSÃO

Autor(es):
Juliana de Castro Chaves - UCG e UEG

Agência financiadora: CNPq

Esta comunicação analisa a relação entre políticas públicas, jovem e trabalho no Brasil. O marco teórico desse debate é a Teoria Crítica da Sociedade, vinculada à Escola de Frankfurt, representada por Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse. O trabalho, inicialmente, integra o binômio repressão assistência dominante nas políticas direcionadas ao jovem. Outra política direcionada ao jovem que também fazia a associação com o trabalho era a de assistência, que procurava sanar as carências do jovem pobre estimulando programas de treinamento que objetivavam sua educação para o trabalho. Concomitantemente, como forma de compensar os problemas atribuídos à pobreza, também foram implantadas as "políticas compensatórias" de combate à pobreza por meio da transferência de recursos aos mais empobrecidos. Por volta de 1988, a nova Constituição Federal promulgada no Brasil instituiu a condição de cidadãos e, portanto, de titulares de direitos, para as crianças e os adolescentes. A política de cidadania surgiu nesse bojo e foi generalizada como modelo na década de 90, tentando romper com o que fora estabelecido até então. Desse modo, os projetos que eram denominados programas de educação para o trabalho foram rechaçados por outra corrente, a da educação pelo trabalho, que se pautava pela concepção de trabalho como princípio educativo sendo o enfoque da pobreza ampliado para o de exclusão social. É nesse contexto que o acesso ao trabalho torna-se um problema da parcela da população economicamente ativa (PEA) e, especialmente, dos jovens. Em 1996, o Serviço Civil Voluntário (SCV), ligado aos Ministérios do Trabalho e Emprego e da Justiça, foi criado com a preocupação de gerar alternativas de qualificação profissional para os jovens. O que marcou as políticas públicas a partir dessa década foi a visão de trabalho tanto como essencial à sobrevivência e ao consumo, quanto como um espaço de socialização, de aprendizagem e de construção da identidade pessoal e grupal, em suma, uma referência básica de inclusão social. Com o intuito de implementar essa política, foi criado em 2003 e modificado em 2004 o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego com duas linhas inter-relacionadas: a da inserção imediata no mercado de trabalho e a da qualificação social e profissional. Desse estudo, pode-se concluir que: a) os governos vêm adotando estratégias diferenciadas na elaboração de políticas que relacionam o jovem e o trabalho; b) as políticas e seus programas terminam realizando a dominação quando estabelecem a dicotomia entre as condições concretas que geram a situação de desigualdade; c) o Estado apóia-se freqüentemente em instituições e, às vezes, nos movimentos sociais para propagar a dominação; e) é importante refletir sobre

a mediação exercida pelas relações de produção para que se possa entender as determinações que podem fazer o trabalho ser hipostasiado como autonomia.

Palavras-chave: Políticas públicas; Juventude; Trabalho; Inclusão; Exclusão.

A RESPONSABILIDADE FRENTE AOS DIREITOS DOS ADOLESCENTES NO BRASIL: UM ESTUDO COM POLICIAIS MILITARES DO DISTRITO FEDERAL

Autor(es):
Divaneide Lira Lima Paixão - Universidade de Brasília

Agência financiadora: CNPq

É notável o número de pesquisas realizadas no Brasil e no mundo que tratam da violência juvenil e seu envolvimento em situações violentas. A violência praticada pelo jovem e contra o jovem adquiriu grande relevância social e tem demandado um posicionamento mais explícito da sociedade diante dos direitos concedidos às crianças e aos adolescentes. Os discursos contra ou a favor da redução da maioridade penal, que acontecem com mais veemência sempre que um jovem comete um crime, revelam o interesse crescente da sociedade pelos direitos destinados aos adolescentes. As discussões em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também são indícios do interesse que este tema tem despertado na sociedade e indicam ainda que os direitos humanos constituem objeto legítimo de representações sociais. Neste estudo nosso propósito foi identificar as representações dos direitos dos adolescentes, entre policiais militares do Batalhão Escolar do Distrito Federal, no que concerne ao grau de responsabilidade frente aos direitos dos adolescentes no Brasil. A pesquisa foi apoiada na Teoria das Representações Sociais, mais precisamente na abordagem societal desenvolvida por Doise e colaboradores. Participaram deste estudo 288 policiais militares, do Batalhão Escolar do Distrito Federal, com idade média de 35 anos, os quais responderam a uma escala de responsabilidade frente aos direitos dos adolescentes, composta cada uma de 23 itens correspondentes a 23 artigos da Declaração Universal dos Direitos da Infância e da Adolescência. O grau de responsabilidade foi avaliado por intermédio das sete instituições e/ou agentes sociais (governo, escola, família, eu mesmo, autoridades jurídicas, voluntários, polícia). Foi realizada uma análise fatorial que se estruturou por meio de três fatores. Um exame dos resultados mostra que os participantes acreditam que as instituições governamentais e sociais têm um papel diferente e maior do que aquele que eles assumem ter na responsabilidade pelo cumprimento dos direitos da família, dos direitos das minorias e dos direitos de proteção. A estrutura fatorial revela ainda que há uma possível relação entre o grupo de voluntários, as instituições militares e os próprios militares no tocante à responsabilidade frente aos direitos dos adolescentes. De um modo geral, os participantes sentem-se implicados com os direitos dos adolescentes e parecem demonstrar um olhar diferenciado no que tange aos direitos de liberdade individual.

Palavras-chave: Direitos humanos; Adolescentes; Policiais militares.

ADOLESCENTES E JOVENS DO BRASIL: PARTICIPAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

AUTOR(ES):
Mario Volpi - Fundo das Nações Unidas para a Infância

AGÊNCIAS FINANCIADORAS: UNICEF, Instituto Ayrton Senna e Fundação Itaú Social

Os políticos e a corrupção são o que mais envergonham os adolescentes brasileiros. Trinta e sete por cento dos jovens de 15 a 19 anos manifestaram essa posição na pesquisa de âmbito nacional realizada pelo UNICEF, Instituto Ayrton Senna e Fundação Itaú Social. O estudo foi lançado em novembro de 2007. Outros temas polêmicos foram citados. A segurança pública também não é motivo de orgulho para 20% dos adolescentes. Da mesma forma, o racismo e a discriminação racial foram apontados por 17% dos entrevistados como responsáveis pelos problemas sociais brasileiros. A pesquisa Adolescentes e jovens do Brasil, sob responsabilidade do Ibope Opinião, tem o objetivo de estimular um processo participativo e contribuir com as ações de promoção dos direitos dessa parcela da população. O Brasil tem 17,9 milhões de habitantes entre 15 e 19 anos. São adolescentes e jovens com alto potencial de participação na vida produtiva, cultural, social e política do País. Diante dos problemas, os adolescentes também buscam soluções. O estudo mostra que 16% deles já participaram ou participam de algum grupo, ONG ou projeto social. Mais do que esperar ações do governo, eles demonstram um desejo de fazer parte do processo de transformação social. Foram entrevistados 3.010 adolescentes moradores de capitais e do interior de todas as regiões brasileiras e 210 indígenas de 15 municípios. Iniciativas de diversas organizações não-governamentais foram citadas na publicação para ilustrar o potencial de participação dos adolescentes em sua comunidade, escola, família, indicando algumas estratégias positivas de transformação social. Os temas levantados pelo estudo também são comentados por especialistas e pesquisadores e complementados por informações oferecidas por outras fontes. Uma dessas experiências – o Programa SuperAção Jovem, do Instituto Ayrton Senna – aplicou o mesmo questionário da pesquisa Adolescentes e jovens do Brasil entre seus participantes. O programa, desenvolvido em escolas públicas brasileiras, procura ampliar as oportunidades educativas e apoiar uma postura participativa dos adolescentes em relação à sua escola e sua comunidade. Mais do que gerar dados estatísticos, Adolescentes e jovens do Brasil inicia um processo de consulta a ser continuado por iniciativas de organizações governamentais e não-governamentais. Os dados apresentados podem trazer subsídios para práticas participativas e políticas de saúde, educação, profissionalização, justiça, cultura e esporte, capazes de proporcionar uma vivência plena da adolescência e juventude no País, com envolvimento das famílias, dos próprios adolescentes e jovens e de suas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Jovens; Participação social e política.

ADOLESCENTES EM PROCESSOS DE EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE SEUS PROJETOS DE VIDA

Autor(es):
Ângela de Alencar Araripe Pinheiro - NUCEPEC/UFC
Delane Felinto Pitombeira - Universidade Estadual do Ceará – FAFIDAM

Este trabalho tem como objetivo a investigação dos projetos de vida de jovens e adolescentes de baixa renda, a partir da análise das possíveis relações entre estes e os processos de exclusão social por eles vivenciados. Buscou-se compreender a inserção dos jovens e adolescentes no cenário das desigualdades do tecido social brasileiro, para, então, discutir algumas das dimensões por eles apontadas na construção de seus projetos de vida. De início, foi realizado um percurso teórico sobre as categorias básicas de análise – exclusão social, adolescência e projeto de vida, tomando como ferramenta teórica de apoio a noção de adolescência a partir da perspectiva sócio-histórica. Paralelamente a essa trajetória, foi realizada uma investigação empírica, de cunho qualitativo, e apoiada no modelo de grupo operativo. Foi formado um grupo de discussão com adolescentes cursando o Ensino Médio de uma escola pública de Fortaleza, a fim de propiciar um diálogo sobre os seus projetos de vida, com enfoque em três dimensões: real, ideal e possível. Ampliou-se, ainda, a noção de projeto de vida individual em direção à categoria mundo, já que a relação intrínseca entre indivíduo-sociedade foi fundamental na concepção empreendida ao longo da pesquisa. Procurou-se, a partir das falas dos adolescentes, identificar as relações entre os seus projetos de vida e os processos de exclusão social, mediante as três dimensões especificadas. Os adolescentes falaram daquilo que para eles era relevante na construção de seus projetos de vida, enfocando possibilidades e impossibilidades, facilidades e dificuldades nessa construção. Os processos de exclusão social surgiram a partir do paradoxo inclusão/exclusão. Assim, ao mesmo tempo que a exclusão apareceu mediante aspectos como a falta de uma educação de qualidade, as impossibilidades de se consumir o que se quer, a restrição de se ter instituições que os apóiem, a ênfase em sentimentos de impotência, ficou evidenciada a relevância das instâncias da família, da escola e das relações de amizade como importantes redes de reconhecimento e pertença social. Nesse sentido, é fundamental ampliar a reflexão sobre a construção de possibilidades de inclusão social dos jovens e adolescentes, bem como acerca dos processos de exclusão por eles vivenciados dentro do cenário brasileiro.

Palavras-chave: Adolescência/juventude; Exclusão social; Projeto de vida.

ADOLESCENTES EM PROGRAMAS DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E A ESCOLA PÚBLICA

Autor(es):
Roseli Esquerdo Lopes - Universidade Federal de São Carlos

Agência financiadora: CNPq

Trata-se da apresentação dos resultados de uma pesquisa que buscou a compreensão das proposições do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do papel da escola e de seus agentes sociais, naquilo que se define como medidas

socioeducativas aplicáveis aos adolescentes que praticaram ato infracional. Investigou-se quantos e quais eram os adolescentes que estavam em programas de medidas sóioeducativas em meio aberto na cidade de São Carlos (SP), no início de 2006; detectaram-se os equipamentos educacionais que tinham esses adolescentes como seus alunos e, a partir do estudo de caso de um deles e do cotidiano dos adolescentes naquelas condições e que estavam matriculados nesse equipamento, tentou-se apreender como esses adolescentes se reconhecem e reconhecem a sociedade em que vivem, especialmente "suas" escolas. Trabalhou-se com: a) questionário aplicado a todos os estudantes de Ensino Médio da escola em questão; b) entrevistas semi-estruturadas realizadas com representantes de órgãos públicos e instituições ligadas à problemática do adolescente em conflito com a lei na cidade e, ainda, com a direção e coordenação escolar; c) oficinas de atividades com adolescentes na escola em estudo, independentemente de estarem cumprindo medidas socioeducativas, cuja temática central foi a violência em geral e na e da escola em particular; d) encontros com os adolescentes que, então, cumpriam medida socioeducativa e freqüentavam a escola foco da pesquisa. Ressalta-se, como conclusões, o grande desconhecimento, por parte da direção escolar e dos professores, do cotidiano desses jovens, o que leva a situações de pré-conceitos, em que muitos dos problemas que surgem com relação aos alunos são logo atribuídos ao fato de pertencerem a uma região pobre e carente de infra-estrutura social da cidade, onde a escola está inserida. Isto parece justificá-los, criando-se um circuito auto-referente que vincula bairro/pobreza/violência ao aluno que está naquela escola, pobre/violento/indisciplinado – fadado ao insucesso ou à exclusão social. Observou-se um quadro em que o ECA é desconhecido e está longe de ser cumprido na escola. Quanto à cidade de São Carlos, apesar de haver um programa de medidas socioeducativas apresentado como modelo nacional, questiona-se o alcance de suas ações naquilo que se refere à articulação da rede de suporte social ao adolescente assistido. Por fim, a escola é uma referência fundamental para os adolescentes em geral, e para os de grupos populares em particular. Infelizmente, nela têm sido discriminados, mal vistos e, inúmeras vezes, expulsos, na maioria delas de forma velada por meio dos mecanismos da transferência compulsória. Se freqüentar a escola tem importância e se torna obrigatório para o adolescente que cumpre medida socioeducativa, é ela que tem o dever de superar suas dificuldades para melhor acolhê-los e educá-los.

Palavras-chave: Adolescência; Medidas socioeducativas; Escola pública.

CONVIVÊNCIA FAMILIAR: TODO JOVEM TEM ESTE DIREITO

Autor(es):
Emmanuela Neves Gonsalves - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho objetiva a explanação de pesquisa desenvolvida sobre convivência familiar nos casos de separação conjugal. A convivência familiar, prevista no ordenamento jurídico vigente, configura-se como um direito de crianças e adolescentes. Entretanto, verifica-se que transformações ocorridas na família contemporânea, decorrentes da possibilidade de estabelecimento

de novos arranjos familiares vêm, por vezes, distorcendo tal direito. No que tange à separação conjugal, é freqüente o estabelecimento da guarda monoparental, a qual favorece a convivência entre o genitor guardião e a prole, ao mesmo tempo que contribui para o afastamento do outro genitor em relação aos cuidados e responsabilidades acerca dos filhos. Compreende-se que padrões fixos de visitação concorrem para que o vínculo entre o genitor visitante, geralmente o pai, e o filho se torne cada vez mais frágil. Alguns pesquisadores e estudiosos das ciências humanas acreditam que a guarda compartilhada, ou guarda conjunta, possibilita a efetiva convivência familiar de ambos os genitores com seus filhos, bem como a igualdade de deveres e direitos referentes ao exercício da parentalidade. No estudo que se desenvolveu, foi empreendida coleta de dados na jurisprudência referente à guarda compartilhada emitida por Tribunais de Justiça de três estados da Federação. O período de emissão da jurisprudência analisada foi de 2003 a 2007, tendo-se optado por julgados que ocorreram após a promulgação do Código Civil de 2002, quando foram instituídas mudanças no que diz respeito à guarda de filhos em caso de separação conjugal. Inicialmente, por meio da análise do material coletado, notou-se em muitos julgados a idéia de que é fundamental que o ex-casal mantenha uma relação harmônica após o divórcio, para que a guarda compartilhada possa ser exercida com sucesso. Além disso, foi possível perceber que, nos tribunais estudados, prepondera o entendimento de que se deve preservar a rotina da criança. Rejeitam, portanto, muitas vezes, pedidos de guarda compartilhada pelo fato de que se alteraria o cotidiano da criança, o que interpretam como prejudicial à saúde psicológica da mesma. Conclui-se que a análise e a discussão de argumentos defendidos e expostos na jurisprudência, principalmente quando se faz alusão ao bem estar e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, podem auxiliar no sentido de indicar questões a serem debatidas entre profissionais dessas áreas de conhecimento.

Palavras-chave: Convivência familiar; Guarda compartilhada.

CRIANÇA E ADOLESCENTE NO BRASIL: PORQUE O ABISMO ENTRE A LEI E A REALIDADE

Autor(es):
Ângela de Alencar Araripe Pinheiro - NUCEPEC/UFC

O objeto do presente estudo assim se enuncia: a dinâmica de circulação, articulação e embates das representações sociais da criança e do adolescente, particularmente no processo de reconhecimento legal dos direitos da criança e do adolescente. Para tanto, um caminho analítico foi traçado, buscando compreender como a criança e o adolescente têm sido pensados no interior da vida social brasileira. Foi, então, procedida a construção de uma teorização, categorizando as representações sociais mais recorrentes da criança e do adolescente. Tal matriz teórico-analítica serviu de fio condutor primeiro de todo o estudo. Em seguida, foi abordado o trato público da criança e do adolescente, tomado como lócus de circulação e de embate de representações sociais- nos espaços governamentais e da sociedade civil – relacionando representações,

espaços e práticas sociais concernentes à criança e ao adolescente, no Brasil dos anos 70 e 80, recorte temporal do período de redemocratização brasileira. A investigação adentra, enfim, em seu universo empírico por excelência, o processo de funcionamento da Assembléia Nacional Constituinte 1987-88, a qual coube elaborar a Constituição Federal de 1988, portadora das inovações, no país, de prerrogativas legais sobre a criança e o adolescente. A análise do material discursivo produzido na ANC 87-88 e seu produto final – CF 88 – levou a constatações centrais sobre a circulação e o embate de representações sociais da criança e do adolescente, analisadas numa dupla direção: o distanciamento, no plano do discurso, entre as produções da Constituinte e o texto constitucional; e, mais, o distanciamento entre a produção constituinte e o pensamento social brasileiro. Por fim, o estudo apresenta uma contextualização do Brasil dos anos 1990 e início do século XXI, tendo como referência analítica a circulação e embate de representações sociais da criança e do adolescente.

Palavras-chave: Criança e adolescente; Representações Sociais; ANC1987-88

EMERGÊNCIA E PERCEPÇÃO DE VALORES NA JUVENTUDE

Autor(es):
Hilário Henrique Dick - UNISINOS

Falando da emergência e da percepção de valores da juventude na atualidade, é necessário partir de alguns pressupostos. Até diria que muito do que penso dizer se situa nesta geografia. Referimo-nos, primeiramente, à questão dos "discursos" que a juventude faz e aos discursos que o mundo dos adultos faz com relação ao tema. Assim como não é fácil falar dos valores dos adultos, na atualidade, da mesma forma não é fácil perceber a novidade que os jovens revelam. Para todos que trabalhamos com jovens e sobre jovens, é um assunto que desafia. Falamos de "emergência" e de "percepção" porque está em questão uma realidade possível passível de aparecer, ou não, e uma realidade que tem condições para ser "percebida", ou não, e até de ser escondida. Estão em jogo dois discursos que, assim como podem ser complementares, correm o risco de ser dois discursos entre surdos. Referimo-nos a possíveis análises de atitudes juvenis proferindo discursos esquecidos da importância de sujar-se no mundo juvenil, mais preocupados com a lógica de sua teoria do que com o que acontece, de fato, no dia-a-dia das mobilizações de jovens e, por outro, discursos tão mergulhados na realidade que a percepção vai além do que realmente está emergindo. Desejo falar de discursos, de "sintomas" de uma cultura, pinçar dados de uma pesquisa, recordar o maio de 1968 e apontar paradigmas presentes nos estudos e nas intervenções educativas junto ao segmento juvenil.

Palavras-chave: Emergência; Percepção; Valores.

INSEGURANÇA E PERCEPÇÃO DAS INCIVILIDADES EM JOVENS NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA

Autor(es):
Luiza Carolina Terra Colman - Universidade Católica de Goiás
Pedro Humberto Faria Campos - Universidade Católica de Goiás
Ronaldo Gomes Souza - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: FINEP

A violência é um fenômeno multidimensional e pluridеterminado que se manifesta em todos os momentos da história da humanidade, desempenhando importante influência nas relações sociais. Assim sendo, a violência constitui um objeto de uma gestão psicológica presente principalmente naqueles que residem nos espaços urbanos. Ela rompe a segurança, facilitando o surgimento de fantasias relacionadas ao irracional que evidencia a desordem da vida urbana. Todos os estudos são consonantes ao constatar que os jovens são a "maior vítima" de atos violentos, portanto os mais vulneráveis à insegurança. Um dos fatores psicossociais determinantes do sentimento de insegurança são as chamadas "incivilidades". O presente trabalho procurou compreender o fenômeno das incivilidades que envolvem jovens de até 25 anos residentes nas cidades de Senador Canedo, Aparecida de Goiânia e Trindade. O termo incivilidade refere-se às freqüentes erupções de desordem, àquelas manifestações de difícil identificação, mescladas no cotidiano das pessoas, sendo compreendidas como as transgressões do cotidiano. Assim, as expressões de incivilidades se dão por quebras de convívio em harmonia que sinalizam uma ruptura com as normas e valores sociais convencionais. As incivilidades são caracterizadas, ainda, por comportamentos desafiadores, pouco organizados, pouco reprovados, raramente condenados, e, principalmente, públicos e muito visíveis. A questão das incivilidades é um tema central na compreensão do fenômeno da violência urbana e as pesquisas sobre as incivilidades assinalam seu vínculo com o crescimento da violência interpessoal, com o desinvestimento ambiental, o pessimismo e descontentamento com o bairro e, em médio e longo prazos, com a violência criminal. Pode-se supor que, neste quadro, as incivilidades constituem a "inimiga" cotidiana das práticas cidadãs, especialmente no tocante aos vínculos comunitários de moradia. No entanto, esta ruptura trazida pelas incivilidades vai além das regras, atingindo também as expectativas em relação à convivência e os pactos sociais que perpassam as relações humanas, questões que são de domínio público desde a juventude. O tema das incivilidades percebidas pelos jovens está associado à desorganização dos espaços urbanos, que denuncia o fracasso desses mesmos espaços em cumprir as promessas de integração social. Ou seja, podemos tomar as percepções dos jovens acerca das incivilidades como representações ambientais de um processo de exclusão. Foram submetidos 400 jovens em cada município. Os resultados indicam que os jovens dos três municípios se sentem significativamente inseguros ao andar à noite em seus respectivos municípios. Porém, as incivilidades percebidas como mais freqüentes são distintas para cada grupo, sendo as "ruas sujas" e o "uso de drogas" comuns; conquanto a alta freqüência de "insultos, agressões verbais" ser destacada em Aparecida, e "vandalismo" e "circulação de pessoas estranhas"

em Senador Canedo. Em cada município aparece uma incivilidade específica como preditora do sentimento de insegurança. A presente pesquisa compõe uma das linhas de um projeto de Diagnóstico da Violência Urbana no Estado de Goiás, financiado pelo FINEP.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Juventude; Insegurança; Incivilidades.

O INFOCENTRO NO ESPAÇO ESCOLAR: UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO OU UMA SALA DE ENTRETENIMENTO?

AUTOR(ES):
Laura Campos de Oliveira e Souza - Universidade Federal de Juiz de Fora
Lélia Dias de Souza - Universidade Federal de Juiz de Fora

AGÊNCIA FINANCIADORA: CNPq e FAPEMIG

O presente trabalho foca a utilização do site de relacionamentos Orkut por alunos de uma escola pública federal de Ensino Fundamental e Médio. Este trabalho originou-se a partir da atuação de duas bolsistas de Iniciação Científica no interior de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo compreender o uso que alunos fazem do computador/internet em seu cotidiano e que sentidos estão construindo em relação ao uso dessas tecnologias no infocentro implantado em sua escola. As bolsistas procuram apontar os primeiros achados do trabalho de campo relacionado ao projeto piloto dessa pesquisa, realizado no infocentro da referida instituição. Como fundamentação teórica utilizou-se a abordagem histórico-cultural, tendo como referencial a teoria enunciativa de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e a teoria da construção social do conhecimento de Lev Semionovitch Vygotsky. Em coerência com essa fundamentação organizou-se a investigação como uma pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural que leva em conta a compreensão do objeto de estudo e de seus participantes. Para a realização deste trabalho de campo foi utilizada como instrumento metodológico a observação do que os alunos faziam no infocentro durante o horário do recreio, antes, durante e após suas aulas. Através das observações realizadas pelas bolsistas, foram expandidas notas de campo, posteriormente debatidas e refletidas no interior do grupo de pesquisa durante suas reuniões semanais. A partir das análises efetuadas discute-se neste trabalho como o infocentro está contribuindo para incluir os alunos digitalmente e quais são as principais atividades executadas por seus usuários nesse ambiente. Observando que os alunos utilizam principalmente o site de relacionamentos Orkut e sites de jogos, acredita-se que o infocentro funciona para seus usuários somente como forma de entretenimento, assemelhando-se a uma lan house e não como um espaço para atividades relacionadas ao estudo das disciplinas escolares e sua aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Infocentro; Orkut; Professor/aluno.

O LUGAR DO PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL NO IMAGINÁRIO DE JOVENS QUE VIVEM NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Autor(es):
Marisa Feffermann - Instituto de Saúde do Estado de São Paulo/SES/SP

A sociedade atual ao mesmo tempo que integra, engendra tendências à dissociação. O crime organizado caracteriza-se pelo uso de violência para garantir o cumprimento de acordos, manter rotina dos negócios e formar uma resistência armada à repressão policial. A dispersão e disseminação do tráfico em São Paulo há alguns anos tomou outras feições, e um dos fatores que interferiu neste processo foi o surgimento do Primeiro Comando da Capital (PCC), organização surgida nos presídios paulistas. As peculiaridades do PCC são sua sede estar constituída no presídio e o contato com outros infratores que estão fora das cadeias. Isso permite a construção de uma rede que quer controlar, em várias regiões, o mundo do crime. Objetivo: investigar quais são as representações sociais que fundamentam a inserção ou a associação destes jovens ao Primeiro Comando da Capital; como esta organização se constitui o imaginário destes jovens, elemento significante da construção de sua identidade. Método: Pesquisa de Campo- observação e dez entrevistas em profundidade com jovens envolvidos com o PCC, trabalhadores do tráfico de drogas e egressos do presídio. Resultado: o poder do PCC, hoje, pode ser avaliado a partir dos depoimentos dos jovens que oscilam entre admiração e medo em relação aos integrantes desta organização. Em entrevistas realizadas com egressos do sistema penitenciário, pode-se verificar que as regras do Estatuto do PCC ficaram para alguns só no papel. Hoje, segundo as entrevistas, não são todos os filiados à organização (PCC) que seguem as regras, o grupo se estendeu muito, e isso impediu o controle dos seus membros. Alguns jovens, entusiasmados com o fama do PCC, ingressam na organização sem ao menos ter lido o estatuto, muitos se dizem integrantes quando, de fato, não são. Conclusão: na juventude, a falta de referência da autoridade, da lei, tem efeito direto. É importante considerar o lugar que esta organização, o Primeiro Comando da Capital, pode ocupar no imaginário destes jovens, considerando enfraquecimento do pacto social e das mediações que possibilitam o fortalecimento das estruturas egóicas, que possibilitariam um maior discernimento e apropriação da complexa realidade que se vive hoje.

Palavras-chave: Juventude; Identificação; Organizações criminosas; Primeiro Comando da Capital.

O OLHAR PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE INSTITUCIONALIZADOS NO ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es):
Fabiana Rosa Martins - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Agência financiadora: UERJ

Esta comunicação visa relatar a experiência vivenciada num projeto com crianças e adolescentes oriundos de Centros de Acolhimento. A partir das intervenções pedagógicas num espaço de educação não-formal, pude ter

conhecimento da relação conflituosa existente entre abrigo e escola. Assim, buscamos problematizar a questão do docente neste contexto para compreender quem eram essas crianças e adolescentes e, assim, desmistificar os conceitos já cristalizados, destacando o papel do educador frente a diversidade no espaço escolar. A partir do momento que o conceito infância mudou, passou a ser vista como um período da vida que precisa de cuidados e educação, e a escola passou a ser entendida como um espaço privilegiado para socialização desses indivíduos. É preciso ficar claro que ao pensar sobre esse sentimento de infância, necessita-se de uma visão crítica, visto que crianças e adolescentes de classes sociais antagônicas não são tratadas da mesma forma. Historicamente a presença da criança/adolescente de classes populares sempre foi vista como uma ameaça à ordem estabelecida, sendo assim objeto das mais diversas intervenções de repressão e controle. O meio utilizado pelo Estado é a internação em instituições, com a finalidade de moldá-los em "cidadãos" produtivos e dóceis, assegurando assim que não se tornem futuros delinqüentes e marginais. Atualmente a finalidade dessas instituições é a proteção, devido ao fato das novas políticas públicas que os atendem em situação de vulnerabilidade social. No entanto, apesar das atuais discussões em que se pontuam os direitos das crianças e adolescentes, o discurso de algumas escolas é que deveriam ter tudo nos Centros de Acolhimentos, isolando-os. Fica evidente que a escola, muitas vezes, é excludente e, em algumas ocasiões, essa exclusão ocorre não no interior, mas na porta de entrada. Diante desse impasse existente essas crianças/adolescentes não lutam somente contra as adversidades e estigmatizações, mas contra todo um maquinário governamental e social que deveria dar suporte concreto de apoio para suas vidas. Assim, destacar a importância do papel do educador na desconstrução desses conceitos no espaço escolar significa quebrar paradigmas, e colocar o sujeito como protagonista da história e não mero coadjuvante de pressupostos.

Palavras-chave: Escolar; Instituição; Educador; Educando.

O PSICÓLOGO ESCOLAR/EDUCACIONAL E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS E JOVENS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Autor(es):
Ádria Assunção Santos de Paula - Externato São José

Agência financiadora: CSRL - Externato São José

No complexo emaranhado de fatores sociais e individuais que nos constituem sujeitos, a educação e a escola têm grande importância na constituição subjetiva de sujeitos autônomos, éticos e transformadores da realidade social excludente em que vivemos, e se configuram como importantes espaços para a inclusão do sujeito na sociedade. Uma escola que se pretende formadora de sujeitos aptos a enfrentar esta realidade e a transformá-la deve ter claros os seus objetivos e os desafios que terá assim como as possíveis estratégias para resolvê-los de forma a proporcionar a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão de todos. O presente trabalho visa discutir e apresentar a atuação do psicólogo escolar/educacional em uma escola do Ensino Fundamental do município de Goiânia. Esse profissional, cuja formação específica torna-o

capaz de lidar com as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, e com aquelas relacionadas às interações sociais, apresenta-se como um sujeito de grande importância na escola, uma vez que possui conhecimentos teóricos e práticos que o habilitam a integrar, de forma interdisciplinar, as equipes que compõem a escola. Nesse contexto, o psicólogo escolar/educacional integra o Conselho pedagógico, e está em constante diálogo com as equipes docente e discente e com as famílias, colaborando para que todos os educandos sejam incluídos no processo ensino-aprendizagem. Para que isso aconteça, esse profissional constrói/coordena projetos de formação continuada com as equipes de professores, funcionários e famílias, promove o estudo e o diálogo sistemático sobre temas referentes ao desenvolvimento, aprendizagem, e sobre estratégias inovadoras que possibilitem o respeito à singularidade do processo de aprendizagem e de desenvolvimento. Dessa forma, contribui para a aprendizagem e o desenvolvimento de cada professor, de cada funcionário e de cada educando e de suas famílias. Além disso, o psicólogo escolar/educacional atua como elo que promove o diálogo entre a esfera administrativa e a pedagógica, colabora para a tomada de decisões abrangentes que favorecem a aprendizagem, o desenvolvimento daqueles envolvidos no processo ensino-aprendizagem, e a efetiva inclusão escolar de todos os sujeitos.

Palavras-chave: Psicólogo escolar/educacional; Desenvolvimento; Inclusão.

PARA ALÉM DO ENSINO MÉDIO: PERCEPÇÕES DE JOVENS SOBRE A POLÍTICA DE COTAS DA UNB

Autor(es):
Danielle Oliveira Valverde - Universidade de Brasília

Agência financiadora: CAPES

Este trabalho insere-se no campo dos estudos sobre juventude, raça, educação e políticas públicas. A partir da década de 90 vemos o Estado brasileiro entrar na arena das discussões, há muito suscitadas pelos movimentos negros, sobre como romper com o ciclo de desigualdades étnico-raciais existentes no país. As ações afirmativas surgem como uma proposta para alterar essa realidade e a educação tem sido um dos campos mais profícuos à implementação desse tipo de política. A Universidade de Brasília (UnB) viveu, a partir de l998, um processo que culminou com a aprovação, em 2003, do Plano de Metas para a Integração Social, Étnico e Racial da UnB, que reserva de 20% das vagas de cada curso para candidatos(as) negros(as). A partir desse contexto, buscou-se compreender a percepção de jovens estudantes do Ensino Médio sobre a política de cotas para negros(as) implementada pela Universidade de Brasília. Procurou-se investigar, ainda, as orientações coletivas dos(as) jovens no que diz respeito às expectativas em relação à universidade, bem como suas elaborações sobre a relação com o seu meio social e com a escola. Realizaram-se oito grupos de discussão com jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas e duas escolas particulares de Brasília e Ceilândia. Os resultados aqui apresentados referem-se à análise em profundidade de dois grupos de discussão, de duas escolas públicas, a partir do método documen-

tário de interpretação desenvolvido por Ralf Bohnsack, cujas bases teóricas encontram-se ancoradas na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim, no Interacionismo Simbólico, na Fenomenologia Social e na Etnometodologia. Na mesma direção de outras pesquisas realizadas com jovens do Ensino Médio sobre essa temática, este estudo identificou que os(as) jovens têm percepções contrárias e favoráveis às cotas. Mas, constata-se que embora haja um dissenso em torno da legitimidade da política, o interesse entre os(as) jovens negros(as) de usufruir dessa nova forma de acesso à universidade é real.

Palavras-chave: Juventude negra; Política de cotas; Ensino Médio.

POR UMA PRÁTICA MICROPOLÍTICA EM PROL DA AUTONOMIA

Autor(es):
Felix Augusto Jacobson Berzins - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência financiadora: PIBIC-UERJ

Um dos grandes desafios que surge ao se refletir sobre juventude brasileira é pensar em novas práticas e novos olhares que façam surgir diferentes caminhos e possibilidades para a juventude que hoje encontra-se marginalizada pela sociedade. Este trabalho propõe refletir sobre adolescentes em situação de risco social que se encontram em um projeto denominado Casa-Lar. O objetivo deste projeto, que tem um perfil diferenciado dentro da rede de abrigamento, é tentar gerar autonomia nos seus participantes. Para participar, o adolescente deve ter uma escolaridade razoavelmente compatível com a idade, e estar em algum estágio ou se interessar por isso. Mas ao longo dos últimos três anos durante os quais tivemos a oportunidade de acompanhar e intervir nesse projeto, percebemos alguns entraves. Nossa proposta é pensar além da já conhecida dualidade presente nos abrigos – tutela x autonomia – e discutir como a prática dos profissionais envolvidos pode ser uma ruptura com os impasses vividos diariamente. O que se percebe constantemente é que a autonomia é entendida por adolescentes e profissionais como uma possibilidade de independência financeira, ou mesmo responsabilidade, mas alguns exemplos recentes demonstram que esse conceito deve ser expandido. Alguns adolescentes, ao completar 18 anos, possuíam algumas tímidas, mas concretas oportunidades de se sustentarem financeiramente, porém não conseguiram sustentar esse lugar. O abrigo deve não somente ser uma via pela qual os adolescentes possam arranjar oportunidades de trabalho, mas também um espaço no qual construam novos modos de subjetivação, singularizando seu modo de existência. Reconhecer isso é declarar, como profissional atuante nesse campo, que a tão almejada autonomia não passa somente por fatores macrossociais como o crescente desemprego, falta de oportunidades, ausência de suporte familiar e social. Essa perspectiva, por mais que seja uma faceta verdadeira da atual realidade desses meninos, se tomada como determinante exclusivo de sua situação, é imobilizadora do trabalho e gera um sentimento de inutilidade e ineficácia do projeto. Porém, o macrossocial não é única, talvez nem a mais determinante, esfera da dinâmica que envolve o desenvolvimento da autonomia. E entendemos que a micropolítica, que representa uma diferente dinâmica e não somente uma mesma perspectiva

reduzida, deve ser levada em conta para romper com o trabalho que se torna cada vez mais burocrático, entediante e ineficaz para todos.

Palavras-chave: Autonomia; Processos de subjetivação; Abrigamento.

PRÉ-UNIVERSITÁRIO E CIDADANIA: A EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA PELA CASA DA JUVENTUDE Pe. BURNIER

Autor(es):
Ana Maria da Trindade - Casa da Juventude Pe. Burnier
Josiane Emilia da Silva - Casa da Juventude Pe. Burnier

Agência financiadora: AJEAS

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do curso Pré-universitário e Cidadania oferecido pela Casa da Juventude Pe. Burnier desde o segundo semestre de 2003, tendo garantido atendimento a aproximadamente 355 adolescentes e jovens. O principal objetivo é oferecer aos jovens condições reais de concorrer em vestibulares e concursos públicos, entre outros, onde os(as) mesmos(as), mediante um processo socioeducativo ancorado nos princípios da Lei Orgânica da Assistência Social, poderão alterar seu cotidiano de vulnerabilidade. O maior desafio da juventude está principalmente depois que a mesma conclui o Ensino Médio. Ela não se sente preparada para enfrentar processos seletivos porque não dispõe de recursos para pagar cursos preparatórios. A maioria mora distante da área central em comunidade de difícil acesso. Em Goiânia, existe grande ausência de projetos destinados à juventude, o que justifica a implementação desta proposta que surge como resposta a esta realidade. O público destinatário deste projeto são jovens da grande Goiânia com faixa etária entre 17 e 29 anos, provenientes de escolas públicas, que vivem em situação de vulnerabilidade social, sendo a juventude empobrecida uma opção desta instituição. O diferencial da proposta está na estruturação de eixos, sendo: Natureza (matemática, física, biologia e química), Sociedade (história, geografia sociologia e filosofia) e Linguagem (português, inglês e literatura). Os conteúdos são construídos tendo como referencial o cotidiano dos envolvidos através de temas geradores, propiciando maior compreensão dos assuntos trabalhados. Esta proposta é complementada com a realização de cine fórum, análise de obras literárias, visitação a locais públicos, grupo de vivência para a elaboração do projeto de vida, campanhas em defesa da vida, entre outros. O direito da juventude é o que perpassa todas as atividades que constituem a proposta. O acompanhado é feito por equipe multidisciplina, na qual o planejamento e a avaliação envolvem educando, educadores e coordenadores que trabalham na perspectiva de garantir a promoção do protagonismo juvenil. Os resultados produzidos pela experiência vão além da aprovação nos processos seletivos; estão ancorados no fortalecimento da cidadania, da consciência crítica, desperta para a importância pela busca de conhecimentos e colaboram para a efetivação de projetos de vida autônomos.

Palavras-chave: Juventude; Pré-universitário; Cidadania

PSICODIAGNÓSTICO COMO METODOLOGIA PARA A NÃO REVITIMIZAÇÀO DE ADOLESCENTES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA SEXUAL

Autor(es):
Viviane Teles Ribeiro Pina - Universidade Católica de Goiás

Segundo Cunha, "Psicodiagnóstico é uma avaliação psicológica feita com propósitos clínicos; portanto, não abarca todos os modelos de avaliação psicológica de diferenças individuais". Trata-se de um processo científico, limitado no tempo, que estuda a personalidade, utilizando-se de técnicas, entrevistas e de testes psicológicos que melhor permitam a obtenção da projeção, sendo este um processo psicológico em que se atribui qualidades, sentimentos, atitudes e anseios próprios, aos objetos do ambiente, sendo estes conteúdos conhecidos ou não pelo indivíduo como pertencentes a ele. Portanto, uma bateria de teste bem organizada tende a oferecer informações que nos deixam mais seguros quanto aos resultados, com a finalidade de elucidar problemas com base em pressupostos teóricos. O psicodiagnóstico no âmbito jurídico é uma prática de um serviço socialmente regulamentado, ou seja, em sua dimensão pública, articula-se com instituições e organizações que se situam fora do conjunto delimitado pelo terapeuta e pelo paciente na sociedade à qual pertencem. Essa articulação começa pela pré-definição institucionalizada dos papéis de cada um dos sujeitos que se engajam na relação. Esses papéis, complementares entre si, definem uma assimetria hierarquizada bidirecional em que, por um lado, um (o diagnosticador/psicoterapeuta) detém o saber especializado, científico, e o outro (o diagnosticado/paciente) é objeto/beneficiário desse saber. Porém, no caso da perícia judicial, existe um terceiro que é o pedido da justiça, muitas vezes inerente à vontade do periciando, em especial das crianças e adolescentes, que determina esta relação como tridirecional. O responsável pelo psicodiagnóstico pertence ao CEPAJ, e atua de acordo com nomeação judicial como perito imparcial. Trata-se de uma experiência única no país, por ser um campo de extensão universitária em que se nomeiam técnicas extensionistas como peritas oficiais e imparciais do poder judiciário, ministério público e rede de atenção.

Palavras-chave: Psicologia; Jurídico; Garantia de direitos.

SOBRE LIBERDADES TOLHIDAS: JUVENTUDE, VULNERABILIDADES E A COMUNIDADE DE CONVERSAÇÃO

Autor(es):
Fábio Pereira Alves - Universidade Católica de Goiás
Vera Lucia Morselli - Universidade Católica de Goiás

Trata-se de um trabalho desenvolvido por uma equipe multiprofissional, de caráter interdisciplinar, junto a jovens que cumprem medidas socioeducativas e suas famílias. Desde o primeiro contato constatou-se que esse segmento é composto de jovens cuja história, hipoteticamente, poderia ser a de qualquer outro que se observa nas escolas, na vizinhança e em diferentes contextos comunitários. Mas, a diferença é que estes já ultrapassaram a linha da transgressão possuem um rótulo a lhes acompanhar em todos os desdobramentos a que estão envolvidos em sua trajetória de vulnerabilidades, situação agra-

vada devido à privação de liberdade a que estão submetidos. No decorrer de sua atuação esta equipe, que a partir de sua experiência já desenvolveu uma alternativa metodológica denominada Comunidade de Conversação que, em síntese, propõe construir o direito a vez, a voz e a escuta, portanto percebeu que este procedimento seria o recurso adequado para orientar o trabalho. Os principais desdobramentos ocorridos em quatro meses de atuação, que ainda se encontra em andamento, constituem o fundamento para demonstrar como se dá a imbricação entre ser jovem, submetido a vulnerabilidades, tolhido da liberdade e que se integra a um espaço conversacional que lhe permite a fala, a escuta e a vez, talvez a primeira, em ser.

Palavras-chave: Juventude; Vulnerabilidade social.

JUVENTUDE, DESAFILIAÇÃO E VIOLÊNCIA

Autor(es):
Richarlls Martins da Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: PIBEX UFRJ

O projeto de extensão e pesquisa Juventude, Desafiliação e Violência tinha como objetivo central investigar o grau de enraizamento psíquico existente nas relações de sociabilidade que os jovens desafiliados estabelecem com a rede de assistência social no município do Rio de Janeiro. Para isso, coletamos a história de abrigamento de 30 jovens que se encontram em cinco abrigos do município, dando-lhes voz, para que narrassem suas visões sobre essas instituições: pontos positivos e negativos, aspectos de proteção ou de vulnerabilidade, conforme suas subjetividades. A intenção foi recolher material que possibilitasse compreender o ponto de vista do usuário do sistema de abrigamento e, assim, propor reflexões sobre modalidades de proteção que os incluam como sujeitos, para: delimitar que tipo de instituição/projeto/, proposta/ação que os jovens nomeiam como abrigo; identificar formas de violência silenciosa que interferem na saúde mental dos jovens e muitas vezes os levam a assumir a violência como uma forma de linguagem interpessoal; reconhecer indicadores de saúde mental e/ou de riscos psicossociais. Com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as formas de internação e privação de liberdade foram alteradas, porém crianças e adolescentes continuam dependentes de instituições, englobadas pelo nome genérico de "equipamentos". Diante dessa possibilidade, tornou-se relevante analisar questões subjetivas que interferem nas relações entre os adolescentes e as instituições que os assistem, entre elas: o desejo de serem vistos como sujeitos de escolhas para os projetos que lhes são dirigidos; as evasões ou conflitos constantes vividos dentro dos abrigos, o que gera um campo de força e resistência por parte dos jovens e seus cuidadores. O projeto atingiu três resultados, prioritariamente, na sua inserção na rede de abrigamento, sendo eles: a confecção de um relatório com as categorias analisadas a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados; subsídio das discussões nas instâncias das políticas sociais e de proteção de crianças e adolescentes e a proposição aos abrigos parceiros de seminários dirigidos aos cuidadores que vivem riscos psicossociais no seu trabalho cotidiano. Esperamos que esta intervenção somada aos

demais estudos que trabalham com esta importante temática possam colocar em análise as práticas instituídas e promover um olhar mais atento para este segmento específico da juventude brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Abandono; Políticas sociais.

EIXO - Jovens: sexualidade e gênero

DADOS PRELIMINARES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PRATICADA CONTRA ADOLESCENTES DE 15 A 18 ANOS DE IDADE NO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA (TO) em 2005/2006: EM FOCO OS CASOS ATENDIDOS PELO PROGRAMA SENTINELA

Autor(es):
Fátima Maria de Lima

A pesquisa justifica-se pela escassez de estudos sobre a violência doméstica, em especial, praticada contra adolescentes nesta região. Nela questiona-se: que tipo de violência doméstica sofre o (a) adolescente? Quem são as maiores vítimas, o adolescente do sexo masculino, ou a adolescente do sexo feminino? E qual o perfil socioeconômico, étnico-racial e educacional das vítimas e dos (as) agressores (as) atendidos pelo Programa Sentinela (2005-2006)? Através da revisão da literatura de autores como: Caminha, Sousa et al; Libório; Rizzini et al;, busca-se definir o que é violência doméstica. E como ela se expressa através da violência física, psicológica, do abuso sexual, da exploração sexual e da negligência. Trata-se uma pesquisa exploratória do tipo estudo de caso. O universo de estudo são 41 casos atendidos pelo Programa Sentinela, hoje denominado Serviço de Enfrentamento à Violência, ao Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, que funciona no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) no município de Araguaína (TO). A coleta de informações foi feita junto ao CREAS, que forneceu os dados trimestrais e semestrais de acompanhamento qualiquantitativo do Programa Sentinela. De posse desses dados foram feitos quadros e tabelas, contendo os dados anuais para visualizar melhor as ocorrências e facilitar a análise. Por fim, os resultados preliminares da pesquisa revelam que no ano de 2005 o programa atendeu 29 casos, sendo que 13 casos de violência foram praticados contra adolescentes do sexo masculino e 16 contra adolescentes do sexo feminino. Já no ano de 2006, o Sentinela atendeu doze casos, sendo que um caso de violência foi praticado contra adolescente do sexo masculino e 11 casos foram praticados contra adolescentes do sexo feminino.

Palavras-chave: Adolescência; Gênero; Sexualidade; Violência doméstica.

(DES)CONFIANÇA E (IN)FIDELIDADE: VICISSITUDES DOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE

Autor(es):
Jacqueline Cavalcanti Chaves - NIPIAC, Instituto de Psicologia/UFRJ; Universidade Estácio de Sá.

Esta comunicação apresenta algumas vicissitudes dos relacionamentos amorosos de jovens em um contexto social caracterizado pelo alto valor atribuído à liberdade individual, pela flexibilização, instabilidade e individualização de regras e normas que regulamentam a vida afetiva-sexual. O trabalho discute parte dos resultados de uma pesquisa-intervenção que buscou divulgar conhecimentos sobre os relacionamentos amorosos de jovens, provocar uma reflexão crítica sobre este assunto, e investigar os conceitos, sentimentos, experiências e dúvidas de estudantes e professores do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. Na análise de conteúdo do material coletado, verificou-se que, para a maioria dos jovens de ambos os sexos, a fidelidade é um elemento necessário ao relacionamento tido como sério, isto é, aquele no qual há envolvimento amoroso, estabilidade e compromisso com o outro. Apesar da fidelidade ao parceiro ser enfatizada no discurso de muitos jovens, a prática da traição é freqüente. Ainda que a infidelidade masculina seja mais comum, as jovens também a praticam. Os jovens justificam a traição como sendo fruto da "natureza masculina", da facilidade de se "ficar com" várias mulheres, da tentação provocada pela exibição de corpos femininos, da vontade de "aproveitar a vida" e da necessidade de "quebrar a rotina" do namoro. No caso das jovens, a traição é justificada como uma resposta ao comportamento infiel ou pouco atencioso ou amoroso do parceiro, e também como uma busca de satisfação de um desejo próprio. Os inúmeros casos de traição permitem questionar a regra da monogamia ainda dominante no imaginário social brasileiro, e pressupor que a infidelidade talvez esteja se tornando o imperativo de reciprocidade – velado ou não – entre vários casais. Do conflito entre o discurso (da fidelidade) e a prática (da infidelidade), o ferimento recai sobre o sentimento de confiança mútua, o qual para ser desenvolvido precisa ter como base a intimidade e a crença na capacidade do outro poder agir com integridade. Ao ser traído ou se sentir (imaginar) traído, o jovem questiona a sinceridade e a credibilidade esperadas e depositadas no parceiro. Além disso, surgem sentimentos de mágoa, ódio, insegurança, e medo (de ser traído novamente, abandonado, achincalhado por outros). Nessa dinâmica amorosa, omissões, mentiras e desconfianças tornam-se comuns e contribuem para a construção de relacionamentos amorosos mais precários e vulneráveis.

Palavras-chave: Relacionamento amoroso; Fidelidade; Confiança; Gênero.

GRÁVIDA DE NOVO! ESTUDO SOBRE NATALIDADE E MATERNIDADES SUCESSIVAS DURANTE A ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS (MT).

Autor(es):
Alcindo José Rosa

Agência financiadora: FSP/USP-SP

Tem-se por objetivo apresentar resultados da tese "Novamente grávida: adolescentes com maternidades sucessivas em Rondonópolis (MT)". Os dados levantados no período de 2000 a 2006, permitiram concluir que o município apresentou características reprodutivas na população adolescente que acompanharam a dinâmica reprodutiva de adolescentes verificada no país, caracterizada, nos últimos anos, pela diminuição da natalidade na adolescência. Em Rondonópolis, o percentual saiu de um pico de 29,3%, ocorrido em 2001, e caiu para 23,8%, em 2006. Também as maternidades sucessivas durante a adolescência estão diminuindo. Sairam de uma situação de pico, 26,8%, em 2000, para 19,0%, em 2006. Em 2000, a razão era de uma adolescente com maternidades sucessivas para cada 3,7 adolescentes na 'primeira maternidade'. Em 2006, a razão foi de 1 para cada 5,2. A diminuição equivalente nas duas categorias refuta a hipótese aventada para a qual a diminuição das primeiras maternidades na adolescência não seria acompanhada pela queda dos percentuais de segunda ou mais maternidades ainda na adolescência. As maternidades sucessivas ocorreram predominantemente entre as adolescentes mais pobres, o que colaborou para que permanecessem com baixa escolaridade. Se com um filho ainda encontravam meios e perspectivas de retornar à escolarização, com dois ou mais, definitivamente afastaram-se e entregaram-se à criação dos filhos e aos afazeres domésticos. A despeito de várias indicações que associam idade da menarca e da iniciação sexual à natalidade na adolescência, encontrou-se que a gravidez em menores de 15 anos contribui muito menos do que comumente é aventado, pois correspondem a apenas 25% das maternidades sucessivas. Nessa proporção, as maternidades sucessivas se correspondem com as maternidades em menores de 15 anos, mas no restante são determinadas por condições que ocorreram após os 15 anos e que estão colaborando para a diminuição de maternidades acima desta idade. Identificou-se também que permaneceu vigoroso o percentual de maternidades em menores de 15 anos e apontou-se que a tendência é que, nessa faixa etária, aumentará a proporção das maternidades em relação às demais maternidades. Esse fenômeno já pôde ser observado no período 2000/2006. Em 2000 tínhamos 1 FNV em menores de 15 anos para cada 7,3 FNV em adolescentes com maternidades sucessivas. Em 2006, 1 para cada 4. Finalmente, a análise dos dados de natalidade permitiu concluir que a redução das maternidades sucessivas na adolescência é um aspecto interno ao fenômeno da redução das taxas de fecundidade total do país, verificada na PNAD/2004, principalmente na população mais pobre e menos escolarizada. Recomenda-se a intensificação das ações de saúde no pós-natal, tendo em vista que as maternidades sucessivas, principalmente as indesejadas, ocorrem em curto intervalo após o parto anterior, acentuando as dificuldades cotidianas e de vida das jovens mães.

Palavras-chave: Natalidade de adolescentes; Maternidades sucessivas.

A (DES)CONSIDERAÇÃO PELA INFÂNCIA E JUVENTUDE: UMA ANÁLISE DOS DIREITOS SEXUAIS DIANTE DAS REDES DE EXPLORAÇÃO SEXUAL

Autor(es):
Carla Simone Beuter - Universidade de Caxias do Sul

Este texto apresenta parte da pesquisa realizada que enfoca a (des)consideração pela infância e juventude através de uma análise dos direitos sexuais diante da exploração sexual. A investigação contextualiza, também, a realidade brasileira, a partir das discussões iniciadas na década de 90, as quais, mediante denúncias, culminaram em 1993 com a instituição da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e, em 2003, com a instauração da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI). A exploração sexual, nesse sentido, (des)considera a infância e a juventude sob a ótica dos direitos sexuais, e a marginaliza sob a condição de gênero. A partir desse contexto, para compreender a dinâmica da violência sexual, foi necessário abordar a relação entre o abuso sexual e a exploração sexual que, mesmo sendo práticas distintas, estão interligadas. A experiência sexual na infância, advinda da violência e da exploração sexual, expõe crianças e adolescentes a riscos e vulnerabilidades, sendo uma afronta ao direito à vida, à saúde e ao desenvolvimento sadio. Esse ambiente não está restrito apenas aos eventos estressores causados pela violência, mas também às pessoas próximas da criança e da adolescente, que estão inseridas nesse contexto, ou seja, a família abusadora e o agressor. Esses, conjuntamente, necessitam de um atendimento especializado. As ações voltadas para o enfrentamento da exploração sexual infanto-juvenil estruturam-se a partir da perspectiva dos direitos humanos, dos direitos fundamentais e da Doutrina da Proteção Integral. Essa mudança não se restringe a alterações legislativas, porque há uma tendência nas decisões judiciais de não dar credibilidade à palavra da criança ou da adolescente vitimizada, colocando-a na posição de sedutora e que se encontra corrompida pela exploração. Embora o sistema de proteção esteja frágil e necessite de mudanças, a consolidação das medidas de enfrentamento parte da necessidade da efetivação das políticas públicas e de uma intervenção de profissionais de diferentes áreas, tais como: Direito, Psicologia, Educação, Saúde e Ciências Sociais, para que, em parceria e atuação construam o objeto de intervenção, e definam, democraticamente e interativamente, os papéis a ser desempenhados construindo a rede de atendimento, para que crianças e adolescentes alcancem a condição de sujeitos de direitos com a efetivação dos direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Palavras-chave: Exploração sexual; Juventude; Direitos sexuais; ECA

A PRIMEIRA VEZ — CONTEXTOS DE INICIAÇÃO SEXUAL

Autor(es):
Pedro Maria da Cunha Moura Ferreira - Universidade de Lisboa

Agência financiadora: Ministério da Saúde

Na nossa cultura a primeira relação sexual é um dos atos mais salientes da história sexual de cada indivíduo, sendo, provavelmente, o que é mais facil-

mente recordado, sobretudo quando aumenta a distância temporal que o separa do presente. O fato de todas ou quase todas as pessoas serem capazes de reportar a primeira vez que tiveram relações sexuais, mostra, desde logo, a importância que lhe atribuem, razão que em si mesma justificaria uma referência própria. Não é, contudo, por ser um ato que dificilmente se apaga da memória, sendo por isso bastante mais fidedigno do que muitos outros, mais suscetíveis de sucumbirem nos corredores do tempo, que se justifica a sua importância. A primeira vez marca também o início da atividade sexual com parceiro. Não se ignora, obviamente, que essa atividade a dois tem antecedentes, outras manifestações e intensidades. Mas nenhum outro ato simboliza de forma tão plena e assumida esse desenvolvimento da sexualidade através do outro. É um marco incontornável da história sexual da maior parte dos indivíduos. A comunicação procura explorar as condições que proporcionam o acesso à sexualidade genital, identificando as resistências que, eventualmente, se manifestem em relação a uma completa convergência de gênero. As condições que serão exploradas podem ser decompostas em dois planos: a) O contexto relacional. Procurar-se-á equacionar o tipo de relacionamento em que a primeira vez ocorre em relação às normas relacionais que se desenvolvem em torno de um ideal da primeira relação, segundo o qual é no interior de uma relação amorosa, preferencialmente de um grande amor, que a primeira vez deverá ocorrer. Mas de que modo a interpretação dessas normas é matizada segundo o gênero? Será que, apesar de cada vez menos, os rapazes continuam a manifestar maior tendência para desvincular os aspectos sexuais dos afetivos, e a mostrar uma preocupação excessiva pelo lado técnico? E do lado feminino, o contexto relacional apresentar-se-á sempre associado a um desenvolvimento de vínculo? b) A relação protegida. Aqui o aspecto a explorar são as condições preventivas em que ocorre a primeira relação. Se o recurso à contracepção permitiu eliminar ou atenuar o receio da gravidez, o uso do preservativo associou-se à prática sexual segura. Perscrutar do ponto de vista preventivo e contraceptivo a primeira relação é também uma forma de avaliar os progressos havidos em matéria de educação sexual, nas atitudes das novas gerações e na forma como negociam e com que paridade o início da atividade sexual com parceiro. A análise basear-se-á nos dados de um inquérito de âmbito nacional a uma amostra probabilística jovens.

Palavras-chave: Juventude; Sexualidade; Relações sexuais.

A INICIAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: EXPECTATIVAS E EXPERIÊNCIAS DA PRIMEIRA VEZ

Autor(es):
Eugênio Benedictus Cassaro Filho

A adolescência é a fase caracterizada pelo amplo desenvolvimento biopsicossocial. Neste panorama vamos destacar a questão da puberdade e suas implicações na sexualidade e sociabilidade. O objetivo é analisar as alterações psicossociais em adolescentes durante o período da iniciação sexual, relacionando teoria e prática. Aspectos como: a participação dos pais na iniciação sexual, o critério de escolha do parceiro (a) e a pressão dos amigos sobre o

momento em que se deve ocorrer a primeira relação. Participaram do estudo 15 adolescentes, sendo sete do sexo masculino e oito do feminino, com idades entre 16 e 20 anos de uma escola da rede pública. Na coleta foi utilizada a observação naturalista e duas entrevistas estruturadas. Resultados: 1) A beleza fundamenta a escolha do grupo masculino, enquanto a personalidade e a beleza oscilam no grupo feminino; 2) Entre ambos os sexos o não uso de método contraceptivo na primeira vez era relatado na maioria das entrevistas; 3) A formação escolar dos pais influencia na postura dos mesmos com relação à educação sexual; 4) Os adolescentes que tinham pais separados, se iniciaram sexualmente mais cedo que os jovens com pais casados; 5) Na maioria das respostas foi constatado o preconceito contra o adolescente virgem. Conclusão: em suma, o assunto da sexualidade e a primeira vez ainda vivenciado pela maioria dos adolescentes como um descompromisso com a realidade, um ato inconseqüente no qual a informação não se concretiza em prevenção.

Palavras-chave: Adolescência; Sexualidade; Afetividade; Iniciação sexual.

A JUVENTUDE NA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA DIVERSIDADE SEXUAL: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO MOVIMENTO LGBTT EM MATO GROSSO

Autor(es):
Bruna Andrade Irineu - Universidade Federal de Goiás

Agência financiadora: CNPq

O presente estudo tem como objetivo investigar as políticas de segurança pública no combate à homofobia em Mato Grosso. Para realização do mesmo, fizemos uso de uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semi-estruturadas com representantes dos Movimentos e Organizações Não-Governamentais (ONG's) Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) e profissionais dos órgãos de combate à violência homofóbica de Mato Grosso. Como resultado, apresentamos neste artigo dados relevantes à discussão de temas como: juventude, movimento LGBTT e homossexualidade. Diante do objetivo da pesquisa, fez-se necessário retomar o processo histórico organizativo do movimento LGBTT regional, verificando, sobretudo, o papel socioeducativo e político-pedagógico das organizações e movimentos LGBTT, bem como suas bandeiras de luta e reivindicações ao longo da história, o processo de institucionalização dos mesmos, suas conquistas e equívocos. Ao traçarmos o perfil socioeconômico e político-cultural de nossos sujeitos, identificamos a presença majoritária de jovens à frente deste movimento no estado; assim problematizamos se há uma relação entre faixa etária, "novas configurações sociosexuais" e participação política no movimento LGBTT. É cada vez mais comum vermos jovens "se assumindo", contudo o índice de homofobia para com a parcela juvenil LGBTT tem crescido conforme o aumento da visibilidade. A rejeição da família, em interface com o fator econômico e o poder que esta instituição exerce sobre o indivíduo aparece como dificuldade nas falas, mas também como fator instigante à inserção nos espaços de militância. Assim, entendendo que os movimentos sociais, enquanto espaços associativos, propiciam através do fortalecimento das ações coletivas de determinado

grupo uma esfera que transcende o caráter organizativo para uma esfera onde se torna indissociável de um papel político-pedagógico, o qual se dá principalmente pelas possibilidades de fornecer elementos aos seus atores para a construção de uma cidadania participativa e emancipada que se efetive pela conquista de direitos através das lutas sociais inseridas no processo histórico, percebemos assim que os movimentos LGBTT, juntamente com outras lutas sociais, podem e devem contribuir para a construção e disseminação de um novo projeto societário respaldado em uma perspectiva de cultura de paz e de alteridade, buscando unidade na diversidade.

Palavras-chave: Homossexualidade; Movimento LGBTT; Juventude.

ABORTO: PENSAMENTO MORAL x ENVOLVIMENTO EMOCIONAL EM GÊNEROS DIFERENTES

Autor(es):
Sílvia Maria Melo Gonçalves - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

O objetivo deste trabalho foi investigar se, em relação ao aborto, o envolvimento emocional com o parceiro interfere no pensamento moral de adolescentes de gêneros diferentes. Participaram 220 universitários, 110 de cada sexo, entre 18 e 22 anos, do Rio de Janeiro(RJ), que declaravam não estar, no momento, namorando. Como instrumento, foram realizadas entrevistas individuais e semi-estruturadas. Foi solicitado aos participantes que se colocassem no lugar do personagem da história que iriam ouvir. Foram apresentadas duas histórias diferentes referentes ao dilema moral de se fazer ou não um aborto. Estas histórias diferiam no modo de se pensar moralmente no problema, partindo-se de um envolvimento mais afetivo e direto (estar namorando) ou não (estar ficando). A primeira história foi apresentada para metade dos participantes, 55 de cada sexo, e relatava o dilema de uma jovem universitária que havia engravidado de seu namorado e, embora eles gostassem muito um do outro, ter o bebê atrapalharia seus estudos e causaria muitos conflitos com seus pais. A outra história, apresentada para cada grupo restante, mostrava o mesmo dilema da universitária anterior em relação a ter ou não um bebê, com a diferença de que esta havia engravidado de um amigo com quem vinha "ficando". Em seguida, foi perguntado aos participantes o que esta jovem deveria fazer. Os resultados encontrados nos rapazes apontaram para uma diferença não significativa em relação às duas histórias: 78,2% (f=43) eram favoráveis ao aborto na primeira história e 87,3% (f=48) na segunda. Em relação às participantes do sexo feminino, encontramos uma diferença bastante expressiva: 32,7% (f=18) achavam que o aborto deveria ser feito na primeira história e 69,1% (f=38) apontaram para o aborto como solução para a segunda história. Os resultados mostraram que as universitárias apresentaram um pensamento moral, em relação ao aborto, muito mais voltado para os envolvimentos emocionais do que os rapazes. Esses resultados corroboram com o pensamento de Gilligan e suas críticas a Piaget e Kohlberg, de que o pensamento operacional, responsável pela capacidade intelectual de se tomar decisões independentes, não representa o ponto mais alto do pensamento moral. Concluímos que o pensamento moral do gênero mascu-

lino se direcionou mais para o raciocínio abstrato do que o encontrado no gênero feminino, que interpretou as situações morais de forma mais voltada para a qualidade das relações do que em termos abstratos.

Palavras-chave: Gênero; Aborto; Pensamento moral.

ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA DE VIDA NAS RUAS: COMPREENDENDO OS SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE E PATERNIDADE EM UM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE/DESFILIAÇÃO

Autor(es):
Daniela Tavares Gontijo - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Estudar sobre crianças e adolescentes que fazem das ruas seu espaço de sobrevivência traz à tona o processo de vulnerabilidade social vivenciado por muitas famílias brasileiras marcadas pela situação de miséria, abandono e violência. Neste contexto, muitos adolescentes vivenciam a sexualidade e a possibilidade ou a experiência de se tornarem pais ou mães, baseados nos valores individuais mas também relacionados às limitações e possibilidades subjacentes a esses processos. O objetivo deste estudo foi analisar os significados de maternidade e paternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas, relacionando-os ao processo de vulnerabilidade/desfiliação discutido por Castel. Pesquisa social estratégica foi realizada de 2004 a 2007 em duas instituições não-governamentais que assistem adolescentes em situação de rua no município de Goiânia (GO). Participaram deste estudo 13 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos que viviam em situação de rua há pelo menos seis meses. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e analisados no Método de Interpretação de Sentidos segundo os temas A Danada da Rua e Pai apóia, mãe é 24horas. De uma forma geral, foi possível identificar como o processo de vulnerabilidade e desfiliação caracteriza e marca a trajetória de vida destes adolescentes. Os processos de significação da maternidade e paternidade são impregnados tanto pelo contexto vivenciado, como também por valores relacionados às relações de gênero consideradas tradicionais na sociedade contemporânea. Assim, foi possível identificar um maior potencial da maternidade como um fator que motiva a adolescente a buscar alternativas para além da vida nas ruas, revertendo a situação de desfiliação social para a de vulnerabilidade, em contraposição ao observado em relação à paternidade para os jovens deste estudo.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social; Gravidez na adolescência.

BULLYING E RELAÇÕES DE GÊNERO

Autor(es):
Marcos Vinicius Francisco - Universidade Estadual Paulista/Presidente Prudente

A escola, diante de suas diversas faces, vem presenciando situações de violência que estão tomando proporções cada vez mais assustadoras em nossa sociedade. Entretanto, uma forma de violência que vem ganhando destaque por meio dos estudos acadêmicos, diz respeito ao fenômeno *bullying*, espe-

cialmente em alguns países. Violência esta que, ocorre através da perseguição e intimidação de um aluno por um ou vários colegas, com a intenção clara de provocar sofrimentos no mesmo, e que apresenta um caráter repetitivo e intencional. Nesse sentido, os objetivos da presente pesquisa foram caracterizar o fenômeno *bullying* dentro das relações de gênero, em termos de freqüência, agressores (as) e vítimas, e idades mais freqüentes de cometimento. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas estaduais de Presidente Prudente (SP), através da aplicação de questionários baseados e adaptados a partir de Olweus (1991) e Elliott, em 283 alunos de 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Os dados, após sua coleta, foram tabulados e submetidos ao teste estatístico no software SPSS, versão 12.0, sendo realizada uma análise em tabelas de distribuição de freqüência, e aplicado o Teste Qui-quadrado para testar associação entre as variáveis consideradas. Com relação a variável "gênero" do agressor e vitimizado tivemos que no geral, 20,8% dos meninos e 20,1% das meninas disseram não ter sido maltratados durante o último ano. E, 16,3% dos meninos disseram ser maltratados só por meninos, enquanto que 10,2% das meninas apontaram ser maltratadas tanto por meninos como por meninas. Quando perguntado aos alunos sobre a freqüência de vezes que eles ajudaram a maltratar os colegas, tivemos em ambas séries das duas escolas, os meninos como maiores causadores dos maus tratos. As questões relativas à idade dos agressores e ao gênero dos vitimizados nos mostraram que os meninos indicaram que os mesmos são mais perseguidos por colegas mais velhos (13,9%), enquanto que 17,9% das meninas destacaram ser mais maltratadas por alunos da mesma idade. Sendo assim, o presente estudo teve a intenção de contribuir para um maior esclarecimento do fenômeno *bullying*, além de acreditarmos que poderemos ter como decorrência deste trabalho à elaboração de projectos que se voltem para o enfrentamento do *bullying* nas escolas participantes da pesquisa.

Palavras-chave: *Bullying*; Violência; Escolares Gênero.

COMPORTAMENTO SEXUAL E VULNERABILIDADE A AIDS ENTRE ADOLESCENTES

Autor(es):
Raquel Farias Diniz - Universidade Federal da Paraíba

Agência financiadora: CNPq

A população jovem é um grupo prioritário para promoção da saúde em todas as regiões do mundo. O levantamento de informações sobre o comportamento sexual associado à vulnerabilidade à AIDS pode subsidiar a implementação de políticas e programas de intervenção direccionados à prevenção. É na adolescência que tem início a actividade sexual. Esta é uma questão importante, pois o sexo desprotegido está associado à gravidez na adolescência e ao risco de doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS. O presente estudo teve como objetivo descrever as características e analisar o comportamento sexual associado à vulnerabilidade à AIDS em escolares do ensino público do município de João Pessoa (PB). Tratou-se de um estudo descritivo de corte transversal. Contou com a participação de 200 adolescen-

tes estudantes da rede pública de ensino, de duas escolas situadas na zona leste, que responderam a um questionário estruturado auto-aplicável. Com a média de idade correspondente a 13 anos (DP=1,2), 42% dos respondentes são do sexo masculino e 58% do sexo feminino. Quanto a exercerem alguma actividade de trabalho, 15% dos respondentes trabalham recebendo remuneração e 18% sem remuneração. 52% dos respondentes são da religião católica e 26% são evangélicos. A avaliação da saúde em geral feita pelos adolescentes deste estudo apresentou-se de forma positiva: 90% dos respondentes relataram saúde de boa a excelente. Em relação ao comportamento sexual, quase metade dos respondentes afirma já ter tido relações sexuais (41%), e a média de idade para a primeira relação é de 13 anos, e o parceiro, 20 anos. O uso da camisinha na primeira relação aconteceu em 27% dos casos. A média do número de parceiros é de três e a maioria afirma ter tido a última relação há menos de um mês (16% da amostra total). Nesta última relação 28% dos participantes afirmam ter utilizado o preservativo. Levando em consideração toda a vida sexual, a maioria afirma ter usado sempre o preservativo. A camisinha é o meio anticonceptivo mais mencionado. Cerca de 5% da amostra relata já ter engravidado, ou a parceira já engravidou, e 4,5% afirmam já ter feito um aborto, ou a parceira já fez um aborto. O referido estudo disponibilizou dados de referência para uma pesquisa prospectiva, que visa acompanhar longitudinalmente possíveis modificações de comportamento da população alvo (inclusive sazonais), nas variáveis observadas.

Palavras-chave: Comportamento sexual; AIDS; Adolescentes.

CRIANDO RUPTURAS ATRAVÉS DE NOVOS OLHARES SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Autor(es):
Félix Augusto Jacobson Berzins - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência financiadora: PIBIC/UERJ

O presente trabalho trata da experiência da realização de uma intervenção em um abrigo para crianças e adolescentes em risco social. Essa intervenção, conduzida pelo referencial teórico-metodológico da análise institucional, nos fez estabelecer um contacto e gerar reflexões sobre um grupo particular desse abrigo: as mães adolescentes abrigadas. Esse grupo é atravessado por duas realidades amplamente presentes na juventude brasileira: a situação de abrigamento e a gravidez na adolescência. Essas duas realidades têm sobre si um grande julgamento moral de nossa sociedade. Muito tem sido falado sobre gravidez na adolescência tanto na mídia como no discurso acadêmico, e em grande parte essa fala tem associado à gravidez nesse período da vida um valor negativo, discutindo-se então políticas públicas para a prevenção desse quadro, na mesma lógica de prevenção a doenças, o que não propicia outros discursos. Por outro lado, a situação de abrigamento também gera um estigma negativo, e a conjugação dessas duas realidades nesse grupo traz alguns conflitos singulares. A partir do momento que nos debruçamos sobre esse assunto, tentamos adotar uma postura e um olhar diferente sobre essas realidades exatamente para possibilitar rupturas tanto com esses estigmas

negativos como com as conseqüências deles. Esse trabalho propõe pensar que olhares e vozes poderiam deslocar a compreensão cristalizada que se tem sobre essa juventude, gerando novos modos de subjetivação, novos modos singulares de existência, saindo do senso comum que acaba por conduzir a vida dessas mães-adolescentes. O abrigo, como um órgão com o objetivo de proteger tanto as adolescentes como seus filhos, deveria ser capaz de exercer essa proteção ao ampliar as possibilidades dessas meninas. Mas a grande dificuldade é exatamente fugir de rótulos tão rígidos a respeito dessas temáticas. O Abrigo poderia ser um dispositivo para que as adolescentes avaliassem de maneira mais segura se realmente querem ser mães, ou então encarar a possibilidade de reescrever sua história e de seus filhos de maneira diferente e segura. A instituição poderia ser um lugar para reconstruir suas escolhas de maneira que não sejam rotuladas nem como irresponsáveis, nem como conseqüências passivas de uma determinação social, mas sim como possuidoras de seu próprio modo de existir. Pensar nessas rupturas tem sido nossa maneira de contribuir para um diferente olhar sobre a juventude brasileira e essas histórias em particular.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Modos de subjetivação; Abrigamento.

GÊNERO E JUVENTUDE NO MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

Autor(es):
Vanildes Gonçalves dos Santos - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agência financiadora: Fundação Ford

No contexto atual a busca pela religião tem se intensificado, embora isso nem sempre signifique uma busca pela instituição, mas pela experiência religiosa. Nas justificativas para esse fenômeno de "retorno ao sagrado" estão vários elementos, desde o desencantamento das pessoas diante de uma modernidade que provoca desejos, mas não consegue resolver todas as necessidades, até a busca por segurança, proteção, diante de uma sociedade que fomenta insegurança, medo e deslocamentos. Nesse contexto, a religião e seus sistemas simbólicos e explicativos são retomados, de modo a ser possíveis respostas para os problemas de um mundo em "desordem". O pluralismo é uma das marcas do cenário religioso contemporâneo, o qual dá margem a uma multiplicidade de escolhas. Entre essas estão os estilos pentecostais. Na Igreja Católica esse movimento teve origem na década de 1960; no Brasil é conhecido como Renovação Carismática Católica e começou a ganhar e/ou conquistar mais espaço e adesão a partir do início dos anos 90, embora o mesmo já esteja presente em solo brasileiro desde o final dos anos 60. Muitos jovens têm aderido a essa experiência de fé, e nessa busca, diversas são as perguntas e angústias que os/as jovens levam consigo, característica própria da idade desses sujeitos. Dentre essas, muitas têm a ver com a identidade de gênero e a sexualidade. A prática da Igreja Católica no que se refere às questões de gênero tem sido marcada por um sexismo que tem pesado mais sobre as mulheres, mas

os homens que não entram no paradigma da masculinidade hegemônica também sofrem duras penas por ser diferentes. Essa instituição religiosa tem ao longo da história construído e mantido paradigma de masculino e feminino. Diante de um movimento que tem como base a doutrina e os dogmas da Igreja e uma leitura fundamentalista da Bíblia faz-se importante perguntar: como estão sendo formadas as identidades de gênero dos jovens que fazem parte desses grupos? Quais são as representações de gênero que são veiculadas na Renovação Carismática Católica, como a juventude as recebe e que implicações isso tem para a sociedade? Como estão sendo formadas as identidades de gênero dos e das jovens que participam da Renovação Carismática Católica, é a temática que está em desenvolvimento no projeto de mestrado em Ciências Sociais, cujo arcabouço teórico tem dado suporte às análises do fenômeno religioso e as relações de gênero.

Palavras-chave: Catolicismo carismático; Juventude; Gênero.

IDENTIFICAÇÃO DE DÚVIDAS DE ADOLESCENTES E JOVENS SOBRE A SEXUALIDADE.

Autor(es):
Grace Peixoto Noronha - Faculdade de Saúde Pública/USP

Agência financiadora: FSP/USP

Buscando aprofundar o conhecimento no campo da sexualidade na adolescência, a partir das experiências de vida dos próprios adolescentes, foi realizada uma pesquisa na qual foram entrevistados jovens na faixa etária de 14 a 19 anos. Objetivo: identificar as dúvidas que adolescentes e jovens têm sobre sexualidade. Método: trata-se de jovens na faixa etária de 14 a 19 anos, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do município de São Paulo. Os estudantes receberam uma folha na qual, sem identificar o nome (apenas sexo, idade e série escolar), formularam uma pergunta sobre o que gostariam de saber sobre sexualidade. O material coletado referente às dúvidas colocadas pelos adolescentes foi classificado segundo categoria de conteúdo e separado por idade, sexo e série escolar. As perguntas foram formuladas simultaneamente em todas as séries dos três períodos escolares (matutino, vespertino e noturno) em um único dia e foi mantida a individualidade nas respostas. Os dados da pesquisa foram transcritos para um banco de dados do programa Microsoft Access. Resultados: A pesquisa apontou que as dúvidas se organizam em diferentes temáticas, tais como as colocadas pela mídia, por exemplo AIDS, DST, virgindade, gravidez, e métodos contraceptivos. Contudo, outras, em grande número, expressam angústias de cunho pessoal como, por exemplo, questões relacionadas ao orgasmo, ao comportamento após a relação sexual, dores na relação sexual, ejaculação e masturbação. As categorias temáticas estiveram presentes nas três séries escolares, porém com prevalências distintas, de acordo com a idade e o sexo. Finalmente, as dúvidas podem ser alocadas em duas categorias de análise: as que expressam suas fragilidades como grupo vulnerável e as que estão alocadas em uma dimensão egóica da angústia pessoal. Conclusão: As dúvidas colocadas pelos adolescentes reafirmam a importância de incorporar duas dimensões no estudo do campo da

sexualidade na adolescência: A primeira é voltada para a compreensão deste grupo dentro de uma rede relacional e assim, responsivo à sua imagem como grupo vulnerável aos agravos à saúde (gravidez, DST, AIDS, drogas), habitualmente mencionados como problemas presentes também nesse grupo social, a outra dimensão tem como objetivo percebê-los na sua individualidade, a partir de suas angústias pessoais e, portanto, compreendê-los como sujeitos histórico-sociais no mundo.

Palavras-chave: Adolescência; Sexualidade; Dúvidas.

INVISIBILIDADE DA JUVENTUDE FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA SOBRE JOVENS E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Autor(es):
Daniela Jardim Strussmann - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência financiadora: FAPERGS

A pesquisa está inserida em um projeto maior, que através de um conjunto de narrativas de jovens acerca de suas experiências de participação social analisa as novas formas de atuação juvenil, buscando identificar quem são e onde estão os jovens que protagonizam práticas sociais. Com o andamento do projeto, sentiu-se a necessidade de constituir um acervo referencial formado por livros que reúnem investigações sobre os temas jovens, participação e educação, além de possuir revistas e artigos priorizando a literatura e os autores brasileiros. Além de analisar em que medida as ações juvenis femininas estão contempladas na literatura do acervo, a pesquisa tem por objetivo dar visibilidade às jovens mulheres protagonistas nos movimentos sociais, tendo em vista compreender sua inserção e engajamento nesses movimentos. Como metodologia, utilizou-se a catalogação dos livros do acervo, classificando-os por assunto, e a análise dos livros (estudos nacionais) catalogados, para verificar se mostram ou não a participação feminina, destacando idéias significativas sobre o foco do estudo. O estudo analisa as obras do acervo, partindo da constatação explicitada por Carles Feixa, autor espanhol que analisa as culturas juvenis contemporâneas, de que até datas muito recentes as imagens sociais predominantes, assim como os estudos acadêmicos, têm visto as culturas juvenis como fenômenos exclusivamente masculinos. Igualmente, pesquisadoras como Jennie Garber e Ángela McRobbie afirmam que a invisibilidade das jovens nos movimentos e produções acadêmicas se assenta num estereótipo cultural gerado por investigadores e informantes masculinos de suas pesquisas, o que redunda em estudos androcêntricos acerca dos jovens. Algumas constatações: foram analisadas 28 obras até o momento; dentre elas 10 fazem uma diferenciação entre jovens homens e jovens mulheres em pesquisas quantitativas e qualitativas; três dão algum tipo de destaque à participação das mulheres em movimentos diversos; três fazem alusão à invisibilidade feminina, compartilhando da problematização da pesquisa; doze não dão destaque especial às mulheres, ou seja, tratam a temática juventude de um modo geral. Podemos refletir que, apesar de reconhecidamente a participação das mulheres no espaço público ter aumentado expressivamente nos últimos anos, ela ainda não ocupa lugar de destaque na literatura sobre par-

ticipação social juvenil, e que alguns estudos já levam em consideração as questões de gênero.

Palavras-chave: Juventudes; Gênero; Participação.

MATERNIDADES SUCESSIVAS DURANTE A ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPÍO DE RONDONÓPOLIS (MT)

Autor(es):
Alcindo José Rosa

Agência financiadora: FSP/USP-SP

As maternidades sucessivas na adolescência constituem uma situação complexa que requer da adolescente a administração de três dimensões que inspiram, cada uma delas, ponderações: o processo de adolescência, a maternidade e a criação de vários filhos, com o agravante de ocorrerem, em nosso país, em contexto de considerável desigualdade socioeconômica. Tendo em vista tal problemática, foi desenvolvida uma pesquisa de doutorado com o objetivo de caracterizar e analisar os contextos reprodutivos, socioeconômicos e individuais de adolescentes com sucessivas maternidades no município de Rondonópolis (MT). Foram selecionadas 49 participantes, usuárias do SUS, com idade entre 15 e 19 anos, com pelo menos um filho nascido vivo e que estavam novamente grávidas. Para a obtenção dos dados foi usado questionário socioeconômico, entrevista aberta e entrevista semi-estruturada, após prévia aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FSP-USP e a devida anuência das participantes de acordo com os termos do TCLE. Outras informações foram obtidas por consultas aos Relatórios do Ministério da Saúde e bancos de dados SINASC e SISPRENATAL. Os dados foram organizados e analisados quantiqualitativamente. Os dados quantitativos oriundos de fontes secundárias e do questionário aplicado foram organizados em tabelas de porcentagem. As respostas obtidas junto às adolescentes nas entrevistas e parte do questionário foram objecto de análise de conteúdo conforme os critérios classicamente aceitos. A dinâmica reprodutiva local mostrou-se consoante com as tendências do país, tais como diminuição da porcentagem de gravidezes entre adolescentes, inclusive, entre aquelas com maternidades sucessivas. Entre as participantes, a primeira gravidez deu-se, em média, aos 15 anos e dois meses, a segunda, aos 17 anos e quatro meses e a terceira aos 18 anos e dois meses. Esse curto período pareceu expô-las às dificuldades quotidianas da criação dos filhos e as impediu de protagonizar outros papéis sociais, como a de estudante e trabalhadora. Assim, se a primeira maternidade pode fornecer sentidos positivos para muitas das vivências das adolescentes e até mesmo colaborou para que construíssem uma identidade – ser mãe – e passassem a ocupar um lugar socialmente valorizado, as maternidades sucessivas pareceram ter contornos menos estruturastes, até mesmo agravando as já precárias condições socioeconômica que as circundavam. Essa situação pareceu igualmente ter impedido-lhes o acesso às "janelas de oportunidades", principalmente aquelas articuladas à escolarização. Concluiu-se que as maternidades sucessivas na adolescência constituem, pelas suas conseqüências, fenômeno diferente ao da primeira gravidez na adolescência. Enquanto

esta se mostrou mais integrada às demandas da adolescente, as maternidades subseqüentes agravaram suas necessidades, multiplicando as situações adversas a elas associadas.

PALAVRAS-CHAVE: Sucessivas maternidades; Adolescência; Desigualdades.

O VIR A SER: ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E GRAVIDEZ

AUTOR(ES):
Maria Cristina das Graças Dutra Mesquita - Universidade Católica de Goiás
Maria Esperança Fernandes Carneiro - Universidade Católica de Goiás
Teresa Cristina B. Siqueira - Universidade Católica de Goiás
Wanderley Azevedo de Brito - Universidade Católica de Goiás

Este artigo tem por objetivo apresentar dados que nos possibilitem a construção de um panorama geral quantiqualitativo da situação socioeconômica e educacional dos(as) adolescentes/jovens brasileiros(as). Entre os problemas sociais dos (as) adolescentes/jovens levantados em pesquisa, optou-se por fazer um recorte na questão da gravidez precoce no Brasil. Procurou-se desvelar o significado de ser adolescente/jovem na estrutura capitalista e na conjuntura da produção flexível ainda que pais, educadores, Estado e suas políticas públicas pareçam ignorar ou minimizar como tem sido difícil, nestes últimos 20 anos, enfrentar esta fase. Os dados mostram o agravamento da condição juvenil reproduzida pela degradação socioeconômica e pela decadência da educação. Nesta pesquisa fez-se a opção pelo método dialético na perspectiva marxista do materialismo histórico. O método dialético trabalha na direção da pesquisa quantiqualitativa que possibilita apreender o movimento do real, que vai do empírico ao abstrato, do simples ao complexo, do abstrato ao concreto, da análise à síntese e vice-versa, para se chegar ao concreto pensado, que permite a aproximação da interpretação da totalidade. A referência para desvendar o problema em questão será a perspectiva da unidade da práxis, que esta posta nos estudos do materialismo histórico, o que significa dizer que as contradições em foco são produzidas e serão compreendidas na própria sociedade capitalista. Os discursos e práticas educacionais, fundamentados nos requisitos do mercado, ao se concentrar ao redor dos objetivos como "o desenvolvimento de competências", a produção de "capital humano" ou a busca de instrução individualizada, reduzem a formação educacional à aquisição de um meio circulante. Este modelo educacional transfere ao próprio sujeito a responsabilidade pela sua formação, conferindo-lhe *status* privado, que não passa de um valor de troca. Nesta perspectiva, a formação tanto educacional quanto para a sexualidade constituem-se em mercadorias. Portanto, a educação que deveria ser o lugar por excelência da preparação de adolescentes/jovens para o espaço público, torna-se mero lócus de formação da força de trabalho/mercadoria.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Educação; Gravidez precoce.

SEXUALIDADE E SUA ABORDAGEM NA ADOLESCÊNCIA COM JOVENS DO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO SUL-SC

AUTOR(ES):
Cristiana Silveira Mira - Faculdade de Psicologia de Joinville

AGÊNCIA FINANCIADORA: ACE

Percebendo-se necessidade de conhecimentos sobre os temas sexualidade e adolescência, decorrente deste momento da vida, além de disponibilizar informações corretas, é que foi proposto o presente trabalho aos jovens do município de São Francisco do Sul. A saúde dos jovens tem um significativo impacto no desenvolvimento social; por outro lado a sociedade precisa realizar ações no combate aos problemas que a falta de informação e orientação causam à manutenção e promoção da saúde dos mesmos. A sexualidade se manifesta em todas as etapas do desenvolvimento humano, mas é na adolescência que o indivíduo se volta às práticas afetivo-sexuais, onde o jovem com o corpo formado passa a ter condições efetivas de assumir o exercício de sua vida sexual. O adolescente vivência um período de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por mudanças biopsicosociais; é uma etapa onde ocorre o crescimento fisiológico, amadurecimento psicológico e este assume novas responsabilidades no âmbito social. O novo horizonte que se mostra ao indivíduo é permeado por restrições sociais que delimitam suas iniciativas e experimentações, tanto no campo afetivo-sexual quanto na sua atuação frente à sociedade como cidadão. Considerando que a educação sexual das crianças realiza-se simultaneamente através dos comportamentos e ações dos pais, agentes sociais, amigos, professores e vários outros veículos que estão inseridos em nossa cultura, é necessário trabalhar questões da sexualidade na escola, pois em muitos casos os responsáveis não conseguem transmitir as orientações por meio de um diálogo aberto. Também deve-se considerar que a história da sexualidade não ligada a tabus e desvinculada da função puramente reprodutiva ainda é recente, e apesar de homens e mulheres terem conquistado uma maior liberdade no campo sexual, o enfrentamento de situações ligadas a este tema ainda causa muito constrangimento. Deve-se considerar que a aprendizagem acontece num processo dialético, que as pessoas ao expressarem sua sexualidade, transmitem ensinamentos, conceitos, idéias e tabus. Assim também a mídia tem influência direta no cotidiano de todas as pessoas, trazendo informações, anúncios de campanhas, cenas provocantes nas novelas, instigando nestes adolescentes curiosidades, fantasias, desejos que podem levá-los a comportamentos de riscos resultando em marcas que permanecerão por toda a sua vida, como por exemplo, uma gravidez não planejada, ou ainda uma contaminação por doença sexualmente transmissível. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano básico. A saúde sexual é a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Juventude; São Francisco do Sul.

SEXUALIDADE, GRAVIDEZ ENTRE JOVENS E EDUCAÇÃO ESCOLAR: A ABORDAGEM DO TEMA EM ESTUDOS ACADÊMICOS.

AUTOR(ES):
Fábio Henrique Gulo - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP
Vagner Matias do Prado

Esse estudo baseia-se na análise de como a discussão sobre sexualidade entre jovens é abordada em trabalhos acadêmicos, provenientes de diferentes instâncias e campos de pesquisa. Trata-se de um estudo comparativo entre algumas obras, que visou analisar saberes, conceitos e abordagens presentes nos discursos de pesquisadores que tratam da sexualidade juvenil. Em uma observação inicial, constatou-se que as principais questões no tocante à sexualidade dos adolescentes giram em torno das DSTs e da "precocidade" atribuída à gravidez e à maternidade. O amplo interesse nesses temas, alvos de grande parte dos estudos científicos sobre a sexualidade juvenil, demonstra uma aparente inquietação, que provavelmente está além das discussões acadêmicas, abrangendo também parcela significativa de diversas instâncias e instituições sociais. Para se proceder à análise mais aprofundada da discussão, após levantamento feito nas diversas bibliotecas da universidade onde a pesquisa foi realizada, foram selecionadas quatro obras, o que possibilitou a construção de algumas categorias de análise, através da apreciação transversal dos conteúdos, realizada com base em recortes e cruzamentos do material coletado e de sua separação por temas. Partiu-se do pressuposto teórico de que os pontos em que os enunciados se cruzam e interpenetram devem ser entendidos como seus "centros organizadores", cujos significados tratam do meio social que envolve os indivíduos e, nessas obras, foram observados dois aspectos expressivos: a preocupação com as práticas consideradas "irresponsáveis" da sexualidade na juventude, condenadas pelos pesquisadores e justificadas a partir de possíveis conseqüências; e a concentração das principais discussões nas instâncias da saúde e da sociologia em contraposição ao número menos expressivo de abordagens que envolvessem aspectos específicos da área da Educação. Esses resultados demonstram a ênfase nas conseqüências negativas da prática da sexualidade entre jovens e a escassez de investigações, sobre essa temática, que sejam efetivamente articuladas à análise do funcionamento e da estrutura organizativa da educação escolar. Questiona-se nesse estudo, não a importância de se abordar tais temas nas diversas áreas do conhecimento, mas o evidente desinteresse de seu foco nas discussões sobre a educação, visto que também existe a necessidade de se entender as dinâmicas ente os atores nas instituições de ensino e o modo como significam e julgam a sexualidade dos jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Juventude; Educação; Escola; Estudos acadêmicos

SIGNIFICAÇÕES DA PARENTALIDADE DE ADOLESCENTES-PAIS EM MEDIDA DE LIBERDADE ASSISTIDA

Autor(es):
Dina Mara Cestari - Universidade de Brasília

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo compreender as significações sobre a parentalidade – prática de ambos os pais com os cuidados corporais e psíquicos do bebê, de adolescentes do sexo masculino, em medida de liberdade assistida. O enfoque teórico é psicanalítico, articulando-se com autores da psicossociologia francesa e da terapia familiar sistêmica. O estudo foi desenvolvido a partir da participação da pesquisadora, em um projeto de intervenção-pesquisa, que atendeu adolescentes em conflito com a lei e suas famílias, como parte da medida de liberdade assistida, em uma instituição do Distrito Federal. A pesquisa priorizou a análise de entrevistas individuais, semidirigidas, realizadas com 11 adolescentes que viviam a experiência de ter gerado um filho. Como fonte de dados complementares foram utilizadas entrevistas com familiares e com profissionais responsáveis pela execução da medida socioeducativa, observação participante e análise dos prontuários de registro dos atendimentos dos adolescentes. Por meio da análise construtivo-interpretativa das entrevistas, foram elaboradas cinco zonas de sentido sobre a vivência da parentalidade desses adolescentes, assim denominadas: o filho como parceiro do processo de resiliência do adolescente; a paternidade como um processo sistêmico e construído no contexto da família; a nostalgia do "pai presente" na concepção de pai do adolescente em conflito com a lei; o desamparo como herança transgeracional e conflitos entre adolescência e parentalidade. A análise revela que o filho emerge como fator de proteção contra os comportamentos de risco do adolescente-pai, como vetor de transformações positivas, de inclusão social e fonte de esperança e de inspiração para a elaboração de projetos de vida esquecidos ou, até então, inexistentes. Os resultados indicam que a parentalidade para os adolescentes em conflito com a lei não se configura apenas como um fator adicional de risco, mas desde que compartilhada e amparada, pode tornar-se uma experiência gratificadora e capaz de mobilizar remanejamentos psíquicos importantes e reparadores. A análise dos depoimentos e a aproximação com a realidade dos serviços a eles oferecidos evidenciou a fragilidade das redes de apoio psicossocial e a falta de projetos sociais destinados ao cumprimento das medidas socioeducativas e protetivas, conforme preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O estudo conclui que o projeto de ser pai torna-se paradoxalmente estruturante para os adolescentes em conflito com a lei, no contexto de pobreza e de exclusão social, na medida em que passa a significar um projeto de vida por meio do qual se configura uma possibilidade de requalificação e de esperança face ao desamparo afetivo e social que predomina em suas vidas.

Palavras-chave: Adolescente em conflito com a lei; Parentalidade.

EIXO - Juventude, escola e trabalho

A CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – AS EXPERIÊNCIAS DO PROEJA EM GOIÁS

Autor(es):
Maria Margarida Machado - Universidade Federal de Goiás
Miriam Fábia Alves - Universidade Federal de Goiás

O presente projeto tem como eixo central investigar as experiências de educação para jovens e adultos, implementadas por centros federais de educação tecnológica de Goiás, a partir do Decreto Nº 5.840/06, que instituiu o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Uma das dificuldades na construção da educação para jovens e adultos no Brasil, enquanto política pública, tem sido a necessidade de responder a um vácuo existente nas propostas curriculares de distanciamento com o mundo do trabalho. Embora no Plano Nacional de Educação (PNE) e na LDB-9394/96, esteja explícita a necessidade de vinculação do ensino fundamental para jovens e adultos à formação para o trabalho, isto não tem ocorrido na prática. Assim, pensar as categorias relacionadas ao trabalho na Educação de Jovens e Adultos implica na desmistificação de concepções alienantes que colocam os sujeitos na condição de meros reprodutores. O lugar do trabalho na vida do jovem e adulto precisa ser onde ele se realiza, enquanto produtor de si mesmo e de cultura. Esta pesquisa acompanha, há um ano, seis experiências do PROEJA no estado, buscando contribuir com a reconfiguração do currículo dos cursos oferecidos a jovens e adultos. Pesquisadores participaram de atividades acadêmicas com a temática educação e trabalho e de intercâmbio com outras instituições de ensino superior envolvidas nas pesquisas; revisaram a literatura sobre a temática da pesquisa; acompanharam e continuam acompanhando em loco a execução dos cursos nas unidades de CEFETs e Agrotécnicas de Goiás que atuam no PROEJA. Da investigação realizada até o momento, constatou-se a falta de formação apropriada dos professores que atuam nas unidades da pesquisa, para atuar na EJA, embora todos tenham nível superior. Em função disso foi criado um curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, com seleção pública que conta com 90 professores de escolas federais, estaduais e municipais que atuam em EJA e educação profissional. Outra estratégia de aproximação da pesquisa com os professores do PROEJA foi a organização de momentos formativos, como seminários, e a criação de três sítios na internet que são utilizados como fonte de informação e formação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Currículo integrado.

A DEMOCRACIA NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA:ALAVANCA DE PROJETOS DE FUTURO

Autor(es):
Artemis Augusta Mota Torres - Universidade Federal de Mato Grosso
Nanci Fatima Schneider Miculis - Universidade Federal de Mato Grosso

Neste estudo investigaram-se as condições em que a relação professor-aluno desperta o interesse pela continuidade dos estudos. Recursos teóricos da Psicanálise possibilitaram caracterizar como potencializadora das vontades dos jovens e, portanto, democrática a relação pedagógica que seja capaz de produzir confiança, sensação de liberdade e compromisso. A pesquisa foi realizada nas 3ª séries do Ensino Médio para perceber se a relação pedagógica influencia na escolha de futuro dos jovens. Foram utilizados diversos procedimentos metodológicos: observações; conversas informais; questionários de múltipla escolha e entrevistas com professores e alunos de Ensino Médio, em escolas públicas. Nesta pesquisa buscou-se identificar se no seu contexto escolar e na relação com seus professores, os jovens conseguem vivenciar uma relação da ordem da autonomia, aberta para a aceitação do outro como legítimo na relação e, portanto, para o compartilhamento da diversidade. Essa capacidade tanto de mediar o conhecimento, incentivar e acreditar que são capazes de aprender e alcançar seus objetivos é reconhecida nos discursos dos alunos. No entanto, ninguém pode fazer por eles, precisam buscar. Isso reveste a função de quem ensina de uma importância singular, para a Psicanálise. Não se focalizam os conteúdos, mas o campo relacional onde o aluno apreende, sejam quais forem os conteúdos. Conforme investigações realizadas com os jovens e seus professores, entre os fatores que contribuem na relação pedagógica encontram-se a formação dos professores e, principalmente, o incentivo e a atenção que direcionam aos alunos por meio de conversas, aulas participativas, solicitação e orientação de pesquisas e leituras extraclasses. Observa-se que mais de 90% dos jovens entrevistados afirmam gostar da maior parte dos professores. Outro dado importante, quando questionados sobre a razão de estarem na escola, é que a resposta quase unânime (96%) é a mesma: "para ter um futuro melhor". Os jovens entrevistados associam a conquista de um futuro melhor com o seu ingresso na universidade e esse parece ser um incentivo que aumenta as expectativas positivas para enfrentamento dos desafios futuros. Eles atribuem, ainda, a qualidade do ensino e da escola à competência de seus professores. Portanto, evidencia-se que o processo transferencial nas escolas pesquisadas tem sido positivo, o que leva a supor que a relação pedagógica tenha características democráticas.

Palavras-chave: Jovens; Educação; Democracia.

A ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS DE BAIXA RENDA GERANDO PROJETOS DE VIDA ALTERNATIVOS

Autor(es):
Alba Cristhiane Santana - UCG/UEG

O objetivo do presente estudo foi compreender qual a relação entre a escolha profissional e as expectativas frente aos projetos de vida de jovens de baixa

renda, que estudavam em uma escola pública de excelência, na cidade de Goiânia. O trabalho fundamentou-se em uma perspectiva cultural de desenvolvimento humano, segundo a qual os contextos culturais participam ativamente na definição de trajetórias de desenvolvimento. O término do Ensino Médio, por exemplo, é um momento em que o jovem é socialmente pressionado a fazer escolhas fundamentais. A escolha profissional é uma dessas, sendo percebida nesse estudo como um processo complexo, que abrange significados produzidos ao longo de todo o curso de vida do sujeito e do qual a escola participa de modo ativo. O trabalho foi desenvolvido com três grupos, com 10 componentes cada, envolvendo alunos de Ensino Médio, sendo 18 do sexo feminino e 12 do masculino, com faixa etária entre 14 e 18 anos. Foram realizados 12 encontros com cada grupo, nos quais foram utilizadas dinâmicas envolvendo: debates, questionários, discussão de filmes e de letras de música, jogos teatrais e análise de diversas profissões. Os resultados assinalaram: (a) pouco investimento em planejamentos futuros e projetos de vida, com predomínio de uma visão acrítica dos processos envolvidos; (b) a ação circunscritora do contexto socioeconômicos, que contribui na geração de baixas expectativas dos jovens em relação ao futuro; (c) a força da posição social atribuída e assumida pelo jovem de baixa renda, que dificulta a escolha de profissões com elevado status social; (d) o fato de que a escola investigada, sendo vista como de excelência, fortalece em seus alunos a crença de superação dos limites, contribuindo para ampliar as possibilidades de escolha profissional, e os horizontes de seus projetos de vida, na busca de caminhos alternativos.

Palavras-chave: Escolha profissional; Projeto de vida; Adolescentes.

A FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE ADOLESCENTES: OS ADOLESCENTES EXISTEM NA EJA?

Autor(es):
Analise de Jesus da Silva - Universidade Federal de Minas Gerais

Este texto tem por objetivo apresentar considerações tecidas em 2002, quando concluímos a pesquisa de mestrado intitulada Relações entre Formadores, Professores e Adolescentes: de objectos no Labirinto a sujeitos da Educação, por meio da qual objetivávamos investigar a existência ou não da abordagem dos sujeitos adolescentes educandos da EJA durante o licenciamento de seus professores na graduação. Nossa pesquisa discutiu as relações entre formadores, professores e adolescentes da formação inicial à prática na Educação Básica, em especial, no trato com educandos da modalidade Educação de Jovens e Adultos, entre os 14 e os 18 anos de idade. A primeira consideração que se destaca é a quase inexistência da abordagem das vivências dos adolescentes nas práticas dos formadores. A ausência de conteúdos que discutam esse momento do desenvolvimento humano revela uma negação da importância do estudo de suas vivências específicas. A segunda delas é a forte identificação entre a concepção de educação adoptada pelos formadores e suas manifestações na prática pedagógica deles. Foram entrevistados 36 formadores, 24 professores e 16 adolescentes. Os adolescentes estudam

com os professores que estudaram com os formadores. As manifestações que aparecerem, aqui, são a relação que os formadores estabelecem com os licenciados, a concepção que os formadores têm de formação de professores, o grau de inserção dos formadores no processo da Educação Superior. E são, em grande medida, resultantes da concepção educacional adoptada pelos formadores, da não exigência de formação didática e/ou de vivências com aquelas etapas educacionais pelos formadores, pela inexistência de uma política de formação continuada e até mesmo de espaços pedagógicos e físicos que facilitem as práticas coletivas dos formadores. Constatamos escassez de bibliografia concernente a adolescentes, adolescentes pobres, formação inicial e continuada de formadores da Educação Superior, como, também, de bibliografia que trate da relação entre estes temas e entre os sujeitos envolvidos neles.

Palavras-chave: Formação de professores; Adolescentes na EJA.

A RELAÇÃO ENTRE AS TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PARA A JUVENTUDE E A RACIONALIDADE DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Autor(es):
Juliana de Castro Chaves - UCG e UEG

Agência financiadora: CNPq

Neste trabalho são discutidos alguns estudos empíricos que fizeram a conexão entre as tendências da educação da juventude existentes no Ministério da Educação e do Trabalho e a racionalidade predominante na sociedade atual. Seu objetivo é tentar compreender a racionalidade que orienta a formação do jovem em algumas instâncias educacionais, analisar se essa racionalidade propicia a formação para a autonomia e discutir as contradições da formação que enaltecem a individualidade e a potencialidade de ser autônomo e livre. A base teórica que sustenta essa discussão é a Teoria Crítica da Sociedade, vinculada à Escola de Frankfurt, representada por Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse. A vinculação entre educação e trabalho não é atual. Em tempos anteriores, essa relação se justificava por criar condições para que a própria pessoa se adaptasse à lógica da produção e do consumo. O capitalismo contemporâneo surge com uma racionalidade que valoriza as potencialidades do indivíduo e, mais especificamente, a capacidade de pensar, de ter contato com os afetos e de ser autônomo. Por volta da década de 1960, essas transformações fortalecem a noção de revalorização do trabalho que incentiva a articulação entre educação e trabalho com o objetivo de proporcionar a força de trabalho qualificada, a formação de cidadãos produtivos, tendo como base um novo tipo de qualificação profissional ou de competência. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação apresentam claramente tanto a intenção de formar força de trabalho qualificada como fator estratégico na elevação da competitividade quanto de atender as demandas postas pela mudança no *modus operandi* do capital e da produção por meio da formação de cidadãos produtivos. No Ministério do Trabalho, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico também incluem a concepção de revalorização do trabalho associada à reconceituação do perfil

de qualificação profissional centrada na noção de competências, entendida como capacidade do sujeito e não como desempenho a ser definido objetivamente, em termos operacionais. Essa semiformação combina condições objetivas e subjetivas e favorece a formação de uma subjetividade massificada, instrumental e reificada. Dessa forma, o culto à subjetividade e, particularmente, à administração dos afetos, indica uma perspectiva que inclui o homem, mas exclui o sujeito, isto é, resgata a subjetividade para poder assujeitá-la, coloca o afeto em pauta para poder instrumentalizá-lo. Essa preocupação com a ampliação da capacidade do sujeito trabalhador é um artifício para a sustentação do capital e para o predomínio do trabalho heterônomo.

Palavras-chave: Formação; Trabalho; Juventude; Capitalismo.

ADOLESCÊNCIA E O BLOQUEIO OU DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: QUESTÕES EMOCIONAIS?

Autor(es):
Ana Karina Fachini Araujo
Elaine Teresinha Dal Mas Dias - Universidade Nove de Julho
Flávia Andréa Velasco Pennachin - Universidade Nove de Julho

O presente trabalho é fruto da experiência em atendimentos clínicos de adolescentes encaminhados pela escola, para avaliação multidisciplinar envolvendo os campos da Neuropsicologia, Psicologia e Fonoaudiologia, com queixas de dificuldades ou bloqueios de aprendizagem. A Neuropsicologia realiza a avaliação do desempenho intelectual, por intermédio da Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC III) e da atenção e traços de hiperatividade com um instrumento informatizado de atenção contínua (CPT). Na avaliação fonoaudiológica os critérios são para linguagem oral e escrita, números e memória. A psicológica faz uso de entrevista, Técnica do Desenho e do Teste de Apercepção Temática (TAT) e o Teste das Fábulas, direcionando-se às questões emocionais relacionadas ao desenvolvimento e aos pontos de fixação que podem estar vinculados à inibição intelectual. Em 90% dos casos avaliados nada é encontrado no que concerne aos aspectos neuropsicológicos e fonoaudiológicos. No entanto, os aspectos do desenvolvimento emocional aparecem como possíveis indicativos da dificuldade ou bloqueio da aprendizagem. Sabe-se que a adolescência é um período de transição, que pode ser entendida como um processo de desenvolvimento com características específicas, dentre elas, a busca de si mesmo e da constituição da identidade. As modificações corporais somadas às psíquicas trazem ao jovem uma sensação de estranheza e incerteza, por não se reconhecer mais como criança mas, também, ainda não se ver como adulto. A constituição desta nova identidade envolve o desenvolvimento afetivo, o sexual e o intelectual, que mobilizam todos os recursos internos. Qualquer dificuldade ou bloqueio que apareçam anteriormente a esta fase podem corresponder, neste momento, a um rebaixamento da auto-estima, da curiosidade e da motivação e esses, diretamente à inibição da aprendizagem. Tal constatação tem sido muito comum no processo de avaliação ao qual os adolescentes são submetidos. Dessa constatação surge a indicação para que o adolescente inicie a psicoterapia, com intuito

de resgatar os pontos de fixação que podem estar ligados à infância, período em que a criança inicia sua curiosidade sobre o mundo. Este trabalho do psicólogo pode favorecer a maturidade emocional e a recuperação da confiança em si. Tal processo abre a possibilidade de diálogo do adolescente consigo mesmo e com os recursos que dispõe para enfrentar as dificuldades circunscritas a esta etapa de desenvolvimento, além beneficiar o fortalecimento da estrutura egóica do indivíduo.

Palavras-chave: Adolescência; Aprendizagem; Psicologia.

ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS E ESCOLARES DE JOVENS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA DA FIOCRUZ

Autor(es):
Cristina Araripe Ferreira - Fundação Oswaldo Cruz

Agência financiadora: CNPq/FAPERJ/FIOCRUZ

A temática juventude tem ocupado lugar de destaque nas políticas públicas voltadas para este segmento, na medida em que há um quadro de grande desigualdade e de fragilidade dos jovens frente ao sistema educacional e ao mercado de trabalho. Desta forma, a juventude surge como período preocupante e uma etapa de escolhas, momento em que se aprende a tomar as primeiras decisões e a arquitetar projeto de trajeto (Pais,1993). Este projeto é constituído a partir da questão de se saber em que medida os jovens, ao refletirem sobre o futuro, conseguem, ou não, imaginar um projeto de futuro e qual o papel dos condicionantes do espaço social ou da escola na construção de projetos, das escolhas profissionais e de carreiras acadêmicas ou científicas. Nesse sentido, este trabalho vincula-se à necessidade de saber sobre as expectativas dos jovens ligadas à iniciação científica na medida em que o conjunto das pesquisas sobre juventude ressalta a importância de ampliar o debate sobre a passagem para a vida adulta. Cabe ressaltar que o presente trabalho é fruto de uma pesquisa maior que analisa trajetórias escolar e profissional e escolhas feitas na passagem para a vida adulta, a partir do estudo de jovens de nove escolas púbicas, três privadas e três centros comunitários, que participaram do Programa de Vocação Científica (PROVOC), desenvolvido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz, no período de 1986 a 2007. Nesse sentido, esta pesquisa buscará caracterizar o universo de jovens que passaram pelo PROVOC, descrevendo suas expectativas, seus projetos de futuro e motivação para ingressar na iniciação científica, bem como estudo qualitativo da trajetória desses jovens, entendendo que o programa é um dos contextos socializadores a que os jovens se encontram sujeitos. O estudo objetiva identificar as semelhanças e diferenças entre os jovens nas definições surgidas no decorrer e após a passagem pelo Provoc. Torna-se essencial num primeiro momento investigar o ethos que se relaciona com o universo de jovens que participam do programa. Para o exame das trajetórias busca-se contrapor as condições e as expectativas depositadas nos jovens, evidenciando diferenças relacionadas à escola de origem, ao posicionamento da família, dos pares, e do próprio contexto de pesquisa no qual se inserem. No contexto mencionado, reconhece-se a ausência de trabalhos sobre jovens

inseridos "precocemente" em contextos socializadores como programas de iniciação científica. Pouca atenção tem sido dada às ações e aos contextos de educação não-formal que envolve a formação para a carreira acadêmica e cientifica (Tabak,2002). Considerando o panorama apresentado acima, essa proposta muda o olhar para o grupo social adolescentes ou jovens para o de juventude como processo social, com o intuito de realçar o modo como neste período estão se delineando as carreiras escolar-profissional e amorosa (Galland,1997).

Palavras-chave: Trajetória profissional; Iniciação científica; Carreiras.

AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS DIANTE DE UM PROGRAMA DE INICIAÇÃO PROFISSIONAL

Autor(es):
Luciana Neves Loponte - PUC/SP

Agência financiadora: CNPq

Os cursos profissionalizantes e os programas governamentais voltados à formação profissional têm como objetivo possibilitar aos jovens sua inserção no mercado de trabalho. Mas o destino desse jovem é o mercado de trabalho? Essa é a vontade, a expectativa, a pretensão ou até mesmo o motivo que os leva a procurar cursos profissionalizantes? O presente trabalho apresenta os resultados de investigação feita durante um programa voltado à iniciação profissional, sobre as expectativas de uma amostra de jovens estudantes sobre o futuro. Para o recolhimento das respostas foi elaborado um instrumento de pesquisa com os seguintes objetivos: a) verificar o que esses jovens pensam ao procurar um curso de iniciação profissional; b) o que eles pretendem ao concluir esse curso; c) quais suas expectativas em relação ao seu futuro profissional. Os resultados encontrados mostram que a maioria dos alunos nesse caso procurou o curso com o objetivo de, ao final, ter uma profissão. No entanto, os resultados demonstram que os jovens pretendem seguir fazendo outros cursos profissionalizantes. Conforme os resultados encontrados, a maioria dos alunos não pretende ingressar imediatamente no mercado de trabalho, mesmo tendo procurado por um curso profissionalizante e estando prestes a conclui-lo. Dessa forma, parece oportuno discutir a relação entre as expectativas dos jovens e as políticas de educação profissional. O objetivo de tal estudo foi o de dar início a uma análise crítica da relação: estado, escola, educação profissional e juventude, no âmbito das reformas e programas de ensino profissional, com base nos interesses da juventude a respeito de sua trajetória entre a escola e o futuro. Os conceitos que embasam tal estudo são: juventude, formação, educação, instrução e tecnologia.

Palavras-chave: Juventude; Ensino profissional; Escola de Fábrica.

BULLYING: VIOLÊNCIA OCULTA

Autor(es):
Michela Martins de Souza - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Agência financiadora: Centro de Pesquisa do CES/JF

O bullying é um tipo de violência que ocorre principalmente no contexto escolar. É caracterizado por um conjunto de comportamentos agressivos dirigidos geralmente a uma mesma pessoa. Tais comportamentos se destacam por meio de agressões físicas e/ou verbais, exclusão, gozação, apelidos e humilhação de um ou mais alunos contra outros. A vítima típica do *bullying* normalmente é a que possui um estereótipo diferenciado dos demais colegas. Isso se destaca pela estatura, peso, modo de se vestir, raça, condição social e o rendimento escolar, dentre outros. A maior parte dos indivíduos que estão nessa categoria, acabam se isolando ainda mais e sofrendo as agressões inicialmente de forma passiva. O *bullying* pode ser caracterizado como violência oculta, justamente pelo fato das agressões passarem despercebidas diante dos profissionais da escola, que acabam encarando o fato como "brincadeiras normais da idade". O objetivo da presente pesquisa foi o de detectar se havia a ocorrência do fenômeno *bullying* nas escolas públicas e particulares e de fazer ainda uma comparação entre a incidência nas mesmas. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo quantitativa descritiva e qualitativa por meio de questionários padronizados, direcionados a alunos da quinta a oitava séries do Ensino Fundamental e aos professores dos mesmos, no município de Juiz de Fora, no ano de 2007. Nas escolas públicas houve uma maior participação e colaboração, visto que nas escolas particulares os alunos foram mais omissos em responder algumas preguntas e até mesmo em participar da pesquisa. A rede pública teve participação de 209 alunos e 15 professores. Já a rede particular teve 101 alunos e 9 professores. Para tanto, contamos com a participação de duas escolas públicas e duas particulares, visto que de três escolas privadas que participariam houve uma desistência no momento da aplicação dos questionários. Com a finalização da pesquisa, foi concluído que o fenômeno *bullying* tem ocorrido nas escolas públicas e particulares, com algumas variações nas respostas dos questionários.

Palavras-chave: *Bullying;* Escola; Violência; Alunos.

CARACTERIZAÇÃO DA INSERÇÃO NO TRABALHO INFANTIL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP)

Autor(es):
Renata Maria Coimbra Libório - Universidade Estadual Paulista/Presidente Prudente

Agência financiadora: CNPq

Segundo o último relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicado, o trabalho infantil, realizado por crianças e adolescentes vem diminuindo significativamente nos últimos anos. No entanto, no município de Presidente Prudente (SP) percebemos a escassez de trabalhos científicos que buscassem um diagnóstico local e que pudesse ser comparado com as

informações nacionais e internacionais. Com isso, através de parecerias realizadas entre Universidade e comissões locais comprometidas com o fim do trabalho infantil e a contemplação de um financiamento pelo CNPq, estamos realizando um estudo que busca trazer elementos significativos com relação ao número de crianças e adolescentes que realizam alguma atividade que pode ser consideradas como trabalho informal urbano/rural e serviço/trabalho doméstico, assim como freqüência, remuneração, entre outros aspectos. Para tanto, adotamos os seguintes métodos: foram selecionadas 10 escolas públicas, sendo cinco estaduais e cinco municipais, para a realização da pesquisa. A seleção das escolas foi feita utilizando os seguintes critérios: a) escolas que estão localizadas em regiões com maior número de encaminhamentos à Secretaria de Assistência Social, notificados como trabalho infantil; b) indicadores de família com rendimento de até um salário mínimo. No total, participaram 702 sujeitos que encontravam-se na época regularmente matriculados entre a 4ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Foi utilizado um questionário contendo 61 questões, na maioria de múltipla escolha. Para a análise das informações foi utilizado o software estatístico SPSS, versão 14.0. Do total, participaram 48,0% de sujeitos de sexo masculino e 52% do feminino. A grande maioria dos respondentes estavam na faixa etária que vai dos 10 aos 14 anos (92,2%). Com relação a etnia temos: a) branca – 37,2%, b) negra – 10,7%; c) parda – 47,7%; d) amarela – 2,1%; e) indígena – 1,9%. Quando questionados acerca da ajuda dada aos serviços domésticos temos que 40,6% afirmam que, de alguma forma, colaboram. Algo interessante é que 49,1% alegam gostar de realizar essas atividades, 31,3% às vezes e apenas 19,6 não gostam. Entre os motivos que os levam a realizar atividades laborais aparecem em grande freqüência "ajudar meus pais que chegam cansados do trabalho" (64,1%) e "pra aprender fazer o serviço de casa". Quando realizamos a pergunta "Você trabalha?", 20,8% afirmam que sim, 65,8% não e 13,2% às vezes. Cabe ressaltar que muitos dos que responderam afirmativamente a questão anterior, consideraram atividades domésticas realizadas em sua própria casa. Nosso intuito é apresentar algumas análises mais complexas de freqüência e cruzamento de informações com a finalidade de contribuir no campo das discussões do trabalho realizado por crianças e adolescentes num município de médio porte.

Palavras-chave: Trabalho infanto-juvenil; Caracterização; Exploração.

COMUNICAÇÃO EDUCATIVA E FORMAÇÃO DOCENTE: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DIÁLOGOS

Autor(es):
Luciana Lobo Miranda - Universidade Federal do Ceará

Agência financiadora: COELCE e UFC

A expansão generalizada da mídia trouxe uma nova configuração da comunicação e das interações humanas, colocando-a como presença constante na estruturação e explicação da vida social, desempenhando um papel educacional relevante. Neste contexto, docentes encontram-se, geralmente, despreparados para a utilização das novas tecnologias de comunicação como

potencializadoras do processo de ensino-aprendizagem com jovens. A Comunicação Educativa (CE), como abordagem a ser trabalhada no cotidiano escolar, envolve tanto a análise crítica como a apropriação dos meios, compreendendo a mídia como objeto temático de intervenção educativa, através da leitura, da análise e da produção de produtos comunicacionais, em seus aspectos estético, pedagógico e político. Fruto da articulação entre um projeto de extensão e dois grupos de pesquisa de uma universidade pública, secretarias municipais de educação de três municípios, uma empresa privada e uma ONG no Ceará, foram implantados, em três escolas públicas de diferentes municípios, laboratórios de CE. Durante três meses alunos e professores receberam formações específicas. O curso visou, com base em cada contexto escolar envolvido, suscitar a reflexão acerca dos processos pedagógicos cotidianos, bem como incentivar a produção de comunicação com trinta professores das localidades envolvidas. Realizado em oito módulos, que versaram sobre temas, tais como processos educacionais e comunicacionais, juventude contemporânea e novas tecnologias, relações escola e mídia, o curso totalizou 60 horas/aula e foi desenvolvido com base em círculos de conversa, trabalhos em grupo, oficinas de produção, vídeos, webradio, blog, fotografia, leitura de textos e aplicação destes conhecimentos em sala de aula. Os laboratórios de CE nas Escolas foram equipados com computador com acesso à internet, impressora, câmeras fotográfica e filmadora, mesa de desenho, dentre outros. O presente trabalho tem como objetivo analisar a experiência do curso DEC. Como resultado, pode ser observado: reflexão das dificuldades enfrentadas pelos docentes; professores e gestores mais sensibilizados para discussão e uso das mídias no cotidiano escolar e a criação de estratégias metodológicas audiovisuais articuladas ao conteúdo curricular. Verificou-se, ainda, a dificuldade de parte do corpo docente e gestores em trabalhar na participação e co-responsabilidade dos jovens na gestão dos laboratórios de CE.

Palavras-chave: Educação; Mídia; Formação de professores.

DIDÁTICA E JUVENTUDE: UM ESTUDO A PARTIR DA PARTILHA DE SABERES ENTRE JOVENS E PROFESSORES

Autor(es):
Analise de Jesus da Silva - Universidade Federal de Minas Gerais

Apresentamos síntese de resultados de pesquisa que investigou significados atribuídos por jovens estudantes, com idades entre os 14 e os 24 anos de idade, pobres, às ações desenvolvidas por seus professores no cotidiano escolar, que se desenrolam em sala de aula, e são denominadas por estes como "práticas pedagógicas inovadoras", em escolas do turno da noite, na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, no Programa Escola Plural, que ofertam a modalidade Educação de Jovens e Adultos. Essa questão central emerge da afirmação de professores de que o jovem estudante não adere ao emprego de aulas inovadoras. Numa abordagem de pesquisa qualitativa, foram entrevistados 44 sujeitos jovens estudantes pobres e quatro professores desses jovens, no Ensino Fundamental. Realizaram-se entrevistas individuais e coletivas; aulas dos quatro professores foram observadas e analisadas. Também foi realizada

análise documental de material solicitado à Secretaria Municipal de Educação, aos estabelecimentos de ensino e a grupos de pesquisa, e seus resultados foram incorporados nesta pesquisa. Dentre os achados desta investigação, dois se destacam: a quase inexistência da abordagem das vivências dos sujeitos jovens estudantes pobres no contexto geral das escolas onde esta pesquisa se desenvolveu e o elevado número de jovens estudantes que não pertencem a coletivos, quer culturais, esportivos ou religiosos. Apontando em resposta à questão central destacamos duas possíveis considerações. A primeira é que, em sua grande maioria, os jovens entrevistados aderem às "aulas diferentes". A segunda consideração é a existência, não de um, mas de vários significados atribuídos pelos sujeitos jovens. Tais significados são mobilizadores desses sujeitos em relação à vivência das práticas pedagógicas inovadoras propostas por seus professores.

Palavras-chave: Jovens estudantes; Inovação pedagógica; Didática da juventude.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA EM PRÉ-ADOLESCENTES E ADOLESCENTES

Autor(es):
Josiane Magalhães - Universidade do Estado de Mato Grosso
Marcelo Luis Grasi Beck

Agência financiadora: FIDIPEX/UNEMAT

O presente trabalho propôs-se a efetuar uma pesquisa das percepções a respeito das dificuldades encontradas na aprendizagem da leitura e da escrita, segundo as percepções dos alunos. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Canarana (MT) e os sujeitos da pesquisa foram 30 alunos da II fase do II ciclo do Ensino Fundamental. com idade entre 09 e 14 anos. Grande parte dos alunos investigados reside em fazendas ou sítios distantes da cidade e necessitam de transporte escolar para chegar até a escola, tendo dificuldades para fazê-lo no período de chuvas. A grande distância que esses alunos precisam viajar para chegar até a escola aumenta o cansaço, porque o transporte escolar leva até duas horas para chegar à escola. Os alunos chegam à escola cansados e com fome. A pesquisa teve por objetivo geral identificar e analisar as diferentes causas das dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita, e por objetivos específicos identificar: as dificuldades encontradas pelos alunos para ler e escrever; o motivo de os alunos apresentarem resistência à leitura e à escrita de textos; o porquê de os alunos não perceberem a importância da leitura e da escrita; as razões de os alunos lerem e não entenderem o que leram e de ter dificuldades para escrever; identificar e analisar os principais aspectos das dificuldades dos alunos quanto ao exercício da leitura e escrita. O estudo embasou-se nos referenciais teóricos de Vygotsky e, principalmente, Emília Ferreiro. Para efetuar a pesquisa foi elaborado um questionário, composto por oito perguntas abertas, formuladas em função dos objetivos propostos na pesquisa. Os resultados mostram que os alunos não vêem importância na leitura, considerando-a uma atividade difícil de ser aprendida e cansativa; o vocabulário empregado pelos escritores é de difí-

cil compreensão; os textos são desvinculados da realidade, muitos extensos, complicados e causam desânimo; a leitura oral causa nervosismo, gerando erros e aversão pela leitura. Na escrita, suas dificuldades estão em por suas idéias no papel, em escrever textos coerentes, com idéias claras, coesas e centralizadas num assunto. Isso causa apatia e desinteresse para se expressar por meio da escrita. Pode-se concluir pela necessidade de implantação de projetos de leitura e escrita que proporcionem às crianças um maior envolvimento com leituras de textos interessantes, significativos, que venham a formar o verdadeiro leitor e conseqüentemente, um bom construtor de textos

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem; Leitura e escrita.

ESCOLA E FUTURO: AS REPRESENTAÇÕES DE JOVENS DE ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA

Autor(es):
Maria Madalana Gracioli - FESP/UEMG

Estudo realizado em duas escolas públicas da cidade de Franca (SP): uma, de Ensino Médio, localizada na parte central da cidade; a outra, de Ensino Fundamental e Médio, localizada em bairro periférico. A pesquisa foi realizada por meio de questionários respondidos por 112 jovens, entrevistas e grupos focais. A maioria dos alunos afirma que gosta de estudar e prefere estudar a trabalhar. Verificou-se que a quase totalidade das respostas relaciona-se em sua maioria com a gestão de oportunidades, uma vez que estudar tanto é visto como responsabilidade pessoal quanto como motor das oportunidades futuras. Os que afirmam não gostar de estudar alegam que na verdade ninguém gosta de estudar e se estudam é porque é necessário; consideram estudar cansativo e estressante, preferem fazer outras coisas e não têm paciência com o aprendizado. Essas afirmações constituem casos isolados, pois, a quase totalidade garante que é comprometida com os estudos, na medida em que entendem que o estudo possibilita um futuro melhor e que objetivam a aprovação em exames vestibulares. Novamente, observa-se a preocupação com o futuro; a escola se constitui em valor de apropriação, de condições para definição de objetivos e projetos de futuro. O porquê estuda também se associa ao trabalho e à projeção do futuro: para ter um futuro melhor, entrar mais facilmente no mercado de trabalho, ser alguém no futuro. Estabelecem pouca relação entre os conteúdos que aprendem na escola e sua aplicabilidade no trabalho; alguns afirmam que nada daquilo que aprendem na escola é acrescentado ao seu trabalho, afirmando precisar de fato no dia-a-dia, de alguns conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, especificamente, ler, interpretar textos e fazer contas. Entretanto, as regras de convivência como o respeito e a educação foram os itens mais citados. Com relação ao que aprendem no trabalho e incorporam na escola, as respostas indicam os valores humanos de respeito ao próximo, paciência, calma, simplicidade, humildade, responsabilidade e a capacidade de compartilhar e de trabalhar em grupos. É incontestável que existe uma estreita relação entre educação e sociabilidade, no sentido de formação integral do indivíduo, e que a educação pressupõe, necessariamente, a comunicação, a transmissão e a aquisição de conhecimentos, crenças, valores,

hábitos e sociabilidade. No entanto, a sociabilidade que a escola transmite expressa a preocupação da burguesia com um acúmulo de capital cultural que precede a escola – uma vez que tem início no espaço familiar – mas é nela que acaba sendo depositada a responsabilidade pela formação do cidadão.

Palavras-chave: Jovens; Escola; Futuro; Trabalho.

JOVENS DE ESPAÇOS POPULARES E A UNIVERSIDADE PÚBLICA

Autor(es):
Herbert Santana Garcia Oliveira - Universidade Federal do Amazonas
Iolete Ribeiro da Silva - Universidade Federal do Amazonas

Agência financiadora: Conexões de Saberes/PROEXT

Com a finalidade de compreender as representações sociais que jovens, moradores da Vila do Puraquequara, possuem a respeito da universidade pública e de analisar como estas representações podem influenciar a relação destes com a universidade, realizou-se esta pesquisa. A Vila do Puraquequara, localizada em Manaus (AM), é a comunidade de menor renda per capita do município e seus moradores possuem dificuldades de acesso a educação, transporte, saneamento e serviços de saúde. Utilizou-se o aporte teórico-metodológico da Teoria das Representações Sociais e os procedimentos de associação livre e entrevistas individuais semi-estruturadas. O roteiro de entrevista contou com itens de identificação e itens voltados para a apreensão das RS dos participantes acerca da universidade. A associação livre foi realizada a partir de palavras-estímulo relacionadas ao termo universidade. Participaram da pesquisa 14 jovens, com idades variando entre 18 anos e 25 anos, que já haviam concluído o Ensino Médio ou estavam concluindo. A análise do material proveniente da associação livre de palavras e das entrevistas gerou as categorias de análise: Universidade, Vestibular, Estudante Universitário, Greve, Professor Universitário e Universidade no Bairro. Os resultados apontaram quatro subcategorias relacionadas à categoria universidade: Concepção, Exclusão, Mobilização para Inserção em Universidade, Formação/Profissão. A universidade foi concebida como um local que tem ensino avançado, que deveria ser ocupado por estudantes de escolas. Muitos jovens demonstram o desejo de ingressarem na universidade e relatam que a formação de nível superior poderia melhorar sua vida profissional. O vestibular é visto como a grande barreira e o cursinho é considerado etapa obrigatória da escolarização. A maioria dos jovens acredita que são os únicos responsáveis pelo "fracasso" ou "sucesso" escolar. O estudante universitário é percebido como um vencedor que chegou a um lugar almejado por muitos e alcançado por poucos. Para 1/3 dos jovens a greve é um sinal de resistência e luta pela melhoria da universidade pública. Outro 1/3 acredita que a greve prejudica a todos e que os problemas poderiam ser resolvidos de outra forma. Estas RS tendem a reforçar/legitimar a responsabilização e conseqüente culpabilização do jovem pobre, na medida em que ele passa a considerar que se não entrou na universidade é porque não foi capaz. Pode-se concluir que para os jovens entrevistados há um grande distanciamento entre eles e a universidade pública. Esta representação de "sonho tão distante", decorrente de uma construção social, deve ser transformado dentro

do meio popular, através da educação e do cumprimento dos direitos, reiteradamente negados, de acesso a uma educação pública de qualidade.

Palavras-chave: Universidade; Acesso; Representações sociais; Jovens.

JOVENS E ESCOLA: TRAJETÓRIAS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Autor(es):
Iara Salete Caierão

Este trabalho trata de trajetórias, sentidos e significados que os jovens constroem no Ensino Médio. Parto da constatação de que os estudantes que chegam a esse grau de escolarização se deparam com vários desafios que emanam de uma matriz negativa e negativizante: o desconhecimento dos jovens e suas juventudes. Em decorrência disso os estudantes são vistos e tratados na limitada, parcelar e efêmera condição de aluno, ignorando-se o que está além desse papel, um ator social, um sujeito, um trabalhador. A fundamentação teórica e metodológica ancora-se nos densos estudos realizados atualmente por pesquisadores, em sua maioria latinos, comprometidos em dar visibilidade aos sujeitos jovens e às suas intensas e ricas trajetórias de vida dentro e fora da escola. O grupo dos sujeitos da pesquisa foi formado por jovens estudantes de duas escolas públicas de Ensino Médio, sendo uma da periferia (a escola do Bairro) e outra situada na zona central da cidade (denominada escola da Avenida). A coleta dos dados deu-se a partir de observação participante, diálogos com os estudantes nas salas de aula, grupos de diálogos e entrevistas individuais, além de um questionário de questões objetivas e subjetivas aplicado a 132 estudantes, que possibilitou colher dados esclarecedores no conhecimento e na compreensão dos múltiplos modos de ser e de viver dos/das jovens. A análise concentrou-se nos sentidos e significados que os estudantes atribuem à experiência escolar além de suas singulares trajetórias para chegar ao Ensino Médio e nele permanecer já que o desejado e escasso trabalho transforma a vida estudantil numa relação fraca e fragmentada com a escola e com o estudo. A tese de que os jovens atribuem muitos e múltiplos sentidos à escola, apesar de sua cultura refratária e aplainadora, se confirma e é adensada pelos sensíveis depoimentos dos estudantes que fazem do tempo-espaço escolar uma experiência lúdica como podemos ver na expressão do jovem-estudante-trabalhador: "vir pra escola é bala", "é bem dizer um lazer".

Palavras-chave: Jovens; Escola; Ensino médio; Sentidos; Significados.

JOVENS EMPREENDEDORES: QUE DISCURSO É ESSE?

Autor(es):
Adriano Mohn e Souza - Universidade Católica de Goiás

O presente trabalho, intitulado Jovens Empreendedores: que discurso é esse? examina os fundamentos do discurso do empreendedorismo direcionado aos jovens e suas implicações ideológicas. Aborda como a educação sob a ótica empreendedora é apresentada em termos de alternativa de formação dos jovens trabalhadores, valendo-se da premissa de que é a única saída para o

jovem enfrentar os desafios e as conseqüências do processo de internacionalização do capital, especialmente a crise estrutural do trabalho assalariado, a crescente desigualdade e exclusão social. No Brasil, desde os fins do século XX, a retórica do discurso do empreendedorismo busca seduzir o jovem trabalhador com a promessa da liberdade e da felicidade. O jovem trabalhador deve ser um aspirante a empresário, gerenciando sua trajetória de vida na perspectiva do negócio, assumindo riscos e realizando seus sonhos de ascensão e mobilidade social. É o ideário do indivíduo adequado para a competitividade, ajustado ao novo regime de acumulação capitalista, portador de qualidades como flexibilidade, independência, inovação. O discurso empreendedor organiza-se ideologicamente como uma concepção de mundo, no sentido dado por Gramsci. O discurso do jovem empreendedor encontra lastro na lógica dos organismos internacionais, ao sustentar que o combate à pobreza, em especial nos países periféricos do capitalismo mundial, deve dar-se por meio do empoderamento da juventude, cujo propósito é o de tornar o jovem um agente de transformação e desenvolvimento, alterando o conteúdo e atribuindo um novo sentido para o que se entende por protagonismo juvenil. Ao orientar a análise no sentido de compreender a organicidade, a pertinência histórica e os fundamentos de persuasão do discurso de formação de jovens empreendedores, chegou-se à conclusão de que essa orientação, sob o argumento da realização do sonho e do sucesso pessoal e profissional, dissemina uma tese que pretende ser a solução para o "trabalho" do jovem, mas que, na verdade, vem naturalizar a sua condição de protagonista empreendedor, único responsável por sua sobrevivência e pelo desenvolvimento econômico da coletividade a que pertence, revelando-se um discurso pragmático e ideológico, que reforça o individualismo próprio da racionalidade neoliberal.

Palavras-chave: Jovens; Educação; Empreendedorismo.

JOVENS UNIVERSITÁRIOS: CONDIÇÃO JUVENIL E ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO

Autor(es):
Daniella Couto Lobo - União das Faculdades Alfredo Nasser

Agência financiadora: UCG

Este trabalho contém resultados de uma pesquisa que teve o propósito de investigar as estratégias utilizadas por jovens bolsistas do Programa Bolsa Universitária (PBU), originários de camadas populares, para se manter no ensino superior, em especial, nos cursos de Ciência e Engenharia da Computação. A formação universitária desses jovens acontece em cursos considerados novos, crivados pela crença de que atendem os interesses da sociedade em mudanças. Acredita-se que a partir do domínio de um instrumento de trabalho – o computador, e uma área do saber – a informática, as possibilidades de ingresso no mercado de trabalho são múltiplas e o acesso quase inexorável. Outro fato é que os jovens alunos fazem parte de uma área de formação que emergiu com o movimento de expansão do ensino superior privado, principalmente a partir da década de 90, que para atrair uma clientela jovem criou cursos supostamente adequados às ocupações de futuro, no século XXI.

A pergunta que orienta a formulação do presente trabalho é: quem são os jovens bolsistas que freqüentam os chamados novos cursos? Quais estratégias estes jovens têm (re) criado para se manter no ensino superior privado e quais expectativas constroem em relação à inserção no mundo do trabalho? Procurou-se apreender elementos constitutivos de dimensões relacionadas aos diferentes modos de ser jovem, frente às transformações no mundo do trabalho, as novas composições familiares, as trajetórias escolares e outras práticas sociais e culturais presentes nas sociedades contemporâneas. Como subsídios para análises foram considerados estudos de Bourdieu, as pesquisas desenvolvidas por Foracchi, Sposito, Romanelli, Zago – que se dedicaram a conhecer jovens universitários, suas condições de estudo, trabalho e a influência de suas famílias no processo de escolarização. Na compreensão das relações existentes entre juventude, ensino superior, família, religião e trabalho, destaca-se o traço distintivo destes jovens estudantes – a condição de bolsistas e trabalhadores que precisam construir estratégias para se manterem no campo do ensino superior.

Palavras-chave: Jovens; Estratégias; Ensino superior.

LEVANTAMENTO DAS NECESSIDADES DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DOS TRABALHADORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Autor(es):
Livia Mesquita de Sousa - Universidade Federal de Goiás

Agência financiadora: Universidade Federal de Goiás

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em 2006 na Universidade Federal de Goiás, financiada pelo Ministério da Educação, com o objetivo de levantar o número e o perfil de trabalhadores nessa instituição que tenham necessidades de Educação de Jovens e Adultos. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista dividida em três partes. Na primeira, investigaram-se idade, sexo, religião, cor, moradia. Na segunda parte, as condições de trabalho, como local, tipo de atividade e horário. Na última parte, freqüência à escola, o tempo sem estudar e avaliações sobre a escola. Foram entrevistadas 589 pessoas entre servidores do quadro efetivo da UFG e trabalhadores terceirizados. Os resultados apontam para um número de 372 servidores que necessitam de concluir o Ensino Fundamental e de 74 servidores que já chegaram ao Ensino Médio, mas sem concluir, significando 75,5% de pessoas com necessidade de Educação de Jovens e Adultos. Dos 589 respondentes, 54,7% são mulheres e 45,3% são homens. Quanto à idade, 38,1% estão na faixa de 30 a 40 anos, 29,1% estão na faixa de 41 a 51 anos e 22,1% estão na faixa de 19 a 29 anos. Em relação a outros aspectos de caracterização, eles se consideram, em sua maioria, não brancos, já que a cor branca foi auto-atribuída por 23,7%, são naturais do estado de Goiás, afirmam (90,8%) possuir uma religião, maioria de católicos (65,8%) e evangélicos (23,6%). Lêem a Bíblia, alguns sempre (40,4%) e outros (47,0%) às vezes. Afirmam que suas diversões preferidas são a televisão, seguida do rádio e de visitas a amigos, assistindo majoritariamente a jornal (46,8%). Dos participantes, 99% já estudaram numa escola alguma vez na vida, mas apenas 13% ainda estão estudando. Apesar de terem freqüen-

tado a escola, 42,1% afirmam que sabem ler mais ou menos e 3,2% que não sabem ler, 49,9% disseram que sabem escrever mais ou menos e 2,7% que não sabem escrever, revelando a baixa qualidade dos estudos realizados. 42,7% só chegaram à segunda fase do Ensino Fundamental, 21,4% só chegaram a freqüentar a primeira fase do Ensino Fundamental, 13,0% chegaram ao Ensino Médio, mas não o completaram. A grande maioria, 76% dos participantes, considera que a escola e os estudos eram agradáveis, 82% acham agradável a leitura e 95% gostariam de poder ler mais. Dentre os motivos para parar de estudar, encontra-se em primeiro lugar a dificuldade de conciliar trabalho e escola (41,9%), seguida pelas obrigações familiares (9,3%), o que indica que o trabalhador que estuda precisa conciliar trabalho, estudo e família. Quanto à idade, na faixa etária de 19 a 29 anos, há uma concentração de pessoas que estudaram até a segunda fase do Ensino Fundamental ou chegaram ao Ensino Médio. Na faixa de 30 a 40 anos há uma concentração significativa de pessoas que chegaram apenas ao final do Ensino Fundamental. Quanto mais velhos, menos escolaridade. Esses números indicam que os estudos têm sido mais viáveis ao trabalhador jovem.

Palavras-chave: Jovem; Educação; Trabalho.

LIMITES E POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DE JOVENS PARA CARREIRAS DE C&T: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INSERIDOS NO ROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (PROVOC).

Autor(es):
Simone Ouvinha Peres
Agência financiadora: CNPq/FAPERJ/FIOCRUZ

A limitada educação científica básica em C&T dos jovens marca o destino e o campo de possibilidades de muitos deles frente ao futuro profissional. A fraca vivência dos jovens ligada ao âmbito da C&T resulta em importante desigualdade de oportunidades. Advoga-se que a difusão da C&T é precária e que a escola não prepara adequadamente os jovens não só para o mundo do trabalho, mas também os socializa fracamente para o estímulo a carreiras científicas. A formação dos alunos em ciências parece contribuir para o desinteresse e abandono precoce dos projetos acadêmico-profissionais. Ressaltam-se nesta direção as pesquisas no âmbito da juventude e Ensino Médio que apontam respectivamente para a ausência de políticas públicas voltadas para este segmento, a falta de clareza dos objetivos dessa formação e a notável e preocupante evasão do sistema de ensino. É também preocupante a queda do valor simbólico do peso da educação para as trajetórias escolar e profissional. A desigualdade da formação científica e das oportunidades intensifica-se quando entra em cena a questão da participação das mulheres jovens nas carreiras científicas. Ou seja, as diferenças e desigualdades estruturais parecem marcar de forma irreversível a seletividade do acesso à cultura científica da maioria das jovens e jovens brasileiros. Grande parte deles têm origem social em contextos onde o acesso ao conhecimento científico é muito reduzido ou inexistente. Nesse sentido, a formação educacional – formal e informal –, bem

como o preparo profissional dos jovens, está longe de se ligar às necessidades de C&T. De modo contrário, cada vez mais a maioria dos jovens busca formas (ou fórmulas) mais rápidas e eficazes de, num curto espaço de tempo, abrir-lhes rapidamente as portas para o acesso incerto do mercado de trabalho. Isso se repercute na observada ausência por parte de muitos jovens de projetos de formação e carreira universitária e acadêmica. Ao que parece, a vivência da implacável seletividade escolar desencoraja muitos jovens a investir em profissões e carreiras de médio e longo investimentos, como as ligadas à C&T. Tais fatos tornam-se mais relevantes no contexto das dificuldades, incertezas e instabilidades ligadas ao trabalho, ao emprego e às possibilidades reais dos jovens de escolha por determinadas carreiras científicas

Palavras-chave: Juventude; Iniciação científica.

O AUTOCONCEITO DE JOVENS AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS.

Autor(es):
Elenara Dias Perin - Universidade Federal do Amazonas

Agência financiadora: FAPEAM

Este estudo foi realizado na cidade de Manaus (AM) com o objetivo de investigar o autoconceito de jovens autores de ato infracional, conduta tipificada como crime ou contravenção penal, quando praticada por criança ou adolescente (ECA, artigo 2). Sisto e Martinelli afirmam que o autoconceito é multidimensional, possuindo componentes variados em sua constituição. O adolescente tem necessidade de ser reconhecido e aceito por seus companheiros; esse reconhecimento e aceitação vão assegurar-lhe um conceito positivo de si mesmo (Coll et al, 1995). Amostra: levantamos o autoconceito de 19 adolescentes de centros socioeducativos de privação de liberdade, sendo quatro adolescentes do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Instrumentos: foi usada a Escala de Auto-conceito Infanto Juvenil-EAC-IJ, entrevistas com os jovens e levantamento de dados dos prontuários. Resultados: a maioria dos jovens do sexo masculino freqüentava o segundo segmento do Educação de Jovens e Adultos (EJA). 90% são usuários de substâncias entorpecentes. Metade das jovens havia parado de estudar na 5ª série e metade na 7ª, antes de ser submetidas à medida de privação de liberdade. A análise dos dados dos adolescentes do sexo masculino mostrou que o autoconceito pessoal, ou seja, os sentimentos do sujeito em relação a si mesmo, são baixos; 66,7% dos sujeitos situaram-se no quartil até 25, e somente 6,7% no quartil 75. O autoconceito que se refere às relações interpessoais que ocorrem no contexto escolar e está relacionado à avaliação de suas possibilidades de liderança, de ter suas idéias aceitas pelos colegas, apresentou maior índice; 20% estão no quartil até 25, enquanto 80% situaram-se nos quartis 75 ou maior. Quanto ao autoconceito social, que diz respeito às relações sociais, suas capacidades intelectuais, 60% estão no quartil até 25, e somente 6,7% no quartil 75. Com relação ao autoconceito familiar, que reflete o relacionamento com pais e irmãos, 6,7% estão no quartil até 25 e 60% aparecem no quartil acima de 75. Nas adolescentes do sexo feminino o autoconceito pessoal é bastante baixo: 60% no quartil 25, o que ocorre também no autoconceito social, no qual 80% estão no quar-

til 25. Já autoconceito familiar está equilibrado, 40% no quartil 25 e 40% no quartil acima de 75. O autoconceito escolar é o que apresenta resultado mais elevado, 20% está no quartil 50 e 80% no quartil acima de 75. Conclusões: Os resultados mostram que contexto escolar é um dos poucos espaços em que o jovem pode expressar suas idéias, mostrar um pouco de si, onde é aceito por seus colegas. Índices elevados no autoconceito familiar estão relacionados a estabelecimento de relações de confiança e lealdade na maioria dos casos com as mães, de quem a maioria recebe visitas semanais.

Palavras-chave: Adolescentes; Autoconceito; Medida socioeducativa.

O JOVEM E O MUNDO DO TRABALHO: O CENÁRIO CARIOCA

Autor(es):
Marcelo Princeswal
Paula Caldeira
Mariana Menezes Neumann
Mariana da Silva Telles Scaldini

Agência financiadora: FINEP

O objetivo desta pesquisa é descrever estratégias e práticas de geração de trabalho e renda para jovens, entre 15 e 24 anos de idade, em comunidades de baixa renda na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada em três etapas. Na primeira, realizamos um estudo das PNAD's dos últimos 12 anos, buscando as principais tendências em relação ao quadro da juventude na região metropolitana do Rio de Janeiro. Até o momento concluímos que, em relação à educação, o jovem carioca está passando mais tempo na escola e apresenta melhores níveis de escolaridade em comparação às demais regiões metropolitanas do país. Entretanto o percentual dos que conjugavam trabalho e estudo se manteve o mesmo durante os anos estudados, ficando abaixo dos índices em relação ao resto do país. Em 2005, na RMRJ, 41% dos jovens entre 15 e 24 anos estavam trabalhando, apenas 14% conseguiram conciliar estudo e trabalho e 18% estavam desempregados, isto é, procurando trabalho ou conciliando estudo e procura por trabalho. As ocupações que mais têm absorvido jovens na RMRJ são as ocupações não manuais de rotina, as técnicas e artísticas e as ocupações nos serviços de transporte. Na segunda etapa foram feitas entrevistas com 74 iniciativas governamentais e não governamentais que atuam com jovens na cidade. Identificamos uma grande quantidade de cursos voltados ao ensino de habilidades básicas, e outros de habilidades específicas, técnicas, e ligadas a funções na indústria e serviços. Na última fase realizamos grupos focais e entrevistas com jovens buscando as suas percepções sobre aspectos relacionados ao mundo do trabalho. Como resultado observamos que o fato de muitos jovens, assim como seus colegas e vizinhos não conseguirem completar o ensino médio tem impedido suas chances de inserção, pois esta é a exigência mínima para grande parte das vagas disponíveis. Também relataram a ausência de informações sobre onde encontrar oportunidades; o preconceito pelo local de moradia; e se o fato de ter filhos (ou não) influencia na procura por trabalho (principalmente para as mulheres). Quando perguntados sobre o que facilita na hora de conseguir um

trabalho, apontaram os seguintes aspectos: redes de relações; experiências anteriores; ter escolarização completa e cursos complementares à formação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Mercado de Trabalho; políticas públicas.

O PRESENTE E O FUTURO NO HORIZONTE DOS JOVENS RURAIS DE OROBÓ.

AUTOR(ES):
Maria de Assunção Lima de Paulo

Este artigo visa colocar em discussão questões referentes à vida no campo, e os projetos futuros de jovens rurais no município de Orobó (PE). Trata-se do resultado de uma pesquisa exploratória realizada com o objetivo de traçar um perfil da juventude rural nesse município que possui características comuns a muitos municípios localizados no Brasil, mais especificamente na região Nordeste. Parte-se do conceito de juventude de Durston que a define como uma etapa da vida que se inicia com a puberdade e termina com o momento de assumir plenamente as responsabilidades e autoridade de adulto, isto é, correspondem aos chefes masculinos e femininos da unidade familiar economicamente independente. Esta etapa da vida, evidentemente, foi entendida como construída social e culturalmente. O instrumento utilizado para a pesquisa foi o questionário com questões abertas e fechadas sobre a situação daqueles jovens e suas visões sobre a juventude, o mundo rural, as condições do município e seus projetos futuros. Foram pesquisados 201 jovens rurais, em sua maioria filhos de agricultores familiares de várias comunidades do município. No questionário havia questões acerca da situação atual em relação às suas representações sobre o que é ser jovem, as condições de educação, trabalho, perspectivas em relação à migração e projetos para o futuro. Como resultados, a juventude apareceu na perspectiva desses jovens como uma etapa da vida marcada por valores como a liberdade limitada e a alegria de viver, sendo elástica como etapa cronológica. Os jovens rurais de Orobó em sua maioria estudaram apenas até o Ensino Fundamental. Estes, relacionam à profissão de agricultor valores como honestidade e dignidade. Todavia, apenas um pequeno número deles deseja tê-la como profissão. Seus sonhos para o futuro, tanto para os rapazes quanto para as moças estão ligados ao desempenho da profissão sonhada, sendo considerado por eles que as profissões desejadas (médico, engenheiro, secretária) dificilmente poderão ser alcançadas no município. A maioria dos jovens tem intenção de migrar, sendo a maior parte destes, moças com menos idade. Por fim, pôde-se concluir que os jovens rurais de Orobó, apesar de ter sonhos que poderíamos comparar com os de outros jovens no Brasil, são particulares pelas condições sociais, culturais e econômicas que possuem e, por viverem em uma comunidade camponesa que se especifica pelas relações familiares, entre vizinhos e com a propriedade da terra.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens rurais; Orobó; Presente; Futuro.

O SENTIDO DA ESCOLA PARA JOVENS E PROFESSORES

Autor(es):
Dirce Djanira Pacheco e Zan - FE/UNICAMP

Qual o sentido que jovens, estudantes de escola pública e seus professores têm dado à instituição escolar? Foi essa a questão que mobilizou um trabalho investigativo desenvolvido durante o ano de 2007, em cinco escolas da rede municipal da região norte de Campinas. Utilizando-se do registro fotográfico foi possível constatar que, embora sob perspectivas distintas, há uma aproximação acerca do que estudantes e professores esperam e valorizam na escola. No entanto, merecem destaque também os sentidos distintos que atribuem a essa instituição enquanto espaço de sociabilidade – enfatizado principalmente nas imagens produzidas pelos jovens moradores de bairros periféricos – e a presença da tecnologia no cotidiano da sala de aula. A escola, tanto na lembrança dos professores como no discurso dos estudantes, parece ser uma instituição significativa nas histórias de juventude. Esse trabalho foi resultado de encontros mensais com os professores das diferentes áreas, durante os horários de trabalho coletivo nas referidas escolas e que atuavam de 5ª a 8ª séries. Durante os encontros, foram debatidas questões relativas à condição juvenil e a sua relação com a escola. Partiu-se, inicialmente, da reconstrução de parte da história de juventude desses professores, verificando-se assim, a importância e o significado da instituição escolar e suas percepções de mundo naquele momento de suas vidas. A partir de então, iniciou-se um processo de questionamento acerca do sentido da escola e do conhecimento científico para os sujeitos que hoje freqüentam aquelas escolas. Foi também realizado um trabalho com classes de alunos das referidas séries que, coletivamente, fizeram o registro fotográfico da escola e escolheram imagens significativas, tanto da instituição em que estudam como das diferentes áreas do conhecimento às quais têm acesso. Num último momento, essas imagens produzidas por estudantes e professores foram confrontadas e debatidas com os grupos que participaram dos encontros. Apesar de sua curta duração esse é um trabalho que abre a possibilidade para se repensar a formação continuada do professor, provocando uma aproximação entre sentidos e percepções acerca do conhecimento e da instituição escolar na relação entre professores e alunos.

Palavras-chave: Juventude; Escola; Formação de professor.

O SIGNIFICADO DO TRABALHO E DA BOLSA DE REINSERÇÃO JUVENIL PARA O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI E SUA FAMÍLIA

Autor(es):
Olga Maria Pimentel Jacobina - Universidade de Brasília

O objetivo do trabalho foi compreender o significado da experiência de trabalho para adolescentes em conflito com a lei e investigar qual influência esta experiência pode ter na vida destes jovens e em suas relações familiares, além de tentar compreender o significado da Bolsa de Reinserção Juvenil tanto para estes adolescentes quanto para suas famílias. Trata-se de um Programa de Reinserção Juvenil que estava sendo implementando pela Secretaria de Estado da

Ação Social (SEAS), através das Unidades Operativas localizadas nas Regiões Administrativas do Distrito Federal, quando foi realizada esta pesquisa. Caracterizava-se por uma bolsa de (centro e trinta reais) concedida ao adolescente que estava cumprindo as medidas socioeducativas Liberdade Assistida (LA), Semiliberdade (SM) e Internação (somente após desligado desta medida). Este benefício tinha o caráter eventual, podendo ser suspenso a qualquer momento e trazia alguns requisitos para que os adolescentes pudessem ser contemplados, entre os quais: estudar; ter renda per capita de até um salário mínimo; não reincidir o ato infracional; não ter mandado de busca e apreensão; residir no Distrito Federal; participar das reuniões socioterapêuticas e ter esposa e filho (prioridade). A partir de uma abordagem qualitativa foi realizado o estudo de casos de três rapazes que cumpriam a medida socioeducativa Liberdade Assistida e trabalham concomitantemente. Para tanto, foram feitas entrevistas individuais e familiares com os adolescentes, além da elaboração do genograma pela família. Os resultados indicam que o trabalho se configura como um importante elemento reintegrador deste adolescente numa rede social de proteção, porém, traz um significado esvaziado de sentido em si mesmo, na perspectiva em que é visto apenas como uma forma de ocupar o tempo: trabalhar para não fazer outra coisa, como se envolver com a justiça, por exemplo. Neste sentido, o trabalho pode servir como uma alternativa (de fuga) à elaboração do sofrimento psíquico relacionado ao ato infracional do adolescente. No que se refere à bolsa, mesmo tendo a freqüência escolar do jovem como critério para recebê-la, esta representa para ele e sua família uma forma de prover suas necessidades básicas (alimentação, moradia, etc) sem ser vinculada a um investimento na qualificação profissional do adolescente, o que poderia possibilitar uma reinserção mais eficaz na sociedade.

Palavras-chave: Adolescente; Trabalho; Benefício.

OS SIGNIFICADOS DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Autor(es):
Ivany Pinto Nascimento

A violência presente na escola pode gerar prejuízo ao processo educacional e as relações dos sujeitos. Acredita-se que compreender a violência na escola requer atentar para os significados que os sujeitos que estão presentes nesse ambiente atribuem à violência, pois ela é significada de acordo com o espaço e tempo referidos. Assim, os objetivos deste estudo foram: a) identificar e analisar os significado sobre a violência; b) verificar os atores e as formas e situações mais freqüentes; c) verificar as ações que as escolas desenvolvem para resolver a violência a partir do pensamento dos professores de escolas públicas do Ensino Médio de Belém (PA). O estudo contou com a pesquisa bibliográfica utilizada para conhecer o que dizem alguns autores sobre esta temática seguida da pesquisa de campo, 04 escolas do Ensino Médio de Belém, sendo 02 situadas em bairros centros e 02 em locais periféricos. Para a coleta de dados utilizou-se o questionário com as temáticas: significado da violência, formas de violência, situações mais freqüentes e ações que a escola

exerce para resolver a violência no seu interior. A análise dos dados pautou-se em Bardin, que trata da análise de conteúdo. Os resultados reafirmam que os significados que os professores atribuem à violência transitam de agressões físicas a agressões nos planos psicológico e moral. A violência é gerada tanto no interior da escola como é fruto de conflitos externos. Os principais sujeitos apontados como produtores da violência são os alunos, contudo os demais sujeitos presentes na escola não estão isentos de cometerem violências. A escola precisa atentar às práticas de violência em seu interior para que este fenômeno não comprometa as relações dos sujeitos presentes. Para tanto a escola deve promover ações em conjunto com seus membros e demais pessoas no combate ou prevenção da violência.

Palavras-chave: Violência; Escola; Professor.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A INFLUÊNCIA DAS QUESTÕES SOCIAIS NA ESCOLHA DA PROFISSÃO

Autor(es):
Daieni Marla Soares Dias

As transformações do sistema socioeconômico e suas práticas estão intimamente relacionadas às necessidades do mercado de trabalho de cada época. Atualmente, o aumento das opções profissionais, associado a estereótipos de ascensão social, possível ganho salarial e desejo pessoal, dificulta a decisão do jovem, podendo gerar conflitos. Dessa forma, percebe-se a impossibilidade de pensar uma prática apenas no campo individual, sem a mínima reflexão sobre o contexto no qual cada indivíduo está inserido. Este projeto teve o objetivo de facilitar ao jovem o momento da escolha profissional, auxiliando-o a compreender sua situação específica de vida, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais. A pesquisa foi realizada com dois grupos, sendo cada um composto por oito estudantes da rede estadual de ensino, do município de Rondonópolis (MT). Cada grupo participou de 10 encontros, nos quais foram oferecidas informações a respeito das diversas profissões, atividades de autoconhecimento, discussões acerca do momento da escolha, das angústias e conflitos relacionados a ela. Ao longo do projeto, a preocupação com o ganho salarial configurou-se como a maior inquietação dos estudantes ao optar por uma profissão. Em seguida, apareceu a dificuldade econômica em para se manter na faculdade, acompanhada do sentimento de inferioridade em relação aos estudantes de escola não periféricas e particulares, representado pela sensação de incapacidade de concorrer a uma vaga universitária com eles. Além disso, a pouca ou nenhuma informação referente às profissões esteve clara nestes grupos, denunciando a desigualdade de acesso à cultura como fonte geradora de desigualdades e incapacidades, como aponta Bock (2005). Outro dado importante foi a capacidade de mudança experimentada por estes jovens ao participarem do grupo de orientação profissional, pois 10 jovens chegaram a uma decisão mais clara a respeito de sua profissão, em alguns casos confirmando o desejo anterior e em outros percebendo as novas possibilidades de trabalho, também satisfatório, com o mínimo de conflito e de acordo com a sua realidade atual. Desse modo, fica evidente que, embora o desejo pessoal direcione a escolha profissional, referenciais como mercado

de trabalho ganham maior importância, e as condições socioeconômicas podem ser determinantes na construção e manutenção de objetivos profissionais futuros.

Palavras-chave: Profissão; Orientação profissional; Questões sociais; Jovem.

O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A OPINIÃO DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO DISTRITO FEDERAL

Autor(es):
Paula Fernanda de Melo Rocha

Este trabalho apresenta os resultados e a análise de uma pesquisa realizada com jovens estudantes do Ensino Médio de duas regiões administrativas do Distrito Federal, sendo uma a de menor e a outra a de maior renda domiciliar e *per capita* mensais. A pesquisa teve como principal objetivo investigar as opiniões desses jovens sobre o papel da escola frente os desafios do século XXI. Além disso, buscou também caracterizar a juventude, identificar os desafios percebidos por ela e relacioná-los ao papel da escola, bem como propor, a partir dos apontamentos feitos, algumas iniciativas a ser tomadas pelas escolas. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, cujos dados foram coletados a partir da aplicação de questionários e da realização de grupos focais. A análise foi feita quantitativa e qualitativamente, a fim de atender aos objetivos da pesquisa. Quanto aos resultados, é possível afirmar que os jovens têm muito a dizer e clamam por ser ouvidos; desejam intervir e contribuir com os rumos da Educação desse século. A escola é considerada pelos jovens pesquisados uma instituição indispensável no enfrentamento dos desafios do século XXI, uma vez que esta, segundo eles, contribui para: reduzir as desigualdades sociais, preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, compreender o mundo que os cerca, desenvolver valores e despertar a capacidade crítica e reflexiva – todos estes fatores imprescindíveis para superar as situações de violência, desemprego e fome, percebidos pelos jovens como os maiores problemas deste século. Entretanto, eles sugerem melhorias e citam os professores como os principais responsáveis pelas mudanças requeridas, talvez por manterem com eles um relacionamento mais estreito e compreenderem que são eles os responsáveis mais diretos pelas mudanças na Educação. Concluiu-se que abrir espaços para o diálogo e permitir que os jovens participem do planejamento e da execução das ações significa ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas bem sucedidas, coerentes com os desejos e objetivos pessoais e profissionais dos principais atores desse processo: os estudantes. Por fim, este estudo também deixa claro que a escola do século XXI precisa vincular-se às novas tecnologias e aos meios de comunicação, bem como oportunizar a todos os indivíduos uma educação permanente, conectada ao mundo do trabalho e ao exercício de cidadania.

Palavras-chave: Juventude; Educação; Trabalho; Escola; Desafios do século XXI

OS JOVENS E A ESCOLA: RELAÇÕES COM O IMAGINÁRIO DOS PROFESSORES

Autor(es):
Julio Antonio Moreto - Secretaria Municipal de Educação de Campinas e Faculdade de Educação da Unicamp

O objetivo desta comunicação é apresentar o percurso de um coletivo de aproximadamente 50 professores de cinco escolas do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries e Educação de Jovens e Adultos), participantes de um projeto de formação continuada em uma rede municipal de ensino. A discussão central é entender quais concepções de juventude estão presentes no trabalho do professor; no momento em que planeja suas atividades e quando entra em contato com suas salas de aula, ou seja, quais são os indicadores que determinam essa concepção. Acreditamos que, no imaginário dos professores, o que define a ação educacional para o trabalho com os jovens é o entendimento de que esta fase da vida caracterizar-se-ia por uma situação de transgressão, risco, crise; uma etapa da vida constituída pela falta e pela negatividade. No contraponto desta concepção, nos apoiaremos em Castoriadis, que trata do imaginário enquanto possibilidade de criação (social-histórica e psíquica). O propósito do projeto de formação aqui referida é, a partir das concepções iniciais, agregar a relação com o saber que ao mesmo tempo tenha a marca da origem social e não seja determinada por ela (Charlot), para a construção da concepção de juventude, como um momento de exercício de inserção social (Dayrell), que extrapole a da falta e da negatividade, das marcas contemporâneas em que o tempo é feito no decorrer das ações, da fugacidade, da liquidez desse tempo (Bauman), do protagonismo, da individualização, para aquela onde se construa a possibilidade de os jovens se sentirem como pertencentes da coletividade e, por isso, participantes da sociedade. Num primeiro momento, os professores registraram o seu entendimento do que seja juventude e os resultados preliminares (pois o trabalho está em andamento) apontaram para as seguintes categorias: a) o grupo como espaço de socialização; b) a escola e o mundo do trabalho; c) um projeto de futuro; d) a família e a escola; e) a violência na sociedade e f) a transgressão na juventude. No final deste processo de formação, previsto para maio de 2008, os professores confrontarão suas concepções iniciais com a discussão teórica que fundamenta este trabalho, a fim de que esta possa subsidiar o planejamento e as ações educacionais com esses jovens. Desta forma, os resultados finais serão apresentados no momento do simpósio.

Palavras-chave: Jovens; Escola; Imaginário.

OS JOVENS E SEUS DIFERENTES OLHARES SOBRE A VIDA, A ESCOLA, O TRABALHO E O LAZER

Autor(es):
Elisete Enir Bernardi Garcia - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Agência financiadora: PROSUP/CAPES

Este texto pretende contribuir com a reflexão a partir dos desafios colocados pela abordagem da questão da juventude no espaço-tempo escolar. O traba-

lho apresenta os principais resultados de pesquisa que se desenvolveu em duas escolas públicas de Ensino Médio, nas quais os interlocutores empíricos foram: a equipe diretiva, professores e jovens que se encontram no espaço-tempo escolar. O objetivo principal da pesquisa foi investigar se a escola de Ensino Médio corresponde às aspirações da juventude que nela se encontra. Através da pesquisa in loco, buscamos compreender as aspirações da juventude e dos professores. Na tentativa de entendermos o que acontece no interior da escola, o foco do olhar tentou captar o lugar da escola na vida dos jovens e o lugar dos jovens na vida da escola. Tendo em vista que a educação média carece de uma identidade própria é que se fez necessário problematizá-la no contexto de um mundo globalizado e de políticas públicas, orientadas pelos organismos internacionais. A investigação foi delineada a fim de analisar os jovens em espaço-tempo escolar para entender como esse espaço contribui para sua formação individual e coletiva, através das atividades cotidianas do contexto escolar, sem desconsiderar o contexto além da escola, o contexto sócio-histórico da vida dos jovens. Através de interlocutores teóricos, rompemos com a idéia da juventude ser um grupo homogêneo, com características comuns a uma idade, e passamos a tratá-la como juventudes. Considerando que muitos são os modos e as possibilidades de "ser jovem", optamos pelo pressuposto de que o lugar social e o trabalho, isoladamente, não definem mais a identidade dos indivíduos. A pesquisa oportunizou perceber que a visão da juventude como transitoriedade acaba sendo uma das mais incorporadas no espaço-tempo escolar. Essa imagem pressupõe que o jovem é um vir-a-ser, direcionando para o futuro o sentido de suas ações, e contribui para uma tendência que, muitas vezes, leva a olhá-lo em seu aspecto de negatividade, o que ainda não chegou a ser, negando suas experiências vividas no presente. Os jovens estão, de uma certa maneira, "proibidos de ser", e a escola limita-se a controlar certas manifestações, como atraso, saídas antecipadas, agressividade, rebeldia, assiduidade em sala de aula. E a comunidade escolar, na maioria das vezes, considera e exige isso para que a escola seja considerada "boa". A investigação desenvolvida oportunizou a percepção de inúmeras especificidades dos jovens, o que oferece, aos professores e gestores, elementos para uma ação que resgate o papel socializador da escola, exigindo conceber a juventude em sua multiplicidade (juventudes), bem como uma nova ênfase das políticas públicas e o redesenho do espaço-tempo escolar.

Palavras-chave: Juventude; Espaço-tempo escolar; Políticas públicas.

OS JOVENS, A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES E OFÍCIOS E SEUS SONHOS

Autor(es):
Andrea Abreu Astigarraga - Universidade Estadual Vale do Acaraú

Agência financiadora: FUNCAP

A fim de enfrentar situações tais como de exploração do trabalho juvenil e ao mesmo tempo procurar alternativas para o ensino profissionalizante e práticas educativas destinadas às camadas pobres da população, a prefeitura de Sobral (CE), adotou a proposta pedagógica da Oficina Escola de Artes e Ofícios

(OEAO). Em um contexto marcado pelos altos índices de desemprego, onde a suposta exigência de escolarização e profissionalização é cada vez maior, o que representa na vida dos jovens atendidos pela OEAO essa proposta profissionalizante? Ela corresponde aos seus sonhos? Em que medida ela apresenta uma perspectiva real de trabalho para os jovens aprendizes? Até que ponto eles se adaptam a ela? A metodologia adotada foi análise de documentos, aplicação de questionário, técnicas projetivas e grupo focal. Utilizamos as concepções de Goffman sobre hierarquia institucional, ajustamentos primários e secundários. Alguns jovens "aderem" ao que lhes é proposto. No entanto, vários deles expressam em seus discursos a lógica da empregabilidade. Isso nos faz concluir que, em um mundo globalizado, propostas apresentadas aos jovens, tais como da OEAO, podem representar alternativa importante em suas vidas. No entanto, os jovens mantêm suas identidades e perspectivas próprias. Apóiam-se nas oportunidades, mas não perdem de vista seus (verdadeiros) sonhos, sejam estes individuais ou coletivos, imediatos ou futuros.

Palavras-chave: Jovens; Trabalho; Sonhos.

PADRÃO DE USO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DE CASCAVEL (PR)

Autor(es):
Luana Dallo - UNESP
Raul Aragão Martins - Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto

O uso de álcool e outras drogas por crianças e adolescentes é um tema que vem preocupando educadores, pais e a sociedade como um todo. Procurando conhecer esta conduta, este estudo fez parte de uma pesquisa que investigou o consumo de álcool entre alunos do Ensino Médio de três escolas (uma particular, uma pública localizada no centro e outra na periferia) da cidade de Cascavel (PR). Foi realizado um levantamento inicial com o objetivo de identificar o padrão de beber dos estudantes e o instrumento utilizado foi o Alcohol Use Disordens Identification test (AUDIT), além de nível socioeconômico, religião e beber problemático do familiar, foi aplicado em 133 alunos, dos quais 25,6% eram da escola particular e 74,5% das escolas públicas (51,9% na central e 22,6% na periferia). E 72,9% dos alunos estudavam no período da manhã e 27,1% à noite. O grupo foi composto por um número semelhante de rapazes (50,4%) e moças (49,6%). 72,2% deles faziam parte das classes B e C. Quanto à série, 87,2% estavam no 1º e 12,8% no 2º ano do Ensino Médio. A maioria dos alunos tinha a idade de 14 a 18 anos (92,5%). Referente à religião, 73% declararam ser católicos, 19,5 % evangélicos, 9,8 % não tem, 2,3 % de outra denominação e 10,5% não responderam. Os alunos são classificados conforme o AUDIT como positivos, os que fazem uso de risco de álcool, e negativo, quando o uso é modesto ou abstêmio. E o resultado do primeiro foi de 34,6% de estudantes que bebem álcool de forma arriscada, não havendo muita diferença entre os rapazes e as moças. Do total de alunos que apresentaram AUDIT positivo, 37,3% eram do sexo masculino e 31,8% do sexo feminino. Não houve também grande distanciamento dos resultados entre as três escolas. A escola particular apresentou o maior percentual, de 44, 1% dos estudantes, seguida da estadual localizada na periferia com 36,6% e a

central com 28,98%. Quanto ao período de estudo, também não se percebeu muito destaque, apresentando 34 % de alunos que estudavam de manhã e 36,1% à noite. Quanto ao beber problemático da família, 25,6% dos alunos declararam possuir familiar que bebe de uma forma problemática e 5,3% relataram ser o pai. Os resultados mostraram um grande número de alunos que bebem excessivamente, independentes do sexo, período de estudo (muitos dos estudantes que estudam a noite é porque trabalham), escola que estudam e localização da moradia, na região de Cascavel. O estudo sugere mais pesquisas na região do Oeste Paranaense, devido ao alto número de alunos que bebem pesadamente e à ausência de outros estudos nessa localidade. Também pressupõe a necessidade de implementação de projetos de prevenção e intervenção na população jovem, além do conhecimento teórico e prático dos profissionais de saúde e educadores para a construção de políticas públicas adequadas e direcionadas aos adolescentes dessa região.

Palavras-chave: Adolescentes; Uso de álcool; Ensino médio; AUDIT.

PREVENÇÃO POR MEIO DE PROTAGONISMO JUVENIL

Autor(es):
Maria do Carmo Canto Martins Meloni - Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás

Dados do V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas realizado entre estudantes dos Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino em 27 capitais brasileiras, no ano 2004, revelam que a cidade de Goiânia fica acima da média regional em vários tipos de usos. Razão da intervenção pesquisa–ação em uma instituição de Ensino Médio com o objetivo de reduzir os riscos de consumo abusivo e os danos causados pelo uso de substâncias psicoativas. Na primeira fase (março a junho/2007) o grupo composto de doze servidores (professores, psicólogo, assistente social, pedagogo, médico) participou do curso de Educação à Distância promovido por um departamento de uma instituição de ensino de nível superior de Brasília. O grupo colheu dados realizando um diagnóstico da instituição. A teoria sistêmica foi o suporte epistemológico do curso, consequentemente da pesquisa. Concepção teórica que compõe o tripé da teoria da complexidade segundo Morin, em que a dependência é compreendida como sintoma, sinalização que algo não está bem. Abordagem verifica diferentes fatores que envolvem o fenômeno da dependência de drogas e como eles interagem entre si, considera as questões físicas e orgânicas, mas também as questões psíquicas, emocionais, sociais, culturais, familiares e jurídicas da vida do farmacodependente. A segunda fase foi destinada à elaboração do projeto (agosto/2007), quando foram discutidas propostas que viabilizassem a aplicação da teoria. Definiram-se os seguintes objetivos: 1. Preparar outros servidores da instituição para trabalhar na prevenção do uso abusivo de drogas entre os alunos; 2. Acionar a rede de comunicação dentro e fora da escola por meio de parcerias que possam atuar de forma integrada; 3. Incentivar o protagonismo juvenil por meio de projetos educativos e culturais em que o professor tem a função de estimular, propor temas e orientar; 4. Trabalhar a interdisciplinaridade por

meio de projetos. Na terceira fase o projeto foi implantado através de diversas ações. Como resultados, observaram-se aspectos falhos, alguns de ordem técnica, outros de comunicação do grupo e relacionamentos interpessoais. Ressaltamos que foi relevante a adesão à proposta pelos alunos, e constatou-se que por meio de estímulo e orientação do professor os alunos desenvolvem projetos com dedicação e empenho.

Palavras-chave: Jovens; Prevenção; Protagonismo.

UM OLHAR PARA O FUTURO: EXPERIMENTANDO A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Autor(es):
Emmanuela Neves Gonsalves - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A proposta desse trabalho é apresentar a experiência proporcionada por nossa inserção em um centro de acolhimento do município do Rio de Janeiro através do estágio em Psicologia Jurídica, que tem como orientação teórica a Análise Institucional, oferecido por uma universidade neste mesmo município. O centro de acolhimento comporta 140 crianças e adolescentes, divididos por faixa etária. Há um programa dirigido a jovens mães ou gestantes e outro que exige que os participantes estejam estudando e trabalhando ou fazendo estágio. Temos observado que a proposta destes projetos é propiciar a autonomia destes jovens, contudo, percebemos que, paradoxalmente, a prática é basicamente tutelar. Em geral, as marcas deixadas pelas vivências de cada adolescente agravadas pela baixa escolaridade decorrente dificultam a perspectiva de futuro. Com isso, eles não costumam dar continuidade aos trabalhos e estágios iniciados aparentando uma não apropriação daqueles projetos como seus. Tendo em vista os aspectos observados, propusemos o início de um trabalho de orientação profissional em grupo. A orientação profissional objetiva a ampliação das possibilidades de cada adolescente, proporcionando que estes voltem seu olhar para o futuro e exercitem a responsabilidade por suas escolhas. Cabe ao orientador profissional ajudar o orientando a lidar com a angústia de ter que escolher e com a culpa existencial frente às possibilidades não escolhidas. Assim, o orientando poderá fazer uma escolha autêntica que consiste na coerência entre pensamento, sentimento e ação. O processo de orientação profissional inclui, entre outros aspectos, a discussão entre os adolescentes sobre o mundo do trabalho e o conhecimento de profissões demandadas por eles. Para este trabalho, optamos por apresentar um mundo profissional que não se restrinja à formação de nível superior- embora não seja em momento algum descartada -, proporcionando que estes entrem em contato com um mundo ainda desconhecido por muitos, que é o mundo do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Orientação profissional; Adolescentes.

VIDA FAMILIAR E VIDA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS ALUNOS INTERNOS DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE JANUÁRIA (MG)

Autor(es):
Terezita Pereira Braga Barroso

Pesquisa realizada no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Januária (MG), no ano de 2007 com a participação de 71 alunos internos, 10 colaboradores e 61 pesquisados. O principal objetivo da pesquisa foi investigar sobre a trajetória escolar de alunos matriculados em sistema de internato, tendo como referência de análise a participação familiar no processo de adaptação do aluno neste sistema de ensino. Com esse intuito buscamos conhecer as concepções dos pesquisados sobre sua condição de aluno interno e sobre o seu rendimento escolar, identificar quais alunos internos apresentam baixo rendimento escolar e investigar sobre como se dá o seu relacionamento com o internato e com sua família, bem como, se o baixo rendimento escolar dos alunos internos tem ligação com o seu relacionamento com o internato e com sua família. A pesquisa foi realizada através de um estudo de caso onde optamos pela pesquisa qualitativa com coleta de dados, utilizando questionários semi-estruturados, observações participantes, análise de históricos escolares e de boletins informativos e entrevistas com os alunos. Os alunos nos levaram a concluir que o internato é extremamente importante para a formação daqueles que são oriundos do meio rural ou de cidades com baixo índice de desenvolvimento humano, bem como de famílias com baixa renda e que, apesar da saudade própria da situação de distância física do grupo familiar, esta não vem a ser razão para o baixo rendimento escolar. Razões mais fortes que agem de forma passiva, como o apoio da família e a preservação da mesma, levam o aluno interno a valorizar esta oportunidade e a ter uma vida própria adaptada ao internato, onde os laços de amizade são marcantes na relação entre os residentes.

Palavras-chave: Aluno interno; Famílias de adolescentes; Escola.

VIOLÊNCIA QUE ATINGE O COTIDIANO ESCOLAR: FENÔMENO QUE SOFRE MÚLTIPLAS DETERMINAÇÕES

Autor(es):
Andrea Pires Rocha - Universidade Estadual de Londrina

O presente resumo tem como objetivo apontar algumas reflexões que desenvolvemos no projeto de pesquisa que discute a temática violência urbana materializada em escolas de periferias. Consideramos que a violência nas escolas é um fenômeno que percorre um caminho heterogêneo. Desta forma, entendemos que este também se manifesta no desmonte das políticas educacionais; na situação de pobreza e miséria das comunidades; na ausência de políticas voltadas aos jovens e adolescentes de periferia; na violação dos direitos humanos (exemplo da violência policial); no fortalecimento do crime organizado, entre outros fenômenos. A soma de todos esses tipos de violência faz com que a escola seja uma instituição suscetível à materialização de ações e reações violentas. Não problematizamos de forma mecânica colocando que

a violação de direitos leva à prática de atos infracionais, justificando, desta forma, a violência nas escolas, porém, analisamos que a grande maioria dos discursos (em especial da mídia), levam em consideração apenas as ações tidas como atos de violência desenvolvidas por jovens e adolescentes, sem refletir nos diversos tipos de violência que atingem esses sujeitos. É neste contexto que inserimos a ocorrência da violência em escolas de periferias de Londrina (PR); portanto, o objeto de estudo da pesquisa em desenvolvimento, se mostra na busca de identificação das diferentes formas de violência que atingem, de forma direta ou indireta, o cotidiano escolar e os sujeitos que fazem parte deste cenário. Buscamos subsídios para uma teorização que possibilite, de forma crítica, a compreensão de que as ações de violência que se manifestam no cotidiano escolar, vão muito além das "manchetes" eventuais que relatam situações-limite. Definimos o materialismo histórico e dialético como método de análise, tendo em vista que a violência nas escolas é um fenômeno concreto, que sofre múltiplas determinações, devendo ser percebido em meio de movimentos contraditórios. Enfim, refletimos na perspectiva da construção de alternativas concretas, considerando os protagonistas envolvidos no cotidiano escolar, em especial estudantes e educadores, como sujeitos históricos e sociais.

Palavras-chave: Violência nas escolas; Periferias urbanas; Educação.

EIXO - Processos de subjetivação de adolescentes e jovens

"VOU PRA PINTAR O TERROR": QUE PALAVRA PROCURA UM ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RUA NA INSTITUIÇÃO?

Autor(es):
Maria de Fátima Vilar de Melo - Universidade Católica de Pernambuco
Nanette Zmeri Frej - Universidade Católica de Pernambuco
Paula Cristina Monteiro de Barros - Universidade Católica de Pernambuco

Este trabalho busca refletir, a partir de fragmentos de um caso clínico, a função da instituição de atendimento psicossocial frente à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua. Crianças e adolescentes – com histórias marcadas pela violência, pela carência nos laços afetivos, por rupturas e perdas drásticas, pela miséria que acomete suas famílias – que se movimentam nos diversos espaços urbanos, em busca de proteção e de um lugar de pertencimento. Uma realidade constituída na confluência de vários aspectos – sociais, econômicos, culturais, históricos, afetivos – delineando um sintoma que se inscreve no social, mas que se produz na individualidade de cada caso. É a partir desse olhar que pensamos a intervenção psicossocial no adolescente, que, na situação de risco em que se encontra, apresenta uma demanda à instituição. Como identificar essa demanda em alguns adolescentes que constróem seus vínculos a partir da transgressão e da agressividade? Em que posição a instituição se situa para acolher e dar sentido ao apelo que lhe é endereçado? Com quais limites ela se depara na tentativa de sustentar uma estratégia de intervenção? Com base nessas indagações, recorremos à história de vida de um adolescente e ao seu percurso na instituição. João, 17 anos, foi criado pela filha adotiva de seu pai, pois era filho da amante dele. Aos dois anos, foi colocado numa roda de fogo, num ritual religioso, pois julgavam que ele tinha "o demônio no corpo". Aos oito anos, costumava fugir para a rua, onde começou a roubar e a usar drogas. Chegou à instituição aos 14 anos, época em que seu acompanhamento foi várias vezes questionado, tendo em vista as transgressões, a violência e as ameaças dirigidas ao contexto institucional. Que escuta fazer das atuações de João e até que ponto se fazia possível supor nele uma demanda de atendimento? Qual o sentido da destrutividade de João dirigida à instituição e a tudo o que ela representa? João parecia endereçar um apelo à instituição, no sentido de que alguém pudesse barrar essa circularidade em que a violência se apresenta de forma tão soberana, oferecendo-lhe o limite e o continente corporal adequado para as contínuas vivências de desamparo e a constante ameaça de aniquilamento e desmoronamento que configura para esses adolescentes a vida na rua.

Palavras-chave: Adolescente em situação de rua; Instituição; Endereçamento.

A GENTE ESCREVE NA MESA QUANDO A AULA TÁ MUITO CHATA: PRÁTICAS ESTETIZANTES DO ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es):
Sandra Albernaz de Medeiros - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ao longo de dois anos foram investigados, através do método etnográfico, nas 6ª e 7ª séries de um colégio público tradicional do Rio de Janeiro, os escritos e desenhos feitos pelos alunos sobre as mesas das salas de aula. Num espaço particulamente disciplinador, os alunos registram no cotidiano, através de pequenos textos e de desenhos, suas percepções e sensibilidades. Ali, expressam seus juízos, desejos, fantasias ou críticas, especialmente com relação aos seus pares, mas também, visando os professores e inspetores. A partir de um conjunto de cerca de 700 fotografias estabelecemos dois grandes grupos de categorias ou o que chamamos de "temas" denominados de: imateriais – os que não se mostram evidentes ou visíveis no conjunto de fotografias – e os materiais – aqueles que identificamos nas fotos. Entendemos que os temas imateriais dão o tom e a intensidade estética e afetiva do cenário peculiar que são as mesas. Eles foram subdivididos em quatro subtemas, a saber: os fragmentos, o efêmero, o entre-dois e o rascunho. Pensamos o fragmento inspirados na escrita densa de Clarisse Lispector e de Maurice Blanchot. O efêmero provocou reflexões sobre o corpo adolescente constantemente em transformação; remeteu-nos ao Bloco Mágico, jogo infantil, objeto de discussão em Freud e, também, ao encantamento que sentimos diante de fenômenos fugazes. O entre-dois nos coloca no cerne da experiência adolescente por sua condição mutante, um período de passagem e de hibridismo. O rascunho é entendido como processo de experimentação no qual o erro e o acerto deixam de lado o valor que as práticas pedagógicas instituídas a eles atribuem. Ao se rascunhar, as regras pedagógicas desaparecem e daí nascem novos caminhos possíveis. Todos esses elementos são pensados à luz dos conceitos bakhtinianos de dialogia e de polissemia, já que a prática de escrita sobre as mesas foi entendida como processo de enunciação. Além disso, abraçamos as idéias de Michel Foucault no que tange à escrita de si. Finalmente, consideramos a prática de escrever sobre as mesas como um processo de estetização (Deleuze e Guattari) do espaço escolar. Esta pesquisa é o resultado da tese de doutorado denominada Figures du silence: dits et écrits sur les tables de salle de classe, defendida na Universidade Paris X – Nanterre, França, em setembro de 2007.

Palavras-chave: Adolescente; Escola; Estetização; Escrita de si.

(DES)FAZENDO CABEÇAS NUMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO FEMININA

Autor(es):
Luiza Mitiko Yshiguro Camacho - Universidade Federal do Espírito Santo
Pollyana dos Santos - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência financiadora: CAPES

Este estudo se volta para a análise dos processos de (trans)formação vivenciados por jovens ao longo do cumprimento de medida socioeducativa de

internação. Para tal, busca-se apreender experiências juvenis possíveis de ser vivenciadas por jovens em situação de privação de liberdade bem como compreender as relações estabelecidas entre esses sujeitos e a instituição socializadora sob a guarda da qual se encontram. Este trabalho tenta responder ao seguinte problema: como ocorrem os processos de formação das jovens que se encontram em privação de liberdade? Os sujeitos da pesquisa são jovens, na faixa etária de 12 a 18 anos, em cumprimento da medida socioeducativa de internação em uma unidade de internação feminina situada na Região Metropolitana da Grande Vitória (ES). A pesquisa que inspira este estudo é um trabalho quantiqualitativo, cuja coleta de dados se deu por meio das seguintes técnicas: consulta às atividades escolares produzidas pelas jovens; consulta a documentos da unidade pesquisada; observação do cotidiano da instituição; aplicação de questionários com questões abertas para monitores, equipe técnica, professores e jovens. As categorias teóricas trabalhadas são: juventude, violência, socialização, *habitus* e experiência. Analisando a relação instituição-jovem, pode-se observar que aquela se pauta na intenção de promover uma socialização ou uma "re-socialização" das jovens a partir da incorporação das normas e dos valores que as tornem "aptas" ao convívio social. Na relação jovem-instituição, observa-se um movimento de resistência à função socializadora da instituição. Percebe-se ainda um descrédito no que toca à escolarização como caminho para uma melhoria de vida. Na relação jovem-jovem é possível notar a construção de experiências entre as internas, ou seja, a existência de outros processos de formação que acontecem no distanciamento das jovens em relação à instituição. Esse descompasso entre a esfera institucional e o mundo juvenil possibilita brechas para que esses processos se desenvolvam, nos quais a instituição não consegue interferir e nos quais outras e novas redes de sociabilidade são construídas.

Palavras-chave: Juventudes; Medida socioeducativa; Processos de formação.

A EXPERIÊNCIA DE SI EM NARRATIVA: AUTOBIOGRAFIAS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ABRIGAMENTO.

Autor(es):
Delnise Silva - Universidade Federal do Ceará

Agência financiadora: UFC

Este trabalho constituiu uma pesquisa-intervenção no abrigo Casa Família Maria Mãe de Ternura, situado no Município de Maracanaú (CE), coordenado por freiras da Congregação das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora das Dores. O objetivo geral foi promover a narração autobiográfica de adolescentes abrigadas, como instrumento que as auxiliasse a refletir sobre si mesmas e sobre o mundo além de sua condição de abrigamento, isto é, revisando o papel do abrigamento na sua definição de si. O estudo também buscou proporcionar espaços abertos de discussão grupal com as adolescentes do abrigo e avaliar como elas falam sobre si. A pesquisa partiu da observação de que as adolescentes vivem considerável sofrimento à medida que se aproxima a sua maioridade, quando devem fazer novos projetos de vida e deixar o abrigo. O estudo qualitativo vincula-se à abordagem transdisciplinar da Psicologia Nar-

rativa e aos estudos do campo da Educação que exploram a metodologia das "histórias de vida em formação". Essa vertente de Psicologia defende a noção de que a narrativa constitui princípio organizador da experiência humana, de modo que os seres humanos valem-se necessariamente de histórias para dar conta dos eventos e situações que se sucedem no tempo, incluindo as experiências de si, ora como protagonistas, ora como observadores. Na vertente de Educação mencionada, as autobiografias são consideradas como método de pesquisa-formação e são exploradas com vistas a uma teoria da formação a partir do "sujeito aprendente". Ambas abordagens enfatizam o aspecto ativo, criativo e relativamente autônomo do sujeito e consideram as autobiografias como meio de transformação de si, pois permitem que o sujeito experimente-se como ator, autor e leitor da própria vida. O grupo foi composto por seis adolescentes que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa. Os encontros foram semanais por um período de dois meses. Nos encontros, as jovens foram estimuladas a escrever sobre si (O livro da minha vida), narrar suas histórias em grupo a partir de perguntas (quem sou eu? e quem eu era?) e avaliar o processo de escrita e narração de si. Em termos de resultados, observou-se que a experiência gerou transformações significativas no modo de as adolescentes falarem sobre si: de uma atitude de reserva e silêncio para uma atitude mais extrovertida e assertiva. A frase de uma das adolescentes enfatiza tal mudança no percurso da intervenção: "Nunca mais vou ter vergonha da minha história". Neste caso, a autobiografia tornou-se instrumento terapêutico e formativo, que ajudou as adolescentes a olharem a si mesmas e o contexto em que vivem.

Palavras-chave: Experiência; Autobiografia; Adolescentes.

A FIGURA PATERNA E A SUBJETIVIDADE DE JOVENS DA CONTEMPORANEIDADE.

Autor(es):
Juliana Guimarães de Oliveira Gomes - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: CNPq

A contemporaneidade é marcada por desenvolvimentos que se delinearam ao longo dos séculos de história. Uma instância social fundamental na estruturação da sociedade moderna, tanto do ponto de vista da constituição do indivíduo quanto da ordenação e desenvolvimento da sociedade, é a família em suas diferentes configurações históricas. Nessa perspectiva de desenvolvimento e constituição é que se torna particularmente importante analisar os contornos que a figura paterna, crucial na estruturação do aparelho psíquico do indivíduo, adquire frente à realidade social que emerge contemporaneamente. Sigmund Freud não desconhece as contribuições da Antropologia Social no entendimento fundante da Psicanálise quanto ao papel da repressão das pulsões no desenvolvimento da civilização. Essa repressão está relacionada com a figura do pai, com a moralidade, com a estruturação psíquica de cada um e de todos os indivíduos, o que lhes permitirá ir em busca de sua afirmatividade e de decisão. Contemporaneamente está em causa uma sociedade do imediato, do privilégio ao particular e individual, onde tudo é

prometido, especialmente a busca pelo prazer a todo custo, o gozar a qualquer preço. Algumas tendências teóricas apontam para o enfraquecimento da figura paterna nos modelos que se conhecem atualmente, mas, no entanto, a pulsão ainda busca alguém ou algo para ocupar essa função. O problema que emerge com essa questão é relativo ao objeto que tem ocupado esse lugar, uma vez que a falta não pode ser tomada como nada, deve ser analisada, pois constitui o indivíduo psiquicamente e implica em presença de sintomas. A questão que está em pauta se justifica porque os jovens vivem um momento em que, por poderem não mais estar no refúgio da família, começam a se deparar mais diretamente com outras instâncias de socialização, especialmente a indústria cultural, com seus produtos cintilantes, promessas de completude e realizações, além da propositura de uma forma de vida estandardizada pelos interesses capitalistas. Cabe então o questionamento acerca de como se tem configurado a subjetividade dos jovens frente a essa realidade. Como se tem estabelecido as mediações psíquicas implicadas nas relações com a família, com a indústria cultural, os serviços de saúde e do bem-estar, que lançam modelos para identificação padronizados corroborando para um enfraquecimento da figura paterna.

Palavras-chave: Subjetividade; Jovens; Função paterna.

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES

Autor(es):
Geny De Oliveira Cobra

Agência financiadora: FIOCRUZ

Este tema foi desenvolvido em pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro com um grupo de adolescentes do sexo feminino, órfãs, na Casa Rosada. Aborda teoricamente a organização da identidade sob a luz da teoria de Wilhelm Reich, focando a visão de interdependência entre as funções da percepção e consciência. Ressalta o papel da imagem corporal na organização da identidade das adolescentes em geral e, em particular, do grupo de adolescentes criadas em orfanatos observadas no trabalho de campo. Embora um tema bastante complexo, nos revelou, entre inúmeros outros resultados da pesquisa, a importância do papel da mídia, especialmente a televisão e o rádio na organização da identidade de tais jovens. A falta de modelos familiares ao longo de seu crescimento potencializou, nas adolescentes, a busca de modelos idealmente imaginados. Personagens da mídia como Carla, Xuxa e Angélica tornaram-se para elas modelos substitutos. Tais modelos exerceram influência direta na percepção da imagem corporal das adolescentes investigadas.

Palavras-chave: Adolescente; Identidade; Imagem corporal; Mídia.

A MUSICOTERAPIA COMO AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE JOVENS PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL

AUTOR(ES):
Hermes Soares dos Santos

A Musicoterapia é uma abordagem científica que utiliza elementos sonoro-musicais em "um processo interpessoal que envolve o(s) terapeuta(s) e o(s) cliente(s) exercendo certos papéis na relação e em uma variedade de experiências musicais." Segundo Bruscia. As experiências musicais que surgem possuem ressonâncias das diversas experiências em tempos e atuações diferentes do viver. Essas atuações pertencem a personagens que compõem a identidade do "ser". O cenário onde atuam se transforma conforme o enredo. Os elementos sonoro-musicais presentes no enredo compõem a identidade sonora do ser humano. Esta pesquisa qualitativa teve como objetivo investigar como a Musicoterapia auxiliou na construção da identidade de jovens de um projeto social. Foram atendidos dois grupos, utilizando-se as seguintes técnicas musicoterápicas: improvisação, composição, re-criação e audição musical. Como recursos foram usados instrumentos de percussão, um violão, aparelho de som e CDs. O conteúdo dos dados qualitativos foi analisado tendo como fundamentação teórica a Musicoterapia, a Filosofia e a Psicologia Social. Os atendimentos foram realizados uma vez por semana, com uma hora de duração, no decorrer de seis meses, por um musicoterapeuta e um co-terapeuta. Inicialmente, em um dos grupos, alguns participantes eram introspectivos, apresentando dificuldade de interação musical, manutenção de vínculo com o grupo e com o musicoterapeuta. Possuíam conflitos com a família e preocupações quanto ao futuro. Levi e Schimitt, citados por Dick, definem a juventude como o momento crítico situado entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta. Em uma sessão na qual se utilizou a técnica da audição musical, uma participante se lembrou de manias da infância. Este movimento de resgate de si é fundamental para a construção da identidade na juventude, pois está associado à aquisição de consciência. O ato de construir a identidade por meio da audição musical e elaboração verbal (categoria atividade), junto com o movimento de resgate de si (categoria consciência), neste caso, aconteceu simultaneamente. Posteriormente, durante o fechamento das sessões, a mesma jovem afirmou que os conteúdos trabalhados ficavam "ressoando" em sua cabeça durante a semana. Conclui-se que o processo musicoterápico proporcionou a abertura para a expressão corpóreo-sonoro-musical, a diminuição da introspecção ao cantar/falar e a produção rítmica em conjunto, evidenciando a autenticidade dos vínculos estabelecidos no grupo e propiciando a partilha de conteúdos internos. Na avaliação do processo, o grupo demonstrou resultados positivos como mudanças e autoconhecimento. Portanto, evidenciou-se a construção da identidade por meio de um protagonismo juvenil nascente.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia; Identidade sonora; Juventude.

A SUBJETIVIDADE FACE À OBESIDADE E AO IDEAL DE BELEZA EM JOVENS MULHERES

AUTOR(ES):
Fábio Jesus Miranda - Universidade Católica de Goiás
Suraia Oliveira Veloso Carneiro - Universidade Católica de Goiás

O objetivo do presente estudo foi contribuir para a investigação das formas de subjetividade associadas à obesidade, considerando o contexto cultural da modernidade e da valorização de um tipo corporal específico veiculado pelos meios de comunicação de massa. As instituições médicas já apontam para o incômodo causado pela obesidade: de um lado, tanto a anorexia quanto a bulimia foram classificadas como transtornos mentais, mas a obesidade não pode ser enquadrada como síndrome; por outro lado, o enfoque médico dominante não hesita em situá-la como "doença", contudo apontando para seu caráter "multidimensional". Deve-se considerar que, na Idade Média, o peso não era considerado um traço de identidade social; do mesmo modo, pode-se afirmar que a modernidade fez do corpo lugar de injunção, criando o espaço pelo qual ela se tornou "doença" com um simbolismo que remete ao sujeito à "culpa" de ser obeso e, mais ainda, "problema de saúde pública". Com base na teoria da Psicanálise e na Psicopatologia, o trabalho discute o estatuto do corpo, no campo da fala e da linguagem, na constituição da própria subjetividade, tendo por referência o fenômeno da atualidade que a medicina define como obesidade. Não é por acaso que o problema atinge de modo particular jovens mulheres, tanto na preocupação em atingir o modelo mediático de beleza, quanto na desvalorização do corpo próprio. O presente estudo foi realizado com 25 mulheres, apresentando o peso corporal distribuído entre "abaixo do sobrepeso", "sobrepeso" e "obeso", considerando os critérios definidos com base no IMC, na faixa entre 18 e 25 anos, em idade reprodutiva. Nesta etapa, foram realizadas entrevistas semidiretivas, tendo como eixos de investigação imagem corporal, as relações interpessoais e amorosas, a noção de beleza corporal, a percepção da visão social ou imagem social, o estilo de vida, as práticas de dieta, exercícios e outros cuidados corporais. O material foi transcrito e virou objeto de uma análise do tipo clínico, interpretativo. Os resultados indicam, de fato, uma preocupação excessiva com o corpo e com a "obrigação" de atingir o ideal de magreza, em oposição a resultados anteriores, obtidos junto a jovens mulheres obesas, cuja preocupação não se situa em atingir o "corpo ideal", mas sim em receber aceitação social tal qual elas são. Considerando que se trata de uma pesquisa exploratória e qualitativa, a análise nos permite indicar a expressão de um sofrimento psíquico que se manifesta inicialmente como associado ao corpo. Contudo, este sofrimento não se reduz ou se restringe aos elementos da obesidade, ao contrário, os dados parecem indicar que ele é pré-existente, constitucional, e refere-se à estruturação da subjetividade. Neste sentido os dados obtidos parecem reforçar recentes pesquisas no campo da medicina da obesidade que indicam "vulnerabilidades de ordem psicológica", as quais se encontram com as pressões sociais para desencadear o ciclo da obesidade.

PALAVRAS-CHAVE: Obesidade; Subjetividade; Sofrimento psíquico; Psicanálise.

A VIRTUALIDADE NO AGRUPAMENTO JUVENIL COMO FORMA DE INTERAÇÃO SOCIAL

Autor(es):
Olira Saraiva Rodrigues - Universidade Católica de Goiás

O presente trabalho objetiva apresentar as análises e considerações iniciais sobre o que vem se denominando como interatividade virtual em comunidades constituídas pela identificação de interesses comuns. Partindo-se do pressuposto que mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão intrinsecamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais, a característica diferencial da ciber sociedade como uma nova possibilidade de estabelecer relacionamentos sociais, encontra-se no exercício de um tipo de identidade onde o anonimato apresenta-se como um elemento facilitador para o uso de "máscaras" e o exercício de "múltiplas identidades". É nesse sentido que a rede de relacionamento Orkut possibilita que jovens escolham o grupo que pretendem fazer parte de acordo com seus interesses, desejos e escolhas, tendo a chance de estabelecer laços *on line* com pessoas de quantas comunidades desejarem. Analisar como o surgimento de uma sociabilidade virtual interfere no desenvolvimento dos jovens estudantes e afeta a vida estudantil *off line* é ainda um de nossos objetivos. O que se quer elucidar é se a troca e circulação de idéias alimentam o capital cultural e também o capital social dos jovens. Como essas comunidades virtuais, diferentes culturas juvenis, interferem na educação e na linguagem, já que os primeiros contatos numa comunidade virtual são pelas palavras. Enfim, quais os efeitos benéficos e maléficos desse modelo de interação no desenvolvimento humano? Por último, pretende-se, por dados colhidos na pesquisa, entender como uma juventude com condições sociais, econômicas e culturais adversas se vê frente à tecnologia digital. Como se tem acesso a isso, visto que muitos não possuem internet e até mesmo computador em casa. A pesquisa é de natureza qualitativa e contará como elemento teórico-metodológico a Psicanálise e Análise de discurso francesa (AD). Como corpus discursivo será apresentada a análise discursiva de jovens estudantes que acessam a internet e têm o Orkut como espaço de sociabilidade.

Palavras-chave: Virtualidade; Juventude; Comunidade virtual.

ADOLESCÊNCIA, DESENVOLVIMENTO E AMBIENTES EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS

Autor(es):
Cláudio Márcio de Araújo - Universidade de Brasília
Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira - Universidade de Brasília

Acreditamos que o fenômeno adolescência deve ser visto como parte constituinte no processo de construção do ser humano, sendo um momento interpretado, vivenciado e significado na dinâmica cultural da sociedade. Essa visão contextualizada de adolescência nos leva a refletir sobre a importância de ambientes educativos não-formais no desenvolvimento de sujeitos que vivenciam situações de risco e vulnerabilidade social. O presente trabalho é parte de um estudo que tem como objetivo compreender a dinâmica das sig-

nificações construídas por adolescentes, na linha do tempo, a partir da experiência de atendimento em uma instituição do sistema de ações socioeducativas da cidade de Goiânia (GO). Participaram dessa pesquisa: a) 30 adolescentes, entre 12 e 16 anos; b) profissionais e estagiários da instituição estudada; c) e o próprio pesquisador. A metodologia envolveu observações etnográficas realizadas ao longo de 5 meses, análise documental e entrevistas com profissionais e adolescentes, alunos e ex-alunos da instituição. Os dados de pesquisa foram analisados em três níveis, a saber: a) análise das significações institucionais; b) análise das significações dos adolescentes; c) análise de transformações e desenvolvimento de sentidos subjetivos dos adolescentes a partir da análise de pequenas histórias, contadas pelos adolescentes em situação de entrevista. Assim, foram investigados aspectos institucionais, intersubjetivos e subjetivos das significações construídas acerca da experiência institucional. No presente trabalho, focalizaremos o nível dois de análise, no qual as interfaces e contradições entre significados institucionais e pessoais são enfocadas, a partir dos relatos de entrevista dos adolescentes. Os resultados indicam que as práticas institucionais tendem a reproduzir visões correntes sobre a adolescência e o desenvolvimento humano. Ainda assim, o fato de que a ação institucional se desenvolve em ambiente educativo não-formal, com atividades nas áreas de Artes e Psicopedagogia, parece contribuir para auto-imagens não-canônicas, em que os entrevistados figuram como sujeitos capazes de posicionamentos de auto-proteção, relevantes em contextos sociais de risco. Em decorrência, eles parecem manter uma vinculação positiva com a instituição estudada, cujas ações os encorajam a atuar como protagonistas de seu próprio processo de desenvolvimento, tornando-se autores de si próprios.

Palavras-chave: Adolescência; Desenvolvimento; Autonomia; Vulnerabilidade.

AFETIVIDADE JUVENIL EM RELAÇÃO ÀS ÁREAS VERDES URBANAS

Autor(es):
Daniele da Costa Cunha - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Hayla Mayre de Brito Martins - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Indira Leite Ferreira e Souza - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Maria Inês Gasparetto Higuchi - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

Os graves problemas ambientais que a sociedade tem enfrentado requerem não apenas ações de gestão ambiental e políticas públicas, mas sobretudo, uma compreensão do comportamento humano sobre os ambientes naturais e seus recursos. Um dos aspectos que tem sido ignorado nessa problemática é a subjetividade humana na sua relação com o ambiente. Estudar a afetividade como expressão da subjetividade do ambiente, permite explicar a natureza das relações estabelecidas entre homem e ambiente, os valores desse espaço e a orientação da conduta do indivíduo em relação a diferentes ambientes. Este estudo se propôs a investigar os aspectos afetivos que jovens possuem em relação às áreas verdes urbanas. A pesquisa foi realizada com 62 jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 18 anos, alunos de escolas públicas e privadas da cidade de Manaus (AM), selecionados aleatoriamente. Utilizou-se a técnica do ambiente fotografado, que consiste na evocação de sentimentos frente a oito tipos de ambientes que contemplam itens arbóreos, arranjos de

jardinagem e fragmentos florestais urbanos. Os resultados mostram que os adolescentes, de forma geral, manifestam sentimentos positivos em relação às áreas verdes. Porém, esse sentimento se transforma ao considerarem as áreas verdes próximas das casas, das instituições ou no espaço da cidade. Os adolescentes admiram a natureza quando esta se localiza longe da ocupação urbana, como se o lugar das áreas verdes fosse sempre longe das pessoas. Esse sentimento se deve em parte pela preocupação de que se essas áreas verdes estiverem na cidade elas fatalmente perecerão pela imprudência e falta de cuidado dos humanos. Desta forma os sentimentos são de alegria, contentamento ao se depararem com áreas verdes e particularmente ao perceberem que estas estão afastadas de áreas construídas. Um dos adolescentes manifestou o sentimento de tristeza com relação à perspectiva de destruição da área verde por ela estar próxima a áreas construídas. Percebe-se na fala dos jovens o sentimento de pessimismo quanto à existência de áreas verdes junto a áreas construídas. Há um conflito em relação à convivência destas duas áreas próximas, apesar deles gostarem da área verde e sentirem alegria ao vê-la, há a perspectiva de que em alguns anos ela não irá mais existir próxima às construções.

Palavras-chave: Afetividade ambiental; Espaço urbano; Áreas verdes.

ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Autor(es):
Suraia Oliveira Veloso Carneiro - Universidade Católica de Goiás
Thyago do Vale Rosa - Universidade Católica de Goiás

O presente estudo tem como objetivo promover uma reflexão e debate sobre um trabalho psicoterapêutico com crianças e adolescentes de um bairro isolado da região metropolitana de Goiânia com precária rede de suporte social. Tal perspectiva se inscreve na lógica de uma prática de cunho clínico que dê suporte a um re-significar da experiência singular dos participantes do grupo psicoterapêutico, amparada pelo aporte teórico da psicanálise como instrumento de intervenção. O trabalho baseia-se no modelo do Grupo Terapêutico com crianças e adolescentes de 09 a 13 anos de idade. As atividades tiveram início a partir da queixa dos pais sobre as dificuldades no desempenho escolar, na educação e aprendizagem de seus filhos. Pelo dispositivo da fala, ao iniciar as atividades com o grupo, os psicólogos puderam escutar e perceber nos discursos das crianças, dificuldades relacionadas à questão da sexualidade e compreensão das transformações e as explosões de energias libidinais, emocionais e hormonais. As atividades visaram a escuta e o acolhimento dos conteúdos emergentes dentro do grupo para discussão e possível elaboração do funcionamento e dinâmica psíquica de cada membro. A triagem com as crianças e adolescentes aponta para representações sobre a família em torno de vivências violentas e preconceitos aglutinados em torno das questões sobre a sexualidade. Assim, o trabalho buscou proporcionar um suporte psicológico por meios de atividades temáticas que visavam o desenvolvimento das potencialidades e habilidades de cada membro do grupo; sobretudo, a

vivência da sexualidade cheia de dúvidas que se apresentou como um desconhecido. Os sujeitos foram acolhidos neste espaço singular para falar desse desconhecido, das relações com o outro, visando construir, elaborar sua própria subjetividade, sua sexualidade. A partir do não dito no ambiente familiar que se figurava na forma de uma queixa de dificuldades de aprendizagem, foi possível compreender e tratar o sofrimento psíquico manifestado como desordens escolares, proporcionando para muitas dessas crianças e adolescentes cura e conhecimento de sua sexualidade.

Palavras-chave: Aprendizagem; Sexualidade; Adolescentes; Desenvolvimento.

BULIMIA E VIGOREXIA: MAL-ESTAR DOS JOVENS CONTEMPORÂNEOS

Autor(es):
Erica Vila Real Montefusco - Universidade Federal do Ceará
Maria de Fátima Vieira Severiano - Universidade Federal do Ceará
Mariana Oliveira do Rêgo - Universidade Federal do Ceará

Nunca em outra época o corpo foi tão cultuado, cuidado, admirado, comparado, e até mesmo descartado. É comum depararmo-nos com adolescentes que renunciam ao alimento em função de dietas, ou mesmo rapazes cultivando excessivamente seus músculos nas inúmeras academias, cada vez mais lotadas. Em ambos os casos, o fator que impera nessas atitudes é a busca pelo corpo ideal, onipotente e perfeito, publicizado pela mídia e pela indústria da saúde. Um padrão de corpo imposto em nossos dias pelos códigos da Sociedade de Consumo Hipermoderna. É nesse contexto que foi realizada esta pesquisa, na qual tratamos acerca dos transtornos de imagem corporal bulimia e vigorexia. O objetivo foi investigar os sentidos revelados na busca pelo corpo idealizado em sujeitos portadores dos referidos distúrbios, considerando os possíveis paradoxos e excessos. Tomamos com referencial teórico autores como Lipovetsky, Bauman, Freire Costa, Birman, Brusset, Courtine, Severiano, Freud e Laplanche. A bulimia é uma psicopatologia que consiste em uma hiperfagia seguida de um excesso de comportamentos compensatórios, tais como os vômitos, os jejuns e o excesso de exercício. A doença se manifesta, principalmente, em jovens do sexo feminino. A vigorexia ou Síndrome de Adônis é um transtorno no qual a pessoa realiza práticas esportivas de forma intensa e contínua para ganhar massa muscular e definição corporal, numa valorização praticamente religiosa da forma física, muitas vezes a ponto exigir constantemente de seu corpo sem se importar com eventuais conseqüências ou contra-indicações. Ambas as patologias estão atreladas a características narcísicas que, desmesuradas, podem produzir sofrimento psíquico e exclusão/confinamento social. Para a realização desta pesquisa, foi feita uma análise qualitativa de algumas comunidades, blogs e de depoimentos encontrados no site de relacionamentos Orkut, que é bastante utilizado pelos jovens como forma de comunicação. A análise dos discursos de nossos sujeitos tem nos levado a refletir acerca da grande incidência dos excessos cometidos por esses jovens e o profundo mal-estar deles derivados. Nossas reflexões finais revelam, por fim, a profunda influência da mídia nas conseqüências funestas referentes à pressão sobre o enquadramento do corpo nos moldes idealiza-

dos pelo consumo. Daí acreditarmos que os estudos críticos e o debate sobre os fenômenos da bulimia e da vigorexia, numa perspectiva psicossocial, são temas prementes na reflexão sobre a juventude contemporânea, cada vez mais capturada pelo discurso midiático da "saúde" e da "beleza".

Palavras-chave: Bulimia; Vigorexia; Hipermodernidade; Narcisismo; Juventude.

CICLOS VIOLENTOS NA FAMÍLIA: RESSONÂNCIAS DA MORTE DE ADOLESCENTES E JOVENS

Autor(es):
Carla Dalbosco - Universidade de Brasília
Maria Fátima Olivier Sudbrack - Universidade de Brasília

O crescimento da violência no Brasil vem acompanhado pelo aumento expressivo das taxas de mortalidade por homicídio de jovens entre 15 e 24 anos. Este trabalho busca investigar as ressonâncias do sofrimento causado pela morte violenta de adolescentes e jovens, oriundos de famílias em contexto de vulnerabilidade social. A morte precoce de jovens da periferia revela um quadro de banalização da vida, somado a falta de um espaço de discussão, perante a sociedade brasileira, que dimensione seu grau de complexidade. Esses jovens têm vivido um roteiro pré-escrito de violência e morte, recebendo grande influência dos valores do tráfico de drogas e sua lógica perversa, o qual estimula a competição individual desenfreada, transformando a violência numa forma de relação e de auto-afirmação. A partir de uma intervenção clínica comunitária, cujo objetivo foi desenvolver grupos multifamiliares junto a adolescentes em conflito com a lei e suas famílias, investigou-se de que forma a morte violenta de um jovem afeta o sistema familiar. Procurou-se compreender o tema em sua natureza complexa, através de uma perspectiva sistêmica. Para tal, foi utilizada uma metodologia qualitativa e realizados seis estudos de caso com famílias que tiveram a perda de filhos em situação de violência, em uma cidade satélite do Distrito Federal. Os dados foram coletados através de entrevistas clínicas, acrescidos da confecção da linha do tempo e do genograma familiar. A metodologia de análise qualitativa privilegiou um olhar focal sobre o fenômeno, trazendo a importância de conhecer cada situação em profundidade, priorizando as singularidades. Os achados representam a tradução do sofrimento dessas famílias, pois não há espaço adequado para elaboração do luto e das violências sofridas. As mães desenvolvem sintomas como depressão e vulnerabilidade a doenças, marcas indeléveis do impacto sofrido; os irmãos ficam expostos a situações de risco, como criminalidade e tráfico de drogas, resultando em comportamentos violentos e desejos de vingança, na busca desesperada de justiça e alívio. Em caráter transgeracional, esses jovens tornam-se também porta-vozes do sofrimento familiar. O envolvimento com comportamentos e práticas violentas reforça ainda mais a perpetração do ciclo: assaltos, tráfico, rixas, brigas. Dificilmente esses jovens encontram outras perspectivas, pois seu futuro já se encontra definido na marginalidade, na invalidez ou na morte. Há a completa eliminação da capacidade de sonhar e ocorre sempre a possibilidade que a história trágica se repita. Esses dados reforçam não só a necessidade de investimentos em pesquisas sobre o tema,

como intervenções mais dirigidas no auxílio a esta população tão vulnerável. As famílias precisam buscar o fortalecimento de suas redes sociais e ressignificar a vida após a perda, buscando novos recursos adaptativos.

Palavras-chave: Luto; Violência; Adolescência; Família; Situações de risco.

CIRURGIA BARIÁTRICA: IMPASSES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA JOVEM

Autor(es):
Fábio Jesus Miranda - Universidade Católica de Goiás
Thyago do Vale Rosa - Universidade Católica de Goiás

Em nossa cultura a condição obesa é tida como uma espécie de contra-indicação social, sobretudo na forma de preconceitos e discriminação. Cada vez mais jovens mulheres acreditam ter defeitos no próprio corpo, queixa que começa como insatisfação e pode caminhar para um distúrbio mais grave. Mesmo com o avanço das técnicas cirúrgicas gástricas cada vez mais eficientes, há importantes mudanças do ponto de vista psicológico nesses pacientes. O presente trabalho traz uma reflexão sobre a experiência de uma jovem que buscou a cirurgia de redução do estômago sem indicação médica. O material interpretativo é fruto de uma entrevista do tipo clínico e a análise se deu a partir da (re)construção, pelo entrevistador, do material subjetivo e transferencial que emergiu da condição de entrevista. A partir do percurso de pesquisa adotado, a entrevistada foi convidada a falar sobre a experiência do ganho de peso e da experiência com a cirurgia de redução do estômago. São apresentados alguns trechos da construção e das falas da jovem, sempre com uma articulação teórica feita a partir de referenciais psicanalíticos. A análise parece indicar que a cirurgia se constitui como uma tentativa de mudança, de mudar a sua própria identidade. Diferentemente de uma tentativa de se restituir saúde, a jovem antes obesa parece buscar um verdadeiro corte em sua própria história, uma mudança em sua identidade inscrita e expressa no visível de seu corpo. Como aponta o sujeito, a ocasião de uma preocupação corporal, como no caso da obesidade e da cirurgia, parece incidir sobre ele uma sobrecarga difícil de adaptar.

Palavras-chave: Juventude; Identidade; Obesidade; Psicanálise.

CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO: CARACTERIZAÇÃO E ATRIBUIÇÃO DE SIGNIFICADO

Autor(es):
Renata Maria Coimbra Libório - Universidade Estadual Paulista

Agência financiadora: CNPq

De uma forma geral, o envolvimento de crianças e adolescentes em situações de trabalho tem sido apontado na literatura como um indicador de risco ao desenvolvimento, embora recentemente alguns autores questionem tal afirmação. Em reuniões com a comissão municipal do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), percebemos a escassez de trabalhos científicos

que buscassem compreender as formas de trabalho, assim como as formas de exploração e o impacto dessas atividades na vida de crianças e adolescentes do município de Presidente Prudente. Sendo assim, foi elaborado um projeto de pesquisa que almejou fazer um diagnóstico inicial do número de crianças e adolescentes, com idades entre 09 e 14 anos, que realizam algum tipo de tarefa que podemos considerar como trabalho informal urbano/rural e serviço/trabalho doméstico. Além disso, buscamos entender os significados e sentidos atribuídos por essas crianças frente à situação vivenciada, assim como as condições e contextos que asseguraram aspectos positivos na sua trajetória de vida que garantiram um desenvolvimento saudável. Para tanto, a pesquisa foi dividida em três etapas. Na primeira, foi feito um levantamento do número de crianças que já realizaram alguma atividade que pudesse ser classificada como trabalho. Foram selecionadas 10 escolas públicas, sendo 5 estaduais e 5 municipais, para a realização da pesquisa. A seleção das escolas foi feita utilizando os seguintes critérios: a) escolas que estão localizadas em regiões com maior número de encaminhamentos à Secretaria de Assistência Social notificados como trabalho infantil; b) indicadores de família com rendimento de até um salário mínimo. No total, participaram 702 sujeitos se encontravam na época regularmente matriculados entre a 4ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Foi utilizado um questionário contendo 61 questões, na maioria de múltipla escolha. Para a análise das informações foi utilizado o software estatístico SPSS, versão 14.0. Num segundo momento, para compreendermos os significados atribuídos às atividades realizadas, assim como a interpretação dada a essa situação pelo próprio sujeito, foram selecionados 16 participantes que apresentaram maior envolvimento em atividades laborais, para participarem de entrevistas semi-estruturadas. Destes, oito estavam inseridos em atividades urbanas e rurais e oito em atividades domésticas (na própria casa ou na de terceiros). Para a última etapa da pesquisa pretendemos analisar os indicadores de proteção presentes nas trajetórias de vida das crianças e adolescentes trabalhadoras, de forma a qualificar as discussões relativas à elaboração e efetivação de políticas públicas e serviços, em vários setores, voltados ao seu atendimento. Serão apresentados alguns resultados preliminares que certamente contribuirão na discussão e na efetivação dos direitos de crianças e adolescentes em situações similares.

Palavras-chave: Trabalho infanto-juvenil; Subjetividade; Caracterização.

CRISE ADOLESCENTE E COMPORTAMENTO DE RISCO

Autor(es):
Juliara Machado Goulart - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Vera Lúcia Silva Lopes Besset

Agência financiadora: CNPq

A adolescência é um momento de transição na estruturação de sujeito, talvez o mais sofrido porque o sujeito precisa separar-se da autoridade parental. Separar-se daquilo que foi sua matriz para alcançar uma imagem de si e uma dimensão subjetiva. Para agravar a tensão na adolescência, nossa época promove o ideal de independência junto ao de felicidade. Na verdade, tanto

o âmbito familiar quanto o social não podem garantir tais ideais à entrada do "mundo adulto", por questões morais e econômicas. O adolescente percebe esse quadro paradoxal, o qual intensifica a angústia desse momento, levando-o, mais facilmente, a atuações como meio de superação da grande angústia que esses impasses promovem. O comportamento de risco derivado da "tendência a agir" durante a adolescência trata-se, muitas vezes, de um passar ao ato, no sentido psicanalítico do conceito. A Psicanálise faz distinção entre agir e ato. Lacan, em o seminário O ato psicanalítico, define ato como algo que não se restringe à forma motora. Ele toma seu valor, sua articulação de ato significativo com relação ao inconsciente. O sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, está aí colocado em ato. Dessa maneira, um mesmo ato pode ser praticado sob uma determinação ou outra, o que levará a conseqüências distintas se analisadas caso a caso. Lacan em seu seminário A angústia, distingue o ato em duas classificações: *acting-out* e "passagem ao ato", de acordo com suas especificidades estruturais. Em se tratando de *acting-out*, este é alguma coisa que se mostra, se faz ver na conduta do sujeito. É um apelo que pode ser submetido à interpretação no tratamento analítico. Quanto à "passagem ao ato", é o ato em si e por si mesmo, o ato no real. Neste, o sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, deixa-se cair. Por oposição ao *acting-out*, não há apelo. É preciso que o ato se inscreva no campo do significante para que se transforme em discurso, em vez de atuação. Para tal, na condução do tratamento, Lacan propõe um terceiro ato, o ato analítico. O ato analítico está do lado do psicanalista na sua prática clínica. Sua interferência em ato diferencia da interpretação. Enquanto a interpretação realiza-se como um efeito a posteriori, o ato é algo que se realiza no fazer. O que marca uma ação como ato, é o fato de se dar em um instante, e porque dele surge uma mudança para o analisante. O ato analítico toca o real no sujeito, dessa forma suscita um deslocamento subjetivo que não tem retorno. Assim, nos interessamos na pesquisa por pensar recursos para a direção do tratamento com sujeitos que portam uma angústia avassaladora, persistente e, muitas vezes, resistente ao regular na condução das análises. São sujeitos que, comumente, chegam para o tratamento a partir de uma atuação de risco para consigo, ou seja, que, mais facilmente que outros, passam ao ato.

Palavras-chave: Adolescente; Comportamento de risco; Tratamento.

EMANCIPAÇÃO, AINDA QUE TARDE? JUVENTUDE E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA NAS ESCOLAS

Autor(es):
Camila de Carvalho Machado
Carlos Vinícius Ribeiro Almada
Lucia Rabello de Castro - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Renata Alves Freire - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho tem como objetivo analisar e mapear as possibilidades de participação de crianças e jovens nos processos decisórios da escola, apresentando, como evidência empírica, os resultados parciais de uma investigação sobre as condições subjetivas e objetivas de democratização do espaço

escolar. O ambiente escolar constitui-se como espaço de convivência plural, demandando novas formas de diálogo, negociação e ação social diferentes daquelas que jovens e crianças desempenham no meio familiar. A passagem do espaço privado para o espaço público implica o enfrentamento de conflitos, assim como transformações subjetivas que dêem conta de sua negociação e resolução. O sentido de participação que afirmamos na presente investigação baseia-se nas possibilidades efetivas de crianças e jovens construírem espaços comuns de negociação e decisão com seus pares e alteres, num processo em que diferença e igualdade, assim como hierarquia e liberdade se articulem. Foram entrevistados cerca de 120 jovens de escolas municipais, estaduais e particulares do estado do Rio de Janeiro, em que se buscou levantar as maneiras como encaram situações de injustiça e constrangimento na escola. Focalizamos de que maneiras as situações que sentem como opressivas podem ser re-significadas como disparadoras de reflexão e ação. Nesse processo, a ação conjunta pode ser um mecanismo que mobiliza recursos para a criação de um outro cotidiano possível. Por outro lado, buscou-se também compreender como os contextos institucionais, principalmente a escola contemporânea, favorecem (ou não) a produção e a consolidação de dispositivos de participação, de modo que uma formação cidadã seja realmente possível. Discute-se, a este propósito, que modos de subjetivação política estão em jogo nesse processo, na medida em que crianças e jovens se expõem ao contato com a diferença e com situações de conflito que mobilizam a ação em favor de causas comuns e da ação engajada. A análise dos resultados da pesquisa aqui apresentada insere-se no âmbito de um projeto mais amplo sobre democracia nas escolas, levado a cabo com alunos, professores e diretores de escolas das redes pública e privada no estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Subjetivação política; Juventude; Escola.

GESTORES: O QUE PENSAM SOBRE OS JOVENS ACERCA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Autor(es):
Marcia Matheus Tinoco Silva - Universidade Federal de Mato Grosso
Maria Augusta Rondas Speller

Achou-se pertinente realizar uma pesquisa na qual os próprios gestores pudessem falar de seus anseios, frustrações e desejos, a partir do tema violência escolar. Para analisar as falas, as crenças do grupo de gestores, lançou-se mão da teoria psicanalítica. A escola tem um desafio que é, em síntese, refletir sobre as implicações e as responsabilidades da gestão escolar no que tange ao seu papel na busca de uma escola mais humana, menos violenta. A orientação metodológica utilizada foi de natureza qualitativa. Utilizaram-se técnicas de grupo focal. Inicialmente, foram definidos com os gestores os objetivos do projeto, ou seja, discutir acerca da violência escolar. Após o final dos encontros foi aplicado um questionário, por escrito, que propiciou a exposição individual do que pensam a respeito dos temas pesquisados. Após os encontros com o Grupo Focal e a aplicação do questionário, iniciou-se a análise dos dados obtidos, tendo como norte os objetivos propostos. Segundo

os gestores a violência é um fenômeno existente na sociedade, envolvendo agressões como: física, mental, moral e psicológica. Para os gestores a palavra é, com freqüência, um veículo de agressão, mas segundo a psicanálise, pode também ser um veículo através do qual o mal-estar que gera a violência pode ser falado e elaborado. Em relação à violência escolar, os gestores destacam como dificuldades o relacionamento com os jovens e seus familiares. Acreditam que a situação estará sob controle quando conseguirem conscientizarem os familiares sobre a necessidade de educar os filhos para respeitar os professores e demais funcionários da escola, sem deixar claro como isso poderia ocorrer. Os gestores consideram os alunos e seus familiares os maiores causadores da violência na escola. Há uma preocupação sobre como as famílias vêm educando seus filhos. Desta forma, ocorre, por parte dos gestores, um desejo de ensinar as famílias como devem educar. Assim deixam para segunda instância, a finalidade da escola, o ensino e a aprendizagem. Para lidar com a violência na escola citaram como mecanismo o bom relacionamento entre todos. Além disso, citaram a necessidade de policiamento na escola com mais freqüência. Ao assim fazerem, os gestores afirmam sentir que algo está sendo feito para lidar com a violência escolar.

Palavras-chave: Violência; Jovens; Educação.

IDENTIDADE, SOCIALIDADE E CONSUMO NAS PRÁTICAS INFRACIONAIS DE ADOLESCENTES

Autor(es):
Adriana Almeida Camilo - Universidade de Brasília

Agência financiadora: CNPq

A construção da identidade é produto não apenas da igualdade, da repetição, mas igualmente da diferenciação. O self encontra seu lugar também nas formas de subjetivação que não coincidem com o outro, dimensão na qual as singularidades, as particularidades e idiossincrasias se destacam. O presente trabalho investiga a relação entre a formação da identidade, as práticas de consumo e o cometimento de atos infracionais de jovens de baixa renda do Distrito Federal. O objetivo do estudo é compreender em que medida, em sociedades organizadas em torno do consumo, as práticas de consumo adolescente se relacionam com a formação da identidade individual e grupal e a instituição da infração. Participaram desta investigação 30 adolescentes do sexo masculino de 14 a 20 anos, em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade, atendidos em oficinas psicopedagógicas desenvolvidas na escola da instituição de internação. A construção das informações ocorreu em atividades de grupo e durante seis entrevistas autobiográficas individuais, que exploraram a visão dos participantes acerca dos contextos de desenvolvimento da adolescência, do delito, do uso de drogas e das práticas de consumo. A partir do texto gerado pela transcrição das entrevistas, procedeu-se à análise microgenética das narrativas. Os resultados apontam: (a) a correlação entre a prática de atos infracionais e o envolvimento com drogas; (b) a prática infracional adotada como estratégia de reconhecimento social, bem como de acesso às práticas de consumo; (c) a relevância do cotidiano

institucional entre os fatores que promovem a reprodução da violência social e comunitária; (d) a existência de múltiplas significações associadas à medida. Embora os participantes do estudo provenham de contexto de pobreza, em suas práticas infracionais, a ordem da necessidade submete-se à ordem do consumo. Compreender o processo de identidade dos participantes exige considerar as infrações e a condição de privação de liberdade como eixos organizadores dos processos de significação sobre si e sobre os eventos em curso. O desafio enfrentado pelos adolescentes de tentar realizar uma síntese de suas imagens passada, presente e futura e nas situações dentro/fora da instituição também indica a necessidade de discutir a noção de identidade na contemporaneidade em contextos específicos.

Palavras-chave: Adolescência; Identidade; Ato infracional; Consumo; MSE.

INVESTIGANDO A TRANSFORMAÇÃO DA IMAGEM DE SI EM JOVENS PARTICIPANTES DE OFICINAS ESTÉTICO-CRIADORAS

Autor(es):
Andréa Vieira Zanella - Universidade Federal de Santa Catarina

Agência financiadora: FAPESC

Neste trabalho são discutidos os resultados de uma pesquisa que visava investigar a potencialidade de atividades estético-criadoras para a modificação da imagem de si de jovens em situação de ausência e/ou negligência de seus direitos. Buscou-se compreender como esses jovens se percebem, considerando nas reflexões as suas condições de vida, bem como de que maneira as vivências estético-criadoras são mediadoras na re-significação dessa percepção. O contexto da pesquisa foi um curso de teatro/improvisação, oferecido a jovens que frequentavam uma associação de moradores de um bairro popular de Florianópolis (SC). O curso de teatro/improvisação foi realizado através de encontros semanais com duração de aproximadamente uma hora e meia cada, por um período de três meses. Frequentavam o curso em média de cinco a dez jovens, todas do sexo feminino. As informações foram obtidas através da filmagem das oficinas, de entrevistas iniciais realizadas durante as primeiras semanas do curso e de entrevistas realizadas três meses após o término do curso. Foram entrevistadas sete jovens que participaram de todo o curso, com idades entre 11 a 13 anos, sendo essas entrevistas posteriormente transcritas. Para a análise dos dados utilizou-se a análise de discurso a partir das teorias de Bakhtin e Vygotski. Categorias de análise foram construídas a posteriori, a partir da leitura e releitura do material coletado. A reflexão sobre esses dados pautou-se na escuta das diferentes vozes sociais que ecoam nos discursos das jovens entrevistas e revelam as tensões características das relações com muitos outros, presentes e ausentes, que ativamente as constituem como sujeito coletivo/singular. Constatou-se, com as entrevistas iniciais e finais, que houve pequena modificação na imagem de si dessas jovens, porém é necessário problematizar as condições que as (im)possibilitaram. Os resultados permitem compreender a trama intrincada das relações e vozes sociais que participam no processo de constituição da imagem de si das jovens investigadas, bem como as dificuldades para sua transformação. Atividades estético-criado-

ras, por sua vez, podem vir a ser importantes ferramentas nesse movimento, porém é necessário considerar: as condições em que essas atividades ocorrem; as relações estabelecidas com outros participantes e com a pessoa que ocupa o lugar de professor nesse contexto; e o modo como as jovens significam essas atividades.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem de si; Oficinas estético-criadoras; Jovens.

JOVENS DE PRÉ-VESTIBULARES COMUNITÁRIOS NA PUC/RIO: EXPERIÊNCIAS E TÁTICAS NO CONVÍVIO COM A ALTERIDADE

AUTOR(ES):
Luciana Ferreira Barcellos

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a experiência de jovens oriundos de espaços populares como estudantes universitários da PUC/Rio. O projeto Bolsa de Ação Social da PUC/Rio, desde 1994, vem concedendo a estes jovens bolsas integrais e outros benefícios. A pesquisa realizou-se através dos seguintes dispositivos metodológicos: entrevistas com os bolsistas e a observação-itinerante. Os autores Mikhail Bakhtin e Michel de Certeau serviram como referenciais de base para a investigação e análise do material obtido. Foram entrevistados estudantes de cursos variados abrangendo as diferentes áreas de conhecimento. Ressalta-se que o dispositivo entrevista é nesta pesquisa compreendido como um espaço de re-significação de papéis socialmente instituídos. Dá-se atenção à relação que se estabelece entre pesquisador e sujeitos da pesquisa no ato da realização da entrevista, tendo, na perspectiva dialógica (ancorada em Mikhail Bakhtin) a sua estratégia metodológica principal. O recurso da observação-itinerante contou com a própria observação do pesquisador sobre o cotidiano dos estudantes na universidade. Deu-se importância ao processo e ao caminho percorrido e construído a cada etapa pelo pesquisador. Em uma trajetória não-linear, o pesquisador deu prioridade às pistas encontradas no próprio campo, analisando em relatórios de campo, as suas impressões a partir deste encontro. A observação-itinerante, as entrevistas e o diário de campo foram os instrumentos de aproximação com a realidade investigada, definindo, a cada etapa, o modo de enfrentamento com os jovens e os caminhos que foram sendo percorridos. Os principais aspectos observados foram organizados em categorias de análise. Dar-se-á prioridade, aqui, a duas delas: A Produção da Subjetividade nos Espaços Demarcados pelo Consumo e Correndo Atrás e Criando Redes de Apoio no Enfretamento das Diferenças Sociais. A pesquisa aponta que a própria instituição, apresentando espaços de consumo direcionados para um tipo específico de consumidor, acaba delineando uma separação geográfico-espacial entre os grupos ali presentes. A universidade tem em sua lógica de funcionamento a função de atender a um público determinado de alunos. Contudo, este aluno faz uso de maneiras criativas (que Certeau denominaria táticas) de se apropriar do espaço e de burlar os entraves advindos do sistema burocrático mais amplo. Se, de um lado, corroboram velhos paradigmas e concepções, de outro, são exigidos novos modos de compreensão e re-significação das experiências destes jovens no contexto investigado. Portanto, o objetivo desta apresenta-

ção de mostrar como os jovens afetam e são, simultaneamente, afetados pelo novo espaço de convívio – a Universidade -, bem como trazer à tona para o debate o modo como os jovens universitários constroem novas identidades e novos processos de subjetivação que são peculiares ao contexto em questão.

Palavras-chave: Juventude; Subjetividade; Alteridade; Universidade.

JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM FENÔMENO COMPLEXO

Autor(es):
Nathalia Fernandes Valente

Encontrar jovens dormindo nas ruas, vendendo doces ou pedindo dinheiro é algo comum nas grandes cidades. No entanto, o caminho percorrido por eles até a chegada às ruas é muito mais amplo e complexo do que podemos imaginar. É bastante freqüente ouvir as pessoas e/ou noticiários falando sobre a problemática das "crianças de rua". Mas a definição criança de rua em si já gera algumas polêmicas. Atualmente o termo mais aceito no meio acadêmico é criança ou adolescente em situação de rua, numa tentativa de diminuir o preconceito e a rotulação sofridos por estes. Nem todo jovem que transita pelas ruas se apropria de fato desse espaço. Muitos deles encontram na rua uma alternativa para diferentes realidades de vida, o que não significa que todos sejam desprovidos de referências ou ambientes familiares. Não é possível considerar qualquer criança que esteja na rua como pertencente àquele lugar. Na verdade é muito complicado considerar até mesmo uma delas. A grande questão a ser entendida é porque estes, às vezes muito novos, decidem buscar na rua uma alternativa de existência. As associações mais comuns relacionam a experiência de rua a indivíduos que sofrem com a miséria e/ou violências domésticas. Mas ao analisarmos a realidade do Rio de Janeiro vemos que se toda criança que passasse por estas situações fosse parar na rua, todas as calçadas cariocas estariam repletas de "moradores", fixos ou transitórios. O que pretendemos ao sinalizar essas questões é que além desses, muitos outros fatores são responsáveis por levar esses jovens a esse contato com a rua. A rua apresenta um diferencial, ela oferece oportunidades novas, inclusive diversão, brincadeiras e aventura. Sendo ainda um espaço com maior isenção de controle e julgamento. E outros tantos são os fatores que levam os demais jovens que passam por dificuldades a se afastar da vida nas ruas. Não há como acabar com esta problemática de um dia para o outro. Também é difícil encontrar soluções simples e rápidas. A partir do momento em que se chega à rua por vários motivos, torna-se necessário dar voz aos jovens, fazer um acompanhamento prolongado destes e não apenas dar-lhes um teto como resolução de problemas muito maiores.

Palavras-chave: Rua; Jovens; Crianças; Subjetividade.

JOVENS ENGAJADOS NO TRABALHO SOCIAL: UMA AÇÃO POLÍTICA?

Autor(es):
Amana Rocha Mattos - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Beatriz Corsino Pérez - NIPIAC/UFRJ
Conceição Firmina Seixas Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES/CNPq

Este trabalho partiu da investigação dos caminhos de participação dos jovens através do trabalho social (ONGs, associações e projetos sociais). Foram feitas dez entrevistas semi-estruturadas com jovens de ambos os sexos, habitantes do estado do Rio de Janeiro, cuja faixa etária encontra-se entre 16 e 25 anos. Procuramos entender como os jovens envolvidos no trabalho social significam este campo de participação e se essa ação apresenta uma dimensão política. Buscamos clarificar de que maneira a participação social, compreendida como campo de ação e reflexão, pode constituir nos dias atuais uma via para a assunção de uma subjetividade coletiva para o jovem brasileiro. Para isso, analisamos como e se os jovens engajados em trabalhos sociais vêem um sentido político no que fazem. Pudemos observar que, ao se mobilizar para uma ação social coletiva, os jovens parecem se posicionar em oposição ao que normalmente é entendido como política institucionalizada. Ao fundar ou participar de grupos e Organizações Não-Governamentais, os jovens parecem buscar uma alternativa a essa política institucionalizada (partidos, governo, movimentos estudantis), como uma maneira mais eficaz e acessível de se conseguir realizar ações para a sociedade. Também destacamos a "ação no presente" como um dos aspectos mais significativos dos engajamentos de nossos entrevistados, na medida em que a participação social permite que o jovem aja sobre o mundo e modifique as coisas ao seu redor em sua atuação direta. Alguns sentimentos são evocados quando os jovens falam de suas participações, como a responsabilidade pessoal, a solidariedade, o sentimento de utilidade e as frustrações encontradas em suas trajetórias. Em nossa análise, buscamos identificar esses sentimentos e também os impasses e as dificuldades que surgem na narrativa desses jovens a respeito de suas práticas. Ainda uma questão que identificamos em nossa análise foi como o espaço de convivência oferecido pelo trabalho social é vivido como um espaço de sociabilidade, de criação e manutenção de vínculos de amizade e de diversão. A acentuação dessa característica nas falas confere à experiência desses sujeitos um forte valor afetivo, de mobilização pelo prazer de se estar com amigos ou pares, fazendo algo conjuntamente, o que torna o exercício da participação algo divertido, ou mesmo lúdico. Neste trabalho, procuramos discutir se esse campo de atuação possui uma dimensão política, e de que política estaríamos falando ao pensarmos a participação social do jovem nos dias atuais.

Palavras-chave: Juventude; Participação; Psicologia política.

JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA: DISCUTINDO A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

Autor(es):
Renata Alves de Paula Monteiro - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CNPq

O tema da juventude tem tomado corpo no Brasil, de forma bastante intensa nos últimos anos, ampliando e diversificando os focos anteriormente existentes e colocando novas questões e desafios para a construção de diagnósticos e ferramentas de trabalho para quem se preocupa com ações e iniciativas dirigidas aos jovens. Uma evidência disso está, por exemplo, na criação de uma Comissão de Juventude, de um Plano Nacional de Juventude e de um Estatuto da Juventude. A discussão da transição para a vida adulta tem se tornado cada vez mais uma das questões principais na discussão da juventude, tendo este momento do ciclo de vida do sujeito tornado-se um dos principais eixos de análise da juventude, principalmente nas Ciências Sociais. Entretanto, parece haver uma confusão em relação aos conceitos de juventude e adolescência ao se abordar este tema. Mas há algo comum entre esses dois conceitos, qual seja, a idéia de que o sujeito ou o indivíduo que se encontra nesse processo ou grupo social está em um momento de travessia, percurso ou movimento em direção à vida adulta. Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, que tem como objetivo abordar a questão da transição para a vida adulta na contemporaneidade. A partir da ausência de ritos de passagem, do declínio na existência de marcadores simbólicos da Modernidade que exerciam essa função (entrada no mercado de trabalho, casamento e constituição de uma nova família, fim do ciclo escolar), pretende-se analisar como os jovens pensam, sentem e passam pelo processo de transição para a vida adulta. Concomitantemente, observamos hoje uma valorização de um modelo de subjetivação adolescente, que alguns autores têm chamado de "juvenilização" ou "teenagerização" da sociedade. Segundo Lacan, o indivíduo é o suporte social do sujeito. Pretende-se aqui pensar a dimensão do sujeito, e portanto, os efeitos dessa forma de passagem no contemporâneo, que se dá através de uma construção cada vez mais individualizada desse percurso, dando ênfase aos processos subjetivos e intrapsíquicos da transição para a vida adulta.

Palavras-chave: Juventude; Adolescência; Transição para vida adulta.

JUVENTUDE E POLÍTICA: EM TORNO DE QUAL IDENTIFICAÇÃO COLETIVA SE CONJUGA A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS ATUALMENTE?

Autor(es):
Conceição Firmina Seixas Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

Este trabalho se destina a pensar na relação entre juventude e política no contemporâneo. O entrelaçamento desse tema, aparentemente paradoxal, permite a des-construção de duas sentenças largamente utilizadas: a primeira diz respeito ao ideal de participação política pela via da racionalidade dis-

cursiva e a segunda se refere ao exercício dessa participação sendo restrito ao mundo dos adultos. A novidade que se apresenta, hoje, é que as possibilidades de ação política disponíveis não se restringem aos modos tradicionais como, por exemplo, a participação em um partido político, mas se estendem para o campo social através dos trabalhos voluntários e em ONGs, das manifestações pela via da arte e da estética etc. O momento atual caracteriza-se por uma intensificação do processo de individualização, acompanhada por uma profunda descaracterização das identidades coletivas como, por exemplo, as regidas pelas ideologias dos partidos e dos movimentos estudantis. A ação dos jovens é comumente apontada como sendo circunscrita em torno de organizações que não possuem uma identidade coletiva tão fortemente constituída. Os vínculos às etiquetas dos partidos e às arregimentações dos movimentos estudantis são vividos por eles como restrição da liberdade de agir, preferindo se engajar em causas que visam solucionar alguns problemas. O imperativo de "fazer" algo é maior do que a pretensão de "ser" algo, no sentido de ter uma identidade. Assim, o objetivo desse trabalho se circunscreve pela seguinte pergunta: em torno de quais identificações coletivas se dá a participação da juventude atual? Principalmente, aquela parcela que ao invés de optar por um tipo de engajamento mais institucionalizado, como é o caso da inserção em partidos políticos e movimentos estudantis, opta por direcionar seus esforços em trabalhos em ONGs, associações, e projetos sociais. Para responder a essa pergunta, foram analisadas entrevistas realizadas com 10 jovens moradores da cidade do Rio de janeiro, com idades entre 16 e 25 anos, afiliados a grupos que "militam" em movimentos culturais, educativos e religiosos. A análise parcial aponta para a emergência de novas formas de identificações coletivas frente àquilo que não vai bem e que, por isso, é sentido como um incômodo por eles. Suas mobilizações se expressam em tornos de causas mais pontuais que não objetivam produzir uma mudança profunda nos modos de vida, mas de transformar apenas uma parcela da sociedade, sobretudo, quando essa parcela lhe diz respeito. Além disso, os jovens que se engajam em trabalhos sociais, demonstram uma atitude de desconfiança, desinteresse e apatia com relação às formas mais institucionalizadas de fazer política. O próprio termo política é algo que evoca uma descrença por parte deles, que preferem utilizar palavras como cidadania, solidariedade, trabalho sociais etc, para falar sobre suas ações participativas.

Palavras-chave: Juventude; Política; Identificação coletiva.

JUVENTUDE, RELIGIÃO E UTOPIA EM ERNST BLOCH

Autor(es):
Gilberto Tomazi - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agência financiadora: CAPES e ADVENIAT

Este trabalho quer oferecer uma reflexão sobre um pensamento aberto, prospectivo, alternativo, heterodoxo e crítico, proposto há mais de meio século mas ainda vivo e útil, agora mais ainda do que antes, para pensar e agir de forma transformadora da realidade presente, isso em tempos de recuos, desânimos, perigos, anúncios de "fim da história" e busca de alternativas ao capi-

talismo niilista e mercadológico e de grandes esperanças com o que pode emergir. Ernest Bloch, sem dúvida, pode ser considerado o mais insigne pensador utópico do século XX. A sua proposta de socialismo inicia assim: sejamos realistas, peçamos o impossível! Com Bloch pode-se perceber uma nova humanidade surgindo no horizonte, menos possessiva e gananciosa, mais em sintonia com sua sensualidade e vitalidade, internamente bem mais equipada para fazer do amor uma parte vital do desenvolvimento humano. Com este trabalho pode-se perceber que os horizontes utópicos e as esperanças tiram o ser humano da acomodação e o levam a lutar por um "outro mundo possível". O pensamento de Bloch procura englobar os valores das pessoas que trabalham, o interesse verdadeiro pelo outro, a maneira direta de falar, o sentido concreto, a esperança, a utopia e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que virá, a não redução do tempo ao contábil e ao econômico que exprimem o predomínio do material sobre todas as formas de pensamento e a consideração de tradições religiosas prenhes de profecia e de anúncio de boas-novas aos jovens e aos empobrecidos e excluídos. Ele soube colocar esperança na vida e também vida e sabedoria na esperança, fazendo com que a realidade vigente não tenha a última palavra, pois, se a mesma existe se situa no horizonte utópico e lúcido. O que fascinava a Bloch era a imaginação humana, os nossos "sonhos diurnos", que possuem o poder de modelar o comportamento e a cultura humana. Assim, com Bloch, é possível concluir que o ser humano não é apenas o produto do seu ser, mas está ainda dotado de um "transcendente", de um "princípio de esperança", que se concretiza nas utopias sociais, econômicas e religiosas. A primeira parte deste trabalho destacará alguns aspectos da vida de Ernest Bloch, seguidos de alguns antecedentes teóricos que influenciaram o seu pensamento; a segunda parte apresentará de forma sintética o pensamento de Bloch no que tange aos seus conceitos de utopia e religião; e, a terceira, considerará algumas reflexões Blocchianas sobre juventude.

Palavras-chave: Juventude; Religião; Esperança; Ernest Bloch.

O CORPO IDEALIZADO DO CONSUMO EM JOVENS – PARADOXOS DA HIPERMODERNIDADE

Autor(es):
Maria de Fátima Vieira Severiano - Universidade Federal do Ceará

Agência financiadora: Bolsa Iniciação Científica

O debate contemporâneo sobre a juventude na chamada "Hipermodernidade" implica questionar-se não apenas sobre as formas de dominação e exclusão social explícitas, mas igualmente sobre as contemporâneas formas simbólicas de controle midiático, travestidas de hedonismo e liberação, advindas da intensa mobilização do desejo de jovens ante a busca do corpo idealizado do consumo. Para tal, o presente trabalho realiza uma reflexão crítica sobre os chamados paradoxos hipermodernos, expressos nas atuais formas de controle/liberação, moderação/excesso, hedonismo/ascetismo, felicidade/frustração, enfim, mal-estar/bem-estar estimulados incessantemente pelas indústrias da saúde e do entretenimento, endereçados especialmente ao público jovem. O

corpo, enquadrado na lógica fetichista da mercadoria, à semelhança de qualquer outro objeto, passa a encarnar promessas de inclusão social, diferenciação, status, prazer, poder, amor e felicidade. Neste sentido, todos os cuidados convergem para a "construção" deste corpo jovem ideal: da tecnobiologia à indústria da publicidade, passando por spas, clínicas estéticas, dietas, fitness e complexos procedimentos cirúrgicos.Tais reflexões nos levaram a pesquisar os referidos fenômenos em comunidades virtuais de relacionamento, tendo por sujeitos jovens, que se submeteram a procedimentos cirúrgicos estéticos e aqueles portadores de distúrbios de imagem (anorexia, bulimia e vigorexia). O objetivo foi o de evidenciar e fazer emergir o discurso daqueles que mais caracteristicamente protagonizam o cenário acima exposto, investigando suas implicações psicossociais e políticas. Metodologicamente nossos dados foram coletados através de sites na internet, selecionando aqueles discursos mais significativos, a partir das seguintes categorias: bem-estar/mal-estar, disciplina/controle, exclusão social/auto-confinamento, excessos/metamorfoses corporais, tecnologia/alimentação e modelos midiáticos. As bases teóricas consistiram do referencial da Escola de Frankfurt, além de autores como: Lasch, Baudrillard, Debord, J. Freire Costa, J. Birman, Z. Bauman e G.Lipovetsky. Nossas reflexões finais apontaram não haver um real paradoxo: moderação e excesso confluem: o corpo torna-se um instrumento e passaporte de bem-estar, desde que se cumpra com todas as prescrições da indústria da saúde midiática, numa jornada em que o prazer se associa ao esforço, o sucesso ao controle, a auto-estima ao aplauso do outro, a liberação à adequação às novas vigentes, a felicidade ao poder de compra irrestrito. Portanto, a fragmentação e eterna busca de completude evidenciadas nos discursos dos jovens revelam, sob uma capa de hedonismo, novas formas de controle e exclusão social naqueles que não conseguem enquadrar, agora não apenas a mente, mas também o corpo nos moldes requeridos pelo sistema.

Palavras-chave: Corpo; Jovens; Consumo; Controle-liberação.

O DISCURSO DE JOVENS MULHERES SOBRE A OBESIDADE: VULNERABILIDADE PSÍQUICA E IMAGEM DO CORPO

Autor(es):
Ana Karolina Oliveira Barros - Universidade Católica de Goiás
Débora Cristina Aldrigo Barbosa - Universidade Católica de Goiás
Denise Teles Freire Campos - Universidade Católica de Goiás
Gilzi Franco e Lima - Universidade Católica de Goiás

O objetivo do presente estudo foi contribuir para a investigação das formas de subjetividade associadas à obesidade, considerando o contexto cultural da modernidade e da valorização de um tipo corporal específico veiculado pelos meios de comunicação de massa. Os fatos históricos permitem observarmos o aumento da preocupação das jovens mulheres pela busca do corpo magro, principalmente durante a segunda metade do século XX, em nome de uma perfeição ditada pela sociedade ocidental, que impõe o magro como modelo de beleza com formas longas e delgadas. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que a obesidade no Brasil dobrou nas últimas três décadas atingindo 70 milhões de habitantes. Entre as jovens mulheres os casos de

obesidade mórbida cresceram cerca de 200% apontando para um fenômeno atual paradoxal, ou seja, a confrontação da crescente busca pelo corpo talhado e o aumento das taxas de obesidade. As instituições médicas já apontam para o incômodo causado pela obesidade: de um lado, tanto a anorexia quanto a bulimia foram classificadas como transtornos mentais, mas a obesidade não pode ser enquadrada como síndrome; por outro lado, o enfoque médico dominante não hesita em situá-la como doença, contudo apontando para seu caráter multidimensional. Com base na teoria da psicanálise e na psicopatologia, o trabalho discute o estatuto corpo, no campo da fala e da linguagem, na constituição da própria subjetividade, tendo por referência o fenômeno da atualidade que a medicina define como obesidade. Não é por acaso que o problema atinge de modo particular jovens mulheres, tanto na preocupação em atingir o modelo mediático de beleza, quanto na desvalorização do corpo próprio. O presente estudo foi realizado com cinco mulheres, apresentando o peso corporal abaixo do sobrepeso, ou seja considerado segundo o IMC como peso normal, na faixa entre 18 a 25 anos, em idade reprodutiva. Nesta etapa, foram realizadas entrevistas semidiretivas, tendo como eixos de investigação imagem corporal, as relações interpessoais e amorosas, a noção de beleza corporal, a percepção da visão social ou imagem social, o estilo de vida, as práticas de dieta, exercícios e outros cuidados corporais. O material foi transcrito e objeto de uma análise do tipo clínico, interpretativo. Os resultados indicam, de fato, uma preocupação excessiva com o corpo e com a "obrigação" de atingir o ideal de magreza; em oposição a resultados anteriores, obtidos junto a jovens mulheres obesas, cuja preocupação não se situa em atingir o "corpo ideal", mas sim em receber aceitação social tal qual elas são. Considerando que se trata de pesquisa exploratória e qualitativa, a análise nos permite indicar a expressão de um sofrimento psíquico que se manifesta inicialmente como associado ao corpo. Contudo este sofrimento não se reduz ou se restringe aos elementos da obesidade Ao contrário, os dados parecem indicar que ele é pré-existente, constitucional, e refere-se à estruturação da subjetividade. Nesse sentido os dados obtidos parecem reforçar recentes pesquisas no campo da medicina da obesidade que indicam "vulnerabilidades de ordem psicológica", as quais se encontram com as pressões sociais para desencadear o ciclo da obesidade.

Palavras-chave: Obesidade; Subjetividade; Jovens mulheres; Sofrimento.

O DISCURSO QUE CIRCULA E PRODUZ A DINÂMICA FAMILIAR DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

Autor(es):
Albenise de Oliveira Lima - Universidade Católica de Pernambuco
Maria de Fátima Vilar de Melo - Universidade Católica de Pernambuco
Nanette Zmeri Frej - Universidade Católica de Pernambuco
Paula Cristina Monteiro de Barros - Universidade Católica de Pernambuco

A realidade de adolescentes em situação de rua reflete um sintoma social marcado, essencialmente, pela violência, pelas transgressões, pelo abandono, pela precocidade que a vida na rua impõe. Uma realidade configurada por aspectos sociais, políticos, culturais, históricos, econômicos, que se entremeiam

numa complexa trama social. A partir da experiência numa instituição em Pernambuco que atende crianças e adolescentes em situação de rua, visando à reinserção familiar, escolar e comunitária, deparamo-nos com histórias que falam da especificidade da dinâmica de cada família em particular. Sujeitos com percursos singulares, mas que, entretanto, adotaram a mesma saída para o conflito vivenciado: morar na rua. O que leva adolescentes ao rompimento com a casa, com a família, tomando a rua como espaço de moradia? Se a casa pode ser definida a partir de um prisma familiar, privado, íntimo – continente que confere unidade ao ser, remetendo à idéia de relacionamento, de pertencimento, de acolhimento – na rua, por sua vez, tem-se acesso ao público, ao estranho, ao impessoal, à desterritorialização. Indagamos, nesse sentido, o movimento da casa à rua, numa espécie de transposição do público sobre o privado, do estranho sobre o familiar, dada à impessoalidade e ao anonimato que tão comumente marcam a trajetória desses adolescentes. Propomos para este trabalho fazer um recorte dessa problemática macrossocial, uma leitura de aspectos da dinâmica familiar, que, de certo modo, fragilizam o sujeito, e, juntamente com outros fatores, como as palavras que lhe são endereçadas marcam-no com atributos que culminam com a identidade "menino de rua". Um deslocamento da casa à rua que configura um rompimento com a família e com os lugares que norteiam a sua dinâmica, em momentos, em geral, precoces e críticos do desenvolvimento. Qual o lugar subjetivo – afora todo o "determinismo" da miséria e da violência – que esses adolescentes ocupam no seio familiar? Consideramos a família enquanto unidade primeira de identificação e de organização social. Grupo primário, constituído a partir de laços libidinais, numa dinâmica perpassada por desejos, lugares psíquicos, identificações, ambivalências, posições hierárquicas, construções imaginárias, mitos, historicidade, inserção social. Partindo dessa leitura, propomos também pensar estratégias de intervenção junto às famílias no sentido de restituir ou construir um lugar de pertencimento não apenas para esses adolescentes, mas também para esses pais no âmbito familiar.

Palavras-chave: Adolescente na rua; Discurso familiar; Endereçamento.

O FICAR NA ADOLESCÊNCIA: UMA NOVA FORMA DE RELAÇÃO AMOROSA

Autor(es):
Carlos Mendes Rosa - Universidade Católica de Goias
Denise Teles Freire Campos - Universidade Católica de Goiás

O presente trabalho constitui um estudo teórico-empírico, de caráter exploratório, com o objetivo de compreender, a partir da psicanálise, o "ficar" como forma de relação na adolescência. A adolescência é aqui compreendida como um tempo lógico do sujeito de redistribuição da libido face aos outros do sexual e os outros do social. Neste sentido enfoca a adolescência como um tempo lógico de redistribuição do sujeito face ao real. Um tempo cuja característica essencial é a consolidação da inserção do sujeito no imaginário social e na ordem simbólica social, através da vinculação com os substitutos sociais do outro. Essa "tarefa" de redistribuição da libido se situa no contexto da cultura da atualidade. Assim os fenômenos sociais tais como a expansão da economia

de consumo e a massificação da cultura são fatores importantes na constituição da atual sociedade, que tem como alguns dos seus traços simbólicos mais importantes o individualismo, o declínio da função da autoridade simbólica e uma visível incitação à satisfação narcísica. A partir do declínio do chamado "amor romântico" e a emergência do "amor relacionamento", também os modelos socialmente dominantes de formas de relacionamentos amorosos se tornaram-se instáveis e ocorre um declínio da norma dominante do casamento como finalidade hegemônica dos relacionamentos entre os sujeitos na cultura atual. Para alguns autores que estudam as relações amorosas, é possível pensar que as pessoas agem de determinadas formas em virtude da existência de roteiros, condutas sociais, que as orientam dentro de um cenário identificado como cultural. Também os autores que focam os laços amorosos atuais na adolescência parecem apontar que o ficar, para os adolescentes, significa uma relação sem compromisso atrelado à atração física, enquanto o "namorar" que envolve fidelidade e conhecer a família, constituindo uma relação na qual se espera ter mais responsabilidade, porta de entrada para o casamento. Também parte da literatura fala em manutenção dos antigos valores com "outra roupagem", ou seja, o ficar seria mais uma forma de "preparação", ante-sala do namoro. No presente trabalho realizaram-se entrevistas abertas com nove adolescentes, de ambos os sexos. As entrevistas foram gravadas e objeto de uma análise interpretativa. Os resultados indicam uma visão do ficar que difere dos estudos anteriores. A partir do discurso dos sujeitos, pode-se supor que o ficar constitui uma "não-relação", onde adolescentes masculinos e femininos se diferem pelo caráter mais sexualizado que os rapazes esperam no ficar; contudo não se pode dizer que o ficar seja representado como preparação ou exercício da sexualidade sem compromisso, para uma sexualidade futura engajada. O elemento chave nesta leitura é a ausência de alvo do desejo, tanto nas falas sobr o ficar quanto naquelas sobre o namoro ou casamento. O ficar não aparece como uma forma instável de relacionamento, mas como uma forma de não estar em nenhum relacionamento.

Palavras-chave: Sexualidade; Relação amorosa; Ficar; Juventude; Psicanálise.

O JOVEM E A VIOLÊNCIA NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: REVISITANDO CIDADE DE DEUS

Autor(es):
Alysson Bruno Martins Assunção - Universidade Católica de Goiás
Carlos Mendes Rosa - Universidade Católica de Goiás

O cinema brasileiro, desde o final da década de 90, é marcado pela temática da violência, da pobreza e da mistura desses dois elementos, aos quais em maior ou menor escala, sempre é englobada a figura do jovem enquanto parte desse ambiente. Este artigo é uma reflexão sobre o lugar que o jovem ocupa no cinema brasileiro contemporâneo enquanto agente da violência, abordando como objeto o filme Cidade de Deus, de Fernando Meirelles e Kátia Lund, lançado em 2002, a partir das representações sociais que se situam dentro de seu espaço e tempo diegéticos. O trabalho explora situações, personagens e contextos do filme, analisados através da categoria estética e social

que situa a figura do jovem enquanto causador e vítima da violência. Para alcançar esse objetivo, foi necessário delinear como é construída a violência como valor discursivo dentro do objeto fílmico e das narrativas dos produtos culturais contemporâneos. Percebe-se, no caso analisado, que a inovação formal via combinação e subversão de gêneros cinematográficos e propostas estéticas resultou na simplificação excessiva dos conflitos e temas tratados, característica do cinema clássico. Utilizando uma visão da Psicologia Social e da Psicanálise, este trabalho retoma a discussão da figura do adolescente e sua relação com a violência dentro do ambiente mostrado em Cidade de Deus, caracterizado pela oposição entre a favela e outras localidades do Rio de Janeiro, pela presença do tráfico de drogas e de outros agentes da violência. São destacadas as questões de resolução dos conflitos dos jovens no momento em que o supereu individual destes se confronta com o supereu cultural. Também são analisados os ritos de passagem da adolescência que validam a escolha edípica primária, em um contexto de intensa privação emocional e violência. Serão analisadas as representações contidas nas figuras dos personagens Zé Pequeno (Dadinho), Bené, Thiago, e do protagonista-personagem Buscapé. Para tanto, é necessário investigar quais elementos audiovisuais são utilizados na construção das imagens do jovem em relação à violência, qual o espaço ocupado pela violência no filme e que vetores discursivos são apontados como causa da violência no produto sócio-mediático analisado. Ao final, o artigo discute como são caracterizados os jovens agentes de violência, assim como aqueles que são vítimas dessa e como fazem para enfrentar suas realidades individuais no contexto do filme.

Palavras-chave: Jovem; Cinema; Violência; Representação; Psicanálise.

O QUE É JUVENTUDE: CONCEITOS FILOSÓFICOS PRODUZIDOS SOCIOPOETICAMENTE POR HEADBANGERS, EM TERESINA (PI)

Autor(es):
Shara Jane Holanda Costa Adad - Universidade Estadual do Piaui

Agência financiadora: CNPq

Este artigo tem como objetivo apresentar os conceitos filosóficos produzidos em pesquisa sociopoética pelos *headbangers* – jovens da cena metálica –, em Teresina (PI), acerca do tema gerador O que é juventude. O método utilizado foi a sociopoética – prática filosófica – que descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto, na razão e na imaginação do grupo-pesquisador que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais. Realizamos oficinas sociopoéticas com as técnicas de produção de dados: O tarô da Juventude, O bicho da juventude e A escultura da Juventude. Isso nos permitiu conhecer parcialmente as principais linhas do pensamento do grupo de jovens *headbangers* que foram: a problemática referente à relação dos jovens com a família; a questão da diversão e a problemática referente às dificuldades e às escolhas vividas pelos jovens.

Palavras-chave: Juventude; Rock metal; Sociopoética.

O SIGINIFICADO DO LAZER PARA ESTUDANTE DA PUC MINAS/CAMPUS POÇOS DE CALDAS

Autor(es):
Eugênio Benedictus Cassaro Filho - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Maisa Elena Ribeiro - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A presente pesquisa teve o objetivo de investigar o significado atribuído ao lazer pelos universitários da PUC Minas/Campus Poços de Caldas. Foram entrevistados oito estudantes de cursos variados, sendo cinco do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades que variam de 21 a 26 anos. A coleta de dados foi realizada na própria universidade, e para tal, utilizamos uma entrevista semi-estruturada e um gravador. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e por meio da análise de conteúdo os dados foram organizados em categorias. A pesquisa nos proporcionou uma reflexão a respeito das práticas de lazer dos estudantes de nosso campus. Através das observações dos discursos dos universitários, percebemos que estes representam um lazer típico da pós-modernidade: um lazer antagonista ao trabalho e ao cotidiano do sujeito. Mesmo reconhecendo a importância do lazer em suas vidas, os sujeitos vêem este agregado à vida, e não inerente a ela. Tal visão repercute em um lazer limitado de conteúdo, de caráter reprodutivo, mantendo o sujeito em um ciclo de alienação estagnante. Essa postura refuta uma prática de lazer transformadora e libertadora. O que vem aumentando nos últimos anos não é o lazer, mas o "anti-lazer", atividade compulsiva e realizada a partir das necessidades impostas exteriormente, com baixo grau e autonomia pessoal e altos graus de pressões e preocupações com o tempo. Tal prática de lazer profetiza tempos de consumo e alienação, em que o sujeito torna-se instrumento do capitalismo, não tendo tempo nem espaço para viver em uma dimensão autêntica e significativa, promotora de mudança psicossocial.

Palavras-chave: Lazer universitário; Pós-modernidade; Análise de conteúdo.

ORKUT E ADOLESCÊNCIA: ENTRE O REAL E O VIRTUAL

Autor(es):
Cíntia de Sousa Carvalho
Maira Regina Souza Silva
Renata Liberato Dourado

Na contemporaneidade, o campo virtual está diretamente inserido na vida social de muito adolescentes. A internet proporciona diferentes formas de relacionamento, que têm por objetivo a interação social virtual-real dos usuários da rede. Diante disso, objetivou-se investigar como adolescentes inscritos no Orkut/Comunidade de Rondonópolis (MT), constroem seus perfis de representação pessoal. De forma tangencial, investigou-se como tais aspectos podem estar associados à busca de elementos para construção da própria identidade. Este estudo é uma investigação descritiva interpretativa. O método utilizado baseou-se na coleta de dados por meio de uma escolha aleatória de 5 adolescentes, com faixa etária de 13 a 17 anos. Após a observação de seus perfis no site, composto pelos dados pessoais, álbum de fotos, depoimentos

de amigos e comunidades, aplicou-se um questionário com perguntas abertas a ser realidade por e-mail, com o objetivo de investigar a coerência entre as informações apontadas no perfil de seu Orkut e as informações prestadas no questionário. Costa (2002) faz uma analogia entre a revolução tecnológica encontrada nos dias atuais e os impactos da internet em diversos setores da vida social e pessoal. A internet subverte importantes expectativas em praticamente todas as áreas da experiência cotidiana de seus usuários, traz um novo conceito sobre mundo, virtualidade, ciberespaço e tempo real, a partir da qual passam a interpretar a nova realidade. Estes são novos moldes de constituição das subjetividades, atravessados por discursos dos aparatos midiáticos, em que os adolescentes se deparam com a tarefa de se construírem como sujeitos singulares. Foi observado que os adolescentes se comunicam com uma linguagem própria e compactada, como forma de imprimir uma imagem dentro de seu grupo de referência. Por outro lado, a construção de uma identidade virtual do usuário se efetiva neste espaço a partir da composição da página pessoal. O Orkut é uma ferramenta que possibilita a expressão e demarcação de características pessoais e individuais, mas que está inserido em um espaço público. Configura-se como um portal de visibilidade identitária, para inscrever informações reais e ideais acerca dos usuários do site. Essas informações estão atreladas a valores, regras e práticas que circulam entre os participantes do site de relacionamento. Desse modo, observou-se certa congruência entre os perfis apresentados na página pessoal do site e as respostas apresentadas nos questionários. Entretanto, algumas características discrepantes foram percebidas e apontam para uma necessidade de inserção no grupo, através de quesitos socialmente aceitos e valorizados, como independência, poder, beleza, sofisticação, riqueza e exclusividade, conceitos que nem sempre pertencem ao contexto desses adolescentes.

Palavras-chave: Orkut; Adolescência; Identidade.

OS ADOLESCENTES ESTÃO SATISFEITOS COM A VIDA?

Autor(es):
Sílvia Maria Melo Gonçalves - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

A Psicologia Positiva é um novo campo de investigação científica sobre bem-estar subjetivo, satisfação e felicidade, direcionando suas pesquisas para compreender e construir as qualidades da vida. O objetivo deste trabalho foi verificar como os adolescentes se colocam em relação à satisfação de vida e aos domínios de satisfação. Participaram 416 adolescentes, de 11 a 19 anos, de ambos os sexos, da quarta série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, de escolas públicas, de Petrópolis (RJ). O instrumento utilizado foi a questão "Pensando sobre sua vida, você tem ou não tem conseguido quase tudo o que esperava da vida?", do questionário sobre auto-avaliação do bem-estar subjetivo (Pereira, 1997). Em seguida, foi solicitado que apontassem o que tinham conseguido e o que não tinham conseguido. Os resultados obtidos indicam que os adolescentes responderam terem conseguido (f=410) mais em suas vidas do que o caso contrário, não terem conseguido (f=159), significando que estes estão satisfeitos com a vida. As respostas con-

cernentes ao que julgavam que tinham conseguido totalizaram 410 e foram agrupadas à luz da análise de conteúdo em: 30,98% referentes às relações interpessoais (RI); 30,73% aos valores humanos (VH); 24,15% às motivações de auto-realização (MA); 1,46% às atividades de lazer (AL); e 12,68% como "outras respostas". A outra parte da questão, "não tenho conseguido", totalizou 159 respostas, agrupadas em: 28,30% relativas às motivações de auto-realização (MA); 27,04% aos valores humanos (VH); 19,50% às relações interpessoais (RI); 0,63% às atividades de lazer (AL) e 24,53% como "outras respostas". O teste do Qui-Quadrado (=4,30) mostrou não haver diferença significativa entre as categorias RI, VH e MA, em relação a "tenho conseguido" ($\chi 2$ =5,99; gl=2; p>.05); do mesmo modo que o Qui-Quadrado (=2,89) também apontou para uma diferença não significativa entre MA, VH e RI ($\chi 2$ =5,99; gl=2; p>.05) para "não tenho conseguido". As respostas dos adolescentes revelaram domínios de satisfação que não foram alcançados, expressando expectativas e metas para o futuro, consolidando-se como fonte de bem-estar subjetivo. É importante que se conheçam as necessidades dos adolescentes para se constituírem em cidadãos capazes de prosperar, desenvolvendo suas comunidades. Para a Psicologia Positiva, o grande desafio da Psicologia é participar de discussões políticas, e o bem-estar subjetivo não pode ficar fora de questões acerca de um bem-estar nacional.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Psicologia positiva; Satisfação de vida.

OS SENTIDOS SUBJETIVOS DE ADOLESCENTES COM CÂNCER

Autor(es):
Giselle de Fátima Silva

Este trabalho é o resultado de um estudo qualitativo em Psicologia. O principal objetivo deste estudo foi analisar e discutir as produções subjetivas de adolescentes portadores de câncer, enfatizando a singularidade do adolescente que adoece a partir de uma discussão complexa sobre o processo saúde-doença. A principal motivação para a escolha de tal assunto relaciona-se à escassez de produção bibliográfica, além de divulgar uma realidade até então omitida nos círculos acadêmicos: nossos adolescentes também adoecem de câncer. Essa falta de informações está atrelada, provavelmente, à compreensão estereotipada da adolescência enquanto uma fase da vida restrita a fenômenos tais como preparo para a vida adulta, momento de descobertas, conflitos, escolha profissional etc. Contudo, neste período da vida o adolescente pode, também, ser acometido por uma grave doença, dentre elas o câncer. Apresentaremos dois estudos de caso, um rapaz e uma moça, ambos com 18 anos de idade. Os instrumentos de pesquisa utilizados com esses sujeitos foram a dinâmica conversacional e o complemento de frases. A discussão do nosso trabalho foi realizada por meio de uma análise construtivo-interpretativa das zonas de sentidos elaboradas para cada estudo de caso. Como resultados, concluímos que a produção subjetiva de cada adolescente foi peculiar à sua história de vida, cultura, valores e hábitos, além do contexto atual. Portanto, os sentidos subjetivos dos adolescentes portadores de câncer não estavam limitados ao espaço simbólico da adolescência ou do câncer, mas integravam sentidos sub-

jetivos constituídos em outras esferas da vida desse adolescente. Desta forma, nosso estudo vem apresentar a importância do resgate da singularidade do adolescente que adoece, tanto na intervenção médica, no acompanhamento psicológico e também no desenvolvimento de estudos científicos. Mediante a valorização da singularidade do adolescente, foi possível desenvolver a categoria pesquisa-terapia que se refere ao espaço interrelacional gerado entre a psicóloga-pesquisadora e os adolescentes, que não se limitou somente ao desenvolvimento da pesquisa, mas possibilitou o vínculo afetivo e acolhimento psicoterapêutico dos jovens participantes desse estudo.

Palavras-chave: Adolescência; Câncer; Subjetividade; Sentidos subjetivos.

POLÍTICA E TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE: O QUE PENSAM OS JOVENS

Autor(es):
Andréa Ferreira - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Bruno Oliveira Cavalcanti Zúniga - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Lucia Rabello de Castro - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Priscila Bogéa - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho tem como objetivo analisar como os jovens compreendem seu papel político no mundo de hoje e como entendem suas possibilidades de ação transformadora na sociedade. O trabalho baseia-se na distinção entre os conceitos de "a política", como forma institucionalizada de governo, e o "político" como campo de antagonismos que visa instituir formas de convivência. Ele faz parte de um projeto amplo de pesquisa que visa mapear as possibilidades de participação de crianças e jovens nos processos decisórios da escola. A escola é considerada como a instituição que, por excelência, pode favorecer os alunos no seu processo de subjetivação política, quando conflitos aí presentes podem encaminhar lutas por maior igualdade e justiça. Foram entrevistados cerca de 120 jovens de escolas municipais, estaduais e particulares do estado do Rio de Janeiro, em que se buscou analisar quais os sentidos que a política governamental tem para os jovens, e se essa favorece seu posicionamento político. Buscamos analisar, também, o que os jovens consideram que deve ser mudado no mundo em que vivem, e como tais mudanças devem ocorrer. Por outro lado, buscou-se também compreender como os contextos institucionais, no caso a escola contemporânea, favorecem (ou não) a produção e a consolidação de dispositivos de participação, de modo que uma formação cidadã seja realmente possível. Discute-se, a este propósito, se o contato com a diferença e as situações de conflito na escola conduzem a processos de subjetivação política que mobilizam a ação em favor de causas comuns e da ação engajada. A passagem do espaço privado da família para o espaço público da escola implica o enfrentamento de conflitos, assim como transformações subjetivas que dêem conta de sua negociação e resolução. O sentido de participação que afirmamos na presente investigação baseia-se nas possibilidades efetivas de crianças e jovens construírem espaços comuns de negociação e decisão com seus pares e alteres, num processo em que diferença e igualdade, assim como hierarquia e liberdade se articulem. A análise dos resultados parciais da pesquisa aqui apresentada insere-se no âmbito do projeto mais amplo sobre democracia nas escolas, levado a cabo com alunos,

professores e diretores de escolas das redes pública e privada no estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Subjetivação política; Jovens; Escola.

POSICIONAMENTOS SUBJETIVOS DE UM ADOLESCENTE EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE SEMILIBERDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DO SELF DIALÓGICO

Autor(es):
Maria Claudia Santos Lopes de Oliveira - Universidade de Brasília
Tatiana Yokoy de Souza - Universidade de Brasília

Agência financiadora: Universidade de Brasília

O presente trabalho parte de um estudo que investigou os diferentes posicionamentos subjetivos adotados por adolescentes que cumprem medida socioeducativa de semiliberdade no Distrito Federal, Brasil, em seu processo de construção de identidade. A medida de semiliberdade exige a permanência do adolescente em estabelecimento socioeducativo nos dias de semana e não comporta prazo determinado, devendo os técnicos orientadores elaborar periodicamente relatórios para subsidiar a autoridade judiciária no acompanhamento e tomada de decisão de cada caso. Foram realizadas observações etnográficas e entrevistas narrativas autobiográficas com adolescentes vivendo em uma casa de semiliberdade. A adolescência é abordada considerando sua inserção como parte do mundo contemporâneo e caracterizada a partir dos pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Objetivou-se aqui analisar o processo de construção do self de um dos adolescentes, a partir das suas experiências em diferentes contextos socioculturais, como a família, a escola, a criminalidade, o grupo de amigos e a casa de semiliberdade. Os posicionamentos subjetivos adotados pelo adolescente foram abordados por meio de análise microgenética de entrevista autobiográfica, a partir de uma tessitura epistemológica que articula as perspectivas dialógica e narrativista sobre self e identidade. O foco da análise recaiu sobre: a) os diferentes posicionamentos subjetivos construídos pelo adolescente a fim de lidar com continuidades e descontinuidades do self ao longo do ciclo de vida; e b) formas como o adolescente organizou discursivamente a sua experiência, na forma de narrativas que versam sobre sua trajetória de desenvolvimento. Dois conjuntos de posicionamentos identitários foram identificados, estruturados em torno de dois personagens centrais: o "macho Lampião" e o "cara de boa". A análise microgenética das narrativas do adolescente foi integrada à análise da cultura e das práticas institucionais, de modo a evidenciar como os valores engendrados na casa de semiliberdade são internalizados e convertidos em posicionamentos identitários. As recomendações finais visaram melhorias concretas e simbólicas nas instituições que atendem adolescentes envolvidos em atividades infracionais, visando contribuir para a consolidação de uma rede de saberes consistentes que leve à efetiva proteção integral, o que todos reconhecemos ser um direito desses adolescentes. Palavras-chave: adolescência; medidas socioeducativas; identidade; self dialógico; ato infracional

Palavras-chave: Adolescência; Identidade; Ato infracional.

PRODUZINDO CIDADANIA EM UM CIRCUITO CULTURAL

Autor(es):
Luis Fernando de Oliveira Saraiva - IPUSP

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e refletir ações desenvolvidas na atividade Circuito Cultural, realizada pelo Programa Avizinhar da Universidade de São Paulo junto aos 35 alunos de um cursinho popular, fruto da parceria entre o programa e uma fundação da universidade. O programa foi uma iniciativa institucional da USP, extinto em 2007, que tinha como principal objetivo criar e estimular ações que contribuíssem para o estabelecimento de novas formas de convivência entre a universidade e comunidades de seu entorno e entre a comunidade uspiana e crianças e adolescentes que freqüentavam o campus, buscando favorecer a reflexão e a atuação em conjunto para que se construíssem melhores condições de vida para todos. No Circuito Cultural, semanalmente, visitávamos museus e outros espaços educativos e culturais oferecidos pela universidade em seu campus da capital. No acompanhamento realizado, procuramos estabelecer um contato próximo com os jovens, realizando rodas de conversa, estimulando discussões e estando atentos às demandas trazidas pelos alunos; além de atuarmos como interlocutores entre alunos, coordenação do cursinho e Programa Avizinhar. Este trabalho carregou a função de clarificação dos limites e da maximização dos potenciais daqueles jovens. Tratou-se de um trabalho em que lutamos para desalojar políticas de segregação e discriminação para subsidiar políticas de integração e uma vida mais ampla, promovendo cidadania, pensada enquanto promoção de autonomia, liberdade de escolha (em relação a desejos, ideais e convicções) e participação ativa na vida (com limites e possibilidades). Este foi um trabalho que podemos considerar inclusivo; inclusão entendida como um processo de "empublicizar", de dar poder aos outros, de tornar público, coletivo. Empublicizando, os alunos puderam se apropriar das atividades que outrora apenas lhes eram oferecidas, responsabilizando-se, de forma coletiva, pelas atividades desenvolvidas, que se tornaram uma construção do grupo. A qualidade das visitas, seu sucesso ou fracasso, passou a depender também dos alunos do cursinho. A realização do acompanhamento do Circuito Cultural foi sempre atravessada pela idéia de que as escolhas das estratégias pedagógicas devem sempre levar em conta que tipo de sujeitos queremos produzir, que efeitos subjetivos estamos produzindo. Daí a preocupação de incluirmos os alunos na realização das atividades, em uma relação de cumplicidade e de confiança.

Palavras-chave: Jovens; Circuito cultural; Autonomia; Cidadania.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DEPRESSÃO NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO

Autor(es):
Natália Ferreira Damião - Universidade Federal da Paraíba

Agência financiadora: CNPq

O período da adolescência demonstra ser vulnerável para a instalação da sintomatologia depressiva, já que se depara com várias situações originais e

conflitantes favorecendo condições próprias para que apresentem flutuações do humor e mudanças expressivas no comportamento. Nessa fase da vida há também o desenvolvimento do pensamento abstrato trazendo uma maior compreensão sobre o fenômeno da morte, o que em adolescentes depressivos propicia maior vulnerabilidade às idéias suicidas. Esta pesquisa objetivou apreender as representações sociais da depressão elaboradas por 130 adolescentes inseridos no Ensino Médio, de uma escola pública na cidade de João Pessoa (PB). Utilizou-se a aplicação do Inventário de Depressão Infantil (CDI), válido para detectar a presença e a intensidade da depressão tendo servido de *screening* na seleção da amostra a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Os resultados demonstraram que a faixa etária da amostra variou entre 14 e 17 anos (X=16,34 anos e DP=1,338), com uma incidência de 10% de sintomatologia depressiva. A análise fatorial de correspondência das representações sociais da depressão ficaram ancoradas principalmente aos aspectos psicoafetivos como solidão, medo, tristeza, vontade de morrer, choro e doença. Os resultados demonstraram diferenças significativas entre os adolescentes com sintomatologia depressiva, os quais associavam a depressão à solidão e se viam como pessoas carentes e solitárias, os adolescentes que não apresentaram nenhuma sintomatologia, que associaram a depressão à doença e se representavam como pessoas alegres e otimistas. Os resultados demonstram que, de um modo geral, as produções semânticas e gráficas trazidas pelos adolescentes são conseqüência dos problemas que circundam seu posicionamento na sociedade, como também suas vivências integradas à circulação da informação da doença em seu meio de pertença, suas imagens e suas representações. Outro fator é que o adolescente é o público alvo da maioria das campanhas publicitárias. A interação com o grupo e a necessidade de aceitação faz com que esses jovens sejam expostos a várias situações estressantes e de descontentamento. Esses dados remetem a uma maior atenção dos profissionais que lidam com essas problemáticas, a uma posição que priorize o tratamento do estado psicológico desses púberes.

Palavras-chave: Depressão; Adolescência; Representação social.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA E SEUS IMPACTOS NO COTIDIANO DOS JOVENS GOIANIENSES

Autor(es):
Moema Gomes de Faria - FCHF-UFG

O trabalho aqui apresentado foi realizado entre os anos de 2005 e 2007, e tem como foco a violência enquanto um sistema de representação simbólica que o indivíduo toma como referência para se posicionar frente a diferentes aspectos da realidade social. O trabalho que segue tem como objetivos apreender: em que medida a violência representada influencia o cotidiano dos jovens nos seus padrões de interação; como essas percepções exercem influência sobre os padrões de avaliação do "outro" e do seu cotidiano; como os jovens se auto-avaliam e avaliam os outros nas interações intra-grupais; as variações na percepção do fenômeno da violência; as influências das informações que circulam, e como as experiências diretas e indiretas da violência atuam sobre

seu modo de conceber o fenômeno. Pelos dados coletados no survey, complementados por entrevistas, foi possível observar que a violência encontra-se entre os maiores temores apontados pelos jovens goianienses de todas as posições sociais, o que nos parece justificável, já que índices de vitimização direta e indireta são elevados. Quanto à posição nos espaços sociais, os jovens de posição média e superior definem a violência tomando como idéias centrais a violência física, emocional e simbólica. Na posição inferior, a definição centra-se na agressão física e as outras formas são consideradas complementares, mas não definidoras do fenômeno. Para os jovens da posição superior o espaço social é dividido entre periferia e bairros nobres. A periferia é uma categoria global que remete a todos os bairros pobres e é vista como o lócus central da violência, o local de onde advêm os criminosos. Na percepção dos jovens da posição inferior, por sua vez, a violência, mesmo concentrada nos bairros pobres, encontra-se difundida por toda a cidade e sua concentração nas periferias não se deve, como para as demais posições, à desestruturação familiar, à violência doméstica ou à falta de educação, mas Às escolhas individuais, "safadagem", à dificuldade de acesso a bens de consumo, às drogas, bem como ao desemprego e à violência policial, aspectos que somados à falta de perspectivas em relação ao futuro, tornam-se um grande apelo à prática de atividades ilícitas. A homogeneidade desse discurso nos revela que os jovens, para construírem sua visão sobre a violência, recorrem a um sistema de interpretação da realidade já constituído, ou seja, a representação social já existente para explicar o fenômeno da violência urbana. O que foi observado quando questionamos o núcleo central dessa representação, perguntando por que pessoas ricas cometem crimes, encontramos nessa parte do trabalho grande perplexidade por parte dos jovens, que apresentam uma tendência geral a tratar tais fatos como fora da realidade comum.

Palavras-chave: Representações sociais; Violência; Juventude; Segregação.

SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES JOVENS NA CULTURA CONTEMPORÂNEA.

Autor(es):
Flavia Turino Ferreira - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

Esta comunicação tem como objetivo abordar algumas questões sobre como se configuram atualmente as formas de subjetivação juvenis, tendo como recorte o tema do consumo e das multimídias. Serão tratados aqui assuntos referentes a como a cultura do consumo e as novas mídias participam dos processos de subjetivação dos jovens hoje, constituindo inclusive seus valores. A discussão partirá do pressuposto de que as atuais possibilidades tanto no âmbito tecnológico, como no âmbito cultural, estão colocando em curso uma nova forma de produção da cultura e conseqüentemente das subjetividades. A solidez do sujeito moderno foi transmutada de modo a podermos falar de uma espécie de fluidez nos processos de subjetivação, atravessados por conexões instantâneas e cambiantes. Com isso, podemos perceber uma proliferação de subjetividades mutantes, em que cada nova ocorrência

de acontecimentos configura uma oportunidade para novas possibilidades de subjetivação; as infinitas escolhas e conexões feitas no instante acabam irrompendo numa nova forma de subjetivar-se à todo momento. As mudanças em processo estão transformando a maneira das pessoas se relacionarem e perceberem o mundo. Nesse quadro, aqueles que mais se adaptariam às novas condições seriam as gerações mais novas que já se produzem a partir deste contexto. Para os jovens, as novas formas de tecnologia e a ênfase no consumo são vistos como maneiras naturalizadas de se conceber o mundo e as coisas. Dentro desta perspectiva, a juventude figura-se como aquela que é tanto a mais vulnerável à lógica do mercado, quanto a que mais pode criar novas possibilidades de resistências, já que este grupo tem mais facilidade de apropriar-se da lógica capitalista, podendo desterritorializá-la e reterritorializá-la, irrompendo em outras possibilidades de agenciamento que escapam à captura dos desejos. O propósito desta comunicação será, então, mapear algumas dessas novas produções de subjetividade produzidas a partir da relação dos jovens com as novas mídias, e com o consumo. Dessa maneira, objetiva-se pensar a juventude não só como um reflexo da contemporaneidade, mas também como criadora de outras possibilidades de interação e como seres atuantes no mundo. Refletir sobre essas transmutações significará traçar um plano – que está no meio de vários outros- sobre os movimentos de captura e de resistência fabricados a partir desta relação produzida. Portanto, mais do que produzir afirmações, o trabalho pretende problematizar os processos de subjetivação neste grupo etário.

Palavras-chave: Multimidia; Consumo; Captura; Resistência; Jovens.

SOCIEDADE DE CONSUMO E A TRANSGRESSÃO

Autor(es):
Andréia Rohde - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Fabiana Lopes da Cunha - Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho pretende lançar uma luz sobre o tema da transgressão relacionada à população infanto-juvenil, a partir da experiência de trabalho em Conselhos Tutelares, onde, muitas vezes, jovens transgressores atendidos são estigmatizados e vistos como delinqüentes e perigosos, por não se contextualizar o ato transgressivo. Para tanto, mostra-se indispensável contextualizar em termos históricos, políticos, econômicos e sociais esses atos ditos transgressivos, considerando a globalização, a lógica e o modelo capitalista neoliberal e de consumo imposto aos jovens. As características principais do capitalismo pós-moderno são a não aplicação de recursos estatais na área social, o enfraquecimento do Estado-Nação, corroborando para o aumento da população desfavorecida, com conseqüências devastadoras. É neste período que vemos reiteradamente o uso do termo "exclusão". Ele está atrelado ao novo funcionamento capitalista, visto que a exclusão está relacionada ao consumo, à produtividade e à empregabilidade. Se o sujeito não consegue isso, está excluído. Na sociedade capitalista e midiática o consumo é intenso e desenfreado, e os jovens são as novas "vítimas" do consumismo, acarretando, em determinados casos, o surgimento daqueles que cometem atos transgres-

sivos como resposta às novas exigências sociais. Segundo Baudrillard, a sociedade capitalista "coisifica" a pessoa, pregando os ideais de bem viver através do consumo. Os jovens acreditam que para estar incluídos nesta sociedade devem adquirir os objetos de desejo, materiais ou simbólicos, vendidos pela máquina midiática, pois "ter é ser". E quando não conseguem obter o que desejam de forma imediata, procuram saídas para acabar com o mal-estar, dentre elas: o uso de drogas, o trabalho para traficantes e/ou a transgressão (furto ou roubo). Nesse sentido, o jovem que transgride está respondendo a um sistema que o força a consumir, mas não lhe dá meios para tal. Por isso, nesse momento, algumas questões são pertinentes. Mas não temos a pretensão de respondê-las, e sim instigar a discussão. Será que os atos transgressivos são mais violentos do que a sociedade que os produziu em sua forma de exclusão e desrespeito aos direitos civis e sociais? Será que a necessidade de sobreviver nessa nova ordem socioeconômica leva os indivíduos a transgredirem de alguma forma os valores sociais que lhes são impostos, como a única forma encontrada para realização e satisfação de seus desejos?

Palavras-chave: Jovem; Consumo; Transgressão.

SUBJETIVIDADE E MÍDIA: REPRESENTAÇÃO DO SER ADOLESCENTE FACE A NOVELA REBELDE.

Autor(es):
Marciane Uliano Gazali - Universidade Federal de Mato Grosso
Sérgio Henrique Fabiano Zanon - Universidade Federal de Mato Grosso

Esta pesquisa prima por investigar o adolescente na cultura contemporânea, o qual deixa de ser considerado um sujeito rebelde em crise e passa a ser protagonista de suas ações. Em função das novas relações e dinâmicas, cada vez mais difusas e estabelecidas no seio familiar, os adolescentes submetem-se a constituir novos grupos sociais, estes com seus pares, diz Castro. A novela Rebelde, foco de investigação desta pesquisa, estaria transmitindo esse tipo de representação por meio do canal de televisão aberta SBT, a milhões de adolescentes em nosso país? Na escola Elite *Way School*, cenário onde se passa a novela, quatro adolescentes protagonizam relações amorosas e de amizades, permeadas por lealdades, traições, competições e disputas de poder, compondo, assim, um jogo complexo de interesses econômicos e políticos. A partir das novas relações, na contemporaneidade, o adolescente constrói novas subjetividades – num espaço dialógico – cada vez mais coletivas, diz Castro. Portanto, o objetivo central dessa pesquisa é analisar que influências a novela Rebelde exerce sobre os adolescentes e como estas mediam a constituição da subjetividade dos mesmos; identificar como estão sendo veiculadas as imagens de adolescência na atualidade a partir da novela Rebelde; caracterizar que visões esses adolescentes têm dos personagens da novela Rebelde. O presente trabalho utilizou entrevistas não-diretivas entre o pesquisador e sujeitos participantes, e foram escolhidos aleatoriamente 03 adolescentes do sexo feminino, na faixa etária de 11 a 17 anos. Diante da pluralidade de faces do adolescente na contemporaneidade e como espaço dialógico e alteritário, a pesquisa permitiu uma interlocução entre os sujeitos envolvidos re-signifi-

cando visões – através da linguagem – de mundo e de pessoas. Os estudos compreenderam que o adolescente busca, a partir das imagens construídas pela novela, representar-se de tal forma, como o é passado pela novela. Pode-se concluir assim que: os discursos produzidos pela novela Rebelde instigam os relacionamentos dos adolescentes com seus pares e com seus familiares. Incentivam-se os adolescentes a ser fortes, determinados e críticos em relação ao meio que vivem. Lutar pela liberdade, autonomia e pela plena realização pessoal são fatores inerentes nos sentidos dados ao ser adolescente na pós-modernidade. O conceito de adolescência na contemporaneidade se caracteriza e descaracteriza segundo a forma de organização social, que o sistema a impõe. Percebe-se, portanto, a aculturação dos valores e de identificação dos jovens e adolescentes diante de sua realidade sociocultural, tendo em vista que as participantes revelavam admiração por expressões definidas, determinadas, personalidade forte, estilo próprio e culto pela liberdade e autonomia.

Palavras-chave: Adolescente; Contemporaneidade; Novela rebelde.

TRABALHO E SERVIÇO DOMÉSTICO: SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ADOLESCENTES TRABALHADORAS

Autor(es):
Etiene Oliveira Silva de Macedo - Universidade Católica de Goiás
Sônia Margarida Gomes Sousa - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: PIBIC/CNPq; BIC/UCG

A presente pesquisa pretendeu estudar os sentidos e significados atribuídos ao trabalho e serviço doméstico realizados por adolescentes do sexo feminino, que, desde a infância, realizaram atividades domésticas remuneradas e não remuneradas. As participantes tinham idade variando entre 14 e 18 anos à época da realização desse estudo, estavam matriculadas e tinham freqüência regular em Projeto de Educação e Alfabetização para Adolescentes, Jovens e Adultos, no município de Goiânia (GO). Os procedimentos metodológicos se efetivaram em três etapas: 111 questionários, 38 entrevistas e dois grupos focais. A análise das informações possibilitou compreender os significados atribuídos por essas adolescentes à sua experiência de trabalho e serviço doméstico e também apreender as implicações relacionadas à sua trajetória de trabalho e serviço doméstico, por meio das singularidades presentes no processo de significação da atividade por elas realizada. A cristalização de valores socialmente instituídos, relacionados à sua inserção na sociedade pelo trabalho que executam, compareu como garantia certa de inclusão e conquista de uma vida melhor no futuro, independente de como esse processo se efetive, o que oculta as contradições que lhe são inerentes. O trabalho doméstico, instrumento de socialização desde a infância, compareceu como garantia em si mesma de inclusão na sociedade, imbuído de valores como dignidade e honestidade. Ao mesmo tempo, essa atividade é aquela que impossibilita o acesso a outras formas de socialização, gerando sofrimento, culpa e o sentimento de perda de oportunidades quando, na realidade, observa-se a negligência a direitos que deveriam ser assegurados às adolescentes pelo Estado e

pela sociedade. Superar essa condição estaria relacionado a perceber as contradições existentes na visão estritamente individualista que elas têm de si, das possibilidades de sucesso ou fracasso relacionadas à atividade que executam e também do sofrimento que perpassa sua trajetória de vida, sofrimento este que reflete a lógica da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescencia; Trabalho doméstico; Serviço doméstico.

EIXO - Relações internacionais e família

A CRISE DA AUTORIDADE NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NO CONTEMPORÂNEO: UMA ABORDAGEM GENEALÓGICA

Autor(es):
Maria Carmen Euler Torres - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

Este trabalho tem o objetivo de discutir a crise de autoridade nas relações intergeracionais do contemporâneo. Percebemos que na atualidade tanto crianças como adultos carecem de referências nas formas de lidarem uns com os outros e atitudes de desrespeito e descaso são recorrentemente mencionadas em falas de professores e pais, assim como também das próprias crianças. Neste trabalho fazemos um percurso genealógico da noção de autoridade no decorrer da história, ou seja, refletimos como e de que forma a história nos ajuda a olhar para as diferentes expressões da autoridade e seus aspectos distintos. A autoridade pode aparecer como oposta à liberdade, nas análises de La Boétie e Thoureau, por exemplo, ou ligada a ela por uma mesma crise que teve início na modernidade, como nos aponta Hannah Arendt. Foi a partir de suas análises que encontramos referências mais diretas sobre a questão da autoridade e da liberdade e mais pontualmente também discussões sobre a crise na Educação. A autoridade pode também estar ligada à noção de poder, pelo olhar foucaultiano, quando aparece como um processo de produção de saberes e verdades. Foucault acreditava que o poder só seria exercido através de um processo que estaria ligado a relações de força que produzem saberes, "coisas" e discursos. Fazemos também um paralelo entre autoridade e hierarquia e quais foram ou são suas formas de expressão. Vimos como alguns autores clássicos acreditavam que essa condição- hierarquia e autoridade- era inerente às relações entre representantes de gerações diferentes e como também essa "verdade" é questionada no contemporâneo. Ainda, trouxemos para nossa pesquisa genealógica a noção de autoridade ligada ao conceito de fundação. Como representante mais importante da associação entre tais conceitos, trazemos Arendt e seu percurso de pesquisa pela filosofia clássica. Para dialogar com ela buscamos autores modernos e contemporâneos que ora ampliam seu argumento, ora colocam em questão trazendo a idéia de fundação como ligada ao mito de uma origem. Dessa forma, ampliamos nosso olhar para a questão da crise de autoridade no contemporâneo e percebemos que ela é parte de uma construção histórica que merece um lugar de destaque na discussão das relações intergeracionais e na produção de subjetividade de nossos tempos. O estudo destina-se a colocar em análise a

posição de autoridade do adulto, como a única possível nas relações com a juventude, e assim abrir possibilidades de uma maior interlocução de jovens e crianças com os sujeitos de gerações mais velhas além de sua participação na construção da cultura.

Palavras-chave: Crise da autoridade; Relações intergeracionais.

A FAMÍLIA QUE TENHO E A QUE QUERO: OS ADOLESCENTES E A FAMÍLIA

Autor(es):
Márcia Stengel - PUC/Minas Gerais
Stella Maria Poletti Simionato Tozo - PUC/Minas Gerais

Agência financiadora: FAPEMIG

Na fase da adolescência ocorrem modificações na família que demandam adaptação e flexibilização das regras. Uma das razões é o fato de os filhos adolescentes levantarem uma série de questionamentos referentes aos valores, crenças e regras até então vigentes no contexto familiar. A partir da compreensão da família sob essas perspectivas, algumas perguntas surgem: como os adolescentes significam a família? E como a família do adolescente se vê atualmente e prevê como será a futura família constituída por seus filhos(as)? Diferentes configurações familiares vivenciadas pelos adolescentes interferem em sua visão sobre a família que pretendem constituir? Devemos considerar que a família contemporânea sofre(u) inúmeras transformações, que vão desde sua organização, com uma diversidade de tipos (monoparental feminina, monoparental masculina, reconstituída, família de casais homossexuais), até vários modelos de organização (moderna, pós-moderna, hierárquica, igualitária, desmapeada). Este trabalho tem como objetivo compreender os significados atribuídos pelos adolescentes à família, e pretende identificar quais planos familiares estes pensam para si próprios no futuro. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com sete adolescentes, entre 15 e 17 anos, de ambos os sexos, das camadas médias de Belo Horizonte, versando sobre temas como sua vida atual, relacionamentos familiares, namoro, casamento e família. Posteriormente realizou-se uma análise qualitativa destas entrevistas. Apesar das inúmeras transformações presentes na família atualmente, percebe-se um discurso de valorização da família e ainda o modelo de família nuclear sendo considerado como ideal, independente da vivência familiar dos adolescentes entrevistados. Constituir uma família, casar-se e ter filhos fazem parte dos planos futuros de todos esses adolescentes, que ainda descrevem a família como espaço ideal de aceitação do outro, de auxílio nos momentos necessários, como lugar de aprendizagem e de troca de afetividade. Discute-se o alto nível de idealização presente nos relatos, contrapondo estes à experiência familiar vivenciada, e corroborando muitas vezes um ideário social positivo à instituição familiar.

Palavras-chave: Família; Adolescência; Geração.

JOVENS E CRIANÇAS PRODUZINDO AUTO-FOTOGRAFIA, ILUSTRAÇÕES E TEXTOS: ENCONTROS QUE POSSIBILITAM A DISCUSSÃO SOBRE O MÉTODO.

Autor(es):
Adélia Augusta Souto de Oliveira - Universidade Federal de Alagoas
Lívia Rocha Machado Levi - Universidade Federal de Alagoas
Maria Natália Matias Rodrigues - Universidade Federal de Alagoas

Agência financiadora: CNPq/PIBIC-FAPEAL

Nossos estudos acerca da memória social de comunidade litorânea no Nordeste brasileiro iniciaram-se em 1996 com um estudo exploratório da influência do turismo na vida dos moradores nativos, os quais tinham na pesca sua principal atividade identificatória. O método privilegiou a construção da memória por meio de produção de história de vida. A seguir, analisamos a partir das crianças as repercussões da indústria do turismo de massa no cotidiano de suas vidas, por meio de auto-fotografia e produção de desenhos temáticos. Recentemente focalizamos a questão da paternidade no contexto comunitário e os resultados evidenciam sinais de permanência vinculados à tradição e de ruptura reivindicados por mães e pelas crianças. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas com as famílias e a técnica projetiva de complemento de histórias com as crianças. A juventude tem sido nosso mais recente foco para o estudo intergeracional e estamos desenvolvendo atividades de entrevista e de encontros para conversas com jovens no intuito de identificar a transmissão de valores culturais. Objetiva-se aprofundar a compreensão da infância e da juventude por meio da rememoração e transmissão cultural dos contos e lendas que ainda persistem, apesar das intensas transformações que a comunidade vive. O trabalho focaliza duas gerações: os jovens moradores e as crianças que estão vivendo e experienciando as transformações caracterizadas pelo desenraizamento, pela exclusão do trabalho tradicional – desejado e apreciado pela população local –, pela permanência da identificação marcada por ser "nativo do lugar". A geração das crianças e dos jovens ganha, nesse estudo, relevância, pois seus depoimentos evocam, dão voz e impregnam de novo o conteúdo de suas experiências e adquirem um protagonismo coletivo. A noção de espaço e de tempo utilizadas por elas é ampla, simultânea e co-extensiva. Os encontros com grupos de crianças e de jovens pretendem produzir relatos, textos escritos, fotografias e ilustrações das histórias – contos e lendas – que lhes contam sobre o lugar. O diário de campo é instrumento importante utilizado durante toda a pesquisa, e tem como foco principal relatar as observações naturalistas em ambiente público e os encontros entre as crianças, os jovens e os mais antigos, sendo material de análise secundário na busca do sentido memorioso que se efetiva na relação face-a-face em zonas de sentido. Os resultados obtidos apresentam importantes repercussões no serviço de atendimento psicológico junto ao Centro de Apoio Psicossocial e do Programa de Saúde da Família.

Palavras-chave: Auto-fotografia; Jovens; Crianças; Método.

JOVENS E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Autor(es):
Carolina de Campos Borges - Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

As intensas e aceleradas transformações socioculturais da contemporaneidade, somadas à acentuação de valores individualistas e igualitários na nossa sociedade, vêm provocando a exacerbação das diferenças intergeracionais na família e modificando as formas de articulação das diferentes gerações. Diante disso, tivemos o interesse de investigar as relações intergeracionais na família contemporânea a partir do discurso de jovens cariocas das classes médias e, assim, melhor entender como eles estão percebendo e vivenciando as formas atuais de constituição dos vínculos intergeracionais. Para tanto, foram entrevistados seis jovens (três meninos e três meninas) com idades entre 15 e 20 anos, que moram com suas famílias em bairros da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. A análise de discurso dos textos resultantes das transcrições confirmou nossa idéia inicial de que as mudanças socioculturais contemporâneas têm implicações profundas nas relações intergeracionais. Os resultados apontaram para a influência de valores individualistas nas visões dos jovens acerca das relações familiares, das gerações mais velhas e do processo de envelhecimento. Pudemos observar que os jovens, hoje, encontram no seio familiar um espaço mais aberto ao diálogo, mais flexível às mudanças e que preserva a liberdade de cada um de seus membros. Parece haver nas relações familiares contemporâneas um intercâmbio mútuo de informações e influências entre pais e filhos. A possibilidade de influenciar seus pais e avós foi considerada pelos entrevistados como algo positivo para as relações, através da qual os vínculos com as gerações mais velhas são fortalecidos. Porém, observamos uma dificuldade de aceitação, ou mesmo não reconhecimento, por parte dos mais jovens, do saber que as gerações mais velhas poderiam lhes transmitir como herança cultural, num cenário marcado pela problematização dos processos de transmissão cultural que tradicionalmente se faziam no sentido daqueles com mais vivência para aqueles com menos vivência. Mesmo assim, os entrevistados afirmaram considerar importante o convívio com os membros mais velhos da família. Parece que, apesar das mudanças nas formas de interação entre as diferentes gerações, as trocas afetivas e culturais que se fazem no convívio diário entre elas não deixaram de ter relevância para os jovens.

Palavras-chave: Jovens; Família; Gerações; Contemporaneidade.

JOVENS RELEMBRANDO HISTÓRIAS À BEIRA-MAR: MEMÓRIA PSICOSSOCIAL E INTERGERACIONALIDADE

Autor(es):
Adélia Augusta Souto de Oliveira - Universidade Federal de Alagoas
Heliane de Almeida Lins Leitão - Universidade Federal de Alagoas
Lívia Rocha Machado Levi - Universidade Federal de Alagoas
Maria Natália Matias Rodrigues - Universidade Federal de Alagoas

Agência financiadora: CNPq/PIBIC-FAPEAL

Esta comunicação apresenta os resultados da etapa de execução de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica em que são abordados os moradores jovens e nativos de uma comunidade litorânea no Nordeste brasileiro por meio da realização de conversas sobre suas lembranças da infância no lugar, com ênfase nos contos e lendas do local. Os participantes da pesquisa são seis moradores jovens, três rapazes e três moças da comunidade com idade entre 14 e 17 anos, que apresentam relação de parentesco com a geração mais antiga participante do projeto anteriormente, e que nasceram e viveram sua infância na localidade. São estudantes do Ensino Fundamental e dois deles, cursam o primeiro ano do Ensino Médio. Moram com os familiares, os meninos auxiliam os pais ou avós na pesca e as meninas ajudam nos afazeres domésticos. Participam do Programa Bolsa-Família e um deles do Programa Jovem Trabalhador. A principal diversão é a prática do surfe e dois deles praticam aulas de música. As conversas foram realizadas por meio de dois encontros individuais e gravadas para posterior transcrição. Os jovens foram convidados a estar fisicamente presentes nesses lugares e retratá-los por meio de descrição pormenorizada das imagens lembradas. Perguntas complementares foram utilizadas sempre que necessário para o esclarecimento das respostas. A conversa foi aberta, apenas para informar ao sujeito o desejo do pesquisador de conhecer o período da infância e a história dos contos e lendas. Todas as outras informações importantes para o sujeito foram consideradas. Os resultados possibilitaram a identificação das lembranças de muitas brincadeiras na infância dos jovens. Ser jovem no contexto de relações comunitárias revela a necessidade de demarcar uma identidade nativa do lugar. Os espaços relembrados foram especialmente as ruínas de um leprosário, indicando um importante aspecto para a manutenção na memória intergeracional. O período da infância revelou presença de encontros entre crianças da comunidade para compartilhar as histórias do lugar, povoadas de fantasias. Os aspectos afetivos apontaram para o medo relacionado a essas histórias. O contexto comunitário observado revelou a intensa presença de turistas nas ruas e de pessoas que adquiriram loteamentos no local, reduzindo os espaços de interação e de livre circulação da comunidade nativa. A temática dos contos e lendas propiciou uma imersão na fantasia e reafirmou a necessidade de ser nativo para conhecer o lugar e suas histórias. As idéias compartilhadas estão submetidas ao sistema de crenças.

Palavras-chave: Jovens; Comunidade litorânea; Memória psicossocial.

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E ESPAÇOS FAMILIARES: DISTINTOS TEMPOS DE MEMÓRIA ARTICULADOS NA EXPERIÊNCIA EM COMUM E NO PROJETO JUVENIL.

Autor(es):
Carlos Henrique dos Santos Martins - UFF/CEFET-Nova Iguaçu/RJ

Acredito que existe forte relação entre memória, geração e socialização e que estas parecem ser determinantes para a compreensão da juventude como categoria sociológica composta de sujeitos dotados de memória que

se constrói nas relações sociais e intergeracionais. Essas relações vivenciadas, por exemplo, no âmbito da família, seja ela nuclear ou estendida, parecem ser importantes para que o jovem não só encontre os referenciais para a elaboração de suas identidades, como também servem para orientar a construção de seus projetos pessoais relacionados a um futuro que é delineado e constantemente reconstruído no presente. Futuro esse que tem a memória de experiência feita como referência e ponto de partida em direção ao desconhecido, lugares repletos de incertezas e riscos. Essa memória é construída, por sua vez, nas experiências vivenciadas nos grupos de identidades juvenis, mas também – e eu diria, principalmente – nas relações sociais das quais destaca-se a família. Ainda que resultantes do enquadramento ou do conflito, são essas experiências que poderão distinguir as escolhas, os projetos e alguns referenciais identitários tais como gostos, estéticas e valores morais e éticos. Estes, assim como determinadas práticas sociais, permanecem no interior da família, apesar das grandes transformações por que vem passando a sociedade e que se refletem nas diferenças de comportamentos e pensamentos observadas empiricamente nos distintos grupos geracionais. A pesquisa privilegiou os Bailes de charme, movimento cultural característico das camadas populares residentes nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Nesses espaços de socialização em que os adultos estão presentes, em sua maioria, foi possível identificar a presença de vários jovens que ali chegaram por distintos meios e caminhos. Essa presença, se por um lado representa a continuidade do movimento, por outro lado pode significar a sua transformação e pontos de conflitos intergeracionais. O que os leva a estar nesses bailes que não carregam marcas simbólicas e identitárias das culturas juvenis? Através de relatos dos jovens e adultos, entrevistas e pesquisa participante procuro entender como se articulam as relações intergeracionais através da memória coletiva e, a partir dessas relações, como se efetiva a construção da memória de jovem, assim como essas articulações podem ser importantes para as escolhas e definições de gostos e projetos juvenis.

Palavras-chave: Memória de jovem; Intergeracionalidade; Experiência; Projeto.

SOLIDARIEDADE E CONFLITO: RELAÇOES INTERGERACIONAIS ENTRE PAIS E FILHOS JOVENS

Autor(es):
Carla Rangel de Abreu Eduardo - PUC-MG
Márcia Stengel - PUC-MG
Maria Ignez Costa Moreira - PUC-MG

Agência financiadora: CNPq

O objetivo desta pesquisa, é estudar as transformações nas relações entre os pais e os seus filhos jovens na família contemporanea à luz das teorias de geração e de gênero. Pretende-se identificar e analisar os conflitos entre pais e filhos jovens, bem como as práticas de solidariedade entre os mesmos. Partimos da percepção do prolongamento da moratória da juventude e, conseqüentemente, a dificuldade dos filhos jovens construírem uma autonomia e sair da casa dos pais. A dimensão do conflito intergeracional diz respeito ao

combate pela mudança de valores e práticas sociais entre adultos e jovens e, por outro lado, está localizada na certeza de que uma geração supera a outra. Entretanto, as relações intergeracionais não estão marcadas apenas pelo conflito, mas também pela solidariedade. Conflito e solidariedade movem dialeticamente as relações intergeracionais, que ocorrem de forma privilegiada no espaço familiar, no qual também acontecem as relações entre os gêneros. Ao longo da história, as famílias afastaram-se de um modelo hierárquico e autoritário em direção a um modelo igualitário e democrático entre os gêneros e as gerações. Os jovens das camadas médias urbanas são os filhos de uma geração revolucionária que rompeu com padrões de comportamento social estabelecidos a partir das relações familiares e hierárquicas, e procura educar os seus filhos na lógica igualitária, pautada pelas negociações e o diálogo. A metodologia da pesquisa constou na aplicação de 395 questionários e na realização de 12 entrevistas com jovens universitários que estavam nos períodos iniciais, intermediários e finais dos cursos. Buscou-se favorecer a diversidade do grupo através dos seguintes critérios: áreas de ciências humanas, biológicas, gerenciais e exatas; universo de alunos preponderantemente feminino ou masculino; perfis socioeconômicos distintos; cursos diurnos, noturnos e integrais. Os jovens, em sua maioria, são solteiros, sem filhos, naturais de Belo Horizonte, católicos, moram com os pais e não têm experiência de morar sozinhos. A família conjugal nuclear é a composição majoritária entre os informantes. A maioria pretende sair da casa dos pais apenas para estudar e/ou trabalhar. O casamento é um projeto que surge após a formatura, juntamente com o desejo de ser pai ou mãe. As teorias de geração e de gênero possibilitam análises através de uma lógica relacional. Desta forma, pudemos compreender a estendida dependência dos filhos jovens em relação aos pais, como por exemplo, o adiamento da saída da casa dos pais.

Palavras-chave: Família; Geração; Juventude.

EIXO - Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos

A ARTE EDUCAÇÃO EM OFICINAS SOCIOEDUCATIVAS COM ADOLESCENTES: UMA POSSIBILIDADE DE AMPLIAÇÃO DO PROTAGONISMO SOCIAL?

Autor(es):
Gisele Garcia Costa - Universidade Estadual de Londrina

O presente artigo relata aspectos do estudo que fizemos acerca da relação entre a arte-educação e a ampliação de possibilidades do protagonismo social de adolescentes. Procura responder às seguintes questões: Seria a arte-educação um processo educativo possível que contribui para ampliar as possibilidades de emancipação social de adolescentes? Qual o entendimento que os profissionais de arte-educação têm sobre essa questão e qual a relação desta compreensão com a sua ação educativa? A resposta a estas indagações centrou-se numa pesquisa empírica, cujo instrumento foi a entrevista estruturada, realizada junto a educadores que desenvolvem oficinas em diversas modalidades artísticas com adolescentes no Centro Social Marista Ir. Acácio, no município de Londrina (PR). Teve como principal aporte teórico reflexões da estética marxista que nos autoriza a entender a arte como uma das mediações que concorrem para ampliação da autoconsciência e concomitantemente como expressão da objetividade social em diferentes momentos históricos. Entre nossas reflexões mostramos que os arte-educadores entrevistados associam ampliação do protagonismo social à autonomia dos educandos e, ao interpretar as formas de desenvolver esta autonomia, destacam a participação destes educandos como sujeitos. Mostramos, também, que estes arte – educadores atribuem a si próprios o papel de tornar o educando independente, de humanizá-los e torná-los agentes de transformações e de mudanças de atitudes. Interpretamos que este entendimento pode obscurecer a realidade objetiva dos educandos e não contribuir, de fato, para a ampliação do protagonismo dos educandos. Entretanto, as interpretações desses educadores com relação à importância da arte – educação como mediadora de um processo de consciência, gerador de escolhas autônomas, é de suma importância para que o educando sinta-se integrante e elemento ativo nas atividades realizadas em oficinas socioeducativas. A arte-educação é, portanto, uma ferramenta para estimular a iniciativa, a criatividade, a criticidade dos adolescentes. O papel de coadjuvante no trabalho artístico impulsiona no adolescente uma posição de protagonista, nas diversas dimensões de sua vida. Concluímos que é possível falar em emancipação e ampliação de protagonismo pela arte, quando abordamos a construção da noção de sujeito no processo criativo. O adolescente

só se sentirá sujeito à medida que possa se conhecer e reconhecer a validade de sua ação e opinião no espaço em que vive e possa, enfim, descobrir-se como ser capaz de teleologia e capaz de reordenar causalidades.

Palavras-chave: Arte-educação; Protagonismo; Emancipação; Sujeito.

A CIDADE, A JUVENTUDE E A FESTA: JOVENS CONGADEIROS EM GOIÂNIA

Autor(es):
Adriane Alvaro Damascena - IESA-UFG

Este trabalho se propõe a compreender, a partir dos jovens, como em Goiânia, uma cidade relativamente nova, perpassam práticas como a Congada, uma manifestação cultural com fortes elementos oriundos da população negra e carregada de espacialidades outras, que não as comuns a uma cidade que nasceu com o compromisso com a modernidade. A Congada nesse estudo aparece como uma espécie de reorganização do passado no presente, do mesmo modo que também é vista como uma forma de ressignificação da cultura negra no espaço urbano moderno. A convivência entre essas duas dinâmicas, essas duas espacialidades e temporalidades, de movimentos contrários, pode apontar para uma grande tensão que deve haver nessa interseção. A festa, podemos afirmar, que se apóia num princípio de resistência por parte da população negra. Com vistas a entender melhor essa expressão cultural em suas dimensões, espacial social, cultural e histórica, pretendemos fazer um levantamento das trajetórias (espaciais e temporais) dos ternos de congo da cidade de Goiânia. Também pretendemos apreender quais os elementos simbólicos que dão significado a essas práticas. Para tanto, os jovens serão nesse estudo o principal canal de tradução para o entendimento dos possíveis hibridismos que possamos encontrar para, com isso, compreendermos os nexos que explicam o surgimento e a permanência da festa na cidade. Querer saber como dialogam a cidade, com o seu ideal de progresso, e a prática cultural que celebra o passado para além da existência da própria cidade, e ainda como os jovens das periferias onde se encontram ternos de congos circulam entre as irmandades de congo (origem familiar) e as irmandade dos "manos", uma vez que a filosofia *hip-hop*, é uma cultura forte entre os jovens negros das periferias. Com intuito de melhor entender os trajetórias da Congada e dos jovens na cidade de Goiânia, sabemos que é necessário se permitir olhar a Geografia como busca, e a cidade como um processo de interação entre os homens e o espaço. Desta forma, acreditamos que as relações estabelecidas nas festas de congo estão estruturadas e mediatizadas pelo espaço, onde os jovens experienciam a cidade de uma maneira, talvez, muito particular. Saber o que a cidade nos revela e o que nos faz esquecer, e ainda entender como as Congadas conseguem se traduzir no espaço urbano, e como essa tradução aparece na manifestação cultural são elementos fundamentais para entendermos Goiânia seus jovens e suas particularidades.

Palavras-chave: Jovens; Cultura popular; Cultura urbana.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS EM PROJETOS DE TEMPO INTEGRAL DA SECRETARIA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Autor(es):
Catherine Monique de Souza Hermont

Os estudos sobre a adolescência, no contexto da condição juvenil e as relações com a escola são foco de atenção na sociedade contemporânea. Quem são esses adolescentes que estão na escola? Como constituem suas identidades juvenis e discentes, a partir da participação em propostas educativas, construídas para a ampliação de sua jornada escolar? Como constroem um determinado modo de ser jovem, no seu cotidiano? Como articulam o ser jovem e o ser alunos? Como a participação em um projeto de tempo integral ou interfer nessa construção? Para a compreensão dessas questões, foram acompanhados jovens de 12 e 17 anos, participantes de projeto de ampliação do tempo educativo denominado Rede do 3º Ciclo. A metodologia usada lançou mão de três estratégias, em etapas: a primeira realizada em 2006, 2º semestre, foi o acompanhamento, em uma perspectiva etnográfica, de duas turmas do Projeto Rede do 3º ciclo. Dando continuidade à coleta de dados em 2007, foram entrevistados participantes dessas turmas com trajetórias diferenciadas. Complementando a coleta de dados, na direção de apurar mais e buscar uma triangulação dos dados, foram feitas algumas discussões coletivas, tendo como base fotos e materiais colhidos durante o tempo de observação do trabalho nas turmas, durante 2006. Estas relações serão investigadas em um projeto de ampliação do tempo de permanência dos alunos em atividades na escola e na comunidade. A escuta atenta das falas dos jovens sobre quem são, e sobre os significados atribuídos a sua participação em uma política de ampliação do tempo escolar, conjugada com a apropriação do espaço escolar e de outros espaços do bairro, colabora na compreensão da constituição da sociabilidade juvenil. Este estudo pretende trazer elementos para a compreensão das relações entre ampliação do tempo escolar e relação com o conhecimento, através do olhar desses adolescentes que passam mais tempo na escola, uma escola que se apresenta em dois ou mais modelos, que se configuram de maneiras diferenciadas, às vezes, chegando a propostas divergentes. As bases teóricas da pesquisa são: Hall, Castells, Peralva, Melluci, Charlot, Dayrell e Larossa. Colaboram com as bases teóricas dessa pesquisa estudos de Bakthin, Foucalt, Moita Lopes e Bagno sobre a análise do discurso. As opções metodológicas foram norteadas por Ezpeleta & Rockwell e Alves-Mazzoti.

Palavras-chave: Adolescência; Identidade; Alfabetização; Tempo integral.

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES JUVENIS GAÚCHAS NO SITE ORKUT

Autor(es):
Lisandra Veiga dos Santos - UFRGS

Agência financiadora: CNPq

A juventude vem de um modo amplo se constituindo, enquanto prática cultural, cada vez mais em espaços das chamadas ciberculturas. Sites de relacio-

namentos, blogs, fotologs e dentre eles o site Orkut, propiciam a esses jovens maneiras de construir sua identidade, narrar-se e expor suas preferências às pessoas que acessam esses sites. No site Orkut divulgam-se modos de comer, de vestir, gostos musicais, estabelecendo marcas identitárias pela rede. Esta comunicação – que é parte de um estudo maior sobre identidades juvenis em territórios culturais contemporâneos – traz o recorte de uma pesquisa que focaliza os modos como os jovens que cultuam o Tradicionalismo Gaúcho se narram e são narrados no site Orkut, ou seja, como se descrevem ou exibem-se, sua relação com outros jovens que apreciam outros tipos de culturas. No referido site existem três categorias de descrição, a saber: comunidades (com fóruns para debate entre os membros e com títulos que muitas vezes descrevem modos de ser); perfis (com dados pessoais como gostos e costumes); e os álbuns (utilizados para divulgar as fotos e imagens dos membros). Tais categorias e materiais vêm sendo analisadas à luz dos Estudos Culturais em Educação e se valem também de questionários aplicados aos jovens usuários do site e que tenham afinidades com a cultura Tradicionalista Gaúcha. Os primeiros achados indicam que os jovens escolhem aderir a esta ou àquela comunidade por se identificarem com a descrição, o título e as discussões que a comunidade propicia. Existem, no site Orkut, comunidades que admitem seus pertencimentos, familiarizações e estranhamentos, como por exemplo, Minhas comunidades falam por mim/me descrevem. Tais descrições dão lugar a vários movimentos culturais que podem ser encontrados facilmente na internet como comunidades que se identificam com o hip-hop, com o rock, com o punk, o funk, dentre outros movimentos juvenis. Entretanto, a cultura gaúcha muitas vezes criticada por ser difundida apenas nos Centros de Tradição Gaúcha (CTG's), ganhou a rede através de comunidades fundadas no site Orkut, passando a ser também conhecida, legitimada – execrada por uns e ovacionada por outros – operando na construção de identidades juvenis gaúchas.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Cibercultura; Cultura gaúcha.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE JOVENS DO AGLOMERADO DA SERRA A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO CULTURAL

Autor(es):
Ana Carolina Ferreira Ribeiro - (Programa Liberdade Assistida de Belo Horizonte)

Este trabalho nasceu da pesquisa-ação "Adolescente quem é você? A construção da identidade dos adolescentes do Aglomerado da Serra em Belo Horizonte", que visa compreender como se constrói a identidade dos jovens neste contexto social, com especial foco na violação dos direitos desse grupo. Um dos resultados da pesquisa aponta para a visão adultocêntrica sobre os adolescentes, aquela que os vê sempre na iminência da criminalidade, de um possível perigo e, portanto, sob necessidade de controle. Nos dados levantados com representantes da comunidade, percebe-se que o adolescente é visto como sujeito de não autonomia e incapaz de participar de forma ativa na construção de seu percurso e projeto de vida. Daí surge a necessidade de

ouvir o que estes jovens têm a dizer de si próprios, a partir da sua participação em um grupo. Com este fim, nos inserimos em um grupo de dança de rua denominado Fatal Black. O princípio deste trabalho pressupõe a horizontalidade dos saberes onde o conhecimento da comunidade e da universidade se complementam visando a construção de saberes e de ações voltadas para a defesa dos direitos e a efetivação da cidadania dos jovens. Assim, as intervenções são construídas em conjunto com o grupo. A relevância deste trabalho está na urgência de se pensar a adolescência sob um enfoque psicossocial, considerando suas interações dialéticas com o mundo, sendo constituída e constituinte do mesmo para, então, desenvolver ações específicas com e para os jovens. A inserção prevê um encontro semanal no local e horário em que o grupo ensaia. Nestes encontros acontecem discussões onde os jovens narram questões cotidianas permeadas de violações de direitos, da proximidade com o tráfico de drogas e da relação com a polícia. A partir do registro da história do grupo, é possível identificar que estes jovens encaram sua participação no coletivo como um projeto de vida. Utilizam deste espaço para desenvolver discussões sobre as questões supracitadas e outras pertinentes aos dilemas específicos desta fase da vida, se colocando como sujeitos ativos de sua realidade, rechaçando o estigma de criminosos em potencial. Fica clara também a marca forte da comunidade em que moram na constituição de suas identidades – lugar de dificuldades, mas também de construção de uma idéia de nós, com identificação de redes de solidariedade e amizade. Ao fazerem parte do Fatal Black, constroem suas identidades, problematizando suas realidades de adolescentes moradores de favela.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens; Identidade; Comunidade; Grupo.

A ESCOLA DE CIRCO DO INSTITUTO DOM FERNANDO E A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

AUTOR(ES):
Denise Carmen de Andrade Neves - Universidade Católica de Goiás

Na sociedade atual a educação pode ser entendida em três modalidades: formal, informal e não-formal. A primeira diz respeito à educação tradicional, desenvolvida pelo Estado ou iniciativa privada, estando regida por uma legislação específica, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A segunda, educação informal, corresponde aos aspectos em que os indivíduos apreendem em seu processo de socialização, seja na família, no bairro etc. A terceira modalidade de educação, não-formal, é desenvolvida em ambiente coletivo, seja na escola ou em instituições específicas. A Escola de Circo, estando nesta última modalidade de educação, é uma instituição de natureza filantrópica, sem fins lucrativos. Constitui-se em um Programa de Extensão do Instituto Dom Fernando (IDF), que está vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil (PROEX), da Universidade Católica de Goiás (UCG). Ela está localizada na região leste de Goiânia, no bairro Jardim Dom Fernando I e tem por princípio o trabalho com crianças, adolescentes e familiares que vise à cidadania e o fortalecimento do protagonismo infanto-juvenil por meio da educação. A Escola de Circo se inscreve na perspectiva do Circo Social, que faz uso das ferramentas circenses no desenvolvimento de trabalhos educativos

com crianças e adolescentes de regiões periféricas, visando não à formação de artistas circenses, mas a formação humanística. A pesquisa realizada objetivou descobrir a contribuição da Escola de Circo, enquanto espaço de educação não-formal, no processo educativo dos adolescentes e a sua contribuição para os familiares. Em sentido geral a Escola de Circo, diante de suas condições institucionais, vem contribuindo com a formação de uma nova cultura que valorize mais a formação humanística, na e e menos a educação voltada para o mercado. Pensa-se a criança e o adolescente como protagonistas, valorizando sua participação em todas as instâncias de decisão e os envolvendo em todo o processo educativo. O que se conclui com a pesquisa é que há, por parte dos entrevistados (sobretudo dos adolescentes, mais do que das famílias) a compreensão dos propósitos da Escola de Circo, enquanto promotora de uma educação que se diferencia da educação obtida na escola formal. Reconhecem que ela vem contribuindo para que construam uma visão mais crítica da realidade e que se vejam enquanto protagonistas do processo educativo. Afirmam que consideram mais prazeroso o aprendizado promovido pela Escola de Circo do que aquele da escola formal. Entretanto, no que se refere às famílias, apontou-se a necessidade de uma maior intervenção para que possam compreender o real papel da instituição e se aliarem a ela no sentido de garantir que todos os direitos pertinentes a esse público sejam assegurados.

Palavras-chave: Circo social; Educação-não formal.

A ESCOLA E O FAVORECIMENTO DE PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM ADOLESCENTES EXPOSTOS A SITUAÇÕES DE RISCO

Autor(es):
Luciene dos Santos Camargo - Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP

Agência financiadora: FAPESP

Esta pesquisa busca entender os sentidos atribuídos à vida escolar e processos de escolarização por adolescentes que possam estar submetidos a situações de risco, no sentido de analisar se a escola tem agido em suas vidas como um indicador de risco ou proteção. Pretende-se, também, compreender a qualidade das relações estabelecidas entre os adolescentes e os profissionais da escola, bem como com seus pares, além de conhecer seus sentimentos relativos à vida escolar e os acontecimentos mais significativos vivenciados em seu processo de escolarização. Refletindo assim, sobre o papel da escola e da educação no processo de construção da resiliência em alunos submetidos a situações de risco. Os fatores de risco estão relacionados a toda sorte de eventos negativos que, quando presentes no contexto ecológico da pessoa, aumentam a probabilidade de que esta apresente problemas físicos, psicológicos, comportamentais e sociais. Os fatores de proteção dizem respeito às influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação ou adoecimento, influenciando positivamente se presentes ou negativamente se ausentes. Resiliência é a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por situações de adversidade. Referimo-nos à resiliência enquanto

processos que operam na presença do risco para produzir conseqüências boas ou melhores do que aquelas obtidas na ausência do risco. A educação deveria trabalhar no sentido de favorecer o desenvolvimento de processos de resiliência para que crianças e adolescentes possam se tornar elementos ativos na transformação e otimização da sociedade. Os instrumentos utilizados são: questionário, aliado à técnica da evocação, e entrevistas reflexivas. Utilizamos o software EVOC para verificação da freqüência de palavras evocadas, bem como para cruzamentos de dados, que serão analisados à luz da teoria do Núcleo das Representações Sociais. As análises preliminares nos revelaram que palavras como educação, estudo, futuro, alegria, foram as que mais apareceram no núcleo central, o que nos mostra o quanto os adolescentes avaliam a escola positivamente. Por outro lado, no sistema periférico, apareceram palavras como desrespeito, desconfiança, desestrutura, violência, dados que revelam aspectos importantes que atingem de forma negativa estes sujeitos. Ressaltamos que após o término das análises dos questionários, realizaremos entrevistas com 8 adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente; Escola; Risco; Proteção; Resiliência.

A JUVENTUDE POSSÍVEL "REINVENTADA" PELAS CLASSES POPULARES

Autor(es):
Nilda Stecanela

Nesta comunicação, apresento o que considero um dos dilemas conceituais das pesquisas sobre juventude, tendo em vista que muito se tem produzido sobre o conceito de juventude, muitas vezes transportando compreensões sobre esta categoria social de forma descontextualizada e que importam para a juventude brasileira construções feitas em outros tempos históricos e em outros espaços geográficos e sociais. Nos argumentos que desenvolvo, sem ignorar as diferentes e díspares produções existentes sobre o conceito de juventude, procuro contribuir para a compreensão do que a constitui, de forma relacional com o estatuto do adulto e da própria juventude, de modo a abordar o "tornar-se adulto numa sociedade em mutação". O fundamento desta opção sustenta-se na afirmação de que, nas sociedades complexas, já não é mais possível falar de juventude sem relacioná-la com outras etapas da vida que também sofrem mudanças. No percurso, recorro a tipologias das transições sociologicamente construídas e, a partir de alguns modelos heurísticos da transição, procuro trazê-las ao contexto da juventude brasileira, mais especificamente, olhando a realidade através dos cotidianos dos jovens investigados em minha pesquisa. Proponho, portanto, uma reflexão que parte do que se tem dito sobre as juventudes em tentativas de articular isso com o que se vê no cotidiano dos jovens da periferia de uma cidade do interior do Brasil. Abordo as biografias estandardizadas e procuro transitar em direção às biografias de escolha, de modo a fazer uma aproximação à compreensão de como a juventude por mim estudada "reinventa" seus modos de ser jovem, a partir das situações de vulnerabilidade social a que se encontra submetida. A questão que se coloca é: estes jovens partilham da condição juvenil ou têm apenas sua entrada na vida adulta antecipada? Diante do conjunto de limi-

tações que emergem de sua realidade social e das concepções simplificadoras que consideram a juventude como uma etapa de preparação e de passagem para a vida ativa, os sujeitos de minha pesquisa já não seriam jovens e já não mais pertenceriam a esta condição social. Nas argumentações que procuro desenvolver e nas palavras dos jovens, considerando o olhar para o seu cotidiano, encontro fortes indícios de que há uma pertença ao estatuto da juventude, porém, com especificidades que a tornam a juventude "possível" recriada, reinventada e refabricada no cotidiano de uma periferia urbana. Concluo com uma reflexão sobre a relação entre as biografias estandardizadas e as biografias de escolha no processo de constituição das identidades juvenis em contextos de intensa pressão do cotidiano. A expressão "pressão do cotidiano", surge como uma narrativa ou tradução, na voz dos jovens, de temas já exaustivamente utilizados por pesquisadores, tais como: jovens em "situação de vulnerabilidade social", ou em "situação de risco".

Palavras-chave: Juventude; Transição para vida adulta; Pressão cotidiana; Biografias de escolha.

A MAÇONARIA E A FORMAÇÃO DE JOVENS MULHERES

Autor(es):
Luzia Aparecida de Oliveira - Universidade Católica de Goiás

Organismos da sociedade civil têm apresentado em suas agendas a preocupação com os agrupamentos juvenis. No campo da sociedade civil – instituições e agências, Organizações Não-Governamentais (ONGs), associações beneficentes etc – focam suas atenções em segmentos juvenis. A maçonaria é uma dessas instituições que desenvolve projetos para jovens não estigmatizados como "problemas sociais". A maçonaria é uma organização tradicional, permeada por uma série de rituais para os seus adeptos e, ao longo da história, desenvolve projetos e ações fundamentados no ideário liberal e com centralidade na figura masculina. É uma instituição que atuou decisivamente na Independência do Brasil, na libertação dos escravos e na Proclamação da República, e, no momento, tem ressaltado que, em razão das transformações que levaram a sociedade a se afastar dos valores defendidos por ela no passado, retoma seu papel de resgatar os seus valores de liberdade, igualdade e fraternidade. Em atendimento ao propósito de colaborar para a formação de líderes do futuro, a maçonaria trouxe para o Brasil duas ordens paramaçônicas juvenis: a Ordem DeMolay para jovens do sexo masculino, e a Ordem Internacional das Filhas de Jó (OIFJ), para jovens do sexo feminino. Evidencia-se que, para cumprir seu objetivo declarado de interferir nos destinos da sociedade brasileira e da humanidade, a maçonaria usa a estratégia de formar jovens líderes, de ambos os sexos, com habilidades morais superiores, e considera ser esta sua mais importante tarefa na atualidade. A presença de projetos dirigidos ao segmento juvenil no interior da maçonaria é instigante no sentido de indagar o que faz essa instituição secular e de âmbito mundial movimentar-se para desenvolver atividades visando a adesão à sua lógica de jovens, em especial, mulheres que tradicionalmente foram excluídas de sua configuração. O propósito da presente comunicação é perquirir quem são as jovens Filhas de Jó e por que estas jovens aderem ou não ao projeto de formação proposto

pela maçonaria. Algumas questões são postas: Quem são essas jovens mulheres? O que significa para elas ser uma jovem mulher? Como vivem a condição juvenil? Qual projeto educativo desenvolvido pela OIFJ para incorporar as jovens às suas concepções e à sua dinâmica de funcionamento? Qual modelo de jovem mulher que interessa a essa organização?

Palavras-chave: Jovens mulheres; Formação; Maçonaria.

A RELAÇÃO ATIVA E SEUS IMPASSES: COMO OS JOVENS LIDAM COM OS DIFERENTES NO CONTEMPORÂNEO?

Autor(es):
Beatriz Corsino Pérez - NIPIAC/UFRJ

Agência financiadora: CAPES

Os grandes centros urbanos, atualmente, são marcados pela divisão funcional do espaço, gerando a sua fragmentação, hierarquização e segregação. Percebemos que estão cada vez mais escassos lugares de encontro e de diálogo entre pessoas de classes e grupos sociais diferentes. Por outro lado, o espaço público, como o lugar de participação e envolvimento dos cidadãos sobre as questões comuns da cidade, está cada vez mais esvaziado. A fragmentação e a segregação do espaço e a perda da função do espaço público repercutem na forma como são construídos os laços sociais entre os habitantes da cidade. Os jovens, principalmente, se agregam a outros jovens que possuem os mesmos gostos, hábitos e interesses. A união se dá baseada na semelhança de comportamentos, perspectivas, vestimentas e usos de objetos, o que não favorece a aproximação de quem é visto como diferente. Esse processo acaba por segregar e excluir as pessoas que pensam e se comportam de formas diferentes e que, muitas vezes, não são ouvidas e nem sequer vistas em sua singularidade. O relacionamento restrito ao grupo de semelhantes tem como conseqüência a perda de contato com a pluralidade humana. O indivíduo não se questiona sobre os seus valores e perspectivas, permanecendo limitado a uma visão de mundo, uma vez em que não dialoga com pessoas que possuem outro posicionamento. Nesse trabalho, investigamos quais são as experiências e os vínculos que os jovens estabelecem entre si e como se apropriam da cidade como um espaço de todos. Buscamos compreender as tentativas dos jovens em estabelecer uma relação ativa com o diferente, na busca de construir uma cidade comum, em que opiniões, interesses e formas de vida divergentes possam ser negociadas e consideradas. Entendemos a relação ativa como uma forma de vínculo em que o sujeito se deixa abalar pelo outro, permitindo trocas de afetos, experiências e narrativas. Ao estabelecer uma relação ativa com o diferente, o indivíduo deixa a segurança, que a vida no grupo de semelhantes proporciona, e se arrisca no encontro com o estranho, o perigoso e o inesperado. Apontamos também as dificuldades e os conflitos envolvidos nesse processo, pois ao se deparar com a diferença existente no "outro", o indivíduo tem que lidar com a diferença existente em si mesmo. O que move esse encontro são a preocupação e o sentimento de responsabilidade pelo mundo comum.

Palavras-chave: Cidade; Juventude; Política; Relação ativa.

A RELIGIÃO EM TEMPOS DE PÓS-MODERNIDADE E A JUVENTUDE

Autor(es):
Lourival Rodrigues da Silva - Casa da Juventude Pe. Burnier

Agência financiadora: AJEAS

A religião é a ligação que une céu e terra, sendo uma estrutura simbólica que se preocupa em dar sentido à existência humana. A modernidade gerou um desencantamento do mundo sagrado, possibilitando o surgimento de uma nova ordem social, uma outra cultura, novas tecnologias, o mercado econômico e a política universal. Com a crise da modernidade e com o advento da pós-modernidade há uma nova onda de abertura para o transcendente e o sagrado. Há uma reanimação mundial da religião, criando um terreno fértil para transitar em diferentes modelos, mas com uma perda do controle institucional. Passando a ser algo da livre iniciativa e da gestão pessoal. O mundo globalizado estaria forçando a religião a ficar mais difusa, eclética, bebendo de várias fontes, buscando se adaptar e responder às pessoas preocupadas com saúde, desequilíbrio psíquico, ameaça à biosfera. Passando a ser a saída às necessidades religiosas do individuo do neoliberalismo e da globalização, sendo um manto protetor que dá segurança e sentido frente ao mundo cheio de ameaças. Os jovens buscam novas formas de expressões da sua fé de maneira mais dinâmica e atualizada. Criticam os cultos, missas; acham esses eventos desinteressantes, demorados, desatualizados. Reclamam ainda da hipocrisia, das proibições dogmáticas, das cobranças, do autoritarismo etc. Há por parte de muitos uma resistências à postura frente a questões da sexualidade, aborto, métodos anticoncepcionais. Estes (as) têm três atitudes em relação à religião: a religião é importante e algo interior, que cabe a cada um acreditar do seu modo; acreditam e participam, se limitando a participações eventuais ou acreditam e participam ativamente dos grupos da igreja. Buscam o espaço religioso motivados pela necessidade de viverem uma experiência sagrada, que os alimentem e lhes dê sentido à vida. Porém um sagrado mais privado, *light*, menos exigente e sem a institucionalização. A onda neopentecostal exerce sobre a juventude uma atração ligada a experiências afetivas e pessoais. Nela qualquer pessoa pode se expressar em línguas, pregar e falar direto com Deus, sem mediações. Esse modelo de espiritualidade emocional e de grandes eventos é aceito pelas igrejas e reforçado como condição de sobreviver e de existir com maior número e sem a perda de fiéis. Assim a religião, com seu sistema de práticas, consegue influenciar no modo de ser e se comportar dos jovens, apresentando-lhes motivações e simbologias para seu existir, propondo formas para os jovens se socializarem e olhar o mundo.

Palavras-chave: Juventude; Religião; Pós-modernidade.

A VANGUARDA JUVENIL: A JUVENTUDE NO DISCURSO DA REVISTA DA EDITORA DO BRASIL (1961-1971).

Autor(es):
Katya Mitsuko Zuquim Braghini - EHPS/PUC-SP

Agência financiadora: CNPq

Este trabalho é uma apresentação parcial de uma pesquisa de doutorado e toma como fonte a Revista da Editora do Brasil (EBSA), um periódico edu-

cacional que circulou entre anos 1947 até os anos 1990, quando foi desativado. Este periódico tinha como proposta ser um veículo de comunicação que possibilitava ao público leitor um acesso rápido às notícias e informações sobre a Educação. Para isso, compilava e transcrevia as informações de outros veículos de comunicação. EBSA ainda era um meio de promoção dos livros didáticos, produtos de uma das maiores editoras do país durante o auge da repressão política no período de ditadura militar: a Editora do Brasil S/A. Ao longo do período escolhido para essa pesquisa, 1961-1972, os editores de EBSA publicaram textos dispostos a discutir o tema "juventude". O objetivo deste estudo é selecionar, classificar e interpretar as matérias em que se discursa sobre as questões referentes à juventude brasileira, a fim de verificar como essa é anunciada em suas páginas. Nesses discursos revelam-se idéias e valores pertinentes ao grupo responsável pela publicação do periódico, projetando luz sobre o "projeto" de organização da sociedade brasileira com o qual esse grupo se identifica, e que defende. Por se apresentar notadamente favorável ao governo autoritário nos anos 1960, a EBSA pode ser considerada como uma espécie de contra-face de uma parcela da juventude que à época estava nas ruas, mobilizada contra esse mesmo autoritarismo. Uma primeira análise de seus discursos sobre os jovens indica haver: uma aversão à rebeldia e à mobilização estudantil; uma idealização do jovem que seria conveniente ao regime. Essa idealização parece indicar que a moral e o comportamento dos jovens participantes do movimento estudantil eram parâmetros, meio que enviesados, para a escolha dos objetivos propostos pelos livros didáticos de Educação Moral e Cívica produzidos pela Editora. Os referenciais de análise são os seguintes autores: Abramo e Branco; Novaes e Vannuchi; Spósito, devido aos seus respectivos estudos efetuados sobre o tema juventude; Groppo por conta de seus estudos sobre a juventude e a modernidade. Além desses autores as referências principais são Eisenstad por conta de suas análises sobre as gerações; e por fim, Mannheim, por considerar o fenômeno social da "geração" sendo relativo e tendo relevância em uma dada dimensão histórica do processo social.

Palavras-chave: Juventude nos anos 60; Movimento estudantil.

ABORDAGENS SOBRE A(S) JUVENTUDE(S)

Autor(es):
Gardene Leão de Castro Mendes - Casa da Juventude Pe. Burnier

Ao longo da história, o tema juventude foi abordado, mesmo que de forma indireta, pelas várias instituições, como o Estado, a igreja, a família, os meios de comunicação, a academia, entre outros. Nos últimos anos, no Brasil, esse assunto tem adquirido grande importância em muitos campos de discussão, principalmente no meio acadêmico. Apesar dessa suposta validade exata do conhecimento científico, é preciso verificar que os vários conceitos sobre os jovens também sofreram a influência da sociedade através das concepções políticas, econômicas, culturais e sociais que muitas vezes acabam por legitimar as normas, práticas e conceitos pré-estabelecidos. Devido à grande importância da discussão do tema juventude e das várias abordagens já feitas sobre o assunto, queremos discutir e analisar as conceituações sobre o tema

ao longo da história, no Brasil, para entender suas diferenças e limites, buscando reconhecer como os jovens vêm sendo vistos pela sociedade e pelas instituições. Um dos conceitos construídos sobre a juventude, principalmente pela psicologia, definiu os jovens como problema, com características como "rebelde sem causa, bagunceiros, arruaceiros, sem princípios éticos e morais..."; enfim, como uma fase de riscos e de crise. Outra linha de abordagem é o da faixa etária. Segundo Abramo e Leon, no Brasil existe a tendência, baseada em critérios estabelecidos pelas Nações Unidas e por instituições oficiais (como o IBGE), de localizar tal faixa etária entre os 15 e 24 anos. Outra corrente de análise dos jovens é o de geração, que afirma que o ser humano é construído socialmente, influenciado por aspectos culturais, sociais, familiares, etc e por isso acaba se associando em grupos, determinados principalmente em idades específicas, encontrando, assim, o seu referencial de identidade e costumes. Dentre os conceitos, entendemos que a linha de abordagem mais ampla e que aborda a diversidade da juventude são os estudos socioculturais, que trazem aspectos mais abrangentes para essa análise, afirmando que existem fatores sociais e culturais que influenciam na formação de diversas juventudes. Como afirmam Alpizar e Bernat, "...os estudos socioculturais ressaltam a diversidade de formas de expressão da juventude (culturas juvenis) e salientam a diversidade do que é juvenil (identidades juvenis)". Por isso precisamos entender que a juventude não pode ser analisada de forma uniforme e fechada, com características universais ou com noções pré-concebidas. Existem várias juventudes, influenciadas por suas diversas vivências culturais, históricas, sociais, econômicas, pelas relações de poder, entre outras.

Palavras-chave: Juventude; Abordagens; Conceitos.

ADOLESCÊNCIA E PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA: UM TRABALHO EM EXPANSÃO

Autor(es):
Alciane Barbosa Macedo Pereira - Instituto Dom Fernando/UCG
Ivana Orionte - Instituto Dom Fernando/UCG

O presente trabalho foi realizado como parte de um programa de extensão vinculado a uma universidade brasileira, tendo como suporte teórico a perspectiva sócio-histórica de Vigotsky e como método, o materialismo dialético. Sua construção abrangeu 40 adolescentes entre 12 e 16 anos de idade, em situação de risco, e suas famílias, residentes em bairros da periferia de uma capital brasileira. A proposta evidencia, em especial, a importância do protagonismo juvenil e, para tanto, fez-se necessária a construção de uma metodologia que pudesse alcançar a realidade social apresentada. Na ocasião, optou-se por tratar com esses adolescentes por meio da pesquisa-ação participativa. Nesse tipo de pesquisa, a comunidade participa ativamente do processo e, conseqüentemente, da construção do conhecimento, a qual, no presente estudo, foi marcada pela preocupação em mediar práticas sociais mais autônomas entre os adolescentes, entre eles e suas famílias e entre eles e a comunidade. Foram realizadas 14 oficinas com os adolescentes, nas quais foram utilizados diferentes instrumentos que facilitaram a comunicação, a cooperação, o desenvolvimento da auto-estima, o saber ouvir, o estabelecimento de

limites e o respeito ao espaço do outro. Nos grupos temáticos, incluindo todas as famílias do grupo de adolescentes, buscou-se trabalhar as relações dentro dos pontos considerados por elas como mais urgentes, sempre visando o contato com a forma de realizar suas ações e suas conseqüências nas relações. Tanto nas oficinas quanto nas reuniões temáticas com os pais, após um ano, constataram-se transformações significativas. A partir do trabalho realizado, pôde-se perceber entre os adolescentes o surgimento de maior respeito pela fala e pelo tempo do outro, o contato com os prejuízos e a dor causada por apelidos e brincadeiras inadequadas, a importância de não assumir riscos sem calcular suas conseqüências, várias e diferentes noções de cidadania, direitos e deveres. Com as famílias, verificou-se a expressão de sentimentos e dificuldades nunca manifestados anteriormente (fala das próprias famílias), bem como a visualização de novas formas de atuação dos pais e dos adolescentes, postas em prática e comentadas posteriormente por eles, além do forte vínculo de confiança estabelecido com a pesquisadora, elemento imprescindível nessa construção.

Palavras-chave: Adolescência; Família; Psicologia (Social Comunitária).

ADOLESCÊNCIA, MÚSICA E RELAÇÕES SOCIAIS.

Autor(es):
Auro Sanson Moura - Universidade Federal do Paraná

Agência financiadora: CAPES

A música está presente na vida cotidiana dos adolescentes, muitas vezes com funções que vão além do mero entretenimento. Como Hargreaves e Cook sugerem, as preferências musicais podem servir como uma espécie de "insígnia" que os adolescentes usam para mostrar quem "são". Supondo que a música possa influenciar na construção da identidade dos indivíduos, conforme Macdonald et al, este estudo investigou os papéis das práticas musicais cotidianas na identidade de adolescentes de uma escola pública de Curitiba (PR), sob a ótica da Psicologia Social da música. 185 adolescentes de 13 a 19 anos, de classe média baixa, residentes no centro e na periferia, preencheram um questionário sobre preferências e práticas musicais, dados socioeconômicos e impressões sobre a música. Os adolescentes foram quase unânimes ao dizer que gostam muito de música, alguns chegando a afirmar que não poderiam viver sem ela. O tempo médio de audição musical diária foi de 3 horas. Apesar da intensa exposição à música, não foi citado nenhum local específico para a audição musical, fato evidenciado pela enorme popularidade dos aparelhos MP3 *players* entre os pesquisados. Os entrevistados disseram também que se identificavam mais com a música que ouviam do que com os artistas. Porém, quando questionados sobre o ato de se vestir ou de se comportar como seus ídolos, a grande maioria disse que não o fazia, mesmo trajando camisetas de bandas de rock ou roupas similares às dos *rappers* norte-americanos. As atividades musicais apareceram em primeiro lugar dentre as atividades realizadas nos momentos de lazer, seguidas por programas como sair, usar o computador, ou esportes, parcialmente como encontraram Brenner et al. Os adolescentes também disseram não ter problemas quanto

a ter amizade com pessoas com preferências musicais distintas; nem mesmo para namorar a música pareceu atrapalhar. Porém, as preferências musicais emergiram claramente como forma de integração em um grupo, e a questão das tribos musicais emergiu nas respostas, de acordo com Damasceno. De maneira geral, o presente estudo corrobora estudos anteriores (Campbell e Palheiros), e confirma a presença e a importância da música no cotidiano dos adolescentes curitibanos. A música na adolescência também serve como ferramenta de integração com os pares. Outros achados interessantes serão discutidos no evento.

Palavras-chave: Adolescêcia; Música; Relações sociais.

ADOLESCÊNCIA: A VIOLÊNCIA NO BAILE FUNK

Autor(es):
Claudiana Wogel dos Santos - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
Rogério Ribeiro de Castro

Agência financiadora: Centro de Pesquisa do CES/JF

Emergido no Rio de Janeiro dos anos 80, o funk caracterizava-se até pouco tempo atrás por ter conquistado a juventude de baixa renda, suburbana e favelada das grandes cidades. A novidade é que a juventude mais abonada, filha da classe média, tem freqüentado cada vez mais os bailes. O ritmo do funk chegou a Juiz de Fora, cidade de porte médio do estado de Minas Gerais. Os jornais da cidade noticiam a violência nos finais de semana entre gangues, que cresce ritmada pela batida do funk. Inspirados em jovens de facções cariocas do tráfico de drogas, os grupos locais utilizam as letras das músicas para reforçar ódios e desavenças nos bailes. Gritos de guerra, ameaças explícitas e apologia ao crime fazem parte de um repertório que encontra eco no cotidiano destes meninos. Foi feita pesquisa de campo quantitativa descritiva, utilizando questionários padronizados com perguntas fechadas de estimação e opinião. O referencial teórico foram livros que descrevem o fenômeno da violência e que abordam o funk no Brasil. Essa pesquisa foi realizada por alunos do curso de Psicologia selecionados pelo interesse em estudar o tema da violência na adolescência. Os questionários foram avaliados quantitativamente e qualitativamente. A amostragem foi de 507 adolescentes, ambos os sexos. A motivação dos mesmos para freqüentar o baile funk é o ritmo envolvente que os fazem ficar com alguém e estar com sua galera/gangue. A maioria dos entrevistados já freqüenta os bailes há mais de um ano. Vão sempre acompanhados com a galera do bairro. Afirmam que o interesse maior é dançar a maioria nega brigas individuais, e brigas em gangues e nunca foi retirada do baile por segurança. O consumo de álcool antes, durante e depois do baile foi negado, assim como o consumo de drogas. Concordam que algumas letras incentivam a violência, as brigas são puro vandalismo e vontade de aparecer, as brigas entre gangues rivais são para exaltar o nome da galera. O exaltar da violência é confirmado mas não se reconhecem como participantes e praticantes desses atos. Conclui-se assim, que o adolescente ao fazer parte de uma galera/bonde se despersonaliza e não se reconhece como agente transgressor das leis sociais. No entanto, a violência, mesmo negada pela maioria, se faz presente nos atos e nas palavras, que confirmam a rivalidade entre os

grupos. Definem o baile funk como lazer e curtição. O exaltar da superioridade da galera é demonstrado na manifestação da agressividade sob a forma de violência. Algumas letras do funk fazem apologia à violência, sendo ritmos proibidos que exalta as drogas, o sexo e o crime. Diante desses resultados, pode-se afirmar que o baile funk é um dos desencadeadores atuais da violência urbana na contemporaneidade.

Palavras-chave: Adolescência; Funk; Violência.

ADOLESCÊNCIAS TEMIDAS NA DIFERENÇA EM SI

Autor(es):
Ricardo de Castro e Silva

Adolescentes autores de violências sexuais, adolescentes travestis, adolescentes que fazem programa sexual comercial, adolescentes ligados ao tráfico de drogas, adolescentes que estão na escola, que estão fora da escola, que estão com liberdade assistida, adolescentes que dançam, que cantam, que choram, que encontram seus familiares e que num ato de solidariedade convivem. Esta é uma cena cotidiana da Taba- uma ONG de Campinas (SP) que há 14 anos vem sendo um espaço de convivência entre as adolescências e nesta convivência estruturando possibilidades de viver uma nova história. Num determinado momento as adolescentes travestis se propõem a fazer o lanche dos adolescentes autores de violência e estes se recusam a comer "onde este viado pôs a mão". Estamos diante de uma situação que podemos denominar como resultante do mal-estar da civilização, utilizando uma idéia/conceito em Freud. Viver na civilização significa necessariamente viver o mal-estar. Porém, através do mal estar, com estas e entre estas adolescências, com a convivência cotidiana num espaço "protegido" há possibilidades de atravessar o mal-estar e chegar algumas possibilidades. Quais? Cotidianas, micro, cenas menores, utilizando conceito Deleuze, diante das cenas maiores como assinaturas de convênio para "distribuição " de verba pública para o atendimento à juventude. Estamos falando do poder de mudança das microrrelações que ocorrem nos espaços educativos permissivos do confronto e da convivência cotidiana na vida destas inúmeras e infinitas adolescências. O que descobrimos foram possibilidades concretas de resgate através das diferenças e exatamente através destas diferenças que antes de ser nomeadas, exercem a capacidade intrínseca de mudança. Esta capacidade é perdida no momento que a nomeamos: autores de violência sexual, travestis, usuários de droga, entre outras marcas/nomes/nomeações. Na verdade esta seria uma possibilidade, garantir a diferença em si (conceito em Deleueze), antes de sua nomeação, de sua representação, pois a partir daí torna-se diferença como conceito e perde-se a possibilidades da diferença que rompe e reconstrói a própria

Palavras-chave: Adolescências; Diferença em si.

ÁLCOOL E TABACO ENTRE ADOLESCENTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO EM JOÃO PESSOA

Autor(es):
Raquel Farias Diniz - Universidade Federal da Paraíba

Agência financiadora: CNPq

Os comportamentos relacionados à saúde, adotados durante a infância e a adolescência, são considerados fatores preditores para o surgimento de doenças na idade adulta. Vários estudos no Brasil mostram a alta prevalência de comportamento de risco à saúde, muitos apontam também para a associação entre os vários riscos como o uso de álcool e tabaco. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo descrever as características e analisar o uso de álcool associado ao uso de tabaco em escolares do ensino público do município de João Pessoa, Paraíba. Tratou-se de um estudo descritivo de corte transversal. Contou com a participação de 200 adolescentes estudantes da rede pública de ensino, de duas escolas situadas na zona leste que responderam a um questionário estruturado auto-aplicável. Com a média de idade correspondente a 13 anos (DP=1,2), 42% dos respondentes são do sexo masculino e 58% do sexo feminino. Quanto a exercerem alguma atividade de trabalho, 15% dos respondentes trabalham recebendo remuneração e 18% sem remuneração. A avaliação da saúde em geral pelos adolescentes deste estudo apresentou-se de forma positiva: 90% dos respondentes relataram saúde de boa a excelente. O uso de bebida alcoólica foi relatado por 69% dos respondentes. A média de idade para a ingestão do primeiro copo foi de 13 anos (DP=2,8), variando entre 10 e 25 anos. Grande parte dos respondentes afirma ter ingerido bebida alcoólica apenas uma vez, em festas ou comemorações entre amigos ou família. Porém, um número bastante significativo afirma ter bebido pelo menos uma vez nos últimos trinta dias (30%), e o uso foi atribuído entre outros fatores à influência dos amigos. Quanto à segurança pessoal observou-se que um número razoável de respondentes (42%) já esteve num carro dirigido por alguém que tinha ingerido bebida alcoólica. Em relação ao tabagismo, quase um terço dos respondentes já fumou pelo menos um cigarro. Destes, 21% fumou pelo menos um cigarro nos últimos 30 dias, a maioria afirma não fumar todos os dias e 9% adquiriu os cigarros comprando diretamente. A média de idade na qual se inicia a experiência com o cigarro, na amostra, é de 15 anos (DP=2,3). Desta forma, o referido estudo disponibilizou dados de referência para uma pesquisa prospectiva, que visa acompanhar longitudinalmente possíveis modificações de comportamento da população alvo (inclusive sazonais), nas variáveis observadas.

Palavras-chave: Álcool; Tabaco; Adolescentes.

APRENDIZADOS DA EXPERIÊNCIA NA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL

Autor(es):
Maurício Perondi

Este trabalho se propõe a apresentar elementos sobre os aprendizados que são vivenciados por jovens estudantes que participam dos grupos da Pastoral

da Juventude Estudantil (PJE) – no Estado do Rio Grande do Sul. A PJE constitui-se como uma organização dos jovens cristãos estudantes no seu meio específico. É uma organização da Igreja Católica coordenada por, com e para os estudantes, para que desempenhem sua missão na construção de uma sociedade justa e fraterna, buscando transformações a partir do ambiente escolar. Atualmente, os jovens vivem uma condição plural e multifacetada, fator este que possibilita visualizá-los através de diferentes perspectivas. Apesar de aqui abordarmos o meio estudantil, o enfoque não será o dos jovens na sua condição escolar. A ênfase será dada à condição juvenil específica de participantes de grupos de jovens da pastoral e aos aprendizados que ali acontecem. Nos últimos anos, percebe-se o crescimento dos estudos sobre as juventudes e as culturas juvenis. Grande parte dos enfoques tem o direcionamento a partir do adulto, que fala sobre os jovens e lança hipóteses ou teorias sobre os mesmos. A ênfase principal deste trabalho está em investigar a expressão dos próprios jovens na sua vivência grupal. Em termos de pesquisa isso significa não ter determinado de antemão quais os significados que os jovens atribuem às aprendizagens para apenas confirmar ou não uma hipótese, mas ir compreendendo-os à medida que estes sejam explicitados pelos próprios jovens. Esta idéia está afirmada em Melucci quando ele aponta que o mundo atual necessita de uma "sociologia da escuta", onde o conhecimento aproxime as pessoas e não haja uma separação entre observador e observado. Ao descrever como acontece a "entrevista compreensiva", Zago destaca que o pesquisador inverte as fases da construção do objeto. A pesquisa de campo não é mais uma instância de verificação de uma problemática preestabelecida, mas o ponto de partida desta problematização. Nesta perspectiva, o presente trabalho não pretende formular hipóteses e averiguar a sua confirmação através da pesquisa de campo. Outrossim, buscará através das expressões dos próprios jovens compreender quais são os aprendizados que estes desenvolvem a partir da participação nos grupos dos quais participam, aqui em particular os grupos de jovens da PJE.

Palavras-chave: Juventude estudantil; Pastoral; Grupos juvenis; Aprendizados.

AS ABORDAGENS DO JORNAL O POPULAR SOBRE A VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA JOVENS DE GOIÂNIA NO PERÍODO DE 15 DE ABRIL A 15 DE MAIO DE 2006

Autor(es):
Gardene Leão de Castro Mendes - Casa da Juventude Pe. Burnier

O presente estudo tem o objetivo de analisar como foram feitas as abordagens do jornal O Popular sobre a violência policial contra jovens no período de 15 de abril a 15 de maio de 2006. Ele encontra motivação, primeiramente, na importância de se falar sobre juventude, já que esse é um tema que vem sendo discutido amplamente não só na academia, mas na sociedade em geral e nos meios de comunicação. Além disso, sabemos que os meios de comunicação, não raro, tratam a temática da juventude de forma genérica, com alarde, para atrair a atenção de seu público leitor. Como afirma Carmo: "No Brasil, a preocupação com o jovem pobre da periferia das grandes cidades

muitas vezes surge quando se querem lembrar as cifras alarmantes de violência." Focamos especificamente em violência policial porque, em Goiânia, nos últimos dois anos, segundo dados da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, os casos de violência policial contra jovens aumentaram consideravelmente. De acordo com a comissão, em pouco mais de dois anos, foram registrados 117 homicídios, cuja autoria é atribuída a policiais militares. Das 117 vítimas, 48,7% (57 pessoas) não tinham passagem pela polícia. Por meio da teoria do enquadramento, instrumento de análise do conteúdo midiático, buscamos verificar, na formatação das notícias publicadas pelo O Popular de 15 de abril a 15 de maio de 2006, elementos que orientassem o público para uma determinada interpretação dos fatos. Para trazer mais elementos de análise para a pesquisa, fizemos, ainda, uma entrevista com Divino Rodrigues Barco, membro do Comitê Goiano Pelo Fim da Violência Policial e com Silvana Bittencourt, editora do caderno Cidades do O Popular no ano de 2006. Diante da análise de todas as informações coletadas no trabalho, pudemos perceber que o enquadramento feito pelo O Popular, nestes casos, é o da presunção da culpa dos jovens e da inocência dos policiais. Esse enquadramento teve enfoque nos depoimentos e laudos da Polícia Militar do Estado de Goiás, sem dar espaço de resposta ou apresentar depoimentos das famílias das vítimas da violência policial ou do Comitê Goiano Pelo Fim da Violência Policial. Confrontando essa realidade com os depoimentos apresentados pelos familiares das vítimas da violência policial, percebemos que o enfoque das matérias é tendencioso no sentido de justificar as atitudes da polícia.

Palavras-chave: Juventude; Violência; Comunicação; Jornalismo.

AS CARTAS DA CASA: UMA EXPERIÊNCIA ADOLESCENTE

Autor(es):
Ana Karina Fachini Araujo - Universidade Nove de Julho
Elaine Teresinha Dal Mas Dias - Universidade Nove de Julho
Flávia Andréa Velasco Pennachin - Universidade Nove de Julho

Este trabalho tem como objetivo uma reflexão acerca das possibilidades de reafirmação da socialização de adolescentes internos na Fundação Casa. A violência e os atos infracionais juvenis têm ocupado espaço nas discussões e pesquisas acadêmicas. Polêmicas sobre a condição etária, sujeito de direito, impunidade, redução do limite penal, aplicação das medidas previstas em legislação são temas estudados amplamente. Pesquisam-se as concepções e percepções da sociedade frente ao menor em confronto com a lei, as questões referentes a inclusão e exclusão, mas a voz deste menor é pouco ouvida. A partir de uma experiência de atendimento clínico se conheceu o hábito da produção escrita de menores internos, com a finalidade de prosseguir o contato com o mundo exterior. Os adolescentes em privação de liberdade passam parte de seu tempo escrevendo cartas para pessoas desconhecidas, mas que faziam parte do convívio de outros jovens institucionalizados, anteriormente à reclusão. Como foco de estudo utilizou-se uma das cartas escritas por um adolescente participante do programa de atendimento psicoterápico, com vistas à liberdade assistida, ainda quando residente. A carta, como expe-

riência de comunicação, pode ser vista amalgamada ao processo de socialização, considerando-se o momento de internação vivido por seu autor e interpretada como tentativa de ampliação da rede social. Na adolescência, o grupo de pares é um dos mais importantes referenciais de identificação. A participação e a aceitação grupal possibilitam ao adolescente a edificação de sua identidade, que, paulatinamente, tomará forma. Os jovens utilizam diferentes estratégias para alcançar o pertencimento, porém, quando se está em uma instituição que os exclui do convívio, tal tarefa acaba se mostrando mais difícil, podendo, inclusive, acarretar uma intensificação dos transtornos sociais e psicológicos. Tendo em vista que os menores com problemas com a lei integram um grupo diagnosticado psicanaliticamente como perverso, experimentar novas formas de sociabilidade pode colaborar para a re-significação do ato infracional e do enfrentamento da reclusão. "As cartas da Casa" falam exatamente desta tentativa de encontrar um mundo onde eles possam se agrupar, potencializando a possibilidade de aceitação de si e do social que os cercam.

Palavras-chave: Adolescente; Sociabilidade; Institucionalização; Construção social.

AS TERRITORIALIDADES JUVENIS NOS FESTEJOS TRADICIONAIS EM PIRENÓPOLIS - GOIÁS

Autor(es):
João Guilherme Curado - Universidade Federal de Goiás
Tereza Caroline Lôbo - Universidade Federal de Goiás

Esse trabalho objetiva uma reflexão em torno do espaço de participação dos adolescentes e jovens nas festas tradicionais do catolicismo popular em Pirenópolis-Goiás, uma vez que há desafios a ser solucionados diante da perpetuação das tradições realizadas nessa cidade colonial com os anseios mormente preteridos pelo grupo de jovens e adolescentes no que tange às necessidades e possibilidades de sociabilidades e inserção nos processos culturais da comunidade local. As festividades representam para esses sujeitos o rito de passagem da infância para a juventude, pois são criados espaços consentidos de atuação para os diversos agentes envolvidos, especificamente para os jovens. Em Pirenópolis, a festa em Louvor ao Divino Espírito Santo congrega festejos tradicionais como as Cavalhadas, as Pastorinhas, o Congo, o Reinado e o Juizado que têm em suas representações o envolvimento juvenil. Para os meninos sair de Mascarado, montado a cavalo, representa o limiar para a vida adulta, uma vez que a máscara tem a conotação de permissividade ao jovem que a utiliza. Durante os festejos, esse jovem pode ter contato com bebidas, freqüentar os ranchões (boates improvisadas durante a Festa do Divino) e experimentar a independência e a liberdade. Enquanto isso para as meninas, integrantes das famílias mais abastadas, participar da encenação da revista As Pastorinhas representa o debutar. Cotidianamente, a juventude está inserida nas relações voltadas para o turismo que tem dimensionado novas e maiores perspectivas de inclusão social e no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo tal inserção tem diminuído a participação, envolvimento e freqüência nos tra-

dicionais festejos, o que tem sido uma preocupação local no sentido da manutenção e perpetuação dessas festas. Destarte, a situação tende-se a configurar com uma ambigüidade inquietante: ou o jovem insere-se no mercado de trabalho afastando-se dos momentos de congregação da comunidade quando as identidades locais são constituídas ou se entrega aos momentos festivos ficando impossibilitado de trabalhar no setor turístico. O envolvimento com as festas tradicionais locais impõe, ainda, a possibilidade de melhor compreender o espaço geográfico, as territorialidades e as desterritorialidades em que os jovens pirenopolinos atuam e as relações culturais e identitárias nas quais estão inseridos.

Palavras-chave: Jovens; Festas tradicionais; Catolicismo popular; Pirenópolis.

BRINCADEIRAS E VIOLÊNCIA

Autor(es):
Maria do Horto Salles Tiellet - Programa de Pós-Graduação em Educação-UNISINOS

Este trabalho tem o objetivo de apresentar resumidamente os resultados da pesquisa "Brincadeiras que humilham: manifestações de incivilidade".O problema posto para o desenvolvimento da pesquisa foi delineado a partir dos comentários e as angústias dos acadêmicos dos cursos de licenciatura do Campus Universitário de Cáceres da Universidade Estadual de Mato Grosso, que se manifestavam atônitos, sem saber como lidar com a indisciplina, o comportamento agressivo e à agressão física dos alunos das escolas públicas estaduais onde realizavam o estágio multidisciplinar. Como havia nos relatos dos estagiários menção ao comportamento agressivo e a violência através de brincadeiras que ocorriam no recreio, percebeu-se que o tema atravessava, interpondo-se às questões educacionais, o que definiu nossa investigação e possibilitou a construção do problema através das seguintes questões norteadoras: pode e de que forma as brincadeiras e/ou as encenações ritualísticas e lúdicas, enquanto instrumento de socialização na construção do processo civilizatório, também servirem de instrumento para fomentar a incivilidade ou a violência física no ambiente escolar? Os envolvidos conseguem estabelecer relação entre as brincadeiras e a violência e mesmo a diferença entre ambas? Enquanto hipótese entendíamos ser possível que a violência no ambiente escolar, pudesse estar sendo fomentada pelas brincadeiras colocadas em prática, especialmente no recreio, à medida que, esse instrumento de socialização para o desenvolvimento do processo civilizatório, estivesse carregado de comportamento hostil, ameaçador, preconceituoso e intolerante. Corroboraram os resultados da pesquisa com a hipótese acima postulada, à medida que o objeto da pesquisa foi sendo desvendado e cercado por uma construção teórico-metodológica, que ao se prender ao tema violência escolar, focando as brincadeiras, apontou para a possibilidade de haver conexões com a violência infanto-juvenil no município de Cáceres. O estudo proposto tomou a configuração de uma pesquisa descritiva à medida que se propunha a descrever, compreender e interpretar o fenômeno da violência no ambiente das escolas públicas estaduais do município de Cáceres/MT. Os instrumentos

de pesquisa definidos na construção metodológica, que se propunham a atribuir grandeza ao fenômeno estudado e se valer da manipulação estatística com randonização, foram: o levantamento de dados de 2004-2005 no Conselho Tutelar e na Delegacia Especializada do Adolescente e a aplicação de questionário.

Palavras-chave: Brincadeiras; Violência; Microviolência; Jovens.

CAPOEIRA ANGOLA – SUA MEMÓRIA, RITOS E SABERES COMO POSSIBILIDADE DE PROCESSO IDENTITÁRIO E DESENVOLVIMENTO DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA NÃO-FORMAL

Autor(es):
Thiago Benedito Livramento Melicio - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

Este trabalho é parte de uma pesquisa de dissertação que envolve um olhar psicossocial sobre a cultura popular, mais especificamente a Capoeira Angola. Assim, propõe-se discutir alguns aspectos dos processos educativos não-formais presentes na Capoeira Angola, com o intuito de contribuir para a promoção da formação humana de jovens e crianças, assim como discutir alternativas para se pensar a Educação. A educação formal insere-se numa crise paradoxal em que simultaneamente novos mandatos lhe são atribuídos e exigidos, na medida em que os problemas sociais aumentam, se diversificam e se complexificam, sem que isso implique condições, investimentos e recursos humanos e pedagógicos acrescidos para enfrentá-los. Portanto, frente a esse contexto, a educação entendida como não formal destaca-se como possibilidade de contribuição pedagógica a essa realidade educacional, a fim de procurar suprir e reconstruir essa demanda social, constituindo uma alternativa para a construção identitária dos jovens. A educação não formal, embora obedeça a uma sistematização e organização e possa levar a uma certificação, diverge da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação de conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. Nesse sentido, em contato com estudos e pesquisas científicas sobre a Capoeira Angola, compreende-se que as relações sociais e seus desdobramentos constituem peças chaves para o direcionamento de sua prática. A transmissão de seus saberes envolve a oralidade, ou seja, o contato face-a-face que promove a proximidade de interação entre educador e educando. Assim, o aprendizado ocorre por meio da experiência e observação, no que pode ser chamado de "oitiva", numa proximidade corporal em que o afeto, a atenção e a disponibilidade do mestre e discípulo mostram-se integralmente. A cultura dessa tradição aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens podem territorializar uma identidade juvenil. A adesão ao grupo possibilita ao jovem uma ampliação do domínio social, uma apreensão de um conjunto de representações sociais que dão sentido à realidade e promovem a comunicação, a atividade intelectual e as trocas afetivas entre os sujeitos. Portanto, a prática da Capoeira Angola se insere dentre as alternativas que se preocupam com temporalidade atual dos sujeitos envolvidos, opondo-se à visão hegemônica sobre

a juventude que a encara como um vir a ser, tendo apenas o futuro como sentido de realização plena.

Palavras-chave: Capoeira Angola; Identidade; Educação não formal.

CAPOEIRA E ESCOLA: TERRITÓRIOS DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS NAS TRAMAS DAS CULTURAS, SABERES E IDENTIDADES JUVENIS

Autor(es):
Carla Valeria Vieira Linhares Maia - Faculdade de Educação/UFMG

Agência financiadora: CAPES

Nesta apresentação tratarei da temática das culturas, saberes e identidades juvenis. As reflexões e considerações foram tecidas a partir da dissertação de mestrado, desenvolvida entre os anos de 2002 e 2004, junto a jovens estudantes de uma escola pública e membros de um grupo de capoeira. Escola e grupo de capoeira foram percebidos como territórios comuns de socialização, aprendizagens e construção das identidades juvenis. O foco da comunicação estará nas significações atribuídas pelos jovens pesquisados aos dois espaços, em suas vivências juvenis e em seus projetos de futuro. O argumento central é o da necessidade de maior conhecimento dos diferentes espaços e práticas criadas ou abertas pelos ou para os (as) jovens fora do âmbito escolar, onde um número crescente de jovens vem construindo novos mapas e tramas nos modos de ser jovem, de inserir no social e na circulação/apropriação de saberes na contemporaneidade. O estudo de caso evidenciou a existência de uma polissemia de sentidos e significados atribuídos à capoeira e à escola em suas vivências e projetos, dependendo do lugar que cada sujeito jovem ocupava no "jogo da vida". Mas também demonstrou que não se pode atribuir as diferenças semânticas de forma mecânica aos seus pertencimentos étnicos, de gênero ou região de moradia (no caso estudado: bairro ou favela). O que se percebeu foi uma imbricação de sentidos onde todos estes aspectos interferem mas não determinam, em última instância. No grupo de capoeira cada participante do seu modo encontrava referências, modelos e vislumbrava a possibilidade de se situar dentro de um mundo em permanente mudança, como o atual. O grupo para muitos adolescentes constituía-se como um ponto de apoio onde podiam comparar, compartilhar as diferentes experiências de vida, conciliar vivências por vezes contraditórias e transformá-las. Pertencimento, afeto, busca por novos campos de relacionamentos, e formação de redes de sociabilidade que fornecem novas referências de mundo. Escola e capoeira se constituíam como territórios de sentidos, construção de saberes, socialização e processos identitários para os diferentes jovens. Nesses territórios, como nos diria De Certeau, davam rasteiras, ou no jargão da capoeira, gingavam por entre os obstáculos diários para construir novos e diferentes projetos de vidas.

Palavras-chave: Culturas juvenis; Socialização; Escola; Capoeira.

CARTOGRAFANDO TERRITÓRIOS JUVENIS: OS JOVENS E A CULTURA *HIP HOP*

AUTOR(ES):
Roberta Grangel da Silva - Universidade Estadual Paulista

AGÊNCIA FINANCIADORA: CAPES

Este trabalho é fruto de nossa pesquisa, na qual traçamos uma cartografia dos territórios existenciais dos jovens que se identificam e ou atuam na Cultura *Hip Hop*. O *Hip Hop* é uma expressão artística e política protagonizada por jovens oriundos das periferias. Surgiu nos guetos norte-americanos, por volta da década de 1970. Torna-se movimento quando unifica seus quatro elementos: o *Rap* (música), o *Break* (dança), o Grafite (artes plásticas) e o DJ (discotecagem). O *Hip Hop* chegou ao Brasil na década de 1980, na metrópole paulistana, cujo precursor é Nelson Triunfo. Aos poucos difundiu-se para outras capitais e hoje pode ser visto em cidades de médio ou pequeno porte. Para os jovens atuantes nesta cultura, ela é tanto uma estratégia de diversão e de encontro de amigos, quanto um meio de denúncia às desigualdades socioeconômicas sofridas pelos moradores das periferias urbanas. Optamos pelo método cartográfico pelo fato de a própria cartografia possibilitar-nos acompanhar algo que não é estanque. Assim, se território, conceito utilizado por Deleuze para designar uma construção espacial subjetiva que permite a montagem e desmontagem de modos de ser, de agir e sentir, ou seja, de territorialização e desterritorialização, cumpre esclarecer que cartografar territórios existenciais não diz de uma análise psicopatológica, nem de uma leitura intimista da subjetividade. Pois, a subjetividade, de acordo com o pensamento deste autor, não significa identidade, essência ou indivíduo, mas sim modos de agir, sentir, pensar. Ao cartografarmos os territórios dos jovens que atuam ou que se identificam com o *Hip Hop*, nossa pretensão é investigar seus modos de existência ou subjetivação, lançando sobre eles um outro olhar, dando visibilidade aos movimentos de resistência que emergem desses modos de existir. Podemos dizer que os jovens atuantes no *Hip Hop*, muitas vezes, subvertem as normas estabelecidas pela sociedade. Com as músicas cantadas pelos rappers, denunciam as desigualdades sociais vividas pelos moradores das periferias, já, quando se encontram para ensaiar, para se apresentarem, ou para reunirem os amigos, fazem das ruas, das praças e dos espaços públicos, seus principais locais de atuação, subvertendo a lógica atual que concebe o espaço público como um meio de passagem e não também como um espaço de socialização e de práticas culturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Hip hop*; Jovens; Território.

CASA DE ZABELÊ: CONHECENDO O TERRITÓRIO DA PESQUISA

AUTOR(ES):
Gianne Carline Macedo Duarte - Universidade Estadual do Piaui

AGÊNCIA FINANCIADORA: CNPq

O Programa Casa de Zabelê começou a ser elaborado em 1994, através de um convênio firmado entre a prefeitura de Teresina (PI), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Ação Social Arquidiocesana de Teresina

(ASA). A Casa tem como objetivo o combate e o enfrentamento da violência física, psicológica e principalmente a violência sexual visando à superação de estados e vivências traumáticas, em Teresina. Para este fim, realizei visitas à instituição, e, inspirada nas técnicas de trabalho de campo em pesquisa em Ciências Sociais, realizei observações diretas para descrever minhas vivências, as relações entre os corpos que existem na Casa de Zabelê, bem como seus procedimentos disciplinares. Tais observações foram registradas através de fotografias e diários de campo. Além disso, fiz a leitura e análise de documentos oficiais da Instituição, como, por exemplo, o seu Plano de Ação. Estes registros permitiram-me perceber a disciplina da Casa através de suas normas e regras instituídas incidindo sobre o corpo das jovens, por exemplo, no refeitório e no banheiro (é proibido trocar a sobremesa; é proibido marcar lugar no refeitório; as crianças almoçam primeiro; a menina que sujar o refeitório deve fazer a limpeza do que sujou; é proibido riscar e sujar com batom as paredes e espelhos da casa). Além disso, observei que em meio a essa disciplina cohabitam as resistências expressas no interior e entorno da Casa. Portanto, ao conhecer o território da pesquisa pude perceber que a Casa de Zabelê é uma instituição que visa disciplinar os corpos para que as relações em seu interior sejam harmônicas. Há, inclusive, os "modos de punir" como, por exemplo, o desligamento da Casa. Mesmo assim são perceptíveis práticas de resistências a essas regras, por parte das jovens que são atendidas pela instituição.

Palavras-chave: Juventude; Corpo disciplinar; Resistência.

CIDADANIAS E IDENTIDADES: A EXPERIÊNCIA DE JOVENS COM A TRUPE DE TEATRO DO GRUPO CULTURAL AFRO REGGAE

Autor(es):
Jessé Guimarães da Silva - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o trabalho realizado com os jovens que freqüentam a Trupe de Teatro do Grupo Cultural Afro Reggae, uma Organização Não-Governamental, localizada no bairro de Vigário Geral, cidade do Rio de Janeiro. O foco de interesse da investigação foi analisar o modo como acontece a experiência de realizar teatro com jovens e as expectativas deste segmento da juventude em termos de projeto de vida, produção de subjetividade e constituição da cidadania como modos de produção de identidades individuais e identidades grupais. Durante 6 meses, num total de 20 visitas, as análises se apoiaram em observações feitas durante a montagem teatral da peça Urucubaca. Baseada nos autores Michel Certeau e Mikhail Bakhtin, a pesquisa teve como recurso metodológico a utilização de três instrumentos: a observação dos ensaios, o diário de campo e a entrevista. Entende-se que o diário de campo seja um instrumento que, além de registrar dados e hipóteses a partir das observações, ele tenha a sua eficiência ao remontar questões anteriores, aproximar imagens, organizar e traçar novos caminhos na investigação. Nele foram registrados observações e apontamentos feitos a partir das visitas realizadas aos ensaios e atividades em geral. Já as entrevistas, baseadas no dialogismo e no princípio de que ambos os seus participantes – entrevis-

tador e entrevistado – atuam de maneira ativa nelas, foram realizadas com 7 integrantes do grupo, sendo 6 jovens e 1 diretor. Chegou-se à conclusão de que a noção de cidadania ali vivenciada é permeada por alguns pontos. O primeiro deles diz respeito à construção do pertencimento a um grupo de teatro, baseado em vínculos sociais e afetivos, capazes de legitimar uma participação mais efetiva. Já o segundo afirma que, a partir de relações de alteridade e assumindo determinados pontos de vista, os jovens buscavam, por intermédio das práticas discursivas suscitadas pelo uso da linguagem teatral e de um trabalho coletivo, a expressão de si e de suas potencialidades enquanto sujeito. Deste modo, pensar acerca de uma ou mais noções de cidadania se reflete na constatação de que a presença e o envolvimento destes jovens neste sub-grupo acabava por gerar um espaço em que eles construíam para si modos identitários através dos quais eles não apenas firmavam o seu pertencimento àquele grupo, como também se projetavam como autores de suas próprias vidas.

Palavras-chave: Cidadania; Identidade; Juventude; Teatro; Projeto social.

CINE SUBÚRBIO

Autor(es):
Carla Regina Silva

Este audiovisual é uma produção coletiva que integrou um projeto de extensão universitária. As tecnologias audiovisuais tornam possíveis distintas maneiras de codificar a informação. Contudo, a forma como esses instrumentos são consumidos e/ou de que forma são decodificados pelos jovens precisam ser questionadas. A partir desta premissa, oficinas audiovisuais foram realizadas com jovens de grupos populares urbanos na cidade de São Carlos (SP), cujos objetivos foram promover possibilidades de aprendizagens, relacionamentos e capacitação técnica, para que o desvelar das produções audiovisuais pudessem fomentar novas maneiras de reconhecer e formular os conteúdos imagéticos consumidos; além disso, favorecer diferentes reflexões acerca de suas visões de mundo e de si mesmos, por meio de trabalhos com a auto-imagem e de outros exercícios imagéticos. Buscou-se a construção de novas metodologias de intervenção interdisciplinares e participativas no campo social, através do vínculo com o jovem, o que permitiu novas possibilidades de vivências, relações, acontecimentos e de cotidiano, trabalhando-se, sempre, numa perspectiva do protagonismo juvenil, que vislumbra o jovem como sujeito de direitos. Ressalta-se a necessidade de um olhar individualizado sobre o sujeito, a fim de se construir estratégias que possibilitem maior atuação dos jovens no lugar em que vivem, não visando, apenas, suprir suas necessidades, mas buscando produzir subsídios para políticas públicas cujo impacto se dê na direção de promover a universalização de direitos de cidadania e na produção de formas de criação e ampliação das redes sociais de suporte para a maioria dos jovens brasileiros

Palavras-chave: Produto audiovisual; Juventude de grupos populares; Protagonismo.

CONECTADOS EM REDE: INTERATIVIDADE E AUTONOMIA NAS TECNICIDADES E IDENTIDADES

Autor(es):
Haline Tavares dos Santos - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Lucia de Mello e Souza Lehmann - Universidade Federal do Rio De Janeiro
Patrícia Lobato Moraes - Univesidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CNPq

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm revolucionando as relações entre os homens e o mundo e criado novas formas de estar com o outro. A internet tornou-se um espaço decisivo de acesso às novas formas de de comunicação e aquisição de conhecimento. Os jovens ao se articularem, através de suas produções (textual, gráfica, fotográfica, sonora), revelam o que entendem de si mesmos e como percebem/lêem/reagem ao mundo. Em nossa pesquisa, ao investigarmos a apropriação da internet, junto a jovens alunos universitários, com o objetivo de identificar e analisar os modos de uso e os diferentes impactos desta prática no cotidiano, vimos que a autonomia e a interação são processos que têm lugar neste suporte e são altamente valorizados pelos jovens. Que razões e sentimentos fazem desta prática algo tão sedutor e de interesse para estes jovens? Que elementos estão em jogo? Tomamos como objetivo deste trabalho focalizar como se processa a interação, ou melhor, a interatividade através desta mídia. A troca de informação e as experiências vividas na internet são apontadas por alguns destes jovens como um mundo à parte, com regras próprias de comportamento e convivência, opiniões, versões, que rapidamente podem ser repassados, alterados, reconstruídos, revitalizados. Na liberdade de expressão, provocada e permitida pela plasticidade do virtual, é possível identificar o gosto pela inovação e experimentação das mudanças dos padrões de convivência, da descoberta das estratégias e ferramentas permitidas pela nova tecnologia e suporte. Através dela se presentificam e se reconfiguram as tradicionais necessidades de atenção, integração, aceitação, afeto, sensualidade, admiração e surgem novas formas de manifestações, observadas nas identidades jovem. A empatia dos jovens com a cultura tecnológica ultrapassa a atualização pela informação ou facilidade de manejar novos dispositivos e equipamentos, colocando em jogo uma nova sensibilidade produzida a partir da tecnicidade, da operação, da interação e conexão midiática. A interatividade pela internet tem possibilitado a busca de autonomia, diversificando e inovando, conjugando uma criatividade técnica, criada, imaginada e utilizada pelo homem, à construção de identidades dinâmicas e híbridas.

Palavras-chave: Interatividade; Inovação; Mídia; Identidade.

CONSTRUÇÃO DE ATITUDES E AÇÕES PROAMBIENTAIS COM ADOLESCENTES

Autor(es):
Daniele da Costa Cunha
Hayla Mayre de Brito Martins - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Indira Leite Ferreira e Souza - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Maria Inês Gasparetto Higuchi

A busca de um planeta sustentável não é possível sem que haja uma transformação das condutas ambientais atuais que estão baseadas no uso indiscriminado dos recursos naturais. Esse desafio de comportamento e ações proambientais deve ser a pedra fundamental da educação ambiental. Não desconsiderando a importância do imenso arsenal de comportamentos ambientais, esse trabalho tem por objetivo apresentar processos que investigam e estimulam ações de cuidado com o ambiente natural, mais particularmente uma reserva florestal. Esse trabalho foi desenvolvido com um grupo de adolescentes de 10 a 14 anos de idade, residentes no entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke (RFAD), na cidade de Manaus (AM). As atividades educativas foram iniciadas para diminuição das invasões e depredação dos recursos naturais. No processo educativo foram surgindo aspectos importantes que fundamentavam as práticas predatórias. A partir da compreensão e elucidação da subjetividade e necessidades apontadas pelos adolescentes o programa educativo foi sendo revisto e redimensionado no seu proposto. Constatou-se que as práticas predatórias ao ambiente natural são manifestações de conteúdos socioculturais que se reproduzem a partir de problemática criadas e mantidas pelo grupo social em que o individuo está engajado. Nesse contexto a reserva florestal mantinha o *status* de espaço proibido, perigoso e inócuo. As atividades educativas foram gradativamente estimulando a construção de novos valores e informações nos adolescentes. Destaca-se nesse contexto as atividades de construção de um jornal comunitário, de criação de poesias, de passeios aos diferentes ambientes da cidade e debates críticos sobre tais experiências. A constante avaliação do repertório de significados, a compreensão cognitiva e a afetividade estabeleceram pontos importantes de consolidação e direcionamento das atividades. Constata-se, portanto, que programas de educação ambiental podem contribuir de forma crucial na construção de ações proambientais, desde que se parta das necessidades e significados que seus participantes possuem, e que se proponham as devidas reflexões para a transformação.

Palavras-chave: Proambientais; Educação ambiental; Atividades educativas.

COTIDIANO, LAZER E INTERAÇÃO SOCIAL NAS JUVENTUDES GOIANIENSES

Autor(es):
Moema Gomes de Faria - FCHF/UFG

O trabalho apresentado foi realizados entre os anos de 2005 e 2007 com jovens entre 15 e 18 anos na cidade de Goiânia-Goiás, observamos através dos dados coletados em pesquisa quali-quanti que as atividades predominantemente listadas pelos jovens como suas formas de lazer favoritas, são atividades que se encerram em ambientes privados: reunião na casa de amigos, cinema, boa-

tes, shopping, etc. As reuniões na casa dos amigos estão entre as atividades de lazer favoritas dos jovens das três posições sociais, o que nos leva a pensar quais os espaços em que esses jovens conhecem os amigos que compõe seu ciclo de interação. A maior parte dos jovens, independente da posição social ocupada, alega escolher seus amigos respectivamente na escola, apontada por 78,7% e no bairro citado por 55,3%. Em ambos os casos, as festas e demais locais freqüentadas são também citados, mas num percentual muito menor, 16%, tendo-se em consideração a amostra total. Pensando a importância dos amigos enquanto eixo de interação social, observamos que 35,7% dos jovens afirmam que seus amigos, em sua maioria, são pessoas que possuem um nível social equivalente ao seu. O segundo posto mais citado para se definir a interação com os melhores amigos, é o fato de eles terem idéias semelhantes, citado por 22,83% do total de entrevistados. Apenas 10% dos jovens afirmam ser seus amigos pessoas diferentes, o que nos indica o ciclo vicioso de convivência entre iguais, apontando-nos na direção proposta por Bourdieu que as pessoas pertencentes a uma mesma classe compartilham dentro de seu campo de interação, de um mesmo *habitus*. Os dados sobre os espaços de interação, num somatório com as entrevistas, indicam-nos a inexistência de espaços de sociabilidade comuns aos jovens das diferentes posições sociais e com isso a pouca ou nenhuma interação existente entre os jovens das diferentes posições. Não foi raro, nas entrevistas, encontrar jovens que não conheciam bairros periféricos, assim como não foi raro encontrar entre os jovens da posição inferior os que não conheciam bairros ricos. Tal fato, como mostra a análise qualitativa, leva ao fortalecimento de preconceitos e a adoção de imagens estereotipadas entre os jovens das diferentes posições, gerando um ciclo vicioso de hostilidades que agravam ainda mais as situações de não convivência.

Palavras-chave: Cotidiano; Lazer e interação social; Segregação.

CULTURA E JUVENTUDE: REFLEXOES NO CAMPO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Autor(es):
Patricia Maneschy Duarte da Costa - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A proposta deste trabalho advém de pesquisa realizada no PROPED/UERJ como tese de doutorado iniciada em 2006. Trata da compreensão de políticas norteadoras para o desenvolvimento de cultura na extensão universitária que viabilizem a formação da juventude como sujeitos educacionais e sociais. A contribuição e relevância no entendimento e empenho de construção dos possíveis caminhos para o desenvolvimento das políticas de extensão, que não contemplam a área de cultura como instância política de formação de juventudes, ou seja, dissociado das possibilidades de ver a cultura para além da realização de eventos que agreguem valor específicos as áreas de conhecimento. A questão envolve a possibilidade constituir mecanismos de crescimento para a juventude e a correspondência de suas ações responsáveis no espaço de direitos e deveres sociais. A universidade por meio das ativi-

dades extensionistas apresenta a oportunidade de unidade questionadora desta corrente cultural de massa, e apresenta o espaço propício ao desenvolvimento e produção de propostas culturais enfrenta um problema de concepção/conceituação do que é cultura do ponto de vista dos jovens e dos processos implicados na sua formação. Foi feita na pesquisa qualitativa descritiva, com inserções no campo para coleta de dados utilizando instrumentos que se adaptem ao contexto, indo de entrevistas a observação, documentos entre outros, comungando bases antropológicas e sociológicas de coleta e análise de dados. Os documentos versam de diferentes fontes passando pelas conferências da UNESCO, entre outros. Não é apenas a realização de atividades no campo da cultura que interessa, é proporcionar o desenvolvimento da capacidade de análise e crítica sobre a visualidade do mundo contemporâneo, implicando a reflexão sobre a vida cotidiana e as formas diversas de relações estabelecidas com a sociedade, em seus vieses de historicidade, cultura, política e economia. A pesquisa ancora-se nas concepções Abramo, Spósito e Pais, focando as redes de significações do que é ser jovem e as juventudes na sociedade contemporânea. Para entender a cultura utilizamos Gueertz, Hall, Larraia e na extensão universitária Mendes, Nogueira e vários documentos sobre os três eixos de discussão. Daí a relevância do tema, que possibilita a contribuição com discussões acerca da temática e o lugar das políticas para juventude, para a extensão universitária ao desenvolver propostas de cultura na formação da juventude.

Palavras-chave: Juventude; Extensão universitária; Cultura.

EDUCADORES SOCIAIS, JOVENS POPULARES URBANOS E O RESPEITO

Autor(es):
Patrícia Leme de Oliveira Borba - Universidade Federal de São Carlos
Roseli Esquerdo Lopes - Universidade Federal de São Carlos

O presente trabalho versa sobre as relações estabelecidas entre os educadores sociais e os adolescentes/jovens em situação de vulnerabilidade social, tomando como referência o respeito, tal como formulado por Richard Sennett em "Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual". Esta discussão é parte dos resultados de uma dissertação de mestrado e o campo empírico dessa pesquisa foi composto por duas organizações não governamentais (ONGs) que atuam em educação e assistência social, se dedicando ao trabalho preventivo com adolescentes/jovens em situação de vulnerabilidade social, no período contrário ao escolar, numa cidade de grande porte do estado de São Paulo. Os agentes que têm maior contato com os adolescentes nesses espaços socioeducativos são os educadores sociais. De forma geral, os educadores se deparam com uma série de dificuldades para a execução do seu trabalho, desde a escassez de recursos materiais passando por uma formação frágil, salários baixos, insuficiência técnica num campo em que o trabalho voluntário é conclamado, dentre outras. Entretanto, a partir dos dados empíricos coletados percebeu-se a existência de uma relação de positividade entre adolescentes e educadores sociais, valorizada pelos jovens. É essa positividade que traduzimos por respeito, apoiando-nos nas análises de Sennett.

O respeito pode ser definido como o conjunto de três códigos de conduta: fazer alguma coisa da própria vida (desenvolvimento das próprias capacidades e habilidades), cuidar de si mesmo (ser auto-suficiente) e ajudar os outros (retribuir aos outros). O ato de respeitar é fundamental numa sociedade em que se pretendem relações mais humanitárias. Nota-se que esses jovens possuem uma circulação restrita em suas cidades e comunidades, freqüentam uma escola pública precária e vivenciam situações de não respeito com relação a professores e à direção escolar. No caso das meninas, dividem com suas mães, quando não o assumem plenamente, o cuidado de suas casas e de seus irmãos. Muitos poucos acessam os espaços organizados para o consumo. Ainda são comuns os relatos sobre uma quase rotina das "batidas" policiais, dos tratamentos desrespeitosos no transporte público, das horas de espera por um atendimento na Unidade de Saúde, das vivências de situações de violência, de abusos e xingamentos nos seus espaços privados. Esse contexto implica, necessariamente, num repertório bastante frágil de relações sociais baseadas no respeito. Por outro lado, passamos a nos aproximar dos significados e sentidos positivos atribuídos pelos jovens à relação socioeducativa vivenciada nas ONGs. Podemos dizer, assim, que as relações estabelecidas entre os jovens e os educadores sociais favorecem a ampliação de suas redes sociais de suporte, criando a possibilidade de novos espaços de sociabilidade e de pertencimento.

Palavras-chave: Educador social; Adolescente/Jovem/Pobres/Urbanos; Respeito.

ENTRE SÓLIDOS E FLUIDOS – IDENTIDADES JUVENIS DE UM CURSO NORMAL

Autor(es):
Rita Cristine Basso Soares Severo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Na contemporaneidade, com as múltiplas transformações que acontecem em nosso cotidiano e que nos envolvem de diferentes maneiras, é possível considerar que os jovens, dentro ou fora da escola, tecem outros fios nas tramas das relações interpessoais. Transitam, deslocam-se, fazem movimentos alternados, negociam por entre várias posições de sujeito. No título desta comunicação apresento as expressões "sólidos" e "fluidos", pois são produtivas para refletir acerca das identidades juvenis do Curso Normal em uma escola pública de Porto Alegre (RS). Identidades fluidas que às vezes esbarram nas estruturas sólidas da escola e do curso de formação de professores. Ao entrar em uma sala de aula do Curso Normal, de uma escola pública, é freqüente encontrarmos jovens "normalistas" com idades entre 16 e 20 anos, com suas roupas coloridas, cabelos tingidos de várias cores, piercings, tatuagens espalhadas pelo corpo e outros acessórios que compõem seus estilos e marcam seus pertencimentos. Estas alunas podem estar subvertendo a lógica de como têm sido narradas ao longo da história do Curso Normal, como jovens recatadas, discretas em gestos e linguagens. Busco olhar para as identidades juvenis presentes no Curso Normal, a partir das teorizações que consideram que estar frente aos jovens é considerar uma multiplicidade de experiências, narrativas,

saberes, singularizações estéticas, marcas corporais, estilos musicais, enfim, muitos são os caminhos pelos quais transitam os jovens nos fluidos contemporâneos. Para refletir sobre tais identidades apresento, nesta comunicação, um recorte de pesquisa de mestrado em andamento, inscrita no campo dos Estudos Culturais, que tem como objetivo problematizar as negociações identitárias que as alunas realizam entre ser jovem e ser professora. As primeiras análises- realizadas através de registros fotográficos, composições gráficas e entrevistas- foram produzidas no sentido de pensar em toda uma discursividade que produziu esses sujeitos, possibilitando a eles que valorizem certos produtos e estilos de vida, demarcando assim seus pertencimentos e suas negociações. Os achados têm me indicado que, na contemporaneidade, os jovens muitas vezes utilizam seus corpos como possibilidade de contato, comunicação, expressão, resistência e comunicam com letras, desenhos, números os seus pertencimentos. Os corpos falam de nós, contam histórias, marcam posições de sujeito.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Identidades docentes.

ESTÁ ENTRANDO NO AR...A VOZ DA JUVENTUDE

Autor(es):
Tatiana Castro Mota - ONG Catavento Comunicação e Educação

Este trabalho é uma tentativa de relatar a experiência de uma rádio-escola localizada no assentamento Boa Água, situada no município de Banabuiú, no sertão central cearense. O que se pretende é justamente refletir sobre como a juventude, em especial, a rural, organiza-se para tornar-se autônoma e transformadora de sua realidade a partir do (re)conhecimento do contexto regional no qual está inserida, bem como do seu direito à comunicação. A proposta deste estudo baseia-se ainda no poder de mobilidade social e democrático que o rádio possui, transformando a Rádio Cultura do Sertão em um instrumento que dá voz aos jovens do semi-árido. A programação da rádio-escola é circular, toda a comunidade participa, inclusive e principalmente a juventude de Boa Água. Esta, através da emissora mencionada, desenvolve um novo saber, que faz parte da sua cultura. Com a valorização desse conhecimento, é possível presenciar de maneira plena a prática social e a cotidianidade que existe no sertão. Para o desenvolvimento desta investigação, recorreu-se à metodologia da pesquisa ação, na qual pesquisadores e pesquisados envolveram-se de modo participativo. Utilizaram-se, ainda, algumas técnicas etnográficas como a observação participante e o diário de campo. Combinado a isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, e no que se referiu às informações já existentes, executou-se uma pesquisa documental. Com esta investigação, conclui-se que a rádio-escola Cultura do Sertão é realmente um instrumento que possibilita as diferentes falas da juventude de Boa Água, pois esta deixou de ser mera receptora de comunicados, transformando-se em produtora. Com a experiência vivenciada, a dicotomia emissor-receptor mostra-se rompida, sendo assim de todo abandonada a informação vertical e o assistencialismo que engessa homens numa única postura, a de apenas assimilar o que está sendo dito, não promovendo transformações que mudem o âmbito de

sua existência. Pode-se notar, igualmente, que o processo de construção da rádio-escola Cultura do Sertão desenvolve e estimula a consciência crítica dos jovens envolvidos a partir de uma cultura pertencente a eles.

Palavras-chave: Juventude; Rádio-escola; Protagonismo; Semi-árido.

ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELOCIDADE EM JOVENS MOTORISTAS

Autor(es):
Ana Carla Masiero - Universidade Católica de Goiás
Camilo Manoel Lopes - Universidade Católica de Goiás
Pedro Humberto Faria Campos - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: BIC/UCG

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as representações sociais de velocidade e trânsito em jovens motoristas envolvidos em acidentes de trânsito. Um estudo da Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que mais de 1,2 milhões de pessoas morrem anualmente vítimas de acidentes de trânsito no mundo. Jovens de até 25 anos correspondem a um terço do total. No Brasil a realidade não é diferente, sendo em alguns estados uma porcentagem aproximadamente de 40% de jovens até 29 anos e 80% do sexo masculino, segundo dados do IPEA e do DENATRAN. Este fenômeno está sendo estudado nesta pesquisa partindo do seguinte pressuposto: as ações dos jovens no trânsito têm relação com suas representações sociais acerca do mesmo e a velocidade é um fator significativo nesta faixa etária de motoristas. Sendo assim, traçar um perfil deste motorista, conhecer esta representação e se possível entender seu comportamento são peças fundamentais para criar possibilidades de mudança deste quadro de morte e sofrimento. Um primeiro estudo foi realizado sobre as representações sociais de trânsito e de "dirigir" em motoristas de 18 a 25 anos, com no máximo 02 anos de habilitação. Neste estudo a velocidade aparece como fator secundário e o trânsito é representado como sendo caótico, desorganizado. Outro resultado importante é a representação dos outros motoristas como sendo "maus motoristas", e a principal causa apontada de acidentes foi a "irresponsabilidade". Em um segundo estudo buscou traçar o perfil dos acidentes envolvendo juventude e velocidade, com base em estudo documental dos Boletim de Ocorrência Acidentes de Trânsito (BOATS) de 2006. Foi estudada uma amostra significativa e proporcional ao ano em questão, dos 25 mil acidentes ocorridos no estado de Goiás e dos indícios de excesso de velocidade no acidente. A coleta dos dados foi feita dentro do departamento de estatística do Detran-GO. As análises apontam para o fato que, em 22% do total de acidentes, encontrou-se indícios claros de excesso de velocidade e jovens envolvidos; foram pesquisados 10% do total de forma aleatória e proporcional; destes um total de 55% tinham jovens como responsáveis do acidente. O conjunto dos resultados nos leva a supor que os jovens, embora apresentem um discurso adequado acerca do dirigir e da velocidade, parecem se envolver mais facilmente em acidentes com excesso de velocidade. Pode-se supor que os jovens elaboram uma visão segundo a qual é sempre o outro que está errado e isto tem como conse-

qüência a transformação do ato de transitar em um fenômeno individual e a distorção do conceito de velocidade perigosa. Os estudos aqui apresentados, em Psicologia do Trânsito, embora exploratórios, indicam claramente a necessidade de se compreender a relação dos jovens com uma cultura que estimula a velocidade, associando-a a sentimentos de liberdade, poder, independência e status.

Palavras-chave: Excesso de velocidade; Juventude; Acidente de trânsito.

EU ODEIO A MINHA ESCOLA: REFLEXÕES EM TORNO DO ORKUT, DOS PROFESSORES E DO ENSINO

Autor(es):
Leila Mury Bergmann - UFRGS

Agência financiadora: CNPq

Essas linhas apresentam um recorte de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) a respeito do Orkut (site on-line lançado em 22 de janeiro de 2004, que tem por principal objetivo ser um canal de comunicação social). Tal projeto investiga as Comunidades sobre professores criadas no referido site de relacionamento virtual – especialmente aquelas que se dedicam a promover críticas negativas sobre a docência – a fim de compreender como elas operam na construção de representações do ensino nas escolas públicas e particulares. Além das análises realizadas a partir de dados já coletados durante a pesquisa, é apresentada uma proposta, já em andamento, de trabalho investigativo sobre o Orkut direcionado a um tipo de público específico: jovens de classes populares. Assim, esse texto tem como objetivo maior propor aos educadores que reflitam – com base nas informações relatadas – sobre o cuidado ao se trabalhar com os chamados grupos populares, pois existe a tendência de se reduzir as análises para os conhecidos "impactos da sociedade dominante" realizando, dessa maneira, "uma leitura maniqueísta da realidade, tendo por um lado os algozes e por ouro os pobres explorados, que aparecem como figuras passivas e apáticas, sem nenhum tipo de protagonismo", de acordo com Fonseca. A idéia apresentada neste trabalho é a opção por uma análise que procura explicar a realidade longe do paradigma da ausência – em que os jovens são retratados pelo que lhes falta –; ou seja, pretende-se realizar um estudo sob novos ângulos para conseguir enxergar além dos conflitos, desigualdades e a forma de dominação existente nos processos de difusão dessas novas tecnologias. O trabalho está direcionado à luz dos Estudos Culturais, um campo de estudos que considera a cultura como central e constitutiva, enfatizando a pedagogia como fenômeno cultural abrangente e complexo. Entre os autores consultados, contribuem de forma significativa, principalmente, os estudos de Fischer a respeito das práticas pedagógicas da mídia, bem como as discussões de Kehl que nos ajudam a compreender o lugar privilegiado do jovem como consumidor em todas as classes sociais. A exemplo disso, objetos e roupas de marcas significam para o jovem reconhecimento, identidade e valorização. E o Orkut inclui-se nesta lista. As análises iniciais dos dados indicam que este espaço "jovem" de exposição de problemas (as Comunidades que expressam o ódio aos professores, às instituições escolares e ao ensino

de modo geral) no Orkut está ganhando uma dimensão social extremamente relevante, tendo em vista que ele pode servir como uma ferramenta aos educadores, auxiliando-os diante das amplas questões a serem pensadas sobre juventude, educação e acesso a novas tecnologias.

Palavras-chave: Orkut; Educação; Juventude; Novas tecnologias.

"EU SOU E ESTOU O QUE EU CURTO, NESTE MOMENTO, NESTE LUGAR!" DOS JOVENS PERFORMATIVOS NAS METRÓPOLES

Autor(es):
Elisabete Maria Garbin - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta comunicação – recorte de estudo sobre as efêmeras cenas juvenis urbanas em Porto Alegre/RS, inscrita nos Estudos Culturais – focaliza o olhar para tribos urbanas de jovens praticantes da cultura ANIME – originada dos desenhos japoneses e das revistas em quadrinhos – amplamente difundida no Brasil que seguidamente vemos circulando pelos espaços urbanos de forma lúdica e simbólica. Seus praticantes celebram uma sociabilidade visível nos seus corpos jovens, multiplicando novos mapas de afeto na busca de expressividades de si com suas estranhas vestes, suas pinturas, e cenas teatrais imitando personagens dos desenhos. É sabido, sobretudo na contemporaneidade, que as preferências musicais, televisivas, visuais e afins entre jovens são acompanhadas de atitudes específicas como a escolha do vestuário, cortes de cabelo, marcas corporais como piercings, tatuagens, brincos e outras, que dão sinais de identidade afirmando a busca de singularidades em meio a seus pares. Singularidades que já não indicam tanto uma forma de dissidência ou inconformismo social e, sim, práticas que simplesmente significam estar na moda e ser do grupo. Atos de buscar, de selecionar, de formar comunidades juvenis que nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade, reveladora da ordem e do controle lhes impõe, faz parte das transições para a vida adulta que muitas vezes ocorrem em espaços abertos aos nomadismos, às expressividades [performances] cotidianas. Trata-se de uma lógica experimentalista? As observações, as conversas e os registros imagéticos têm mostrado que sim, que essa cultura de simulação com suas figuras emblemáticas levam a um nomadismo contemporâneo caracterizado pelo conjunto de práticas espaciais que transformam lugares em experiências de deslocamento. Seus discursos demonstram o hibridismo, o "tingimento identitário" que os interpela. É uma espécie de declaração: eu sou (eu estou) neste momento, neste lugar. Parecem viver num constante desprendimento com relação a mudanças e para tornarem-se notados, multiplicando sinais da sua existência de maneira visível em seus corpos, "lugarizando" espaços das metrópoles onde predominam o tribal e o local, celebrando uma sociabilidade visível nos corpos juvenis que circulam nas "lisas" fendas urbanas.

Palavras-chave: Estudos culturais Juventudes; Culturas urbanas.

EXPERIÊNCIAS DE JOVENS-MULHERES QUE INGRESSARAM PELO SISTEMA DE COTAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Autor(es):
Wivian Jany Weller

Desde a implementação do vestibular com cotas, no segundo semestre de 2004, a Universidade de Brasília passou por um processo de mudança em relação à inserção de jovens negros e de camadas sociais tradicionalmente excluídas dessa modalidade de ensino. O presente artigo apresenta dados de uma pesquisa com jovens negras que ingressaram na Universidade de Brasília pelo sistema de cotas. Analisa as falas de estudantes cotistas, enfatizando as avaliações realizadas pelas mesmas a respeito desse programa de ação afirmativa assim como suas experiências enquanto jovens negras. A percepção das cotas enquanto uma política de promoção da diversidade e de abertura da universidade pública para uma educação interdisciplinar, transversal e multicultural que contemple as diferenças em termos de raça/etnia, gênero, classe social, gerações, orientação sexual, religião/crença, pertencimento regional, entre outras, representa um momento de transição e de reconstrução da identidade enquanto jovens negras. Perceber a dimensão política e "revolucionária" das cotas, ou seja, como conquista de uma luta travada por diversas décadas pelos movimentos sociais e outras entidades negras é essencial para que o ingresso na universidade por meio da política de cotas não se torne uma mera escolha no momento da inscrição para o vestibular. As cotas não representam a única forma de luta por reconhecimento e redistribuição, mas refletem a importância e a necessidade de uma modificação mais profunda na gramática dos discursos no interior da universidade e no atendimento das demandas políticas e sociais. Espera-se, no entanto, que a universidade pública – na medida em que vai se transformando em um espaço multicultural e pluriétnico através das políticas de ações afirmativas –, possa contribuir para uma ruptura dos essencialismos e binarismos muitas vezes presentes nos debates acadêmicos, para a promoção de uma análise crítica e criativa das relações entre sujeitos diferentes. Dessa forma, a universidade pública pode criar condições para a compreensão das especificidades e conflitualidades das relações e possibilitar a elaboração de formas emancipatórias que favoreçam a superação dos processos de sujeição e exploração que têm marcado nossa história.

Palavras-chave: Juventudes; Mulheres negras; Experiências socializadoras.

EXPRESSÕES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO RECIFE: ALTERNATIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO

Autor(es):
Jaileila de Araújo - Universidade Federal de Pernambuco
Suzana Santos Libardi - Universidade Federal de Pernambuco

Agência financiadora: PIBIC/CNPq/UFPE

Nosso estudo se dedicou à investigação da violência simbólica entre jovens no contexto escolar, expressa através de atitudes preconceituosas e discriminatórias frente ao diferente/desigual. Diante do papel que o preconceito

assume na dinâmica social (de reafirmação das desigualdades sociais), objetivamos investigar as posturas preconceituosas e práticas discriminatórias que sustentam a violência/indiferença com relação ao outro no espaço escolar e analisar a política de atenção desenvolvida pela escola, considerando o tema ético-político da convivência com a diferença e entendimento das desigualdades sociais. Nossa pesquisa se realizou em duas escolas públicas da cidade do Recife, e o método adotado foi eminentemente qualitativo e se dividiu em três etapas: observação-participante em sala de aula; oficinas fundamentadas no método Social-Clínico desenvolvidas por Lucia Rabello de Castro; e, por último, a técnica de entrevista para investigar a perspectiva docente diante do tema. Dentro do universo dos jovens das duas escolas participantes, o par preconceito/discriminação foi compreendido como forma de violência porque, apesar de não ser da ordem do explícito, "machucam muito as pessoas" e são dirigidas ao outro diferente que é inferiorizado. Dentre as formas de violência simbólica, o racismo e o pertencimento de classe foram apresentados como os tipos de preconceito considerados mais freqüentes. Sobre o papel institucional da escola diante da temática da violência simbólica podemos dizer que os professores não a consideram como um contexto de violências o que, a nosso ver, contribui para o processo de naturalização dos episódios de preconceito/discriminação. O nível de (i)mobilização que os episódios de violência simbólica assumem nesse contexto escolar refletem o fato de que essas duas escolas não vêm cumprindo com o compromisso ético e político de formação de sujeitos- desafio de uma educação libertadora e emancipatória que pode se orientar, por exemplo, pela perspectiva teórica e algumas experiências práticas da Educação em Direitos Humanos. Destacamos que o papel dos educadores nesse processo é de fundamental importância porque são eles que, numa perspectiva arendtiana, têm por função narrar as experiências históricas da humanidade para as novas gerações. A narrativa aqui ganha uma função política de aprendermos com os erros do passado para assim evitarmos os horrores que, já produzimos e, com a Educação em Direitos Humanos, colaborar para a construção de mecanismos institucionais que possibilitem aos jovens experimentar, pela via da participação, a democracia.

Palavras-chave: Preconceito; Discriminação; Juventude; Escola.

FALA K É NÓIS: ETNOGRAFIA DE UM PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL ENTRE JOVENS DE CLASSES POPULARES EM PORTO ALEGRE

Autor(es):
Lucia Mury Scalco

Esta dissertação de mestrado é um estudo etnográfico de um projeto de inclusão digital realizado entre jovens das classes populares que freqüentam um curso de informática em uma instituição religiosa, no Morro da Cruz, conhecido bairro periférico de Porto Alegre. Neste local, os alunos recebem seus primeiros contatos com o computador e a internet, através de um curso patrocinado pela Prefeitura Municipal, que tem como objetivo a preparação para o mercado de trabalho, além de orientação para a "socialização" e "resgate da cidadania", uma vez que os jovens são considerados em situação de vulnerabilidade social e pessoal. Embora a presente pesquisa envolva as

novas tecnologias computacionais, o ciberespaço e/ou a realidade virtual, meu objetivo principal é mostrar como esses jovens usam, interpretam e reinterpretam esses novos saberes em suas práticas cotidianas e no espaço social e geográfico da qual fazem parte, também aponto para as tensões e negociações embutidas nesse processo. Para tanto, abordo questões antropológicas de religião, política, juventude, classe social, consumo, moda e novas tecnologias, contextualizando-as e situando-as nos processos culturais e sociais envolvidos. Como suporte teórico, entre outros, o presente estudo dialoga com o horizonte comparativo de Miller & Slater, que ressaltaram a importância da etnografia nas apropriações diferenciadas, seletivas e locais da internet. Nesse sentido, a apropriação dos jovens de classes populares a essas novas práticas aponta para tensões, negociações e a heterogeneidade existentes no processo de apropriação da internet, levando a várias ressignificações operadas por esses alunos – destacando a MetaReciclagem que, à luz do conceito de bricoleur – materializa a produção cultural desses jovens. Procuro inferir a relevância de uma Antropologia da Inclusão Digital. Esta oferece os instrumentos da disciplina para que os agentes públicos entendam com maior profundidade como se opera- singular e localmente – a apropriação tecnológica pelos atores

Palavras-chave: Juventude; Inclusão digital; Camadas populares.

FANZINES: IDENTIDADES JUVENIS EM CIRCULAÇÃO

Autor(es):
Angélica Silvana Pereira

Na contemporaneidade, temos acompanhado a emergência de diversas culturas juvenis. Entre elas, o pertencimento de jovens à cultura *punk* tem tido grande visibilidade em muitas paisagens urbanas. Além dos investimentos no visual e da música, os fanzines são uma das mais emblemáticas produções da cultura *punk*. Trata-se de um artefato cultural impresso sobre assuntos diversos, elaborado de forma artesanal através de recortes, colagens e desenhos, geralmente fotocopiados. Em tal artefato, encontram-se, comumente, relatos de shows, entrevistas com bandas punks, textos informativos sobre suas práticas, desenhos que expressam suas idéias, cartas de leitores e editoriais. Neles, os jovens falam de si e das coisas que acontecem em suas vidas e expressam os modos como vêem e experimentam o mundo. A partir das suas práticas culturais, jovens punks criam redes de relações que permitem significativos intercâmbios, através da leitura, produção e circulação de fanzines. Nos fanzines, torna-se possível cruzar as cenas vividas na cultura punk com outros espaços de sociabilidade, como a família, a escola e demais culturas juvenis, que operam como importantes marcadores da diferença. Esta comunicação se propõe a mostrar algumas identidades juvenis visibilizadas e postas em circulação em tais fanzines, através do garimpo e da análise de narrativas encontradas em fanzines punks brasileiros. Trata-se de um dos eixos analíticos de estudo de mestrado, inscrito no campo teórico dos Estudos Culturais, que dá ênfase para a importância das comunidades de pertencimento de jovens punks, bem como às suas práticas culturais em espaços públicos

da cidade como possibilidade de (re)invenção de si. Assim, em tais artefatos, colocam em evidência os processos de identificação que se dão a partir do compartilhamento de significados culturais e da diferença, o que lhes permite nomear a si mesmo e aos outros. Os resultados da pesquisa apontam para a importância dos fanzines como difundidores e constituidores de identidades punks e não-punks, na medida em que através deles, os punks narram-se, manifestam-se e estabelecem relações com o "outro" e consigo mesmo. Sugerem também a legitimidade da rede de comunicação estabelecida entre jovens como possibilidade para práticas de resistência e para um imaginário de comunidade, com a qual pode ser compartilhado um universo simbólico capaz de expressar solidariedade, desejos, afinidades e diferenças.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Identidades.

FESTA E TRADIÇÃO NO INTERIOR DO CEARÁ: QUANDO A "MENINADA" CAI NA BRINCADEIRA.

Autor(es):
Ivaneide Barbosa Ulisses - Universidade Estadual do Ceará

A proposta do presente trabalho nasceu de uma pesquisa do mestrado (2006), cujo objeto era a "Festa ou Brincadeira dos Caretas", que acontece no período da Semana Santa, no município de Jardim, sul do Estado do Ceará. A pesquisa centrou-se nos modos como "brincantes", "ex- brincantes" e organizadores do evento vivem e interpretam os processos de realização da festividade. Como esta é significada e re-significada no cotidiano da cidade nos dias de preparação e apresentação dos Caretas, cuja documentação de análise foi "forjada" através da história oral, entendida nesta pesquisa como metodologia. A problemática encaminhou-se na perspectiva de diversos estudos que acreditam nas possibilidades das "festas" poderem expressar conflitos, tensões, dimensões temporais dos grupos sociais Festa/Brincadeira. O estudo busca apontar aspecto relevante dentro da Festa/Brincadeira no que concerne à participação das crianças e jovens na manutenção e construção da tradição. A participação na Brincadeira de Careta ocorre dentro de uma intimidade construída no espaço da cidade e ao longo da vida dos moradores do município pela observação e imitação iniciadas desde a infância. E, para virar o tal "Careta", a cidade se coloca dentro de um processo, ritualístico, iniciado pelas crianças e tendo continuidade nas ações dos jovens. No decorrer da pesquisa foi possível observar que a Festa/Brincadeira de caretas pertence aos adultos, mas, em nome da continuidade, crianças e jovens aparecem em situações previamente estabelecidas pelo grupo dos caretas. A criança, sendo Caretinha ou não, tem papel importantíssimo no processo de afirmação e continuação da festa na cidade. A Festa/Brincadeira acontece como em um ritual com que todos na Cidade compactuam, seja participando com alegria ou negando-a por considerá-la elemento de arruaça ou baderna.

Palavras-chave: Criança; Juventude; Festa; História; Tradição.

FORMA ESCOLAR: MODELO PREDOMINANTE NA SOCIALIZAÇÃO DOS JOVENS?

Autor(es):
Renata Silva Bergo - Faculdade de Educação- UFMG

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de mestrado intitulada "Reinventando a Escola: ideais, práticas e possibilidades de um projeto socioeducativo". A expressão socioeducativo tem sido utilizada para designar ações sociais que, de maneira geral, visam complementar a atuação do ensino regular, oferecendo a crianças e jovens (especialmente moradores de vilas e favelas) atividades de arte e cultura, cuidados com a saúde, prática de esporte, lazer e reforço escolar. O Reinventando a Escola é um projeto desenvolvido em uma escola pública localizada em um conjunto de favelas de Belo Horizonte (MG). Há aproximadamente quinze anos, iniciava-se nesta instituição um importante processo de reflexão sobre o desempenho escolar dos alunos e a qualidade do ensino a eles ofertado. Segundo os professores, o processo de "reinvenção" da escola deveria significar uma reformulação bastante profunda da organização dos tempos e espaços de ensino/aprendizagem e, principalmente, deveria significar uma mudança de postura dos docentes com relação aos alunos, o que propiciaria experiências educativas diferenciadas dos cânones escolares. Analisando este objetivo inicial, a pesquisa identificou que foram alcançados importantes avanços em principalmente três aspectos: superação da patologização das dificuldades de aprendizagem; maior sensibilização com relação ao mundo de cultura da população atendida e o questionamento sobre a própria atuação docente e a estrutura escolar. Não obstante, certas imagens estereotipadas sobre os pobres ainda persistem no interior da escola e não se conseguiu superar o modelo de socialização e transmissão de conhecimentos calcado em dispositivos de ordenação e de controle. Assim, partindo do conceito de "forma escolar" dos sociólogos franceses Vincent, Lahire e Thin, ponderou-se que tal situação, que a princípio pareceu muito contraditória, não ocorria ao acaso ou por "culpa" dos professores. Conclui-se que a permanência de posturas rígidas em uma instituição que deseja se reinventar deve-se ao fato de que romper com os códigos e repertórios da escola tradicional implica no enfrentamento de, pelo menos, dois tipos principais de dificuldades: o receio em abandonar a segurança oferecida por um modelo educativo amplamente enraizado na sociedade e o desconhecimento (ou não reconhecimento) de outras formas de socialização e transmissão de conhecimentos distintas da forma escolar.

Palavras-chave: Projetos socioeducativos; Forma escolar; Sociabilidades.

FUNÇÃO PATERNA, REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIDADE VIOLENTA EM ADOLESCENTES ESCOLARES

Autor(es):
Antônio Eustáquio Ferreira - Universidade Católica de Goiás

A noção de violência é polissêmica, o que indica, de início, a necessidade de se posicionar quanto ao uso do termo. Uma primeira demarcação permite situar a violência como um abuso, um excesso, que se verifica no interior das relações assimétricas de poder. Trata-se da expressão da imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessida-

des, expectativas e vontades de outro ator. Na sociedade contemporânea o fenômeno da violência é marcado pela banalização e pelo grande envolvimento de jovens tanto no papel de vítimas quanto de agressores. Neste contexto, a adolescência configura-se como uma etapa do desenvolvimento cuja maturidade não é reconhecida simbolicamente no coletivo. Neste sentido, pode-se falar de exclusão no espaço social. Dentro de uma estrutura social desigual, tal privação de reconhecimento simbólico apresenta-se como um processo excludente que convida ao irracional, ao ato violento. As relações na escola são permeadas pelas desigualdades inerentes à estrutura das sociedades modernas; professor/aluno, adultos/adolescentes, homens/mulheres etc. Na presente pesquisa, foram realizados dois estudos e buscou-se integrar duas linhas de investigação: o estudo do declínio da função paterna na sociedade contemporânea, com o objetivo principal de analisar as dificuldades nos relacionamentos entre os alunos adolescentes e entre estes e os professores; e o estudo da banalização da violência com a emergência de uma "norma social" que regula a sociabilidade adolescente, fundada no uso intencional da violência. O estudo do declínio da função paterna pautou-se pela psicanálise, enquanto o estudo das normas sociais fundou-se na Teoria das Representações Sociais. No primeiro, adotou-se uma abordagem etnográfica, com análises interpretativas de material reconstruído, no segundo foram realizadas entrevistas semidiretivas, com análise lexicográfica sob suporte do software ALCESTE. Para o estudo da função paterna, a cultura não foi vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana. Tal perspectiva permite introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais. Os resultados indicam um grande impacto do declínio da função por sobre as relações, em especial sobre as relações entre os próprios adolescentes, que buscam construir identidades novas sem a adoção de referências identificatórias em adultos, nem pais nem professores. No segundo estudo os resultados apontam o uso da violência como via natural para a resolução de conflitos e como forma de reconhecimento simbólico no espaço social. Nota-se ainda a existência de um modelo de sociabilidade violenta, onde as interações sociais são marcadas por padrões violentos de convivência e que findam por reforçar processos excludentes, cujo foco é a identidade social que se constitui como alienação do sujeito, cuja forma possível de individuação é socialmente marcada pela violência.

Palavras-chave: Adolescência; Função paterna; Representações; Exclusão.

FUNÇÕES DAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL PELA EXPOSIÇÃO AO TRÁFICO DE DROGAS E À VIOLÊNCIA

Autor(es):
Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira - Universidade de Brasília

O trabalho consiste na apresentação de resultados parciais da pesquisa de doutorado em curso, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Os sujeitos são ado-

lescentes de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social do Distrito Federal. A pesquisa teve como objetivo investigar sobre as funções das redes sociais de adolescentes compreendidas em sua relação com os riscos pelo envolvimento com o tráfico de drogas e com a violência. Foram utilizadas como bases teóricas e conceituais a Psicossociologia Francesa e a Psicologia Comunitária. Partimos do pressuposto de que, com a entrada do tráfico nas comunidades, as redes relacionais de vulnerabilidade e risco pelas quais os adolescentes transitam passam a ser maiores e mais fortes do que aquelas que oferecem proteção. A vinculação com outros jovens ou chefes do tráfico implica uma trama relacional paradoxal que, ao mesmo tempo em que pode vir a satisfazer as necessidades identitárias e de pertença, é o fator de maior risco e exclusão, agindo perversamente contra o jovem. Considerando a escola um espaço privilegiado para a investigação das relações comunitárias, optamos por uma aproximação dos jovens através dela, com um trabalho de campo de observação participativa e de intervenção pesquisa de um ano junto aos diferentes segmentos da instituição, em especial os adolescentes. Trata-se, portanto, de um estudo de caráter indutivo e exploratório que propõe uma metodologia de investigação qualitativa. Participaram como sujeitos da pesquisa 23 adolescentes. Foram utilizados como instrumentos para coleta de dados entrevistas individuais semi-estruturadas e um grupo focal. Os resultados iniciais apontaram oito contextos grupais diversos de pertencimento dos jovens em contexto de vulnerabilidade social e de exposição ao tráfico: família, grupos da escola, grupos de expressão juvenil, grupos da Igreja, amigos, grupos de pichação, gangues e os grupos do tráfico. A discussão do material verbal produzido para a pesquisa apresenta-se organizada em quatro eixos de análise, a saber: as redes protetivas; as redes de vulnerabilidade; as redes de risco; as redes perversas do tráfico. O trabalho conclui enfocando o contexto de violência em que se dá o processo de construção identitária dos adolescentes, com destaque para as artimanhas do tráfico de drogas para atraí-los, assim como para as dificuldades encontradas por eles para se desvincular desta relação.

Palavras-chave: Adolescentes; Redes sociais; Tráfico de drogas.

GRAFITEIROS E PICHADORES – PRÁTICAS CULTURAIS MUTANTES (RE)DEFINEM A PELE URBANA

Autor(es):
Eloenes Lima da Silva - PPGEDU/UFRGS

A presença quase indefectível das inúmeras pichações e grafites estampados em qualquer muro ou parede das cidades libera interpretações a imaginá-la como um organismo vivo, um corpo em constantes transformações revestida de um cimento-pele que pode a todo instante ser tatuada, riscada, sofrendo todas as mutações possíveis e, onde todos seus espaços, até mesmos aqueles não percebidos, são ocupados e (re)significados pela ação destas tribos urbanas juvenis de hábitos fugazes. Grafiteiros e pichadores, através de suas manifestações, "tatuam" marcas e (re)definições na pele urbana, utilizando signos aparentemente caóticos: desenhos, símbolos e letras que configuram

uma linguagem visual característica, constituindo-se em códigos comunicativos que operam na articulação de novas formas de convívios nos espaços das metrópoles. Perceber como estas práticas culturais se tornam significativas para estes grupos caracterizando processos de sociabilidades, subjetivações, bem como sentimentos de pertença e configuração de identidades, é um dos principais objetivos deste recorte, parte de estudo de mestrado em andamento. De cunho etnográfico, tem como referência teórico-metodológica os Estudos Culturais e analisa grafites e pichações de determinados pontos nodais da cidade de Porto Alegre. Os dados estão sendo construídos através de conversas, bem como incursões do pesquisador junto a tribos de grafiteiros e pichadores e, sobretudo, observações de grafites e pichações. Os resultados, ainda parciais, colocam em circulação a idéia de que se por um lado, o grafite e a pichação, constituidores de uma "cultura de rua" que é significante e rica de interpretações- e por tal, não deveriam ser considerados atos de vandalismo-, estão impregnados pelas relações sociais que decorrem destas intervenções e vivencias; de outro lado, também podem ser percebidos como pedagogias culturais, ou seja, não é somente a partir da educação escolarizada que se engendram saberes, outras instâncias culturais também são pedagógicas. Assim, através destes múltiplos códigos, simbolismos e práticas presentes nos espaços urbanos abrem-se novas possibilidades que extrapolam e desprendem-se dos meios tradicionais de entender a juventude, nos "forçando" a compreender as instabilidade e as variações das diferentes culturas jovens na contemporaneidade.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Culturas urbanas.

GRUPO DE JOVENS: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POLÍTICA

Autor(es):
Carmem Lucia Teixeira - Casa da juventude Pe. Burnier

Agência financiadora: AJEAS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o grupo de jovens da comunidade paroquial. Ela verificou, ainda, a influência ou não das idéias religiosas veiculadas neste grupo na formação da identidade política dos/as jovens. Para o estudo do tema, a metodologia utilizada serviu-se de alguns conceitos chaves, tais como identidade, política, juventude, grupo e religião. Sobre identidade assumimos que é a autopercepção resultante de um processo cultural de construção. O termo juventude foi tomado como categoria social e delimitado na faixa etária assumida pela ONU, de 15 a 24 anos. A religião é entendida como fornecedora de sentido e o grupo, como mediador entre o sujeito e a realidade mais ampla e como espaço de aprendizagem e formação de protagonistas. Entendemos política como lugar e forma de exercício do poder que é próprio das relações humanas; como a arte de convivência entre os diferentes e a sua capacidade de criar consensos. Pudemos perceber que a experiência vivida no grupo de jovens pode fazer diferença na formação dos/as jovens, porém depende das condições do grupo, do tempo de participação e do grau do envolvimento do/a jovem no processo. Com estas considerações pode-se afirmar que para alguns/mas jovens que participam do grupo,

as idéias religiosas alimentam uma ação voltada para a outra pessoa e, também, para o engajamento em pequenas ações que alteram a vida do/a jovem e da comunidade a partir da qual ele/ela participa. Portanto, o grupo pode formar um novo *ethos* político no/a jovem que dele participa, dependendo das condições de participação.

Palavras-chave: Juventude; Identidade; Religião; Política; Grupo.

JOVENS E CONSUMO SONORO: A ESCUTA ESTÁ NA MODA!

Autor(es):
Marta Campos de Quadros - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mesmo vivendo um tempo marcado pela imagem, basta sair à rua e olhar a volta para constatar a presença de inúmeros jovens "trajando" descontraidamente seus fones de ouvido. Plugados em diferentes artefatos sonoros – rádios, i-pods, walkmans, mp3 players, celulares, cd players portáteis – tais "periféricos" têm sido miniaturizados e seu design seguido as tendências da moda quanto a cores, formas e dimensões: como os corpos que os portam, as versões *slim* são as mais desejadas e valorizadas. Os fones de ouvido e os artefatos sonoros a que estão ligados freqüentam os mais variados lugares: de trens urbanos a shopping centers e escolas. Esta portabilidade que já foi apontada como desafiante às distinções tradicionais entre os espaços públicos e privados, contemporaneamente borra as fronteiras entre a casa e a rua, entre o individual e o coletivo. O que era tido como algo fora de lugar, hoje pode ser visto como o lugar comum do consumo sonoro. Diante deste contexto, há algum tempo me inquietam as formas como os jovens se relacionam com o sonoro, principalmente com a música, dentro das lógicas que governam o consumo como prática cultural. Tenho me questionado sobre como estas novas condições de escuta têm se articulado com as culturas juvenis urbanas que se inscrevem a partir das preferências musicais em fendas da paisagem de Porto Alegre, capital gaúcha, incluindo-se aí as escolas. Neste sentido, esta comunicação se constitui num recorte da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo. Tomando como referenciais teórico-metodológicos os Estudos Culturais e a etnografia pós-moderna, constato preliminarmente que, apesar do anunciado isolamento que a escuta a partir de artefatos sonoros portáteis produziria, tais práticas de consumo sonoro têm produzido compartilhamentos presenciais e virtuais – de fones de ouvidos, de artefatos sonoros e de arquivos digitais através da *web* –, conformando comunidades de ouvintes transitórias, voláteis. As novas condições de escuta também se articulam com estilos de vestir – grandes e muitos bolsos em calças largas, mochilas, jaquetas e blusões largos garantem a facilidade de acesso e portabilidade aos tocadores assim como aos fones de ouvido, além de ocultarem estes artefatos de pais, professores e usurpadores indesejáveis. Se em décadas passadas os jovens trocavam discos de vinil, depois fitas K7, CDs e DVDs, hoje, transferem arquivos e armazenam faixas sonoras. Em tempos de imagem, parece possível afirmar que a escuta está na moda.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Consumo sonoro.

JOVENS EM REDE: *LAN HOUSE* NOVO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E FORMAÇÃO JUVENIL?

AUTOR(ES):
Claudia Valente Cavalcante - Universidade Católica de Goiás

AGÊNCIA FINANCIADORA: CAPES

Nas sociedades contemporâneas novas formas de pensar, agir e comunicar estão se constituindo em um amplo movimento de avanço das tecnologias. Este processo de mudanças, não linear e assincrônico, atinge de maneira diferente os diversos segmentos sociais recriando novos espaços de sociabilidade. Os jovens, enquanto categoria social, são em especial desafiados, sobretudo nos espaços urbanos, a construírem novas formas de sociabilidade juvenil. O que se constata mediante pesquisas é que uma das maneiras dos jovens acessarem às novas tecnologias, em especial a internet e aos jogos em rede, é por meio das chamadas *lan houses*, que estão se popularizando cada vez mais nas periferias de muitas cidades brasileiras. Nesse ambiente ocorrem formas de socialização entre os jovens, sendo este um ponto de interação social para jogos em rede em equipe ou isolados com amigos ou desconhecidos de diferentes partes do mundo. Atualmente, são três milhões de casas desse gênero espalhadas pelo Brasil, gerando novas formas de relação, entretenimento, bem como exercendo influência na dinâmica do espaço urbano nacional e local. As *lan houses*, que são freqüentadas principalmente por jovens de todas as classes sociais, em especial pelos jovens pobres, foram criadas com o propósito inicial de acesso à internet, digitação e impressão de documentos. Hoje elas se configuram como espaço de construção de relações, interações por meio de jogos, festas e corujões, que são reuniões que ocorrem na madrugada. Nesse sentido, pergunta-se: nesses espaços os jovens estabelecem relações não somente virtuais, mas sociais e simbólicas na medida em que se conhecem e formam novos grupos de sociabilidade para além das instituições clássicas de socialização, como a escola, a família e a igreja? Tendo como referência esse cenário o presente estudo, ainda de caráter preliminar, busca discutir a questão anunciada acima por meio de estudos bibliográficos e utilização de dados empíricos coletados a partir de dois procedimentos: (1) a aplicação de questionários cujos participantes foram alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal da Região Leste de Goiânia (nessa etapa, os jovens responderam a um questionário que tinha como objetivo localizar aqueles que fazem uso da *lan house* com certa freqüência); (2) a partir daí foram selecionados alguns participantes para entrevista aprofundada cujos dados parciais subsidiaram a reflexão desse estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens; *Lan house;* Sociabilidade.

JOVENS FALAM SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA

AUTOR(ES):
Marineide de Oliveira da Silva - Universidade Federal de Mato Grosso
Sandra Jorge da Silva - Universidade Federal de Mato Grosso

A questão racial no Brasil parece ser ainda um motivo de incômodo ao ser abordada no seio social, por acreditar-se que esse problema já foi superado

no momento em que os negros foram "libertos do cativeiro". Atualmente as questões étnicas raciais no Brasil estão sendo enfocadas também no ambiente escolar. Sabe-se que a escola não é uma instituição neutra, ela é também formadora de saberes sociais e culturais. Neste sentido, a escola pode ser uma instituição que tem a possibilidade de contribuir para que a ideologia discriminatória seja transmitida ou perpetuada. O conceito de educação que sustenta a nossa pesquisa é encontrado em Kupfer, que define educação como um discurso social que envolve a todos. A presente pesquisa possui uma abordagem empírica, com dados quantiqualitativos, pautada nos estudos de Santos Filho & Gamboa, que buscam compreender os significados que as pessoas dão sobre suas próprias situações. Utilizamos como instrumento questionários com perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos da pesquisa são 20 estudantes do Ensino Fundamental, oriundos de uma escola pública. Procurou-se escolher uma turma de alunos que fosse composta por uma grande diversidade étnica (brancos, pardos, negros, etc). Havia contradições na fala dos estudantes: ao mesmo tempo em que diziam não ter preconceitos raciais, utilizando discursos como "todas as pessoas são iguais; a cor da pele não tem nada a ver", os resultados mostraram o contrário. Com relação a possibilidades de casar-se e ter filhos, os alunos deixaram claro que poderiam casar, mas que nunca teriam filhos: "Eu acho feio namorar uma pessoa negra, coitado dos meus filhos se nascesse negros, eu não quero ter filhos com uma pessoa negra". Ao serem questionados sobre a contratação de um funcionário negro, as respostas permearam as seguintes afirmações: "contrataria a mulher negra, a loira iria estragar sua beleza; a mulher negra vai espantar toda a minha freguesia porque é feia; contrataria a mulher branca porque não gosto de mulheres negras". Acredita-se que ao oferecer oportunidade para que as pessoas falem sobre suas vivências, abre-se um leque de possibilidades para o pesquisador analisar a realidade em que os sujeitos estão inseridos, proporcionando subsídios que possam contribuir para a formação de cidadãos críticos.

Palavras-chave: Educação; Cotidiano escolar; Racismo.

JOVENS MULHERES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: TRAJETÓRIAS ESCOLARES, PROFISSIONALIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO SOCIAL.

Autor(es):
Lianna Marya Peixoto Gusmão - Universidade Católica de Goiás

O presente trabalho contém resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objeto de estudo jovens mulheres acadêmicas do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Católica de Goiás (UCG). Os dados quantitativos informam que ocorre um processo de juvenilização ou a presença significativa de jovens mulheres no curso de enfermagem. A questão é: quem são estas jovens? O que pretendem com a formação no curso de enfermagem? Então, o propósito é compreender quem são essas jovens mulheres, quais estratégias são criadas por elas para garantir a permanência no ensino superior e quais sentidos atribuem a sua formação em termos da enfermagem como profissão. Para esse trabalho foram considerados estudos de teóricos como Foracchi, Sposito, Romanelli, Zago que em seus trabalhos

dedicaram-se a conhecer jovens universitários, suas condições de estudo e trabalho. São também considerados os estudos sobre juventudes que enfatizam a complexidade do universo juvenil contemporâneo e sua pluralidade, que chamam atenção para a necessidade de olhares e de análises capazes de abordarem a multiplicidade das juventudes frente as transformações das sociedades contemporâneas. A condição das jovens pesquisadas é mediada por um contexto político-histórico contemporâneo da modernidade, no qual vigora a sociedade de mercado – que considera a juventude uma nova fatia do mercado – e da ênfase a chamada sociedade do conhecimento que supõe a socialização do saber dadas as transformações tecnológicas. Cabe ressaltar que a expansão do Ensino Superior na sociedade brasileira incorpora jovens de forma precária, uma vez que um pequeno percentual deles encontra-se no Ensino Superior. Segundo dados Inep a partir de 1980 ocorreu um aumento expressivo nas instituições Ensino Superior. As matriculas triplicaram de 1985 a 2004 e cerca de 70% estão nas instituições privadas. Entretanto, o Brasil possui (INEP), aproximadamente 24 milhões de jovens entre 18 a 24 anos, entretanto, apenas 10,4% estão no ensino superior. Compõe esse quadro a maioria de mulheres, cerca de 62% de estudantes. O trabalho, por meio de entrevistas examina uma das faces desse universo juvenil – jovens mulheres do curso de graduação em enfermagem da UCG – indagando quem são essas jovens, bem como o processo de juvenilização que vem ocorrendo no curso.

Palavras-chave: Jovens; Mulheres; Universitárias; Enfermagem.

JUVENILIZAÇÃO DA CULTURA E ESCOLA: DISCUTINDO A INVISIBILIDADE DOS SUJEITOS NO ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es):
Fernanda Lanhi da Silva

A discussão proposta neste estudo segue no sentido de problematizar a tendência das instituições escolares de uniformizar a cultura das séries iniciais como uma cultura da infância. Nesta perspectiva, partindo do exercício de observação e escuta sensível, colhidas e registradas ao longo do estágio docente do Curso de Pedagogia, realizado no ano de 2006, em uma quarta série do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Porto Alegre (RS), buscou-se discutir o que as cenas cotidianas, as marcas corporais e culturais e a falas dos alunos sugeriam sobre o modo como se percebiam, assim como discutir estes elementos frente à forma como as instituições escolares, em geral, têm concebido e representado os sujeitos das séries iniciais. Com o intuito de romper com a caracterização estereotipada desses sujeitos, pautados, geralmente, apenas por sua condição de alunos e pela cronologização etária, apresentaram-se algumas contribuições dos recentes estudos sobre juventude, que auxiliam a questionar a definição de jovem pelo critério de idade, e discutem a idéia de "juvenilização da cultura". Fenômeno este que contribui para pensar o que se passa quando identificamos indícios de antecipação e de prorrogação das práticas culturais associadas à juventude junto a pessoas de diferentes idades, em nossa contemporaneidade. Embora as cenas, marcas e falas analisadas neste estudo tenham sido expressas apenas por alguns alunos, demonstram que alguns desses sujeitos já experimen-

tam atributos ligados às culturas juvenis, sendo possível perceber indícios de antecipação das práticas culturais das juventudes. Ou seja, numa mesma turma diferentes sujeitos podem experimentar diferentes modos de ser. Cada grupo de alunos, inscritos em diversos contextos, em determinadas práticas culturais a que têm acesso, em cada tempo e espaço, configurar um grupo particular. O desafio para a escola e para os educadores está em saber olhar estes sujeitos como outros, para além da classificação como "alunos", pensados e desejados como alunos ideais. Portanto, o que importa aqui é chamar a atenção para a diversidade. Sem a preocupação em prescrever como deve ser o trabalho pedagógico, mas com o intuito de alertar para as implicações dos processos que uniformizam os alunos das séries iniciais, atentando para a diversidade, que transcende o pertencimento a uma série ou faixa de idade e diz respeito às suas experiências vividas, ao seu acesso a elementos culturais e sociais.

Palavras-chave: Culturas juvenis; Juvenilização da cultura.

JUVENTUDE E MÍDIA

Autor(es):
Loriza Lacerda de Almeida - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Este trabalho é resultado de estudos voltados à juventude, na perspectiva de sua participação política. Considerando que a mídia é importante instrumento para a formação de opinião e que interfere frequentemente na formação destes jovens, buscamos saber qual é a visão do jovem sobre ela e quais são as suas críticas. Ainda é muito freqüente a afirmação de que parcela dos jovens é alienada e não percebe a essência de sua realidade. Assim, objetivamos saber a percepção que o jovem tem sobre a mídia, com a hipótese de que estudantes universitários estabeleceriam uma visão crítica sobre o assunto. Foram aplicados 47 questionários para estudantes universitários de universidade pública, com questões abertas e fechadas. Os sujeitos envolvidos cursam os mais diferentes cursos, de todas as áreas de conhecimento e encontram-se em diferentes fases da graduação. As faixas etárias e gêneros são também diversificadas: de 17 a 20 anos (9 pessoas, 4 mulheres e 5 homens), de 21 a 24 (35, 15 mulheres e 20 homens) e com mais de 25 anos (3 pessoas, 1 mulher e 2 homens). As respostas obtidas indicam que parcela destes jovens acreditam que a mídia tem um papel crítico, que pode favorecer a transparência e que exerce papel importante na denúncia de fatos ocorridos na sociedade. No entanto, o que aparece como mais significativo é a percepção de que a mídia é manipuladora e pode alienar, porque apresentam os fatos de maneira muito parcial, induzindo comportamentos. A massificação exercida pela mídia aparece como dado negativo, especialmente nas situações em que o sensacionalismo é o mote. Há uma expectativa neste jovens, de que a mídia possa ter uma faceta mais educativa, contribuindo para a formação dos indivíduos e informando o público com qualidade. Consideraram ainda que a mídia emite opiniões individuais, portanto sem a expressão do coletivo, e estas distorções prejudicam a importância dos meios, porque acessados por grande parcela da sociedade, em diferentes regiões do país e por pessoas de diferentes estra-

tos socioeconômicos, estas pessoas não têm a oportunidade de ampliar seu repertório. Há ainda a percepção de que a mídia incita o consumo e que sua maior parcela de conteúdo está voltada ao entretenimento, não contribuindo qualitativamente com a população em geral e com a juventude, em particular. Concluímos assim que a percepção dos jovens é critica e não conformada em relação à mídia, não se deixando envolver por ela, indicando suas potencialidades, sem perder de vistas seus limites.

Palavras-chave: Juventude; Mídia; Participação.

JUVENTUDE E MORALIDADE: A INFLUÊNCIA DAS GERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA REALIDADE SOCIAL REGIONAL

Autor(es):
Josiane Magalhães - Universidade do Estado de Mato Grosso

Agência financiadora: FIDIPEX/UNEMAT

O estudo teve entre seus objetivos estabelecer uma compreensão acerca dos complexos processos que envolvem a construção das identidades individuais em sua correlação com a transmissão de valores através das gerações antecessoras, estabelecendo um padrão de moralidade. A fim de entender os processos que vêm construindo paulatinamente o mundo contemporâneo, procurou compreender os processos individuais de formação moral entre crianças e adolescentes em sua relação com seus pais e professores. Mais especificamente, desenvolve a concepção de que é a partir da construção moral ou de uma nova moral que se estabelecem os processos socializadores na contemporaneidade. Propôs o entendimento de tais processos a partir de uma reflexão acerca das possibilidades concretas de comportamento consciente encontradas nas respostas dos indivíduos entrevistados, cujo fio condutor baseia-se nas reflexões de Piaget e Kohlberg. Considerou o processo de formação humana como condição *sine qua non* para a compreensão em torno de sujeitos que historicamente, na sociedade, são preteridos em seus direitos fundamentais. Pode-se observar que as condições geográficas em que se situa a cidade de Cáceres, interior do Brasil, cujo acesso durante muito tempo se deu através da navegação fluvial, recebendo muito recentemente uma influência maior dos meios de comunicação e uma troca maior com novos padrões de moralidade oriundos de outras localidades, parecem ajudar a manter uma grande influência da formação moral dos pais e avós sobre os filhos, mantendo-se dentro da tradição trazida com os primeiros imigrantes que colonizaram as terras hoje conhecidas como Mato Grosso. Mantém padrões semelhantes aos encontrados nos estudos de Philipe Ariès, no tocante à consideração da palavra empenhada segundo os princípios anteriores de moralidade. Observa-se também que a formação moral infanto-juvenil delineia-se sintonizada com os padrões descritos por Lipovetski. O estudo permitiu construir uma visão geral acerca da crise de padrões morais enfrentados pela educação. A observação da construção e reconstrução das instituições sociais permitiu elaborar a hipótese de que na medida em que a sociedade evolui os papéis das instituições sociais mudam perdendo ou incorporando funções.

Palavras-chave: Juventude; Moralidade

JUVENTUDE E MOVIMENTO *HIP HOP*: UM MAPEAMENTO NA CIDADE DE RECIFE

AUTOR(ES):
Danielle de Farias Tavares Ferreira - Universidade Federal de Pernambuco
Jaileila de Araújo - Universidade Federal de Pernambuco
Mônica Rodrigues Costa - Universidade Federal de Pernambuco
Mônica Zaira de Siqueira Melo - Universidade Federal de Pernambuco

Nosso trabalho resulta de pesquisa sobre a ação política do movimento *hip hop* na cidade do Recife. Uma das peculiaridades deste movimento social é que a arte ocupa um espaço na vida dos jovens que em geral encontram-se na faixa etária entre 16 e 27 anos, moram nas periferias dos centros urbanos, são identificados como população de baixa renda e em situação de significativa vulnerabilidade social. A tendência nos debates sobre movimentos sociais valorizam os ganhos materiais e políticos (formulação e implantação de políticas públicas), acionados pelas lutas de grupos sociais historicamente excluídos. Por essa razão optamos investigar um triplo viés: 1) subjetivo, dada a valorização das capacidades criativas que colaboram para a elevação da auto-estima dos jovens participantes do movimento e também da população local na afirmação identitária e pertencimento ao lugar; valorização da comunidade; 2) político: utilizam a arte para expor as problemáticas da realidade em que vivem e mobilizar a comunidade; 3) cultural: como expressões culturais provocam o senso crítico e posicionamentos político-culturais. Na nossa compreensão, o movimento *hip hop*, diferentemente dos demais, apresenta contribuições para a vida dos jovens, por reencantar os projetos de vida através da ação política culturalmente orientada, com potência para reposicioná-los socialmente. Afiliamo-nos teoricamente com a perspectiva de crítica à modernidade empreendida pelo pós-estruturalismo, que considera a permanente construção e ressignificação da política, da subjetividade e da cultura na atualidade. A adoção deste referencial se deve ao profícuo diálogo entre o construcionismo e o pós-estruturalismo, por sua ênfase na dinâmica e impermanência das relações sociais. Os resultados preliminares da nossa investigação aproximam-se dos estudos sobre juventude e movimento *hip hop* que georeferenciam a concentração dos grupos mapeados no cinturão periférico da cidade. Acoplado a essa localização geográfica encontramos ainda marcadores sociais como: o pertencimento às classes menos favorecidas economicamente – o que repercute na dificuldade de acesso a bens e serviços, logo à exclusão de uma ampla circulação na cidade –, vulnerabilidade à violência, tanto na condição de vítimas (violência policial), quanto na sua autoria (entrada no mundo do crime) e dificuldade em se manter em contexto educativo, o que por vezes limita as possibilidades de expressão comunicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade juvenil; Movimento *hip hop*; Ação política.

JUVENTUDE E SOCIABILIDADE: VIVÊNCIA NA NET, NA LAN E NO BAIRRO

Autor(es):
Juliana Batista dos Reis - Universidade Federal de São Carlos

Agência financiadora: CAPES

A partir de uma perspectiva etnográfica, esta pesquisa busca descrever algumas práticas juvenis que supõem a formação de vínculos e relações que implicam em determinadas maneiras de vivenciar um bairro da Região Metropolitana de Belo Horizonte que, a princípio, era definida como "periferia". São privilegiados alguns "espaços" de observação para compreensão da dinâmica dos processos de socialização e sociabilidade: uma feira livre que acontece aos finais de semana, uma *lan house*, além de encontros possibilitados pela internet através, principalmente, do site de relacionamentos Orkut. A grande maioria de usuários e membros da lan e das comunidades no site é composta por jovens. Tomo como referência um determinado contingente de freqüentadores que configuram certa rede de relações estabelecida no espaço da lan house e, na interação e convivência em alguns canais e instrumentos de comunicação pela internet. Revelam-se as interfaces e (des) continuidades entre os encontros na internet e as interações face a face na *lan house* e no bairro, dinâmicas complementares e dissonantes na sociabilidade destes jovens. Os dados da pesquisa mostram uma intensa interação *on-line* entre jovens moradores de uma mesma localidade, além de comunidades virtuais criadas em função desse pertencimento territorial. Tais fenômenos são interpretados à luz, especialmente, da abordagem teórica de Georg Simmel. Pondero as interconexões entre os dispositivos elencados por Simmel para caracterizar a sociabilidade e, as ocorrências empíricas observadas. Problematizo também uma categoria muito comum – periferia – já que as comunidades no Orkut aparecem como local privilegiado de percepção das diferentes representações e significados dados ao bairro. Cabe, por conseguinte, refletir em que medida há no mundo virtual distinções entre centro(s) e periferia(s), compreender categorias usuais na Antropologia Urbana, diante dos dados que revelaram a sociabilidade de jovens pobres em *lan houses* e na internet. Por fim, o trabalho possibilita o debate da internet como campo e instrumento de pesquisa em Ciências Sociais.

Palavras-chave: Juventude; Sociabilidade; Internet; Periferia.

JUVENTUDE LÍQUIDA NO COTIDIANO ESCOLAR: REALIZAÇÕES, IMAGENS E POÉTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO FUGAZ E FULGURANTE

Autor(es):
Aldo Victorio Filho - IBGE e UERJ

A atenção de nossa pesquisa é centrada no que as escolas oferecem a respeito da vida juvenil e como tais informações, indícios e poéticas podem colaborar com a defesa da juventude no seu próprio espaço-tempo escolar. Certamente não falamos de uma juventude universal. Nossa trajetória investigativa nos afasta das generalizações improdutivas e também da fala pelo outro. Temos um foco, nos debruçamos sobre certo segmento sociocultural com o qual

convivemos intensamente como professores (elementos que fazem parte da nossa biografia profissional e memória do magistério, lecionando na educação básica) e já há algum tempo como pesquisadores (na universidade): o universo juvenil de estudantes da escola urbana de periferia da cidade do Rio de Janeiro. Nosso interesse, na comunicação desta pesquisa, é reiterar a necessária defesa do afastamento das leituras já experimentadas sobre esses jovens e os seus feitos culturais. Insistimos, portanto, na experiência de outras leituras para as muitas realizações juvenis. Investimos outro olhar para o que tem sido freqüentemente, e duramente, rejeitado como incivilidade, imoralidade, barbarismo ou outras denominações que antagonizam essas produções (das imagens pessoais às músicas, das maneiras de formarem seus coletivos às formas de falar, dos vocabulários às danças e músicas etc) e seus autores das civilidades e moralidades defendidas tradicionalmente pelos discursos oficializados na educação brasileira. Por meio do presente trabalho pretendemos, além de partilhar nossa aventura intelectual e investigativa, incentivar a expansão e maior aproveitamento das potências de criação, presença e acontecimento das juventudes. Na nossa perspectiva, um manancial epistemológico imprescindível à educação atualizada em sintonia com as belezas juvenis e com as realidades que fazem os tempos de hoje. Para tanto, produzindo a nossa própria poética investigativa, dialogamos com os seguintes autores no nosso trabalho: Michel Maffesoli, José Machado Pais, Massimo Canevacci, Paulo Freire, Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira.

Palavras-chave: Juventudes; Cotidiano escolar; Periferias.

JUVENTUDE NA VITRINE: O CONSUMO DE SI MESMO

Autor(es):
Cíntia Bueno Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juventude é muito mais do que uma determinada faixa etária. O conceito de juventude refere-se a um "estado", um "modo de vida" cuja definição é culturalmente construída. A imagem, o corpo, o "estilo" de vestir e de se comportar, os objetos que possui, os locais que freqüenta, suas preferências, enfim, tudo está em jogo na representação do que é "ser jovem" e tudo está inserido na complexa teia do consumo. Nesta perspectiva, cabe questionar que juventude é esta? De que forma as identidades juvenis são produzidas e representadas na mídia? Quais são as estratégias utilizadas para a vinculação entre juventude e consumo? Estas são algumas das reflexões que trago nesta comunicação, que consiste num recorte de dissertação de mestrado, ancorada no campo dos Estudos Culturais, acerca das identidades juvenis representadas na mídia impressa dirigida ao público jovem de alto poder aquisitivo e da estreita relação evidenciada entre juventude e o consumo. Examinei doze edições de 2005 do jornal Kzuka, distribuído nas tradicionais escolas particulares de Porto Alegre a partir dos Grêmios Estudantis. Trata-se de um jornal mensal, iniciado em setembro de 2000 com a idéia – expressão do referido Jornal – de criar um novo espaço de comunicação e relacionamento com o público jovem. Em 2001, o jornal expandiu o trabalho voltado ao público jovem, criando um programa televisivo e um espaço em rádio com audiência destinada a tal público, além de uma coluna aos sábados em jornal de grande cir-

culação. A partir de algumas parcerias com televisão, jornal e site na internet, o jornal Kzuka ganhou visibilidade na mídia em geral e em diversos eventos voltados ao público jovem. Tomando como referência os conceitos de identidade, diferença, representação e dispositivos pedagógicos da mídia, inscritos no campo dos Estudos Culturais em Educação, analiso como o Kzuka produz e coloca em circulação determinadas representações de juventude associadas a produtos, marcas, eventos e "imagens modelo", articulando mecanismos de legitimação dos discursos e compondo, assim, o cenário de uma corrida incessante na direção do consumo de si mesmo.

Palavras-chave: Juventude; Representação; Identidade; Consumo.

JUVENTUDE NEGRA: PROCESSOS SOCIAIS DE RECONHECIMENTO DE IDENTIDADE

Autor(es):
Julia Paiva Zanetti - PPGE/UFF
Mônica Pereira do Sacramento - Universidade Federal Fluminense

Agência financiadora: FAPERJ

A valorização da memória cultural e social da população negra alcançou maior visibilidade na agenda nacional a partir da promulgação da Lei 10.639/03 que instituiu a inclusão da temática da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos níveis fundamental e médio das redes públicas e privadas de ensino. A medida tem estimulado a elaboração de projetos pedagógicos orientados para a reformulação de práticas educacionais que incorporem a diversidade e a discussão das relações raciais no cotidiano escolar. O trabalho analisa, a partir do processo de produção de vídeo-documentário, os depoimentos de alunos(as) do Ensino Médio, integrantes do Núcleo de Cultura do Guadá, criado há onze anos no Colégio Estadual Guadalajara situado em Duque de Caxias, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Esta atividade extracurricular, coordenada por jovens e adultos, tem como objetivo a incorporação dos saberes de matriz africana ao cotidiano escolar, por meio da atuação em várias frentes culturais. A iniciativa se inscreve nos esforços de aplicação da referida lei, incorporando ao cotidiano destes(as) jovens práticas multiculturais que favorecem o conhecimento do próprio corpo e ressignificam o pertencimento racial. O filme, produzido em 2006, revela que a participação dos(as) jovens entrevistados(as) neste grupo assume contornos expressivos, contribuindo para a constituição de processos sociais de reconhecimento da identidade negra. O reconhecimento é entendido, neste trabalho, como ato expressivo pelo qual o conhecimento de si está afirmado pelo sentido positivo de uma afirmação de si em jogos de relacionamento que se processam na esfera pública e que ocorrem em múltiplas circunstâncias de identificação e conflito. Os sujeitos narram experiências de racismo que resultam em sensações de mal-estar e isolamento. Refletem, igualmente, sobre a ausência de referenciais negros positivos em suas trajetórias de vida e apontam para uma perspectiva de redimensionamento da ação coletiva juvenil e do processo de reconhecer-se e ser reconhecido como sujeito de direitos.

Palavras-chave: Juventude negra; Identidade; Lei 10.639/03.

JUVENTUDE SAUDÁVEL: INTERVENÇÕES PARA A INCLUSÃO PSICOSSOCIAL

Autor(es):
Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

A visão sócio-histórica da adolescência, abrange dimensões: a) características "típicas" da idade; b) parte de um processo de desenvolvimento, de transição para a vida a adulta; c) uma fase inerente, algo que faz parte da natureza do homem e é inevitável; d) resultado de uma construção social, que depende das relações sociais estabelecidas durante o processo de socialização. O contato com o jovem, porém, costuma ser orientado apenas pelo estereótipo de que vive um processo de transição entre infância e a fase adulta, grande conturbação, confusão e impulsividade. O pai, é aquele que se vincula afetivamente a seus filhos exercendo poder de gênero e geracional em conseqüência da diferença de idade. As representações e atitudes perante a paternidade variam em função das origens sociais dos indivíduos, trajetórias e especificidades dos percursos de vida, contextos que envolveram a formação da nova família, do nível de escolaridade, e da profissão. Atualmente os vínculos pai-filho estão em convulsão. Através de pesquisas e intervenções clinicoqualitativas problematizamos a violência contra a juventude que se manifesta no âmbito intrafamiliar, refletindo sobre o desenvolvimento emocional e social dos adolescentes, dos pais e a ética do cuidado, para contribuir na reconfiguração dos processos de subjetivação de ambos, contemporaneamente permeados pela relação com a exclusão social, o que acirra conflitos de identidade, com a sexualidade, violência e consumo de drogas. A desestruturação familiar, a reformulação e ampliação dos modelos de orientação, a gravidez precoce são alguns dos fatores que identificamos no atendimento dos jovens paraenses. A inclusão e o reconhecimento dos direitos individuais e sociais, é uma meta da intervenção que abrange a focalização do entendimento das crises que vivem o adolescente, o pai, a família, a escola, na medida em que todos estes elementos mediam a configuração dos processos de subjetivação dos jovens. O resultado tem sido a desconstrução dos estereótipos que cercam os jovens, fortalecimento da auto-imagem e estima e o fomento a construção de espaços públicos para aprendizagens, lazer e exercício da cidadania.

Palavras-chave: Adolescência; Subjetivação; Convulsão.

JUVENTUDE, AUTO-IMAGEM E INTERAÇÃO SOCIAL NUMA PEQUENA CIDADE

Autor(es):
Fernando Lima das Neves - Universidade de São Paulo

Agência financiadora: CAPES

O estudo consistiu na análise dos vínculos entre a juventude e o contexto social mais imediato que a cerca, as redes de interdependência, em uma pequena cidade situada no oeste do estado de Goiás. Demos especial atenção às diferentes clivagens na estrutura social, aos padrões valorativos preponderantes, às imagens criadas e recriadas em torno da cidadezinha e à fruição das práticas políticas e culturais da juventude. Coube definir, assim, a dinâmica das interações sociais e a composição processual das identidades, aspectos

que correspondem aos diversos grupos aos quais os jovens pertenciam. A adversa configuração de retraimento econômico e fechamento de postos de trabalho forjava potentes imagens negativas do local, embora segmentadas segundo as variações pessoais. Os dilemas e ambigüidades ali observados diziam respeito às diferenças na auto-imagem, e, por conseguinte, às disposições individuais para a reconstrução permanente de outras molduras de sentido e reajustes contínuos das trajetórias de vida, como forma de resistência às incertezas do futuro. As histórias de vida verificadas se articulavam direta ou indiretamente para moldar a realidade social dessa cidade interiorana relativamente distante de um grande centro urbano, portanto, fora do eixo de influências e dependências mais imediatas e diretas; e com pouca variação na esfera produtiva, logo, com muitas dificuldades de inserção no mundo do trabalho e de obtenção dos meios de vida por parte de muitas pessoas. Por meio das experiências sociais decisivas e dos esquemas de avaliação, percepção e ação desses e dessas jovens pudemos desvelar aspectos que, considerados em seu conjunto e em consonância com a totalidade da sociedade brasileira, articulam e reforçam as situações dilemáticas do espaço social em questão – pequena cidade –, assim como respaldam as respectivas idéias de decadência coletivamente compartilhadas. As ambigüidades das imagens produzidas por pessoas diferentemente situadas no conjunto social da pequena cidade diziam respeito à ressonância local de processos econômicos e sociais mais amplos que se manifestavam, ou se concretizavam, de maneira incompleta e desigual. Dos dramas existenciais emergentes, notava-se sempre um antagonismo entre certas exigências socialmente estabelecidas e a possibilidade de responder a estas expectativas. Desejos e sonhos individuais divergiam, assim, da realidade mais objetiva, que impermeabilizava, em diversos âmbitos, qualquer tentativa de contrapor praticamente tal quadro.

Palavras-chave: Juventude; Sociabilidade; Auto-imagem; Pequena cidade.

JUVENTUDES HOMOAFETIVAS TRANS-VIANDO ESPAÇO URBANO DE PORTO ALEGRE

Autor(es):
Thais Coelho da Silva

Esta comunicação constitui um recorte de pesquisa em andamento, ancorada no campo dos Estudos Culturais e procura conhecer as práticas culturais que funcionam entre um grupo de jovens homoafetivos num espaço urbano de Porto Alegre. Analiso os modos através dos quais tal grupo vem territorializando o espaço e em que medida tais práticas atuam como possibilidade de resistência em sua constituição identitária. Afirmo que tais jovens utilizam-se de performances homoafetivas para demarcar um território, como forma de resistência à ordem heteronormativa e de consumo instituída. Os jovens se referem a este lugar como *point*, ponto de encontro onde se reúnem, conversam, namoram, "desfilam" efusivamente, onde podem – e fazem questão- de ver e ser vistos, sugerindo um modo singular de ser jovem, que não somente transita por um espaço, mas ocupa, interfere, trans-figura e, por vezes, incomoda. O grupo que pesquiso é composto, predominantemente, por jovens homoafetivos da periferia

urbana de Porto Alegre, que se reúnem todos os domingos, no final da tarde, nos arredores do shopping Nova Olaria, no bairro Cidade Baixa. A entrada de tais jovens nas dependências do Shopping vem sendo barrada, pois estes não são consumidores deste local e adotam comportamentos considerados inadequados pela direção do shopping. Assim, acabam ocupando a rua, onde transitam em meio a performances homoafetivas. Para tanto, utilizam-se das paredes das casas, dos carros estacionados, do ponto de ônibus, do meio-fio. Ficam expostos sob as luzes dos postes públicos, dos faróis dos carros, alvo de olhares passantes: palco perfeito para uma juventude trans-viada. Trago aqui esses jovens sem a idéia de uma cultura juvenil universal e homogênea, mas juventudes plurais, fluidas e transitórias, que ao expressarem publicamente seus homoafetos, acabam transviando, de várias formas, as características do lugar. Afirmo que se forma uma comunidade de resistência, um grupo específico de jovens que adota e compartilha práticas, se identifica com estas, questionando e subvertendo, assim, a ordem heteronormativa e a posição de não-consumidores, não necessariamente criando um novo modelo de juventude, mas outras formas de fazer e viver no espaço instituído, para produzir outros caminhos.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Resistência.

MAPEAMENTO DE ORGANIZAÇÕES DE/PARA E COM JOVENS EM SÃO LUIS (MA).

Autor(es):
Maria Betânia Silva Magalhães - Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social
Maria do Socorro Sousa de Araújo - Universidade Federal do Maranhão

Agência financiadora: SEMCAS

O trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa realizada no município de São Luis (MA) nos anos 2005 e 2006. A referida pesquisa teve como objetivo geral realizar um mapeamento e caracterização das instituições de jovens ou que desenvolvem trabalhos para jovens e com jovens em 27 áreas/bairros. Foram identificadas 886 organizações. Os dados foram coletados principalmente através da aplicação de questionários. Mapeamos tanto grupos não instituídos legalmente, no total de 532, como associações recreativas, culturais e religiosas, quanto grupos não formalizados, 351, tais como de teatro, de música e de dança. Quanto à caracterização, 37, 5 % se definem como organizações com jovens (constituídas por jovens e adultos); 33 % de jovens; e 29, 4 % como organizações voltadas para jovens e para jovens e diversos. Nosso objetivo preliminar era mapear as organizações de/para/com jovens, independentemente dos campos de atuação, fossem as mesmas legalizadas ou não, e, a partir dos dados coletados realizar ponderações e análises sobre as múltiplas formas de participação do(a)s jovens. Os dados obtidos indicam que "formalizar" ou "legalizar" é uma das principais preocupações das organizações. Como uma das condições para o acesso à financiamentos de ações e projetos, a legalização é prioridade para grande parte das organizações. Assim, 532 instituições são legalizadas, enquanto 351 não o são. 538 têm sede própria; 196 cedidas; 62 alugadas; 52 itinerantes; 23 outros; 14 não respon-

deram; e, 02 possuem sedes provisórias. 51,7 % das organizações relatam priorizar o "público em geral", ou seja, os moradores do bairro no desenvolvimento das suas atividades; 51,4 % jovens e jovens e diversos; 41 % crianças e adolescentes; 15,7 % mulheres; 14,3 % idosos; 10% usuários de drogas; 8, 6 % negros (as); 5,2 % pessoas com necessidades especiais; 5 % homossexuais; 5 % portadores de DSTs e AIDS; 2,9 % outros. Das 680 organizações, aproximadamente 77 % do total, não possuem acesso à internet, enquanto 23% possuem. 42,2% das organizações atuam em atividades religiosas; 38,6% na área de cultura; 33,2% em esporte e lazer; 27,6 % em educação; 17,9% em questões relacionadas à saúde; 17,7% organização e mobilização comunitárias; 15,6% em atividades filantrópicas; 14,8% em assistência social; 12, 8% em capacitação profissional; e as demais atuam em outras áreas. As informações aqui descritas apresentam o perfil parcial dessas organizações e pretendem contribuir com outras pesquisas existentes no campo de conhecimento sobre juventude(s). Bem como, visam oferecer subsídios para as iniciativas do poder público em âmbito municipal, pois tais iniciativas devem estar respaldadas em pesquisas acerca das realidades do(a) jovens e de suas formas de participação social, tendo em vista a necessidade de implementação de políticas públicas condizentes com a realidade.

Palavras-chave: Participação juvenil; Organizações de/para/com jovens.

NATIVO DIGITAL E ESTRANGEIRO DIGITAL: O DESAFIO DE UM DIÁLOGO

Autor(es):
Maria Teresa de Assunção Freitas - Universidade Federal de Juiz de Fora

Agência financiadora: CNPq/FAPEMIG

Este trabalho desenvolve reflexões a partir dos achados de investigações, realizadas em um grupo de pesquisa, enfocando o letramento digital de adolescentes e a formação de professores. Essas pesquisas indicam que os professores se mostram como uma geração pré-digital que tem um estranhamento diante da geração digital de seus alunos. Será possível um diálogo entre essas gerações? Para responder essa questão discute-se sobre as culturas do nativo-digital e estrangeiro-digital. Compreende-se como "nativo digital" aquele que nasceu em uma geração que surgiu em meio à velocidade das transformações técnicas, convivendo com elas de forma natural. Crianças e adolescentes da contemporaneidade pertencem a essa cultura e por isso são nativos-digitais. O estrangeiro digital é aquele que nasceu em uma outra cultura na qual as tecnologias digitais não estavam presentes. Pode-se dizer que professores são os estrangeiros digitais. Nas pesquisas realizadas, penetrando no meio dos adolescentes internautas, participando de seus *chats*, listas de discussão e sites de relacionamento, conseguiu-se compreender esse sistema de redes digitais que ao enlaçar milhões de pessoas em novos espaços está mudando a maneira de pensar, criando novas formas de interação, de leitura/escrita, de aprendizagem e de ludicidade. Conheceu-se quem é o nativo-digital reconhecendo as mudanças qualitativas trazidas pela cibercultura em suas vidas. Percebe-se nos achados das pesquisas que os professores, "estrangeiros digitais", mostram-se inseguros diante das práticas internéticas, nas quais os seus

alunos estão inseridos. Por pertencerem a uma outra geração, computador e internet lhes são estranhos e se colocam em relação a eles receosos e críticos. Os professores sempre se viram como detentores do saber, ocupando uma posição hierárquica superior em relação aos alunos e tendo como centro de seu trabalho o ensinar, não se vendo como aprendizes. Agora se vêem diante de alunos que, no que se refere ao uso do computador e internet, detêm um conhecimento que eles não têm e receiam uma inversão de papéis. As reflexões suscitadas neste trabalho colocam em foco as perspectivas e o desafio de diálogo entre essas duas culturas, de modo que possam se enriquecer mutuamente, conservando cada uma sua integridade.

Palavras-chave: Diálogo; Nativo-digital; Estrangeiro digital.

NOS FLUÍDOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS: IDENTIDADES JUVENIS DE UM CONTEXTO ESCOLAR

Autor(es):
Rita Cristine Basso Soares Severo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rosane Speggiorin Linck - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta comunicação constitui-se na articulação de duas pesquisas de mestrado em andamento que, ao longo de suas trajetórias investigativas, vêm refletindo sobre a produção de identidades culturais juvenis no espaço escolar. Uma das pesquisas tem seu lócus em uma escola da rede pública municipal, situada num bairro de periferia da cidade metropolitana de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A outra pesquisa configura-se em uma escola da rede pública estadual, localizada no centro da cidade de Porto Alegre (RS). Ambos estudos estão inscritos no campo dos Estudos Culturais, visto que tal campo teórico é profícuo por problematizar as relações de poder das quais fazemos parte. Propomos refletir sobre tais identidades no contexto escolar levando em consideração a fluidez da sociedade Pós-moderna. Estudos sobre juventudes ancorados nessa perspectiva, têm indicado que os jovens transitam, deslocam-se, fazem movimentos alternados, negociam, fluem por entre várias posições de sujeitos, porém muitas vezes esbarram nas estruturas sólidas da escola. Além disso, é uma perspectiva teórica desafiadora, na medida em que nos convoca a abandonar as certezas, conviver com as dúvidas e as limitações de nossas lentes de pesquisadora. Neste recorte, discutiremos as identidades juvenis que permeiam os referidos contextos escolares. Nessa proposição, as análises partem das teorizações que enfatizam que não existe uma única maneira de ser jovem, mas sim que estamos frente a uma multiplicidade de identidades juvenis, que variam de acordo com a classe social, o lugar onde vivem, as gerações as quais pertencem e a diversidade cultural. Como ferramentas para as análises, utilizamos registros fotográficos, entrevistas e conversas que foram constituídas no percurso das investigações. Percursos estes que foram se construindo em um contínuo movimento de familiaridade e estranhamento, junto aos sujeitos e lócus das pesquisas. Cumpre notar, que nestas análises não partimos do pressuposto que devemos buscar uma natureza essencial nas identidades juvenis analisadas e nem estamos tomando a escola por aquilo que ela "deveria" ser e a partir daí criticar sua suposta decadência,

ou ainda prescrever alternativas para a sua recuperação. Entendemos sim a escola como um local de caráter multicultural das sociedades contemporâneas onde se articulam mecanismos e dispositivos pedagógicos que operam nos processos de pertencimento dos jovens estudados.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Contexto escolar.

O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS INTERGERACIONAIS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Autor(es):
Maria da Conceição da Silva Freitas - SECT/RJ/FAETEC

Agência financiadora: NIHIL

No capitalismo flexível contemporâneo a globalização totalitária, o curto prazo e as práticas competitivas fortalecem o descompromisso, dificultam o compartilhamento da experiência e a criação de laços de confiança. Cresce o individualismo, e surgem o sujeito "desenraizado" e o "turista", ambos ávidos de construir suas identidades por meio da moral do consumo. O individualismo e o narcisismo predominantes entre os jovens resultam das novas relações de produção marcadas pelo pragmatismo das empresas. A produção da informação e da publicidade que formam o consumidor antes do produto. O sistema ideológico consumista e narcisista seduz os indivíduos porque atende a necessidades psicossociais, derivadas da nova moral do trabalho e da nova moral do prazer. O lado positivo da crise da sociedade industrial é a exigência da reflexividade, imprescindível na construção do espaço discursivo para compartilhamento da experiência. É na construção do espaço discursivo que os jovens precisarão do suporte dos adultos. No contexto do contemporâneo, a participação retoma a importância do elo geracional, isto é, a solidariedade necessária entre as gerações para fazer face às demandas do viver nos dias de hoje. O suporte institucional da escola é fundamental no processo de construção de um "nós" pelos jovens, ou seja, quando os professores e a direção acreditam na capacidade dos alunos e lhes dão crédito. Significa dar espaço para os jovens assumirem responsabilidades de sentir e dizer. A escola torna-se o espaço instituído de sociabilidade destinado aos jovens que resistem a assumir essa função – como uma de suas principais vocações na atualidade. Freqüentemente, o contexto institucional escolar dificulta a negociação e a discussão na busca da ordem, governabilidade e internalização das regras de conduta feita pelos adultos. A falta de negociação dos impasses e dos conflitos constitui um dos princípios que regem as atividades escolares, cuja base é a reprodução dos conteúdos. O resultado é a inexistência de espaço para reflexão e livre fala. Sobram ressentimentos e desconfianças que desafiam os jovens na tarefa inicial de construírem uma sentimentalidade propícia à troca de idéias. A escola apresenta-se como lugar promissor para o desenvolvimento das habilidades necessárias para construção do espaço discursivo que permite exercitar a condição de dizer de si para o outro, num suposto contexto interlocutivo solidário em que os jovens possam trabalhar a coragem como capacidade necessária à vida em comum e à participação social. A coragem de dizer e de agir é virtude essencial no espaço público, quando

cada um aparece ao outro na sua singularidade. A concepção do jovem como ator social em projetos ambientais promovidos no âmbito escolar aumenta a possibilidade da sua participação com responsabilidade na esfera pública.

Palavras-chave: Contexto interlocutivo solidário; Participação juvenil.

O ESPAÇO NO LUGAR RIBEIRINHO: SUSTENTABILIDADE DE ADOLESCER NA VÁRZEA AMAZÔNICA

Autor(es):
Ane Louise Marques Michetti

O propósito deste estudo foi conhecer as formas como o adolescente vivencia essa fase através da linguagem, expressão, tempo, espaço, história de sua existência política e social. O objetivo foi identificar a realidade dos adolescentes que residem em ambiente de várzea, nos seus vários papéis sociais peculiares à realidade amazônica, de forma que possa contribuir com a construção de identidades singulares e coletivas, visando ampliar uma reflexão desses adolescentes para a construção de novas possibilidades existenciais. O estudo foi realizado com 15 adolescentes que faziam parte do grupo focal das comunidades ribeirinhas localizadas na Costa do Canabuoca e Marrecão, no Município de Manacapuru no Estado do Amazonas. Utilizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, que teve como instrumentos entrevista semi-estruturada, questionários, depoimentos, observação direta, indireta e oficinas lúdicas. Com os resultados, percebeu-se que os adolescentes valorizaram a oportunidade de falar o que sentem, de descobrir através de atividades lúdicas, seus potenciais e seu papel social. Além da possibilidade de intervir na própria construção enquanto sujeitos sociais, descobriram valores que até então não eram percebidos e que estavam imbuídos no seu espaço ribeirinho, passando a agir de formas diferentes em seus costumes e na sua própria imagem, que passou a ser percebida de outra maneira. A pesquisa possibilitou observar que os adolescentes possuem desejos, vontades, conhecimento de seu corpo, conflitos, potencialidades criativas que envolvem a subjetividade de qualquer adolescente. Portanto, a sustentabilidade de adolescer na várzea perpassa por questões indissociáveis ao seu cotidiano

Palavras-chave: Adolescente; Espaço; Várzea amazônica.

O FUNK CARIOCA COMO ESTÉTICA EMANCIPATÓRIA JUVENIL

Autor(es):
Aldo Victorio Filho - IBGE e UERJ
Pablo Oliveira dos Santos Alves

(Des)Ordens nômades e incertas tomam conta dos espaços nos quais a concretude e as garantias da cidade falham. Aí, onde só se encontram ruínas do sonho moderno de inclusão e cidadania, onde as obrigações com a cidade crescem proporcionais à ampliação de suas necessidades e problemas, o batidão do funk participa, interage e reage nas paisagens humanas contemporâneas. Ultrapassando as muralhas simbólicas e estruturais que diagramam e cercam as cidades, (re)edita diferentes maneiras de ser e estar no mundo

através de suas formas de interlocução com a contemporaneidade. Para além de mero produto ou reação inconseqüente aos contextos políticos e tendo os jovens como seus principais produtores – com significativas e constantes intervenções no universo escolar – é notável esse crescente complexo de produções estéticas formadoras de um universo cultural que fulgura tanto nos centros urbanos quanto em áreas distantes. Nos espaços inventados e praticados, seus autores atuam de forma irônica, prazerosa e livre de demarcações políticas ou geográficas na cotidiana tessitura das redes de um grande fenômeno cultural. Em ambientes onde o Estado representa, muitas vezes, o perigo, jovens seguem seus rumos, vivendo atravessamentos culturais, misérias, exclusões, atrocidades, mais a delicada arquitetura da sociabilidade e, sobretudo, a mediação com a cidade que se arruína. Dois mundos simbólicos e concretos, centro e periferia, em interativa formação é o contexto no qual o funk brota e se espalha como tiririca, transbordando os controles em criações estéticas ousadas justo onde, aparentemente, só havia deserto e derrota. O funk é um fenômeno não redutível a um objeto unificado passível de controle e previsões. Com parentescos mis, não pode ser penetrado ou dominado por sistemas teóricos que lhe traduzam ou categorizem plenamente. Na tensão entre a tática e a estratégia, a "cultura funk" avança por muitos lados. Esta pesquisa tem o espaço escolar como campo de interesse e conseqüente ação investigativa, pois entendemos o ambiente escolar como parte preciosa de um contexto estético-político-social no qual as práticas juvenis coletivas estão vivamente presentes e permeáveis. Certamente o panorama do acontecimento e efervescência funk ultrapassa o ambiente escolar, mas é nesse espaço/tempo, devido à sua alta concentração da potência do encontro de muitos jovens e à tensão de seu confronto com as culturas e práticas adultocêntricas, que defendemos o investimento na reflexão apresentada. Reiteramos que compreendemos o fenômeno funk e sua rede de ação como componente importante da existência cultural-epistemológica do povo jovem brasileiro, ou seja, o entendemos como realização da "tessitura" dos saberes estéticos nos cotidianos juvenis, portanto, fonte de conhecimento e energia indispensáveis às ações em prol de uma sociedade mais justa e mais bela.

Palavras-chave: Juventude; Funk; Saberes estéticos.

O JOVEM NATIVO DIGITAL NA ESCOLA: REPENSANDO A ATUAÇÃO DOCENTE E OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM.

Autor(es):
Pedro Henrique Nobre Rittmeyer - Universidade Federal de Juiz de Fora

Agência financiadora: CNPq e FAPEMIG

Este artigo relata achados parciais de uma pesquisa que teve como objetivo compreender computador/internet como instrumentos culturais de aprendizagem na formação de professores. Buscou-se fundamentação teórico-metodológica na pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, tendo como referencial a teoria da construção social do conhecimento e do desenvolvimento humano de Lev Semionovitch Vygotsky. O campo de trabalho situa-se em uma escola da rede pública federal que atua nos Ensinos

Fundamental e Médio de uma cidade do interior mineiro. Até o momento, para uma compreensão de como professores desta escola se situam em relação aos seus alunos "Nativos Digitais", focalizou-se, num recorte, o estudo no laboratório de informática da referida escola e seus usuários: professores e alunos de matemática do quinto e sexto anos. Os instrumentos metodológicos utilizados na parte inicial dessa investigação foram observações do laboratório de informática, que envolviam diálogos com os professores e alunos atuantes; entrevistas individuais com seu coordenador e demais professores que utilizam o referido laboratório de informática. Desse trabalho resultaram notas de campo, que foram discutidas e analisadas no interior do grupo de pesquisa durante suas reuniões semanais. As análise elaboradas permitiram compreender a história da fundação do laboratório de informática no colégio; desvendaram o sentido que os alunos possuem deste espaço e do computador/internet e a forma como os professores que atuam com seus alunos utilizam este instrumento. Para esta reflexão, buscou-se compreender a sociedade digital, o jovem contemporâneo que adentra na escola, a atuação docente perante as possibilidades oportunizadas pelo computador/internet e os espaços de aprendizagem que desafiam a lógica institucional. Compreendeu-se que a formação continuada e o repensar por parte da escola e dos professores, levando em conta o momento histórico e o indivíduo, são necessários para um novo fazer pedagógico inserido em uma nova lógica de sociedade.

Palavras-chave: Computador/Internet; Jovem; Atuação docente.

O QUE É SER JOVEM PARA MIM?: SIGNIFICAÇÕES ACERCA DA CATEGORIA JUVENTUDE

Autor(es):
Roberta Fonseca Von Randow

Uma diversidade de temáticas acerca da juventude, como trabalho, cultura, sexualidade, educação, criminalidade e participação política, dentre outros, tem preocupado representantes governamentais, organizações não-governamentais e acadêmicos que atuam junto a esse público, principalmente num período em que a articulação de políticas públicas juvenis tem tido efervescência na esfera pública atual mundial e nacional. No entanto, o que se quer dizer por juventude? Seja qual for o debate, sempre encontramos dificuldades de definição e conseqüentes delimitações acerca da categoria juvenil. Demarcações etárias e cronológicas que definem a população pertencente à juventude, como dos 14 aos 24 (ONU), dos 14 aos 29 (OIJ), dos 15 aos 24 (IBGE e IPEA) e dos 15 aos 29 anos (CNJ), embora necessárias, são insuficientes para pensarmos essa categoria cultural, histórica e plural vistas aos sujeitos concretos que se dizem e são ditos como jovens. A partir de dados coletados numa pesquisa-ação realizada com um grupo de dança de rua hip-hop composto por cerca de 25 jovens entre 12 e 19 anos, do Aglomerado da Serra, em parceria com uma universidade local, em Belo Horizonte (MG), temos o objetivo de apresentar, nesse trabalho, como este grupo de jovens significa o ser jovem, ou seja, sua condição juvenil. Recriando um espaço de discussão sobre a vivência juvenil produzido pelos próprios(as) jovens, em contraposição a espaços estruturados formalmente por projetos sociais governamen-

tais e não-governamentais, a liderança do grupo propôs aos seus colegas que cada um escrevesse uma redação sobre o que significa ser jovem. O tema foi "O que é ser jovem para mim?". Em análise do conteúdo dos textos, notamos que a significação dada ao "ser jovem" é sobreposta à inserção social juvenil. Figuram-se características do universo de ser jovem, julgadas negativamente, referentes ao desrespeito com quem possui laços afetivos, ao descuido com o futuro, sendo, freqüentemente, colocada a fuga dos problemas sofridos no uso de drogas e na criminalidade. Sempre em conflito com tais negatividades apontadas, numa "batalha" feroz, o jovem ideal, ora alcançado, ora não, é aquele capaz de ser amigo verdadeiro, de "enfrentar os problemas de frente", de ter responsabilidade, de cuidar do futuro pela garantia de emprego bem remunerado. As características positivas são centradas em diversão, balada, zoar, ter personalidade e pensamento de jovem, namorar, brincar, amizade. Freqüentemente, as negatividades são apontadas como negação da fase da juventude. Dessa forma, vemos esses(as) jovens desconstruindo a noção de juventude apenas como período de moratória para a idade adulta, ao mesmo tempo em que a significação dada àquele período da vida – a condição juvenil – está estreitamente ligada à inserção de classe, racial e cultural peculiar a esse grupo – sua situação juvenil –, sendo o termo juventude tanto reproduzido quanto reinscrito nas práticas sociais juvenis.

Palavras-chave: Juventude; Condição juvenil: Situação juvenil.

OBJETOS DO DESEJO: LIÇÕES DA MÍDIA SOBRE JUVENTUDE E CONSUMO

Autor(es):
Cíntia Bueno Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Luciana Maria Hoff de Mello - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Marta Campos de Quadros - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ser jovem contemporaneamente é mais do que estar inscrito em determinada faixa etária ou estágio de desenvolvimento humano, marcado pela transição infância-adultez. Neste sentido, a partir dos Estudos Culturais como referencial teórico-metodológico, compreendemos juventude como um estado, uma condição, um modo ou estilo de vida construído cultural e historicamente. Tomamos a cultura como um campo de luta onde se produzem significações e a mídia como um ecossistema, locus central de circulação de discursos verbais e não verbais que constituem performativamente o que nomeia. Assim, ao fazer circular representações de juventudes, a mídia possibilita a construção de múltiplas e plurais identidades. Essa comunicação, neste contexto, apresenta-se como um recorte das pesquisas de mestrado e doutorado que estamos desenvolvendo sobre as relações da mídia e do consumo com a produção das identidades e formas de sociabilidade juvenis. Nesta perspectiva, cabe questionar: que juventudes são estas? Como a mídia, enquanto um dispositivo pedagógico, ensina modos de ser jovem de tal ou qual forma? De que forma tais identidades juvenis são produzidas e representadas na mídia? Quais são as estratégias utilizadas pela mídia como lugar de aprendizagem das relações entre juventudes e consumo? Ao focarmos campanhas publicitárias, cadernos jornalísticos voltados ao público jovem e as condições de escuta das juventudes inscritas na cultura midiática de Porto Alegre, se observa de

forma preliminar que, diariamente, uma espécie de catálogo de ofertas é colocado à disposição dos jovens consumidores que "elegem" suas preferências musicais, imagens corporais, estilo de vestir e de se comportar, locais a freqüentar ou mesmo com quem se relacionar. Através destas escolhas que incluem produtos, marcas e modelos associados a diferentes formas de "ser jovem", garotos e garotas buscam marcar suas identidades e singularidades em meio a seus pares através de práticas que significam "estar na moda" e "ser do grupo". Constatamos que os próprios sujeitos jovens se produzem como produtos vendáveis a ser negociadas em um mercado de identidades cada vez mais exigente, ao considerarem este receituário de estilos de vida juvenis fornecido pelas telenovelas, pelos eventos musicais ou mesmo pelos vários ambientes disponibilizados através da internet como modelos desejados e valorizados.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Consumo midiático.

OS ADOLESCENTES E O ORKUT: SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA NAVEGAÇÃO NA REDE DE AMIGOS

Autor(es):
Janaína Ovídio de Carvalho - Universidade Federal de Juiz de Fora
Maria Teresa de Assunção Freitas - Universidade Federal de Juiz de Fora

Agência financiadora: CNPq e FAPEMIG

Este trabalho pretende apresentar o relato de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo compreender que sentidos estão sendo construídos por alunos, dos ensinos Fundamental e Médio, de uma escola pública federal, para o uso do site de relacionamentos Orkut no cotidiano do infocentro implantado na escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural que se fundamenta na teoria do desenvolvimento humano, de Lev Vygotsky, e na teoria enunciativa da linguagem, de Mikhail Bakhtin. De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento humano não é somente um processo biológico, como foi postulado por perspectivas psicológicas anteriores à sua época. Para o autor o desenvolvimento humano é um produto cultural e histórico, que ocorre entrelaçando as linhas biológica e cultural. Essa teoria permite compreender a adolescência como uma idade de transição, na qual os interesses dos adolescentes se constituem como a principal chave para entender esta idade, pois estes são as forças motrizes que impulsionam suas atividades. Portanto, ao considerar o cultural, se torna pertinente entender o adolescente a partir de sua inserção na cibercultura e de suas práticas de leitura e escrita construídas neste meio. De acordo com Bakhtin, o emprego da linguagem se manifesta nos enunciados. Por estar historicamente localizado, o enunciado tem características próprias do momento em que é proferido. A partir destas características, o autor apresenta os gêneros do discurso, que são tipos relativamente estáveis de enunciados. Levando em conta o momento atual marcado pela presença da cibercultura discute-se como os atores que atuam neste espaço, os adolescentes, encontram nos gêneros digitais a possibilidade de se expressarem de acordo com o meio em que estão inseridos. Como parte do desenvolvimento desta pesquisa, durante o primeiro semes-

tre de 2007, foram realizadas observações na referida escola visando a compreensão de sua realidade física e de seu funcionamento. Nessa realidade o infocentro da escola mereceu um destaque especial e foi focalizado de forma específica visando o atendimento do objetivo proposto na pesquisa. Durante as observações, percebeu-se que o site de relacionamentos Orkut é freqüentado pela maioria dos alunos, como uma forma de entretenimento. De posse desse achado, estabelece-se neste trabalho uma discussão acerca deste uso, bem como as práticas de leitura e escrita destes adolescentes no meio virtual.

Palavras-chave: Adolescentes; Orkut; Infocentro.

OS JOVENS E A MÍDIA

Autor(es):
Ana Baumworcel - Universidade Federal Fluminense

Este trabalho chama a atenção para a importância da mídia na formação das identidades juvenis e considera que ignorar o papel dos meios de comunicação distancia os educadores da realidade dos jovens, de seus desejos, gostos e suas reflexões sobre a leitura e a escrita que fazem do mundo midiatizado. Na construção de uma educação problematizadora e crítica sobre a realidade do país, num processo dialógico com os jovens, devemos considerar a relação que eles estabelecem com a mídia e estimular a criação de um canal próprio de expressão, comunicação e sociabilidade. Dentre as mídias, destaca-se o rádio pelo seu potencial de articulação cultural, social e pedagógica na escola. Apresentamos experiências, dentro e fora da escola, que contribuem para a formação de sujeitos ativos e críticos quanto ao seu próprio desenvolvimento.

Palavras-chave: Mídia jovem; Cultura juvenil; Rádio na escola.

OS MEIOS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA A JUVENTUDE

Autor(es):
Loriza Lacerda de Almeida - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Muitos estudos apontam para a atenção que se deve dar aos valores transmitidos para os jovens, dada a sua importância na consolidação de novos projetos de sociedade. Levando em consideração que a comunicação assume relevante papel na mediação de valores, uma vez que se insere numa teia cultural dialogando com ela, a proposta desta pesquisa foi analisar a representação juvenil na mídia brasileira verificando se há, e com qual impacto, a influência da revista impressa na informação/formação do público jovem. Em uma das etapas deste trabalho, foi aplicado um questionário para 128 estudantes das escolas selecionadas, sendo 63 de escolas públicas e 65 de escolas particulares. Dos questionários devolvidos, foram utilizados 101, contando com 45 homens e 56 mulheres distribuídos nas seguintes faixas etárias: 14 anos (1), 15 anos (58), 16 anos (21), 17 anos (5), 18 anos e mais (16). O objetivo dessa primeira amostragem era descobrir se os adolescentes possuíam o hábito de

se informar pelos meios de comunicação e quais seriam suas principais fontes de informação. O resultado do primeiro questionário mostrou que mais de 99% dos jovens pesquisados buscam se informar pelos meios de comunicação. Entre esses jovens, aproximadamente 68% já leram a revista Capricho e 39% já leram a revista MTV. Buscando saber as principais fontes de informação numa lista com oito opções (dispostas em ordem alfabética): amigos, escola, família, internet, jornais, livros, revistas e televisão, constatamos que, entre os alunos das escolas particulares, 72,3% usam a internet e 63% usam a televisão. Entre os da escola pública, temos que 57% usam a internet e 50,7 usam a televisão como fontes prioritárias de informação. Os livros apareceram como a última fonte de informação nos dois tipos de escola. Complementarmente, os amigos aparecem como terceira fonte preferida nas escolas públicas, enquanto nas particulares vêm os jornais. As revistas, em geral, aparecem numa posição intermediária, tendo mais prestígio nas escolas particulares do que nas públicas. A pesquisa, portanto, demonstrou uma tendência em que os adolescentes se informam prioritariamente por meios audiovisuais e por novas tecnologias de mídia, muito provavelmente em função de suas potencialidades no contexto do surgimento de novas tecnologias de mídia, mais interativas e dinâmicas.

Palavras-chave: Midia; Juventude; Representação social.

PAISAGENS JUVENIS URBANAS – IDENTIDADES MÓVEIS E MUTANTES EM TERRENOS MOVEDIÇOS

Autor(es):
Angélica Silvana Pereira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Elisabete Maria Garbin - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Eloenes Lima da Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Thais Coelho da Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Na contemporaneidade, temos acompanhado, principalmente em centros urbanos, a eclosão de práticas culturais juvenis, que incitam, provocam e desafiam desdobramentos do conceito tradicional de juventude. Tais investimentos levam à tessitura de redes de sociabilidades e de subjetivações de si (e dos outros) que têm como pano de fundo, além das experimentações, das marcações de diferenças, da visibilidade, da publicização de estilos, a busca constante de si mesmos, ainda que provisoriamente, de forma mutante e em terrenos movediços. Problematizar como e em que direção está caminhando a diversidade de tais práticas, passa a ser uma condição importante para o entendimento de como as experiências sociais de jovens são expressas nas esferas públicas e privadas, de forma coletiva. Assim sendo, esta comunicação traz recortes de pesquisas ancoradas no campo dos Estudos Culturais com ênfase na produção de identidades juvenis em territórios culturais contemporâneos. Um dos principais objetivos das pesquisas é o de atentar para os inúmeros investimentos marcadamente corporais que vêm se desenhando nos terrenos movediços da cultura que modificam, transformam e constituem estilos juvenis. Destacamos práticas culturais em lugares da cidade territorializados por jovens através dos significados a eles atribuídos, matizados por pichações, grafites, múltiplos visuais, linguagens (musicais, cênicas e afetivas,

dentre outras) e performances de resistência que produzem e reproduzem distintas maneiras de "ser" e "estar" jovem em diferentes tempos e espaços. As análises – compostas por observações, diários de campo, fotografias, entrevistas, imagens, sons, músicas, vestimentas, adereços, conversas, documentos, materiais impressos diversos – apontam, predominantemente, para a busca de pertencimentos dentre seus pares, onde não apenas atribuem significados aos seus fazeres individuais e coletivos, como (com)partilham dos mesmos, produzindo-se no interior destas relações. Podemos pensar nesses movimentos de (multi)pertencimentos como pedagogias culturais, pois, tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas. Nesse sentido, os artefatos culturais que são produzidos e circulam nas paisagens juvenis urbanas, articulam-se entre si e operam pedagogicamente em seus (provisórios) processos de pertencimento identitário.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Culturas urbanas.

PARTICIPAÇÃO MULTIFACETADA: A DIVERSIDADE DE ORGANIZAÇÕES DE/PARA E COM JOVENS.

Autor(es):
Maria Betânia Silva Magalhães - Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social
Maria do Socorro Sousa de Araújo - Universidade Federal do Maranhão

Agência financiadora: SEMCAS

Como parte integrante da pesquisa "Mapeamento e caracterização das organizações de/para/com jovens", realizada em 27 áreas no município de São Luís este artigo aponta elementos para análise das múltiplas formas de participação juvenil. Utilizamos o questionário como principal instrumento de coleta de dados. Utilizamos ainda a observação direta como fonte de coleta de informações. Foram mapeadas 886 organizações. Para realização da pesquisa classificamos organizações de/para e com jovens. Resolvemos mapear não somente organizações compostas exclusivamente por jovens. A intenção era abarcar também as organizações para jovens, constituidas por pessoas adultas com o objetivo de planejar e/ou executar atividades comuns voltadas aos diversos segmentos sociais, incluindo-se o(a)s jovens. Pretendíamos abranger ainda as organizações com jovens que se caracterizam por constituir-se de pessoas adultas e por jovens concomitantemente. Através dessa classificação de organizações de/para e com jovens ampliamos o entendimento dos espaços de participação dos jovens. Consideramos que, para além da constituição de organizações formadas exclusivamente por jovens, estes fazem parte também de organizações compostas por adultos e jovens simultaneamente; e que participam ainda através de atividades e práticas nas áreas onde residem propiciadas por organizações que desenvolvem trabalhos e atividades voltadas para jovens. Para classificação das organizações de/para e com jovens utilizamos o critério da auto-definição. Outro critério utilizado foi o da atribuição. Dentre 886 organizações, 332 se denominaram organizações com jovens; 292 se identificaram como organizações de jovens e 261 como organizações voltadas para jovens ou para jovens e outros segmentos. A classificação de/para e com jovens é fundamental para demarcar a questão de que essas organiza-

ções possuem uma atuação abrangente e variada que perpassa pela cultura, educação, saúde, esporte e lazer, religiosidade e outras. Contudo, a atuação em diversas áreas e em diferentes espaços remete à possibilidade e a perspectiva de discussão das especificidades juvenis, dentro da universalidade das discussões dos direitos sociais. Implica na necessidade de pensar a transversalidade das questões juvenis e os aspectos referentes às políticas públicas de juventude, o que requer atentar sobre os diferentes espaços de participação e mobilização das juventudes. As organizações de/para/com jovens constituem-se múltiplas expressões de participação que precisam ser canalizadas na perspectiva da construção de uma política de juventude(s) no Brasil, pensada na perspectiva da sua transversalidade.

Palavras-chave: Organizações de jovens; Com jovens; Para jovens.

PERMANÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO DA MÍSTICA DE "SÃO" JOÃO MARIA E DO CONTESTADO EM LIDERANÇAS JOVENS

Autor(es):
Gilberto Tomazi - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agência financiadora: CAPES E ADVENIAT

Este trabalho visa recuperar alguns aspectos da mensagem, da mística e da missão de João Maria d'Agostini, considerado profeta e santo na região onde, entre os anos de 1912 a 1916, aconteceu a guerra do Contestado. Essa guerra marcou profundamente a vida, a cultura e a religiosidade dos que sobreviveram e dos seus descendentes. Destacaremos as principais idéias que moveram e que estiveram na base das pregações e diálogos desse homem considerado santo e profeta do Contestado. Queremos, com isso, abrir um caminho de compreensão da mensagem de João Maria e de como ela foi sendo ressignificada junto aos descendentes do Contestado. Este estudo da "mística do Contestado", nasce da necessidade de repensar os atuais processos de educação religiosa e popular da juventude. O Contestado produziu uma mística própria que se traduz numa espécie de identidade cultural do povo da região. Esta mística tem em João Maria uma referência central. Ela sobrevive nos mitos, símbolos, rituais religiosos e na tradição oral e escrita dos descendentes do Contestado. Diversas organizações juvenis procuram manter viva a memória do Contestado. Os descendentes do Contestado continuam sendo desprezados culturalmente, empobrecidos economicamente, manipulados politicamente e desconsiderados religiosamente; dentre eles encontramos os/as jovens, na sua grande maioria empobrecidos/as e excluídos/as. O Contestado contou com diversas lideranças jovens. Merecem destaque a Maria Rosa e o Adeodato, que foram dois jovens que se tornaram as principais lideranças do Contestado. Esse trabalho pretende buscar nos jovens, descendentes do Contestado, uma "identidade cultural" a ser reconhecida e valorizada e assim contribuir para pagar uma dívida social de que são credores em quase um século de história. Eles continuam sendo enxotados e saqueados em suas terras e riquezas, massacrados ou desprezados em sua cultura, desencantados em seus sonhos e crenças, violentados e explorados. O Contestado é considerado um dos maiores movimentos populares da história do Brasil e, até o momento,

poucos espaços foram abertos para que se torne autenticamente conhecido. Sabe-se que o mundo moderno é ágil na construção de "mitos" que neguem, falseiem ou destruam a memória popular, e, em partes, a ciência tem sido "competente" no desprezo de tudo o que é popular, religioso e juvenil.

Palavras-chave: Juventude, contestado, mística, cultura popular

PESQUISA-INTERVENÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE TRANSICIONALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es):
Sônia Regina da Silva Borges Cardoso de Oliveira - UFRJ/NIPIAC

Agência financiadora: CNPq

Este trabalho tem como objetivo focalizar um dos aspectos do desenvolvimento de um trabalho realizado em uma escola da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com três turmas de jovens entre 14 e 16 anos de idade, tomando como contorno analítico a importância da não neutralidade do pesquisador e sua conseqüente influência para a percepção das demandas grupais e qualificação das possibilidades da expressão criativa com vistas ao reconhecimento do outro e facilitação do processo de elaboração da relação com o mundo externo. Nesse sentido, elegemos como recorte a explanação de um dos cincos momentos do trabalho em questão, qual seja, o que trata especificamente do "fazer coletivo", experienciado através de um "fazer criativo". O recurso à criatividade apresentou-se no processo mesmo de desenvolvimento do trabalho como resposta à demanda dos jovens de realizarem algo mais concreto e dinâmico. Se nos encontros anteriores o recurso à palavra, como expressão do próprio existir para o outro, fora muitas vezes obliterado pela intolerância entre os pares, a proposta da "confecção de cartazes em grupo" – através dos quais os jovens expressaram o que pensavam sobre grupos, reais ou imaginários, que gostavam ou não – permitiu que se desse a passagem do "pensar" ao "fazer" que, intermediado pela apresentação de figuras de "objetos do mundo", pessoas, objetos, lugares e animais, teve início uma outra forma de "se dizer". O "fazer junto" teve a função de uma produção coletiva que, diferente dos momentos em que expuseram sozinhos as suas opiniões, permitiu que as associações e simbolizações pudessem se dar na cumplicidade de um fazer criativo, onde as colagens, os desenhos, frases, enfim, cumpriram o papel de intermediário entre a realidade interna e a realidade externa. Dessa forma, o que antes fora difícil através das narrativas pessoais, começou a aparecer por meio das produções aparentemente aleatórias, através das quais mostraram como se viam, como viam o outro e como viam o mundo à sua volta. Entendemos, portanto, que a escola tem se configurado, em nossa experiência, como espaço privilegiado de outras formas de agenciamento de trocas reais e simbólicas em favor da convivência humana e que, compreendida como espaço de resistência propiciador para a ação criativa, reforça a importância dos modos de relação nela estabelecidos.

Palavras-chave: Jovens; Escola; Ação criativa.

PRÁTICAS DE "ESTUDO EFICIENTE" PARA A JUVENTUDE: OS INDICADORES DE QUALIDADE DA ESCOLA SECUNDÁRIA NOS ANOS 1950.

Autor(es):
Katya Mitsuko Zuquim Braghini - EHPS/PUC-SP

Agência financiadora: CNPq

Este trabalho apresentará uma parcela dos resultados de uma investigação de mestrado sobre as idéias dos colaboradores da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) a respeito da qualidade do ensino secundário no Brasil nos anos 1950. A pesquisa teve como fontes os artigos publicados entre 1952 e 1961 na seção Idéias e Debates deste importante periódico especializado, nascido no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). O objetivo da pesquisa, no âmbito geral, foi destacar e analisar quais eram os parâmetros de qualidade de ensino da escola secundária daquele período. Este trabalho, entretanto, pretende apresentar um dos indicadores apresentados em meio a esse mapeamento dos símbolos, dos elementos que supostamente perfaziam o "padrão de qualidade" desse ramo do Ensino Médio no Brasil. Tratava-se daquilo que os colaboradores de RBEP consideravam "estudo eficiente" para a juventude. Isto é, este trabalho divulgará os elementos que, segundo os pareceres desses colaboradores, potencializariam a apreensão do conhecimento por parte do jovem estudante e, por esse motivo, se tornaram elementos importantíssimos para a sua aprendizagem segura. Esses "elementos potencializadores" foram fundamentados por estudos que, à época, eram considerados como a vanguarda da pesquisa científica mundial em vários ramos do conhecimento, ramos esses que se estendiam da Psicologia até a Climatologia.

Palavras-chave: Qualidade de ensino, Juventude; Ensino secundário.

PROCESSOS EDUCATIVOS DE IDENTIFICAÇÃO INDÍGENA ENTRE OS JOVENS TAPUIOS DO CARRETÃO (GO)

Autor(es):
Joaquim José Neto - Diocese de Rubiataba/Mozarlândia (GO)

O presente texto trata da realidade dos jovens tapuios do Carretão, no momento em que vivem o processo de (re)construção de sua identificação indígena. Os jovens fazem parte do agrupamento étnico denominado tapuios do Carretão, localizado no norte do estado de Goiás, nos municípios de Rubiataba e Nova América. São descendentes indígenas, resultado de longo processo forçado de miscigenação iniciado no século XVIII, por meio da prática do aldeamento. Descendem dos primeiros habitantes indígenas do aldeamento Pedro III do Carretão: os xavantes, os xerentes, os carajás, os javaés, os caiapós. Pesquisas promovidas por antropólogos confirmam sua ascendência por meio de comprovação histórica da existência do aldeamento e dos dois momentos de miscigenação vivida pelo grupo. Com o processo de miscigenação, perderam os traços culturais de seus ancestrais. São chamados tapuios pela sociedade envolvente, denominação que cristalizou-se no imaginário dos membros do agrupamento e passou a ser assumida por eles como traço que os identifica em seu grupo e na sociedade regional e nacional. Institui-

ções formadoras, como a Diocese de Rubiataba, a Funai, o Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia (IGPA), da Universidade Católica de Goiás (UCG), o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), marcaram presença em sua atuação com o grupo, reafirmando a relação com a terra, com a história e a cultura dos antepassados e desenvolvendo programas de formação de lideranças, objetivando a defesa de suas terras e a recomposição de suas tradições culturais. O presente trabalho examina como os jovens tapuios situam-se nesse contexto. Centra-se no exame do sentimento de pertencimento dos jovens ao grupo étnico – tapuios do Carretão –, tendo como referência as perspectivas dos próprios jovens. Busca analisar o modo de ser jovem, de ser tapuio, as relações com a geração mais velha, o papel educativo das instituições formadoras (família, religião, instituições governamentais e não-governamentais) e o significado do território em que vivem. Parte do pressuposto de que o fenômeno do ressurgimento vivido pelo grupo suscita diversas interpretações daqueles que são os seus sujeitos, em especial os jovens que assumem lideranças no grupo e se preparam para atuar, como mediadores fundamentais, na continuidade do grupo.

Palavras-chave: Jovens tapuios; Processos educativos; Identificação.

PROGRAMA ESCOLA ABERTA: UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE UMA PEDAGOGIA MUSICAL NA ESCOLA MUNICIPAL CHAPÉU DO SOL, PORTO ALEGRE (RS).

Autor(es):
Helena Lopes da Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência financiadora: CAPES

O Programa Escola Aberta consiste na abertura das escolas públicas durante os finais de semana para oferecer atividades culturais, esportivas e de renda às comunidades consideradas socialmente vulneráveis. A música tem sido solicitada a participar deste Programa, sob a máxima de que a mesma possa ser uma ferramenta importante no processo de "educação, resgate moral e social" dos jovens pertencentes a essas comunidades. Esta comunicação é parte da pesquisa de doutorado em andamento, e tem como objetivo geral compreender quais os sentidos que os oficinandos, oficineiros e coordenadores do Programa Escola Aberta atribuem às atividades musicais desenvolvidas na escola durante os finais de semana. Através dos cruzamentos dos discursos dos diferentes atores entrevistados e da observação participante realizada no lócus investigativo da presente pesquisa, pretende-se, ainda, revelar as expectativas dos dirigentes do programa quanto à adesão e engajamento dos jovens e da comunidade nas oficinas de música oferecidas nas escolas, tendo em vista a formação de multiplicadores e/ou a profissionalização dos mesmos na área de música, assim como, revelar as concepções pedagógico-musicais desenvolvidas nas oficinas de música oferecidas. Os resultados revelam que, para os jovens entrevistados, a música, em especial o *hip hop*, "pode salvar vidas". Segundo eles, as mensagens das letras de *rap* pode "transformar a vida do cara", ocupar o seu tempo livre e dar sentidos aos seus finais de semana. A maioria dos jovens participantes das oficinas de música declarou o desejo de

se tornar "famoso (a)" e "viver da música" para poder "ajudar as pessoas de suas comunidades e suas famílias". Na visão destes jovens, a Escola Aberta constitui em um espaço de lazer, onde encontram seus amigos, ensaiam, criam suas músicas e ainda, têm acesso a equipamentos sonoros, como microfones, amplificadores, mesas e aparelhos de som. Além disso, a escola assegura aos grupos de música, locais e datas para apresentarem-se nas festividades escolares e festivais de música regionais que acontecem durante o ano. Quanto à visão dos coordenadores do programa entrevistados, parece haver um consenso de que a música seja um elemento "pacificador e transformador" das comunidades, capaz de "nortear a vida dos jovens através da elevação de sua auto-estima" e do desenvolvimento de sua "identidade cultural".

Palavras-chave: Jovens; Pedagogia musical; Sentidos; Programa Escola Aberta.

RÁDIO-ESCOLA: JUVENTUDE NO AR

Autor(es):
Alessandra Oliveira Araújo - Universidade Federal do Ceará

Agência financiadora: CNPq

Este trabalho faz uma análise de como uma experiência de comunicação popular, desenvolvida pela ONG Catavento Comunicação e Educação, na periferia de Fortaleza, contribuiu para a construção das trajetórias de jovens atendidos pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Durante o ano de 2006, 29 jovens dos bairros Mucuripe, Castelo Encantado e Serviluz passaram por um processo de formação em rádio-escola. Os conteúdos das oficinas iam desde a leitura crítica dos meios de comunicação, até a história do rádio e o desenvolvimento de técnicas radiofônicas. No mesmo período, foi instalada uma rádio em circuito interno, com caixas de som e cornetas, para que os adolescentes veiculassem os programas que estavam produzindo. As temáticas dos programas eram escolhidas pelos próprios participantes que resolviam falar dos problemas que enfrentavam, das opções de lazer, do trabalho infantil, do primeiro amor, das festas, das músicas que gostavam. Todas as temáticas possuíam uma relação com seus contextos, com suas vidas. Então, resolvi pesquisar como, ao falar de suas vidas num programa de rádio, um grupo de nove jovens estava refletindo sobre suas experiências e como essa reflexão fez com que se reconhecessem como sujeitos capazes de escrever sua própria história. Assim, utilizei a "Metodologia das Histórias de Vida e Formação", pautada com base na abordagem experiencial, desenvolvida por autores como Marie-Christine Josso e Delory-Momberger. A abordagem experiencial analisa, por meio de relatos de vida, que nessa pesquisa foram os próprios programas de rádio, quais momentos foram e são importantes para que possamos resolver problemas do nosso cotidiano e nos tornar autores de nossas histórias. Reconhecer nossa trajetória e descobrir quem somos revela nossas falhas e virtudes, mostra a necessidade de mudança, de transformação. Ao falar sobre os seus contextos nos programas de rádio, os adolescentes começaram a sentir que participam da vida de sua comunidade, de sua escola e família, e essa participação gera mudança e compromisso. A partir do momento em que os adolescentes falam suas histórias de vida e reconhecem

os seus problemas, não podem mais agir como espectadores; passam perceber que estão cercados de condicionantes e não de determinantes; começam a sentir necessidade de construir sua própria trajetória e a acreditar que podem ser autores de suas vidas.

Palavras-chave: Comunicação; Juventude; Formação.

RECREIO ESCOLAR DE JOVENS ALUNOS: VITRINAS TEMPORARIAMENTE DINÂMICAS

Autor(es):
Rosane Speggiorin Linck - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência financiadora: PPGEdu

Um pátio escolar, durante o momento do recreio, pode ser preenchido por passos, vozes, gritos, gargalhadas, olhares, imprevistos, correria, cores, sons, música, grupos, pertencimentos, negociações, isolamentos... Dentro deste contexto, esta comunicação se constitui num recorte da pesquisa que venho desenvolvendo sobre o recreio escolar, entendido, além de suas outras funções, como um lugar de produção de identidades juvenis. Amparando-me em referenciais teóricos inscritos no campo dos Estudos Culturais, tomo como lócus para este estudo, o momento do recreio de uma escola de Ensino Fundamental da rede pública municipal, situada num bairro de periferia da cidade metropolitana de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Nesse panorama, ao tematizar sobre estes jovens alunos, inseridos em turmas de sexta, sétima e de oitava séries do Ensino Fundamental, levo em conta suas práticas, suas múltiplas, simultâneas e às vezes descartáveis formas de sociabilidade e por conseguinte, suas diferentes maneiras de estar no recreio escolar. Jovens alunos que poderiam ser considerados habitantes do líquido mundo moderno e que durante o período do recreio, 15 minutos, percorrem diferentes espaços no pátio, transbordando conversas, respingando inconstâncias, contornando obstáculos, inundando espaços, ou compondo temporariamente lugares, como se fossem vitrinas dinâmicas que se configuram e que se dissolvem ao término desse período. No que se refere aos caminhos teórico-metodológicos, as análises partem de uma pesquisa de cunho etnográfico, tendo nos diários de campo, no registro de algumas conversas realizadas, bem como no recurso fotográfico a base para construção de dados. Assim, o que se observa, partindo de constatações preliminares é que durante o momento do recreio, esses alunos vão constituindo grupos, ou comunidades fundidas por idéias, produzindo práticas sociais que terminam por lugarizar determinados espaços neste pátio escolar, seja um banco afastado, uma antiga quadra de cimento, uma grande árvore, uma calçada, dentre outros. Nesse processo de lugarização, levam-se em conta os significados atribuídos pelos jovens aos espaços ocupados durante o recreio e as relações de poder estabelecidas para definir quem é incluído e quem é excluído dentre seus pares.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Recreio escolar.

RELAXA, TOMA UM FRUTHOS: A CONSTRUÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES E CORPORAIS EM JOVENS GAROTAS, OS DISCURSOS E IMAGENS DAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS

Autor(es):
Luciana Maria Hoff de Mello - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência financiadora: CNPq

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, onde busco articular três eixos principais: Juventudes, Corpo e Saúde. O cenário para esta articulação são algumas campanhas publicitárias nacionais de alimentos- televisivas e impressas- por meio da seleção, classificação e análise dos discursos e imagens nestas presentes, para então, problematizar os três eixos com as narrativas das jovens – sujeitos da pesquisa- que surgiram durante entrevista. Estabeleço aproximações com autores do campo dos Estudos Culturais e com estudos de Michel Foucault. Neste recorte, apresento os resultados obtidos até este momento, especificamente sobre a análise da campanha publicitária que foi lançada em setembro de 2007 e segue em veiculação, intitulada: Relaxa, toma um Fruthos, (nome comercial de um suco de frutas). Esta campanha publicitária busca ironizar a chamada "mídia ditatorial", ou seja, torna explícita as regras ditadas pelo mercado de alimentos, por meio de exemplos extremos de "obediência" ao "ditador", como por exemplo: comer peixe com chocolate, comer somente alho ou somente brócolis. Porém, a seqüência do anúncio, mostra que essa suposta ironia também dita regras, mas de uma maneira agradável, respeitável, "preocupada" com o consumidor. Além disso, está presente a marcante valorização do conceito de saudável, para endossar o valor desse produto. A afirmativa "Relaxa, toma um Fruthos" pressupõe um interlocutor- consumidor- estressado, que precisa relaxar. E ainda o slogan "O mundo está ficando chato, dá para ser saudável e feliz ao mesmo tempo" está falando de um excesso de preocupação com saúde – saudável – que pode vir a tornar alguém infeliz (doente) e por conseqüência o mundo chato. As primeiras análises das narrativas das jovens, quando indagadas sobre o que as imagens da peça publicitária lhes suscitavam, indicam, de um lado, críticas aos excessos mostrados no anúncio, e por outro lado, expressam nas suas falas este mesmo cuidado e preocupação com seus hábitos alimentares. Enfoco nesta discussão os discursos utilizados pela mídia publicitária, bem como os endereçamentos propostos por tais artefatos culturais, enfatizando como os cuidados com o corpo vem construindo um modelo de "ser saudável" amplamente divulgado.

Palavras-chave: Estudos culturais; Juventudes; Corpo.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA EDUCAÇÃO FAMILIAR E DISCIPLINA ESCOLAR EM GRUPOS INDÍGENAS DE MATO GROSSO DO SUL

Autor(es):
Sonia Grubits - Universidade Católica Dom Bosco

Observações realizadas junto a escolas indígenas de comunidades em Mato Grosso do Sul têm revelado a quase inexistência de manifestações de indisciplina, problemas de atenção, relacionamento, entre outros, que têm preocu-

pado educadores, de um modo geral, nas sociedades modernas. Este fato foi analisado em pesquisas sobre famílias e características socioculturais específicas nestes grupos, que se refletem no comportamento infantil e repercutem no ambiente escolar. Foram realizadas entrevistas abertas, observações participantes em escolas ou nas casas de crianças selecionadas para tais investigações. No grupo Guarani-Kaiowá alunos e suas respectivas famílias de uma escola da reserva Bororó, situada no município de Dourados (MS). Mesmo procedimento e método adotou-se na Reserva Alves de Barros, dos Kadiwéu, na Bodoquena e Córrego do Meio dos Terena, pertencente ao Município de Sidrolândia. Nas duas primeiras pode-se observar que o diálogo e respeito mútuo são características da relação entre pais e filhos, o que pode ser visto por meio do tom sereno e suave, com o qual as mães dirigem-se aos filhos. A curiosidade infantil não é reprimida, permitindo a exploração do ambiente, bem como a participação em todas as atividades familiares, sem restrição, punição ou castigo. Provavelmente, estes sejam alguns dos fatores que facilitam a convivência, os relacionamentos e também o comportamento escolar. A língua e organização social dos referidos grupos é muito diferente, porém existem tentativas de preservação dos valores crenças e da cultura de um modo geral, principalmente entre os Kadiwéu. Quanto aos Terena, a análise dos dados obtidos revelou formas de educação familiar, com eventuais punições, limitações quanto à liberdade na participação das crianças na vida familiar, com prováveis repercussões no ajustamento escolar, acompanhadas de diferenças socioculturais, dentro do próprio grupo, motivadas principalmente pelas distinções socioeconômicas das famílias, apontando que novas necessidades (produtos e tecnologias) surgem a partir das maiores possibilidades financeiras para contato mais freqüente com a população não índia da cidade e mesmo das comunidades rurais. Cabe ressaltar que estudos atuais em uma outra comunidade Terena, denominada Aldeia Bananal, ainda com resultados preliminares, revelaram diferenças significativas na educação infantil e preservação da cultura, indicando diferenças importantes entre grupos desta mesma etnia.

Palavras-chave: Guarani-Kaiowá; Kadiwéu; Terena; Jovens; Família; Disciplina.

SOCIABILIDADES JUVENIS NO CAMPO

Autor(es):
Cynthia Rúbia Braga Gontijo - Universidade do Estado de Minas Gerais

A presente pesquisa objetivou contribuir com a compreensão acerca das juventudes do campo no Brasil, onde há poucos estudos sobre a temática, o que ficou evidenciado na revisão da produção intelectual na área. Diante de um aparente silenciamento, estamos longe de pensar essa "categoria" em seu conjunto de necessidades, desejos e contradições. Considerando tais condições, investigamos as concepções de jovens participantes de movimentos sociais de luta pela reforma agrária em Minas Gerais sobre as juventudes do campo. O atendimento a esse objetivo pretendeu responder às seguintes questões: O que é juventude para os jovens participantes de movimentos sociais de luta pela reforma agrária? Quais as trajetórias familiar, escolar, no

trabalho e no Movimento, desses jovens? Como é viver a juventude no campo? Quais as expectativas desses jovens com relação a sua permanência ou não no campo? Há uma juventude rural? O trabalho de campo desenvolveu-se em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra de Minas Gerais (MST/MG), onde realizamos entrevistas e observação participante junto aos jovens. Optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa, que se justifica pela natureza do objeto de pesquisa e pela perspectiva escolhida para analisá-lo. Pela complexidade do campo teórico e metodológico deste estudo, organizamos esta pesquisa em etapas articuladas entre si, em uma perspectiva multimetodológica. Assim, utilizamos diferentes técnicas de pesquisa – observações, questionário e entrevistas – para identificarmos o que pensam estes jovens sobre a sua vida no campo, visando abranger a maior amplitude possível na compreensão dos processos em foco. As evidências da pesquisa demonstram que a tensão entre as suas expectativas de realização profissional e pessoal e as suas perspectivas de realização nessas áreas se ancoram mais na questão da pertença de classe do que propriamente do espaço territorial em que residem. Entende-se que nesse cenário configura-se um espaço de construção de "identidades trânsfugas". Os "trânsfugas" são os indivíduos que não se identificam com a cultura da qual fazem parte diretamente, mas também não se identificam com "a cultura do outro". Diante dessa constatação, perguntamos: no interior desse quadro de tensão, onde está o sujeito? Nesta pesquisa, buscamos localizar esses sujeitos.

Palavras-chave: Juventudes do campo; Sociabilidades; Identidades juvenis.

SOCIABILIDADES, PRÁTICAS DE LEITURA E REDES: JOVENS E LITERATURA FANTÁSTICA DO SENHOR DOS ANÉIS

Autor(es):
Larissa Camacho Carvalho - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência financiadora: CNPq

O estudo apresenta reflexões a respeito das sociabilidades juvenis contemporâneas, em especial aquelas motivadas por práticas de leituras da obra fantástica O Senhor dos Anéis, do autor inglês John Ronald Reuel Tolkien. Jovens de diferentes contextos socioculturais, diferentes escolaridades, de ambos os gêneros e etnias variadas, nos últimos anos tomaram contato e difundiram, através de redes e relações pouco ou nada institucionalizadas, grupos de estudo e trocas no entorno destas leituras. Valendo-se de referências de autores como Alberto Melucci, José Machado Pais e Rossana Reguillo, com o intuito de embasar as reflexões a respeito das culturas juvenis, e de Roger Chartier e Michel de Certeau, para abordar as práticas de leitura e sua apropriação, a investigação mapeou uma rica rede de sociabilidades de jovens leitores. Estes jovens se articulam em torno do estudo coletivo, debates, realização de eventos, produção e circulação de escritas, práticas suscitadas pela leitura da obra. Partilhando interesses comuns, grupos de amigos, jogos de RPG, grupos virtuais, os jovens buscam compartilhar informações com outros jovens a respeito de interesses de leitura. Em grupos de discussão acerca das mesmas acabam constituindo grupos de amigos que não compartilham

apenas os livros de Tolkien. Também relacionam-se a partir do contato com outras obras e autores, outras formas de lazer, outras práticas culturais, cuja diversidade põe em questão afirmações reificadas por educadores e adultos em geral, de que os jovens contemporâneos não lêem, têm uma precária produção cultural, estão entregues a práticas individualistas, alienadas e de consumo passivo. O estudo constatou que os jovens ocupam seus tempos com uma rica produção cultural: múltiplas apropriações através das leituras, neste caso em particular, da literatura fantástica, reuniões nos finais de semana, assistência conjunta de filmes relacionados a essas leituras, trocas de livros, de informações sobre eventos culturais e músicas relacionadas a interesses comuns. Traçam trajetórias culturais diversas, por vezes inusitadas, para muito além da escola, mediadas por práticas de leitura que, embora desconsideradas como literatura válida, seja pela escola, pela mídia ou pelos pais, suscitam uma diversidade de formas de cooperação sociocultural e participação em redes.

Palavras-chave: Sociabilidades; Práticas culturais; Redes; Culturas juvenis.

SOCIOPOETIZANDO O CORPO: CONCEITOS FILOSÓFICOS PRODUZIDOS PELOS JOVENS ARTISTAS DO TEATRO

Autor(es):
Shara Jane Holanda Costa Adad - Universidade Estadual do Piaui

Agência financiadora: CNPq

Este artigo tem como objetivo apresentar parcialmente a pesquisa com os jovens artistas criadores do Teatro Municipal João Paulo II (TMJP2) sobre o tema gerador: O que é o corpo. As questões que nortearam a pesquisa foram: Quanto pode um corpo jovem ou quanto pode um corpo jovem que dança, faz música, teatro e arte? Quantos corpos cada corpo jovem carrega dentro de si? Como o corpo jovem e artista expressa seu tempo e seu espaço? O que escapa? Como pensar novas maneiras de problematizar o corpo? Como identificar problemas que atravessam e mobilizam o corpo no século XXI? Para tanto, tivemos como objetivo precípuo desta investigação analisar os conceitos produzidos pelos jovens artistas sobre O que é o corpo. Utilizamos o método Sociopoético que, sendo uma prática filosófica, permitiu aos co-pesquisadores problematizarem o referido tema. Além disso, o método propiciou a construção de conhecimento com o corpo todo, de forma coletiva e democrática, ao utilizarmos técnicas artísticas que possibilitaram a manifestação da subjetividade, potencializando a produção de conceitos. Iniciamos com a negociação da pesquisa e formamos o grupo pesquisador – facilitadoras e co-pesquisadores, os 17 artistas criadores do teatro. Fizemos 3 oficinas: 2 para produção de dados e 1 para análise feita pelos co-pesquisadores. As técnicas utilizadas foram: a escultura do corpo, o bicho do corpo e os 5 sentidos do corpo. Para fins de análise neste artigo nos debruçamos nos dados da escultura do corpo pela potência de seus conceitos e problemáticas. A análise dos conceitos produzidos nos permitiu fazer reflexões acerca do pensamento do grupo que produziu múltiplos e heterogêneos conceitos, problematizando o corpo e temas que lhe atravessavam naquele momento. Partindo dessas

reflexões, o pensamento do grupo se apresenta em algumas linhas iniciais, quais sejam: as impressões, os sentimentos, o processo e a relação do corpo no momento da criação, bem como conceitos de corpo e de movimento do corpo.

Palavras-chave: Corpo; Jovens artistas; Sociopoética.

TABA – UMA ONG QUE FUNCIONA

Autor(es):
Adriana Dezotti Fernandes - UNICAMP

O meu objeto de pesquisa de mestrado é a TABA (espaço de vivência e convivência de adolescentes em situação de risco social, vítimas e autores de abuso e violência sexual), uma ONG que existe há 12 anos na cidade de Campinas (SP). Organização Não- Governamental, a TABA não é uma organização e nem tampouco uma desorganização, em termos deleuzianos eu diria que a TABA é uma linha de fuga, multiplicidade de dimensões, linhas e direções. Mundo paralelo da mecânica quântica. Uma taba, para os índios, é o conjunto de casas, de ocas. Casas/escolas/instituições: a TABA é tudo e também não é nada disso. Uma outra dimensão em que todos se sentem acolhidos, amparados, aceitos pelo que são e, de certa forma cobrados, na presença e na participação, chamados à compartilhar o potencial que possuem com a "tribo". Cheguei como pesquisadora através de um convênio feito com o Grupo Violar da FE/Unicamp ao qual pertenço e fui recebida como membro integrante. Confirmando as teorias de Albert Einstein, o observador altera o ambiente observado e a pesquisadora se torna parte da pesquisa... Há um espaço e um tempo que só pertencem à TABA, que subvertem o lugar e a hora do mundo que nos cerca, do sistema, da sociedade, da mídia. Um espaço/tempo mais próximo da natureza, dos sentimentos, da vida verdadeira. Um espaço que é o aqui, entre mesas desenhadas, biombos enfeitados, bancos que são quase gangorras pois precisam de equilíbrio e cumplicidade para serem divididos, uma cozinha embaixo da escada, uma biblioteca atrás da divisória e um escritório que é compartilhado pela tribo dos educadores. Um tempo que é o agora, Ayon, conectado a Chronos e nem por isso seu cativo. Aceitei, em janeiro, o convite de ser vice-presidente da TABA e busco, juntamente com todos que compõem nossa tribo, a criação de como diz Félix Guattari em As três ecologias, "novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho", que se começa com a construção de novos olhares sobre nós mesmos e sobre o adolescente com sua subjetividade em infinito processo de vir a ser, seja ele vítima de abuso, abusador, infrator, morador de rua ou membro ativo da comunidade de seu bairro.

Palavras-chave: Adolescência, convivência, multiplicidade, risco social

UNIVERSO SOCIOCULTURAL DOS JOVENS ACADÊMICOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Autor(es):
Jackson Carlos da Silva

O presente trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa que investiga jovens acadêmicos do curso de Educação Física da faculdade UNIRG, estado do Tocantins. As práticas da atividade física e do culto ao corpo adquirem relevância nas sociedades contemporâneas. Concomitantemente a este fato, pode-se observar a ampliação e o desenvolvimento de novos campos de intervenção profissional possíveis para o profissional de Educação Física. A profissão vem se expandindo, são criados espaços diversificados de atuação e estas alterações no campo favorecem a conquista de um grande quantitativo de estudantes nela interessados. Os jovens alunos ingressam no curso de Educação Física motivados por fatores diversos e no processo de formação apreendem a lidar em termos de estratégias com os diferentes sentidos dados à profissão. O modelo cultural vigente tende a valorizar o campo das práticas esportivas desconsiderando a formação do professor para o ofício de ensinar no espaço escolar. Como os jovens alunos lidam com esses desafios? Desse modo, o texto examina quem são os jovens acadêmicos do curso de Educação Física. Quais concepções de corpo, movimento e estética possuem frente ao modelo de ser jovem dominante nas sociedades contemporâneas? Quais perspectivas elaboram em termos de projetos de profissionalização? O texto contém análise de dados de uma pesquisa bibliográfica e de uma pesquisa de campo em curso. Fundamenta-se, especialmente, em entrevistas feitas com jovens alunos a partir de critérios da faixa etária, condição de classe, gênero e tempo de permanência no curso (em especial, entrevistas com jovens/alunos do quinto período que expressam forte identificação com o curso). Os dados são analisados segundo os conceitos considerados adequados ao processo de pesquisa. Esta se apropria das contribuições da sociologia de Pierre Bourdieu em termos de elementos conceituais (estratégia, campo esportivo etc) e também dos estudos recentes sobre a temática da juventude.

Palavras-chave: Jovens; Ensino superior; Universo sociocultural.

VÍDEOS@JUVENTUDES.BR

Autor(es):
Heloisa Helena Oliveira de Magalhães Couto - UFRJ

A internet é hoje considerada a grande vitrine do audiovisual e principal circuito alternativo para a comunicação entre a produção independente e o público. Os vídeos, compartilhados em sites como o YouTube, de expressiva audiência, promovem diálogo entre quem produz e quem vê, que a qualquer momento pode também produzir. Interagir é ser capaz de produzir seus próprios sentidos e significados, é ser também co-autor. Benjamin, no início do século passado, alertava-nos que a diferença essencial entre autor e público estava a ponto de desaparecer com a ampliação da imprensa e que isso seria aplicável também ao cinema. Avellar acrescenta que a aproximação do produtor com o espectador, hoje acontece, introduzindo uma nova forma de ver

cinema. Neste tempo em que muito da interação passa por interfaces, cada vez mais complexas e numerosas, mediadas por máquinas, o papel do autor, o lugar do espectador o estatuto da obra passam por mudanças significativas. Obras nômades, inconstantes, plurais, como os próprios jovens que têm sido apontados como os grandes interessados e produtores de vídeos na rede. Buscamos trazer esse debate para a educação com a nossa investigação. O que nos mostram os vídeos produzidos e compartilhados pelos jovens na internet? O que podemos dizer dos jovens a partir destas produções? O que nos ensinam as práticas culturais juvenis contemporâneas? Pais e professores reclamam que os jovens em seu tempo livre estão cada vez mais absorvidos pelo mundo virtual e cada vez mais desinteressados pela escola. Esse desinteresse pode ser decorrente da escola não reconhecer ou permitir que as culturas juvenis possam se fazer presentes. No entanto, ao ser indagados sobre as instituições em que mais confiam os jovens citam sempre a escola segundo Novaes. Esse aparente paradoxo demonstra que a escola pode ser uma via alternativa. As tecnologias não são boas (ou más) em si. Podem trazer grandes contribuições para a educação, dependendo da forma como forem utilizadas. Para Barbero, somente assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola pode hoje interessar a juventude, e ajudar a produzir um uso crítico e criativo dos meios e tecnologias audiovisuais e telemáticos. A inovação tecnológica tem aproximado jovens de mundos distintos, de acordo com Novaes e tem permitido ampliar possibilidades de comunicação, de criação, de escolhas, para aquele que vive em tempo de decisões para o futuro e de construção de identidades. Carnavalizando a narrativa e os elementos estéticos predominantemente empregados pelo cinema, conforme análises produzidas em nosso estudo, os jovens vão construindo um "cinema menor" em contrapartida ao cinema dominante. A autoria do jovem é uma prática política e de linguagem.

Palavras-chave: Internet; Juventude; Vídeos.

VIVENDO NOS EXTREMOS: A MORAL SOB PRESSÃO.

Autor(es):
Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira - ProPEd/UERJ

Agência financiadora: CNPq

Tendo como plataforma de lançamento tirar, o interesse de Maffesoli pela convivência entre imperfeição e estética, ou seja, pela totalidade do acontecimento vida, incluindo aí sua "parte de sombras" e uma simpatia pelo que Michel de Certeau chamou de "tática desviacionista" por meio do delito e do excesso, proponho um mergulho às profundezas das sociabilidades de duas "subculturas" juvenis cunhadas, exatamente, nestas nuances certeaunianas do desvio. A primeira, sob a forma do delito, o "Bonde do Xarpi" – meninos e meninas (até meninas? – se espantariam os/as machocratas) moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro, que saem em missões pela madrugada, escalando a cidade na horizontal e na vertical, a fim de espancar seus "nomes" com tinta-spray no próprio corpo orgânico da megalópole, ou seja, fabricando seus delitos cada vez mais visíveis e eternos, na evidência da inca-

pacidade de qualquer redução cunhada em alguma moralidade justificada em si A segunda, vivendo o excesso, as "Proanas e Promias" – meninas que vivenciam o contraditório, trafegando com liquidez entre a perfeição estética e o corpo disforme, entre a mutilação e o alívio, entre o "estilo de vida" e a doença, ou seja, que na convivência e negociação ininterrupta com a anorexia e a bulimia, flagram a insuficiência de tais dualidades. Por meio de conversas e observações aliadas a uma metodologia interminável, condizente com a volatilidade do corpo juvenil, este estudo, nietzschianamente, procura defender o que se auto-sugere "naturalmente indefensável". Ao tecer continuamente um enredamento entre as ações destes jovens, suas sociabilidades e as possíveis críticas sociais inerentes ao agir desviante, este estudo, sob um tom explicitamente contundente, seleciona, como alvo, valores próprios da beatitude cristã. Para isso, foi preciso entender o sonho educo-civilizatório cristão aparentemente bem intencionado e acima de qualquer suspeita, como uma ação reacionária e financeiramente muito bem amparada que, através de séculos, com o custo de muito sangue, inventou os sentimentos, hoje já canonizados, da beatitude: bondade, humildade, obediência e até mesmo a fraqueza, como caminhos garantidos em direção a uma "vida eterna" bem-aventurada. Finalmente, conduzindo a discussão para os desafios de uma educação contemporânea, como é possível perceber as cicatrizes historicamente camufladas deixadas por estes atravessamentos morais no que se entende por processo educacional?

Palavras-chave: Juventude; Subculturas; Moral; Educação.

Sessão de Pôsteres

EIXO - Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens

ADOLESCÊNCIA E INFRAÇÃO: UM CASO DE POLÍTICA PÚBLICA

Autor(es):
Denise Pereira de Araújo

O presente estudo, de caráter qualitativo, faz um *review* das temáticas criança e adolescente, ato infracional e medidas socioeducativas. Analisou-se a trajetória das categorias etárias socialmente construídas e as formas de punição pela transgressão das leis e da ordem social. O Código Criminal do Império e os Códigos de Menores (1927 e 1945) eram regidos pela Doutrina da Situação Irregular, a qual responsabilizava o autor do ato infracional por suas atitudes, desconsiderando a realidade socioeconômica do indivíduo. Nos anos 90, a luta brasileira pela defesa da criança e do adolescente avança com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), orientado pela Doutrina de Proteção Integral, entendida como direito e as medidas sócio-educativas um processo de sanção para mudança de trajetória, com ênfase nas políticas públicas e no apoio sociofamiliar. Todavia ainda há a tendência à punição dos adolescentes infratores, fato intrinsecamente ligado aos valores e à educação da sociedade brasileira. Para enfrentar essa realidade é preciso alterar o atendimento às crianças e aos adolescentes: educação de qualidade; inserção e acompanhamento dos mesmos em programas voltados à emancipação; aplicação da medida socioeducativa condizente ao exposto na legislação; preparação da equipe que trabalha com os assistidos; e, por fim, fazer valer os direitos, bem como o cumprimento da medida socioeducativa aplicada e o monitoramento e avaliação desses fatores

Palavras-chave: Adolescência; Medidas Socioeducativas; Políticas públicas.

DA REVELAÇÃO À NOTIFICAÇÃO: COMPREENDENDO A DENÚNCIA EM SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Autor(es);
Dorian Mônica Arpini - Universidade Federal de Santa Catarina

Agência financiadora: FAPERGS E FIPE

Identificar como as instituições e os sujeitos pesquisados vivenciam a denúncia em situações que envolvem violência contra crianças e adolescentes. Este foi o objetivo da pesquisa, realizada em três instituições, sendo uma Unidade Sanitária e duas escolas. A escolha dessas instituições deve-se ao fato de que,

em geral, são nesses locais que as vítimas de violência fazem a primeira revelação. A pesquisa fez uso das técnicas de entrevista semi-estruturada e grupos focais. Evidenciou-se que existem barreiras no processo de notificação, uma vez que a confidência das vítimas não tem implicado na sua saída da situação de violência, tampouco na notificação. Foi significativa, também, a expressão do sentimento de medo. Os sentimentos de impotência e frustração também têm dificultado o processo de notificação, já que muitos dos casos denunciados não têm sido solucionados. Salienta-se, dessa forma, a falta de credibilidade no processo de responsabilização e proteção da criança e adolescente, uma vez que a maioria dos sujeitos da pesquisa não percebeu que, nos casos notificados, houvesse resolutividade. Para que as violências sejam notificadas e enfrentem um sistema de proteção resolutivo, destaca-se a importância de recuperar e fortalecer a credibilidade das instituições responsáveis pela proteção, visando o aumento das notificações e sua resolução.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Denúncias

ENCONTRÃO JOVEM: CONSTRUINDO PARCERIAS E INCENTIVANDO A ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

Autor(es):
Fabíola dos Santos Cerqueira - Prefeitura Municipal de Vitória

Agência financiadora: SEME/SEMAS-CRJ/SEMSU

No início de 2006 foi formada uma equipe multissetorial, composta por profissionais das Secretarias de Educação, Assistência Social, Segurança Urbana e do Programa Escola Aberta, denominada "Equipe de Mobilização Estudantil". Esta equipe deu início a um trabalho que ficou conhecido como "Encontro de Mobilização Estudantil", cujo objetivo principal é trabalhar a formação política dos representantes de turma e dos representantes de alunos no Conselho de Escola, assim como dos integrantes dos Grêmios Estudantis, nas escolas que possuem essa modalidade de organização estudantil. Nesses encontros sempre há a participação de um profissional da escola, acompanhando os representantes (de turma, conselho de escola ou do grêmio), com o compromisso de incentivar a ampliação da discussão com os outros alunos no retorno à escola. A partir desses encontros (já realizamos quatro), os alunos são motivados a pensar nas possibilidades de participação e de atuação tanto no cotidiano escolar quanto na comunidade em que estão inseridos. Os encontros são realizados para alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, dos turnos matutino, vespertino e noturno. Hoje o grande desafio, principalmente nas escolas em que não há organização estudantil, é pensar na integração dos turnos.

Palavras-chave: Organização estudantil; Grêmio; Mobilização; Participação.

GRUPO DE REFLEXÃO COM ADOLESCENTES EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

AUTOR(ES):
Jacqueline de Melo e Silva - Universidade Federal de Alagoas
Miguel Pereira Barros - Universidade Federal de Alagoas
Susane Vasconcelos Zanotti - Universidade Federal de Alagoas

A proposta deste trabalho é apresentar e discutir um grupo de reflexão com adolescentes, realizado no ambulatório de um hospital universitário. O objetivo principal do grupo consiste em proporcionar, aos seus participantes, um espaço de fala. As reuniões, coordenadas por dois estudantes de Psicologia, ocorreram em encontros semanais com duas horas de duração. Nos grupos, os adolescentes puderam expressar suas opiniões sobre sua vida, escola, amizades, relacionamentos ou quaisquer temas de seu interesse. Durante a realização do mesmo, os adolescentes optaram por utilizar, além da fala, outros meios para se expressar. O trabalho com o tema da violência foi realizado através da elaboração de cartazes utilizando revistas, lápis de cor, cola, dentre outros materiais. Quando o tema foi a escolha profissional, a produção dos sujeito consistiu em desenhos. O grupo de reflexão possibilitou a seus participantes a construção e a ressignificação de alguns temas, como família, profissão, esporte e violência. Os adolescentes ressaltaram a importância e a necessidade de criação e manutenção, no ambulatório, de espaços em que pudessem falar e ser escutados, como realizado nesse grupo. Observou-se ainda, nos participantes, alguns efeitos terapêuticos apesar da proposta não consistir em um grupo terapêutico. Do lado dos estudantes, a discussão sobre o material produzido e alguns aspectos presentes na fala dos adolescentes forneceram elementos que os auxiliaram na condução do grupo e preparação dos seguintes. Aos coordenadores do grupo coube suportar o silêncio inicial e duradouro; as demandas de perguntas e respostas e as situações inusitadas surgidas nos cinco encontros com o grupo. Vivenciar tais situações propiciou aos estudantes um aprendizado acerca da especificidade no modo de trabalho com adolescentes, além de reiterar a importância da prática aliada à teoria. Da mesma forma, apontam para uma questão central: a imprevisibilidade. O presente trabalho discute, ainda, algumas dificuldades encontradas na realização de um grupo como este. Entre elas, a dificuldade dos participantes em compreender a proposta do grupo, bem como usufruir desse espaço de fala. Firmar o compromisso com os adolescentes consistiu em um desafio. No entanto, o trabalho possibilitou modificações no modo como a relação de confiança foi estabelecida entre os participantes e os coordenadores do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo; Reflexão; Adolescentes.

JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E LAÇO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

AUTOR(ES):
Ana Lydia Bezerra Santiago - Universidade Federal de Minas Gerais
Renata Nunes Vasconcelos - Faculdade de Educação da UFMG

Por que os jovens depredam as escolas na atualidade? O que pensam das situações de violência escolar que realizam? Por que nos tempos do discurso da

inclusão o que assistimos é um esgarçamento da instituição escolar com os jovens? Este trabalho é uma pesquisa de doutorado que investiga a relação do jovem com a escola a partir da psicanálise. Objetiva investigar junto aos jovens de uma escola pública municipal de um grande centro urbano, o laço social que este estabelece na atualidade no cenário do discurso da inclusão social. Paradoxalmente ao discurso das políticas de inclusão, vivenciamos o aumento dos relatos de situações de violência, conflituosas e estranhas, até bem pouco tempo, ao cotidiano da instituição escolar. Agressões físicas entre alunos ou envolvendo alunos e professores, depredações, vandalismo, tráfico de drogas, ameaças endereçadas aos profissionais são causadoras de muito mal-estar entre os profissionais, familiares e a sociedade. Em maior ou menor escala, freqüentemente ou apenas em algum momento, essas situações se mostram, tanto nas escolas públicas como privadas. Pela Psicanálise, estas situações são um sintoma social que falam do nosso tempo, pois o sintoma fala da relação do sujeito com a cultura, que oferta nomes e identificações com os quais o sujeito tem que se posicionar. Pela fala é possível destravar identificações e conhecermos um pouco sobre o sujeito e esse tempo. Utilizamos o dispositivo da conversação e uma associação livre coletivizada, pelos quais os jovens são convidados a falar do que vivem no seu tempo. Deixar falar e ouvir estes jovens promotores de mal-estar é a intenção desse trabalho que se encontra na fase de análise dos dados.

Palavras-chave: Juventude; Psicanálise; Escola; Violência; Políticas públicas.

O CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE UNIVERSITÁRIAS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor(es):
Graziela Vanessa Parreira - UNESP/São José do Rio Preto
Izabella Alvarenga Silva - UNESP/São José do Rio Preto

Agência financiadora: FAPESP

O uso de substâncias psicoativas, legais e ilegais, é uma questão presente e muito discutida na sociedade contemporânea, especialmente entre os jovens. O padrão de consumo de álcool entre mulheres ainda é pouco conhecido, desta forma, esta pesquisa tem por objetivo levantar o padrão de beber das calouras 2007 de uma universidade do interior paulista, identificar as que estão bebendo excessivamente e desenvolver intervenções junto a esta população. Utilizou-se um instrumento através do qual foi levantado dados sociodemográficos, padrão de consumo de álcool (Alcohol Use Disorders Identification Test-AUDIT) e a existência de familiar com beber problemático. Responderam ao levantamento inicial 224 alunas, o que correspondeu a 92% das ingressantes. Este grupo apresenta as seguintes características: a) mais da metade delas (52,6%) tem até 18 anos; b) que os cursos que possuem maior número de jovens adultas matriculadas é Licenciatura em Letras e Licenciatura em Pedagogia; no entanto, o curso de Letras possui uma turma no período diurno e outra no período noturno; c) aproximadamente 67,4% do total das alunas estudam no período diurno; d) elas estão distribuídas nos seguintes níveis socioeconômicos: 54,9% na classe B, 25,4% nas classes C, D e E e

17,4% pertencentes à classe A; e) na religião temos a maioria de católicas, com 54,5%. Resultados mostram que 5,0% das universitárias avaliadas apresentaram beber de risco, que é definido por pontuar 7 ou mais no AUDIT. Este grupo foi chamado de "positivo", e apresenta as seguintes características: a) as do período noturno representam 61,5%; b) as que não possuem religião ou que não declaram ter uma, representam 46,1% no grupo positivo, as católicas são 30,7%, as de religião espírita são 15,3% e o grupo das evangélicas são 7,6%; c) em relação ao nível socioeconômico, a classe A é a que possui maior porcentagem no grupo positivo com 53,8% das participantes, a classes B e o grupo formado pelas classes C, D e E contribuem com 23,1%.

Palavras-chave: Uso de álcool; Universitárias; Padrão de consumo.

O QUE OS JOVENS TÊM A DIZER SOBRE SUAS DIFICULDADES ESCOLARES

Autor(es):
Ana Lydia Bezerra Santiago - Universidade Federal de Minas Gerais
Jácia Maria Soares dos Santos - Faculdade de Educação/UFMG
Marlene Maria Machado da Silva - Faculdade de Educação/UfMG
Renata Nunes Vasconcelos - Faculdade de Educação/UFMG

Na atualidade, sabemos que o fracasso escolar tem atingido um número cada vez mais significativo de jovens. Somado a este fenômeno, observa-se que os nomes ofertados aos jovens pela cultura têm afetado substancialmente sua subjetividade, agravando ainda mais sua situação de fracassado. Uma vez que o fracasso escolar é vivido pelo sujeito, a psicanálise propõe trabalhar com o que ele tem a dizer sobre o que sente, tomando o fracasso escolar como um sintoma produzido no interior dos discursos presentes nas práticas escolares. Acredita-se que por meio do sintoma, seja possível explorar a relação do sujeito com a cultura, na medida em que esta lhe oferta nomes. Nosso trabalho é um projeto de pesquisa-intervenção, que está sendo desenvolvido em escolas municipais de um grande centro urbano, sendo que a maioria dessas trabalha com jovens. Objetiva-se, a partir do que o jovem tem a dizer sobre suas dificuldades, investigar, diagnosticar e identificar se um determinado problema sobressai de questões cognitivas, subjetivas ou de saúde mental, além de intervir clínica e pedagogicamente sobre os impasses apresentados pelos jovens. A metolologia adotada por este projeto é a conversação. Dispositivo utilizado pela psicanálise aplicada à educação, é a arte da conversa entre pares sobre temas que os sujeitos propõem, por um tempo determinado. O interesse da conversação é pela singularidade do sujeito e por aquilo que ele será capaz de produzir, frente ao que o angustia, a partir da conversa no grupo, ao escutar seus pares. Na primeira escola em que o projeto foi realizado, mais de 25 crianças e jovens conseguiram sair da situação de fracasso escolar e construir uma outra possibilidade de laço social.

Palavras-chave: Psicanálise aplicada; Jovens; Fracasso escolar; Conversação.

O TRABALHO PSICANALÍTICO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA SAÚDE PÚBLICA – A EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA HEITOR CARRILHO

Autor(es):
Karin Juliane Duvoisin Bulik - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho é resultado da prática de atendimentos psicanalíticos a crianças e adolescentes numa instituição de saúde pública, a Clínica Pedagógica Professor Heitor Carrilho, em Natal (RN). Muito se tem encontrado sobre a prática psicanalítica em instituições de adultos, entretanto o trabalho com crianças e adolescentes neste espaço traz algumas especificidades ainda pouco trabalhadas. Vimos, através deste, discutir questões levantadas por essa prática – a psicanálise em instituição e as especificidades do atendimento psicanalítico de crianças e adolescentes. A Clínica Heitor Carrilho distingue-se em clínica e escola, independentes uma da outra. O serviço de psicologia da clínica recebe encaminhamentos tanto da escola quanto de toda a rede do município e estado e há, além disso, a demanda espontânea. Neste espaço foram realizados atendimentos durante todo o ano de 2007 e, a partir deles, um estudo teórico da psicanálise lacaniana visando responder às questões levantadas. O pedido por uma normalização e normatização desses sujeitos logo se evidencia, além da demanda de prevenção, diagnóstico e cura. Contudo, tendo como direção a psicanálise, não nos cabe garantir essa oferta, mas questionar o pedido, possibilitando assim que a escuta se abra e o que está por trás dessa solicitação possa ser evidenciado. Como conclusão, podemos sustentar que a prática psicanalítica em instituição de crianças e adolescentes tem seu lugar e pode ser realizada desde que o psicanalista não abra mão de sua ética, a ética do desejo, e se proponha a tratar do sujeito em questão.

Palavras-chave: Psicanálise; Saúde pública; Crianças; Adolescentes.

POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDE: ENCONTRO E DES-ENCONTROS

Autor(es):
Ângela Maria Drumond Lage - Universidade Federal de Minas Gerais
Natália de Cássia Horta - Universidade Federal de Minas Gerais
Tatiana Bedran - Universidade Federal de Minas Gerais

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, de cunho bibliográfico que teve como objetivo analisar as políticas públicas direcionadas a juventude no Brasil e de que forma estas políticas têm abordado as demandas e necessidades dos jovens. Além disso, procurou-se compreender como se dá o diálogo com os jovens na implementação de tais políticas. A pesquisa foi realizada através de busca bibliográfica de artigos publicados nas bases de dados LILACS e SCIELO, no período de 2000 a 2008, utilizando como descritores os unitermos adolescente e políticas publicas e a palavra-chave juventude. Tais descritores foram conjugados, sendo encontrados 39 publicações no LILACS e 22 no SCIELO. Através da leitura dos resumos, foram selecionados para esse estudo 34 artigos. Constatou-se a diversidade de abordagens das políticas públicas direcionadas aos jovens sendo a ótica principal dessas políticas as questões referentes ao risco como morbi-mortalidade nessa faixa etária e as questões da sexualidade. Percebe-se assim, a necessidade da elaboração de

políticas que contemplem o jovem como sujeito social e de direitos. Também se observou a apropriação do conceito de juventude pelas ciências humanas e sociais, diferentemente das ciências da saúde que se atêm ao conceito de adolescência, sob a abordagem de risco e vulnerabilidade deste grupo etário. Percebe-se a necessidade de ampliar essa discussão de forma intersetorial para que as políticas contemplem tais sujeitos de forma integral.

Palavras- chave: Adolescente; Políticas públicas; Juventude.

SAÚDE, MULHER ADOLESCENTE E VIOLÊNCIA: BIBLIOGRAFIA ANOTADA

Autor(es):
Larissa E. B. Wollz Novotny - Equipe do Projeto RAMA – NESA/UERJ

Agência financiadora: SPM e UERJ

A violência é um fenômeno de causalidade complexa que se manifesta em situações de coerção e desprazer que afetam e prejudicam a vida das pessoas e a saúde pública. A violência de gênero que afeta a mulher é de caráter menos letal, mais velada e, conseqüentemente, mais difícil de ser visualizada. Os casos de mulheres adolescentes vítimas de violência se apresentam em diversas formas, entre as quais: violência sexual, física ou psicológica, perpetrada por parceiros íntimos e/ou família; adolescentes impedidas de freqüentar a escola; e exploração em trabalho doméstico. No atendimento, freqüentemente o profissional de saúde não identifica a situação de violência pois em sua formação raramente está incluído conhecimento técnico específico que dimensione e compreenda o impacto da violência sobre a saúde. Quando o faz não se sente habilitado a apresentar respostas às situações de violência ou encaminhamento adequado. O resultado disso é a perpetuação das situações em que as adolescentes são duplamente vítimas, em virtude da sua condição de não-adulta e mulher. Frente a esse cenário, realizou-se uma compilação de bibliografias e resumos sobre pesquisas, normas técnicas e políticas públicas referentes à mulher adolescente/jovem em situação de violência. O objetivo desse trabalho é mapear a produção científica existente sobre a temática da violência contra a mulher adolescente/jovem, para instrumentalizar o profissional da saúde na abordagem às situações de violências apresentadas no cotidiano assistencial. A metodologia utilizada, inicialmente, foi uma análise das principais produções sobre a temática priorizando os estudos recentes e historicamente relevantes. Posteriormente, para efeitos didáticos, foram realizados resumos e agrupou-se a produção da seguinte forma: bibliografia específica; bibliografia complementar; protocolos, guias oficiais e normas técnicas; sites úteis; artigos e livros *on-line*; e vídeos. O presente trabalho conta até o momento com 100 matérias analisadas e catalogadas e pretende continuar em permanente atualização.

Palavras-chave: Saúde; Mulher adolescente; Violência.

SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: INTERVENÇÃO DE JOVENS ESTUDANTES EM INQUÉRITO POPULACIONAL.

AUTOR(ES):
Maria Lucia Mendes de Carvalho - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

AGÊNCIA FINANCIADORA: Prefeitura de Suzano

A parceria da prefeitura municipal com duas instituições de ensino público contribui para a pesquisa que envolve estudantes, em ações de intervenção em segurança alimentar e nutricional, cuja finalidade é avaliar competências, habilidades e bases tecnológicas desenvolvidas com discentes e docentes do curso Técnico em Nutrição e Dietética na área de educação alimentar e nutricional, cujo marco teórico é um processo em construção. Este projeto interinstitucional propicia o desenvolvimento de jovens estudantes que receberam treinamento da equipe da universidade, empregando como metodologia para o inquérito populacional a Escala Brasileira de (In) segurança Alimentar (EBIA), que mede a percepção da família sobre a condição de acesso a alimentação. Os jovens estudantes realizaram entrevistas com moradores do município, previamente selecionados, aplicando o questionário no inquérito de base populacional sobre (in) segurança alimentar em 500 famílias de quatro regiões do município, durante cinco semanas. As quatro equipes de entrevistadores eram formadas por oito jovens e um supervisor: um do ensino profissional, um da prefeitura e dois da universidade. Este estudo com os jovens é qualitativo e de cunho social, de forma que buscamos identificar a influência das práticas pedagógicas na formação destes sujeitos, a partir de seus depoimentos sobre a questão proposta após o treinamento: "Faça uma narrativa sobre o motivo que o levou a participar deste projeto de parceria na área de (in) segurança alimentar e nutricional no município de Suzano, considerando a contribuição que este trará a sua carreira profissional no campo da nutrição". Essa questão propiciou àqueles jovens uma reflexão crítica de seus valores, de suas responsabilidades enquanto cidadãos e futuros profissionais da saúde no campo da nutrição, conforme demonstram seus depoimentos: "Espero que nosso trabalho possa ajudar muitas pessoas residentes na cidade de Suzano, para que através deste projeto estas pessoas possam ter uma melhoria no seu estado nutricional".(Elisângela Santos Costa); "Além de me identificar muito com o curso, sou moradora do município de Suzano e por isso tenho interesse em saber a respeito da segurança alimentar de seus moradores e gosto muito do fato de lidar com o ser humano para trocar experiências. Mas o maior motivo pelo qual estou participando do projeto é a oportunidade de colocar em prática o que foi ensinado em sala de aula" (Liliane Rosa da Silva). Chance de conciliar o curso com o qual me identifico e esse trabalho voluntário (Patrícia C. Silva). Pode-se concluir que o envolvimento do jovem em projetos interinstitucionais de educação e segurança alimentar e nutricional, temáticas amplas e complexas, propicia o seu entendimento sobre a construção de políticas públicas e constitui espaços para as escolas compartilharem práticas escolares e pedagógicas com ações de promoção da saúde

PALAVRAS-CHAVE: Educação alimentar; Saúde pública; Nutrição; Juventude.

SER OFICINEIRO: PROJETO DE VIDA OU MERA OCUPAÇÃO DO TEMPO?

Autor(es):
Renata Silva Bergo - Faculdade de Educação - UFMG

Este trabalho apresenta questões que estão sendo abordadas em uma pesquisa de doutorado que investiga o que significa ser oficineiro ou educador social na atual perspectiva que orienta as ações tanto do poder público, quanto da iniciativa privada e organizações da sociedade civil, dirigidas às camadas populares, em espaços que vêm sendo denominados de projetos socioeducativos. Um aspecto fundamental e que vem se tornando característico de tais propostas é a forte presença de jovens atuando como lideranças ou, como tem se tornando mais comum denominar, "oficineiros". Com a criação dos projetos socioeducativos e com eles o aparecimento desse novo personagem social, é possível dizer que, de certo modo, os jovens moradores de vilas e favelas estão tendo a oportunidade de sair da "platéia" dos projetos sociais, deixando de ser apenas o "público alvo" para se tornarem protagonistas de tais ações. Entretanto, apesar da ampla disseminação e, ao que parece, grande aceitação social dessas propostas, é preciso problematizá-las, pois elas estão deixando de ser experiências isoladas, e passam a configurar como uma tendência. Sendo assim, a referida pesquisa problematiza o lugar que a participação em projetos dessa natureza ocupa nas trajetórias de vida dos jovens e também aborda questões relevantes para uma melhor compreensão do atual encaminhamento das ações sociais voltadas para juventude pobre no Brasil.

Palavras-chave: Projetos socioeducativos; Oficineiros; Protagonismo juvenil.

TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: DOS SINAIS DE AVISOS ÀS POSSIBILIDADES DE PREVENÇÃO.

Autor(es):
Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira - Universidade Federal de Goiás

Foi realizada pesquisa qualitativa com 137 adolescentes do Ensino Médio e 6 adolescentes com história de manifestações suicidas (ideação suicida e tentativa de suicídio) em tratamento psicológico, na cidade de Goiânia. O trabalho fundamentado no pensamento sistêmico e na teoria da complexidade situa o suicídio como um sintoma a ser re-significado enquanto apelo à vida, em meio às contradições e demandas da fase adolescente. Método: para a coleta de dados foram utilizados instrumentos – completação de frases e redação temática "A vida de um adolescente que tentou suicídio" com adolescentes escolares e estudo de casos clínicos dos adolescentes atendidos em psicoterapia. Resultados: foi possível articular procedimentos de avaliação dos aspectos qualitativos (categorias) e quantitativos (freqüência de resposta). A análise dos resultados evidencia a competência dos adolescentes em identificar fatores/situações de riscos do suicido: crise de identidade, rejeição de amigos, solidão, depressão, perda de pessoas queridas, desilusão amorosa, drogas e violência. Família e escola foram percebidas tanto na dimensão de risco como de proteção ao suicídio. Conclusão: o estudo destaca a urgência de uma política de prevenção ao suicídio, construção de ações integradas que

visem ajudar os adolescentes a re-significar a existência. Identifica a família e a escola como espaços privilegiados de prevenção ao suicídio.

Palavras-chave: Adolescência; Tentativa de suicídio; Prevenção; Escola..

VIOLÊNCIA E MULHER ADOLESCENTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Autor(es):
Larissa E. B. Wollz Novotny - Equipe do Projeto RAMA – NESA/UERJ

Agência financiadora: SPM e UERJ

Esta pesquisa é parte de um projeto maior que desenvolve ações integradas visando contribuir com a formação de profissionais de saúde, assistência e educação, numa perspectiva intersetorial, para a prevenção e enfrentamento das violências que atingem mulheres adolescentes e jovens. Parte-se do pressuposto de que conhecer, entender e reconhecer a dinâmica das relações violentas que atingem as adolescentes e jovens nas suas diversas formas de expressão no cotidiano é imprescindível para seu enfrentamento. Assim, este trabalho visa apresentar alguns resultados parciais de um estudo sobre a magnitude e a característica da violência que afeta mulheres adolescentes e jovens, segundo esses atores. Os dados foram obtidos através de um questionário aplicado individualmente durante os cursos de sensibilização sobre a mulher adolescente e jovem em situação de violência, nas cidades de: Vitória (ES), Rio Branco (AC), Taboão da Serra (SP), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Cuiabá (MS), Recife (PE), Breves/Ilha de Marajó (PA) e Aracaju (SE). Participaram desse estudo 400 profissionais, que responderam questões sobre a experiência em atendimento com adolescentes e jovens em situação de violência; conhecimento de programas de prevenção, redes de apoio e políticas públicas na cidade em que atuam; e suas impressões, dificuldades, desafios e perspectivas com relação à temática. Os dados preliminares dessa pesquisa revelaram que 78% desses já participaram de algum atendimento com adolescentes e jovens em situação de violência. Desses, em 93% dos casos as vítimas eram do sexo feminino. O pai se destaca como o agressor em 30% dos casos e em segundo lugar o namorado, com 22%. Das tipologias, a violência física foi a mais mencionada em 65% dos casos. No entanto, a violência psicológica e institucional também apresentou relevantes índices: 45% e 30%, respectivamente, o que pode ser interpretado como uma maior visibilidade do fenômeno. Ao que se refere às impressões e dificuldade em promover os direitos e a saúde das adolescentes e jovens em situação de violência evidenciaram-se questões como: pobreza, família, medo, preconceito e falta de oportunidades. Estes resultados apontam o desafio e a complexa relação das questões envolvidas na dinâmica da violência contra a mulher adolescente e jovem, em especial as questões de poder, gênero, relações afetivas e vulnerabilidades.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Gênero.

EIXO - Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens

ALTERNATIVAS POSSÍVEIS PARA O ADOLESCENTE INFRATOR: O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SOCIAL NO PROGRAMA LIBERDADE ASSISTIDA EM BELO HORIZONTE

Autor(es):
Ana Carolina Ferreira Ribeiro - Programa Liberdade Assistida de Belo Horizonte

O trabalho em questão se propõe a discorrer sobre a experiência de orientação social dentro do Programa Liberdade Assistida, desenvolvido em Belo Horizonte. O programa é uma medida socioeducativa prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente para jovens entre 12 e 18 anos que cometeram atos infracionais. A medida visa romper os laços entre o adolescente e a criminalidade. Para tanto, além do atendimento individual com técnicos especializados, o programa conta com o trabalho de orientação social, o que torna a medida mais completa e eficaz. A função primordial do (a) Orientador (a) Social é ser uma referência, promovendo o encontro do adolescente com novas possibilidades, fora da criminalidade. O trabalho se desenvolve no espaço urbano, com o intuito de apresentar ao jovem o que este tem a oferecer, perpassando pelo o exercício de cidadania, o acesso à cultura e o lazer no espaço público. A relação que se estabelece com o jovem é de diálogo e de troca de saberes, onde o planejamento do trabalho é construído conjuntamente. Ao inserir o jovem em programas sociais e políticas públicas voltadas para essa camada da população, o trabalho traz resultados ao mostrar ao adolescente sua posição de sujeito de direitos e deveres, ativo na construção de sua realidade social. Além disso, lhe dá oportunidades de traçar seu próprio caminho, ao oferecer alternativas que até então não lhe foram apresentadas.

Palavras-chave: Adolescente; ECA; Cidadania.

ANÁLISE DO TRATAMENTO DADO PELA IMPRENSA GOIANA AO JOVEM VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

Autor(es):
Alysson Bruno Martins Assunção - Universidade Católica de Goiás

Apesar de a violência contra a criança e o adolescente serem descritas desde a Antigüidade, somente há algumas décadas o tema vem sendo sistematicamente discutido por pesquisadores. O objetivo deste trabalho é analisar o tratamento dado pela mídia impressa da cidade de Goiânia em relação a casos

locais de violência praticada contra o jovem. Neste artigo estão analisadas cerca de 40 matérias jornalísticas referentes ao tema abordado, publicadas em três jornais de circulação diária na capital goiana (O Popular; Diário da Manhã; e o Daqui), extraídas dos referidos veículos de comunicação entre dos dias 1º e 31 de março de 2008. Esses periódicos alcançam diferentes públicos e estratos sociais. Para a compreensão das notícias veiculadas, utilizou-se o método de análise de discurso proposta por Norman Fairclough, para quem a constituição discursiva da sociedade emana de uma prática social que está firmemente embasada nas estruturas sociais concretas, orientando-se para elas. No trabalho empírico e operacional sobre as mensagens veiculadas, procurou-se diferenciar os seguintes aspectos: a) a contextualização dos atos de violência contra os adolescentes no período em análise; b) as diferentes representações dos atores e motivos envolvidos nas notícias veiculadas e as formas de abordagem utilizadas pelos jornais citados; (c) e as idéias mais recorrentes atribuídas pelos três veículos às jovens vítimas nos casos noticiados. Na análise, não se procurou apenas demarcar e classificar os textos para interpretar seus significados imediatos, mas considerar o máximo possível de variáveis presentes no contexto, como um modo particular do uso da linguagem e de outras expressões simbólicas, refletindo com vistas a tentar representar relações sociais envolvidas. Os resultados mostram como esses periódicos posicionam e diferenciam-se quanto à abordagem do jovem, a partir do modo como é moldada a natureza da prática discursiva, que ora procura relações reducionistas de causalidade, ora questiona a prática social. Enquanto alguns periódicos mostraram textos com tratamento mais humanizado do jovem, outras publicações mostraram os mesmos fatos de forma mais fria, colocando o adolescente meramente na condição de "objeto" da violência. As conclusões apontam para a necessidade de maior humanização no tratamento dado pela mídia em relação ao jovem vítima de violência, e oferecem uma rápida reflexão quanto aos papéis de profissionais da comunicação no enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Jovem; Vítima; Violência; Imprensa; Análise de discurso.

ATIVIDADES CULTURAIS COMO POSSIBILIDADE DE INSERÇÃO SOCIAL: REFLEXÕES FEITAS A PARTIR DE UMA POLÍTICA PÚBLICA DE TRABALHO

Autor(es):
Mauricio de Melo Raposo - Observatório da Juventude FAE/UFMG
Saulo Pfeffer Geber - Observatório da Juventude FAE/UFMG

Partindo-se da compreensão da juventude como uma fase da vida com necessidades, anseios e dilemas próprios, e reconhecendo-se a relevância de se pensar políticas públicas específicas para a juventude, a seguinte apresentação objetiva refletir sobre as ações realizadas no Programa Geração de Trabalho Protegido em parceria com a BHTRANS no processo de inserção social de jovens em situação de vulnerabilidade. Reconhece-se, de início, a relevância de iniciativas como dessa apresentação que buscam articular nossa práxis diária com teorias e com outras experiências, tornando-se assim, um norte orientado ao trabalho realizado pelos educadores sociais. O programa Geração de Trabalho Protegido da Associação Municipal de Belo Horizonte, no contexto

da rede de políticas públicas voltadas para a juventude, tem como principal proposta interventiva a inserção de jovens entre 16 e 18 anos no mercado formal de trabalho. Encaminhados por Programas da Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte, esses jovens são contratados como "aprendizes de atendimento" e se dirigem para diversos postos de trabalho. Durante o período em que estão no programa, os jovens são acompanhados por uma equipe técnica responsável por trabalhar com os jovens diversos temas relacionados à cidadania, sexualidade, juventude, além do acompanhamento sociofamiliar e escolar. Também é feita uma formação voltada para a profissionalização por meio de cursos e encaminhamentos profissionais. Grande parte dos 514 jovens inseridos no Programa é encaminhada para diversos postos de trabalho onde exercem funções administrativas como de office-boy e atendente de escritório. No entanto, em parceria com a BHTRANS, e partindo-se de uma demanda real de trabalho, 60 desses jovens são responsáveis pela realização de campanhas e programas de educação para o trânsito através de recursos teatrais. Além das intervenções realizadas pela equipe técnica do programa, esses "jovens educadores para o trânsito" recebem uma formação específica que os instrumentaliza para a realização dos esquetes teatrais. Diariamente recebem aulas de teatro, circo, música, fazem exercícios de alongamento, de técnicas vocais e participam de oficinas de arte-educação. Os jovens são responsáveis, através da entrega de folhetos e realização de esquetes teatrais, por realizar um trabalho educativo que objetiva conscientizar motoristas, motoqueiros e pedestres em relação às questões éticas ligadas à dinâmica do trânsito.

Palavras-chave: Juventude; Cultura; Educação; Política pública.

FÓRUNS DE JUVENTUDE COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DAS PARTICIPAÇÕES POLÍTICAS JUVENIS

Autor(es):
Danúbia Cardênia da Silva - Faculdade de Educação/UFMG
Mauro Costa Rodrigues - Faculdade de Educação/UFMG

Desde sua criação, em agosto de 2004, o Fórum de Entidades e Movimentos Juvenis da Região Metropolitana de Belo Horizonte – FEMJ/RMBH que é uma articulação de entidades e movimentos que desenvolvem trabalhos com jovens e/ou são formados por jovens, vem desenvolvendo atividades formativas através de encontros regulares e eventos pontuais com o intuito de fortalecer o debate em torno das questões juvenis bem como estabelecer uma agenda política comum entre as entidades e movimentos membros do Fórum. O FEMJ/RMBH tem como objetivo estabelecer uma interlocução da sociedade civil com o poder público, buscando dar visibilidade às demandas juvenis em torno das políticas públicas de juventude, além de ser um espaço de debates e de formação de jovens e educadores das entidades participantes. O Fórum promoveu algumas atividades a fim de alcançar seus objetivos visualizados desde sua criação. Uma delas foi o seminário: "Juventude e o acesso à cidade: construindo direitos", ocorrido de 22 a 23 de setembro de 2007, em Belo Horizonte, a discussão do direito de livre acesso à cidade, que

abrange o "passe-livre" e a violência contra o jovem, com desdobramento nos debates da redução da maioridade penal e da violência policial. Outra atividade foi a conferência livre: "Juventude e Direito à Cidade", ocorrida no dia 16 de fevereiro de 2008, em Belo Horizonte. Os debates foram em torno das questões relativas à juventude e, também, a forma de organização das entidades presentes para participarem das respectivas conferências; além da importância do acompanhamento às deliberações das conferências para se garantir a real construção de PPJs alinhadas às necessidades da juventude. A Conferência deu continuidade às discussões relativas ao acesso à cidade, iniciada pelo Fórum em 2007. Estes dois eventos trouxeram como resultados: fortalecimento da identidade do Fórum como um espaço de articulação política dos diversos movimentos juvenis; articulação das entidades entre si e com outros Fóruns/Redes de Juventude; Consolidação do Fórum como interlocutor junto ao poder público no que concerne às políticas públicas de juventude; Definição de uma agenda política comum para pautar a articulação e mobilização das ações coletivas no campo da defesa dos direitos das juventudes; acompanhamento das deliberações das conferências para se garantir a real construção de PPJs alinhadas às necessidades da juventude. Nos últimos quatro anos o Fórum vem atuando no fortalecimento da participação das entidades e movimentos juvenis na arena política das Cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, através da promoção e participação em debates pertinentes à juventude contemporânea e à ação política direta. Diante da observação feita ao FEMJ/RMBH, através de nossa participação e acompanhamento do mesmo e da realidade da juventude brasileira, destacamos a importância social de espaços como este para articulações, organizações e reorganização da juventude na luta pelos seus direitos.

Palavras-chave: Juventude; Participação; Entidades.

INFORMÁTICA E CIDADANIA: UMA INCLUSÃO POSSÍVEL NA EFETIVAÇÃO DO DIREITO

Autor(es):
Ana Maria da Trindade - Casa da Juventude Pe. Burnier
Josiane Emilia da Silva - Casa da Juventude Pe. Burnier

Agência financiadora: AJEAS

A intenção deste trabalho é apresentar o cotidiano do projeto Informática e Cidadania da Casa da Juventude Pe. Burnier, que tem como principal objetivo a garantia do direito de adolescentes e jovens ao acesso à qualificação profissional, oportunizando a estes a inclusão digital e social para que eles e elas consigam ingressar no mercado de trabalho. Garantindo assim o aprendizado dos/as jovens utilizando as ferramentas essências de introdução à informática: Windows, Word, Excel, Power Point, internet e digitação, bem como o estímulo à escolarização, construção do projeto de vida, fortalecimento de vínculos familiares, engajamento comunitário, leitura crítica da realidade dentre outros. Este projeto existe há cinco anos e neste tempo já atendemos aproximadamente 1680 adolescentes e jovens oriundos da Grande Goiânia. Um dos maiores desafios da proposta são as limitações do público atendido que

apresenta dificuldade de aprendizagem, de locomoção, situações de pobreza e violência, resultado da condição social que os jovens da classe trabalhadora enfrentam no seu dia-a-dia. O curso de Informática e Cidadania está em consonância com outras atividades oferecidas pela instituição, sendo acompanhado por equipe multidisciplinar que trabalha na perspectiva de garantir a promoção do protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Juventude; Inclusão; Cidadania.

INVESTIGANDO AS JUVENTUDES NORDESTINAS: A OFICINA COMO RECURSO METODOLÓGICO

Autor(es):
Lila Cristina Xavier Luz - Universidade Federal do Piauí

Agência financiadora: FLACSO Brasil

O pôster enfoca a experiência da oficina enquanto principal recurso de coleta de informações e troca de saberes entre os sujeitos num processo de pesquisa, jovens nordestinos com faixa etária entre 18 e 30 anos, e a equipe de pesquisadoras do projeto de investigação intitulado "Juventudes do Nordeste do Brasil". O projeto representa parte do trabalho realizado pela equipe de pesquisadores em amplo projeto promovido pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO/Chile) e com participação do NUPEC/UFPI. A oficina ocorreu em julho de 2007, em Olinda (PE) e contou com a participação de 43 jovens provenientes de todos os estados da região. O objetivo da oficina foi promover uma discussão acerca das juventudes nordestinas, sobre as realidades que os jovens experimentam nos seus estados e no Nordeste como um todo e sobre a participação do jovem em coletivos juvenis. No decorrer das atividades a equipe adotou a estratégia de subagrupar os participantes, observando a necessidade de os estados se fazerem representados da forma mais plena possível nos subgrupos formados. Os jovens coordenaram e relataram, no espaço coletivo, a experiência, exercendo a autonomia ante os processos de discussão e de divulgação grupal desencadeados. Apenas referenciados no roteiro geral do projeto FLACSO, tendo em vista os interesses investigativos, os subgrupos dispuseram de ampla liberdade para construir diversas outras interrogações suscitadas pelas interlocuções. Foram também os jovens que construíram as formas mais adequadas de expressar suas idéias, elaborando cartazes e apresentando relatos finais. A fim de propiciar a socialização entre os coletivos juvenis presentes, a equipe dispôs um "varal" para exposição dos materiais de divulgação conduzidos à oficina pelos jovens. As informações orais produzidas foram gravadas e posteriormente transcritas e os demais aspectos do evento foram registrados através da fotografia. Como resultados foram apontados o entendimento da diversidade juvenil, as dificuldades e experiências partilhadas dos jovens nas comunidades onde residem, as demandas apontadas pela juventude como prioritárias à sociedade brasileira e as motivações gerais que orientam a participação dos presentes em organizações juvenis, possibilitando a coleta de dados e a troca de conhecimentos

Palavras-chave: Juventudes do Nordeste; Oficina; Coletivos juvenis.

JOVENS DE CAMADAS POPULARES E CONCLUSÃO DO ENSINO SUPERIOR: A RELEVÂNCIA DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Autor(es):
Maria Aparecida Morgado - UFMT

A assistência estudantil no ensino superior público é executada por meio de ações que garantam a permanência de estudantes oriundos das camadas populares. Dentre as ações desenvolvidas na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o estudo investiga os moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU) e as bolsas de atividades acadêmicas. São focalizados os formandos dos semestres 2007/2 e 2008/1 para investigar quais são suas perspectivas de emprego e/ou de estudo após a conclusão da graduação. Nos dois semestres referidos, prevê-se que 21 estudantes concluirão a graduação. Até o presente, foram feitas e analisadas duas entrevistas, com um estudante de Filosofia e um de Engenharia Florestal. Ambos afirmaram que sem a assistência estudantil não estariam no fim de uma graduação, numa cidade diferente da família. Reconhecem que a assistência tem várias deficiências, desde a falta de divulgação dos programas e serviços até a ausência de acompanhamento aos assistidos. Os entrevistados findam o curso com expectativas diferenciadas: um conseguiu contatos e aproveitou oportunidades dentro do ambiente acadêmico para continuidade dos estudos na pós-graduação; o outro almeja um emprego na área de formação, mas ainda não tem nada em vista. Independente das diferentes perspectivas, a assistência foi indispensável para a permanência na UFMT desses sujeitos que com esforço chegaram ao ensino superior público e permanecem nele apenas porque são amparados pelos programas assistenciais.

Palavras-chave: Jovens; Ensino superior; Ações assistenciais.

JOVENS UNIVERSITÁRIOS ATENDIDOS NO PROGRAMA DE SAÚDE MENTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS: UMA ANÁLISE DOS MOTIVOS DA CONSULTA

Autor(es):
Livia Mesquita de Sousa - Universidade Federal de Goiás

Pesquisa do FONAPRACE (2004) revelou que 36,9% dos estudantes das IFES apresentaram problemas emocionais durante o último ano, que 5,5% já procuraram ajuda psiquiátrica e 27,3% procuraram ajuda psicológica. As ações em saúde mental na UFG existem há 20 anos. Em 2003, o Programa de Saúde Mental ampliou significativamente o atendimento aos estudantes. Levantamento realizado nas fichas de primeira entrevista em 2006 revelou que 73% das pessoas atendidas são estudantes. Tornou-se importante conhecer os motivos pelos quais os jovens universitários têm procurado o programa a fim de compreender melhor a demanda aos atendimentos. Para isso, foi realizado um levantamento direcionado para as pessoas atendidas dentro da faixa etária de 18 a 24 anos, a partir das fichas de primeira entrevista, distribuindo-as nas seguintes categorias: idade, sexo, curso, motivo da procura e encaminhamento. Os resultados mostram que entre os anos de 2005 e 2007 foram atendidos 97 estudantes com idade até 24 anos, 67 do sexo feminino e 30 do sexo

masculino, 48 das Ciências Humanas e Artes, 22 das Ciências Biológicas e 17 das Ciências Exatas, 10 sem informação. A análise mostra que as queixas são múltiplas, com predomínio dos estados depressivos, que aparecem 49 vezes, seguidos de diferentes graus de ansiedade, que apareceram 46 vezes, e das dificuldades acadêmicas, que apareceram 40 vezes. Depois vêm as dificuldades de relacionamento, seguidas de busca pelo autoconhecimento e queixas genéricas relativas à auto-observação. O uso ou abuso de drogas só apareceu 5 vezes e idéias suicidas ou tentativa de suicídio apareceram 4 vezes. Esses motivos, em especial os ligados à ansiedade, estão de acordo com outros estudos realizados em serviços de atendimento ao estudante.

Palavras-chave: Jovens; Universidade; Saúde mental.

O QUE É POLÍTICA PÚBLICA PARA VOCÊ? ENSAIO SOBRE A OPINIÃO DOS PARTICIPANTES DA I CONFERÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE DO ESPÍRITO SANTO

Autor(es):
Aline Pinheiro Schultz

A partir da convocação do Governo Federal ocorreram em 68 municípios do Espírito Santo as Conferências Municipais de Políticas Públicas de Juventude. Representantes destes municípios reuniram-se na Conferência Estadual encaminharam o debate e as propostas do Espírito Santo para a etapa nacional. Mas esse processo provoca certas reflexões: como está o debate sobre políticas públicas, principalmente de juventude nos municípios do país? Qual a discussão realizada sobre o tema? A partir de qual idéia de políticas públicas que os participantes discutiram e criaram suas propostas para uma política pública nacional de juventude? Os participantes da conferência estadual foram convidados a responder espontaneamente: o que é política pública para você? Cerca de 35% do total de participantes responderam a pergunta, sendo a maioria representantes da sociedade civil. As idéias tiveram representação de todas as regiões do estado, que apresentam realidades diversas apesar da pequena extensão geográfica. As concepções apresentadas apontam a dificuldade para conceituar o assunto tratado no evento, onde foram representar as juventudes de seus municípios. As respostas apontam referências às ações governamentais, ao espaço da conferência, à garantia de direitos, à função do Estado. Entretanto indicam a necessidade do debate amplo sobre o assunto, reunindo gestores e sociedade civil, na discussão sobre a formulação, a implementação, o acompanhamento e a avaliação. Ficam ainda perguntas como: quais são as idéias que reuniram-se na etapa nacional e assim apontaram as propostas de políticas públicas de juventude?

Palavras-chave: Política pública; Conferências de juventude.

PROJETO CASA DO ÚTIL – CADU - FUNDAÇÃO FUNDETEC

Autor(es):
Tiago Carzetta Marchina - Faculdades Metropolitanas Unidas

A Casa do Útil é um projeto mantido pela Fundação para o Desenvolvimento da Tecnologia, Educação e Comunicação (Fundetec) uma fundação sem fins

lucrativos instituída no ano de 2001, que tem como missão elevar a qualidade de vida e igualdade das pessoas através da tecnologia. Os principais objetivos do Projeto Casa do Útil são: proporcionar um novo espaço de aprendizagem para jovens de baixa renda; promover ações de desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional que permitam aos jovens criar perspectivas para a construção de um projeto de vida socialmente integrado; assegurar a melhoria das condições de competitividade dos jovens para o acesso e a permanência no mercado de trabalho. Para alcançar esses objetivos o projeto ministra aulas de português, matemática, inglês, orientação profissional, história, educação ambiental, cursos de capacitação em ferramentas de administração, vendas e telemarketing. Todas as aulas são ministradas por voluntários. O Projeto Casa do Útil já está em andamento desde janeiro de 2008, de forma experimental, na Cidade de Bauru, onde atende 10 alunos com idade entre 13 e 17 anos, estudantes da rede pública de ensino. A partir de abril de 2008 passará a acontecer em São Paulo, para o mesmo perfil de público, utilizando a estrutura física da Faculdade de Tecnologia Fundetec (outro projeto da Fundação Fundetec).

Palavras-chave: Inclusão social; Inclusão digital; Capacitação profissional.

PROJETO SOCIAL IR. LOURENÇO – UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA PARA ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NA CIDADE DE NATAL.

Autor(es):
Francisco Pereira da Silva Neto - Centro Marista de Pastoral/Natal
Heloísa de Oliveira Campos - Centro Marista de Pastoral/Natal
Vanucci Correia Lima Rodrigues Pinto - Centro Marista de Pastoral/Natal

O presente trabalho apresenta as propostas de intervenção do Projeto Social Irmão Lourenço, desenvolvidas a partir do ano de 2007, enquanto uma das ações do Centro Marista de Pastoral (CMP/Natal) como Centro Social da UNBEC. Este projeto tem como área de atuação o apoio socioeducativo em meio aberto e a orientação e apoio sociofamiliar pautado no ECA – Lei 9069/90, através do Princípio da Proteção Integral e visa assegurar a efetivação dos direitos dos adolescentes à educação, ao esporte/lazer, à profissionalização, à cultura e à convivência familiar. Este projeto é pensado como um espaço educativo para adolescentes residentes em bairros periféricos da cidade de Natal (RN), atendendo a 102 adolescentes, na faixa etária de 12 a 18 anos. O mesmo funciona em horário complementar ao escolar e no sábado à tarde, com diversas atividades. Pensando a escola como espaço privilegiado na formação de agentes transformadores da realidade, firmaram-se parcerias com as Escolas Públicas em que os adolescentes estão inseridos. Outro parceiro é o SENAC, através do Projeto Aprendiz Cidadão, contribuindo na formação profissional dos participantes. Os resultados preliminares podem ser observados empiricamente como positivos, a partir da inserção dos adolescentes nos cursos profissionalizantes e, consequentemente, no mercado de trabalho como aprendizes, além da contribuição para a redução do abandono escolar e o combate ao trabalho infantil.

Palavras-chave: Adolescentes; Escola; Família; Sociedade.

EIXO - Jovens: sexualidade e gênero

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES ENTRE AS/OS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.

Autor(es):
Luanna Meriguete Santos - Universidade Federal do Espírito Santo
Luiza Mitiko Yshiguro Camacho - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência financiadora: CNPq

A proposta deste trabalho é investigar a violência simbólica de gênero no cotidiano de uma escola pública da Grande Vitória (ES). Os sujeitos da pesquisa são jovens do 2º ano do Ensino Médio, sendo a pesquisa um trabalho quantiqualitativo, cuja coleta de dados se constitui de consulta a documentos da escola, observação do cotidiano, aplicação de entrevistas individuais e grupos focais com alunas e alunos, corpo docente e equipe técnico-pedagógica. A juventude é uma construção social, portanto, varia de sociedade para sociedade e sofre as demarcações de gênero. Não podemos pensar a juventude sem pensar as Relações de Gênero que entrelaçam e produzem condições e situações juvenis diferentes para meninas e meninos. Fundar um padrão masculino e um padrão feminino único da juventude representa restringir as diversas possibilidades de ser jovem e produzir relações de gênero desiguais e violentas. Entender a Violência de Gênero significa entender a estrutura social que constrói, impede, limita e adequa os lugares femininos e masculinos. Uma violência que delineia as relações sociais é reproduzida na medida em que a estrutura social é reproduzida sem outras possibilidades. Simbólica já que opera através das falas, dos discursos, dos gestos, dos signos, da arquitetura dos espaços, das subjetividades etc. Talvez a naturalização das nossas relações desiguais constitua a maior das violências.

Palavras-chave: Juventude; Relações de gênero; Violência simbólica.

COMPORTAMENTO SEXUAL E PERCEPÇÃO DO HIV/AIDS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor(es):
Raul Aragão Martins - Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto

Agência financiadora: CNPq

Dentre as DSTs, o HIV/AIDS merece destaque; seu perfil antes traçado pelos "grupos de risco", hoje cresce entre as mulheres, corroborado pela pauperização, interiorização e heteriorização. Estudando a feminização da epidemia

devemos refletir a mulher segundo o conhecimento do próprio corpo, senso de saúde e noção de prevenção, a sua autonomia na sexualidade e os fatores biopsicossociais que aumentam a vulnerabilidade das jovens. Nesta perspectiva pergunta-se se as jovens sabem dos fatores que as tornam vulneráveis e qual o grau de autonomia para a realização de prevenção em suas atividades sexuais. As respostas a estas questões podem esclarecer as conexões da formação de suas condutas sociomorais, explícitas e implícitas, que podem contribuir para a realização de intervenção, orientação e conscientização efetiva. Portanto, questionamos o adolescer, suas implicações, a formação do feminino, as diferenças sexuais e a cultura vigente; determinantes do fenômeno feminização, dos seus valores interrelacionados à sociedade, liberdade e autoresponsabilidade. A partir destes questionamentos procurou-se identificar as práticas sexuais de risco e avaliar relação de gênero, estimar a prevalência das práticas sexuais e avaliar conhecimento sobre o HIV/Aids e o corpo feminino entre as universitárias. Utilizou-se um questionário quantitativo que descreve o comportamento sexual e propicia informações numerosas e detalhadas; e uma entrevista semi-estruturada com marco na primeira relação sexual caracterizada por três momentos: o primeiro – contexto da vida na tomada de decisão do início da vida sexual; o segundo – contexto e detalhes das experiências sexuais e o terceiro – reflexão sobre o sentido das experiências, segundo sua conduta e comportamento sexual.

Palavras-chave: Sexualidade; Mulheres jovens; HIV/AIDS.

CONJUGALIDADE HOMOAFETIVA SOB O OLHAR DA JUVENTUDE

Autor(es):
Felipe Rosa Lima

A conjugalidade homoafetiva é um fenômeno social que está ganhando relevância social, passível de se constituir em uma Representação Social. A pesquisa exploratória aqui relatada foi motivada pelo número de casais do mesmo sexo, compostos por pessoas jovens, circulando por espaços públicos. Partindo da hipótese que a juventude está mais aberta para mudanças, o objetivo dessa pesquisa foi verificar se jovens universitários construíram representações sociais sobre a conjugalidade gay e as características das representações. Participaram 46 graduandos da área de Ciências Humanas e Sociais, com idades entre 17 e 26 anos, média de 19,5 anos. Utilizou-se a abordagem de associação livre de idéias. As respostas foram analisadas pelo programa EVOC. As evocações mais freqüentes e mais prontamente evocadas foram diferente-estranho e feio-nojento, que indicam estranhamento e rejeição. Aceitação, amor, coragem, direito, luta, não-permitido, preconceito, respeito com alta freqüência e evocações mais tardias, sugerem aceitação. Observaram-se diferenças nas evocações de mulheres e de menores de 20 anos. A evocação feio-nojento integra os elementos com baixa freqüência e alta relevância na representação de mulheres e desaparece nas representações de menores de 20 anos, sugerindo aceitação. A evocação diferente-estranho permanece como central na maioria dos casos analisados. Os resultados sugerem possíveis representações construídas sobre as relações homoafetivas.

Palavras-chave: Conjugalidade; Homoafetividade.

SENSIBILIZANDO PARA A DIVERSIDADE – JOVEM

Autor(es):
Tiago Carzetta Marchina - Faculdades Metropolitanas Unidas

Desenvolvido pela Associação Brasileira de Turismo para Gays Lésbicas e Simpatizantes, associação sem fins lucrativos que possui como um de seus objetivos a capacitação e a educação para a inclusão social dos segmentos vulneráveis, o projeto "Sensibilizando para a Diversidade – Jovem" teve início de forma espontânea no ano de 2004 para atender a demanda de palestras das instituições de ensino superior sobre o tema Turismo GLS. No ano de 2006 transformou-se e passou a abordar a temática da diversidade de forma mais abrangente, atingido, no ano 2007, a marca de 2000 participantes, todos alunos do ensino superior da Região Metropolitana de São Paulo, com média de idade entre 17 e 25 anos. O projeto consiste em um seminário gratuito ministrado pelo presidente da associação ou por um dos diretores com duração de uma hora e meia e espaço para perguntas e debates. São abordadas questões de gênero e identidade sexual, preconceitos e estereótipo, direitos e legislação e o cenário atual das questões de diversidade. O objetivo principal do projeto é levar o jovem à reflexão sobre o seu papel na inclusão social dos segmentos vulneráveis da sociedade e tem como meta sensibilizar esses jovens para lidar com a diversidade em seu ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Diversidade sexual; Jovem; Capacitação.

EIXO - Juventude, escola e trabalho

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – PROEJA EM GOIÁS

Autor(es):
Cinthia Mendes Ferreira - Universidade Federal de Goiás

Agência financiadora: CNPq

A presente pesquisa de Iniciação Científica situa-se no campo da Educação de Jovens e Adultos, mais especificamente a formação de professores do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). O programa visa um novo diferencial em termos de proposta curricular na modalidade de EJA, podendo oferecer ao mesmo tempo tanto o Ensino Médio completo e uma profissionalização de nível técnico. Pensar as categorias relacionadas ao trabalho na EJA implica na desmistificação de concepções alienantes que colocam os sujeitos na condição de meros reprodutores. O lugar do trabalho na vida do jovem e adulto precisa ser o lugar do ser, onde ele se realiza enquanto produtor de si mesmo e produtor de cultura. Tendo como resultado essa pesquisa, foram realizados estudos sobre a EJA em termos legais, ou seja, como a EJA está inserida nas políticas públicas educacionais, nos inteiramos de uma ferramenta virtual, o Drupal, que nos possibilitou a construção coletiva de um portal dos fóruns de EJA, e dentro dele construímos três sítios que servem de referência para a formação e informação de sujeitos que queiram conhecer o universo da EJA: www.forumeja.org.br/go/gt18.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação profissional.

CURRÍCULO, ESCOLA E JUVENTUDE

Autor(es):
Julio Antonio Moreto - Secretaria Municipal de Educação de Campinas e Faculdade de Educação da UNICAMP

Este pôster tem por objetivo apresentar a trajetória de um Grupo de Trabalho (GT) com os professores de uma Rede Municipal de Ensino que no momento implementa o ciclo para esta etapa da Educação Básica. O foco do trabalho é, a partir da concepção de jovens, da juventude, informar a construção de um currículo, organizado no coletivo das áreas de conhecimento (os diferentes componentes curriculares), onde os professores incorporam o entendimento de juventude na ação pedagógica, para fazer frente à seriação, compartimen-

talização do conhecimento, à exclusão, avançando para construção de um trabalho coletivo que implicaria no ciclo. Os participantes do GT encontram-se semanalmente para a discussão dos eixos currículo: representante de uma sociedade futura ou da passada, necessária de mudança; de juventude: sujeitos partícipes da sociedade, na construção de um determinado modo de ser jovem; do ciclo: como possibilidade de organização da escola tendo por base um conjunto de experiências socialmente significativas para a idade do aluno; e de escola: como local de (re)construção e disseminação do saber produzido historicamente. Os resultados a partir do produto das discussões em relação à forma como iremos relacionar os três eixos do trabalho serão apresentados no III JUBRA, pois no momento o grupo está iniciando as discussões, por conseguinte não há resultados, mesmo que preliminares.

Palavras-chave: Currículo; Escola; Ciclos; Juventude.

DAS POLÍTICAS DE JUVENTUDE EM CAMPINAS

Autor(es):
Raquel Honorato da Silva

Este é um estudo, já em fase final, desenvolvido num curso de mestrado e cujo objetivo é apresentar as políticas de juventude, voltadas para a área de trabalho, que foram implantadas na cidade de Campinas (SP), considerando a atuação das esferas de governo envolvidas (federal, estadual e municipal) e os programas criados por cada uma delas. Foram considerados dados importantes da realidade brasileira, dentre os quais a grande presença de jovens em sua população total, cerca de 20% segundo dados do IBGE, e as condições socioeconômicas da maioria de seus integrantes, que vem a ser a grande defasagem educacional, o desemprego e a inserção no mercado informal de trabalho; situações de grande marginalização social. As informações que embasaram este trabalho foram retiradas de autores como Márcio Pochmann, que apresenta dados referentes à presença juvenil no mercado de trabalho atual; Marília Sposito, que discute a implementação de políticas públicas voltadas para o atendimento de demandas da juventude como uma das possibilidades existentes para o enfrentamento do panorama em questão; e Marta Arretche, que chama a atenção quanto a descentralização fiscal presente no Estado brasileiro, a qual não apresenta definições bem claras e explícitas das funções a serem desenvolvidas, na área social, por cada esfera de governo. A pesquisa foi feita com a consulta a documentos disponibilizados em sites oficiais.

Palavras-chave: Juventude; Trabalho; Politicas publicas.

ESCOLA BÁSICA E PERMANÊNCIA DE JOVENS NO CAMPO: RELAÇÕES E PERSPECTIVAS

Autor(es):
Sicleide Gonçalves Queiroz

A presente pesquisa tem como foco uma investigação acerca das contribuições da escola básica para a permanência no campo de jovens que já conclu-

íram o Ensino Médio, residentes na comunidade rural Alecrim, localizada no município de Teofilândia (BA). A problemática surgiu a partir da percepção de que nos últimos anos houve uma redução da migração para as cidades de jovens mais escolarizados neste espaço rural. A pesquisa, em andamento, mostra que a permanência no campo destes sujeitos está muito mais associada a fatores econômicos do que educacionais. A contextualização teórica do objeto de estudo gira em torno de reflexões sobre as relações históricas entre educação e trabalho no espaço rural, o contexto e as perspectivas de vida dos sujeitos investigados a partir de autores como Leite, Santos, Oliveira, Freire, Carneiro e Pereira. A opção metodológica da pesquisa é a abordagem qualitativa. A coleta de dados se dá através do trabalho com grupo focal, questionários, roteiro de entrevistas e observação da realidade. Investigar o papel da escola básica na vida e comportamento dos jovens do campo é uma das propostas dessa pesquisa, busca-se assim compreender essas relações e as perspectivas de vida dos jovens num contexto de transformações sociais, culturais e econômicas no qual a diferenciação dos espaços urbano e rural reconfiguram-se e tornam-se cada vez mais tênues.

Palavras-chave: Escolarização; Jovens; Eespaço rural.

ESCOLA E JUVENTUDE: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS NA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Autor(es):
Ana Lise Costa de Oliveira - Universidade Estadual de Feira de Santana

Agência financiadora: UEFS

A educação tem sido propulsora de uma nova era do conhecimento, exigindo uma sociedade aprendente. Nesse cenário, escola e família, agentes tradicionais de formação e socialização dos jovens, têm seus papéis ressignificados interferindo na relação que estas instituições estabelecem na constituição do ser jovem. A presente pesquisa com enfoque qualitativo – observação participante e grupo focal – vem sendo desenvolvida numa escola de EnsinoFfundamental no município de Riachão do Jacuípe com jovens entre 14 e 17 anos. Ela suscita uma problemática que envolve a tríade escola-juventude-formação de valores. Assim, os seguintes questionamentos orientam essa investigação: Como a escola vem contribuindo para a formação de valores humanos nos jovens? Quais os princípios filosóficos subjacentes a essa formação? De que maneira o jovem percebe e vivencia esses valores no cotidiano escolar? A pesquisa, portanto, visa analisar o papel da escola, como instância formadora de valores humanos da juventude. Referendadas na premissa de que a educação contemporânea precisa resgatar a sua condição de produtora de sentido, surge a necessidade das escolas incorporarem no seu cotidiano um *ethos* subjetivo, considerando a conquista da autonomia moral pelos jovens, e somado a isso uma nova condição protagonista da juventude.

Palavras-chave: Educação; Escola; Juventude; Valores humanos.

EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E PROJETOS DE FUTURO DOS/DAS JOVENS DO SERTÃO DA BAHIA

Autor(es):
Catarina Malheiros da Silva - Universidade de Brasília

Agência financiadora: FAPESB

O presente texto apresenta resultados parciais da pesquisa desenvolvida sobre juventude rural. Este estudo, em execução desde março de 2007, visa compreender e analisar o significado das experiências escolares e das vivências cotidianas para a formação de jovens que vivem no sertão da Bahia. Para responder às questões e objetivos propostos realizou-se a primeira etapa do trabalho de campo, no período de janeiro a março de 2008, na qual a observação participante, a entrevista narrativa e a realização de grupos de discussão constituíram os principais instrumentos de coleta de dados. Foram formados 10 grupos de jovens do sexo masculino e feminino – a partir do critério da amizade – estudantes dos dois últimos anos do Ensino Fundamental numa escola pública, localizada em área rural de um município do Estado da Bahia. A análise está sendo feita a partir do método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack. Como resultado do trabalho desenvolvido até o momento a escola é apontada como relevante para a concretização dos projetos de futuro, sendo referenciada ainda como espaço de socialização, aprendizagem e credenciamento social. A vivência juvenil no sertão baiano encontra-se marcada por singularidades que estão atreladas às dimensões socioeconômica, étnica, familiar e de gênero que caracterizam o entorno em que estão inseridos estes jovens.

Palavras-chave: Juventude rural; Escola; Projetos de futuro; Cotidiano.

EXPERIÊNCIAS JUVENIS E OS PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Autor(es):
Carlos Rangel Neves Otto

Este trabalho dedica-se a compreender as relações pessoais, interpessoais e acadêmicas estabelecidas pelos jovens que participaram dos programas de iniciação cientifica da Universidade Federal da Goiás (UFG). Decidimos focar nosso olhar na ótica dos/as jovens, por isso, o objetivo principal é investigar e analisar quais as representações sociais os jovens fazem da experiência que vivenciaram na iniciação científica. Nesse sentido faz-se necessário perceber como os/as jovens concebem a prática da iniciação cientifica, como eles (as) avaliam suas relações com orientadores/as e também se poderia haver uma relação entre a concepção de juventude que predomina na sociedade, enquanto fase de transição e preparação para a vida adulta, e a experiência da iniciação científica enquanto prática preparatória para os programas de pós-graduação. A metodologia constará da revisão da literatura específica do universo juvenil e da pesquisa enquanto prática formativa, a coleta e análise de dados oficiais a respeito dos programas de iniciação científica da UFG, e inclui ainda entrevistas semi-estruturadas e grupos focais que serão opções

adotadas neste trabalho para apreender o discurso dos/as jovens a respeito de suas experiências. Primeiras inferências nos indicam ser relevante a relação existente entre a concepção de juventude e os programas de iniciação como etapas de transição e também a percepção juvenil desta etapa acadêmica como uma prática pedagógica.

Palavras-chave: Juventude Iniciação científica; Representações sociais.

JOVENS E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA E AO TRABALHO

Autor(es):
Claitonei de Siqueira Santos - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: CAPES

Este pôster tem como objetivo apresentar resultados da análise de duas entrevistas realizadas, com um jovem e uma jovem, ambos trabalhadores, estudantes da modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) no turno noturno. Além de entrevistas foram aplicados junto aos jovens da EJA de uma escola municipal da região leste de Goiânia questionários abertos e realizado um grupo focal no desenvolvimento de uma pesquisa que envolve estudantes e professores/pesquisadores da Universidade Católica de Goiás. Tem como objetivo analisar os sentidos que esses jovens estudantes da EJA atribuem à escola e ao trabalho. Os dois jovens expressam concepções diferenciadas acerca do trabalho e da escola? Percebem alguma relação entre o que aprendem na escola e o mundo do trabalho? Qual a importância dada ao trabalho para resolução de questões cotidianas em suas vidas? A escola, nesse caso, aparece valorizada como agência socializadora? Os jovens reproduzem em seus discursos as concepções recorrentes tanto na instituição de ensino como no meio social, de que a escola é a melhor e única forma de ascensão profissional? Verifica-se a existência de contradição nos argumentos apresentados pelos jovens? As questões serão analisadas teoricamente a partir das informações empíricas coletadas.

Palavras-chave: Jovens; Trabalho; Educação de Jovens e Adultos.

JUVENTUDE E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO COMUNITÁRIA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS EM UNAÍ (MG)

Autor(es):
Maria Aparecida de Oliveira - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: UCG

Este trabalho origina-se de uma pesquisa que objetivou verificar se a religião, na sua dimensão comunitária, contribui no quesito trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas. Para tal, partiu-se da hipótese de que a dimensão comunitária da religião contribui positivamente no quesito trabalho em equipe exigido no curso de Administração de Empresas. A metodologia usada foi pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Assumiram-se os conceitos de juventude como uma categoria cultural e socialmente construída, a religião como eminentemente coletiva e fornecedora de sentido à vida; a administração como aquela que, sob o comando de alguém, presta um ser-

viço ao outro. As equipes de trabalho são um conjunto de pessoas reunidas para atingir um objetivo comum. A faixa etária dos jovens entrevistados foi de 18 a 24 anos. O resultado da pesquisa mostrou que a experiência da dimensão comunitária da religião influencia as relações interpessoais. Um gestor bem sucedido deve ter habilidade com pessoas, se traduz em saber delegar, influenciar, motivar, ouvir e trabalhar em equipe. As equipes de trabalho têm sido uma estratégia diferenciada adotada pelas empresas para enfrentar a acirrada concorrência do momento atual. A religião é uma realidade que permeia e exerce influência nas ações cotidianas do ser humano. Os grupos de jovens constituem espaço privilegiado de socialização. Ali o jovem faz a experiência da reciprocidade, da amizade, base para a convivência. A dimensão comunitária, presente na religião, pode transformar-se em sua maior força de atração diante do individualismo narcisista reinante, ao qual se une a preocupação com o próprio gozo. Assim, a experiência da dimensão comunitária da religião, uma vez internalizada, pode contribuir positivamente no desafio de relações humanas salutares, exigência para o sucesso de uma organização empresarial.

Palavras-chave: Juventude; Religião; Administração; Equipes de trabalho.

JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO NO SISTEMA PENITENCIÁRIO – ESTUDO DE CASO

Autor(es):
Luciana Maria de Almeida - Universidade Federal de Goiás-Programa de Pós-Graduação em Educação

Agência financiadora: CAPES/PROEJA

Este é um projeto que reflete sobre as possibilidades e contradições da implementação das políticas para trabalho e educação, no Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da experiência que ocorre na Penitenciária Odenir Guimarães em Aparecida de Goiânia, estado de Goiás. Busca-se no decorrer do estudo, concretizar análises além da mera aparência, a respeito do papel, limites, possibilidades e dos significados do trabalho e da educação escolar na Penitenciária Odenir Guimarães, na visão dos gestores e funcionários do estado e na visão dos jovens privados de liberdade que freqüentam oficinas de trabalho e o Ensino Médio na modalidade EJA. Os resultados preliminares indicam a necessidade da formulação de políticas públicas que articulem a relação entre educação e o mundo do trabalho, como política de ressocialização de jovens apenados no âmbito da penitenciária em estudo e do sistema penitenciário do estado. Educação e trabalho no sistema penitenciário apresentam-se com objetivos conflitantes, pois por um lado tendem a disciplinar o comportamento do jovem apenado e obter sobre ele maior controle, e por outro são em tese atividades que apontam para a reintegração dos apenados à vida na sociedade extramuros da prisão. A pesquisa aponta a necessidade de se articular às noções de educação e trabalho para além dos requisitos legais da remição da pena, mas principalmente como elementos formadores de sociabilidade.

Palavras-chave: EJA e trabalho nas prisões; Políticas públicas para prisões.

JUVENTUDE, EJA E RELAÇÕES RACIAIS: UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS JOVENS NEGROS AOS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO DA EJA.

Autor(es):
Natalino Neves da Silva - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Agência financiadora: IFP

Esta pesquisa tem como objetivo central compreender os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização vivenciados na EJA. Para tal, foi selecionada como campo de investigação uma escola da rede municipal de Belo Horizonte que trabalha com a modalidade de ensino da EJA e que apresenta na composição do seu corpo discente uma significativa parcela de jovens. As pesquisas desenvolvidas acerca da juventude revelam que o Brasil conta com uma população de jovens de aproximadamente 34,1 milhões compreendidos na faixa etária de 15 a 24 anos. Apesar desse número expressivo da juventude, percebe-se que a inserção social e educacional do jovem ocorre de forma diferenciada seja por questões sociais, culturais, raciais e econômicas. A literatura sobre as relações raciais e a educação tem apontado o aumento significativo da inserção de jovens negros na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos. Esse quadro nos leva a formular uma série de indagações que nortearão o desenvolvimento dessa pesquisa, a saber: como se dão as trajetórias de vida e escolar de jovens negros que hoje estão na Educação de Jovens e Adultos? Como os jovens negros da EJA significam a sua vivência nesse tempo e espaço? O fato dessa modalidade de ensino ser composta por um número considerável de negros (as) e pobres possibilita um trabalho pedagógico com a questão racial em sala de aula? De que maneira? A fim de alcançar os objetivos propostos realizaremos uma pesquisa qualitativa de tipo etnográfico tendo como principal procedimento metodológico a observação participante. Como instrumento de coleta de dados será utilizada a aplicação de questionário com questões abertas e fechadas no sentido de levantar o perfil dos sujeitos da pesquisa, a auto-declaração racial, bem como o seu interesse em participar da mesma. Além disso, serão realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas, as quais serão gravadas e devidamente transcritas, a fim de compreender as trajetórias pessoais e as percepções dos jovens a respeito da EJA. A análise do conteúdo será o recurso utilizado a fim de compreender, analisar e interpretar as entrevistas. Acredita-se, com isso, que tal investigação poderá contribuir para o entendimento acerca da juventude, da diversidade étnico-racial e do fenômeno de rejuvenescimento na EJA.

Palavras-chave: Juventude; Educação de Jovens e Adultos; Questão racial.

O PROEJA INDICANDO A RECONFIGURAÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL – DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Autor(es):
Maria Margarida Machado - FE/UFG
Miriam Fábia Alves - FE/UFG

O projeto tem por foco a investigação dos processos de implementação da educação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), no âmbito do Proeja em Goiás e no âmbito da rede pública de ensino no Distrito Federal, por meio de três subprojetos, portanto constituindo uma rede de pesquisadores interinstitucionais que produzam conhecimento acerca da educação oferecida a jovens e adultos. As pesquisas em andamento analisam as viabilidades dos cursos oferecidos no âmbito de centros federais de educação tecnológica; identificam o perfil da população jovem dos centros urbanos, suas expectativas e suas potencialidades criativas, na perspectiva de contribuir na reconfiguração do campo da EJA; buscam o uso das novas tecnologias da comunicação e informação nesse processo. Como resultados parciais podem ser identificados a aproximação profícua de três instituições de ensino superior, além de uma de formação profissional de nível técnico, em torno da questão da educação básica de jovens e adultos com formação profissional. Nos relatórios dos subprojetos esta interação fica bem visível e demonstra a assertiva de editais nacionais com este princípio de estimular grupos de pesquisadores a se constituírem enquanto rede. Quanto à aproximação com os sujeitos da pesquisa, em cada localidade, o contato já bem adiantado com os espaços previstos (escolas públicas municipais, estaduais e federais), garantiu a elaboração e aplicação de instrumentos de diagnóstico com jovens e adultos, enquanto alunos e professores de classes de educação de jovens e adultos e educação profissional.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação profissional.

OS DESAFIOS NO APRENDIZADO DO JOVEM TRABALHADOR: A PRODUÇÃO DE TEXTOS UTILIZANDO O GÊNERO POESIA

Autor(es):
Marcio Gonçalves dos Santos
Maria do Socorro Santos de Brito - Universidade Federal do Amazonas

O tema escolhido para este estudo é voltado aos desafios no aprendizado do jovem trabalhador: a produção de textos utilizando a poesia. Ao longo dos anos de experiências vivenciadas no trabalho com jovens e adultos numa escola pública noturna da Zona Norte de Manaus, observou-se que os baixos índices de rendimento escolar dos alunos da Educação de Jovens e Adultos eram notórios e fortemente determinantes, principalmente nas faixas etárias mais jovens. As dificuldades desses alunos são inúmeras e significativas, embora em grande parte, já possuam uma bagagem de conhecimentos, elaborada na experiência de trabalho que, na maioria das vezes, pouco ou nada é considerada. O objetivo da experiência foi criar contextos de aprendizagem que garantissem a esses sujeitos a apropriação de elementos mínimos, que

permitam o entendimento dos mecanismos que compõem a sociedade, a construção de sua própria palavra, de maneira competente e consciente e, por conseguinte, a melhoria de suas relações com o outro e sua atuação ativa e crítica nas diversas esferas da sociedade. Foram enfatizadas, no contexto da sala de aula, as interações socioculturais como ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo em sua plenitude. Interações estas, com base na teoria sociocultural construtivista, que propõem a superação da unidirecionalidade dos estudos psicológicos, a qual ora ressalta a importância do indivíduo, ora o contexto e vice-versa. Baseando-se nos pressupostos socioculturais construtivistas, o método de abordagem adotado foi o dialético, considerando que o homem é dependente de outros para sobreviver e tornar-se uma pessoa. Tratou-se de uma intervenção, envolvendo alunos entre 16 a 24 anos da Educação de Jovens e Adultos. A proposta de trabalhar com o gênero poesia, mais precisamente letra de música, foi resultado de várias iniciativas, inserindo essa tipologia textual em aulas de Ensino Religioso, descobrindo-se que os alunos gostavam muito e, por isso, participavam ativamente. Decidiu-se, então, estender a proposta para as aulas de Língua Portuguesa. No inicio, só se cantava a música, e trabalhavam-se alguns aspectos lingüísticos. Observou-se o grande interesse que esses jovens demonstravam pela música. Decidiu-se, então, ampliar a proposta de trabalho com poesias de autores da literatura brasileira. Foram selecionadas algumas músicas e algumas poesias para o trabalho com a leitura, a interpretação e a escrita de novos textos. O grande desafio foi tornar as aulas de Língua Portuguesa mais alegres e prazerosas bem, como criar espaços para que os alunos escrevessem criativamente os seus textos. Dessa experiência resultaram aspectos bastante significativos, colocando os jovens da EJA em posição de construtores de seus próprios conhecimentos.

Palavras-chave: Jovem trabalhador; Interações; Aprendizagem; Desafios.

PANORAMA DE RESULTADOS DO PROJETO DE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS PARA EDUCADORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL

Autor(es):
Carla Dalbosco
Maria Fátima Olivier Sudbrack - Universidade de Brasília

Ao trabalhar a temática das drogas na adolescência, é preciso compreender fatores de risco e proteção no contexto de vida do jovem. Junto com a família, a escola ocupa lugar de destaque na formação e socialização de crianças e adolescentes, devendo zelar pelo seu desenvolvimento integral, pois tem grande potencial nas ações preventivas. Este trabalho apresenta resultados de um Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas ofertado na modalidade de Educação à Distância para 20 mil educadores, de 5ª a 8ª séries do Ensino Médio, de 2289 escolas do Brasil. Com o objetivo de sensibilizá-los para a problemática do uso de drogas na escola, a capacitação (120 horas) proporcionou a compreensão do tema a partir da perspectiva de cidadania, responsabilidade e promoção à saúde. Para um trabalho efetivo, é preciso instrumentalizar educadores com conhecimentos científicos, a fim de

que realizem ações de prevenção. Como forma de trabalhar as redes sociais, cada escola formou um núcleo de aprendizagem que produziu um projeto de prevenção a ser implementado, levando em conta a realidade local. O curso teve a integração de várias mídias (livro impresso, vídeo-aulas e plataforma de aprendizagem) incentivando os educadores a interagir e trocar experiências, sempre acompanhados por tutores especializados. Como resultado, 78% dos projetos foram aprovados e 13.432 educadores certificados. Os projetos incluíram em sua metodologia uma abordagem atualizada, em consonância com a atual Política Nacional sobre Drogas, superando a visão repressora e pautada na identificação de usuários. A inclusão social é realizada quando se agregam novos padrões às redes naturais das pessoas e dos grupos, fortalecendo também a escola enquanto instituição.

Palavras-chave: Escola; Adolescência; Drogas; Prevenção.

PÓS-GRADUAÇÃO: ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Autor(es):
Lourival Rodrigues da Silva - Casa da Juventude Pe. Burnier

Agência financiadora: AJEAS.

A pós-graduação Lato Sensu em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo é um projeto da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, sob a coordenação da Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU) e em convênio com a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), de Belo Horizonte (MG). Surge das demandas e desafios que emergem na prática cotidiana de quem lida com os adolescentes e jovens nas atividades educativas, formais e não formais. Busca novos referenciais para a garantia de direitos e a construção de "Um outro mundo possível". Tendo como objetivos: aprofundar o conhecimento teórico, prático e científico sobre a adolescência e juventude contemporânea, capacitando formadores/as, educadores/as e outros/as profissionais, frente ao fenômeno juvenil, às políticas públicas e às práticas sociais que se impõem nos diferentes níveis (local, regional, nacional e internacional); promover o conhecimento sobre novas metodologias e estratégias de atuação junto aos adolescentes e jovens, atendendo às necessidades dos indivíduos e das organizações juvenis; desenvolver estudos e pesquisas significativas sobre a juventude, tendo em vista uma produção científica sobre este fenômeno. É destinada a estudantes, profissionais vinculados às áreas de Educação, Serviço Social, Psicologia, Sociologia, Direito, conselheiros (as) tutelares e de direito, agentes de pastoral, gestores de políticas e projetos públicos e outras áreas afins ao campo juvenil. Em sua 5º turma a pós-graduação esta concentrada de forma intensiva, com aulas em período integral em módulo de janeiro, julho e janeiro. Com aulas de 2ª a 6ª feira (das 8h às 12h e das 14h às 18h) e sábados (das 8h às 12h). Possui uma carga horária de 405 horas. O conteúdo programático envolve: A Juventude no Mundo Contemporâneo; Metodologia da Investigação Científica; Sociologia da Juventude; Instituições e Formação de Adolescentes e Jovens; Gênero e Etnia; Psicologia da Adolescência e Juventude; Juventude, Comunicação e Linguagem; A Juventude na

História; Seminário de Pesquisa; O/a Educador/a de Adolescentes e Jovens; Políticas Públicas para a Juventude e Práticas Sociais; Metodologia do Trabalho com Adolescentes e Jovens; Saúde e Integração Social do Adolescente e da Juventude; Socialização de monografia.

Palavras-chave: Adolescência; Juventude; Metodologia; Psicologia e políticas.

RELAÇÃO JUVENTUDE/ESCOLA: A TENSÃO ENTRE O SER ALUNO E O SER JOVEM

Autor(es):
Fernanda Cristina Soares Silvino - Universidade Federal de Minas Gerais

Atualmente muitas pesquisas acadêmicas têm explicitado a relação tensa que vem se estabelecendo entre os jovens alunos e a escola, e que a falta de diálogo entre ambas as partes se mostra como um dos elementos para tal situação. Partindo desta questão, este trabalho apresenta um projeto que propunha o estabelecimento de um diálogo entre os alunos e a escola, com o objetivo de buscar um caminho para que a relação entre os mesmos se tornasse menos tensa. Tal projeto foi realizado em uma escola pública localizada na periferia de Belo Horizonte, com alunos do período noturno. Havia um professor coordenador que planejava os encontros semanais com nove monitores, sendo que oito trabalhavam com os jovens alunos e uma com os professores. O projeto desenvolveu-se com quatro turmas de 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Vários alunos tinham em suas trajetórias escolares um histórico de repetência e evasão escolar. A dinâmica dos encontros consistia em discutir questões ligadas ao ser aluno e ser jovem no espaço escolar, sempre dando ênfase aos depoimentos e opiniões destes. Os jovens colocaram a necessidade de ser ouvidos, para que pudessem falar de suas vidas e dificuldades, e que o desinteresse dos professores por tais questões fazia com que estes não se reconhecessem naquele espaço. Ao refletir sobre a situação apresentada acima, podemos perceber que as discussões possibilitadas pelo projeto revelaram a necessidade que os alunos têm de ser vistos dentro da escola, mas não apenas como alunos e sim como jovens que possuem uma vida para além dos muros escolares. Os relatos destes deixou claro que querem falar de suas vidas, de suas experiências, fazer amigos e ter também os professores como amigos com quem possam compartilhar as suas histórias de vida.

Palavras-chave: Relação juventude/escola; Professor/aluno; Identidade.

UM DISCURSO EM QUESTÃO: O JOVEM (NÃO) GOSTA DE LER

Autor(es):
Maria Aurora Neta - UEG e UFG

O objetivo desta comunicação é discutir uma discursividade que está bastante presente tanto dentro quanto fora da escola, e que diz que o jovem não gosta de ler. Proponho um deslocamento deste discurso a partir de referenciais que abordam a leitura, o leitor e o jovem por meio de uma abordagem histórica, social e cultural. Quando há o discurso da não-leitura em relação ao jovem,

cabe perguntar: de que jovem se fala? de qual leitura? o que o jovem lê ou não lê? quem é ou não é leitor? o que é necessário ler para ser considerado um leitor na escola e na sociedade? questões como estas permeiam este trabalho.

Palavras-chave: Jovem; Leitura; Leitor.

UM ESTUDO SOBRE O ADOECIMENTO NO TRABALHO E AS ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS DE JOVENS E ADULTOS

Autor(es):
Débora Aparecida Soares Silva - Instituto Cultural Newton/UNICENTRO

O presente trabalho trata das questões que envolvem a saúde mental do trabalhador, jovem e adulto, e como o mesmo lida com as organizações rígidas, o medo e o risco. O trabalho é a única condição que coloca o homem em contato com ele mesmo e com o outro na sua dimensão de coletividade. Além desta dimensão, o trabalho possibilita ao homem construir a sua identidade, criar projetos e também projetar o seu futuro de vida. Observa-se que o trabalho tem ainda um sentido particular para cada ser humano, e é este sentido que o faz ir em busca de seus ideais e realizar seus mais profundos desejos e aspirações. Esta pesquisa teve como objetivo explorar as conseqüências e efeitos do trabalho no psiquismo humano e sua relação com a faixa etária do sujeito. A metodologia utilizada foi o levantamento e análise do material bibliográfico sobre o tema. Por meio da pesquisa bibliográfica foram encontradas peculiaridades na forma como cada um vivencia o processo de trabalho e, como este impacta na construção da subjetividade de acordo com o estágio de desenvolvimento. Foi identificado que, como conseqüências das pressões sofridas no trabalho, tem-se um aumento no desgaste físico e mental, acarretando em distúrbios físicos e emocionais. Conclui-se que os aspectos relacionados ao trabalho dependem da forma de organização do trabalho e das condições internas de cada indivíduo, que podem, ou não, ser elementos facilitadores para o aparecimento de insatisfação e sofrimento no trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Saúde mental; Juventude e subjetividade.

VIDA FAMILIAR E VIDA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS ALUNOS INTERNOS DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE JANUÁRIA (MG).

Autor(es):
Terezita Pereira Braga Barroso

Pesquisa realizada no Centro Federal de Educação Tecnológica-CEFET de Januária (MG) no ano de 2007, com a participação de 71 alunos internos, dez colaboradores e sessenta e um pesquisados. O principal objetivo da pesquisa foi investigar sobre a trajetória escolar de alunos matriculados em sistema de internato, tendo como referência de análise a participação familiar no processo de adaptação do aluno neste sistema de ensino. Com esse intuito buscamos conhecer as concepções dos pesquisados sobre sua condição de aluno interno e sobre o seu rendimento escolar, identificar quais alunos internos apresentam baixo rendimento escolar e investigar sobre como se dá o seu

relacionamento com o internato e com sua família, bem como, se o baixo rendimento escolar dos alunos internos tem ligação com o seu relacionamento com o internato e com sua família. A pesquisa foi realizada através de um estudo de caso onde optamos pela pesquisa qualitativa com coleta de dados utilizando questionários semi-estruturados, observações participantes, análise de históricos escolares e de boletins informativos e entrevistas com os alunos. Os alunos nos levaram a concluir que o internato é extremamente importante para a formação daqueles que são oriundos do meio rural ou de cidades com baixo índice de desenvolvimento humano, assim como, de famílias com baixa renda e que, apesar da saudade própria da situação de distância física do grupo familiar, esta não vem a ser razão para o baixo rendimento escolar. Razões mais fortes que agem de forma passiva, como o apoio da família e a preservação da mesma, levam o aluno interno a valorizar esta oportunidade e passar a ter uma vida própria adaptada ao internato, onde os laços de amizades são marcantes na relação entre os residentes.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno interno; Famílias de adolescentes; Escola.

EIXO - Processos de subjetivação de adolescentes e jovens

ADOLESCENTES E PROJETO DE FUTURO: UM ESTUDO ENTRE ADOLESCENTES RESIDENTES EM UM ABRIGO E RESIDENTES COM A FAMÍLIA

Autor(es):
Maíra Cristina Coelho de Lima - Universidade de Brasília
Nadielle de Paula Moura Lira - Universidade de Brasília
Rodolfo Vieira de Magalhães Castro - Universidade de Brasília
Sara Nunes Rodrigues de Queiroz - Universidade de Brasília

Foi objetivo desta pesquisa conhecer o projeto de futuro de adolescentes, em função do contexto institucional em que se encontram seus processos de desenvolvimento. A pesquisa apoiou-se nos aportes teóricos da Teoria das Representações Sociais, com ênfase especial nas relações entre representações e práticas sociais. Participaram 10 adolescentes, pertencentes a dois diferentes contextos institucionais: 5 adolescentes moradoras de um abrigo no Entorno do Distrito Federal e 5 residentes com a família, com idades variando entre 12 e 19 anos e de condições socioeconômicas semelhantes. Os dados foram coletados junto a todos os adolescentes mediante a realização de entrevistas que seguiram um roteiro previamente estruturado e testado. A análise das entrevistas foi realizada com o auxílio do software ALCESTE. Os resultados obtidos revelaram a existência de cinco classes de enunciados, distribuídas em dois eixos principais, indicando que as representações sociais de futuro dos adolescentes estudados apresenta a seguinte estrutura de significados: "Eu sozinha" e "Meus sonhos". O eixo Eu sozinha engloba as classes 1, 2 e 3, as quais remetem à idéia de ausência de uma rede de apoio, à vulnerabilidade do jovem e ao medo do abandono, particularmente em caso de morte dos membros da família. O eixo Meus sonhos engloba as classes 4 e 5 e remete ao papel do próprio jovem na construção/concretização de seu projeto de futuro, tendo eles atribuído importante papel aos estudos para obtenção de sucesso no futuro. Pode-se observar, nesta pesquisa, que os jovens abrigados são os que realmente sentem a falta de uma rede de apoio para conseguir realizar seus projetos de futuro.

Palavras-chave: Projeto de futuro; Abrigo; Representações sociais; Juventude.

GESTORES: O QUE PENSAM SOBRE OS JOVENS E O AMOR

Autor(es):
Marcia Matheus Tinoco Silva - Universidade Federal de Mato Grosso
Maria Augusta Rondas Speller - Universidade Federal De Mato Grosso

Agência financiadora: Mestrado em Educação Universidade Federal de Mato Grosso

A vontade de escrever sobre o amor, e o que pensam os gestores sobre esse tema, deve-se ao fato de constatar pouca produção envolvendo a subjetividade de gestores. Para analisar as falas, as crenças do grupo de gestores, lançou-se mão da teoria psicanalítica. A escola tem um desafio que é, em síntese, refletir sobre as implicações e as responsabilidades da gestão escolar no que tange ao seu papel na busca de uma escola mais humana, menos violenta, sendo o amor entendido como possibilitador do fortalecimento de laços sociais que vão na contramão da violência. A orientação metodológica utilizada foi de natureza qualitativa. Utilizaram-se técnicas de grupo focal. Foram definidos com os gestores os objetivos do projeto, ou seja, discutir acerca do amor. Após os encontros com o grupo focal e a aplicação do questionário, de posse dos dados, iniciou-se a análise dos dados obtidos, tendo como norte os objetivos propostos. Segundo os gestores, o amor é o modo como uma pessoa trata a outra com compreensão e amizade. É um sentimento "difícil de entender, mas lindo de se sentir. Amor é um conflito entre o ter e o ser". De acordo com os gestores, amor consiste em ações que levem à alegria, ao bem-estar e à paz. Ao ouvir uma pessoa, estamos demonstrando amor. Segundo os gestores as ações realizadas pelas famílias que expressam formas de amor, estão diretamente ligadas ao acompanhamento de seus filhos, ou seja, à maneira como os jovens são educados, com dose certa entre o modo de amar e impor limites. O amor também pode ser construído a partir de conflitos e de momentos de dor, atuando diretamente sobre os aspectos internos da violência existente na escola.

Palavras-chave: Amor; Jovem; Educação.

GRUPOS TEMÁTICOS DE ADOLESCENTES COMO METODOLOGIA DE PREVENÇAO DE VIOLÊNCIA

Autor(es):
Viviane Teles Ribeiro Pina - Universidade Católica de Goiás

Os grupos temáticos de adolescentes no Centro de Estudo Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (CEPAJ), objetivam a prevenção de violência no contexto comum a estes adolescentes que moram próximos ao CEPAJ, em bairros de extrema violência, e que envolvem situações como: prostituição infanto-juvenil, tráfico de drogas, negligência familiar, violência intra-familiar, gravidez precoce. Desta forma propicia-se o desenvolvimento de habilidades que favoreçam e facilitem o contato com sua família e equipamentos sociais como a escola, aproximando-os cada vez mais de redes de apoio e os afastando-os, assim, de situações de risco. Como metodologia utiliza-se o telecentro de inclusão digital com a promoção de oficinas interventivas e integrativas,

facilitadoras da expressão subjetiva destes adolescentes. O trabalho é realizado por psicólogos, assistentes sociais e educadores da inclusão digital, bem como estagiários destas áreas.

Palavras-chave: Adolescente; Subjetividade; Grupo.

JUVENTUDE E PROJETO DE FUTURO: UM ESTUDO ENTRE ADOLESCENTES RESIDENTES EM UM ABRIGO E RESIDENTES COM A FAMÍLIA

Autor(es):
Maíra Cristina Coelho de Lima - Universidade de Brasília
Nadielle de Paula Moura Lira - Universidade de Brasília
Rodolfo Vieira de Magalhães Castro - Universidade de Brasília
Sara Nunes Rodrigues de Queiroz - Universidade de Brasília

A pesquisa objetivou compreender o projeto de futuro de adolescentes residentes em dois tipos de instituição- familiar e de abrigo-, e ainda, verificar em que medida o projeto de futuro é influenciado pelo contexto institucional. Para isso, baseou-se na perspectiva da Teoria das Representações Sociais. Foram entrevistadas 5 adolescentes moradoras de um abrigo no Entorno do Distrito Federal e 5 residentes com a família, com idades variando entre 12 e 19 anos e de condições socioeconômicas semelhantes. O instrumento utilizado consistiu em um roteiro de entrevista semi-estruturado. As entrevistas foram analisadas através do software ALCESTE. Os resultados apontam para cinco classes de enunciados que indicam as representações sociais de futuro, organizadas em dois principais eixos "Eu sozinha" e "Meus sonhos". A classe 1 evidencia a percepção da ausência de uma rede de apoio; a classe 2 explicita a vulnerabilidade da jovem grávida; a classe 3 evidencia o medo das adolescentes de morrer e perder membros da família; a classe 4 demonstra o que cabe ao sujeito fazer para a concretização do seu projeto de futuro; e a classe 5 apóia-se na importância atribuída aos estudos para obtenção de sucesso no futuro. Por conseguinte, observou-se que o tipo de instituição exerceu influência através da percepção de ausência de uma rede de apoio presente na fala das adolescentes residentes no abrigo. Os dados, contudo, mostram-se restritos e não conclusivos em razão do número reduzido de sujeitos.

Palavras-chave: Projeto de futuro; Abrigo; Representações sociais; Juventude.

MUSICOTERAPIA COMO AGENTE DE PROMOÇÃO DA AUTO-ESTIMA DE ADOLESCENTES

Autor(es):
Marina Burjack da Costa - Universidade Católica de Goiás

O presente trabalho trata de uma pesquisa qualitativa dentro de uma abordagem Humanista Existencial, envolvendo as áreas de Musicoterapia e Psicologia Social. Tem como objetivo verificar a contribuição da Musicoterapia como uma possibilidade terapêutica no tratamento de adolescentes em situação de risco, visando promover a auto-estima dos mesmos. Realiza-se um levantamento bibliográfico sobre o adolescente em situação de risco, envolvendo desde sua definição até implicações deste em relação à sua auto-estima. Apre-

senta-se um capítulo sobre a Adolescência, em seguida sobre a Auto-Estima. Posteriormente, passa-se a discorrer sobre a Musicoterapia, sua inserção na área social e sobre a pesquisa de campo realizada, apresentando-se algumas partes do processo musicoterápico realizado e análise/leitura musicoterápica desenvolvidas em atendimentos de dois grupos de uma instituição social na periferia de uma cidade goiana, que acolhe crianças e adolescentes em situação de risco. Finalmente, considera-se que a Musicoterapia proporcionou mudanças positivas na auto-estima dos adolescentes, ajudando-os a enfrentar as dificuldades encontradas por suas condições de violência estrutural e que a Musicoterapia pode contribuir com sua inserção dentro destas instituições.

Palavras-chave: Musicoterapia; Adolescente; Auto-estima; Situação de risco.

O FENÔMENO DO CONSUMISMO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE BARREIRAS (BA)

Autor(es):
Diandra de Queiroz Rodrigues - Faculdade São Francisco de Barreiras
Maria Sulyata Macedo Gomes - Faculdade Sao Francisco de Barreiras

Com a aceleração das transformações socioculturais das práticas capitalistas, na qual o consumo é condição primeira para a permanência deste sistema na sociedade contemporânea, observa-se o aumento do ato de consumir produtos e serviços sem "consciência", fenômeno chamado consumismo. Dentro desta ótica, estudos apontam que o grupo que está mais susceptível ao consumismo são os adolescentes. Isso ocorre devido ao fato de os adolescentes verem no ato de consumir uma forma de se inserir em um grupo, de se sentirem valorizados pelos seus bens materiais, e assim, mesmo que momentaneamente, usarem o recurso das compras para aliviar seus conflitos. Neste sentido, este trabalho visa compreender o fenômeno do consumismo entre os adolescentes. Método: foi realizado um estudo comparativo entre os estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública e uma privada, com aplicação de 40 questionários em cada instituição, somando 80 questionários os estudantes da escola pública apresentam idade média de 19,7 anos, e na instituição privada apresentam idade média de 17,3 anos. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário auto-aplicável de caráter semi-aberto. Resultados: diante dessa problemática puderam-se obter dados em relação à renda mensal familiar, e se observou que há uma discrepância considerável entre os valores encontrados. Não houve tantas diferenças com relação aos produtos elencados pelas meninas de ambas as escolas, apenas a ordem de prioridade que se apresenta um pouco diferente. Na comparação feita entre os meninos pôde-se notar que os estudantes da escola pública buscam mais produtos de primeira necessidade, enquanto na escola particular produtos que podem ser considerados "supérfluo".

Palavras-chave: Consumismo; Adolescentes; Estudo comparativo.

O SENTIDO ATRIBUÍDO AO TRABALHO/SERVIÇO DOMÉSTICO POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Autor(es):
Michelle Venâncio Ikefuti - UNESP/Presidente Prudente

Agência financiadora: PIBIC e CNPq

As atividades domésticas realizadas por crianças e adolescentes em suas próprias casas ou na casa de terceiros, pode comprometer diversas esferas da vida desses sujeitos, dependendo da freqüência e intensidade com a qual as executam. Elaboramos um estudo que visou compreender os significados atribuídos ao trabalho/serviço doméstico, no intuito de buscar elementos que colaborem na compreensão da interpretação dada pelo próprio sujeito frente à situação vivenciada. Para o presente trabalho apresentaremos dados significativos a partir de análises preliminares. Para tanto, foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas. Os sujeitos foram selecionados a partir de um estudo maior (também financiado pelo CNPq), coordenado pela orientadora da pesquisa, que fez uma análise do envolvimento de crianças e adolescentes do município de Presidente Prudente que realizam tarefas consideradas como trabalho informal urbano e doméstico. Em tal pesquisa participaram 702 sujeitos. Análises preliminares das entrevistas nos permitiram perceber a concepção que as crianças têm de seu trabalho, a visão de sua família, a interferência deste nas demais esferas de suas vidas e os valores atribuídos às atividades domésticas; ressaltamos que o número de meninas envolvidas nas atividades domésticas é muito maior do que o de meninos. Certamente questões culturais e históricas possibilitam a perpetuação de práticas muitas vezes exploratórias do gênero feminino. Pretende-se, com os resultados, contribuir com as discussões relativas ao tema, assim como ampliar as reflexões existentes entre o binômio gênero e trabalho infantil.

Palavras-chave: Trabalho infantil; Subjetividade; Gênero.

EIXO - Relações intergeracionais e família

A UNIÃO FAZ A FORÇA: A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DE VALORES CULTURAIS ATRAVÉS DE DITADOS POPULARES EM FAMÍLIAS DE ADOLESCENTES NUMA COMUNIDADE LITORÂNEA.

Autor(es):
Ariana Cavalcante de Melo - Universidade Federal de Alagoas
Heliane de Almeida Lins Leitão - Universidade Federal de Alagoas
Rômulo Marcelo dos Santos Correia - Universidade Federal de Alagoas

Agência financiadora: CNPq

A família é um espaço privilegiado para a transmissão intergeracional de valores, crenças e significados culturais. A concepção sistêmica e o modelo ecológico no estudo da família enfatizam o contexto, valorizando as inter-relações entre família e cultura. Este trabalho teve como objetivo investigar a transmissão intergeracional de valores familiares através de ditados populares. Participaram do estudo 20 adultos (pais e mães) e 20 adolescentes, de ambos os gêneros, de famílias de nível socioeconômico baixo em uma comunidade litorânea. Dez ditados populares foram apresentados aos participantes e foi solicitado que indicassem quais ditados são utilizados em suas famílias, com quais concordam e qual o que mais representa seus valores familiares. Os resultados indicam elementos de continuidade e de ruptura intergeracional. Os ditados são mais utilizados e aceitos pelos adultos do que pelos adolescentes. Ditado que afirma a autoridade unilateral é altamente valorizado pela maioria dos pais e pela metade das mães, enquanto apenas a minoria dos adolescentes reconhece seu uso na família ou concorda com ele. Adolescentes de ambos os gêneros destacam a importância da educação familiar e a estreita vinculação entre a vida privada e a vida pública. Embora os valores tradicionais veiculados pelos ditados sejam mais assumidos pelos adultos do que pelos jovens, princípios de cooperação e valorização dos vínculos interpessoais permanecem fortemente arraigados na cultura familiar.

Palavras-chave: Intergeracionalidade; Família; Gênero; Ditados populares.

FAMÍLIA E ESCOLA: RELAÇÕES ESCOLA-FAMÍLIA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Autor(es):
Ana Maria Bittencourt - Universidade Federal do Amazonas

Agência financiadora: UFAM/PROEXT

A escola tem reduzido a família culturalmente à figura materna, não propondo atividades que envolvam a totalidade da constituição familiar (pai, avós, tias

entre outros) nas atribuições pertinentes ao cuidado das crianças. Com o objetivo de promover modelos de parceria da relação escola e família. Com base no contexto histórico e de gênero, foi desenvolvida uma série de ações na Escola Estadual em Manaus (AM). As atividades contaram com 50 participantes jovens(EJA). A pesquisa doi desenvolvida por 10 acadêmicos jovens do curso de Pedagogia e foi elaborada intervenção trabalhando questões ou temáticas como: namorar/ficar; papel da mulher-mãe/do homem-pai; gravidez/estou grávido; pais que falam de pais sempre ligados às responsabilidades com as crianças/filhos e a escola. Em nenhum momento deveriam sugerir respostas ou modelos. Foram utilizadas construção de texto, desenhos, filme, teatro e música, como atividades desenvolvidas nas oficinas e em casa, individualmente e em grupo. Foram apresentadas à comunidade formas de organização familiar em diversas culturas e no Brasil, historicamente contextualizadas. Os acadêmicos foram avaliados pela iniciativa, comprometimento, trabalho coletivo e visão crítica. Como jovens também, fizeram uma reeleitura do papel deles na vida profissional e na sua vida pessoal. As oficinas foram filmadas e o público alvo teve a oportunidade de rever e discutir os temas apresentados. A troca de experiências enriqueceu a discussão quando todos compartilhavam suas vivências, sugerindo encaminhamentos para a sua vida pessoal, familiar e da escola. Houve consenso que a escola deve abrir frequentes espaços para discussões sobre o papel e responsabilidades de cada membro da família na educação das suas crianças.

Palavras-chave: Família; Relações de gênero; Escola.

JOVENS KALUNGA DE TINGUIZAL: ESCOLA, CULTURA E CONDIÇÃO JUVENIL.

Autor(es):
Leila Santana Nascimento Souza - Universidade Católica de Goiás

O presente trabalho tem por objetivo o estudo de uma parcela de jovens Kalunga de Tinguizal, município de Monte Alegre (Go), estudantes do 2º grau. Analisa o universo sociocultural em que estes jovens Kalungas estão inseridos, as trajetórias escolares e as diversas estratégias utilizadas por eles para permanecerem na escola. Nesse contexto de preocupações algumas questões são levantadas: Quem são os jovens Kalungas de Tinguizal? Quais suas relações com a escola, família e religião? Quais são os modos de ser jovem, suas perspectivas e dilemas? Como vivem a condição juvenil e por quais universos culturais transitam? Quais estratégias utilizam para se manter na escola, tendo em vista as grandes distâncias de suas localidades rurais em relação à cidade de Monte Alegre, onde se localiza a escola de 2º Grau? Estas questões são pertinentes na medida em que o trabalho possui a seguinte problemática: qual a significado da escolarização formal (Ensino Médio) para os jovens Kalungas de Tinguizal, em termos de reprodução social/cultural e processos de identificação enquanto agrupamento étnico.

Palavras-chave: Juventude; Escola; Cultura.

REPRESENTAÇÕES DE PAIS DE ADOLESCENTE ACERCA DOS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DESSA FASE

AUTOR(ES):
Diandra de Queiroz Rodrigues - Faculdade São Francisco de Barreiras
Maria Sulyata Macedo Gomes - Faculdade Sao Francisco de Barreiras

A psicologia do desenvolvimento revela a alternância de posições em que o adolescente foi e está sendo visto. Entre as abordagens que procuram compreender esse período, a teoria de Campo de Kurt Lewin visualiza a adolescência como uma fase de transição na qual o adolescente muda sua filiação ao grupo. O adolescente encontra-se em um estágio de "locomoção social" avançando para um campo social e psicológico inestruturado, o que pode gerar insegurança pelo mesmo. Devido às várias considerações sobre a adolescência, percebeu-se a necessidade de compreender a visão dos pais acerca dessa fase, para realizar uma análise mais profunda do assunto. Neste sentido, este trabalho teve o intuito de conhecer as representações de pais de adolescentes a respeito da adolescência. Método: trata-se de uma pesquisa de campo apoiada numa abordagem qualitativa. Participaram 5 casais (5 mulheres e 5 homens), todos residentes em Barreiras (BA), com idade média de 35 anos. Foi utilizado a técnica de entrevista semi-estruturada contendo perguntas referentes à forma como os pais percebem o fenômeno da adolescência, o que eles entendem por ser adolescente, quais as mudanças que ocorreram na sua relação com seus filhos e sobre como eles compreendem o interesse pelas questões sexuais por parte dos adolescentes. Resultados: a partir disso pôde-se observar que sobre a temática o que é adolescência/adolescente a maioria dos pais, 46,1%, compreende essa fase como período do ciclo de vida, uma etapa da vida. Em relação à temática sexualidade a maior parte dos pais, 53,8%, encaram o sexo nesse período como sem afetividade e realizado de forma precoce. Por fim, a maioria deles, 80%, em se tratando da temática relação pais e filhos (as), entende essa relação como estável, onde não teria havido mudanças nas suas relações.

PALAVRAS-CHAVE: Pais; Adolescentes e temática.

EIXO - Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos

SE ELES DANÇAM, EU DANÇO? CARTOGRAFANDO OS INDÍCIOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FUNK ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS.

Autor(es):
Andréa Silva Rodriguez - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Angela Maria Silva Arruda - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rhaniele Sodré Ferreira - Universidade Federal do Rio de Janeiro
Thiago Benedito Livramento Melicio - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência financiadora: CAPES

O funk é hoje, no Rio de Janeiro, expressão-símbolo do universo dos jovens residentes das favelas e periferias da cidade. Alguns autores, pesquisando sua introdução no Brasil nos anos 70, ressaltaram sua importância na vida cultural dos jovens cariocas, sobretudo devido aos bailes, que já no final na década de 80 atraíam cerca de um milhão de pessoas nos fins de semana. O baile funk coloca-se para grande parcela da juventude das camadas populares como a principal atividade de lazer, lugar primordial de encontros e afirmação de identidades. Contudo, esse universo não se desenvolve num espaço vazio de conflitos. O funk proibido de facção – interditado de difusão na mídia oficial por veicular uma cultura da violência, originária das facções que controlam o tráfico de drogas no Rio de Janeiro – marca uma geração e continua vivo nas comunidades, entoado não só pelos jovens que aí residem. Abordá-lo abre as portas para um mundo de complexidade e de estranheza. É preciso conhecer onde surge, que é o espaço físico das comunidades e o espaço-tempo da juventude pobre; é preciso aproximar-se das contingências desse encontro, sobre o pano de fundo da sociedade de consumo e do espetáculo, na qual a visibilidade se torna uma espécie de poder. As condições gerais dessa população atravessam as suas práticas e, por conseguinte, sua produção cultural. São elas que propiciam a singular resposta de transformar a violência em forma de diversão, cantando e dançando feitos desse cotidiano. A teoria das representações sociais de Moscovici pretende ser uma psicossociologia do conhecimento cotidiano e busca compreender como são elaborados e reelaborados os fatos novos e os antigos na sociedade, configurando uma cartografia do pensar social. À luz dessa teoria, apresentaremos um estudo exploratório com 130 jovens universitários da UFRJ – por meio da aplicação de um questionário semi-aberto, utilizando o método da análise de conteúdo temático proposto por Bardin – como uma primeira tentativa de apreender indícios de representações sociais sobre o funk fora do seu contexto de produção, bus-

cando compreender não só de que forma ele é consumido por esses universitários, mas também os fatores pelos quais eles se aproximam e se distanciam desse universo, além de fornecer dados sobre o grau de penetração do funk proibido de facção nesse grupo social.

Palavras-chave: Juventude; Funk; Representações sociais.

A CONSTITUIÇÃO DE UM GRUPO DE DISCUSSÃO SOBRE JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA EM LIMOEIRO DO NORTE (CE)

Autor(es):
Delane Felinto Pitombeira - Universidade Estadual do Ceará
Ivaneide Barbosa Ulisses - Universidade Estadual do Ceará

Considerando a juventude como categoria social definida a partir da sua realidade e contexto sócio-histórico, o nosso projeto tem objetivado a realização de estudos sobre as questões que circundam o universo juvenil na contemporaneidade. Mediante a formação de grupo de estudo com universitários(as) da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará (FAFIDAM/UECE) e professores da rede de ensino local, pretende-se sistematizar conhecimentos e propiciar o fomento da produção acadêmica sobre a temática, bem como aprofundar as relações entre a universidade e a comunidade, especialmente junto às instituições governamentais e não-governamentais da região do Vale do Jaguaribe, no interior do estado do Ceará, que têm como foco o trabalho com jovens e adolescentes. As atividades, propostas em reuniões quinzenais, contemplam além de leituras específicas, organização de exibição de filmes, elaboração de textos, participação em eventos, e elaboração de relatórios e boletins de atividades. Esta temática constitui-se como elemento significativo dentro da instituição universitária, por ainda não existir um grupo sistematizado que enfoque essa realidade, e ainda por contemplar oito cursos de graduação na modalidade de licenciatura, os quais se destinam à formação de professores dos alunos de Ensino Fundamental e Médio. A interdisciplinaridade constitui-se também parte deste projeto, o qual é orientado por professoras das áreas de Psicologia e História da universidade.

Palavras-chave: Juventude; Contemporaneidade; Universidade; Educação..

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ALTERIDADE

Autor(es):
Angela Maria de Oliveira Almeida - Universidade de Brasília
Arthur de Oliveira Corrêa - Universidade de Brasília
Joana Cavalcanti de Araújo - Universidade de Brasília
Rebeca Morais de Paula - Universidade de Brasilia

Agência financiadora: CNPq

O estudo da adolescência e juventude vem sendo retomado pelas várias áreas do conhecimento científico, abordando facetas antes não consideradas na constituição desta categoria social. É comum, entre os pesquisado-

res da sociologia da juventude e mesmo entre os estudiosos da psicologia da adolescência, buscar compreender os processos grupais que envolvem os adolescentes, em suas relações intra e/ou inter-grupais, construindo assim estudos sobre socialização, formação da identidade, inserção social, dentre outros. O presente estudo teve por objetivo: 1) examinar como os membros de dois grupos de adolescentes, que se auto-identificam como membros de uma dada tribo urbana (Emos e Roqueiros), tendem a se caracterizar; 2) quais características seriam comuns a ambos os grupos, e neste sentido, mais representativas dos adolescentes em geral, e 3) quais as características específicas de cada uma das duas tribos examinadas. Participaram deste estudo 20 adolescentes, sendo que 9 se auto-definiram como Emos e 11 como Roqueiros. Todos os participantes responderam a um mesmo roteiro de entrevista, realizada em local habitualmente freqüentado por esses jovens. Os dados obtidos foram organizados em sistemas de categorias e analisados com o auxílio das estatísticas clássicas. Pôde-se concluir que os membros de ambas as tribos se sentem integrados e aceitos pelos pares, sendo a música e a influência/apoio dos amigos os fatores que mais influenciam na escolha/pertencimento a uma ou outra tribo.

Palavras-chave: Adolescência; Processos identitários; Tribos.

A MÚSICA COM INSTRUMENTO DE SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES

Autor(es):
Marina Burjack da Costa - Universidade Católica de Goiás

A pesquisa mostra a importância da música para as relações sociais dos adolescentes. É seu objetivo investigar como a música pode contribuir para socialização de adolescentes, que estão inseridos em grupos que possuem afinidades e interesses comuns. A pesquisa foi realizada através de entrevista com diversos adolescentes entre onze e quinze anos de duas instituições que trabalham com jovens de classe média baixa, pobres e miseráveis. Os adolescentes entrevistados mostraram que entre as várias formas de lazer a preferida da maioria é a música, sendo as músicas *rap, hip hop* e *funk* o principal interesse deles. Os estilos estão associados às letras de protesto do *rap* e *hip hop* e o ritmo dançante do *funk*, que promove a socialização dos entrevistados. Faz-se uma discussão sobre o que é a adolescência, bem como a importância da música para a inserção dos jovens em um grupo. A relação do adolescente com a música e a influência da renda financeira para o interesse por determinado tipo de música. Assim fica claro que a música além de um instrumento de cultura e entretenimento, contribui para a socialização dos adolescentes que passam por essa fase da vida com a necessidade de estarem inseridos em um grupo comum a eles.

Palavras-chave: Música; Sociabilidade; Adolescente.

A PARTICIPAÇÃO DE ADOLESCENTES EM GRUPOS RELIGIOSOS – UMA PESQUISA EM UM BAIRRO DE BAIXA RENDA DA CIDADE DE NATAL (RN)

Autor(es):
Karin Juliane Duvoisin Bulik - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Este trabalho surge a partir de uma pesquisa realizada no bairro de Felipe Camarão (de classe baixa) da cidade de Natal (RN), e do questionamento acerca do significado para os adolescentes de se pertencer a um grupo religioso. A coleta de dados para a pesquisa ocorreu no período de 10/01 a 06/02/2007 no bairro citado, perfazendo um total de 41 adolescentes entre 10 e 19 anos de idade. Foram aplicados dois tipos de questionários – o primeiro foi destinado a traçar o perfil sociodemográfico da população e, o segundo, o número de participantes em grupos religiosos e o significado atribuído a essa participação. Dentre a população geral, 67% se disseram católicos, 18% protestantes e 15% alegaram não possuir religião – destes, 34,15% são participantes de grupos religiosos. A maioria dos participantes (71,43%) encontra-se na faixa-etária de 15 a 19 anos e as meninas representam 71%. A análise dos dados nos mostrou que grande parte dos adolescentes não procura um grupo religioso por motivos espirituais, mas por razões sociais e ligadas à auto-estima. Os participantes de grupos religiosos demonstraram ter mais perspectivas quanto ao futuro – pensam em seguir um estudo superior e buscar sua independência financeira. Os grupos religiosos parecem funcionar como reguladores de uma sociedade desequilibrada onde é possível encontrar estruturas de apoio não oferecidas pela mesma. A inclusão em um grupo de interesses compartilhados e o reconhecimento do valor pessoal do indivíduo são condições necessárias para a formação de uma identidade com auto-estima elevada e preparada para enfrentar a sociedade competitiva em que vivemos.

Palavras-chave: Religião; Grupo; Grupos religiosos; Adolescência.

A RÁDIO-ESCOLA NO CONTEXTO DE ADOLESCENTES DO SEMI-ÁRIDO CEARENSE

Autor(es):
Luana Amorim Gomes - ONG Catavento Comunicação e Educação

Agência financiadora: ONG Catavento

Estudantes da escola Tomé Gomes dos Santos, do município de Paramoti, localizado a 110 Km de Fortaleza, participam do projeto "Segura essa Onda: rádio-escola digital na gestão sociocultural da aprendizagem". O projeto consiste na execução de oficinas de rádio que tem como objetivo principal trabalhar com a inserção do rádio na educação de jovens no contexto do semi-árido cearense. De acordo com os pressupostos do projeto, o desenvolvimento de um trabalho de rádio permite aos adolescentes a valorização da cultura das comunidades e o desenvolvimento de um processo de aprendizagem de forma simples e eficaz. As oficinas acontecem aos finais de semana, num total de 120 horas, e trabalham com questões que envolvem tanto a aprendizagem de técnicas do rádio como com temas transversais que discutem, por exemplo, direitos das crianças e dos adolescentes, comunicação popular, protago-

nismo juvenil, meios de comunicação de massa, dentre outros. A idéia é que, por meio de oficina de rádio, haja um diálogo entre a comunicação e a educação, além da proposta de ampliar o aprendizado já proporcionado pelas atividades realizadas em sala de aula, por meio da educação formal. Ao longo do processo de formação, os adolescentes produzem programas de rádio que são disponibilizados em um portal na internet (www.seguraessaonda.org.br). A idéia é que a rádio-escola ultrapasse os muros da escola e se abra uma perspectiva do intercâmbio de produções e troca de experiências entre os jovens de todo o mundo.

Palavras-chave: Rádio-escola; Comunicação; Educação.

A RELAÇÃO CONSTRUÍDA ENTRE DESIGUALDADE DE GÊNERO, ESCOLA E ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI

Autor(es):
Vânia Aparecida Calado - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Agência financiadora: CNPq

Compreender a relação entre escola e práticas da violência implica em reconstruir a complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola. A cultura escolar configura-se como fonte importante na construção das identidades de meninos e meninas; pode se constituir em espaço reprodutor de desigualdades, como a de gênero, por exemplo, assim como de reflexão, problematização e flexibilização das mesmas. O fracasso escolar, problemas de aprendizado, violência, transferência de escola e evasão podem ser encontrados na trajetória de muitos adolescentes e em grande parte daqueles que estão em conflito com a lei. Pesquisa realizada no estado de São Paulo indica que grande parte dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas deixa a escola e que a mesma aparece como espaço de humilhação, injustiça, reunião social com outros adolescentes e iniciação no consumo de drogas. A escola, que deveria ser espaço de cidadania, torna-se lugar de marginalização. Dentre os adolescentes que cumprem medida socioeducativa, dados estatísticos da própria Fundação CASA (2006) revelam que estes são em sua maioria do sexo masculino. Fracasso escolar e violência escolar têm sido amplamente discutidos pelos estudos em Psicologia Escolar, mas pouca relação tem sido feita com as questões de gênero. Esta pesquisa tem como objetivos: identificar e analisar as relações estabelecidas entre adolescentes e escola que produzam atos de indisciplina destes adolescentes e que culminem no cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto; identificar e analisar a presença das questões de gênero na produção destes atos de indisciplina na escola; analisar a repercussão dos atos de indisciplina destes adolescentes em suas trajetórias escolares.

Palavras-chave: Gênero; Fracasso escolar; Indisciplina; Delito na escola

A REPRESENTAÇÃO DO ADOLESCENTE NO CINEMA

Autor(es):
Henrique Lobo de Souza Pinheiro - Universidade de Brasília
Laís de Azevedo Marques Feirreira Cordeiro - Universidade de Brasília

A construção da subjetividade do adolescente ocorre no seio da sociedade, na qual a mídia ocupa papel importante. No meio acadêmico diferentes leituras são feitas deste veículo de comunicação. Há correntes que assinalam a presença de uma imagem passiva do adolescente, associada a uma visão moralista, repressora e autoritária. Por outro lado, há quem defenda que "a mídia não cria preconceitos, julgamentos ou verdades, mas absorve o imaginário social, revestindo-o de uma roupagem especial, tecnicamente sofisticada e específica para agradar aos mais diferentes segmentos sociais e aos mais variados gostos". Nesta pesquisa objetivamos investigar a imagem do adolescente no cinema. Os filmes analisados foram cuidadosamente selecionados pela sua popularidade e por abranger diversos contextos e conteúdos relacionados ao período da adolescência. Os filmes escolhidos foram: "Buenos Aires 100 Km", "Confissões de Uma Adolescente em Crise", "Diário de Um Adolescente" e "O Homem Que Copiava". A técnica utilizada para a realização do trabalho foi a análise de conteúdo, utilizando-se uma grade de registro de observação, que se estruturou em torno de três categorias mais relevantes. São elas: (a) diferenças socioculturais; (b) transição para e da adolescência e seus conflitos; e (c) padrões estereotipados de adolescência. A hipótese inicial era de que filmes produzidos pela indústria cinematográfica de Hollywood somente confirmariam estereótipos em relação aos adolescentes, em contrapartida com filmes de maior conteúdo. A conclusão foi de que todos os filmes trazem padrões típicos. No entanto, há filmes que se preocupam em contextualizar melhor a vivência do adolescente, fugindo de um script "hollywoodiano". Estes últimos, no entanto, podem exercer maior influência nas representações simbólicas do público jovem. Uma vez que estudos acerca da relação entre mídia e adolescência privilegiam a análise de matérias escritas, revistas voltadas a este segmento ou programas de TV, com poucas referências às produções cinematográficas, é importante e necessário, portanto, uma maior produção de conhecimento neste campo.

Palavras-chave: Representação; Adolescente; Cinema; Análise de conteúdo.

ARTE, POLÍTICA E SUBJETIVIDADE NO MOVIMENTO HIP HOP

Autor(es):
Danielle de Farias Tavares Ferreira - Universidade Federal de Pernambuco
Mônica Rodrigues Costa - Universidade Federal de Pernambuco
Mônica Zaira de Siqueira Melo - Universidade Federal de Pernambuco

O projeto de pesquisa sobre o movimento *hip hop* da cidade de Recife tem um triplo viés de investigação: 1) subjetivo: dada a valorização das capacidades criativas que colaboram para a elevação da auto-estima dos jovens participantes do movimento e também da população local na afirmação identitária e pertencimento ao lugar, valorização da comunidade; 2) político: utilizam a arte para expor as problemáticas da realidade em que vivem e mobilizar

a comunidade; 3) cultural: que provoca o senso crítico e posicionamentos político-culturais. A criatividade direcionada para o campo da arte engajada politicamente torna os jovens capazes de encontrar novas soluções para suas existências e também para as problemáticas cotidianas de suas comunidades. Portanto, este projeto situa-se no campo das reflexões sobre o caráter político da ação cultural e afilia-se teoricamente com a perspectiva de crítica a modernidade empreendida pelo pós-estruturalismo, que busca ressignificar a política e a cultura na atualidade. O objetivo geral é compreender as articulações e intersecções entre as expressões culturais e a subjetivação política possível no âmbito do movimento *hip hop* na cidade do Recife. Na etapa inicial do projeto realizamos o mapeamento dos grupos atuantes na cidade do Recife, identificando os principais pontos de convergência e divergência entre os diversos grupos e buscando compreender a multiplicidade de perspectivas desse movimento social juvenil. Podemos perceber que o movimento aglutina e mobiliza significativa parcela de jovens de comunidades periféricas, que visam não apenas expressar e tornar pública a realidade em que vivem, mas imprimir uma ação política na realidade.

Palavras-chave: Movimento *hip hop*; Política; Subjetividade; Cultura.

CONFLITOS NAS INTER-RELAÇÕES ESCOLARES: VIOLÊNCIA E MICROVIOLÊNCIA

Autor(es):
Maria do Horto Salles Tiellet - Programa de Pós-Graduação em Educação-UNISINOS

Agência financiadora: FIDIPEX UNEMAT

Esse trabalho pretende destacar algumas questões que nos inquietaram e que merecem um maior aprofundamento. Elas são resultantes da pesquisa "Brincadeiras que humilham:manifestações de incivilidade" de caráter descritivo envolvendo dados quantitativos e qualitativos obtidos através de observações com protocolo definido e de questionário semi-estruturado aplicado em 10 escolas públicas estaduais do município de Cáceres (MT), sorteadas, atingindo 1999 alunos da 5ª série ao 3º ano da educação básica perfazendo 42,44% de um total de 4.710 alunos informantes. A pesquisa apontou a existência de conflitos nas inter-relações escolares cotidianas (entre os alunos e entre professores e alunos) com destaque para a violência, foi possível confirmar a afirmação de vários autores de que a escola não é só reprodutora, mas produz sua própria violência, embora o seu papel ao longo dos séculos objetive a formação, o exercício da cidadania, da civilidade e da não-violência.

Palavras-chave: Conflito; Violência escolar; Microviolências.

DE OFICINEIRO À EDUCADOR SOCIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA FORMAÇÃO

Autor(es):
Annik Christine Silva Matos - Observatório da Juventude FAE/UFMG
Marcelo Jose Ferreira Gomes - Observatório da Juventude FAE/UFMG
Saulo Pfeffer Geber - Observatório da Juventude FAE/UFMG

No âmbito das políticas públicas tem surgido uma nova figura social: o oficineiro. Jovens, mediadores sociais das comunidades alvos das políticas são contratados para desenvolver práticas de oficinas culturais como Grafite, Rap, Break, Axé, Teatro e Esporte. Partindo-se do reconhecimento do papel desses jovens para além da transmissão de um ofício, a saber, a arte ou técnicas de suas oficinas, reconhecem-se os oficineiros como possíveis educadores sociais e agentes multiplicadores dos mais diferentes projetos sociais em suas comunidades. Essa ampliação de atuação torna-se a proposta central do "Curso de Capacitação: Multiplicadores do Programa 'Fica Vivo!'". Cada formação conta com a participação de 30 jovens – multiplicadores ou oficineiros – e ocorre em 15 encontros semanais de três horas. Pensar um plano educacional que contribua efetivamente na formação desses jovens, em um período tão delimitado de tempo, torna-se um grande desafio. Os encontros são divididos em três grandes unidades. Na primeira unidade são discutidos temas referentes à realidade social brasileira, como as desigualdades sociais, acesso a bens culturais e a cidade, possibilitando os jovens pensarem em que contexto social eles estão inseridos. Na segunda unidade são trabalhados temas como juventude, política pública, educador social, o programa 'Fica Vivo!', permitindo que os jovens pensarem sobre sua atuação como oficineiros. Por último, a terceira unidade aborda as temáticas de projeto de vida e elaboração de projetos culturais, fazendo com que os jovens pensem sobre seus projetos futuros. Através de dinâmicas, discussões, recursos áudio-visuais e exposições, em cada encontro é trabalhado um conceito diferente. No final das unidades é feito um fechamento, amarrando os conceitos até então discutidos. Essa prática permite um processo de construção coletiva do conhecimento, envolvendo os jovens concretamente na dinâmica da formação. A formação não se limita às três horas semanais, tão pouco ao espaço de "sala de aula". São distribuídos textos de aprofundamento e também é pedido para que os mesmos tragam textos, relatos ou fotos para os encontros. Pensando a questão do acesso à cidade e bens culturais, uma das práticas educacionais é a distribuição de vales-culturais, que os jovens devem utilizar "consumindo" cultura. O encontro final se dá com a realização de uma grande oficina, preparada pelos jovens, na qual os mesmos põem em prática o que foi trabalhado até então na formação.

Palavras-chave: Juventude; Educação; Cultura.

ESCOLA E ARTE: AS POSSIBILIDADES DO DIÁLOGO.

Autor(es):
Simeire Cristina Hackmann Ferreira - Universidade Estadual de Campinas

Agência financiadora: Bolsista pela SEE/SP

Pretende-se apresentar neste pôster algumas das conquistas do trabalho desenvolvido na Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes, com jovens do Ensino Fundamental e Médio. A Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes está localizada em Santa Bárbara D'Oeste, interior do estado de São Paulo, na Região Metropolitana de Campinas. Desde o ano de 2002 vêm se enfatizando as áreas de ciências humanas e artes no currículo da escola e, a partir desse trabalho, é possível perceber conquistas tais como: reconstrução de valores humanos e estéticos desses jovens, redução da depredação escolar e dos índices de violência no interior da escola. Para tanto, partiu-se da recuperação do aspecto físico da escola, pois acreditávamos que ao melhorar a parte estética, poderíamos iniciar mudanças de conceitos que os alunos tinham em relação à mesma, transformando-a num local agradável para se estar. Paralelamente, iniciamos um trabalho com os professores de leitura de textos diversos, documentários, filmes e palestras a respeito da importância de uma proposta pedagógica clara e objetiva. No decorrer deste período fomos definindo eixos para a proposta pedagógica da escola. Um destes foi "a formação para o belo, a estética e a reflexão", utilizando as diferentes linguagens (poesia, teatro, música, artes em geral) como veículos sensíveis de comunicação. Desta maneira, iniciamos o apoio e investimento nas áreas artísticas ao priorizar as questões humanas nas disciplinas em geral. Em pouco tempo a escola começou a participar de eventos e projetos nas áreas artísticas da cidade, principalmente no Festival de Teatro do Estudante Barbarense (FETESB). Estas participações são em sua maioria dos alunos do Ensino Médio e alguns alunos do Ensino Fundamental. A importância que a escola atribui aos projetos artísticos se deve às diversas possibilidades de trabalho nos diferentes componentes curriculares. É possível percebemos, desde então, o maior envolvimento e presença dos alunos nos espaços e atividades da escola. Estes fatores nos fazem refletir sobre a importância de buscarmos cada vez mais, uma escola que tenha um ambiente agradável, onde alunos e professores se sintam bem no local onde estudam e trabalham. Considerando esse histórico, podemos de certo modo afirmar que a escola se torna atualmente diferenciada em suas atividades e no sentido que as mesmas passam a ter para seus alunos.

Palavras-chave: Escola; Arte; Juventude.

ESTUDO DO ACIDENTE CARRO-MOTO ENVOLVENDO JOVENS EM GOIÂNIA

Autor(es):
Ana Carla Masiero - Universidade Católica De Goiás
Camilo Manoel Lopes - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: BIC/UCG

A presente pesquisa se situa no campo da psicologia do trânsito de abordagem social aplicada a estudos de acidentes. O trabalho tem por base epistê-

mica a Teoria das Representações Sociais. O objetivo inicial foi de conhecer o perfil dos envolvidos em acidentes entre carros e motocicletas ocorridos durante o ano de 2006. Em geral os estudos anteriores alegam por parte do jovem o gosto pela velocidade, relação simbólica com o veículo, sensação de poder como fatores que produzem o maior envolvimento dos jovens em acidentes de trânsito. Isto, associado a uma representação do trânsito como sendo caótica e uma tendência de adaptar as regras de trânsito ao seu julgamento pessoal faz com que os jovens sejam os protagonistas desta triste realidade de mortos e feridos. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados no Detran de Goiás, que constou de uma pesquisa documental, em que foram coletados dados acerca de oitocentos e oitenta acidentes de trânsito em boletins de ocorrência de acidente de trânsito realizados pela Polícia Militar. Foi considerada a idade jovem na faixa etária entre 18 e 29 anos como foco de observação. Verificaram-se os acidentes ocorridos no ano de 2006 com uma mostra significativa de cada mês. Buscou-se relacionar as médias de idade dos envolvidos e sua responsabilidade no acidente; o tipo de veículo e os tipos de acidentes em maior representação. A análise dos dados foi, até então, quantitativa descritiva e inferencial. Os resultados confirmam pesquisas anteriores, que indicam os jovens como um dos principais segmentos envolvidos em acidentes, constituindo também uma das maiores vítimas. A partir de então será buscada a representação dos responsáveis pelos acidentes de trânsito e as possíveis justificativas comportamentais.

Palavras-chave: Representação social; Acidente de trânsito; Moto; Carro.

IDENTIDADE FEMININA E RELIGIÃO A PARTIR DE MULHERES JOVENS DO RIO DE JANEIRO

Autor(es):
Aline de Moraes Siliprandi - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Trata-se de um estudo da influência da religião na constituição de identidades femininas a partir de mulheres jovens oriundas das camadas populares do estado do Rio de Janeiro. O objetivo foi verificar a importância do engajamento religioso na formação dessas jovens considerando os processos sociais em curso na sociedade brasileira. Foi adotada a perspectiva qualitativa tendo como instrumento a entrevista semi-estruturada. O roteiro abordou questões socialmente atribuídas às mulheres – religião, família e moral sexual – e, à participação no espaço público – formas de sociabilidade, atuação na igreja e percepção sobre política. Foi observado um processo de mobilidade social destas jovens, em relação às mães. Entretanto, se, por um lado, há propensão em provocar rupturas em relação às experiências maternas, por outro, suas práticas são motivadas pelos valores tradicionais que lhes foram transmitidos. Foi possível notar, ainda, tendências do campo religioso atual: dificuldade das famílias católicas em manter seus filhos na denominação e migração para os grupos evangélicos. Constatou-se, ainda, diferenças nas formas de participação religiosa e no posicionamento em relação às normas da igreja e às perspectivas seculares. Isso se deve, em parte, às conquistas dos movimentos femininos no país, à maior circulação de jovens em espaços de interação

social onde estas conquistas se fizeram mais expressivas e à estratégia evangélica de alinhar-se às mudanças da sociedade.

Palavras-chave: Juventude; Identidade feminina; Religião.

JOVEM E O ESTIGMA DA TRANSGRESSÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CONDIÇÃO JUVENIL E À EDUCAÇÃO ESCOLAR.

Autor(es):
Fabíola Peres da Cruz - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: CAPES/SETEC

Este pôster tem por objetivo apresentar resultados de uma pesquisa que investiga jovens pobres e as representações sociais que elaboram acerca das instituições sociais clássicas como a escola, a família, a religião e a rede de sociabilidade nas quais estão inseridos, em territórios urbanos caracterizados pela exclusão social. Assim, apresenta dados qualitativos oriundos de uma entrevista com um jovem pertencente às camadas populares, estudante de uma escola pública municipal na modalidade de ensino de educação de jovens e adultos (EJA), situada em Goiânia, na região Leste. O jovem entrevistado, estigmatizado como transgressor, tem aspectos que o singulariza: possui um percurso escolar marcado por inúmeras expulsões, tem opção homossexual definida e exprime de modo direto a sua disposição em romper com as normas legitimadas pela escola e a sociedade. Por meio da entrevista, como técnica da pesquisa qualitativa, procurou se apreender e analisar como este jovem sob o estigma da transgressão atribui sentido à escola enquanto espaço de ensino e sociabilidade juvenil.

Palavras-chave: Jovens; Transgressão e escola.

JOVEM ESTUDANTE: IDENTIFICAÇÃO RELIGIOSA E ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es):
Rosilda Alves de Sousa Dias - UCG

Agência financiadora: CAPES/SETEC

Este pôster apresenta resultados de uma pesquisa que investiga jovens pobres, situados em territórios urbanos caracterizados pela exclusão social, e suas relações de identificação simbólica com as instituições sociais clássicas como a escola, a família e a religião. Em especial, fornece dados preliminares acerca da entrevista realizada com alunos da EJA, em uma escola municipal de Goiânia, situada na região Leste, sobre a relação que o jovem estudante faz entre o mundo religioso evangélico e sua inserção no espaço escolar. Os dados quantitativos obtidos mediante aplicação de um questionário informam que no espaço escolar há um número significativo de jovens intitulados evangélicos (53%). A partir dos dados surgiu a questão: qual a relação que o jovem faz entre a sua religião e o espaço escolar? Como o jovem se identifica com o mundo religioso e como lida com sua religiosidade no espaço escolar? Em que circunstância a religião começou a fazer parte de sua vida? A religião interfere em suas decisões em relação à escola? Para o desenvolvimento deste

trabalho foram feitos estudos da bibliografia especializada acerca da juventude e escola, coleta de dados em pesquisa de campo através de questionário e entrevistas.

Palavras-chave: Jovens; Religião e escola.

JOVENS E MÍDIA

Autor(es):
Maria do Rosário de Fátima Rodrigues - Centro Universitário do Leste de Minas Gerais

O objetivo foi identificar com o jovem a percepção de critérios em relação às suas escolhas midiáticas, identificando valores veiculados no espaço televisivo e refletindo sobre a influência dos meios de comunicação no comportamento. De acordo com Andrade e Novo, algumas visões básicas estariam presentes nos trabalhos que enfocam o tema, tais como a transitoriedade, a ambigüidade e a suspensão da vida social. Observa-se que essa visão vem dando lugar à outra, ou seja, a juventude não é somente uma preparação para a vida adulta, ou sinônimo de ambigüidade. Esta fase, assim como as outras, é específica, e traz em si mesma a autoria da pessoa que a vive, bem como os condicionantes culturais nos quais se está inserido, enfatizando aí a influência da mídia. Participaram desta pesquisa 14 jovens, sendo 7 do sexo feminino e 7 do masculino. A média de idade foi de 17 anos. Foi aplicado um questionário e as questões objetivas indicaram que dos objetos referentes aos meios de comunicação metade deles se identificou com o computador. A maior parte deles escolheu tecer um comentário sobre Mídia e Comportamento ao invés de Mídia e Valores. Quando questionados se assistiam ao programa Malhação, metade deles marcou sim. Sobre o Jornal Nacional nove marcaram sim. Sobre a utilização de softwares, todos respondentes os utilizam, sendo que as circunstâncias estão relacionadas a lazer, seguido da escola, ao trabalho e outros. Observa-se que esses jovens não citaram a televisão como meio de comunicação utilizado, contrariando uma tendência mundial. Entretanto, assistem programas de ficção e não-ficção, concordantes com a tendência nacional. Ressalta-se que este material foi utilizado para composição de uma oficina sobre mídia para jovens.

Palavras-chave: Jovens; Mídia.

JUVENTUDE DO CAMPO: IDENTIDADES E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ASSENTAMENTO MARRECAS – SÃO JOÃO DO PIAUÍ

Autor(es):
Maria do Carmo Alves do Bomfim - Universidade Federal do Piauí
Marli Clementino Gonçalves - Universidade Federal do Piauí

Este texto apresenta dados de uma pesquisa, em desenvolvimento, que tem como objeto de estudo as práticas educativas do Assentamento Marrecas, em São João do Piauí. Analisa as contribuições dessas práticas para a construção das identidades dos/as jovens desse assentamento, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. As discussões teóricas ancoram-se nos

estudos de Sposito, Carneiro, Bomfim, Gohn, Caldart, Branco, dentre outros/as. Esta pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, utiliza como técnicas de coleta de dados o questionário e o grupo focal. Nos achados parciais, depreendemos que: a) as identidades dos/as jovens são construídas na dinâmica das relações estabelecidas no meio social em que vivem articulando objetividade/subjetividade, sendo a família, a escola, o movimento social e a religiosidade fortes referenciais; b) a participação no movimento social abre espaço para a construção de uma identidade coletiva favorecendo o empoderamento dos sujeitos e possibilidades de acesso a bens sociais e culturais. Assim, os jovens do Assentamento Marrecas vêm se inserindo no conjunto das movimentações da vida do campo. Nesse movimento, contribuem para o redesenho desse território, além de, no seu jeito de ser e viver, assimilarem as marcas desse processo. É razoável afirmar, ainda, que tenhamos fortes elementos indicadores da construção de identidades juvenis resultantes do conjunto das práticas educativas ali desenvolvidas.

Palavras-chave: Juventude do Campo; Identidades; Práticas educativas.

JUVENTUDES E MÚSICAS – TEMÁTICA ABORDADA EM TRABALHOS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* NO BRASIL ENTRE 1996 E 2007: CONSTRUÇÃO DE UM BANCO DE DISSERTAÇÕES E TESES

Autor(es):
Margarete Arroyo - Universidade Federal de Uberlândia
Thais Vieira do Nascimento
Thenille Braun Janzen - Universidade Federal de Uberlândia

Agência financiadora: UFU/CNPq

A construção de um banco de dissertações e teses que abordam o tema "Juventudes e Músicas" quer como foco central, quer como assunto decorrente do estudo, encontra-se em desenvolvimento desde 2006. A partir do reconhecimento da relevância das práticas musicais na experiência de vida e na constituição subjetiva de adolescentes e jovens na contemporaneidade, a motivação desse trabalho deve-se à necessidade de conhecer a produção acadêmica na temática. Para tanto, empreendeu-se o levantamento, mapeamento e análise de dissertações e teses defendidas em diferentes programas de pós-graduação no Brasil no período de 1996 a 2007. O recorte temporal justifica-se, pois a partir da segunda metade dos anos 1990 há no país uma retomada dos estudos sobre as juventudes. Considerar o tratamento do assunto em diversos campos do conhecimento torna-se viável, visto que a produção ainda é pequena no tema em questão. Paralelamente a esse banco, está-se mapeando e analisando essa produção em subtemáticas a partir das abordagens epistemológicas e metodológicas do assunto. Por exemplo, está em andamento o mapeamento e a análise das dissertações e teses que abordam o subtema "Juventudes, músicas e escolas". Este pôster tem por objetivo apresentar as dissertações e teses levantadas até o momento, com análises parciais desse conjunto. Até fevereiro de 2008 foram levantados 114 trabalhos, 96 dissertações e 18 teses, vinculados aos seguintes campos de conhecimento: Antropologia, Ciências da Computação, Comunicação Social, Eco-

nomia, Educação, Educação Física, História, Letras, Música, Música –Educação Musical, Psicologia, Serviço Social e Sociologia. A maior parte dessa produção está disponível na íntegra na web, principalmente os trabalhos defendidos após 2004. A localização desses deu-se principalmente através da internet, em consultas a portais, bancos de teses e sites de bibliotecas das universidades brasileiras, quando as seguintes palavras chaves serviram como instrumento de busca: juventude e música, adolescente e música, jovem e música, culturas juvenis, culturas juvenis e música, educação musical, ensino de música, juventude e identidade. O banco de dissertações e teses compõe-se principalmente de versões eletrônicas, organizadas por autor e programas de pós-graduação e um breve comentário de cada trabalho. Almeja-se disponibilizar esses dados na internet, buscando colaborar com a pesquisa na temática.

Palavras-chave: Juventudes; Música; Dissertações; Teses; Banco de dados.

METODOLOGIAS DE ORGANIZAÇÃO JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE

Autor(es):
Carlos Rangel Neves Otto

Este trabalho dedica-se a compreender o universo das metodologias de organização juvenil na contemporaneidade. Partimos do pressuposto de que há dois modelos básicos em que se organizam os jovens: um em que predomina as relações hierárquicas, e outro, muito experimentado na atualidade, baseado na horizontalidade das relações. Ao comparar estes dois modelos tentamos analisá-los a partir de seus ritos, punições, identificamentos e os papéis dos vários sujeitos presentes em grupos juvenis. Nossa metodologia parte do levantamento e revisão da literatura das formas de organização grupal cruzando com a literatura a cerca do mundo juvenil. A investigação participativa e a entrevista semi-estruturada são opções adotadas neste trabalho para fazer o olhar sobre o discurso dos jovens a respeito das formas de organização. Primeiras análises têm evidenciado que as organizações juvenis, baseadas na horizontalidade, têm se expandido na contemporaneidade e de que as práticas juvenis nas mesmas estão frequentemente atreladas a relações afetivas, fraternas e amorosas, diferente das relações burocráticas que a hierarquia em grande parte estabelece.

Palavras-chave: Juventude; Organização; Contemporaneidade.

METODOLOGIAS DE TRABALHO COM JOVENS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DOS PROJETOS INTER-AGINDO E DIÁLOGOS DA JUVENTUDE

Autor(es):
Fernanda Vasconcelos Dias - Universidade Federal de Minas Gerais
Helen Cristina do Carmo - Universidade Federal de Minas Gerais

O Observatório da Juventude da UFMG é um programa de ensino, pesquisa e extensão ligado à temática juvenil. Dentre as ações promovidas destacamos dois projetos de extensão realizados no âmbito da formação juvenil: o Projeto Inter-Agindo, que aconteceu durante os anos de 2005 e 2006, envolveu 154 jovens trabalhadores da Cruz Vermelha Brasileira, entre 15 e 18 anos; e o

Projeto Diálogos da Juventude que aconteceu entre os anos de 2005 e 2007, envolveu 180 jovens do município de Belo Horizonte e Região Metropolitana, entre 14 e 24 anos. Neste trabalho relatamos algumas das contribuições desses projetos na construção de possibilidades metodológicas de trabalho com jovens. Desta maneira destacamos três caminhos que nortearam as ações: o espaço coletivo/sociabilidade, o conhecimento/reconhecimento identitário e o desenvolvimento da autonomia. Buscamos dialogar com os jovens através de atividades que oportunizassem a participação ativa dos mesmos, partindo do pressuposto de que eles são sujeitos socioculturais munidos de experiências e conhecimentos válidos. Procuramos possibilitar espaços de expressão e atuação juvenis, nos quais os jovens fossem ativos no seu próprio processo educativo. Os resultados das ações foram aferidos mediante discussões com os jovens, que afirmaram a importância dos espaços de diálogo horizontal, no qual o respeito à individualidade e experiências dos mesmos fossem valorizadas. Também foram ressaltadas as contribuições dos projetos no desenvolvimento pessoal e interação social dos jovens. Consideramos que estas experiências educativas confirmaram a importância de uma pedagogia da juventude, valorizando o diálogo, as práticas cotidianas, a participação e as formas de sociabilidade juvenis.

Palavras-chave: Juventude; Educação e processos educativos.

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR UM JOVEM TRABALHADOR E ESTUDANTE DA EJA À ESCOLA

Autor(es):
Ana Paula Martins de Oliveira - Universidade Católica de Goiás

Este pôster tem como objetivo analisar os resultados parciais da pesquisa "O Proeja indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – Agrupamentos e culturas juvenis: processos de socialização e formação". Analisa uma das entrevistas com um jovem trabalhador buscando apreender os sentidos que ele atribui à escola enquanto instituição formadora e o seu modo de pensar a educação escolar, e em específico, à modalidade de ensino EJA. Também, enfoca as relações entre o mundo do trabalho e a escola.A análise da entrevista fornece informações se o jovem reproduz em seu discurso as concepções dominantes tanto na escola como em sua família. Examina também se existem contradições nos argumentos apresentados pelo jovem estudante, ou seja, ao mesmo tempo em que ele atribui um sentido positivo à educação escolar, não responde, quando questionado, em que a escola poderá contribuir na sua vida social, cultural e profissional.

Palavras-chave: Jovem; Escola; Trabalho.

PRÁTICAS CULTURAIS JUVENIS: (RE)SIGNIFICANDO VIDAS EM MOVIMENTOS ALTERNATIVOS DE TERESINA (PI).

Autor(es):
Edmara de Castro Pinto - Universidade Federal do Piaui-UFPI
Claudilene Santos de Lima - Universidade Federal do Piaui
Maria do Carmo Alves do Bomfim

Agência financiadora: CNPq

Neste trabalho apresentamos pesquisa desenvolvida de agosto de 2006 a junho de 2007, junto a movimentos alternativos de Teresina (PI). Objetivou estudar as práticas culturais de jovens urbanos dos movimentos: Skatistas, Meninos e Meninas de Rua e na Rua e Jovens do PREMEN-Norte. Especificamente, examinou como tais práticas são constitutivas das identidades juvenis, baseadas em estudos de Abramovay, Sposito, Peralva, Melucci, Dubet e Dayrell. Como pesquisa qualitativa, utilizamos contatos pessoais e entrevistas semi-estruturadas, possibilitando construir um mapeamento dos movimentos pesquisados quanto: à denominação dos grupos, às origens da denominação de cada movimento, à diversidade dos jovens que os integram, aos objetivos, à metodologia de ação, às suas criações culturais. Os jovens desses movimentos, em sua maioria, manifestam suas angústias, suas necessidades, seus anseios, suas expectativas e seus desejos; trocam experiências e constroem suas identidades na convivência com seus pares. Mesmo vivendo em condições de vulnerabilidades tais jovens ressignificam suas vidas pela participação nesses movimentos e nesse processo incorporam novos valores ao construírem suas identidades pessoais e coletivas, positivas.

Palavras-chave: Juventudes; Práticas culturais; Identidades.

PRÁTICAS DE LEITURA E JUVENTUDES

Autor(es):
Ana Carolina Siqueira Veloso - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Gisele Gonçalves Isaias
Márcia Cabral da Silva - UERJ
Rodrigo Ruan Merat Moreno - UERJ

Agência financiadora: CNPq

Neste trabalho, indicam-se os resultados preliminares no âmbito de uma pesquisa sobre concepções e práticas de leitura associadas à juventude. Trata-se de pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, desenvolvida em uma escola de formação de professores localizada na Cidade do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de pesquisadores de uma universidade pública. Com a finalidade de aplicar o questionário, versando sobre campo socioeconômico, trajetória escolar, trajetória cultural e trajetória de leitura, os pesquisadores fizeram as primeiras visitas à escola. De um lado, evidenciaram-se os rituais escolares asso-ciados à arquitetura da instituição, aos espaços estriados, conforme advertem Deleuze e Guatarri. Verificam-se, em um primeiro momento, a leitura silenciosa e muitas dúvidas acerca dos enunciados registrados nos questionários. De outro, emergem as práticas de leitura relacionadas aos

ambientes periféricos da instituição, como o pátio e as escadas, o que se pode denominar espaços lisos, ainda na perspectiva teórica indicada. No contexto dessas práticas, ressalta-se a leitura curiosa, de modo compartilhado, sobre revista de conteúdo *funk*. Constatou-se, então, que os jovens lêem, mas o fazem para além dos desenhos curriculares tradicionais.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Juventudes; Espaços educativos.

PROJETO E.U.A.

Autor(es):
Nathália Raggi - ONG Família José

O Pôster visa publicar imagens de um festival estudantil de música destinado a jovens estudantes. Realizado por uma ONG em parceria com a prefeitura da cidade, o projeto teve duas edições: a primeira, no ano de 2005, a segunda, no ano de 2006. No pôster, estarão as fotos da última edição. Durante 12 etapas, em 12 escolas estaduais, diferentes tribos juvenis se uniram à comunidade do bairro e à família para eleger 2 bandas que se classificariam para a etapa final. De 24 bandas classificadas, 12 finalistas tiveram a oportunidade de gravar um CD. O Projeto visou a união da juventude em prol de um interesse comum – a música – ressignificando o espaço escolar e permitindo a sociabilidade entre diferentes culturas juvenis.

Palavras-chave: Jovens; Tribos; Música.

PROTAGONISMO JUVENIL E MEIO-AMBIENTE: O PAPEL DA ATIVIDADE NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE "JOVENS PROTETORES DA VIDA"

Autor(es):
Marcio Gonçalves dos Santos
Maria do Socorro Santos de Brito - Universidade Federal do Amazonas

Este trabalho visa compartilhar uma experiência com jovens e sua relação com o meio-ambiente no contexto de uma escola pública de Ensino Médio em Manaus. Alguns professores com a ajuda de um psicólogo escolar, construíram um projeto sobre educação ambiental. O objetivo do projeto foi incentivar o contato dos alunos com o meio-ambiente para que se tornassem protagonistas de seus próprios processos de formação, construindo reflexões acerca da diversidade biológica em um espaço urbano, que, apesar de ser localizado em meio à floresta amazônica, precisa cultivar o senso de cuidado e proteção de suas reservas. Na confecção do projeto foram usados pressupostos teóricos à luz da abordagem sócio-histórica, que considera a atividade e a linguagem como categorias fundamentais no desenvolvimento humano. O projeto contou com a participação de todo o grupo escolar para que fosse executado. A primeira etapa partiu de uma reunião com os professores na qual se pensou na necessidade de visitas ao local onde seriam coletados dados para diferentes pesquisas. Assim, na segunda etapa, após visitas técnicas a uma reserva de preservação chamada "Parque Sumaúma", cada professor em sua disciplina específica criou um trabalho que incluía a participação dos jovens da escola. A terceira foi a visita dos alunos ao Parque com o objetivo de coletar dados

para a elaboração de diversos trabalhos sobre a temática ambiental. Os jovens saíam da escola em horário combinado com o professor da disciplina, sendo decidido, na reunião docente, que cada mestre ficaria encarregado de observar as atitudes dos alunos em relação à atividade. A última etapa do projeto foi a apresentação dos resultados das pesquisas desenhadas por cada professor e executadas por cada grupo de alunos. Como resultado das observações, percebeu-se que no percurso, os alunos conversavam a respeito das expectativas sobre o funcionamento dessa área de preservação, o que nos chamou atenção pela seriedade por parte desses atores sociais. Ao entrar na trilha da reserva, os jovens ficavam admirados meio àquela diversidade biológica, vivenciando o contato com a realidade concreta, associando teoria e prática e se sentindo parte dos próprios processos de aprendizagem. Na apresentação dos resultados das pesquisas, observou-se claramente o desenvolvimento intelectual dos alunos, dominando uma linguagem científica precisa sobre o meio-ambiente. O trabalho não somente despertou nos alunos o sentido de sociabilidade e cidadania, mas também gerou o senso de responsabilidade por aquele espaço, sentindo-se parte do ecossistema biológico. Dessa forma, percebeu-se que projetos pedagógicos, inserindo jovens como sujeitos ativos, precisam se tornar cada vez mais comuns nas escolas, pois além de oportunizar a formação do senso crítico dessa clientela, torna-os participantes na compreensão do mundo e da sociedade.

Palavras-chave: Protagonismo juvenil; Meio-ambiente; Projeto pedagógico.

PSICOLOGIA SOCIAL/COMUNITÁRIA: PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE SAÚDE NAS FAMÍLIAS DE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO

Autor(es):
Alciane Barbosa Macedo Pereira - Escola de Circo-Instituto Dom Fernando (UCG)
Florença Ávila de Oliveira - Escola de Circo-Instituto Dom Fernando (UCG)
Ivana Orionte - Escola de Circo-Instituto Dom Fernando (UCG)

Agência financiadora: Universidade Católica de Goiás

A família, enquanto grupo de mediação da relação indivíduo sociedade, merece especial atenção. Ela é cenário permanente de produção subjetiva e elemento fundamental na promoção da saúde humana. A qualidade da relação possibilita ou não a constituição de subjetividades autônomas e saudáveis. Para tanto, pretende-se apresentar, no presente trabalho, as estratégias de prevenção/intervenção utilizadas como alternativas conjuntas no reconhecimento e enfrentamento de conflitos que se instalam no contexto de famílias de adolescentes de camadas populares em um programa de extensão. Foram utilizados como recursos teóricos e metodológicos as propostas da teoria histórico-cultural de Vigotsky, de González Rey e da ação/reflexão/ação sugerida por Peres, que permite tanto a produção de conhecimento quanto a realização de uma ação social. A mediação das relações entre pais e filhos representa uma das estratégias possíveis para o enfrentamento dos conflitos. Essa mediação, colocada em prática para atender as famílias dos adolescentes, foi viabilizada durante visitas domiciliares. A segunda estratégia empre-

gada foi a realização de reuniões temáticas com as famílias. O encontro pode desencadear um processo em que os participantes têm a possibilidade de produzir novas configurações de suas relações familiares, voltadas para seu bem-estar e qualidade de vida. Neste estudo, uma das principais dificuldades detectadas nas relações dos adolescentes do programa com suas famílias foi a dificuldade de comunicação entre eles. Não somente a comunicação é importante, mas principalmente a produção de sentido que ela possibilita. É exatamente nessa esfera do "entre", na decodificação da comunicação, que se trabalhou com essas famílias, tanto nas visitas domiciliares como nos encontros tematizados. Os resultados obtidos se expressam em algumas falas, tanto dos pais quanto dos adolescentes, tal como sobre a expressão de sentimentos e divisão de tarefas. A comunicação, nesse sentido, viabiliza o encontro e o reconhecimento do outro enquanto sujeito.

Palavras-chave: Adolescência; Família; Psicologia Social/Comunitária.

SONHOS E PERSPECTIVAS DE UMA JOVEM MIGRANTE DA EJA

Autor(es):
Maria Edimaci Teixeira Barbosa Leite - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: bolsista OVG

Este pôster apresenta resultado parcial de uma pesquisa em desenvolvimento. Tem por objetivo analisar o discurso de uma jovem migrante que por diversas razões abandonou os estudos e o retomou em condições familiares econômicas desfavoráveis a sua permanência na escola. Atualmente a jovem enfrenta os desafios de uma escola cuja a modalidade de ensino é a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Indaga quem é essa jovem mulher, quais seus sonhos, desafios, conflitos, perspectivas para o futuro e as suas maneiras de lidar com o espaço urbano. A análise focou-se no discurso produzido pela jovem sobre: o modo de ser jovem e seus múltiplos significados, os valores que permeiam as relações familiares e escolares. A jovem entrevistada revela parte da face de uma mulher migrante em busca de sobrevivência. A situação vivida é interpretada por ela. Traduz o modo de viver de muitas outras jovens migrantes que mantém o ideário de valorização da educação como mecanismo de ascenção social.

Palavras-chave: Juventude; Migrante; Espaços de sociabilidade e formação.

TRIBOS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Autor(es):
Angela Maria de Oliveira Almeida - Universidade de Brasília
Arthur de Oliveira Corrêa - Universidade de Brasília
Rebeca Morais de Paula - Universidade de Brasília
Rhavenna Aragão Chmieleski - Universidade de Brasília

Agência financiadora: CNPq

Estudos confirmam que a adolescência é caracterizada por uma reorganização na vida social; a orientação dos adultos torna-se reduzida e mais indireta,

as interações entre os sexos aumenta significativamente, uma maior quantidade de tempo é passada com os pares, e a participação em grandes grupos sociais torna-se importante. Este estudo procurou analisar como adolescentes integrantes de duas "tribos urbanas" (Emos e Rappers) caracterizam as suas próprias tribos, bem como as demais tribos conhecidas do Distrito Federal. A partir daí, buscou-se saber quais destas características são comuns de ambos os grupos estudados (se estendendo, assim, para os adolescentes em geral) e quais são específicas e exclusivas de cada um. A investigação contou com a colaboração de 18 adolescentes, dentre os quais 9 se consideraram Emos e 9 se disseram Rappers. Todos os entrevistados foram abordados no local escolhido para a coleta de dados, respondendo a uma série de perguntas dispostas em um roteiro de entrevista/questionário. Ao final do estudo, foi possível observar um sentimento de integração com o grupo comum a todos os entrevistados, de ambas as tribos, assim como a percepção de um alto grau de intimidade entre seus membros. A principal distinção feita pelos adolescentes em relação às duas tribos foi quanto à preferência musical e o modo de se vestir dos integrantes.

Palavras-chave: Adolescência; Processos identitários; Tribos.

VC KR TC CMIGO? UM GLOSSÀRIO COM OS USOS COMUNS DOS JOVENS NA CIBERCULTURA

Autor(es):
Maria Helena Oliveira Lemos - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

"Desde que a Internet se popularizou, a partir da década de 1990, toda uma geração de jovens cresce imersa num universo de telas e teclas que afetaram não só as formas de comunicação humana, mas também as instituições sociais (a escola, inclusive) de forma mais ampla", segundo Hamann e Souza. O glossário com os usos comuns dos jovens na cibercultura é um produto resultante do projeto desenvolvido em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro, com duas turmas do 3º ciclo de formação – ano final, formada por alunos de 14 a 17 anos, num universo de 72 alunos, sendo 31 meninos e 41 meninas. Foi feito o registro de como estes jovens lidam com a nova forma de comunicação, cada vez mais utilizada por todos, em especial pela juventude. A coordenação desse trabalho foi feita por um aluno da própria turma, escolhido por mim, entre os que demonstraram dominar melhor essa linguagem. O resultado está expresso num "Dicionário de linguagens usadas na internet", nome dado pela aluna Shirley de Souza, também responsável pela produção da capa da sua turma; o aluno Rodrigo Marques Silva confeccionou a capa da outra turma. A escolha do título reflete o uso cada vez maior dessa nova linguagem que, vem sendo paulatinamente incorporada ao cotidiano, no qual, cada vez mais, estamos conectados, teclando com as mais variadas pessoas, trocando e-mails e buscando nos comunicar com outras pessoas. A metodologia utilizada consistiu em dois momentos distintos: a pesquisa de palavras e expressões utilizadas e a investigação sobre as novas relações estabelecidas na rede, desenvolvida através da aplicação de um questionário aberto. As turmas dividiram-se em grupos; cada um deles ficou responsável por um con-

junto de letras do alfabeto e, a partir dessas, procurou palavras utilizadas na escrita teclada, em especial nas salas de bate-papo, *orkut* e Messenger. Também foi feita uma pesquisa na internet visando consultar e elaborar pequenos textos explicativos sobre os usos comuns dos jovens na rede mundial. Buscar despertar através da informática contribuições para ressignificar e construir novos saberes, orientando e estimulando as pessoas a se apropriarem desse instrumental e através de possíveis narrativas, (re)construir como tem sido no cotidiano desses jovens, a apropriação de uma linguagem voltada para as comunicações virtuais.

Palavras-chave: Juventude; Tecnologia; Laboratório de informática.

VÍDEOS@JUVENTUDES.BR UM ESTUDO SOBRE VÍDEOS COMPARTILHADOS POR JOVENS NA INTERNET

Autor(es):
Heloisa Helena Oliveira de Magalhães Couto - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Fenômeno cultural que se desenhou nos últimos anos, provocado por facilidades tecnológicas e pelo interesse crescente daqueles que produzem e trocam produções, os sites para a difusão de vídeos podem servir de canal para a produção alternativa. Diariamente 100 milhões de curtas são assistidos por internautas que estão em várias partes do mundo. Os jovens têm sido apontados como os grandes interessados e produtores de vídeos na rede. Que histórias estão contando? Tais produções têm contribuído para a produção de imagens de sujeitos e histórias que não aparecem nas imagens da mídia de massa? Para Barbero há uma nova sensibilidade produzida a partir da operação e interação midiática. Buscamos analisar como se configura a produção de vídeos, compartilhados na internet, de jovens entre 15 e 24 anos, e fazer pontes de aproveitamento deste conhecimento com a educação formal. Se por um lado, a "juventude reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais" de acordo com Novaes, "é no mundo dos jovens urbanos que se fazem visíveis algumas das mudanças mais profundas e desconcertantes de nossas sociedades contemporâneas" como diz Barbero. Em nossos resultados cabe destacar que, quando o jovem pode se expressar através da linguagem do vídeo, usa a imaginação para o questionamento de padrões impostos e produz trabalhos que fortalecem sua auto-estima e sua cultura. Mas são poucos os que se interessam em romper parâmetros. A autoria do jovem é uma prática política e de linguagem. Os sujeitos que ainda não estão prontos para o mundo dos adultos e estavam silenciados, ganham vez e voz, mostram o que são e o que pensam. E parece que fazer-se visível socialmente é um modo novo de exercer politicamente seus direitos.

Palavras-chave: Internet; Juventude; Vídeos.

VIOLÊNCIA ESCOLAR E INDISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO JOVENS

AUTOR(ES):
Claudio José Santana de Figueiredo - Universidade Federal de Mato Grosso
Mary Diana da Silva Miranda - Universidade Federal de Mato Grosso

Esta pesquisa priorizou investigar a violência escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ocorrida no microcosmo da sala de aula, onde podem acontecer de forma direta e explícita os conflitos na relação professor-aluno. Nossa preocupação é, a partir de relatos de estudantes das referidas séries, pesquisar as formas de violência física e/ou institucional praticadas no dia-a-dia das atividades pedagógicas, dentre as quais caracterizam-se as ações punitivas que se apresentaram tanto de forma aberta como ocultas nos procedimentos legais. A relevância do trabalho está na abertura de um espaço para a circulação da palavra e assim buscar, com todos os segmentos da comunidade, alternativas para minimização das ações violentas que ocorrem no âmbito escolar. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, como também a técnica de grupo focal. Os estudantes sempre associavam a indisciplina com os atos geradores de violência na sala de aula, eram excluídos do processo na elaboração das regras, mas que eram os primeiros a sofrerem punições. Neste sentido, torna-se fundamental investigar os mecanismos de controle disciplinar que perpassam a educação para a partir da percepção destes, propor ações que contribuam para, a transformação do ambiente escolar em um espaço mais democrático e cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Cotidiano escolar; Indisciplina.

Sessão de Projetos Sociais

EIXO - Ações públicas e intervenções com adolescentes e jovens

DE PESQUISA E EDUCAÇÃO POPULAR: JOVENS SE EXPRESSAM, DIALOGAM E APRENDEM

Autor(es):
Solange dos Santos Rodrigues

A metodologia dos Grupos de Diálogo foi utilizada para apreender as opiniões de jovens sobre participação, políticas e esferas públicas em diferentes regiões metropolitanas do Brasil no projeto Juventude Brasileira e Democracia. Essa abordagem metodológica tem como premissa que o acesso à informação e o diálogo em torno dela são necessários à formação de opinião. Esta pesquisa, coordenada por duas ONGs (Ibase e Pólis) foi desenvolvida em parceria com uma série de organizações não governamentais e algumas universidades. Esse lugar institucional, bem como o perfil das(os) pesquisadoras(os) responsáveis, em sua maioria profissionais envolvidas(os) em processos de educação popular, contribuíram para que a investigação assumisse também um caráter de intervenção social. A apresentação abordará a apreensão que jovens fizeram dessa experiência, a partir das respostas dadas à questão que lhes foi submetida ao final do trabalho, respondida individualmente: "o que aconteceu de mais importante aqui hoje?" Nesta oportunidade, os jovens fizeram questão de ressaltar, num espaço de livre manifestação, que puderam expressar suas opiniões, dialogar e aprender. Essa valorização da interlocução e da aprendizagem pode ser considerada um resultado não esperado do projeto, que o reveste de um duplo caráter: de pesquisa e de educação popular.

Palavras-chave: Educação popular; Aprendizagem; Interlocução; Pesquisa.

O CENTRO DE ESTUDO, PESQUISA E EXTENSÃO ALDEIA JUVENIL – 25 ANOS NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS

Autor(es):
Valterci Vieira - UCG/IDF/CEPAJ
Zélia Maria Borges - UCG/IDF/UCG

Criado em 1983, é programa de extensão, referência e apoio na região Sudeste de Goiânia. Integra o Instituto Dom Fernando, especializado nas temáticas da infância, adolescência, juventude e família, desse modo vincula-se à PROEX/UCG. Articula ações que reafirmam seu comprometimento com as políticas de direitos humanos, em consonância com o Estatuto da Criança e Adolescente. Consolidou amplas experiências por meio de sua atuação nos seus

25 anos de existência, primando pela cidadania e democracia, por meio das quais desenvolve ações sociopedagógicas com adolescentes e jovens, dentre outras atividades: grupos temáticos, oficinas de inclusão digital, atendimento psicoterapêutico e avaliação psicodiagnóstica em relação à violência doméstica. É espaço de formação acadêmica, no qual entende a produção de conhecimento considerando o pluralismo e a ação interdisciplinar. Realiza pesquisas comprometidas com as expressões da questão social e constrói parcerias com diversas organizações, pautando-se na ética e defesa de direitos humanos e sociais de crianças, adolescentes e suas famílias.

Palavras-chave: Criança/adolescente; Direitos humanos; Extensão.

O PROJETO FÊNIX NA COMUNIDADE

Autor(es):
Adriana Barbosa Sócrates - Universidade de Brasília
Dina Mara Cestari - Universidade de Brasília

Agência financiadora: CAPES

Trata-se de um projeto concebido como alternativa de atendimento psicossocial a adolescentes que cumpriam medida socioeducativa – na modalidade de liberdade assistida – e suas famílias, num Centro de Desenvolvimento Psicossocial (CDS) de uma das cidades satélites mais violentas do Distrito Federal, durante o ano de 2005 e 2006. A proposta foi inspirada num projeto-piloto desenvolvido por um Grupo de Pesquisa ligado à universidade, a partir de uma demanda da Vara da Infância e Juventude (VIJ/TJDFT), em parceria com a Secretaria de Estado e Ação Social do Distrito Federal (SEAS/DF). O projeto atendeu cerca de 100 adolescentes com histórico infracional e de envolvimento com drogas. Os adolescentes recebiam uma bolsa de 130 reais desde que fosse mantido o vínculo com a escola. A metodologia adotada foi a dos grupos Multifamiliares, que articula os fundamentos teóricos da Psicologia Comunitária, do Sociodrama, da Terapia Familiar e das Redes Sociais. As reuniões, que aconteceram uma vez por mês, foram supervisionadas pela equipe de pesquisa responsável pelo programa. A coordenação das reuniões ficou a cargo de pesquisadores da pós-graduação e alunos da graduação – psicólogos e assistentes sociais, em parceria com os técnicos do CDS. O objetivo do atendimento foi a reflexão sobre o uso de drogas, o conflito com a lei, as relações familiares e sociais, a importância da escola e da medida socioeducativa. Além do resgate do significado simbólico da justiça, da autoridade dos pais – um tema recorrente nessas reuniões, a metodologia utilizada permitiu a troca de experiências e o fortalecimento das redes sociais que favorecem a sociabilidade, a afetividade, a confiança, o respeito e a solidariedade entre os sujeitos

Palavras-chave: Atendimento de adolescentes em conflito com a lei; Drogação.

PROJETO TV DE RUA

AUTOR(ES):
Maria das Dores Lima

O município de Fortaleza tem priorizado desde o ano de 2005 o investimento nas Políticas Públicas para a Juventude. A relação dos jovens da cidade de Fortaleza com o poder público é pensada na valorização da expressão de suas opiniões, valores, e demandas. Fortaleza, quinta maior cidade do país tem uma população de 2.374.944 habitantes (IBGE); estima-se que 636.435 são jovens com idade de 15 a 29 anos; Fortalecer os laços entre poder público e movimentos sociais, tornando os jovens, adultos e idosos, sujeitos de um projeto coletivo de cidade tem sido uma máxima desta nova forma de governar Fortaleza. Neste contexto a nova gestão comprometida com a construção de uma política de comunicação alternativa, pactuou em setembro de 2007 um convênio com uma ONG, com a finalidade de fomentar a produção de vídeos sobre os projetos temáticos da gestão construídos por jovens, a partir da sua interlocução com as comunidades locais da cidade. Visualizamos a partir deste cenário modos de subjetivação dessa juventude ligada a um cotidiano caracterizado de novas tecnologias no campo da informação e comunicação. Portanto é com base nesta interanimação dialógica que nasce o Projeto TV Rua. A ONG, através do Núcleo de Realização Audiovisual, produz documentários e vídeos institucionais através de jovens realizadores formados pela instituição, com 2000 jovens contemplados. Salienta-se que durante o período de setembro de 2007 até março de 2008 foram produzidos quatro vídeos temáticos Dentre eles destaca-se uma prática discursiva sobre o futebol, habitação, realçado a partir da narrativa de uma comunidade local. Portanto discutir a trajetória de formação e de inserção dos jovens no mercado audiovisual tem sido uma questão relevante para a Agenda da Gestão, dado o caráter social impresso na produção e difusão de conteúdos audiovisuais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação audio visual; Modos de subjetivação; Interanimação dialógica; Juventude; Práticas discursivas; Cotidiano.

EIXO - Garantia de direito e inclusão social de adolescentes e jovens

A JUVENTUDE QUER VIVER: UM OLHAR SOBRE A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Autor(es):
Carmem Lucia Teixeira - Casa da juventude Pe. Burnier

Agência financiadora: AJEAS

Estudo realizado no curso de Informática e Cidadania da Casa da Juventude Pe. Burnier, em Goiânia, com jovens que participavam da formação "Informática Avançada" no eixo cidadania. A Casa da Juventude Pe. Burnier é uma instituição com 23 anos de trabalho com jovens. Iniciou em 2004 uma campanha "A juventude quer viver". Essa campanha nasce da necessidade da defesa da vida dos jovens frente à violência do estado e de outros grupos organizados no extermínio de jovens.A campanha é acolhida e tem alcance nacional, assumida por outros grupos e organizações. o objetivo é publicizar o tema dos direitos da juventude e a construção de uma nova imagem dos/as jovens, diferente do que foi construída pelos meios de comunicação social. Por esta razão a campanha trabalha aspectos visuais com vários instrumentos de comunicação. Porém, para além de provocar a discussão e o diálogo com a sociedade, a campanha quer dialogar com os jovens e provocar nestes a autonomia na discussão de temas que tocam suas vidas. No ano de 2007, a professora Valcineide Rodrigues de Carvalho e a pesquisadora Carmem Lucia Teixeira fizeram um levantamento sobre o tema da redução da maioridade penal com o grupo, com a finalidade de aprendizagem envolvendo os/as jovens na investigação de seus pares e de pessoas que estão em seu entorno como: escola, família ou outro ambiente. Os/as jovens envolveram-se desde a formulação das questões para entrevista, envolvendo a digitação e organização, até digitação dos dados e conversas sobre as descobertas feitas por eles/elas sobre as respostas das pessoas entrevistadas. O trabalho é uma das ações da campanha a juventude quer viver assumido por todos os projetos da instituição. Como resultado foi produzido um texto com uma análise dos dados pelas duas professoras envolvidas no projeto e publicado em uma revista da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.

Palavras-chave: Juventude; Violência; Direitos; Maioridade penal.

CAMPANHA CONTRA A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Autor(es):
Rezende Bruno de Avelar - (Casa daJuventude)

A Casa da Juventude Pe. Burnier, em vista de um intenso programa de atividades relacionadas à defesa dos direitos da juventude, criou a Campanha "Diga não à redução da maioridade penal" junto com vários parceiros, fortalecendo a campanha maior "A juventude quer viver". É mais uma ação para contrapor aos meios de comunicação que vinculam a questão da violência à necessidade de se reduzir a maioridade penal. A redução, ao contrário, poderá, ao longo prazo, aumentar a insegurança da população, pois imporá aos mais jovens a freqüência à escola do crime que é o nosso falido sistema prisional. Por isso mais uma campanha em defesa da vida dos/as jovens.

Palavras-chave: Juventude; Redução da maioridade penal; Mídia; Vida.

JOVENS E ENSINO SUPERIOR: CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA E ESCOLHA DO CURSO UNIVERSITÁRIO

Autor(es):
Helize de Souza Vieira - Universidade Federal de Mato Grosso

Agência financiadora: FAPEMAT

Baseada nos números disponibilizados pela Coordenação de Exames de Vestibulares (CEV), esta pesquisa tem por objetivo analisar se há variação na condição socioeconômica dos jovens aprovados no vestibular da UFMT para 2007 no curso mais concorrido- Medicina com 55,67 na relação candidatos por vaga-, e nos dois cursos menos concorridos- Filosofia com 2,56 na relação candidato por vaga e Física com 2,04 na mesma relação. Esta pesquissa tem como instrumento teórico-metodológico o estudo bibliográfico e a análise dos dados do Perfil dos Candidatos e Tabulação do Questionário Socioeconômico elaborado pela CEV. Os dados analisados indicam que, majoritariamente, os candidatos aprovados para Medicina tiveram acesso ao ensino privado tanto no EnsinoFfundamental quanto no Médio; possuem uma renda familiar superior a 10 salários mínimos e os aprovados não necessitam exercer atividade remunerada. Ocorre o contrário entre os aprovados para Filosofia e Física que, em maioria, estudaram em instituições públicas todo o período escolar, e possuem renda familiar inferior a cinco salários mínimos, o que contribui para a necessidade da maior parte dos aprovados nesses dois cursos precisar trabalhar. Os elementos acima mostram disparidade entre a condição socioeconômica dos aprovados em Medicina, mais típica de extratos médios, e dos aprovados em Filosofia e Física, mais típica de camadas populares. Isso parece indicar interferência da condição socioeconômica na escolha do curso superior.

Palavras-chave: Jovens; Perfil socioeconômicos; Concorrência.

O NECASA E A EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM JOVENS

Autor(es):
Rúbia de Cássia Oliveira - UFG/NECASA
Veralúcia Pinheiro - UFG/NECASA

O Núcleo de Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente (NECASA) é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás e desenvolve, desde sua criação em 1988, basicamente dois tipos de atividades: o atendimento multiprofissional ao adolescente; e o investimento na formação de profissionais que trabalham com adolescentes. O primeiro tipo de atividades se realiza em dois espaços distintos: nos ambulatórios do HC/UFG, por médicos, enfermeiras, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas e psicopedagogos; e na sede do Núcleo, onde ocorrem os atendimentos psicológicos, psicopedagógicos e outras atividades terapêuticas e formativas com grupos de pais e de adolescentes. O segundo tipo de atividades se dá através da realização de cursos para profissionais, sobretudo da educação e da saúde. Em 2008 estão sendo executadas as ações de quatro grandes projetos voltados para a formação de 700 profissionais das redes municipal e estadual de ensino, abrangendo toda a região metropolitana de Goiânia e de 250 profissionais do sistema socioeducativo do estado de Goiás, envolvendo sete municípios.

Palavras-chave: Atendimento; Adolescentes; Joven; Formação.

PROTAGONISMO JUVENIL: ALTERNATIVAS DE INCLUSÃO PRODUTIVA

Autor(es):
Ana Lúcia Gomes Borges - Universidade Católica de Goiás

Agência financiadora: PNUD

Com o objetivo de contribuir na formação cidadã e qualificação profissional de jovens oriundos de grupos excluídos socialmente, de gerar renda e de inserção no mundo do trabalho, especialmente através da constituição de empreendimentos no campo do associativismo e do cooperativismo o Programa de Incubadora Social (PIS) da Universidade Católica de Goiás desenvolve suas atividades na perspectiva da educação popular e da economia solidária. O PIS estrutura suas atividades em três núcleos principais, sendo eles: Núcleo de Produção de Alimentos, Núcleo de Reciclagem Artesanal e Núcleo de Construção Artesanal de Instrumentos Musicais. Assessorando jovens e adultos nos aspectos técnicos de formação profissional, estruturação de empreendimentos, definição de objetivos e rotinas de trabalho, o PIS pretende contribuir na construção de consciência política e ética cidadã, capazes de abrir horizontes e inserir o empreendimento coletivo em uma perspectiva mais ampla. A assessoria abrange também as dimensões das relações de solidariedade e cooperação, dos direitos e deveres. A participação dos jovens se reflete na ampliação de seus conhecimentos, qualificação profissional, melhora da autoestima e maiores possibilidades de conquista no mercado de trabalho. Para a maioria dos jovens as atividades de formação e geração de renda se constituem em possibilidade de contribuição na manutenção de suas famílias.

Palavras-chave: Economia solidária; Cooperativismo; Inclusão produtiva.

RÁDIO CULTURA DO SERTÃO: A VOZ E A VEZ DA JUVENTUDE DO SEMI-ÁRIDO

Autor(es):
Tatiana Castro Mota - ONG Catavento

Este trabalho é uma tentativa de relatar a experiência de uma rádio-escola localizada no assentamento Boa Água, situada no município de Banabuiú, no sertão central cearense. O que se pretende é justamente refletir sobre como a juventude, em especial a rural, organiza-se para tornar-se autônoma e transformadora de sua realidade a partir do (re)conhecimento do contexto regional no qual está inserida, bem como do seu direito à comunicação. A proposta deste estudo baseia-se ainda no poder de mobilidade social e democrático que o rádio possui, transformando a Rádio Cultura do Sertão em um instrumento que dá voz aos jovens do semi-árido. Para o desenvolvimento desta investigação, recorreu-se à metodologia da pesquisa ação, na qual pesquisadores e pesquisados envolveram-se de modo participativo. Utilizaram-se, ainda, algumas técnicas etnográficas, como também realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental. Com esta investigação, conclui-se que a rádio-escola Cultura do Sertão é realmente um instrumento que possibilita as diferentes falas da juventude de Boa Água, pois esta deixou de ser mera receptora de comunicados, transformando-se em produtora. Com a experiência vivenciada, a dicotomia emissor-receptor mostra-se rompida, sendo assim de todo abandonada a informação vertical e o assistencialismo que engessa homens numa única postura, os de apenas assimilar o que está sendo dito, não promovendo transformações que mudem o âmbito de sua existência.

Palavras-chave: Juventude; Rádio-escola; Protagonismo; Semi-árido.

EIXO - Jovens: sexualidade e gênero

O IMPACTO DO FEMINISMO

Autor(es):
Liana de Almeida Noleto - Universidade Católica de Goiás

O Programa Interdisciplinar da Mulher – Estudos e Pesquisas (PIMEP) é um projeto de extensão da Pró-reitoria de Extensão e Apoio Estudantil da Universidade Católica de Goiás. Desenvolve ações relativas à mulher em diversas faixas etárias, da juventude à terceira idade, de forma interdisciplinar e interdepartamental. Em parceria com o Núcleo de Investigação de Gênero (NIG) desenvolve ações de extensão, ensino e pesquisa em diversos campos dos estudos de gênero. As mudanças ocorridas na sociedade desde o século passado em relação às questões de gênero motivou a equipe a pesquisar o impacto do feminismo em Goiânia, em diversas faixas etárias, inclusive a juventude. E também detectar as mudanças que alteram as relações entre o masculino e o feminismo em três gerações (1ª. mulheres acima de 40 anos; 2ª. mulheres entre 26 e 40 anos e 3ª. mulheres jovens de 10 a 25 anos) no que se refere aos espaços públicos e privados em Goiânia, visando investigar as implicações das lutas feministas historicamente apresentadas nestas três gerações de mulheres, apontando suas conquistas e seus limites. Nesta perspectiva se privilegiou verificar como as mudanças decorrentes das lutas feministas afetaram a vida destas mulheres. A pesquisa foi financiada pelo CNPq. O documentário: O Impacto do Feminismo é um dos resultados da investigação. Este vídeo está sendo utilizado como instrumento para reflexão em eventos com pessoas de diversas faixas etárias e contextos sociais como: mulheres universitárias, professoras do ensino público, mulheres do campo, da cidade, entre outras.

Palavras-chave: Gênero; Feminismo; Mulher.

O PROGRAMA INTERDISICPLINAR DA MULHER-ESTUDOS E PESQUISAS (PIMEP) E AS MULHERES JOVENS

Autor(es):
Aldevina Maria dos Santos - Universidade Católica de Goiás
Liana de Almeida Noleto

Agência financiadora: PROEX/UCG

Estou enviando algumas informações úteis para você conferir com o Vitor se está tudo Ok com relação a nossa inscrição. O PIMEP é um programa de extensão da Universidade Católica de Goiás. Trata-se do primeiro grupo de estudo,

extensão, ensino e pesquisa de uma universidade na região. Criado em 1992 desenvolve ações no sentido de transformar as desigualdades históricas entre homens e mulheres. Com o objetivo de apresentar a trajetória do PIMEP e refletir sobre as ações desenvolvidas junto às mulheres jovens, destacamos algumas nas áreas de: 1) Ensino - as jovens estudantes participam em grupos de estudos específicos, como por exemplo mulheres e política; em disciplinas que refletem sobre a mulher e gênero em diversos cursos de graduação e pós-graduação; 2) Extensão - a juventude se faz presente como bolsistas de extensão, na articulação do PIMEP com muitas jovens dos movimentos sociais, o que possibilita um diálogo entre saberes no sentido de fortalecer os movimentos feministas e de mulheres na cidade e no estado; ainda participa de seminários, campanhas, oficinas, palestras, encontros e comemorações, entre outros; 3) Pesquisas - as jovens participam como bolsistas ou como sujeitos de pesquisa ou tendo acesso aos resultados das mesmas. As mulheres dessa geração têm sido incentivadas a publicar seus trabalhos e produções científicas. Mais que aprender a estudar, debater, pesquisar, articular, publicar juntas tem sido uma experiência de compartilhar nossas experiências profissionais e pessoais à luz de nossos aprendizados e desafios.

Palavras-chave: Gênero; Mulheres; Feminismos; Extensão.

EIXO - Sociabilidades juvenis, processos culturais e espaços educativos

A ESCOLA DE FORMAÇÃO DA JUVENTUDE E O PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS

Autor(es):
Aldimar Jacinto Duarte

Agência financiadora: IDF/UCG/CPNQ

O presente trabalho tem como objetivo relatar e discutir a proposta da Escola de Formação da Juventude (EFJ), ação de extensão desenvolvida pelo Instituto Dom Fernando/UCG, direcionado para jovens da Região Leste de Goiânia. A EFJ tem como referências a realidade e as necessidades dos próprios jovens da região, a partir da sua cultura, buscando contribuir na formação dos jovens educandos, tanto nos aspectos relacionados à sociabilidade juvenil quanto ao mundo do trabalho. Trata-se de ações junto à juventude no sentido de reforçar as lutas sociais por melhores condições de vida para todos, especialmente para a maioria empobrecida. A EFJ parte do princípio que os jovens são agentes que se constituem em campos diversos. A condição juvenil é recoberta por uma pluralidade de situações, e os jovens, como agentes, vivem nesta fase da vida fazendo percursos diversos. Um dos desafios das instituições formadoras é o de buscar apreender o conjunto de mecanismos e processos que presidem a constituição dos jovens na sociedade e desenvolver metodologias específicas de trabalho com esses sujeitos. Nesse sentido, a EFJ busca proporcionar a superação da vulnerabilidade social e a inclusão de jovens da região por meio de programas e projetos vinculados à arte e cultura, à inclusão digital, à educação em saúde e à produção de difusão do conhecimento.

Palavras-chave: Juventude; vulnerabilidade social, inclusão social.

A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO NA DÉCADA DE 1970: JOVENS EGRESSOS NO QUADRO DOCENTE ATUAL

Autor(es):
Débora Roberta Borges
Maria Aparecida Morgado

O objetivo do estudo é investigar jovens de camadas médias que estudaram na UFMT na primeira década de sua fundação, saber o que significou para esses estudantes a implantação da universidade em Cuiabá, quais eram suas expectativas e conhecer sobre o jovem daquela década. A pesquisa focaliza os egressos que estudaram na UFMT na década mencionada e hoje fazem parte

de seu corpo docente. O estudo iniciou-se a partir do levantamento bibliográfico em torno das temáticas juventude, classe média e ensino superior. Pesquisa virtual foi realizada no site da UFMT (http://www.ufmt.br/icet/icet.html), para obter informações sobre sua fundação. Foram escolhidos três cursos pré-existentes à fundação da UFMT que a ela foram incorporados: Direito, Engenharia Civil e Letras, para identificar estudantes das turmas da primeira década de funcionamento da universidade. Os egressos entrevistados são aqueles integrantes do quadro docente que se disponibilizaram a participar do estudo. Em seguida foi realizada a transcrição das entrevistas ocorridas durante a primeira etapa. O egresso docente do Curso de Direito e o egresso do Curso de Engenharia Civil destacam: que o campus da universidade na década de 1970 era mais freqüentado pela comunidade local, estudantes ou não, como um espaço de convivência e lazer. Segundo o ponto de vista dos entrevistados, é possível considerar que ocorreu um retrocesso na educação pública superior em termos de desvalorização da docência.

Palavras-chave: Educação; Jovem; Fundação.

A JUVENTUDE CONSOME OU É CONSUMIDA? OFICINAS AUDIOVISUAIS E A EXPRESSÃO SOCIAL DE JOVENS POBRES

Autor(es):
Carla Regina Silva

Este trabalho é parte dos resultados de um projeto de extensão universitária e tem como demais autores os seus coordenadores, Roseli Esquerdo Lopes e Arthur Autran Franco de Sá Neto. As tecnologias audiovisuais tornam possíveis distintas maneiras de codificar a informação. Contudo, a forma como esses instrumentos são consumidos e/ou de que forma são decodificados pelos jovens precisa ser questionada. O audiovisual como produto de uma cultura e à disposição dos elementos sintáticos formadores do discurso audiovisual e do realizador responsável por tal disposição devem ser levados em consideração pelo indivíduo que apreende e interpreta a informação. Essas concepções fundamentaram uma experiência realizada com jovens de grupos populares urbanos na cidade de São Carlos (SP), cujos objetivos foram promover possibilidades de aprendizagens, de relacionamentos e de capacitação técnica, para que o desvelar das produções audiovisuais pudesse fomentar novas maneiras de reconhecer e formular os conteúdos imagéticos consumidos; além disso, favorecer diferentes reflexões acerca de suas visões de mundo e de si mesmos, por meio de trabalhos com a auto-imagem e de outros exercícios imagéticos. Buscou-se, também, a construção de novas metodologias de intervenção interdisciplinares e participativas no campo social. Para que os objetivos fossem alcançados, a intervenção técnica esteve associada à criação do vínculo com o jovem, o que permitiu novas possibilidades de vivências, relações, acontecimentos e de cotidiano, trabalhando-se, sempre, numa perspectiva do protagonismo juvenil, que vislumbra o jovem como sujeito de direitos. Oficinas audiovisuais foram realizadas entre abril e dezembro de 2007, com dois encontros semanais, numa escola situada em região periférica da cidade. As temáticas dos encontros possibilitaram uma apreensão de

conteúdos prioritários na elaboração de um produto audiovisual, com abordagem teórico-prática e a conclusão de um curta-metragem. A importância da realização de trabalhos na perspectiva apresentada está em proporcionar aos indivíduos não só um espaço de capacitação tecnológica, mas, também, um espaço de experiência coletiva, de sociabilidade, com momentos próprios para a exploração da identidade e para a expressão de subjetividades. Ressalta-se a necessidade de intervenções que extrapolem um olhar individualizado sobre o sujeito, a fim de se construir estratégias que fomentem o relacionamento com o meio social, ampliando ações que possibilitem maior atuação das pessoas no lugar em que vivem, não só visando suprir suas necessidades, mas buscando produzir subsídios para políticas públicas cujo impacto se dê na direção de promover a universalização de direitos de cidadania e na produção de formas de criação e ampliação das redes sociais de suporte para a maioria dos jovens brasileiros.

Palavras-chave: Audiovisual; Jovens de grupos populares; Vínculo.

ADOLESCENTES EM SINTONIA COM AS ONDAS DO RÁDIO

Autor(es):
Luana Amorim Gomes - ONG Catavento Comunicação e Educação

Agência financiadora: ONG Catavento

Como parte do processo de formação em rádio-escola, adolescentes que participam do projeto "Segura essa onda: rádio-escola na gestão sociocultural da aprendizagem" produzem, gravam e editam programas de rádio. Durante o processo de formação em rádio-escola, que acontece no período de 8 meses num total de 120 horas, estudantes aprendem técnicas radiofônicas além de outros conteúdos que fazem parte do universo da comunicação, educação e dos jovens, como por exemplo, direitos das crianças e dos adolescentes e protagonismo juvenil. A formação tem como objetivo principal fazer com que estudantes utilizem os equipamentos de rádio que são instalados dentro da escola para se expressar, tornando o espaço comunicativo audível e contextualizado com a realidade local para toda a comunidade escolar. A programação é elaborada por eles e são tratadas temáticas que são importantes e passíveis de discussão. Os temas dos programas são os mais variados possíveis. Discute-se de tudo um pouco: manifestações culturais, problemáticas com a saúde da região e ainda a importância do rádio inserido no contexto escolar. Todos os processos de elaboração do programa são comandados pelos jovens: definição de formato, reunião de pauta e decisão das fontes, elaboração do roteiro, escolha de músicas, gravação e execução. Ao longo do processo, novas propostas de programas vão sendo incorporadas, assim como a colaboração e a participação da comunidade escolar.

Palavras-chave: Rádio-escola; Comunicação; Educação.

DISCO-DEBATE: A NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA JUVENTUDE

Autor(es):
Alessandra Oliveira Araújo - Universidade Federal do Ceará

Agência financiadora: CNPq

A "Metodologia das Histórias de Vida e Formação", desenvolvida por autores como Marie-Christine Josso e Delory-Momberger, propõe que quando os(as) jovens narram suas experiências estão tomando pé do vivido. Ao compreender melhor suas trajetórias e seus contextos, passam a perceber que podem ser autores(as) de suas histórias e construir caminhos para um futuro melhor. Durante um processo de formação em rádio-escola, 9 adolescentes da periferia de Fortaleza desenvolveram uma técnica radiofônica chamada "disco-debate", em que a letra de uma música dá início a um debate. Essa técnica permite um momento dialógico em que cada pessoa narra suas experiências. A música escolhida pelos participantes foi feita por eles mesmos e aborda a temática do trabalho infantil. Durante o debate, os(as) jovens falaram sobre as dificuldades que enfrentaram, os medos, a fome, o acesso ao dinheiro e a solidariedade que encontraram na rua. Os relatos demonstraram uma visão diferente da que vemos nos meios de comunicação de massa quando falam sobre trabalho infantil. A visão fatalista dá lugar a uma história de jovens que, apesar dos problemas, não perderam o sorriso; meninos(as) que narram tanto momentos difíceis como os de descoberta da importância da amizade. O programa de rádio tem cerca de 30 minutos e foi gravado pelos(as) próprios(as) jovens, que além de relatar suas histórias, indagaram seus colegas e mediaram o debate com a orientação da educadora popular que desenvolvia a formação em rádio-escola.

Palavras-chave: Narrativa; Juventude; Experiência.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL À COMUNIDADE UCEGEANA: CONTRIBUINDO PARA O AVANÇO DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Autor(es):
Kleane Gomes Nogueira - Universidade Católica de Goiás
Oyana Rodrigues dos Santos - Universidade Católica de Goiás

Criado em 1996 na Universidade Católica de Goiás com o objetivo de auxiliar a comunidade no avanço da consciência ambiental, o Programa de Extensão em Educação Ambiental buscou a promoção da compreensão dos problemas socioambientais por meio de estudos, palestras, cursos e produção de material didático, bem como implementar, por meio da reflexão ação, mudanças de posturas e práticas visando a preservação do meio ambiente. Ciente da importância do desenvolvimento de uma atuação específica no interior da universidade, o PEA mapeou a realidade apresentada na universidade, objetivando a deliberação dos caminhos adequados para contribuir para o avanço da consciência ambiental da comunidade ucegeana. Deliberou-se assim pela implantação da coleta seletiva de lixo como o melhor caminho para iniciar os trabalhos de sensibilização, e constituir subsídios para ações junto a comunidade externa. Para tal elaboraram-se cartilhas e folders, organizaram-se even-

tos, efetivaram-se abordagens diretas aos educandos e implantou-se a coleta seletiva. Implantou-se no ano de 1997 o Encontro Ambientalista da UCG, o que constituiu-se em referência para os cursos da UCG e fora dela. Na graduação contribuiu para a criação de disciplinas de caráter ambiental interdisciplinar e orientação de trabalhos de conclusão de curso e na pós-graduação *lato sensu*, para a criação de cursos na área. Tudo objetivando formar profissionais conscientes e que atuem como multiplicadores junto a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental; Alunado; Cidadania.

GRUPOS DE JOVENS NAS ESCOLAS – UMA PROPOSTA DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL (PJE)

AUTOR(ES):
Maísa Taís Estery

O grupo de jovens na escola é um espaço para acontecer a formação integral dos/as adolescentes e jovens estudantes. A PJE acredita que a pessoa humana constitui-se como uma unidade caracterizada por diferentes dimensões. Por isso, desenvolve a formação integral, levando em conta os aspectos pessoais, relacionais, políticos, espirituais, técnicos e vocacionais. Para que um grupo tenha formação ideal dentro da caminhada da PJE é necessário passar pelas etapas da Nucleação, Iniciação e Militância. A Nucleação é o processo vivido por alguém que começa a freqüentar as reuniões de grupo. Esta etapa leva em conta os anseios de quem está começando. Supõe um ambiente de alegre descoberta, de diálogo aberto, de amizade e de conhecimento que desperte o compromisso. Faz nascer no jovem uma abertura para o outro e uma inquietude pelo meio em que vive. Na Iniciação o jovem precisa ser estimulado a participar em atividades do mundo estudantil e eclesial, fazendo despertar o compromisso e o desejo de fazer e trabalhar em equipe. A Militância é uma etapa que se caracteriza pelo amadurecimento do estudante e do grupo. O jovem que atinge esta etapa é chamado de "militante" porque já sabe, de alguma forma, o que quer. Tem convicção, compromisso com a realidade e com a fé e tem a intenção de perseverar no grupo. Os grupos de jovens acontecem através de encontros periódicos (semanais, quinzenais...). A metodologia utilizada nos encontros deve levar em conta os eixos norteadores da vivência em grupo: a Formação na Ação e o Protagonismo do jovem estudante, os quais possibilitam que o jovem se dê conta de sua identidade e da realidade em que vive. Nos encontros trabalham-se temáticas relacionadas à vida dos jovens estudantes, tais como: família, afetividade, sexualidade, mercado de trabalho, vestibular, panorama sócio-político-econômico, espiritualidade, mística, oração, amigos, etc. Os grupos realizam diversas atividades e projetos, primeiro dentro da escola, e a medida que acontece o crescimento do grupo, na sociedade em geral. São atividades que contribuem para a formação na ação e para o protagonismo do jovem estudante, a Semana da Cidadania e a Semana do Estudante. Estas são atividades anuais propostas pelas Pastorais da Juventude do Brasil, através de cartilhas que trazem sugestões de textos, dinâmicas e projetos para ser trabalhados com os jovens do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens; Grupo; Formação; Escola; Educação.

JOVENS TAPUIOS DO CARRETÃO REVIVENDO SUA IDENTIFICAÇÃO E CULTURA

AUTOR(ES):
Joaquim José Neto - Diocese de Rubiataba – Mozarlândia (GO).

Trata-se de um vídeo de 13 minutos apresentando jovens tapuios do Carretão – descendentes indígenas – em momentos de reconstrução de sua identidade cultural através de músicas e danças de seus ancestrais. O presente vídeo mostra um grupo de jovens e adolescentes tapuios exercitando danças xavantes com a coordenação do cacique e vice-cacique do grupo numa manhã de domingo. Os jovens tapuios do Carretão (GO) estão vivendo processo de reconstrução de sua identificação indígena. O reencontro desses jovens com suas tradições culturais faz parte de um projeto da Diocese de Rubiataba (GO), através do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), para promover encontros dos tapuios com os grupos indígenas carajá e xavante, de quem são descendentes. Através desses contatos, havendo neles interesse, os jovens tapuios podem aprender, por exemplo, algumas danças, modos de vestir, artesanato indígena, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens tapuios; Identificação cultural; Processos educativos.

MAB- CRIANDO A PARTICIPAÇÃO SOCIAL JUVENIL

AUTOR(ES):
Ricardo de Castro e Silva

Adolescentes e jovens interligados numa rede, há 15 anos, constroem espaços de participação social, não mais como protagonistas juvenis e sim como cidadãos e cidadãs, organizando em suas cidades encontros municipais. Toda rede organiza a cada dois anos os encontros nacionais (ENAS) com diferentes adolescências e adolescentes. Quando dizemos não mais protagonistas por estarmos re-vendo este conceito e ao ampliá-lo chegamos na participação social juvenil de todos e todas e não apenas de protagonistas mais capacitados, mais adequados. Estamos voltando o movimento social juvenil para uma ação mais democrática onde a participação de todos e todas é assegurada. O Movimento de Adolescentes do Brasil (MAB), tem sido nestes anos um espaço presencial e virtual de formação de jovens, adolescentes e profissionais a partir dos temas da sexualidade, cidadania, direitos sexuais e reprodutivos, e participação social juvenil. Neste espaço pedagógico têm-se inventado novas formas e possibilidades de participação, pois há uma história de adolescentes que entraram no movimento aos 12 anos e ainda permanecem, assumindo hoje funções profissionais em coordenação de ONGs, mestres nas ciências humanas, ocupando cargos políticos ligados à juventude. Uma de nossas muitas perguntas: é o que faz com que permaneçam tantos anos juntos? O que contradiz a idéia da irresponsabilidade ou falta de interesse do e da adolescente nas questões sociais. Hoje podemos responder e olhar todo este processo que se iniciou no Programa de Orientação Sexual da Rede Municipal de Educação de Campinas (SP) e constatar possibilidades concretas de um trabalho contínuo com a juventude centrada exatamente na possibilidade real de sua participação, de todos e todas em vários e diferentes momentos.

Esta metodologia/postura tem sido empregada na formação de outras redes juvenis, tendo como apoio os jovens formados no MAB, onde a marca central sempre foi a possibilidade política das ações juvenis em cada uma das comunidades onde estão presentes.

PALAVRAS-CHAVE: Participação social juvenil.

NÚCLEO DE PSICOLOGIA COMUNITÁRIA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO PESSOAL E ACADÊMICA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS.

AUTOR(ES):
Delnise Silva - Universidade Federal do Ceará

Núcleo de Psicologia Comunitária: um espaço de formação pessoal e acadêmica de jovens universitários. O Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) nasceu em 1992 a partir de uma série de atividades iniciadas durante a década de 1980, na periferia de Fortaleza. É um núcleo de extensão do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará que desenvolve atividades acadêmicas de âmbito político, artístico e concernentes às dimensões do ensino, pesquisa e cooperação (extensão), sendo esta última a perspectiva orientadora da construção teórico-metodológica do núcleo. O NUCOM tem como objetivos desenvolver a co-construção do sujeito comunitário e da Psicologia através da facilitação de processos de transformação individual e coletiva de nossa realidade social e contribuir para a formação de profissionais comprometidos socialmente com uma práxis libertadora referenciada na vida, que vise o desenvolvimento humano e a mudança social. Trabalhamos com a Psicologia Comunitária, que é uma área da Psicologia Social da Libertação e desenvolve trabalhos em comunidades de Fortaleza e do Ceará. Temos como marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária no Ceará: Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria), Educação Biocêntrica (Toro e Cavalcante), Educação Libertadora (Paulo Freire), Psicologia da Libertação (Martín-Baró) e Teoria Rogeriana (Carl Rogers). O objetivo deste trabalho é socializar reflexões sobre a importância da formação pessoal e acadêmica de jovens graduandos de Psicologia nas atividades de ensino, pesquisa e extensão do referido núcleo. Atualmente, o NUCOM é composto por um colegiado de 17 estudantes de graduação e uma professora do Departamento de Psicologia. A atuação dos nuconianos, estudantes do NUCOM, se dá tanto nas atividades dos projetos de extensão, projetos de iniciação científica e projetos de ensino, grupos de estudos e cursos. Dessa forma, compreendemos que essa atuação extensionista integrada possibilita uma formação teórica-prática-metodológica-vivencial, envolvendo a construção do conhecimento crítico pelos mesmos, vivência no tripé – teoria/prática/compromisso/social, administração e coordenação das atividades do núcleo e vínculos afetivos. Constatamos que todos os estudantes do NUCOM, quando concluem a graduação em Psicologia, são admitidos como psicólogos/as na área das Políticas Públicas em diversas secretarias da Prefeitura Municipal de Fortaleza, como também em municípios do Ceará. Outros ingressam em mestrados acadêmicos. É possível ressaltar o protagonismo desses jovens universitários que passam de uma postura de mero expectador do meio acadêmico para criadores

de teorias e práticas sociais que respondam às demandas da maioria da população brasileira, que, contraditoriamente, paga a nossa universidade pública e não tem acesso a ela.

Palavras-chave: Psicologia comunitária; Jovens; Práticas sociais.

OFICINA DE VIVÊNCIA: O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA

Autor(es):
Geny de Oliveira Cobra

Agência financiadora: FIOCRUZ

O objetivo da oficina é proporcionar aos participantes meios de explorar como se sente um(a) adolescente com relação a sua família. Como a adolescência é uma fase de vida de grandes transformações físicas, emocionais e psíquicas, o jovem ou a jovem vê a família muitas vezes de forma ambígua, especialmente no processo de dependência/independência. No inter-relacionamento com a família também serão exploradas questões como inclusão/exclusão, controle/descontrole, afeto/raiva. A oficina será dividida em três fases: 1) Trabalho em pares para sensibilizar o grupo; 2) Trabalho de dramatização: o grupo será dividido em dois, sendo um a família e o outro o adolescente ou a adolescente; 3) Reunião do grupo grande para ouvir os relatos das experiências e para discutir os mesmos. Número de participantes: 20 pessoas. Duração: 1 hora e 30 minutos.

Palavras-chave: Adolescente; Família; Transformações.

VALORIZANDO ESPAÇOS COMUNICATIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR: A REALIZAÇÃO DE VÍDEOS, SPOT DE RÁDIO E FANZINES POR JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS NO CEARÁ.

Autor(es):
Luciana Lobo Miranda - Universidade Federal do Ceará

Agência financiadora: COELCE e UFC

O presente trabalho é fruto da articulação entre um projeto de extensão, dois grupos de pesquisa de uma universidade pública, Secretarias Municipais de Educação de três municípios, uma empresa privada e uma ONG, para implementação de três laboratórios de comunicação educativa em três escolas públicas de diferentes municípios do Ceará. Os laboratórios foram equipados com computador com acesso à Internet, impressora, câmeras fotográfica e filmadora, mesa de desenho, dentre outros. O projeto teve como objetivo compreender as relações sociais e comunicacionais existentes no campo educacional, buscando tanto a análise crítica como a apropriação dos meios pelos jovens em uma nova dinâmica escolar. Durante três meses, 30 jovens de Ensino Fundamental (segundo ciclo) participaram de um curso com carga horária de 120 horas, ministrado por estudantes universitários e integrantes da referida ONG. Foram ministradas oficinas de fanzine, fotografia, vídeo, rádio, etc nas quais foram levantadas reflexões acerca do conceito de mídia, ética, moral e identidade. Nestas, os jovens puderam adquirir tanto noções técnicas das

diversas mídias abordadas, quanto elaborar sua própria produção midiática. A proposta aqui apresentada é a exibição de um vídeo, um arquivo em áudio e fanzines integrando as experiências das três escolas, fruto de uma campanha de divulgação do projeto nas escolas e nas comunidades envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Educação e mídia.

Índice de autores

A

Adélia Augusta Souto de Oliveira 155, 156
Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel 213
Ádria Assunção Santos de Paula 54
Adriana Almeida Camilo 127
Adriana Barbosa Sócrates 314
Adriana Dezotti Fernandes 237
Adriane Alvaro Damascena 162
Adriano Mohn e Souza 92
Alba Cristhiane Santana 80
Albenise de Oliveira Lima 136
Alciane Barbosa Macedo Pereira 172, 306
Alcindo José Rosa 63, 74
Aldevina Maria dos Santos 321
Aldimar Jacinto Duarte 323
Aldo Victorio Filho 210, 219
Alessandra Oliveira Araújo 231, 326
Aline de Moraes Siliprandi 298
Aline Pinheiro Schultz 259
Alysson Bruno Martins Assunção 138, 253
Amana Rocha Mattos 131
Ana Baumworcel 224
Ana Carla Masiero 192, 297
Ana Carolina Ferreira Ribeiro 164, 253
Ana Carolina Siqueira Veloso 304
Ana Karina Brenner 27
Ana Karina Fachini Araujo 83, 178
Ana Karolina Oliveira Barros 135
Ana Lise Costa de Oliveira 267
Analise de Jesus da Silva 81, 88
Ana Lúcia Gomes Borges 319
Ana Lydia Bezerra Santiago 245, 247
Ana Maria Bittencourt 285
Ana Maria da Trindade 57, 256
Ana Paula Martins de Oliveira 303
Andrea Abreu Astigarraga 104
Andréa Ferreira 143
Andrea Pires Rocha 21, 108
Andréa Silva Rodriguez 32, 289
Andréa Vieira Zanella 128
Andréia Rohde 148
Ane Louise Marques Michetti 219
Ângela de Alencar Araripe Pinheiro 47, 49
Angela Maria de Oliveira Almeida 290, 307
Ângela Maria Drumond Lage 248
Angela Maria Silva Arruda 289
Angélica Silvana Pereira 197, 225
Annik Christine Silva Matos 296
Antônio Eustáquio Ferreira 199
Ariana Cavalcante de Melo 285
Artemis Augusta Mota Torres 80
Arthur de Oliveira Corrêa 290, 307
Auro Sanson Moura 173

B

Beatriz Corsino Pérez 131, 169
Bruna Andrade Irineu 66
Bruno Oliveira Cavalcanti Zúniga 143

C

Camila de Carvalho Machado 125
Camilo Manoel Lopes 192, 297
Carla Dalbosco 122, 273
Carla Pinheiro França 33
Carla Rangel de Abreu Eduardo 158
Carla Regina Silva 185, 324
Carla Simone Beuter 64
Carla Valeria Vieira Linhares Maia 182
Carlos Henrique dos Santos Martins 157
Carlos Mendes Rosa 137, 138
Carlos Rangel Neves Otto 268, 302
Carlos Vinícius Ribeiro Almada 125
Carmem Lucia Teixeira 202, 317
Carolina de Campos Borges 156
Catarina Malheiros da Silva 268
Catherine Monique de Souza Hermont 163
Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira 39, 251
Cinthia Mendes Ferreira 265
Cíntia Bueno Marques 211, 222
Cíntia de Sousa Carvalho 28, 140
Claitonei de Siqueira Santos 269
Claudiana Wogel dos Santos 174
Claudia Valente Cavalcante 204
Claudilene Santos de Lima 304
Claudio José Santana de Figueiredo 310
Cláudio Márcio de Araújo 118
Conceição Firmina Seixas Silva 131, 132
Cristiana Silveira Mira 31, 76
Cristina Araripe Ferreira 26, 84
Cynthia Rúbia Braga Gontijo 234

D

Daieni Marla Soares Dias 101
Daniela Jardim Strussmann 73

Daniela Tavares Gontijo 68
Daniele da Costa Cunha 119, 187
Daniele Marla Soares Dias 25
Daniella Couto Lobo 93
Danielle de Farias Tavares Ferreira 209, 294
Danielle Oliveira Valverde 55
Danúbia Cardênia da Silva 255
Débora Aparecida Soares Silva 276
Débora Cristina Aldrigo Barbosa 135
Débora Roberta Borges 323
Delane Felinto Pitombeira 47, 290
Delnise Silva 113, 329
Denise Carmen de Andrade Neves 165
Denise Pereira de Araújo 243
Denise Teles Freire Campos 135, 137
Diandra de Queiroz Rodrigues 282, 287
Dina Mara Cestari 78, 314
Dirce Djanira Pacheco e Zan 99
Divaneide Lira Lima Paixao 43
Divaneide Lira Lima Paixão 45
Dorian Mônica Arpini 40, 243

E

Edmara de Castro Pinto 304
Elaine Teresinha Dal Mas Dias 83, 178
Elenara Dias Perin 96
Elisabete Maria Garbin 194, 225
Elisete Enir Bernardi Garcia 103
Eloenes Lima da Silva 201, 225
Emmanuela Neves Gonsalves 48, 107
Erica Vila Real Montefusco 121
Etiene Oliveira Silva de Macedo 150
Eugênio Benedictus Cassaro Filho 65, 140

F

Fabiana Lopes da Cunha 148
Fabiana Rosa Martins 53
Fábio Henrique Gulo 77
Fábio Jesus Miranda 117, 123
Fabíola dos Santos Cerqueira 244
Fabíola Peres da Cruz 299
Fábio Pereira Alves 58
Fátima Maria de Lima 61
Felipe Rosa Lima 262
Felix Augusto Jacobson Berzins 56
Félix Augusto Jacobson Berzins 70
Fernanda Cristina Soares Silvino 275
Fernanda Lanhi da Silva 206
Fernanda Vasconcelos Dias 302
Fernando Lima das Neves 213
Flávia Andréa Velasco Pennachin 83, 178
Flavia Turino Ferreira 147
Florença Ávila de Oliveira 306
Francisco Pereira da Silva Neto 260

G

Gardene Leão de Castro Mendes 171, 177
Geny De Oliveira Cobra 115
Geny de Oliveira Cobra 330
Geraldo Magela Pereira Leão 41
Gianne Carline Macedo Duarte 183
Gilberto Tomazi 133, 227
Gilzi Franco e Lima 135
Gisele Garcia Costa 161
Gisele Gonçalves Isaias 304
Giselle de Fátima Silva 142
Grace Peixoto Noronha 72
Graziela Vanessa Parreira 246
Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira 239

H

Haline Tavares dos Santos 186
Hayla Mayre de Brito Martins 119, 187
Helena Lopes da Silva 230
Helen Cristina do Carmo 302
Heliane de Almeida Lins Leitão 156, 285
Helize de Souza Vieira 318
Heloísa de Oliveira Campos 260
Heloisa Helena O. de M. Couto 238, 309
Henrique Lobo de Souza Pinheiro 294
Herbert Santana Garcia Oliveira 91
Hermes Soares dos Santos 116
Hilário Henrique Dick 50

I

Iara Salete Caierão 92
Indira Leite Ferreira e Souza 119, 187
Iolete Ribeiro da Silva 91
Ivana Orionte 172, 306
Ivaneide Barbosa Ulisses 198, 290
Ivany Pinto Nascimento 42, 100
Izabella Alvarenga Silva 246

J

Jácia Maria Soares dos Santos 247
Jackson Carlos da Silva 238
Jacqueline Cavalcanti Chaves 62
Jacqueline de Melo e Silva 245
Jaileila de Araújo 195, 209
Janaína Ovídio de Carvalho 223
Jessé Guimarães da Silva 184
Joana Cavalcanti de Araújo 290
João Guilherme Curado 179
Joaquim José Neto 229, 328
José Humberto da Silva 22
Josiane Emilia da Silva 57, 256
Josiane Magalhães 89, 208
Juliana Batista dos Reis 210
Juliana de Castro Chaves 44, 82
Juliana Guimarães de Oliveira Gomes 114
Julia Paiva Zanetti 212
Juliara Machado Goulart 124
Julio Antonio Moreto 103, 265

K

Karin Juliane Duvoisin Bulik 248, 292
Katya Mitsuko Zuquim Braghini 170, 229
Kleane Gomes Nogueira 326

L

Laís de Azevedo Marques F. Cordeiro 294
Laíze Pereira de Oliveira 25
Larissa Camacho Carvalho 235
Larissa E. B. Wollz Novotny 249, 252
Laura Campos de Oliveira e Souza 52
Leila Mury Bergmann 193
Leila Santana Nascimento Souza 286
Lélia Dias de Souza 52
Liana de Almeida Noleto 321
Lianna Marya Peixoto Gusmão 205
Lila Cristina Xavier Luz 257
Lisandra Veiga dos Santos 163
Livia Mesquita de Sousa 94, 258
Lívia Rocha Machado Levi 155, 156
Loriza Lacerda de Almeida 207, 224
Lourival Rodrigues da Silva 170, 274
Luana Amorim Gomes 292, 325
Luana Dallo 105
Luanna Meriguete Santos 261
Lucia de Mello e Souza Lehmann 186
Lucia Mury Scalco 196
Luciana Ferreira Barcellos 129
Luciana Gageiro Coutinho 24
Luciana Lobo Miranda 87, 330
Luciana Maria de Almeida 270
Luciana Maria Hoff de Mello 222, 233
Luciana Neves Loponte 85
Lucia Rabello de Castro 125, 143
Luciene dos Santos Camargo 166
Luis Fernando de Oliveira Saraiva 37, 145
Luiza Carolina Terra Colman 51
Luiza Mitiko Yshiguro Camacho 112, 261
Luzia Aparecida de Oliveira 168

M

Maíra Cristina Coelho de Lima 279, 281
Maira Regina Souza Silva 140
Maisa Elena Ribeiro 140
Maísa Taís Estery 327
Marcelo Jose Ferreira Gomes 296
Marcelo Luis Grasi Beck 89
Marcelo Princeswal 97
Márcia Cabral da Silva 304
Marcia Matheus Tinoco Silva 126, 280
Marciane Uliano Gazali 28, 149
Márcia Stengel 154, 158
Marcio Gonçalves dos Santos 272, 305
Marcos Vinicius Francisco 68
Margarete Arroyo 301
Maria Aparecida de Oliveira 269
Maria Aparecida Morgado 258, 323
Maria Augusta Rondas Speller 126, 280
Maria Aurora Neta 275
Maria Betânia Silva Magalhães 215, 226
Maria Carmen Euler Torres 153
Maria Claudia Santos L. de Oliveira 118, 144
Maria Cristina das G. Dutra Mesquita 38, 75
Maria da Conceição da Silva Freitas 218
Maria das Dores Lima 315
Maria de Assunção Lima de Paulo 98
Maria de Fátima Vieira Severiano 121, 134
Maria de Fátima Vilar de Melo 111, 136
Maria do Carmo Alves do Bomfim 300, 304
Maria do Carmo Canto M. Meloni 39, 106
Maria do Horto Salles Tiellet 180, 295
Maria do Rosário de Fátima Rodrigues 300
Maria do Socorro Santos de Brito 272, 305
Maria do Socorro Sousa de Araújo 215, 226
Maria Edimaci Teixeira Barbosa Leite 307
Maria Esperança Fernandes Carneiro 38, 75
Maria Fátima Olivier Sudbrack 122, 273
Maria Helena Oliveira Lemos 308
Maria Ignez Costa Moreira 158
Maria Inês Gasparetto Higuchi 119, 187
Maria Lucia Mendes de Carvalho 39, 250
Maria Madalana Gracioli 90
Maria Margarida Machado 79, 272
Mariana da Silva Telles Scaldini 97
Mariana Menezes Neumann 97
Mariana Oliveira do Rêgo 121
Maria Natália Matias Rodrigues 155, 156
Maria Sulyata Macedo Gomes 282, 287
Maria Teresa de Assunção Freitas 216, 223
Marina Burjack da Costa 281, 291
Marineide de Oliveira da Silva 204
Mario Volpi 46
Marisa Feffermann 53
Marlene Maria Machado da Silva 247
Marli Clementino Gonçalves 300
Marta Campos de Quadros 203, 222
Mary Diana da Silva Miranda 310
Mauricio de Melo Raposo 254
Maurício Perondi 176
Mauro Costa Rodrigues 255
Michela Martins de Souza 86
Michelle Venâncio Ikefuti 283
Miguel Pereira Barros 245
Miriam Fábia Alves 79, 272
Moema Gomes de Faria 146, 187
Mônica Pereira do Sacramento 212
Mônica Rodrigues Costa 209, 294
Mônica Zaira de Siqueira Melo 209, 294

N

Nadielle de Paula Moura Lira 279, 281
Nanci Fatima Schneider Miculis 80
Nanette Zmeri Frej 111, 136
Natália de Cássia Horta 36, 248
Natália Ferreira Damião 145
Natalino Neves da Silva 271
Nathalia Fernandes Valente 130
Nathália Raggi 305
Neusa Maria Goes Marques Nascimento 23
Nilda Stecanela 167

O

Olga Brigitte Oliva de Araújo 30
Olga Maria Pimentel Jacobina 99

Olira Saraiva Rodrigues 118
Oyana Rodrigues dos Santos 326

P

Pablo Oliveira dos Santos Alves 219
Patrícia Leme de Oliveira Borba 189
Patrícia Lobato Moraes 186
Patricia Maneschy Duarte da Costa 188
Paula Caldeira 97
Paula Cristina Monteiro de Barros 111, 136
Paula Fernanda de Melo Rocha 102
Paula Souza 39
Pedro Henrique Nobre Rittmeyer 220
Pedro Humberto Faria Campos 51, 192
Pedro Maria da Cunha Moura Ferreira 64
Pollyana dos Santos 112
Priscila Bogéa 143

R

Raquel Farias Diniz 69, 176
Raquel Honorato da Silva 266
Raquel Noronha Maia 22
Raul Aragão Martins 105, 261
Rebeca Morais de Paula 290, 307
Regina Magalhães de Souza 34
Renata Alves de Paula Monteiro 132
Renata Alves Freire 125
Renata Liberato Dourado 140
Renata Maria Coimbra Libório 86, 123
Renata Nunes Vasconcelos 245, 247
Renata Silva Bergo 199, 251
Rezende Bruno de Avelar 318
Rhaniele Sodré Ferreira 289
Rhavenna Aragão Chmieleski 307
Ricardo de Castro e Silva 175, 328
Richarlls Martins da Silva 30, 59
Rita Cristine Basso Soares Severo 190, 217
Roberta Fonseca Von Randow 221
Roberta Grangel da Silva 183
Rodolfo Vieira de M. Castro 279, 281
Rodrigo Ruan Merat Moreno 304
Rogério Ribeiro de Castro 174
Rômulo Marcelo dos Santos Correia 285
Ronaldo Gomes Souza 51
Rosane Speggiorin Linck 217, 232
Roseli Esquerdo Lopes 47, 189
Rosenilda Trindade da Costa 27
Rosilda Alves de Sousa Dias 299
Rúbia de Cássia Oliveira 319

S

Sandra Albernaz de Medeiros 112
Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira 200
Sandra Jorge da Silva 204
Sara Nunes Rodrigues de Queiroz 279, 281
Saulo Pfeffer Geber 254, 296
Sérgio Henrique Fabiano Zanon 28, 149
Shara Jane Holanda Costa Adad 139, 236
Shirley Jacimar Pires 29
Sicleide Gonçalves Queiroz 266
Sílvia Maria Melo Gonçalves 67, 141
Simeire Cristina Hackmann Ferreira 297
Simone Ouvinha Peres 95
Solange dos Santos Rodrigues 313
Sonia Grubits 233
Sônia Margarida Gomes Sousa 150
Sônia Regina da Silva B. C. de Oliveira 228
Stella Maria Poletti Simionato Tozo 154
Suraia Oliveira Veloso Carneiro 117, 120
Susane Vasconcelos Zanotti 35, 245
Suzana Santos Libardi 195

T

Tatiana Bedran 248
Tatiana Castro Mota 191, 320
Tatiana Yokoy de Souza 144
Teresa Cristina B. Siqueira 38, 75
Tereza Caroline Lôbo 179
Terezita Pereira Braga Barroso 108, 276
Thais Coelho da Silva 214, 225
Thais Vieira do Nascimento 301
Thenille Braun Janzen 301
Thiago Benedito L. Melicio 181, 289
Thyago do Vale Rosa 120, 123
Tiago Carzetta Marchina 259, 263

V

Vagner Matias do Prado 77
Valterci Vieira 313
Vânia Aparecida Calado 293
Vanildes Gonçalves dos Santos 71
Vanucci Correia Lima Rodrigues Pinto 260
Vera Lucia Morselli 58
Veralúcia Pinheiro 319
Vera Lúcia Silva Lopes Besset 124
Viviane Teles Ribeiro Pina 58, 280

W

Wanderley Azevedo de Brito 38, 75
Wivian Jany Weller 195

Z

Zélia Maria Borges 313

Realização

UNIVERSIDADE Católica DE GOIÁS

UFG

UEG

UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Casa da Juventude
Padre Burnier

FUNDAÇÃO AROEIRA

Patrocínio

Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente

Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

Conselho Nacional de Juventude

Secretaria Nacional de Juventude

Secretaria-Geral da Presidência da República

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

CAIXA

CAPES

www.idf.ucg.br/jubra3 - jubra3@ucg.br